

E SE O SEU FUTURO FOSSE O PASSADO?

OUTLANDER

OS TAMBORES DO OUTONO

LIVRO QUATRO - PARTE II

DIANA GABALDON



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

OUTLANDER



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

OUTLANDER

OS TAMBORES DO OUTONO

LIVRO QUATRO - PARTE II

DIANA GABALDON



Título original: *Drums of Autumn*

Copyright © 1997 por Diana Gabaldon.

Publicado originalmente no Canadá por Anchor Canada, 2002.

Copyright da tradução © 2016 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Carolina Caires Coelho

preparo de originais: Flávia de Lavor

revisão: Ana Grillo, Gypsi Canetti e Luis Américo Costa

adaptação de miolo: Valéria Teixeira

capa: Saída de Emergência

adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão

adaptação para e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G111o

Gabaldon, Diana

Outlander [recurso eletrônico]: os tambores do outono, parte 2 / Diana Gabaldon;
tradução de Carolina Caires Coelho. São Paulo: Arqueiro, 2016.
recurso digital

Tradução de: Drums of autumn

Sequência de: Outlander: os tambores do outono, parte I

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-535-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Coelho, Carolina Caires. II. Título.

16-32154

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

PARTE VIII

Beaucoup



DESAPARECIDA

Oxford, abril de 1971

– Não – afirmou ele. Segurando o telefone junto à orelha, Roger se virou para espiar pela janela e encontrou um céu cheio de nuvens. – Sem chance. Vou para a Escócia semana que vem, já disse isso.

– Ora, Rog – disse a reitora. – É o tipo de coisa de que você gosta. E não atrapalharia muito sua programação. Você poderia estar nas Terras Altas caçando veados daqui a um mês... e você mesmo me disse que sua *garrota* só vem em julho.

Roger trincou os dentes ao ouvir o sotaque forçado da reitora e abriu a boca para dizer não de novo, mas não foi rápido o bastante.

– São americanos também, Rog – disse ela. – Você é muito bom com americanos. Por falar em *garrotas*... – acrescentou, rindo baixinho.

– Olhe só, Edwina – disse ele, reunindo paciência. – Tenho coisas para fazer nesse feriado. E, entre elas, não está ciceronear turistas americanos por museus em Londres.

– Não, não – disse ela. – Pagamos pessoas para fazer a parte turística. Você só teria que se preocupar com a conferência em si.

– Sim, mas...

– Dinheiro, Rog – argumentou ela ao telefone, lançando mão de sua arma secreta. – São americanos, como disse. Você sabe o que *isso* significa.

Edwina fez uma pausa longa para permitir que ele pensasse no valor que receberia organizando uma semana de conferência para um grupo de acadêmicos americanos em visita, cujo responsável oficial adoecera. Em comparação com seu salário normal, era uma quantia enorme.

– Ah... – Ele percebeu que estava fraquejando.

– Sei que você está pensando em se casar em breve, Rog. Seria um dinheiro a mais para a festa, não?

– Alguém já disse que você é muito sutil, Edwina?

– Nunca. – Ela riu de novo e então voltou ao modo executivo: – Bem, vejo você na segunda para a reunião de planejamento. – E desligou.

Ele resistiu ao impulso fútil de bater o telefone e desligou normalmente. Talvez não fosse tão ruim, afinal, pensou com desânimo. Não se preocupava com o dinheiro, para dizer a verdade, mas, tendo uma semana de conferências para cuidar, talvez conseguisse ocupar a mente. Pegou a carta muito amassada que estava ao lado do telefone e a alisou, passando os olhos pelos parágrafos sem de fato ler tudo.

Sinto muito, escrevera ela. Convite especial para uma conferência de engenharia no Sri Lanka (Nossa, será que todos os norte-americanos participam de conferências no verão?), contatos valiosos, entrevistas de emprego (Entrevistas de *emprego*? Meu Deus, eu sabia, ela nunca mais vai voltar!) – não tinha como negar. Sinto muitíssimo. Nós nos vemos em setembro. Escreverei. Com amor.

– Sei, sei – disse ele. – Com amor.

Amassou a carta de novo e a jogou na penteadeira. Ela bateu na borda do porta-retratos prateado e caiu no carpete.

– Você poderia ter me dito de uma vez – vociferou. – Então você encontrou outra pessoa. Você tinha razão, não é? Você foi sábia. Eu, tolo. Mas não podia ser sincera, sua mentirosa?

Ele estava tentando ficar com raiva; sentir qualquer coisa que preenchesse o vazio de seu estômago. Não estava dando certo.

Pegou o porta-retratos prateado com a foto, querendo rasgá-la, querendo apertá-la contra o coração. No fim, só ficou olhando para ele, por muito tempo, e então o pousou com delicadeza, virado para baixo.

– Sente muito – disse ele. – Pois é, eu também.

Maio de 1971

As caixas estavam à sua espera na portaria quando ele voltou à faculdade no último dia da conferência, com calor, cansado e totalmente irritado com os americanos. Havia cinco caixas grandes de madeira com adesivos coloridos de remessa internacional.

– O que é isto? – perguntou Roger, balançando a prancheta que o homem da entrega lhe dera e procurando uma gorjeta no bolso com a outra mão.

– Não sei. – O homem, truculento e suando por causa do trajeto feito pela área dos fundos até a portaria, deixou a última caixa em cima das outras com um baque. – Tudo seu, amigo.

Roger tentou sacudir a caixa de cima, para descobrir seu conteúdo. Se não eram livros, era chumbo. No movimento, viu a borda de um envelope grudado na caixa de baixo. Com certa dificuldade, ele o soltou e abriu.

Certa vez, você me contou que seu pai dizia que todo mundo precisa de uma história. Esta é a minha. Pode mantê-la com a sua? Não havia “oi” nem “tchau”; só uma única letra B escrita com uma caligrafia forte e angular.

Ele olhou para ela por um momento, então dobrou o bilhete e o colocou dentro do bolso da camisa. Agachando-se com cuidado, pegou a caixa de cima e a levantou. Meu Deus, devia pesar 30 quilos, pelo menos!

Colocou a caixa no chão da sala e entrou no quarto pequeno, onde procurou algo dentro de uma gaveta. Armado com uma chave de fenda e uma garrafa de cerveja, voltou para mexer na caixa. Tentou controlar a ansiedade, mas não conseguiu. *Pode mantê-la com a sua?* A garota enviara seus pertences a um cara com quem ela pretendia terminar?

– História, não é? – murmurou ele. – Qualidade de museu, pelo modo com que foi empacotada. – O conteúdo havia sido colocado em caixas duplas, com uma camada de palha no meio, e a caixa de dentro, quando aberta, revelou caixas menores e uma série de objetos envolvidos em jornal.

Ele pegou uma caixa de sapatos e espiou dentro dela. Fotografias; velhas, com bordas arredondadas, e mais novas, brilhantes e coloridas. Ele viu parte de um retrato grande feito por um profissional e o puxou.

Era Claire Randall, como da última vez que ele a vira; olhos cor de mel calorosos e vivos emoldurados por cachos castanhos sedosos, um leve sorriso, boca delicada. Enfiou-o de novo na caixa, sentindo-se um assassino.

O que surgiu das camadas de jornal foi uma boneca de pano com o nome bem conveniente de Ann Trapo, o rosto tão desbotado que só os olhos de botão restavam, presos num olhar inexpressivo e desafiador. O vestido se rasgara, mas tinha sido cuidadosamente costurado, e o corpo de tecido macio estava manchado, mas limpo.

Logo embaixo, havia um velho chapéu de Minnie Mouse, com um laço de espuma cor-de-rosa ainda preso entre as grandes orelhas. Uma caixinha de música barata que tocava “Over the Rainbow” quando aberta. Um cachorro de pelúcia sem pelo em algumas partes. Uma blusa de moletom vermelha desbotada, tamanho médio masculino. Poderia servir em Brianna, mas, de alguma forma, Roger sabia que tinha sido de Frank. Um vestido rasgado de seda marrom. Num impulso, ele o aproximou do nariz. Claire. Seu cheiro fez com que ela ganhasse vida instantaneamente, um odor fraco de almíscar e plantas, e ele largou a peça, abalado.

Sob mais uma camada havia um tesouro importante. O peso da caixa se devia, em grande parte, aos três grandes baús achatados no fundo, cada um deles com um aparelho de jantar de prata, cuidadosamente embrulhado em tecido cinza. Cada baú tinha um bilhete datilografado do lado de dentro, indicando a origem e a história da prata.

Um conjunto de prata francês, as bordas com desenhos de cordas com nós, com a sigla DG do fabricante, adquirido por William S. Randall, 1842. Um com o padrão inglês antigo George III, adquirido em 1776 por Edward K. Randall. O terceiro, no padrão Husk Shell, de Charles Boyton, adquirido em 1903 por Quentin Lambert Beauchamp, dado como presente de casamento a Franklin Randall e Claire Beauchamp. A prata da família.

Cada vez mais confuso, Roger continuou dispondo os itens cuidadosamente no chão ao lado dele, os objetos de valor sentimental e de uso prático que formavam a história de Brianna Randall. História. Deus, por que ela havia usado essa palavra?

O susto aumentou a confusão quando outro pensamento lhe ocorreu, e ele pegou a tampa da caixa, conferindo a etiqueta do endereço. Oxford. Sim, ela *tinha* enviado tudo para lá. Por que para lá, se ela sabia – ou pensava – que ele estaria na Escócia durante o verão? E estaria mesmo, não fosse a conferência de última hora... e ele não havia contado a ela.

Enfiada no canto estava uma caixinha de joias, uma caixa pequena, mas perceptível. Dentro dela havia vários anéis, broches e conjuntos de brincos. O broche que ele tinha dado a ela de aniversário estava ali. Colares e correntes. Duas coisas não estavam.

A pulseira de prata que ele lhe dera e as pérolas da avó.

– Meu Deus! – Ele olhou de novo, só para ter certeza, tirando as joias brilhantes e espalhando-as sobre a cômoda. Nenhuma pérola. Muito menos pérolas barrocas escocesas, espaçadas com arruelas antigas de ouro.

Ela não podia usá-las, não em uma conferência de engenharia no Sri Lanka. As pérolas eram herança, não um enfeite. Ela raramente as usava. Eram o elo dela com...

– Você não fez isso – disse ele em voz alta. – Deus, diga que você não fez isso!

Ele colocou a caixinha de joias na cama e desceu a escada correndo até o telefone.

Demorou muito tempo para conseguir contato com o operador internacional e ainda mais tempo de sons eletrônicos vagos e zunidos, até ouvir o clique da conexão, seguido por um toque fraco. Um toque, dois, e então um clique, e seu coração se acelerou. Ela estava em casa!

“Desculpe”, ele ouviu a voz agradável e impessoal de uma mulher, *“este número foi desconectado ou não existe mais”*.

Deus, *não podia* ser! Poderia? Sim, ela poderia ter feito aquilo, a maluca! Onde *diabos* ela estava?

Ele tamborilou os dedos de modo inquieto na coxa, irado, enquanto a linha telefônica clicava e zunia, as conexões eram feitas mais uma vez e ele lidava com as demoras sem fim e as bobagens

das recepções e secretarias dos hospitais. Mas, por fim, ouviu uma voz familiar, grave e ressonante:

– Joseph Abernathy.

– Dr. Abernathy? Aqui é Roger Wakefield. O senhor sabe onde Brianna está? – perguntou sem preâmbulos.

A voz grave ficou mais alta, surpresa:

– Com você, não?

Um arrepio tomou conta de Roger, e ele apertou mais ainda o telefone, como se pudesse forçar o aparelho a produzir a resposta que queria.

– Não está. – Ele se obrigou a explicar do modo mais calmo que conseguiu: – Ela viria no outono, depois de se formar e participar de uma conferência.

– Não. Não, não é isso. Ela terminou o curso no final de abril, eu a levei para jantar para comemorar e ela disse que iria diretamente para a Escócia, sem esperar a cerimônia de formatura. Espere, deixe-me pensar... sim, isso mesmo; meu filho Lenny a levou ao aeroporto... Quando? Sim, terça-feira... dia 27. Está dizendo que ela não chegou aí? – o Dr. Abernathy falou mais alto, agitado.

– Não sei se ela chegou aqui ou não. – A mão livre de Roger estava cerrada. – Ela não me disse que estava vindo. – Ele respirou fundo. – Para onde ela foi, o senhor sabe? Londres? Edimburgo?

Talvez ela tenha tido a intenção de surpreendê-lo com uma chegada repentina e inesperada. Ele estava surpreso, sim, mas duvidava de que houvesse sido essa a intenção dela.

Visões de sequestro, ataques, bombardeios do IRA apareceram em sua mente. Quase qualquer coisa poderia ter acontecido com uma garota viajando sozinha em uma cidade grande – e quase tudo que poderia ter acontecido seria preferível ao que sua intuição lhe dizia sobre o que *havia* acontecido. Maldição!

– Inverness – disse o Dr. Abernathy. – De Boston a Edimburgo, e então de trem para Inverness.

– Jesus!

Era uma súplica e também uma expressão de desespero. Se ela tivesse saído de Boston na terça-feira, provavelmente chegaria a Inverness na quinta. E na sexta era 13 de abril, a noite de Beltane, o

antigo festival do fogo, quando os montes da antiga Escócia eram tomados por chamas de purificação e fertilidade. Quando – talvez – a porta do monte das fadas de Craigh na Dun se abria totalmente.

Roger não conseguia absorver as palavras de Abernathy. Mas ele queria respostas, então tentou se concentrar.

– Não – disse ele, com certa dificuldade. – Não, ela não chegou. Ainda estou em Oxford. Eu não fazia ideia.

O ar vazio entre eles vibrou, o silêncio tomado pelo medo. Ele tinha que perguntar. Respirou de novo, devagar, cada inspiração um esforço consciente, e mudou o telefone de mão, secando a palma suada na perna da calça.

– Dr. Abernathy – disse cuidadosamente. – Pode ser que ela tenha ido atrás da mãe dela, de Claire. Diga. O senhor sabe onde ela está?

O silêncio dessa vez estava carregado de cautela.

– Ah... não. – A voz de Abernathy saiu devagar, relutante e cuidadosa. – Não, receio não saber. Não exatamente.

Não exatamente. Ótima maneira de dizer isso. Roger passou a mão pelo rosto, a barba arranhando.

– Vou fazer uma pergunta – disse Roger com tato. – Já ouviu o nome Jamie Fraser?

A linha ficou em completo silêncio. E então ele ouviu um suspiro alto.

– Ah, pelo amor de Deus! – disse o Dr. Abernathy. – Ela fez isso.

Você não faria?

Fora isso o que Joe Abernathy dissera a ele, no fim da longa conversa, e a pergunta permanecia em sua mente enquanto Roger dirigia para o norte, quase sem notar as placas da estrada pelas quais passava, borradas pela chuva.

Você não faria?

– Eu faria – dissera Abernathy. – Se você não conhecesse seu pai, se *nunca* o tivesse visto, e de repente descobrisse quem ele era? Você não desejaria conhecê-lo, descobrir como ele era? Eu ficaria curioso.

– O senhor não entende – dissera Roger, passando a mão pela testa com frustração. – Não é como alguém adotado que está querendo descobrir o nome do pai de verdade e que de repente aparece na porta da casa dele.

– Para mim, é a mesma coisa. – A voz grave estava calma. – Bree *foi* adotada, não? Acredito que ela teria ido antes se não sentisse que seria deslealdade com Frank.

Roger balançou a cabeça, ignorando o fato de que Abernathy não podia vê-lo.

– Não é isso... é a parte de aparecer de repente na porta da casa do pai. Isso, o modo como ela atravessou, como ela foi... olhe... a Claire contou ao senhor?

– Sim, contou – interrompera Abernathy. Seu tom era descontraído. – Sim, ela disse que não era bem como passar por uma porta giratória.

– Para dizer o mínimo.

Só de pensar no círculo de pedras de Craigh na Dun, Roger sentia um arrepio.

– Para dizer o mínimo... você sabe como é? – A voz distante fora tomada pelo interesse.

– Sim, maldição, eu sei! – Roger respirara fundo. – Desculpe. Olhe, não é... não posso explicar, acho que ninguém pode. Aquelas pedras... nem todo mundo as ouve, claro. Mas Claire ouviu. Bree ouve e... e eu ouço. E para nós...

Claire havia passado pelas pedras de Craigh na Dun no antigo festival do fogo de Samhain, no primeiro dia de novembro, dois anos e meio antes. Roger estremecera, e não de frio. Os pelos de sua nuca se arrepiavam sempre que ele pensava nisso.

– Então nem todo mundo pode passar... mas você pode. – A voz de Abernathy estava tomada pela curiosidade. E denotava um pouco de inveja.

– Não sei. – Roger passara a mão pelo cabelo. Seus olhos estavam ardendo, como se ele tivesse permanecido a noite toda acordado. – Pode ser que sim.

Após uma pausa, prosseguira:

– A questão é que... – Ele falara lentamente, tentando controlar a voz, e com ela, seu medo. – A questão é que... ainda que ela

tenha atravessado, não temos como saber se ou onde ela apareceu.

– Compreendo. – A voz do outro lado da linha havia perdido sua descontração. – E você também não sabe sobre Claire... Se ela conseguiu.

Ele balançara a cabeça, sua visão de Joe Abernathy era tão clara que se esquecera de novo de que o homem não podia vê-lo. O Dr. Abernathy tinha estatura mediana, um homem negro atarracado com óculos de armação dourada, com ar de autoridade a ponto de sua mera presença transmitir confiança e calma. Roger ficara surpreso ao descobrir que essa presença era transmitida pela linha telefônica, mas sentia-se mais do que grato por isso.

– Não – dissera ele em voz alta. Melhor deixar assim por enquanto. Ele não falaria sobre tudo agora, ao telefone com um quase desconhecido. – Ela é uma mulher; não havia muita preocupação pública com o que as mulheres faziam na época... a menos que fizessem algo espetacular, como ser queimadas por praticar bruxaria ou enforcadas por ter cometido um assassinato. Ou *ser* assassinadas.

– Ha ha – dissera Abernathy, mas não estava rindo. – Ela conseguiu, no entanto, pelo menos uma vez. Ela foi e voltou.

– Sim, ela foi. – Roger vinha tentando se consolar com esse fato, mas havia muitas outras possibilidades surgindo em sua mente. – Porém não sabemos se Brianna foi tão longe ou mais longe. E ainda que tenha sobrevivido às pedras e chegado à época certa... tem ideia de como o século XVIII era *perigoso*?

– Não – dissera Abernathy de modo seco. – Imagino que você saiba. Mas Claire pareceu ter se virado bem lá.

– Ela sobreviveu – concordara Roger. – Mas não é um destino de férias... “Se tiver sorte, voltará vivo?”

Uma vez, pelo menos.

Abernathy rira disso, mas com um toque de nervosismo. Tossira e pigarreara.

– Sim. Bem. A questão é que... Bree foi *para algum lugar*. E acho que você está certo a respeito de onde. Quer dizer, se fosse comigo, eu teria ido. Você não?

Você não? Ele puxou para a esquerda, ultrapassou um caminhão com as lanternas acesas e atravessou a névoa que se

acumulava.

Eu teria ido. A voz confiante de Abernathy soou em seu ouvido.

INVERNESS 30 KM era o que estava escrito na placa, e ele entrou com o minúsculo Morris repentinamente à direita, escorregando no asfalto molhado. A chuva batia com força no capô, forte o bastante para que subisse uma névoa da grama.

Você não? Ele tocou o bolso da frente da camisa, onde a foto de Brianna permanecia sobre seu coração. Depois tocou a borda arredondada do medalhão de sua mãe, pego no último momento para dar sorte.

– Sim, talvez sim – murmurou, semicerrando os olhos para a chuva que batia no para-brisas. – Mas eu teria contado a minha intenção a você. Em nome de Deus, mulher... por que não me contou?

RETORNO A INVERNESS

O cheiro de móveis polidos, tinta fresca e odorizador de ar pairava em nuvens sufocantes no corredor. Nem mesmo essas evidências olfativas do zelo doméstico de Fiona conseguiram competir com os aromas deleitáveis que vinham da cozinha.

– Morra de inveja, Tom Wolfe – murmurou Roger, respirando fundo enquanto colocava a mala no corredor. A velha casa definitivamente estava sob nova direção, mas nem sua transformação de casa paroquial em pousada tinha conseguido alterar sua característica básica.

Recebido com entusiasmo por Fiona – e um pouco menos por Ernie –, ele ficou no seu antigo quarto frio no alto da escada e se dedicou totalmente ao trabalho de busca. Não foi tão difícil encontrar seus rastros: além da desconfiança normal dos moradores das Terras Altas em relação a desconhecidos, uma mulher de 1,80 metro com cabelos ruivos até a cintura costumava chamar atenção.

Ela viera a Inverness por Edimburgo. Ele tinha certeza disso: ela fora vista na estação. Além disso, sabia que uma mulher alta e ruiva havia contratado um motorista para levá-la ao interior. O motorista não tinha noção real do local aonde eles tinham ido; só sabia que, de repente, a mulher dissera: “Aqui, este é o local, pode parar aqui.”

– Disse que pretendia encontrar os amigos para caminhar pelos campos – contara o motorista, dando de ombros. – Levava uma mochila e estava vestida para caminhar, com certeza. O dia estava úmido demais para uma caminhada nos campos, mas você sabe como esses turistas americanos são malucos.

Bem, ele sabia como *e/la* era maluca, pelo menos. Devido a sua teimosia e insistência, se ela acreditava que tinha que fazer isso, por

que *diabos* não disse a ele? Porque não queria que você soubesse, pensou com desânimo. E ele não queria pensar sobre por que ela não queria.

Até agora, ele havia conseguido. E só havia uma maneira de continuar seguindo-a.

Claire especulava que, fosse lá o que fosse aquele portal em Craigh na Dun, ele ficava mais aberto nos festivais antigos do sol e do fogo. Parecia dar certo – ela havia passado pela primeira vez no Beltane, em primeiro de maio, e, na segunda vez, no Samhain, em primeiro de novembro. E agora Brianna evidentemente seguira os passos da mãe, indo ao Beltane.

Bem, ele não esperaria até novembro – só Deus sabia o que poderia acontecer com ela em cinco meses! Mas Beltane e Samhain eram festivais do fogo; havia um festival do sol entre eles.

O do solstício de verão seria o próximo. Em 20 de junho, dali a quatro semanas. Ele rilhou os dentes ao pensar em esperar, pois seu impulso era ir *agora* sem pensar em nada, mas não conseguiria ajudar Brianna se seu impulso de partir corajosamente atrás dela o levasse à morte. Ele não tinha ilusão nenhuma acerca da natureza do círculo de pedras, não depois do que havia visto e ouvido até então.

Muito discretamente, começou a preparar o que podia. E à noite, quando a névoa vinha do rio, ele buscava se distrair de seus pensamentos jogando damas com Fiona, indo ao pub com Ernie e – em último caso – abrindo de novo as dezenas de caixas que ainda entupiam a velha garagem.

A garagem tinha um ar sinistro; as caixas pareciam se multiplicar como pães e peixes – sempre que ele abria a porta, via mais delas. Provavelmente terminaria a tarefa de separar as coisas de seu falecido pai um pouco antes de morrer, pensou. Apesar disso, por enquanto, o trabalho maçante era uma bênção divina, pois ocupava sua mente o suficiente para impedir que enlouquecesse durante a espera. Em algumas noites, ele até conseguia dormir.

– Você tem uma fotografia na mesa. – Fiona não olhou para ele, mas manteve a atenção voltada para os pratos que estava lavando.

– Muitas fotografias. – Roger tomou um gole de chá com cuidado; ao mesmo tempo quente e fresco. Como ela conseguia fazer isso? – Você quer alguma? Sei que há muitas fotos da sua avó. Fique à vontade, mas gostaria de guardar uma.

Ela olhou para ele, meio surpresa.

– Ah. Da vovó? Sim, nosso pai vai gostar de vê-las. Mas eu me referia à maior.

– Maior? – Roger tentou pensar em qual seria a foto a que ela podia estar se referindo; a maioria delas eram fotos em preto e branco feitas com a antiga Brownie do reverendo, mas havia algumas maiores: uma dos pais dele, outra da avó do reverendo, parecendo um pterodátilo em veludo cotelê, feita na ocasião do centésimo aniversário da senhora. Fiona não podia estar se referindo àquelas.

– A daquela mulher que matou o marido e fugiu. – Fiona contraiu os lábios.

– daquela... ah. – Roger tomou um grande gole de chá. – Você se refere a Gillian Edgars.

– Ela mesma – repetiu Fiona com teimosia. – Por que tem uma foto dela?

Roger pousou a xícara e pegou o jornal da manhã, de um modo casual forçado, enquanto pensava no que dizer.

– Ah... alguém me deu aquela foto.

– Quem?

Fiona era persistente, mas raramente tão direta. O que a incomodava?

– A Sra. Randall... a Dra. Randall, quero dizer. Por quê?

Fiona não respondeu, mas comprimiu os lábios.

Roger, nesse momento, já não se interessava pelo jornal. E o pousou com cuidado sobre a mesa.

– Você a conhecia? – perguntou ele. – Gillian Edgars?

Fiona não respondeu diretamente, mas se virou de lado, mexendo o chá.

– Você foi às pedras em Craigh na Dun; Joycie disse que Albert viu você descendo quando ele passou dirigindo rumo a

Drumnadrochit, na quinta.

– Sim, fui. Não é crime, é? – Ele tentou fazer piada, mas Fiona não caiu.

– Você sabe que é um lugar assustador, todos aqueles círculos. E não me diga que foi até lá para admirar a vista.

– Eu não diria isso.

Ele se recostou na cadeira, olhando para ela. Seu cabelo preto encaracolado estava arrepiado; ela passava as mãos nele quando estava agitada, e naquele momento certamente estava muito agitada.

– Você a conhece. Isso mesmo; Claire disse que você a havia conhecido. – A leve faísca de curiosidade que ele havia sentido ao ouvir o nome de Gillian Edgars crescia e se tornava uma chama clara de ansiedade.

– Não posso conhecê-la, certo? Ela morreu. – Fiona pegou a tigela de ovos vazia, os olhos fixos nos fragmentos descartados das cascas. – Não morreu?

Roger estendeu a mão para tocar o braço dela.

– Morreu?

– É o que todos acham. A polícia não encontrou vestígios dela.

– A palavra polícia saiu como “polis” em seu sotaque de habitante das Terras Altas.

– Talvez eles não estejam procurando no lugar certo.

Seu rosto corado ficou totalmente pálido. Roger apertou o braço dela, mas ela não tentou se livrar. Ela sabia, maldição, ela sabia! Mas *o quê?*

– Conte, Fiona – disse ele. – Por favor, conte. O que sabe sobre Gillian Edgars e as pedras?

Ela se afastou nesse momento, mas não foi embora. Só ficou ali, virando a tigela de ovos nas mãos. Roger se levantou e ela se afastou ainda mais, olhando para ele com receio.

– Um acordo, então – disse ele, tentando manter a voz calma, para não assustá-la. – Conte para mim o que sabe e eu lhe conto por que a Dra. Randall me deu aquela foto... e por que eu estava em Craigh na Dun.

– Preciso pensar. – Rapidamente, ela se abaixou, pegou a bandeja de louça suja e saiu antes que ele pudesse dizer qualquer

coisa para impedi-la.

Lentamente, ele sentou-se de novo. O café da manhã estava bom – todas as refeições de Fiona eram deliciosas –, mas caiu no estômago dele como pedras, pesado e indigesto.

Não deveria ser tão incisivo, disse a si mesmo. Era o segredo para se decepcionar. Afinal, o que Fiona poderia saber? Ainda assim, qualquer menção à mulher que dizia se chamar Gillian – e, mais tarde, Geillis – era suficiente para chamar sua atenção.

Ele pegou a xícara de chá e bebeu sem sentir o gosto. E se ele cumprisse o acordo e contasse tudo a ela? Não só sobre Claire Randall e Gillian, mas sobre si mesmo – e sobre Brianna.

Pensar em Bree foi como sentir uma pedra no peito, e o medo se espalhou em todas as direções. *Ela está morta*. Fiona havia dito sobre Gillian. *Não está?*

Está?, respondera ele, a imagem vívida da mulher em sua mente, os olhos verdes arregalados e os cabelos claros soltos ao ar quente vindo de uma fogueira, pronta para correr pelas portas do tempo. Não, ela não havia morrido.

Não antes, pelo menos, porque Claire a havia conhecido... será que a conhecera? Antes? Depois? Ela não havia morrido, mas estava morta? Deveria estar agora, não é? E ainda assim... maldita confusão! Como pensar nisso de modo coerente?

Inquieto demais para permanecer ali, ele se levantou e atravessou o corredor. Parou na porta da cozinha. Fiona estava de pé junto à pia, olhando pela janela. Ela o ouviu e se virou, com um pano de prato não usado na mão.

O rosto estava vermelho, mas determinado.

– Não devo dizer, mas direi, preciso dizer. – Ela respirou fundo e ergueu o queixo, parecendo um pequinês diante de um leão. – A mãe de Bree, aquela Dra. Randall, simpática, perguntou sobre minha avó. Ela sabia que a vovó tinha sido uma... dançarina.

– Dançarina? Como assim? Nas pedras?

Roger ficou levemente assustado. Claire havia dito aquilo a ele, quando a conheceu, mas ele nunca tinha acreditado que a Sra. Graham, tão séria, realizara cerimônias arcanas nos montes verdejantes nas manhãs de maio.

Fiona soltou a respiração.

– Então, você sabe. Foi o que pensei.
– Não, não sei. Só sei o que Claire... a Dra. Randall... me disse. Ela e o marido viram mulheres dançando no círculo de pedras numa manhã do Beltane, e sua avó era uma delas.

Fiona balançou a cabeça.

– Não era só uma delas, não. A vovó era a invocadora.

Roger entrou na cozinha e pegou o pano de prato da mão dela.

– Venha e sente-se – disse ele, levando-a para a mesa. – E me diga o que é uma invocadora.

– Aquela que invoca o sol.

Ela se sentou. Já tinha decidido, sabia; ia contar a ele.

– É uma das antigas línguas, a canção do sol; algumas das palavras parecem um pouco o gaélico, mas não todas. Primeiro, nós dançamos no círculo, e em seguida a invocadora para e se posta em frente à pedra rachada, e... não é cantoria, mas não é bem fala; é mais como o sacerdote na igreja. Você precisa começar no momento certo, quando a luz do amanhecer aparece no horizonte, para que, quando terminar, o sol entre pela pedra.

– Você se lembra de alguma das palavras? – O lado estudioso de Roger se inquietou e a curiosidade se fez notar em meio à confusão.

Fiona não se parecia muito com a mãe, mas olhou para ele de um jeito que fez com que ele se lembrasse da Sra. Graham e de sua sinceridade.

– Conheço todas elas – disse Fiona. – Sou a invocadora agora.

Ele percebeu que estava boquiaberto e fechou a boca. Ela pegou a lata de biscoitos e a colocou diante dele.

– Mas não é o que você precisa saber – disse ela de modo casual –, então não vou contar a você. Quer saber sobre a Sra. Edgars.

Fiona havia conhecido Gillian Edgars, sim; Gillian tinha sido uma das dançarinas, mas era nova. Gillian havia feito perguntas para as mulheres mais velhas, disposta a aprender tudo o que pudesse. Também queria aprender a canção do sol, mas isso era segredo; só a invocadora e sua sucessora a conheciam. Algumas das mulheres mais velhas sabiam parte dela – aquelas que tinham ouvido o cântico todos os anos por muito tempo –, mas não tudo, e

não os segredos de quando começar e como medir a canção para que coincidisse com o nascimento do sol.

Fiona parou, olhando para as mãos cruzadas.

– São as mulheres; só as mulheres. Os homens não fazem parte disso, e não contamos a eles. Nunca.

Ele pousou a mão sobre a dela.

– Você está certa em me contar, Fiona – disse com muita delicadeza. – Conte-me o resto, por favor. Preciso saber.

Ela respirou fundo, uma respiração trêmula, e tirou a mão de baixo da dele. Olhou diretamente para ele.

– Você sabe para onde ela foi? Brianna?

– Acho que sim. Ela foi para o mesmo lugar que Gillian, não foi?

Fiona não respondeu, mas continuou olhando para ele. A irre realidade da situação tomou conta dele de repente. Ele não podia estar sentado ali, na cozinha confortável e velha que conhecia desde a infância, bebericando chá de uma xícara com o rosto da rainha pintado nela, falando sobre pedras sagradas e viagens no tempo com Fiona. Não com *Fiona*, pelo amor de Deus, cujos interesses se resumiam a Ernie e à economia doméstica!

Ou pelo menos era o que ele pensava. Pegou a caneca, bebeu todo o líquido e a pousou com um leve baque.

– Preciso ir atrás dela, Fiona, se puder. Posso?

Ela balançou a cabeça, claramente temerosa.

– Não sei. Só sei sobre as mulheres; talvez sejam apenas as mulheres que possam.

Era isso que ele temia – ou uma das coisas que temia.

– Só temos uma maneira de descobrir, certo? – perguntou ele, de modo casual. No fundo de sua mente, uma rocha alta aparecia escura como uma ameaça contra o céu suave da manhã.

– Tenho o caderno dela – disse Fiona.

– O que... de quem? De Gillian? Ela escreveu alguma coisa?

– Sim, escreveu. Tem um lugar... – Ela olhou para ele e lambeu os lábios. Mantemos nossas coisas ali, prontas, com antecedência. Ela havia deixado o caderno ali e eu o peguei, depois. – Depois de o marido de Gillian ter sido encontrado assassinado no círculo, Roger acreditou que era o que ela queria dizer. – Sei que a polícia provavelmente deveria ficar com ele – continuou Fiona –, mas...

bem, eu não quis entregá-lo a eles, e estava pensando... e se tiver a ver com a morte? E eu não podia guardá-lo se ele fosse importante e ainda... – Ela olhou para Roger pedindo compreensão. – Era o caderno dela, sabe, em que ela escrevia. E se ela o tinha deixado naquele lugar...

– Era secreto. – Roger assentiu.

Fiona concordou e respirou fundo.

– Então eu o li.

– E é assim que sabe para onde ela foi – disse Roger com delicadeza.

Fiona suspirou e abriu um leve sorriso.

– Bem, o caderno não vai ajudar a polícia, com certeza.

– Poderia me ajudar?

– Espero que sim – disse ela simplesmente e, virando-se para o aparador, abriu uma gaveta e retirou dela um caderno pequeno, com capa de tecido verde.

GRIMÓRIO

Este é o grimório da bruxa Geillis. É um nome de bruxa, e eu o assumo; aquilo que era ao nascer não importa, só o que eu farei de mim mesma, só no que me transformarei.

E no que é? Ainda não posso dizer, pois só no processo descobrirei em que me transformei. O meu caminho é o do poder.

O poder absoluto corrompe, sim – e como? Bem, por pensarmos que o poder pode ser absoluto, quando nunca pode. Pois somos mortais, você e eu. Observe a carne encolher e envelhecer em seus ossos, sinta as linhas do seu crânio empurrando a pele, seus dentes atrás de lábios suaves em um sorriso de reconhecimento.

E ainda assim, dentro da carne, muitas coisas são possíveis. Se tais coisas são possíveis além desses limites – é o âmbito de outros, não meu. E essa é a diferença entre mim e eles, aqueles outros que partiram antes para explorar o Reino Negro, aqueles que procuram poder na magia e na invocação de demônios.

Vou no corpo, não na alma. E, ao negar minha alma, não dou poder a nenhuma força, apenas àquelas que controlo. Não procuro favores do mal e do bem; eu os nego. Porque se não existe alma, se não existe morte a contemplar, então nem deus nem o diabo mandam – a batalha deles não tem consequência para quem vive apenas na carne.

Dominamos por um momento, e, ainda assim, para sempre. Uma rede frágil tecida para envolver terra e espaço. Só recebemos uma vida – e, ainda assim, podemos passar seus anos em muitas épocas. Quantas?

Se quiser controlar o poder, deve escolher sua época e seu lugar, pois só quando a sombra da pedra cai a seus pés a porta do destino se abre de fato.

– Uma maluca, com certeza – murmurou Roger. – Também tem um péssimo estilo de prosa. – A cozinha estava vazia; ele estava falando para se acalmar. Não estava dando certo.

Virou as páginas cuidadosamente, analisando as linhas de letras claras e redondas.

Depois da primeira parte, havia outra chamada “Festivais do Sol e Festivais do Fogo”, contendo uma relação – Imbolc, Alban Eilir, Beltane, Litha, Lughnassadh, Alban Elfed, Samhain, Alban Arthuan –, cada nome seguido por um parágrafo de anotações e uma série de pequenas cruces ao lado. Para que diabo aquilo servia?

Samhain chamou sua atenção, com seis cruces.

Esta é a primeira das festas dos mortos. Muito antes de Cristo e de sua Ressurreição, na noite do Samhain, as almas dos heróis saíram de seus túmulos. São raros, esses heróis. Quem nasce quando as estrelas estão certas? Nem todos que nascem têm a coragem de assumir o poder que é seu por direito.

Mesmo em meio à evidente loucura, havia disciplina e organização – uma mistura estranha de observação fria e fuga poética. A parte central do livro tinha o título de “Estudos de Casos” e, se a primeira seção havia arrepiado os pelos do pescoço de Roger, a segunda foi suficiente para congelar o sangue em suas veias.

Era uma relação cuidadosa, por data e local, de corpos encontrados na vizinhança dos círculos de pedras. O surgimento de cada um era anotado e, embaixo de cada descrição, estavam algumas palavras de análise.

14 de agosto de 1931. Sur-le-Meine, Bretanha. Corpo de um homem não identificado. Idade, 40 e poucos anos. Encontrado perto do lado norte do círculo de pedras. Não há causa evidente de morte, mas ele tem queimaduras profundas nos braços e pernas. Roupas descritas apenas como “trapos”. Nenhuma fotografia.

Possível causa do fracasso: (1) homem, (2) data errada – 23 dias desde o mais próximo festival do sol.

2 de abril de 1650. Castlerigg, Escócia. Corpo de uma mulher não identificada. Idade, cerca de 15 anos. Encontrado fora do círculo. Grande mutilação notada, pode ter sido arrastada do círculo por lobos. Roupas não descritas.

Possível causa do fracasso: (1) data errada – 28 dias antes do festival do fogo, (2) falta de preparo.

5 de fevereiro de 1953. Callanish. Ilha de Lewis. Corpo de um homem identificado como John MacLeod, pescador de lagostas, 26 anos. Causa da morte diagnosticada como grande hemorragia cerebral, descrição do legista devido à aparência do corpo – queimaduras de segundo grau na pele da face e das extremidades – e à aparência chamuscada das roupas. Veredito do legista: morte por raio – possível, mas não definitivo. Possível causa do fracasso: (1) homem, (2) data muito próxima ao Imbolc, mas talvez não próxima o bastante? (3) preparação inadequada – foto do jornal mostra a vítima, camisa aberta; há uma queimadura no peito que parece ter o formato da Cruz de Bridhe, mas sem forma distinta para se ter certeza.

1º de maio de 1963. Tomnahurich, Escócia. Corpo de uma mulher, identificada como Mary Walker Willis. Pela descrição do legista, queimaduras no corpo e nas roupas, morte devido a parada cardíaca – ruptura da aorta. A descrição explica que a Srta. Walker estava vestida com roupas “estranhas”, sem detalhes específicos.

Fracasso – essa sabia o que estava fazendo, mas não conseguiu. O fracasso se deveu provavelmente à omissão do sacrifício adequado.

A lista continuou assustando Roger ainda mais a cada nome. Ela havia encontrado vinte e dois ao todo, registrados ao longo de um período desde meados do século XV até meados do século XX, de locais espalhados pela Escócia, o norte da Inglaterra e Bretanha, todos mostrando alguma evidência de construção pré-histórica. Alguns casos tinham sido acidentes claros, ele pensou – pessoas

que tinham entrado em um círculo sem saber e que não tinham ideia do que as atingira.

Poucas pessoas – e *bem* poucas – pareciam saber; elas tinham feito uma preparação de roupas. Talvez tivessem atravessado antes e tentado de novo –, mas dessa vez não havia dado certo. O estômago dele se contraiu. Claire estava certa: não era como passar por uma porta giratória.

E então, os desaparecimentos... Estavam em uma seção à parte, muito bem marcados por data, sexo e idade, com o máximo de circunstâncias registradas. Ah... era esse o significado das cruzes; quantas pessoas tinham desaparecido perto de cada festival. Havia mais desaparecidos do que mortos, mas havia menos informações. A maioria tinha pontos de interrogação – e Roger acreditava que era por não ser possível saber se o desaparecimento perto de um círculo estava necessariamente ligado a ele.

Ele virou uma página e parou, sentindo como se tivesse levado um soco no estômago.

1º de maio de 1945. Craigh na Dun, Inverness-shire, Escócia. Claire Randall, 27 anos, dona de casa. Foi vista pela última vez no início da manhã, depois de ter declarado intenção de visitar o círculo em busca de amostras incomuns de plantas, e não voltou quando escureceu. Carro encontrado estacionado no sopé do monte. Nenhum vestígio no círculo, nenhum sinal de luta.

Ele virou a página depressa, como se esperasse que o caderno fosse explodir em sua mão. Então, Claire havia dado, sem querer, a Gillian Edgars parte da prova que havia levado a seu próprio experimento. Será que Geillis havia encontrado os registros do retorno de Claire, três anos depois?

Não, evidentemente não, ele concluiu, depois de virar as páginas – ou, se ela tivesse encontrado, não havia feito o registro ali.

Fiona lhe havia levado mais chá e um prato de biscoitos de gengibre frescos, que permaneceram intocados desde que ele começara a ler. Uma sensação de obrigação, e não a fome, fez com

que pegasse um biscoito e desse uma mordida, mas as migalhas de sabor forte ficaram em sua garganta e ele tossiu.

Na última parte do livro, o título era “Técnicas e Preparos”. Começava assim:

Algo está aqui, mais velho do que o homem, e as pedras mantêm seu poder. Os feitiços antigos falam “das linhas da terra” e do poder que flui por elas. O propósito das pedras tem a ver com essas linhas, tenho certeza. Mas as pedras atrapalham as linhas de poder ou são apenas marcadores?

O pedaço de biscoito parecia preso na garganta dele, por mais chá que bebesse. Ele se viu lendo mais depressa, pulando páginas, e por fim se sentou e fechou o caderno. Leria o resto depois – e mais de uma vez. Mas, por enquanto, tinha que sair, tomar ar fresco. Não era à toa que o caderno havia perturbado Fiona.

Ele desceu a rua depressa, seguindo para o rio, alheio à garoa. Estava tarde; havia um sino tocando constante e o trânsito de pessoas à noite, em direção aos bares, estava aumentando nas pontes. Mas acima do sino, das vozes e dos passos ele ouviu as últimas palavras que havia lido, soando em seu ouvido como se falassem diretamente para ele:

Devo beijá-lo, menino? Devo beijá-lo, homem? Sinta os dentes atrás de meus lábios quando o beijo. Eu poderia matá-lo com a mesma facilidade com que o abraço. O gosto do poder é o gosto do sangue – ferro em minha boca, ferro em minha mão.

O sacrifício é exigido.

SOLSTÍCIO DE VERÃO

20 de junho de 1971

Na noite do solstício de verão na Escócia, o Sol divide o céu com a Lua. Solstício de verão, festival de Litha, Alban Eilir. Quase meia-noite, e a luz estava fraca e branca leitosa, mas ainda assim era luz.

Ele sentiu as pedras muito antes de vê-las. Claire e Geillis estavam certas, ele pensou: a data importava. Elas tinham sido misteriosas nas primeiras visitas, mas silenciosas. Agora ele conseguia ouvi-las, não com os ouvidos, mas com a pele – um murmurar baixo como o toque de gaitas de foles.

Eles se aproximaram do topo do monte e pararam, a dez metros do círculo. Abaixo, havia um vale profundo, um mistério sob a lua que subia. Ele ouviu uma leve respiração a seu lado, e ocorreu-lhe que Fiona estava com muito medo.

– Olhe, você não precisa ficar aqui – disse ele. – Se está com medo, deveria descer. Eu vou ficar bem.

– Não temo por mim, seu tolo – disse ela, enfiando as mãos cerradas mais para dentro dos bolsos. E se virou, abaixando a cabeça como um touro ao olhar para o caminho. – Então, vamos.

Os galhos de amieiro resvalaram perto do ombro dele, que estremeceu de repente, sentindo um arrepio tomar conta de si, apesar de estar muito bem agasalhado. Sua roupa lhe pareceu ridícula, de repente: o casaco comprido e o colete de lã grossa, a calça e as meias combinando. Uma peça na faculdade, ele havia dito ao alfaiate que fizera a fantasia.

– Sou tolo, mesmo – disse ele a si mesmo.

Fiona entrou primeiro no círculo; não permitiu que ele a acompanhasse nem que observasse. Obediente, ele se virou, deixando que ela fizesse o que pretendia. Ela segurava uma sacola

de compras de plástico, presumivelmente contendo itens para seu cerimonial. Ele havia perguntado o que havia ali, e ela dissera que não era da sua conta. Ela estava quase tão nervosa quanto ele, pensou Roger.

O murmúrio o perturbou. Não estava em seus ouvidos, mas em seu corpo – sob sua pele, nos ossos. Fazia os ossos compridos de seus braços e de suas pernas tremerem como cordas dedilhadas e pinicava em seu sangue, provocando nele uma vontade constante de se coçar. Fiona não conseguia ouvir; ele havia perguntado, para ter certeza de que ela estaria segura antes de permitir que o ajudasse.

Ele esperava muito estar certo em pensar que só quem ouvia as pedras podia passar por elas. Ele nunca se perdoaria se alguma coisa acontecesse com Fiona – apesar de ela ter dito que já tinha entrado naquele círculo muitas vezes nos festivais do fogo, sem problema nenhum. Ele espiou atrás de si, viu uma pequena chama queimando na base da enorme rocha fissurada e se virou de novo.

Ela estava cantando com uma voz suave e alta. Ele não conseguia entender as palavras. Todas as outras viajantes de que tinha conhecimento eram mulheres; será que funcionaria com ele?

Talvez, pensou. Se a habilidade de passar pelas pedras fosse genética – algo como a habilidade de enrolar a língua ou o daltonismo – então, por que não? Claire havia viajado, assim como Brianna. Brianna era filha de Claire. E ele era descendente da única outra viajante do tempo que ele conhecia: a bruxa Geillis.

Ele bateu os dois pés e se remexeu como um cavalo espantando moscas, tentando se livrar do murmúrio. Meu Deus, era como ser comido por formigas! Será que o canto de Fiona deixava aquilo pior, ou seria apenas sua imaginação?

Ele esfregou o peito com violência, tentando diminuir a irritação, e sentiu o pequeno peso redondo do medalhão de sua mãe, levado para dar sorte e pelas granadas. Ele tinha dúvidas a respeito das especulações de Geillis – ele não estava interessado em fazer nenhum sacrifício, apesar de Fiona estar providenciando o fogo –, mas, afinal, as pedras preciosas não podiam fazer mal, e se ajudassem... Deus do Céu, será que Fiona não se apressaria? Ele

se retorcia dentro das roupas, tentando se livrar não só delas, mas também de sua pele.

Procurando uma distração, deu um tapinha no bolso da frente de novo, sentindo o medalhão. Se desse certo... se ele pudesse... era uma ideia que havia lhe ocorrido recentemente, quando a possibilidade apresentada pelas pedras amadureceu e se tornou um plano. Mas se *fosse* possível... ele tocou o objeto pequeno e redondo, vendo o rosto de Jerry MacKenzie na superfície escura de sua mente.

Brianna havia partido para encontrar o pai. Ele poderia fazer a mesma coisa? Meu Deus, Fiona! Ela *estava* piorando as coisas; as raízes de seus dentes doíam e sua pele ardia. Ele balançou a cabeça violentamente e então parou, sentindo-se zozinho; seu crânio parecia se abrir.

E então ela apareceu, uma figura pequena segurando a mão dele, dizendo algo, ansiosa, enquanto o levava para dentro do círculo. Ele não conseguia ouvi-la – o barulho estava muito pior do lado de dentro; agora estava em seus ouvidos, em sua cabeça, escurecendo sua visão, causando dor nos espaços de sua coluna.

Rangendo os dentes, afastou a escuridão por tempo suficiente para fixar os olhos no rosto redondo e assustado de Fiona.

Rapidamente, curvou-se e a beijou na boca.

– Não conte ao Ernie – disse ele. Virou-se e passou pela pedra.

Um cheiro fraco chegou a ele com a brisa do verão: um cheiro de queimado. Ele virou a cabeça, com as narinas se alargando para senti-lo. Pronto. Uma chama se atizou e apareceu no topo de um monte próximo, uma rosa de fogo do meio do verão.

Havia estrelas de brilho fraco no céu, meio encobertas por uma nuvem passageira. Ele não sentiu vontade de se mexer, nem de pensar. Sentia-se sem corpo, envolvido pelo céu, a mente livre, refletindo imagens iluminadas por estrelas como a bolha da boia de um pescador à superfície. Ouviu um murmúrio suave e musical ao redor – a canção distante das estrelas – e sentiu o cheiro de café.

Uma sensação vaga de inadequação sobrepôs-se ao clima de paz. A sensação estava em sua mente, erguendo faíscas

minúsculas e dolorosas de confusão. Ele lutou contra a sensação, querendo apenas manter-se firme na luz da estrela, mas o ato de resistência o acordou. De repente, ele voltou a ter corpo, e doeu.

– ROGER! – A voz da estrela soou em seu ouvido, e ele se mexeu. Uma dor lancinante tomou seu peito, e ele levou a mão à ferida. Algo prendeu seu punho e o puxou, mas não antes que ele sentisse a umidade e a leve aspereza da cinza em seu peito. Estaria sangrando?

– Ah, você está acordando, graças a Deus! Pronto, bom garoto. Fácil, não? – Era a nuvem falando, não a estrela. Ele piscou, confuso, e a nuvem se revirou na silhueta encaracolada da cabeça de Fiona, escura contra o céu. Ele se endireitou, mais uma convulsão do que um movimento consciente.

Seu corpo havia reagido com intensidade. Sentia-se desesperadamente mal, e havia um cheiro horroroso de café e carne queimada em suas narinas. Ele rolou apoiado nas mãos e nos joelhos, sentindo ânsia de vômito, e então caiu na grama. Estava molhada, e foi bom sentir o frio no rosto quente.

Fiona o segurava, acalmando-o, secando seu rosto e sua boca.

– Você está bem? – perguntou ela pela centésima vez, ele percebeu. Dessa vez, ele reuniu força suficiente para responder.

– Sim – sussurrou. – Tudo bem. Por quê...?

Ela moveu a cabeça para cima e para baixo, encobrendo metade do céu de estrelas.

– Não sei. Você foi, você se foi, e então houve uma explosão, e vi você deitado no círculo, com o casaco em chamas. Tive que apagar o fogo com a garrafa térmica.

Isso explicava a presença do café, então, e a sensação quente em seu peito. Ele levantou a mão, apalpando, e dessa vez ela deixou. Havia uma parte queimada no tecido molhado do casaco dele, talvez de uns 7 centímetros. A carne do seu peito estava ferida; ele conseguia sentir o entorpecimento estranho das bolhas pelo furo no tecido, e a dor irritante de uma queimadura se espalhava pelo peito. O medalhão de sua mãe havia desaparecido totalmente.

– O que aconteceu, Rog? – Fiona estava agachada ao lado dele, o rosto escuro, mas visível; ele conseguia ver os caminhos das

lágrimas em seu rosto. O que ele pensara ser o fogo do solstício de verão era a chama de sua vela, bem diminuída agora, com 1 centímetro. Deus, por quanto tempo estivera desmaiado?

– Eu... – Ele começara a dizer que não sabia, mas parou. – Deixe-me pensar um pouco, sim? – Apoiou a cabeça nos joelhos, sentindo o cheiro da grama molhada e do tecido queimado.

Concentrou-se na respiração, deixou que ela voltasse. Ele não tinha necessidade de pensar – estava tudo ali, claro em sua mente. Mas como uma pessoa descreveria coisas assim? Não havia uma cena, mas, ainda assim, ele tinha a imagem de seu pai. Nenhum som, nenhum toque... e, mesmo assim, ele havia ouvido e sentido. O corpo parecia perceber as coisas a seu jeito, traduzindo os fenômenos místicos do tempo em materialização.

Ele levantou a cabeça e respirou fundo, voltando lentamente a seu corpo.

– Eu estava pensando no meu pai – disse. – Quando passei pela pedra, eu havia acabado de pensar: se der certo, será que poderia voltar para encontrá-lo? E... encontrei.

– Encontrou? Seu pai? Você quer dizer que ele era um fantasma? – Ele sentiu, mais do que viu, o gesto da mão dela fazendo os chifres contra o mal.

– Não. Não foi bem assim. Eu... não consigo explicar, Fiona. Mas eu o encontrei; eu o conheci. – A sensação de paz não o havia deixado; ficou ali, pairando delicadamente no fundo de sua mente. – E então aconteceu um tipo de explosão, é só como consigo descrevê-la. Algo me acertou aqui. – Com os dedos, ele tocou o ponto queimado em seu peito. – Sua força me empurrou... para fora, e só soube disso até acordar. – Ele tocou o rosto dela com suavidade. – Obrigado, Fee. Você me impediu de pegar fogo.

– Ah, pare com isso. – Ela fez um gesto de impaciência, para que ele parasse. Voltou a se sentar sobre as pernas, coçando o queixo enquanto refletia.

– Estou pensando, Rog... o que estava escrito no caderno dela, a respeito de que podia haver uma proteção, se a pessoa levasse pedras preciosas. Havia pedrinhas no medalhão da sua mãe, não? – Ele ouviu quando ela engoliu em seco. – Talvez... se você não o tivesse... não teria sobrevivido. Ela falou sobre as pessoas que não

conseguiram viver. Elas foram queimadas, e sua queimadura é onde o medalhão estava.

– Sim, pode ser. – Roger começava a se sentir melhor. Olhou com curiosidade para Fiona.

– Você sempre diz “ela”. Por que não diz seu nome?

Os cachos de Fiona se ergueram com o vento quando ela se virou para olhar para ele. Estava bem claro para ver com nitidez seu rosto, com sua expressão de sinceridade desconcertante.

– Não se deve chamar algo, a menos que se queira sua presença – disse ela. – Certamente você sabe disso, já que seu pai é sacerdote.

Os pelos dos seus braços se eriçaram, apesar de ele estar vestindo camisa e casaco.

– Agora que está dizendo isso – disse ele, tentando, sem sucesso, fazer parecer uma piada. – Eu não estava chamando o nome do meu pai, mas talvez... a Dra. Randall disse que pensou no marido quando voltou.

Fiona assentiu, franzindo o cenho. Ele conseguia ver seu rosto claramente, e percebeu, assustado, que a luz se intensificava. Já era quase manhã; o céu a leste mostrava a cor de escamas de salmão.

– Deus, já é quase manhã! Preciso ir!

– Ir? – Os olhos de Fiona estavam arregalados de terror. – Você vai tentar *de novo*?

– Vou. Preciso. – A pele de sua boca estava seca, e era uma pena Fiona ter usado todo o café para apagar o fogo. Ele lutou contra o frio na barriga e se levantou. Os joelhos estavam trêmulos, mas conseguia caminhar.

– Está maluco, Rog? Vai morrer, com certeza!

Ele balançou a cabeça, os olhos fixos na rocha alta.

– Não – disse ele, torcendo muito para estar certo. – Não, eu sei o que deu errado. Não vai acontecer de novo.

– Você não tem como ter certeza!

– Tenho, sim. – Ele tirou a mão dela de sua manga e a segurou; era pequena e fria. Sorriu para ela, apesar de seu rosto estar estranhamente amortecido. – Espero que Ernie não tenha chegado

em casa; se chegou, já deve ter colocado a polícia atrás de você. É melhor você voltar depressa.

Ela deu de ombros, impaciente.

– Ah, ele está pescando com seu primo Neil; só volta na terça. O que você quis dizer com “não vai acontecer de novo”? Por que não?

Essa parte era mais difícil de explicar do que o resto. Ele devia uma tentativa a ela, no entanto.

– Quando eu disse que estava pensando no meu pai, estava pensando nele com base em como eu o conhecia – as fotos dele com o kit de aviador, ou com minha mãe. A questão é que... eu já tinha nascido nessa época. Entende? – Ele procurou no rosto pequeno e redondo dela, e viu quando ela piscou lentamente, compreendendo. A respiração saiu num leve suspiro de medo e confusão misturados.

– Então você não encontrou só seu pai, certo? – perguntou ela baixinho.

Ele balançou a cabeça, sem nada dizer. Nenhuma visão, nenhum som, cheiro ou toque. Não havia imagens que pudessem explicar como tinha sido encontrar a si mesmo.

– Preciso ir – repetiu ele com delicadeza. Apertou a mão dela. – Fiona, não posso agradecer o suficiente.

Ela olhou para ele por um momento, o lábio inferior projetado, os olhos brilhando. Então ela se afastou e, girando a aliança de noivado, colocou-a nas mãos dele.

– É uma pedrinha, mas é diamante de verdade – disse ela. – Talvez ajude.

– Não posso pegar isto! – Ele estendeu a mão para devolvê-la, mas ela deu um passo para trás e colocou as mãos nas costas.

– Não se preocupe, tenho seguro – disse ela. – Ernie é ótimo com seguros. – Ela tentou sorrir para ele, mas as lágrimas escorriam pelo seu rosto. – E eu também.

Não havia mais nada a ser dito. Ele colocou a aliança no bolso lateral de seu casaco e olhou para a grande rocha partida, com as laterais pretas começando a brilhar com pedacinhos de mica e quartzo reluzindo sob a luz da manhã. Ouviu o murmúrio, constante, mas agora mais parecia o pulsar do seu sangue: algo dentro dele.

Nenhuma palavra, e não havia necessidade. Ele tocou o rosto dela uma vez com delicadeza para se despedir e caminhou em direção à pedra, mancando um pouco. E atravessou a fissura.

Fiona não ouviu nada, só o vento constante e claro do solstício de verão soprar com um nome ecoado.

Ela esperou por um longo tempo, até o sol parar no topo da pedra.

– *Slan leat, a charaid chòir* – disse ela delicadamente. – Sorte para você, querido amigo. – Desceu o monte lentamente e não olhou para trás.

LALLYBROCH

Escócia, junho de 1769

O nome do cavalo alazão era Brutus, mas felizmente não parecia indicativo de sua personalidade até então. Mais trabalhador do que conspirador, ele era forte e fiel – ou, se não fosse fiel, pelo menos era resignado. Ele a havia levado sem pestanejar pelos campos verdejantes de verão e pelos vales com rochas, seguindo cada vez mais alto pelas boas estradas feitas pelo general inglês Wade cinquenta anos antes e pelas estradas ruins além do alcance do general, passando pela mata e subindo aos locais onde as estradas davam em nada além de uma trilha de pastagem de veados.

Brianna soltou as rédeas no pescoço de Brutus, deixando que ele descansasse depois da última subida, e ficou parada, observando o pequeno vale abaixo. A casa branca e grande ficava serena no meio dos campos verdes de aveia e cevada, com janelas e chaminés de pedra cinza, a horta cercada e as diversas construções ao seu redor como pintinhos em volta de uma galinha branca.

Ela nunca tinha visto a casa, mas tinha certeza. Ouvira as descrições da mãe a respeito de Lallybroch muitas vezes. E, além disso, era a única casa grande em quilômetros; ela não vira nada parecido nos últimos três dias, apenas as casas de parede de pedra, muitas abandonadas e tombadas, algumas não passando de ruínas enegrecidas pelo fogo.

A fumaça subia de uma chaminé mais à frente; havia alguém em casa. Já era quase meio-dia; talvez todos estivessem lá dentro, almoçando.

Ela engoliu, a boca seca de ansiedade e apreensão. Quem seria? Quem ela veria primeiro? Ian? Jenny? E como eles

receberiam sua aparência e sua declaração?

Ela havia decidido simplesmente dizer a verdade, quem era e o que estava fazendo ali. Sua mãe já havia comentado que ela se parecia muito com o pai; ela teria que contar com essa semelhança para convencê-los. Os habitantes das Terras Altas que ela havia conhecido até então comentavam sobre sua aparência e seu modo estranho de falar; talvez os Murrays não acreditassem nela. Então ela se lembrou e tocou o bolso do casaco; não, eles acreditariam: ela tinha a prova, afinal.

Um pensamento repentino a assaltou. Eles poderiam estar aqui agora? Jamie Fraser e sua mãe? A ideia não havia lhe ocorrido antes. Estava tão convencida de que eles estavam nos Estados Unidos – mas não era necessariamente o caso. Ela só sabia que eles *estariam* nos Estados Unidos em 1776; não havia como saber onde eles estavam no momento.

Brutus ergueu a cabeça e relinchou alto. Um relincho em resposta foi ouvido atrás deles, e Brianna pegou as rédeas quando o cavalo se virou. Ele levantou a cabeça e relinchou mais baixo, as narinas se abrindo com interesse quando um belo cavalo escuro fez a curva na estrada, carregando um homem alto e vestido com roupas marrons.

O homem parou o cavalo por um momento quando os viu e então bateu um pé na lateral do corpo do animal e se aproximou lentamente. Ela viu que ele era jovem e muito bronzeado, apesar do chapéu que usava; devia passar muito tempo ao ar livre. A barra de seu casaco estava amassada e suas meias estavam cobertas de poeira e capim.

Ele se aproximou dela com curiosidade, cumprimentando-a quando chegou perto o bastante para conversar. Então ela o viu ficar tenso e surpreso, e sorriu para si mesma.

Ele havia acabado de notar que ela era uma mulher. As roupas masculinas que ela usava não enganavam ninguém de perto; “masculinizada” era a última palavra que alguém poderia usar para descrever sua figura. Mas as roupas serviam bem ao propósito: eram confortáveis para montaria e, devido a sua altura, faziam com que, a distância, se parecesse com um homem sobre um cavalo.

O homem tirou o chapéu e fez uma reverência, o semblante tomado pela surpresa. Não era exatamente bonito, mas tinha um rosto forte e agradável, com sobrancelhas fartas – que no momento estavam erguidas – e olhos castanhos calmos sob os cabelos encaracolados, negros e sedosos.

– Madame – disse ele. – Posso ajudá-la?

Ela tirou seu chapéu e sorriu para ele.

– Espero que sim – disse ela. – Este lugar é Lallybroch?

Ele assentiu, cauteloso e surpreso agora que ouvira seu sotaque estranho.

– É, sim. Tem negócios por aqui?

– Sim – disse ela com firmeza. – Tenho. – Endireitou-se na sela e respirou fundo. – Sou Brianna... Fraser. – Era estranho dizer isso em voz alta; nunca usara esse nome antes. Mas parecia estranhamente certo.

A cautela no rosto dele diminuiu, mas a confusão, não. Ele assentiu com cuidado.

– A seu dispor, senhora. Jamie Fraser Murray – acrescentou ele formalmente, em reverência –, de Broch Tuarach.

– O jovem Jamie! – exclamou ela, assustando-o com sua empolgação. – Você é o jovem Jamie!

– É como minha família me chama – disse ele com seriedade, conseguindo passar a ela a impressão de que não gostava de ver o nome sendo usado por mulheres desconhecidas com roupas inadequadas.

– Prazer em conhecê-lo – disse ela sem se deixar abalar. Estendeu-lhe a mão, inclinando-se sobre a sela. – Sou sua prima.

As sobrancelhas, que tinham se franzido durante as apresentações, voltaram a se erguer. Ele olhou para a mão estendida e então, sem acreditar, para o rosto dela.

– Jamie Fraser é meu pai – disse ela.

Ele ficou boquiaberto e simplesmente olhou para ela por um momento, com cuidado, dos pés à cabeça, espiando seu rosto com atenção, e então um sorriso amplo e lento se abriu.

– Não acredito! – disse ele. Segurou a mão dela e a apertou o suficiente para pressionar os ossos. – Meu Deus, você é igual a ele!

Ele riu e o humor transformou seu rosto.

– Jesus! Minha mãe vai ter um ataque!

A grande roseira-brava acima da porta estava quase florindo, com centenas de botõezinhos verdes se formando. Brianna olhou para ela enquanto acompanhava o jovem Jamie e viu o dintel acima da porta.

Fraser, 1716 estava entalhado na madeira envelhecida. Ela sentiu uma leve emoção ao ver aquilo e ficou olhando para o nome por um momento, a madeira aquecida pelo sol rígida sob sua mão.

– Tudo bem, prima? – O jovem Jamie havia se virado para olhar para ela de modo inquisitivo.

– Tudo bem. – Ela correu para dentro da casa atrás dele, abaixando a cabeça automaticamente, mesmo não havendo necessidade.

– A maioria de nós é alta, à exceção da minha mãe e da pequena Kitty – disse o jovem Jamie com um sorriso quando a viu se abaixar. – Meu avô, também seu avô, construiu esta casa para a esposa dele, que era uma mulher muito alta. Acho que é a única casa nas Terras Altas dentro da qual você pode entrar sem ter que abaixar a cabeça ou dar uma testada.

...Também seu avô. As palavras casuais fizeram com que ela se sentisse aquecida de repente, apesar do frio do corredor.

Frank Randall tinha sido filho único, assim como a mãe dela; os parentes que ela tinha não eram próximos... apenas algumas tias-avós idosas na Inglaterra e alguns primos distantes de segundo grau na Austrália. Ela havia partido pensando apenas em encontrar seu pai; não pensou que pudesse descobrir uma família inteira em sua busca.

Muitos familiares. Quando entrou no corredor, com a madeira toda marcada, uma porta se abriu e quatro crianças pequenas saíram correndo, perseguidas por uma mulher jovem e alta com cabelos castanhos encaracolados.

– Ah, corram, corram, peixinhos! – gritou ela, correndo com as mãos abertas em formato de pinças. – O caranguejo maldoso vai comer vocês, clic, clic!

As crianças correram pelo corredor rindo e gritando, olhando para trás, aterrorizadas, mas muito felizes. Uma delas, um menininho de cerca de 4 anos, viu Brianna e o jovem Jamie na entrada e instantaneamente mudou de direção, correndo pelo corredor como uma locomotiva desgovernada, gritando: “Papai! Papai! Papai!”

O menino se lançou sem o menor cuidado contra a barriga do jovem Jamie. Este o pegou no momento certo e levantou o garotinho sorridente.

– Pronto, Matthew – disse ele com seriedade. – Que modos a sua tia Janet anda ensinando para você? O que sua nova prima vai pensar ao ver você correndo assim como um maluco?

O menininho riu ainda mais, nem um pouco envergonhado com a bronca. Olhou para Brianna, viu que ela também olhava para ele e logo escondeu o rosto no ombro do pai. Lentamente, levantou a cabeça e espiou de novo, com os olhos azuis arregalados.

– Papai! – disse ele. – É uma moça?

– Claro que sim, eu já disse, ela é sua prima.

– Mas ela está usando calça de homem! – Matthew olhou para ela chocado. – Moças não usam calça de homem!

A jovem parecia ter a mesma opinião, mas interrompeu-o com firmeza, movendo-se para pegar o menino do colo do pai.

– Bem, e com certeza ela tem um bom motivo para isso, mas não é adequado fazer comentários na frente das pessoas. Vá se lavar, sim? – Ela o colocou no chão e o virou em direção à porta no fim do corredor, empurrando-o levemente. Ele não se mexeu, e ainda se virou para olhar para Brianna.

– Onde está a vovó, Matt? – perguntou seu pai.

– Na sala dos fundos, com o vovô, uma moça e um homem – respondeu Matthew. – Eles tomaram dois bules de café, comeram uma bandeja de biscoitos e um bolo de frutas inteiro, mas a mamãe disse que também esperam jantar, e boa sorte para eles, porque só temos caldo e um pouco de ossobuco hoje, e nem ferrando... opa! – Ele pressionou a mão nos lábios, olhando com culpa para o pai. E de jeito nenhum ela vai dar a torta de groselha, por mais tempo que eles fiquem.

O jovem Jamie olhou para o filho com os olhos semicerrados, e então de modo desconfiado para a irmã.

– Uma moça e um homem?

Janet fez uma careta de desgosto.

– A Rabugenta e seu irmão – disse ela.

O jovem Jamie resmungou olhando para Brianna.

– Imagino que a mamãe vá ficar feliz por ter uma desculpa para se livrar deles. – Ele olhou para Matthew. – Vá chamar sua avó. Diga que trouxe uma visitante que ela gostará de ver. E cuidado com o que diz, sim? – Ele virou Matthew em direção aos fundos da casa e deu um tapinha em seu traseiro para que ele corresse.

O menininho partiu, mas lentamente, olhando com fascínio para trás, para Brianna, enquanto corria.

O jovem Jamie virou-se para Brianna, sorrindo.

– Ele é meu filho mais velho – disse. – E esta – fazendo um gesto para a jovem – é minha irmã Janet Murray. Janet, esta é a Srta. Brianna Fraser.

Brianna não sabia se deveria estender a mão ou não, e então se contentou em menear a cabeça e sorrir.

– Estou muito feliz em conhecer você – disse de modo caloroso.

Janet arregalou os olhos de surpresa; Brianna só não sabia se foi para o que ela havia dito ou para o sotaque com que havia falado.

O jovem Jamie sorriu ao ver a surpresa no rosto da irmã.

– Você nunca vai imaginar quem ela é, Jen – disse ele. – Nunca, nem em mil anos!

Janet ergueu uma sobrancelha e então estreitou os olhos para Brianna.

– Prima – murmurou, olhando para a convidada de cima a baixo. – Ela tem o jeito dos MacKenzie, com certeza. Mas você disse que ela é uma Fraser... – Seus olhos se arregalaram de repente. – Ah, não pode ser – disse ela a Brianna. Um largo sorriso começou a se abrir, indicando a semelhança familiar com seu irmão.
– *Não pode ser!*

A risada do irmão foi interrompida pelo abrir de uma porta de vaivém e pelo som de passos leves nas tábuas do corredor.

– Sim, Jamie? Mattie disse que temos uma convidada... – A voz suave desapareceu de repente, e Brianna olhou para a frente, com o coração aos pulos.

Jenny Murray era muito pequena – não passava de 1,50 metro – e tinha ossos delicados como os de um pardal. Estava olhando para Brianna, com a boca levemente aberta. Os olhos eram de um azul profundo, ainda mais destacados no rosto branco como papel.

– Minha nossa – disse ela baixinho. – Minha nossa. – Brianna sorriu, assentindo para sua tia, a amiga de sua mãe, a única irmã de seu pai. *Oh, por favor!*, ela pensou, tomada por uma ansiedade intensa e inesperada. *Por favor, goste de mim, por favor, fique feliz por eu estar aqui!*

O jovem Jamie fez uma reverência elaborada para a mãe, radiante.

– Mãe, me dê a honra de apresentar a você...

– Jamie Fraser! Eu sabia que ele tinha voltado... Eu disse a você, Jenny Murray!

A voz veio do fundo do corredor com um tom estridente de acusação. Olhando para a frente, assustada, Brianna viu uma mulher surgindo das sombras, indignada.

– Amyas Kettrick *me disse* que viu seu irmão cavalgando perto de Balriggan! Mas não, você não acreditou, não é, Jenny? Disse que sou uma tola, que Amyas está cego e que Jamie está na América! Mentirosos, vocês dois, você e Ian, tentando proteger o maldito covarde. Hobart! – gritou ela, virando-se para os fundos da casa. – Hobart! Venha aqui agora mesmo!

– Fique quieta! – disse Jenny sem paciência. – Você é uma tola, Laoghaire! – Ela segurou a manga da mulher, virando-a. – E, quanto a quem está cego, olhe para ela! Está tão mal assim para não saber mais a diferença entre um homem adulto e uma moça de calça, pelo amor de Deus? – Os olhos dela ficaram fixos em Brianna, brilhando de dúvida.

– Uma *moça*?

A outra mulher se virou, franzindo o cenho ao analisar Brianna de perto. Então piscou uma vez, menos irada, com o rosto tomado pela surpresa. Começou a se benzer.

– Minha nossa! Quem, em nome de Deus, é você?

Brianna respirou fundo, olhando de uma mulher para outra ao responder, tentando controlar a voz para que não tremesse.

– Meu nome é Brianna. Sou a filha de Jamie Fraser.

Os olhos das duas se arregalaram. A mulher chamada Laoghaire corou e pareceu inchar, abrindo e fechando a boca numa busca inútil por palavras.

Jenny, entretanto, deu um passo à frente e segurou as mãos de Brianna, olhando para seu rosto. Corou levemente, ficando com a aparência repentinamente jovem.

– De Jamie? Você é mesmo a menina de Jamie? – Ela apertou as mãos de Brianna.

– Minha mãe diz que sou.

Brianna percebeu a descontração na voz. As mãos de Jenny estavam frias, mas Brianna sentiu mesmo assim uma onda de calor, que se espalhou por suas mãos e subiu para o peito. Sentiu o cheiro suave e apimentado de massa nas roupas de Jenny, e de mais alguma coisa, mais terroso e pungente, e pensou que poderia ser o cheiro de lã de carneiro.

– Ela diz? – Laoghaire havia recuperado a voz e o autocontrole. Deu um passo à frente com os olhos semicerrados. – Então, Jamie Fraser é seu pai? E quem é sua mãe?

Brianna ficou tensa.

– A esposa dele – disse ela. – Quem mais?

Laoghaire jogou a cabeça para trás e riu. Não foi uma risada agradável.

– Quem mais? – perguntou ela, imitando. – Quem mais realmente, mocinha! E qual esposa seria?

Brianna sentiu o sangue sumir do seu rosto e as mãos ficaram tensas nas mãos de Jenny quando se deu conta. Sua idiota, ela pensou. Sua grande idiota. Faz vinte anos! É claro que ele teria se casado de novo. Claro. Por mais que amasse a mamãe.

Depois desse pensamento, veio outro, mais terrível. *Será que ela o encontrou? Ai, Deus, será que ela o encontrou com uma nova esposa e ele a mandou embora? Ai, meu Deus, onde ela está?*

Ela se virou sem olhar para nada, querendo correr, sem saber aonde ir, o que fazer, apenas sentindo que precisava sair dali de uma vez e encontrar a mãe.

– Você deve estar querendo se sentar, creio eu, prima. Vamos à sala, sim? – A voz do jovem Jamie soou firme em seu ouvido e ele a abraçou, levando-a pelo corredor por uma das portas que estavam abertas.

Ela mal ouvia as vozes ao seu redor, a confusão de explicações e acusações que apareceram como fogos de artifício. Viu um homem baixo com o rosto parecido com o do Coelho Branco, demonstrando-se muito surpreso, e outro homem, muito mais alto, que se levantou quando ela entrou na sala, caminhando na direção dela, com o rosto simples e envelhecido tomado pela preocupação.

Foi o homem alto quem acalmou a confusão e colocou todos em ordem, conseguindo, em meio ao tumulto, uma explicação acerca da presença dela.

– A filha de Jamie? – Ele olhou para ela com interesse, mas parecia muito menos surpreso do que qualquer um até então. – Qual é seu nome, *a leannan*?

– Brianna. – Estava chateada demais para sorrir para ele, mas ele não pareceu se importar.

– Brianna. – Ele se sentou em um banco estofado, fazendo um gesto para que ela se sentasse à sua frente, e ela viu que ele tinha uma perna de madeira que se estendia em um dos lados. Ele segurou a mão dela e sorriu, a luz afetuosa em seus olhos castanhos suaves fazendo com que ela se sentisse momentaneamente mais segura.

– Sou seu tio Ian, moça. Bem-vinda.

Ela apertou a mão dele sem querer, agarrando-se ao refúgio que ele parecia oferecer. Ele não titubeou nem puxou a mão, apenas olhou para ela com atenção, parecendo achar graça em suas roupas.

– Tem dormido ao relento, não? – perguntou ele ao ver as manchas de terra e plantas em suas roupas. – Deve ter percorrido uma boa distância para nos encontrar, sobrinha.

– Ela *diz* ser sua sobrinha – disse Laoghaire. Recuperada do choque, olhou por cima do ombro de Ian, o rosto tomado pela insatisfação. – Pode ser que ela só tenha vindo para ver o que pode conseguir.

– Você não deveria julgar as pessoas, Laoghaire – disse Ian com calma e se virou para olhar para ela. – Ou não eram você e Hobart que, há meia hora, tentavam arrancar quinhentas libras libras de mim?

Ela contraiu os lábios com força, aprofundando as linhas de expressão ao redor da boca.

– Aquele dinheiro é meu – disse ela –, e você sabe bem disso! Foi acordado; você viu o documento.

Ian suspirou; era evidente que não era a primeira vez que ele ouvia aquilo naquele dia.

– Vi – disse ele pacientemente. – E você terá seu dinheiro, assim que Jamie puder enviá-lo. Ele prometeu e é um homem honrado. Mas...

– Honrado, não é? – Laoghaire rosnou de modo nada feminino. – É honrado cometer bigamia, então? Abandonar sua esposa e seus filhos? Roubar minha filha e acabar com ela? Honrado! – Olhou para Brianna com os olhos brilhantes e frios como aço.

– Vou perguntar de novo, moça. Qual é o nome de sua mãe?

Brianna simplesmente olhou para ela, assustada. O tecido ao redor do seu pescoço a enforcava, e suas mãos estavam frias, apesar de Ian segurá-las.

– Sua mãe – repetiu Laoghaire, impaciente. – Quem era?

– Não importa quem... – começou Jenny, mas Laoghaire a interrompeu, com o rosto vermelho de raiva:

– Ah, importa, sim! Se ele a conheceu em um prostíbulo, ou se foi com alguma empregada quando ele estava na Inglaterra... é uma coisa. Mas se ela...

– Laoghaire!

– Irmã!

– Sua peste de língua frouxa!

Brianna interrompeu a situação apenas se levantando. Era alta como qualquer um dos homens, e mais alta do que as mulheres. Laoghaire depressa deu um passo para trás. Todo mundo na sala estava virado para ela, hostis, solidários ou simplesmente curiosos.

Com uma frieza que não sentia, Brianna levou a mão ao bolso de dentro do casaco, o bolso secreto que ela havia costurado na semana anterior. Parecia um século.

– O nome da minha mãe é Claire – disse ela, e colocou o colar na mesa.

Fez-se um forte silêncio na sala, exceto pelo silvo suave do fogo que queimava baixo. O colar de pérolas brilhava, o sol da primavera que entrava pela janela iluminando as arruelas de ouro decoradas, fazendo com que parecessem faíscas.

Foi Jenny quem falou primeiro. Movendo-se como uma sonâmbula, ela esticou um dedo magro e tocou uma das pérolas. Pérolas de água doce, daquelas chamadas barrocas devido às formas singulares, irregulares e inconfundíveis.

– Minha nossa – disse Jenny baixinho. Levantou a cabeça e olhou no rosto de Brianna, com os olhos azuis puxados brilhando com o que pareciam lágrimas. – Estou tão feliz em vê-la... sobrinha.

– Onde está minha mãe? Vocês sabem? – Brianna olhou em cada rosto, o coração batendo com força, ressoando em seus ouvidos. Laoghaire não estava olhando para ela; seu olhar estava fixo nas pérolas, o rosto frio e paralisado.

Jenny e Ian se entreolharam depressa e então Ian se levantou, movendo-se de modo desajeitado para dobrar a perna embaixo do corpo.

– Ela está com seu pai – disse ele baixinho, tocando o braço de Brianna. – Não se preocupe, moça. Os dois estão seguros.

Brianna resistiu à vontade de cair de alívio. Em vez disso, soltou o ar com muito cuidado, sentindo o nó de ansiedade se desfazer lentamente em sua barriga.

– Obrigada – disse. Tentou sorrir para Ian, mas seu rosto parecia flácido. *Seguros. E juntos. Ah, obrigada!*, pensou, em silenciosa gratidão.

– Elas são minhas, por direito. – Laoghaire meneou a cabeça em direção às pérolas. Não estava irritada, mas friamente controlada. Sem a distorção da fúria, Brianna podia ver que ela já tinha sido bela, e ainda continuava sendo uma mulher bonita – alta para uma escocesa e graciosa nos movimentos. Tinha a pele clara e delicada, e estava mais rechonchuda na região da barriga, mas o

corpo ainda era esguio e firme, e o rosto ainda ostentava o orgulho de uma mulher que sabe que é bonita.

– Não são! – disse Jenny, com uma reação de raiva. – Eram as joias da minha mãe, que meu pai deu a Jamie para a sua esposa e...

– E eu sou a esposa dele – interrompeu Laoghaire. Olhou para Brianna naquele momento, um olhar frio e crítico. – Sou a esposa dele – repetiu. – Eu me casei com ele em boa-fé, e ele me prometeu pagamento pelas coisas erradas que fez comigo. – Ela virou o olhar frio para Jenny. – Já faz mais de um ano que não vejo um centavo. Devo vender meus sapatos para alimentar minha filha, a que ele me deixou?

Ela ergueu o queixo e olhou para Brianna.

– Se você é filha dele, então as dívidas dele também são suas. Diga a ela, Hobart!

Hobart pareceu meio envergonhado.

– Ah, irmã – disse ele, pousando a mão em seu braço numa tentativa de acalmá-la. – Não acho...

– Não, não acha, e não acha desde que nasceu! – Ela o afastou, irritada, e estendeu a mão em direção às pérolas. – Elas são minhas!

Foi puro reflexo; Brianna pegou as pérolas com força antes mesmo de perceber. As arruelas douradas estavam frias contra sua pele, mas as pérolas eram quentes – o sinal de uma pérola verdadeira, sua mãe havia lhe dito.

– Espere só um minuto aqui. – A força e a frieza de sua voz a surpreenderam. – Não sei quem você é, e não sei o que aconteceu entre você e meu pai, mas...

– Sou Laoghaire MacKenzie, e seu maldito pai se casou comigo há quatro anos, com intenções falsas, devo acrescentar. – A raiva de Laoghaire não havia desaparecido; parecia ter subido à superfície: seu rosto mostrava uma expressão séria, tensa, mas ela não estava gritando, e o tom vermelho deixara seu rosto macio e redondo.

Brianna respirou fundo, buscando se acalmar.

– É mesmo? Mas se minha mãe está com meu pai agora...

– Ele me deixou.

As palavras foram ditas sem intensidade, mas caíram com o peso de pedras em água parada, espalhando ondas sem fim de dor e traição. O jovem Jamie estava abrindo a boca para falar, mas a fechou de novo, observando Laoghaire.

– Ele disse que não aguentava mais... morar na mesma casa comigo, dividir a cama comigo. – Ela falava com calma, como se recitasse uma parte que havia decorado, os olhos ainda fixos no ponto vazio onde as pérolas tinham estado. – Então ele foi embora. E depois voltou... com a bruxa. E a esfregou na minha cara; dormiu com ela embaixo do meu nariz. – Lentamente, ela olhou para Brianna, observando-a com intensidade, analisando os mistérios de seu rosto. Devagar, assentiu. – Foi ela – disse, com uma certeza que era levemente assustadora devido à calma. – Ela lançou seus feitiços nele desde o dia em que chegou a Leoch... e em mim. Ela me tornou invisível. Desde o dia em que chegou, ele não conseguia mais me ver.

Brianna sentiu um leve arrepio na espinha, apesar do silvo do fogo na lareira.

– E então ela se foi. Morreu, disseram. Morta na Revolta. E ele voltou para casa de novo, vindo da Inglaterra, livre, finalmente. – Ela balançou a cabeça muito lentamente; ainda estava olhando para o rosto de Brianna, mas ela sabia que Laoghaire não a via mais. – Mas não estava morta, de fato. E ele não estava livre. Eu sabia disso; sempre soube. Não se mata uma bruxa com aço... elas devem ser queimadas. – Os olhos claros de Laoghaire se viraram para Jenny. – Você a viu... no meu casamento. Sua presença ali, entre mim e ele. Você a viu, mas não me disse. Só soube depois, quando você contou a Maisri, a vidente. Você deveria ter me dito. – Não era tanto uma acusação, mas mais uma afirmação.

O rosto de Jenny havia empalidecido de novo, os olhos azuis puxados tomados por algo... talvez medo. Ela lambeu os lábios e começou a responder, mas a atenção de Laoghaire havia passado a lan.

– É melhor ficar atento, Ian Murray – disse ela, o tom sério. Ela fez um meneio de cabeça em direção a Brianna. – Olhe para ela. Uma mulher direita é assim? Mais alta do que a maioria dos

homens, vestida como homem, com as mãos grandes como pratos, prontas para tirar a vida de alguém, se quiser.

Ian não respondeu, apesar de parecer preocupado. O jovem Jamie cerrou os punhos e contraiu a mandíbula. Laoghaire viu e esboçou um leve sorriso.

– Ela é a filha de uma bruxa – disse. – E vocês sabem, todos vocês! – Ela olhou ao redor, desafiando cada rosto desconfortável. – Eles deveriam ter queimado sua mãe em Cranesmuir, pelo feitiço que colocou em Jamie Fraser. Sim, digo que você deve ficar atento ao que entra em sua casa!

Brianna bateu a mão na mesa com força, assustando todo mundo.

– Mentira – disse em voz alta. Consequia sentir o sangue subindo a seu rosto, e não se importou. Todos estavam boquiabertos, mas ela não tinha atenção a dar a ninguém além de Laoghaire MacKenzie. – Mentira – disse de novo, e apontou um dedo para a mulher. – Se eles têm que ter cuidado com alguém, é com você, sua assassina maldita!

A boca de Laoghaire estava mais aberta do que a de todos, mas nenhum som foi emitido.

– Você não contou a eles *tudo* sobre Cranesmuir, não é? Minha mãe deveria ter dito, mas não disse. Ela achava que você era jovem demais para saber o que estava fazendo. Mas não era, certo?

– O quê...? – perguntou Jenny em voz baixa.

O jovem Jamie olhou para o pai com desespero, e o homem parecia paralisado, olhando para Brianna.

– Ela tentou matar minha mãe. – Brianna estava tendo dificuldade para controlar a voz embargada e trêmula, mas conseguiu falar: – Tentou, não tentou? Disse a minha mãe que Geillis Duncan estava doente e chamando por ela. Você sabia que ela iria, ela sempre socorria os doentes, ela é médica! Você sabia que eles prenderiam Geillis Duncan por bruxaria, e, se minha mãe estivesse lá, eles também a levariam! Você pensou que eles a queimariam, e então poderia tê-lo... Jamie Fraser.

Os lábios de Laoghaire estavam brancos, e seu rosto, sério. Nem mesmo seus olhos tinham vida; estavam inexpressivos e paralisados, como bolinhas de gude.

– Podia sentir a mão dela nele – sussurrou ela. – Em nossa cama. Deitada ali entre nós, com a mão nele, de modo que ele se enrijecia e a chamava durante o sono. Ela *era* uma bruxa. Eu sempre soube.

A sala estava em silêncio, à exceção do silvo do fogo e do leve cantar de um pássaro pequeno do lado de fora da janela. Hobart MacKenzie se mexeu por fim, dando um passo à frente para segurar a irmã pelo braço.

– Venha, *a leannan* – disse baixinho. – Levarei você para casa agora. – Ele assentiu com a cabeça para Ian, que assentiu de volta, com um gesto leve que passava solidariedade e arrependimento.

Laoghaire deixou o irmão levá-la, sem resistir, mas na porta parou e se virou. Brianna estava parada; acreditava que não conseguiria se mexer se tentasse.

– Se você é a filha de Jamie Fraser – disse Laoghaire, a voz fria e clara –, e pode ser que seja, devido a sua aparência, saiba disso: seu pai é um mentiroso e um mulherengo, traiçoeiro e aproveitador. Espero que se entendam. – Ela cedeu à pressão de Hobart, que a puxava pela manga, e a porta se fechou em seguida.

A ira que havia tomado conta de Brianna desapareceu de repente e ela se inclinou para a frente, apoiando o peso nas palmas das mãos, o colar duro sob sua mão. Seus cabelos tinham se soltado, e uma mecha grossa caiu sobre seu rosto.

Seus olhos estavam fechados devido à tontura que ameaçava tomar conta dela; sentiu, mas não viu, a mão que a tocava e delicadamente afastava as mechas de seu rosto.

– Ele continuou a amá-la – sussurrou ela, mais para si do que para os outros. – Ele não a esqueceu.

– É claro que ele não a esqueceu. – Ela abriu os olhos e viu o rosto triste de Ian, os olhos castanhos e gentis a 15 centímetros de seu rosto. Sua mão larga, ainda maior que a dela, e com marcas de trabalho estava sobre a de Brianna, quente e firme. – Nem nós.

– Quer mais um pouco, prima Brianna? – Joan, a esposa do jovem Jamie, sorriu do outro lado da mesa, com a colher parada de modo convidativo acima dos restos de uma torta enorme de groselha.

– Obrigada, não. Não conseguiria comer mais nada – disse Brianna, sorrindo. – Estou estufada!

Isso fez Matthew e seu irmãozinho Henry rirem alto, mas um olhar sério da avó fez com que eles se calassem na hora. Olhando ao redor, Brianna viu que todos seguravam o riso; desde os adultos às crianças, todos pareciam considerar seu comentário incrivelmente engraçado.

Não era devido a suas roupas nada ortodoxas nem à novidade de estarem vendo uma estranha, ela pensou, ainda que fosse uma estranha mais estranha do que se esperava. Havia algo mais: uma corrente de alegria que corria entre os membros da família, invisível, mas viva como a eletricidade.

Ela percebeu o que era lentamente; um comentário de Ian deixou claro:

– Nós pensávamos que Jamie nunca teria um filho. – O sorriso de Ian do outro lado da mesa foi caloroso o bastante para derreter gelo. – Mas você nunca o viu?

Ela balançou a cabeça, engolindo os restos da comida, sorrindo de volta apesar de estar com a boca cheia. Era isso, ela pensou; eles estavam felizes com ela nem tanto por ela, mas por Jamie. Eles o amavam e estavam felizes não só por eles mesmos, mas também por ele.

Perceber isso fez com que ela se emocionasse. As acusações de Laoghaire a haviam abalado, por serem fortes, e era um grande consolo perceber que, para todas aquelas pessoas que o conheciam bem, Jamie não era mentiroso nem mau; era, na verdade, o homem que sua mãe pensava que ele era.

Pensando que a emoção era um engasgo, o jovem Jamie deu um tapa em suas costas para ajudar, fazendo com que então engasgasse de vez.

– Você escreveu ao tio Jamie, então, para dizer que viria para cá? – perguntou ele, ignorando sua tosse e o rosto vermelho.

– Não – disse ela, rouca. – Não sei onde ele está.

Jenny ergueu as sobrancelhas.

– Sim, você disse isso. Eu tinha esquecido.

– Você sabe onde ele está agora? Ele e minha mãe? – perguntou Brianna com ansiedade, afastando as migalhas do jabô.

Jenny sorriu e se levantou da mesa.

– Sim, eu sei, mais ou menos. Se já comeu, pode vir comigo. Vou pegar a última carta que ele enviou.

Brianna se levantou para seguir Jenny, mas parou abruptamente à porta. Vagamente, notara alguns quadros na parede da sala mais cedo, mas não os havia observado com calma, na pressa da emoção e dos acontecimentos. Mas parou para olhar aquele.

Dois menininhos com cabelos vermelhos, em postura ereta, com kilts e jaquetas, camisas brancas com babados aparecendo contra o pelo escuro de um cachorro que estava ao lado deles, com a língua de fora, entediado, porém paciente.

O menino mais velho era alto e tinha traços finos; estava sentado com a coluna reta e ar de orgulho, o queixo erguido, uma das mãos na cabeça do cachorro e a outra de forma protetora no ombro do irmão caçula, que estava entre seus joelhos.

Brianna olhou para o menino mais jovem. Seu rosto era redondo e tinha o nariz empinado, as faces claras e coradas como maçãs. Olhos azuis grandes, levemente puxados, olhavam por baixo de cabelos claros e penteados de um modo asseado nada natural. A pose era formal, o estilo clássico do século XVIII, mas havia algo na figura atarracada e robusta que fez Brianna sorrir e estender o braço para tocar seu rosto.

– Você é lindo – disse delicadamente.

– Jamie foi um garotinho lindo, mas teimoso. – A voz de Jenny a seu lado a assustou. – Castigo ou surra, não fazia diferença; quando decidia fazer alguma coisa, estava decidido. Venha comigo; tem outra foto que você vai gostar de ver, acredito.

O segundo porta-retratos estava no intervalo entre os lances da escada, parecendo totalmente fora de lugar. Por baixo, ela conseguia ver a moldura dourada e decorada, os entalhes em conflito com o conforto rústico proporcionado pelas outras decorações da casa. Fez com que ela se lembrasse dos quadros de museus; aquele ambiente simples parecia incongruente.

Enquanto seguia Jenny, a luz que vinha da janela desapareceu, deixando a superfície do quadro simples e clara à sua frente.

Ela se assustou e sentiu os pelos dos seus braços se arrepiarem por baixo do linho da camisa.

– É formidável, não? – Jenny olhou para o quadro, depois para Brianna e para o quadro de novo, seus traços marcados por algo entre orgulho e admiração.

– Formidável! – concordou Brianna, engolindo em seco.

– Veja por que logo reconhecemos você – continuou a tia, pousando uma mão carinhosa na moldura entalhada.

– Sim. Sim, consigo perceber.

– Esta é minha mãe. Sua avó, Ellen MacKenzie.

– Sim – disse Brianna. – Eu sei. – A poeira sob seus pés subia preguiçosamente em direção à luz da tarde que vinha da janela. Brianna teve a impressão de que girava com ela, não mais ligada à realidade.

Duzentos anos à frente, ela tinha – *Eu vou?*, pensou – parado à frente daquele quadro na Galeria Nacional, furiosamente negando a verdade que ele mostrava.

Ellen MacKenzie olhava para ela agora como fizera antes: majestosa, o pescoço comprido, os olhos puxados mostrando um senso de humor que não era expressado pela boca suave. Não era uma imagem como um reflexo; a testa de Ellen era alta, mais estreita que a de Brianna, e o queixo era redondo, não pontudo, o rosto todo mais suave e com traços menos pronunciados.

Mas a semelhança existia, e forte o bastante para assustar; as maçãs grandes e os cabelos ruivos eram os mesmos. Ao redor de seu pescoço, havia pérolas, arruelas douradas brilhando sob o sol suave da primavera.

– Quem o pintou? – perguntou Brianna finalmente, mas não precisava ouvir a resposta. A etiqueta ao lado do quadro no museu havia indicado o artista como “Desconhecido”. Mas, depois de ver o quadro dos dois meninos, Brianna soube. Aquele quadro indicava menos habilidade, um esforço mais antigo... mas a mesma mão havia pintado os cabelos e a pele.

– Minha mãe – Jenny estava dizendo, a voz tomada pelo orgulho. – Ela tinha a mão ótima para desenhar e pintar. Muitas vezes, desejei ter esse talento.

Brianna sentiu os dedos se arquearem inconscientemente, a ilusão de um pincel entre eles momentaneamente, tão vívida que ela podia jurar ter sentido a madeira lisa.

Foi daí, ela pensou, sentindo um leve arrepio, e ouviu um clique baixo de reconhecimento quando um pedaço do seu passado se encaixou. *Foi daí que veio minha habilidade.*

Frank Randall dissera, de modo brincalhão, ser incapaz de traçar uma linha reta; Claire dizia que não desenhava nada. Mas Brianna tinha o talento da linha e da curva, da luz e da sombra – e, agora, tinha a fonte do talento também.

O que mais?, pensou de repente. O que mais ela tinha que já havia sido da mulher no quadro, do menino com a cabeça inclinada, em teimosia?

– Ned Gowan trouxe isto para mim de Leoch – disse Jenny, tocando a moldura com reverência. – Ele o salvou quando os ingleses invadiram o castelo, depois da Revolta. – Ela sorriu discretamente. – Ned é muito bom com famílias. Ele é de Edimburgo, sem parentes, mas assumiu os MacKenzies como seu clã, mesmo agora que o clã não existe mais.

– Não mais? – perguntou Brianna. – Todos morreram? – O horror em sua voz fez Jenny olhar para ela, surpresa.

– Ah, não, não quis dizer isso, moça. Mas Leoch se foi – acrescentou ela em tom mais suave. – E os últimos líderes se foram, Colum e seu irmão Dougal... eles morreram pelos Stuarts.

Ela sabia disso, claro; Claire havia contado. O surpreendente foi o surgimento de uma sensação de pesar inesperada; compaixão pelos desconhecidos de sua família recém-descoberta. Com esforço, ela engoliu o nó na garganta e se virou para acompanhar Jenny escada acima.

– Leoch era um grande castelo? – perguntou ela. A tia fez uma pausa, com a mão na balaustrada.

– Não sei – disse ela. Jenny olhou para o quadro de Ellen com algo parecido com arrependimento nos olhos. – Nunca o vi. E agora não existe mais.

Entrar no quarto do segundo andar era como entrar em uma caverna subaquática. O cômodo era pequeno, assim como todos os outros, com vigas baixas enegrecidas por anos de fogueiras, mas as paredes eram claras e brancas, e a sala em si era tomada por plantas e pela luz que entrava por duas janelas grandes, filtrada pelas folhas da roseira-brava, que balançava ao vento.

Em alguns pontos, algo claro piscava e brilhava como um coral de peixes na escuridão. Uma boneca pintada sobre um tapete, abandonada por uma criança, um cesto chinês com uma moeda presa à tampa para decorá-lo, um candelabro de latão sobre a mesa, um pequeno quadro na parede, cores intensas contra a parede clara.

Jenny se dirigiu a um grande armário que ficava no canto do quarto e ficou na ponta dos pés para pegar uma grande caixa encapada de marroquim, os cantos desgastados pelo tempo. Ao reposicionar a tampa, Brianna viu o brilho do metal e outro leve brilho, como o da luz do sol em joias.

– Aqui está. – Jenny pegou um pedaço de papel grosso, dobrado e sujo, que aparentava ter viajado muito e sido muito lido, e o colocou na mão de Brianna. Tinha sido selado; uma mancha de cera ainda estava na ponta de uma das folhas. – Eles estão na colônia da Carolina do Norte, mas não vivem perto de nenhuma cidade. Jamie escreve um pouco à noite, quando pode, e guarda tudo consigo até ele ou Fergus poderem ir a Cross Creek, ou até um viajante passar, alguém que possa levar a carta. Isso é bom para ele, pois não tem facilidade para escrever, principalmente desde que quebrou a mão, há algum tempo.

Brianna se sobressaltou ao saber da referência casual, mas o rosto calmo da tia não dava sinais de preocupação.

– Sente-se, moça. – Ela balançou a mão, dando a Brianna a opção de se sentar no banquinho ou na cama.

– Obrigada – murmurou Brianna, escolhendo o banquinho. Então talvez Jenny não soubesse tudo a respeito de Jamie e de Black Jack Randall? A ideia de que ela pudesse saber coisas a respeito desse homem que nem mesmo sua querida irmã conhecia era meio desconcertante, de certo modo. Para afastar o pensamento, ela abriu a carta depressa.

As palavras rabiscadas apareceram para ela, pretas e vívidas. Ela já tinha visto aquela caligrafia, as letras difíceis e amontoadas, com as caudas compridas, mas que estavam em um documento de duzentos anos, com a tinta marrom e apagada, a letra contida por cuidado e formalidade. Aqui, ele havia se sentido à vontade – as letras se estendiam pela página de modo interrompido, as linhas meio inclinadas nas pontas. Era confuso, mas compreensível, apesar de tudo.

Cordilheira dos Frasers, segunda-feira, 19 de setembro

Minha querida Jenny,

Tudo aqui está bem, estamos bem de saúde e de ânimo, e espero que esta carta seja lida num momento em que todos de sua casa estejam igualmente bem.

Seu filho envia lembranças carinhosas, e pede para não ser esquecido por seu pai, seus irmãos e irmãs. Pede a você que entregue a Matthew e a Henry o objeto que envio aqui, que é um crânio preservado de um animal chamado porco-espinho devido a seus espinhos (mas não é nada parecido com o animal rasteiro que vocês conhecem por esse nome; é muito maior no tamanho e vive no topo das árvores, onde se alimenta de frutas macias). Diga a Matthew e a Henry que não sei por que os dentes estão alaranjados. Sem dúvida, o animal os decorou.

Também envio um pequeno presente para você; a estampa é resultado do uso dos espinhos desse mesmo porco-espinho, que os índios tingem com os sumos de várias plantas antes de tecê-los do modo engenhoso que está vendo.

Claire ultimamente tem se interessado muito na conversa – se é que o termo pode ser usado no sentido de comunicação, já que se limita principalmente a gestos e caretas (ela insistiu para que eu acrescentasse aqui que não faz caretas, e eu respondi que estou numa situação melhor para julgar o caso, porque consigo ver as caretas em

questão, e ela não) –, na conversa com uma senhora índia, muito estimada nesta região como curandeira, que tem dado a ela muitas das plantas que mencionei. Por isso, os dedos dela estavam roxos no momento, o que eu acho muito decorativo.

Terça-feira, 20 de setembro

Andei muito ocupado hoje consertando e fortalecendo o cercado onde mantemos nossas poucas vacas, porcos etc. à noite, para protegê-los dos ataques dos ursos, que são numerosos aqui. Ao caminhar para o banheiro hoje cedo, vi uma pegada grande na lama, que tinha o tamanho do meu pé. Os animais ficaram nervosos e alterados, e compreendo o porquê.

Mas peço que não se assuste nem se preocupe conosco. Os ursos-negros desta região têm medo dos humanos e detestam se aproximar de um único homem que seja. Além disso, nossa casa foi construída com reforços, e eu já proibi Ian de sair quando escurece, exceto se estiver bem armado.

Em relação às armas, nossa situação está bem melhor. Fergus trouxe um belo rifle do novo tipo e várias facas excelentes.

Também temos um caldeirão grande, cuja aquisição comemoramos com uma grande quantidade de ensopado delicioso, feito com carne de veado, cebolas selvagens da mata, feijões secos e também com alguns tomates secos pelo verão. Nenhum de nós morreu nem sofreu consequências ruins depois de comermos esse ensopado, então Claire provavelmente tem razão, os tomates não são venenosos.

Quarta-feira, 21 de setembro

O urso veio de novo. Encontrei pegadas e grandes marcas de arranhões no chão recém-rastelado do jardim de Claire hoje. A fera deve estar faminta, se preparando para a hibernação no inverno, e sem dúvida procura comida na terra.

Coloquei a porca dentro da nossa despensa, já que ela está prestes a dar à luz. Nem Claire nem a porca gostaram muito dessa solução, mas o animal é valioso, paguei três libras ao Sr. Quillan.

Quatro índios vieram hoje. Eles são da tribo dos Tuscaroras. Encontrei esses homens em várias ocasiões, e os considere bastante amigáveis.

Os selvagens expressaram vontade de caçar nosso urso, e dei a eles de presente um pouco de tabaco e também uma faca, com os quais eles pareceram satisfeitos.

Eles se sentaram sob o beiral da casa durante a maior parte da manhã, fumando e conversando, mas então, perto do meio-dia, partiram para caçar. Perguntei se, já que o urso gostava de nossa companhia, não seria melhor que os caçadores ficassem escondidos ali perto, na esperança de que o animal voltasse.

Fui informado – com a condescendência mais gentil possível por meio de palavras e sinais – de que a aparência das fezes do animal indicava, sem dúvida, que ele havia partido dali, vagando em direção ao oeste.

Sem pretender participar da ação com esses praticantes experientes, desejei-lhes boa sorte e me despedi com cordialidade. Não pude acompanhá-los, pois tinha assuntos urgentes para tratar aqui, mas Ian e Rollo foram com eles, como já fizeram antes.

Carreguei meu novo rifle e o deixei pronto para ser usado, para o caso de meus amigos estarem errados em relação às intenções do urso.

Quinta-feira, 22 de setembro

Acordei a noite passada com um som horroroso. Era um grande arranhão, que reverberou pelas madeiras da parede, acompanhado por batidas e gritos, e me levantei da cama convencido de que a casa ruiria sobre nossas cabeças.

A porca, observando a proximidade de um inimigo, correu pela porta da despensa (que eu digo que foi feita sem muito reforço) e se abrigou embaixo de nossa cama, guinchando de um modo que quase nos ensurdeceu. Percebendo que o urso estava próximo, peguei meu rifle e corri para fora.

Era uma noite de lua cheia, mas estava nublado, e eu vi com clareza meu adversário, uma figura grande e preta que, de pé, parecia tão alta quanto eu e (para meus olhos ansiosos) cerca de três vezes tão largo, não muito longe de mim.

Atirei nele e ele se abaixou e saiu correndo à toda em direção ao abrigo da mata mais próxima, desaparecendo antes que eu pudesse atirar mais.

Quando amanheceu, procurei por sinais de sangue e não achei nada, então não sei se meu tiro encontrou seu alvo. A lateral da casa está decorada com vários arranhões compridos, como se tivessem sido feitos com canivetes, mostrando o branco da madeira.

Desde então, tivemos dificuldades em convencer a porca (ela é uma Branca de Neve, de bom tamanho, teimosa e tem muitos dentes) a sair de nossa cama e voltar a seu santuário na despensa. Ela relutou, mas foi convencida pela combinação de uma trilha de milho à sua frente e eu atrás dela, armado com uma vassoura.

Segunda-feira, 26 de setembro

Ian e seus Companheiros Vermelhos voltaram, já que a presa escapou deles na mata. Eu lhes mostrei os arranhões na lateral da casa e eles ficaram animados e

começaram a conversar entre si numa velocidade que não consegui acompanhar.

Então um dos homens tirou um dente grande de seu colar e o deu a mim com grande cerimônia, dizendo que serviria para me identificar com o espírito do urso e assim, me proteger do mal. Aceitei a oferta com solenidade e fui obrigado a dar a ele um pedaço de favo de mel em troca, como era adequado.

Claire foi chamada para trazer o favo de mel e, com o olhar que tem para assuntos desse tipo, percebeu que um de nossos convidados não estava bem, tinha os olhos pesados, tossia e estava com uma aparência péssima. Claire disse que ele também estava com febre, mas não era perceptível quando olhávamos para ele. Ele estava mal demais para continuar com seus Companheiros, então o deitamos em uma cama improvisada no galpão de grãos.

A porca deu à luz sem parar na despensa. Há uma dúzia de porquinhos, todos saudáveis e com um apetite muito voraz, que Deus abençoe. Mas nosso apetite tem sofrido no momento, pois a porca ataca todo mundo que abre a porta da despensa, rosnando e mostrando os dentes com raiva. Recebi um ovo no jantar e fui informado de que posso não comer mais nada enquanto não encontrar uma solução para essa dificuldade.

Sábado, 1º de outubro

Uma grande surpresa hoje. Dois convidados chegaram...

– É um lugar selvagem.

Brianna olhou para a frente, assustada. Jenny indicava a carta com a cabeça, os olhos fixos na moça.

– Selvagens, ursos, porcos-espinho e coisas assim. É em uma cabana pequena que eles vivem, Jamie me contou. E sozinhos, no alto das montanhas. Muito selvagem, com certeza. – Ela olhou para Brianna com certa ansiedade. – Mas você ainda quer ir?

De repente, Brianna percebeu que Jenny temia que ela não quisesse mais, que ficasse com medo de pensar na longa viagem e no local selvagem que encontraria. Um local selvagem que se tornava real nas palavras escuras na folha que segurava, mas não tão real quanto o homem que as havia escrito.

– Eu vou – garantiu à tia. – Assim que puder.

Jenny ficou mais tranquila.

– Ah, que bom – disse ela. Estendeu a mão, mostrando a Brianna um pequeno saco de couro decorado com uma peça feita com espinhos de porco-espinho, manchada em tons de vermelho e preto, com alguns espinhos aqui e ali com a cor natural acinzentada em contraste.

– Este é o presente que ele enviou para mim.

Brianna o pegou, admirando a complexidade do objeto e a maciez da pele clara de veado.

– Que bonito.

– Sim, bem bonito. – Jenny se virou, ocupando-se com organizar desnecessariamente os pequenos ornamentos que estavam na estante. Brianna havia acabado de olhar novamente para a carta quando Jenny começou a falar de repente:

– Vai ficar um pouco?

Brianna olhou para a mulher, surpresa.

– Ficar?

– Um dia ou dois. – Jenny se virou, a luz vinda da janela formando uma auréola clara atrás dela e escurecendo seu rosto. – Sei que você vai querer partir. Mas gostaria muito de conversar com você um pouco.

Brianna a observou, confusa, mas não conseguiu distinguir nada nos traços simples e pálidos e nos olhos puxados, parecidos com os seus.

– Sim – disse ela lentamente. – Claro que posso ficar.

Jenny esboçou um sorriso. Seus cabelos eram de um preto profundo, manchados de branco como uma pega-rabuda.

– Que bom – disse ela com delicadeza. O sorriso se abriu lentamente quando olhou para a sobrinha. – Minha nossa, você é igual ao meu irmão!

Sozinha, Brianna voltou à carta, relendo o começo devagar, deixando o quarto silencioso ao seu redor desaparecer à medida que Jamie Fraser ganhava vida em suas mãos, sua voz vívida em sua mente a ponto de ser como se ele estivesse diante dela, com o sol da janela fazendo seus cabelos ruivos brilharem.

Sábado, 1º de outubro

Uma grande surpresa hoje. Dois convidados chegaram de Cross Creek. Você deve se lembrar, creio eu, de quando lhe contei sobre lorde John Grey, que conheci em Ardsmuir. Não contei que eu o tinha visto desde então, na Jamaica, onde ele era governador da Coroa.

Talvez ele seja a última pessoa que alguém poderia esperar encontrar neste lugar remoto, tão afastado de todos os vestígios de civilização, muito menos com aqueles escritórios luxuosos e armadilhas pomposas com as quais ele está acostumado. Certamente ficamos muito espantados quando ele apareceu à nossa porta, mas o recebemos muito bem.

Infelizmente, um acontecimento triste o trouxe até aqui. A esposa dele, que havia partido da Inglaterra com o filho, contraiu uma febre na viagem e morreu ainda no mar. Temendo que os miasmas dos trópicos fossem tão fatais para o garoto quanto para sua mãe, lorde John decidiu que o filho fosse para a Virgínia, onde a família de lorde John tem muitas propriedades, determinado a acompanhá-lo até lá, uma vez que o rapazinho estava muito arrasado com a perda da mãe.

Eu expressei surpresa e também gratidão por eles terem feito tamanho desvio na rota, necessário para que chegassem a este ponto distante, mas o lorde disse que não é nada, que queria que o garoto visse algo das colônias diferentes, para apreciar a riqueza e variedade desta terra. O rapaz quer muito encontrar os índios, o que me faz lembrar de Ian, não muito tempo atrás.

Ele é um rapazinho gracioso, alto e bem formado para sua idade, que eu acredito ser de 12 anos. Ainda está um pouco tomado de melancolia pela morte da mãe, mas sabe conversar e se comporta bem, afinal ele é um conde (lorde John é o padraсто dele, creio; seu pai é o conde de Ellesmere). Ele se chama William.

Brianna virou a página, esperando ver a continuação, mas o trecho se interrompia abruptamente. Houve um intervalo de vários dias até a carta ser retomada, no dia 4 de outubro.

Terça-feira, 4 de outubro

O índio do galpão de grãos morreu hoje cedo, apesar dos grandes esforços de Claire para salvá-lo. O rosto, o tronco e os membros estavam tomados por manchas vermelhas assustadoras, que lhe davam uma aparência aterrorizante.

Claire acredita que ele tenha sido acometido pelo sarampo, e está muito preocupada, pois é uma doença forte, contagiosa e fácil de se espalhar. Ela não permitiu que ninguém se aproximasse do corpo além dela mesma – diz que está a salvo do sarampo em decorrência de algum feitiço –, mas todos nós nos reunimos perto do meio-dia e eu li uma passagem adequada da Escritura, e fizemos uma oração de repouso pela alma dele – e eu acredito que até mesmo selvagens não batizados podem encontrar descanso na misericórdia de Deus.

Estamos em dúvida a respeito de como proceder com os restos mortais dessa pobre alma. Normalmente, eu mandaria Ian chamar seus amigos, para que eles dessem ao homem um enterro que fosse adequado entre os índios.

Mas Claire diz que não devemos fazer isso, pois o cadáver pode espalhar a doença entre o povo indígena, um desastre que ele não gostaria que ocorresse a seus amigos. Ela acha que nós mesmos devemos enterrar ou incinerar o corpo, mas estou relutante em tomar essa atitude, pois ela pode ser mal interpretada pelos

companheiros do homem – receio que eles pensem, com isso, que procuramos um modo de esconder algo de sua morte.

Não disse nada a esse respeito aos nossos hóspedes. Se o perigo parecer iminente, vou mandá-los embora, mas detestaria abrir mão da companhia deles, pois nossa situação é de grande isolamento. Por enquanto, deixamos o corpo em uma pequena caverna protegida num monte, onde pensava construir um estábulo ou depósito.

Peço perdão por fazer este desabafo à custa de sua paz. Acredito que tudo ficará bem no fim, mas, por enquanto, confesso que me preocupo. Se o perigo – dos índios ou da doença – parecer nos ameaçar, enviarei esta carta por nossos hóspedes, e assim ela certamente chegará a você.

Se tudo ficar bem, escreverei em breve para contar.

Seu amado irmão,

Jamie Fraser

Brianna sentiu a boca seca ao engolir, forçando a saliva. Ainda havia duas folhas de carta; ficaram unidas por um momento, teimosamente resistindo aos esforços dela para separá-las, mas cederam.

Post-scriptum, 20 de outubro

Estamos todos seguros, apesar de muito melancólicos; contarei depois, pois não me sinto disposto agora.

Ian pegou sarampo, assim como lorde John, mas os dois se recuperaram, e Claire me pede para dizer que Ian está muito bem, não precisam temer por ele. Ele mesmo escreve, para que vocês saibam que é verdade.

- J.

Na última página, havia uma caligrafia diferente, constante e muito arredondada, apesar de haver alguns borrões aqui e ali, talvez o resultado da doença de quem escrevia ou de uma caneta com problema.

Querida mãe,

Estive doente, mas estou bem de novo. Tive febre e sonhos estranhos. Havia um grande lobo que vinha até mim e falava com voz de homem, mas tia Claire diz que devia ser Rollo, que ficou ao meu lado o tempo todo em que estive doente. Ele é um ótimo cachorro e não morde com frequência.

O sarampo apareceu em pequenas manchas na minha pele, e coçava demais. Era como se eu tivesse me sentado em um formigueiro ou me enfiado em um enxame de vespas. Minha cabeça parecia duas vezes maior e eu espirrava sem parar.

Comi três ovos no café da manhã hoje, e mingau, e fui sozinho ao banheiro duas vezes, então estou bem, mas pensei que a doença havia me deixado cego, pois eu não conseguia ver nada além de uma confusão de luz quando fui lá fora, mas a tia disse que isso melhoraria, e melhorou.

Vou escrever mais depois – Fergus está esperando para levar a carta.

*Seu filho obediente e dedicado,
Ian Murray*

P.S.: O crânio de porco-espinho é para Henry e Mattie, espero que eles gostem.

Brianna se sentou no banco por algum tempo, a parede branca e fria em suas costas, alisando as páginas da carta e olhando distraidamente para a estante, com a fileira de livros com capa de tecido e couro. *Robinson Crusoé* foi o que ela pegou, e o título se destacava com letras douradas na lombada.

Um local selvagem, Jenn dissera. Um lugar perigoso também, onde a vida podia mudar num segundo, passando de uma dificuldade divertida de se ter uma porca na despensa para a ameaça instantânea de morte por violência.

– E eu achava que isso era primitivo – murmurou ela, olhando para o fogo.

Não tão primitivo, afinal, ela pensou enquanto seguia Ian pelo quintal e pelas construções. Tudo era bem arrumado e organizado;

as paredes e as construções de pedra estavam em boas condições, ainda que meio surradas. As galinhas estavam protegidas em seu espaço, e uma nuvem de moscas atrás do celeiro anunciava a presença de um fosso discreto de esterco, bem longe da casa.

A única diferença real entre essa fazenda e as modernas que ela tinha visto era a ausência de equipamentos enferrujados; havia uma pá encostada no celeiro e dois ou três arados em um casebre pelo qual passaram, mas não havia trator nem fios de metal ou peças espalhadas.

Os animais também eram saudáveis, ainda que um pouco menores do que seus semelhantes modernos. Um “Baáá!” alto anunciava a presença, em um pasto na encosta do monte, de um pequeno rebanho de carneiros, que trotou animado em direção à cerca quando eles passaram, com as costas lanosas sacudindo e os olhos amarelos brilhando de ansiedade.

– Canalhas mimados – disse Ian, mas com um sorriso. – Acha que quem vem aqui é para alimentar vocês, não? São da minha esposa – disse ele, virando-se para Brianna. – Ela dá a eles tudo o que tem na horta, até quase explodirem.

O carneiro, uma majestosa criatura com grandes chifres enrolados, esticou a cabeça por cima da cerca e emitiu um imperioso “Bééé!” que foi imediatamente repetido por seu rebanho fiel.

– Saia, Hughie – disse Ian, com um desdém divertido. – Você ainda não virou ensopado, mas um dia será, certo? – Ele fez um gesto para o animal e se virou para o monte, com o kilt balançando.

Brianna estava um passo atrás, observando o avanço dele, fascinada. Ian usava o kilt com um ar diferente de tudo o que ela já tinha visto; não era uma fantasia, nem um uniforme – era algo consciente, mas mais como se fizesse parte do corpo dele, e não uma peça de roupa.

Apesar disso, ela sabia que ele não usava o kilt com frequência; Jenny arregalara os olhos quando ele descera para o café da manhã; em seguida, abaixara a cabeça, escondendo um sorriso atrás da xícara. O jovem Jamie erguera uma sobancelha escura para o pai, recebera um olhar de censura e sentara-se para comer a

linguiça com um leve encolher de ombros e um daqueles sons comuns emitidos pelos homens escoceses.

O tartã era antigo – ela percebeu que estava mais desbotado nas dobras e barras –, mas bem cuidado. Tinha sido guardado depois da Batalha de Culloden, juntamente com as pistolas e as espadas, as gaitas e as músicas – todos os símbolos conquistados com orgulho.

Não, não exatamente conquistados, ela pensou, com uma leve pontada no coração. Ela se lembrou de Roger Wakefield, agachado ao lado dela sob o céu nublado no campo de batalha em Culloden, o rosto magro e escuro, os olhos conscientes dos mortos próximos dali.

– Os escoceses têm boa memória – dissera ele –, e não são o tipo de pessoas que sabem perdoar. Há uma rocha de clã por aí com o nome dos MacKenzie entalhado, e muitos dos meus parentes debaixo dela. – Ele sorria, mas não com descontração. – Não me sinto tão ligado a isso como algumas pessoas, mas também não esqueci.

Não, não conquistados. Não em mil anos de luta e traição, e não agora. Derrotados, espalhados, mas ainda sobrevivendo. Como Ian, mutilados, mas de pé. Como seu pai, exilado, mas ainda um habitante das Terras Altas.

Com esforço, ela tirou Roger da mente e correu para acompanhar os passos rápidos de Ian.

Seu rosto magro havia se iluminado de prazer quando ela pediu a ele que mostrasse Lallybroch. O combinado era que o jovem Jamie a levaria a Inverness em uma semana, para que embarcasse com segurança em um navio para as colônias, e ela pretendia usar seu tempo ali da melhor maneira.

Caminharam num bom ritmo, apesar da perna de Ian, pelos campos em direção aos pequenos montes que cercavam o vale ao norte, subindo em direção ao desfiladeiro pelos penhascos escuros. Era um lugar bonito, ela pensou. Os campos de um verde pálido de aveia e cevada eram tomados pela luz que se alterava, sombras

causadas pelas nuvens movimentando-se sob o sol da primavera, levadas pela brisa que dobrava os fios da grama nova.

Um campo se estendia por serranias escuras, a terra sem vegetação. Na lateral do campo, havia um monte grande de pedras, muito bem empilhadas.

– É um dólmén? – perguntou ela a Ian, com a voz mais baixa em sinal de respeito. Dolmens eram memoriais aos mortos, sua mãe havia lhe dito – às vezes, aos mortos há longa data –, com novas rochas acrescentadas ao monte a cada novo visitante.

Ele olhou para ela com surpresa, virando-se para a direção para onde ela olhava, e sorriu.

– Ah, não, moça. São as pedras que viramos com o arado na primavera. Todos os anos, nós as tiramos, e todos os anos novas aparecem. Não faço ideia de onde elas vêm – acrescentou ele, balançando a cabeça em resignação. – Fadas das rochas vêm e as espalham à noite, acredito.

Ela não entendeu se aquilo era uma piada ou não. Sem saber se deveria rir, decidiu fazer uma pergunta:

– O que você vai plantar aqui?

– Ah, já está plantado. – Ian protegeu os olhos, semicerrando-os ao longo do campo comprido com orgulho. – Este é o campo de batatas. As novas vinhas aparecerão até o fim do mês.

– Ah... batatas! – Ela olhou para o campo com interesse renovado. – Minha mãe me contou sobre elas.

– Sim, foi ideia de Claire, e muito boa. Mais de uma vez, as batatas impediram que passássemos fome. – Ele sorriu brevemente, mas não disse mais nada e seguiu adiante em direção aos montes além dos campos.

Foi uma caminhada longa. O dia estava arejado, mas quente, e Brianna suave quando finalmente pararam no meio de uma trilha acidentada entre as urzes. A passagem estreita parecia estar perigosamente entre uma encosta íngreme e uma descida ainda mais íngreme por uma face rochosa para dentro de um pequeno riacho.

Ian parou, secando a testa com a manga da blusa, e fez um gesto para que ela se sentasse em meio às rochas de granito. Dali, o vale se estendia abaixo deles, a casa parecia pequena e

incongruente, os campos, uma leve intrusão da civilização na mata selvagem ao redor.

Ele pegou uma garrafa de pedra de dentro do saco que carregava e tirou a rosca com os dentes.

– Isto foi obra da sua mãe também – disse ele com um sorriso, entregando a garrafa a ela. – E eu consegui manter os dentes. – Passou a ponta da língua nos dentes da frente, balançando a cabeça. – Sua mãe era boa para comer ervas, mas quem reclama, não é? Metade dos homens da minha idade não come nada além de mingau agora.

– Ela sempre me dizia para comer legumes, quando eu era pequena. E para escovar os dentes depois de cada refeição. – Brianna pegou a garrafa dele e a inclinou em direção à boca; a cerveja era forte e amarga, mas deliciosamente fria depois da longa caminhada.

– Quando você era pequena, é? – Divertindo-se, Ian olhou para ela. – Poucas vezes vi uma moça tão grande. Diria que sua mãe sabe o que faz, certo?

Ela sorriu e devolveu a garrafa.

– Ela sabia o bastante para se casar com um homem alto, pelo menos – disse ela com sarcasmo.

Ian riu e passou as costas da mão na boca. Olhou para ela com carinho, os olhos castanhos calorosos.

– Ah, é bom ver você, mocinha. É muito parecida com ele, sim. Deus, eu daria qualquer coisa para ver a cara de Jamie quando encontrar você!

Mordendo o lábio, ela olhou para o chão, que estava tomado pela vegetação, e o caminho monte acima mostrava bem onde a mata tinha sido amassada e esmigalhada.

– Não sei se ele sabe ou não. Sobre mim – disse ela. Olhou para ele. – Ele não contou a você.

Ian se inclinou para trás, franzindo o cenho.

– Não mesmo, verdade – disse ele lentamente. – Mas acho que talvez ele não tenha tido tempo de dizer, mesmo que soubesse. Ele não ficou muito tempo aqui, na última vez que veio com Claire. E naquela vez a coisa foi meio confusa, com tudo o que havia acontecido... – Ele parou, contraindo os lábios, e olhou para ela. –

Sua tia está preocupada com isso – disse ele. – Pensando que você pode culpá-la.

– Culpá-la de quê? – Ela olhou para ele, confusa.

– Por Laoghaire. – Ele manteve o olhar fixo no dela.

Brianna sentiu um leve arrepio ao se lembrar daqueles olhos claros, frios como bolas de gude, e das palavras de ódio da mulher. Concluía que não passavam de maldade, mas os ecos de “mulherengo” e “traíçoeiro” permaneciam em seu ouvido de modo desagradável.

– O que a tia Jenny teve a ver com Laoghaire?

Ian suspirou, afastando uma mecha grossa de cabelos castanhos caída em seu rosto.

– Foi por causa dela que Jamie se casou com a mulher. Mas ela tinha boas intenções – disse ele. – Achávamos mesmo que Claire estava morta depois de todos aqueles anos.

Seu tom era questionador, mas Brianna apenas assentiu, olhando para baixo e alisando o tecido sobre o joelho. Aquele terreno era perigoso; melhor não dizer nada, se pudesse evitar. Após um momento, Ian continuou:

– Foi depois que ele voltou da Inglaterra... ele foi prisioneiro lá por alguns anos depois da Revolta...

– Eu sei.

Ian ergueu as sobrancelhas, surpreso, mas não disse nada; só balançou a cabeça.

– Sim. Bem, quando ele voltou, estava... diferente. Não teria como não estar, certo? – Sorriu brevemente e então olhou para baixo, dobrando o tecido do kilt entre os dedos. – Era como conversar com um fantasma – disse baixinho. – Ele olhava para mim, sorria, respondia... mas não estava ali de fato. – Respirou fundo, e ela viu a linha de expressão entre suas sobrancelhas, profunda, pois ele estava se concentrando. – Antes... depois da Batalha de Culloden..., era diferente. Ele foi ferido, e havia perdido Claire...

Ele olhou para ela brevemente, mas ela continuou imóvel, e ele prosseguiu:

– Mas foi uma época de desespero. Muitas pessoas morreram; na batalha, doentes ou de fome. Havia soldados ingleses nos

campos, queimando, matando. Quando as coisas estão assim, não se pode nem pensar em morrer, só porque a luta para viver e manter sua família viva toma todo o seu tempo.

Ian esboçou um sorriso, a lembrança levemente aguçada por uma descontração particular.

– Jamie se escondeu – disse ele, com um gesto abrupto na direção da encosta acima de onde estavam. – Ali. Há uma caverna pequena atrás daquele grande arbusto, no meio da subida. Foi o que vim mostrar a você.

Ela olhou para onde ele apontava, para a ladeira de rocha e terra, a encosta tomada por pequenas flores. Não havia sinal de uma caverna, mas o arbusto se destacava em meio a flores amarelas, brilhantes como uma tocha.

– Subi para trazer comida para ele uma vez, quando estava doente, com febre. Disse que ele deveria ir para casa comigo, que Jenny temia por ele ali em cima, sozinho. Ele abriu um dos olhos, brilhante por causa da febre, e a voz saiu rouca, quase não consegui ouvi-lo. Disse que Jenny não precisava se preocupar; apesar de o mundo todo estar parecendo pronto para matá-lo, ele não pretendia se entregar com facilidade. Então fechou o olho e dormiu.

Ian lançou a ela um olhar irônico.

– Eu não conseguia dizer ao certo se ele morreria ou não, então fiquei com ele a noite toda. Mas ele tinha razão, afinal. É muito teimoso, sabe? – Em sua voz, ela notou um tom suave de desculpas.

Brianna assentiu, mas sua garganta parecia apertada demais para falar. Então ficou em pé de repente e seguiu em direção ao monte. Ian não protestou, mas permaneceu em sua rocha, observando-a.

Era uma subida íngreme, e plantas pequenas e espinhosas se prendiam em suas meias. Perto da caverna, ela teve que engatinhar para manter o equilíbrio na subida inclinada de granito.

A boca da caverna era praticamente uma fissura na rocha, e a abertura se alargava em formato de triângulo embaixo. Ela se ajoelhou e enfiou a cabeça e os ombros.

O arrepio foi imediato; ela sentiu a umidade condensar-se em seu rosto. Demorou um pouco para seus olhos se adaptarem ao escuro, mas luz suficiente entrava na caverna por cima dos seus ombros para que conseguisse enxergar.

Devia ter cerca de 2,50 metros de comprimento por 1,80 metro de largura, uma cavidade escura e com terra no chão, com um teto tão baixo que permitia que uma pessoa ficasse quase de pé só na entrada. Ficar ali dentro por qualquer período que fosse seria como estar num túmulo.

Ela tirou a cabeça depressa, puxando o ar frio da primavera. O coração batia com força.

Sete anos! Sete anos vivendo ali, no frio e com fome. *Eu não aguentaria sete dias*, pensou.

Será que não?, perguntou outra parte de sua mente. E então aconteceu de novo aquele clique de reconhecimento que ela havia sentido ao olhar para o porta-retratos de Ellen e perceber os dedos se fecharem ao redor de um pincel invisível.

Virou-se lentamente e se sentou, a caverna atrás dela. Era muito silencioso ali na encosta, mas só até onde permitiam os montes e as florestas, um silêncio que não era silencioso de verdade, mas composto por sons baixos e constantes.

Havia leves zunidos no arbusto de tojo próximo dali, de abelhas nas flores amarelas, cheias de pólen. Mais adiante, ouvia-se o correr da água do riacho, uma nota baixa ecoando o sopro do vento acima, balançando folhas e galhos, passando pelos pedregulhos.

Permaneceu parada e ouviu, e pensou que sabia o que Jamie Fraser havia visto ali.

Não solidão, mas recolhimento. Não sofrimento, mas resistência, a descoberta da afinidade com as rochas e com o céu. E descobriu ali uma paz sincera que transcenderia o desconforto do corpo, uma cura para as feridas da alma.

Talvez ele tivesse encontrado na caverna não uma tumba, mas um refúgio; talvez tivesse arrancado força de suas rochas, como Anteu lançado à terra. Porque aquele lugar era parte dele, que tinha nascido ali, assim como era parte dela, que nunca estivera ali antes.

Ian ainda esperava pacientemente lá embaixo, as mãos unidas diante dos joelhos, observando o vale. Ela esticou o braço e

cuidadosamente quebrou um ramo de tojo, tomando cuidado com os espinhos. Colocou-o na entrada da caverna, seguro por uma pequena pedra, e então se levantou e desceu o monte.

Ian deve ter ouvido sua aproximação, mas não se virou. Ela sentou-se ao lado dele.

– É seguro para você usar isso agora? – perguntou ela abruptamente, meneando a cabeça para o kilt dele.

– Ah, sim – disse ele e olhou para baixo, esfregando os dedos na lã suave e gasta. – Faz alguns anos desde que os soldados vieram pela última vez. Afinal, o que restou? – Fez um gesto para o vale mais abaixo. – Eles levaram tudo o que conseguiram encontrar de valor. Estragaram o que não conseguiram levar. Não restou muita coisa, com exceção da terra, certo? E eu acho que eles não tinham muito interesse nela. – Ela viu que ele estava perturbado de alguma maneira; o rosto não escondendo seus sentimentos.

Ela o observou por um momento e então disse baixinho:

– Você continua aqui. Você e Jenny.

Ele pousou a mão no tartã. Os olhos estavam fechados, o rosto desgastado voltado para o sol.

– Sim, é verdade – disse ele finalmente. Abriu os olhos de novo e virou-se para olhá-la. – E você também. Conversamos um pouco ontem à noite, sua tia e eu. Quando você vir Jamie e tudo ficar bem entre vocês, então pergunte a ele, se puder, o que ele quer que façamos.

– Fazer? Em relação a quê?

– A Lallybroch. – Ele acenou, mostrando o vale e a casa abaixo. Então se virou para ela, os olhos confusos. – Talvez você saiba, talvez não, que seu pai fez um testamento antes da Batalha de Culloden, para passar o lugar ao jovem Jamie, se ele fosse atacado, morto ou condenado como traidor. Mas isso foi antes de você nascer, antes de ele saber que teria uma filha.

– Sim, eu sabia disso. – Ela teve uma repentina percepção do que ele pretendia e pousou a mão em seu braço, assustando-o com seu toque.

– Não vim por isso, tio – disse ela baixinho. – Lallybroch não é minha, e não quero o lugar. Só quero ver meu pai... e minha mãe.

O rosto triste de Ian relaxou e ele pousou a mão sobre a dela em seu braço. Não disse nada por um momento, então apertou a mão dela delicadamente e a soltou.

– Sim. Bem, você dirá a ele mesmo assim; se ele quiser...

– Não vai querer – interrompeu ela com firmeza.

Ian olhou para ela, um leve sorriso nos olhos.

– Você sabe muito sobre o que ele vai fazer, para uma moça que nunca o viu.

Ela sorriu para ele, o sol da primavera aquecendo seus ombros.

– Talvez sim.

Ian abriu um sorriso.

– Bem, sua mãe deve ter dito a você, acho. E ela o conhecia, apesar de ser uma Sassenach. Mas ela sempre foi... especial, a sua mãe.

– Sim. – Ela hesitou por um momento, querendo ouvir mais sobre o assunto que envolvia Laoghaire, mas não soube perguntar. Antes que pudesse pensar em alguma coisa, ele ficou de pé, bateu as mãos no kilt e começou a descer pelo caminho, forçando-a a se levantar e segui-lo.

– O que é uma presença, tio Ian? – perguntou ela atrás dele. Preocupado com as dificuldades da descida, ele não se virou, mas ela viu que mudou o passo levemente, com a perna de madeira afundando na terra macia. No sopé do monte, ele esperou por ela, inclinando-se sobre o cajado.

– Está pensando no que Laoghaire disse? – perguntou. Sem esperar pela resposta dela, ele se virou e começou a caminhar pela base do monte, em direção ao pequeno riacho que descia pelas pedras. – Uma presença é a visão de uma pessoa quando a pessoa em si está longe – disse ele. – Às vezes, a pessoa já morreu, longe de casa. É sinal de azar ver um morto, mas pior ainda ver a própria presença, pois, se vir, você vai morrer.

Foi a sinceridade em seu tom de voz que fez com que ela sentisse um arrepio na espinha.

– Espero não ver – disse ela. – Mas ela disse... Laoghaire... – Ela engasgou no nome.

– Sim. Bem, foi no casamento dela com Jamie que Jenny viu a presença de sua mãe, é verdade. Ela soube ali que a união dos dois

não era adequada, mas era tarde demais para voltar atrás.

Ele se ajoelhou sem jeito, apoiado no joelho são, e espirrou água do riacho no rosto. Brianna fez o mesmo e tomou muitos goles da água fria com gosto de turfa. Como não tinha toalha, puxou a camisa da calça e secou o rosto. Viu o olhar scandalizado de Ian ao ver a barriga dela e logo abaixou a ponta da camisa, corando.

– Você pretendia me contar por que meu pai se casou com ela – disse Brianna, para esconder o embaraço.

Ian havia corado muito e virou-se depressa, falando para esconder a confusão:

– Sim. Foi como eu disse a você. Quando Jamie veio da Inglaterra foi como se um fogo tivesse se apagado dentro dele, e não havia nada que o reacendesse. Eu não sei o que aconteceu na Inglaterra, mas algo aconteceu, isso é certo.

Ele deu de ombros, com a nuca voltando à cor normal.

– Depois da Batalha de Culloden, ele estava gravemente ferido, mas ainda havia lutas a enfrentar, e isso o manteve vivo. Quando ele voltou para casa vindo da Inglaterra, não havia nada para ele aqui, na verdade.

Ian falou baixinho, olhando para baixo, observando os pés no chão de rochas.

– Então Jenny encontrou uma companheira para ele, Laoghaire. – Ele olhou para ela com os olhos brilhando. – Talvez você já tenha idade suficiente para saber, mesmo que ainda não tenha se casado. As coisas que uma mulher faz por um homem... ou ele por ela, acho. Curá-lo, quero dizer. Preencher seu vazio. – Ele tocou a perna de pau, distraído. – Jamie se casou com Laoghaire por pena, acho, e se ela realmente precisava dele... não sei. – Deu de ombros de novo e sorriu para ela. – Não é preciso dizer o que poderia ou deveria ter acontecido, certo? Mas ele havia saído da casa de Laoghaire algum tempo antes de sua mãe voltar, você precisa saber disso.

Brianna sentiu uma leve onda de alívio.

– Ah, fico feliz por saber disso. E minha mãe... quando voltou...

– Ele ficou muito feliz ao vê-la – disse Ian. Dessa vez, o sorriso iluminou seu rosto todo, como a luz do sol. – E eu também.

BON VOYAGE

Ela se recordou, com desagrado, do canil municipal de Boston. Um lugar grande e meio escuro cujas grades retumbavam com os latidos, e uma atmosfera tomada pelos odores dos animais. A grande construção na praça do mercado em Inverness abrigava muitos estabelecimentos – carrinhos de vendedores de alimentos, negociantes de gado e porcos, corretores vendendo seguros, comerciantes de barcos e recrutas da Marinha –, mas era o grupo de homens, mulheres e crianças amontoados num canto que dava mais força à ilusão.

Aqui e ali, havia um homem ou uma mulher em meio a um grupo, com o queixo empinado e os ombros eretos numa demonstração de boa saúde e bom ânimo, avançando. Mas, na maior parte do tempo, as pessoas que se ofereciam à venda observavam quem passava com atenção, com olhares e expressões fixas numa mistura de esperança e medo – bem parecidos com os cães do canil, onde seu pai a levava de vez em quando para adotar um animal de estimação.

Havia várias famílias também, com crianças penduradas na roupa das mães ou de pé, inexpressivas, ao lado dos pais. Ela tentava não olhar para eles; os cachorrinhos sempre arrasavam seu coração.

O jovem Jamie andava lentamente em meio ao grupo, segurando o chapéu contra o peito para que não fosse esmagado pela multidão, olhos semicerrados enquanto analisava as possibilidades. Seu tio Ian havia ido ao escritório de despacho para comprar sua passagem para a América, deixando o primo dela, Jamie, escolher um criado que a acompanharia na viagem. Em vão, ela havia protestado dizendo não precisar de um criado; afinal, ela

havia – até onde eles pensavam – viajado da França até a Escócia sozinha, perfeitamente segura.

O homem havia assentido, sorrido e ouvido com toda a educação, mas, ainda assim, ali estava ela, obedientemente seguindo o jovem Jamie por entre a multidão como um dos carneiros de sua tia Jenny. Ela começava a entender exatamente o que a mãe queria dizer quando descreveu os Frasers como “teimosos como portas”.

Apesar da comoção ao seu redor e da irritação com os parentes do sexo masculino, ela sentiu o coração acelerar ao pensar na mãe. Somente agora, com a certeza de que Claire estava bem, ela podia admitir para si mesma quanto sentia sua falta. E de seu pai – aquele habitante desconhecido das Terras Altas que repentina e vividamente ganhara vida enquanto ela lia suas cartas. O simples detalhe de um oceano entre eles parecia não passar de uma leve inconveniência.

O primo Jamie interrompeu seus pensamentos pegando-a pelo braço e inclinando-se para gritar em seu ouvido.

– O senhor com um tapa-olho – disse ele mais baixo, indicando o homem em questão com o queixo. – O que me diz sobre ele, Brianna?

– Diria que ele se parece com o Estrangulador de Boston – murmurou ela, e então mais alto, gritando no ouvido do primo: – Ele se parece com um touro! Não!

– Ele é forte e parece honesto!

Brianna achava que o senhor em questão parecia ser estúpido demais para ser desonesto, mas evitou dizer isso e só balançou a cabeça de modo enfático.

O jovem Jamie deu de ombros filosoficamente e voltou a analisar os candidatos, caminhando ao redor daqueles que chamavam sua atenção e observando-os com cuidado, de um modo que ela teria considerado muito grosseiro se outros empregadores em potencial não estivessem fazendo a mesma coisa.

– Pastéis! Pastéis quentes! – Um grito alto podia ser ouvido acima da confusão no corredor, e, quando Brianna se virou, viu uma senhora passando pelas pessoas distribuindo cotoveladas, com

uma bandeja fumegante pendurada no pescoço e uma espátula de madeira na mão.

O cheiro delicioso de massa quente e fresca e carne apimentada venceu os cheiros pungentes no corredor, tão forte quanto o grito da mulher. Muito tempo havia se passado desde o café da manhã, e Brianna enfiou a mão no bolso, sentindo a saliva encher sua boca.

Ian havia pegado a bolsa dela para pagar a passagem, mas ela tinha duas ou três moedas soltas; segurou uma e a balançou de um lado a outro. A vendedora de pastéis viu um brilho prateado e alterou o caminho de uma vez, passando pela multidão falante. Parou na frente de Brianna e estendeu a mão para pegar a moeda.

– Minha nossa, uma gigante! – disse ela, mostrando os fortes dentes amarelos em um sorriso e inclinando a cabeça para trás para olhar para Brianna. – É melhor levar dois, minha querida. Um só não vai bastar para uma moça alta como você!

As pessoas se viraram e sorriram para ela. Brianna era pelo menos meia cabeça mais alta do que a maioria dos homens próximos. Um pouco envergonhada com a atenção, Brianna lançou um olhar frio à pessoa mais próxima. Isso pareceu divertir o jovem; ele se recostou no amigo, levando a mão ao peito e fingindo estar arrebatado.

– Meu Deus! – disse ele. – Ela olhou para mim! Estou apaixonado!

– Ora, pare com isso – disse o amigo, empurrando-o. – Ela estava olhando para mim; quem olharia para você?

– Nada disso – protestou o amigo com firmeza. – Foi para mim... não foi, querida? – perguntou, lançando um olhar tímido a Brianna, tão ridículo que ela riu, juntamente com a multidão ao redor.

– E o que você faria com ela se a tivesse, hein? Ela tem o dobro do seu tamanho. Saia daqui, girino – disse a vendedora de pastéis, batendo casualmente no traseiro do homem com a espátula de madeira. – Tenho trabalho a fazer, se você não tem. E a jovem vai morrer de fome se vocês não pararem de bobagens e a deixarem comprar o almoço, certo?

– Ela me parece muito bem, vovó – disse sem pudor o admirador de Brianna, ignorando o ataque e a repreensão. – E, quanto ao resto, só preciso de uma escada, Bobby. Não tenho medo de altura!

Em meio a risadas, o jovem foi arrastado pelos amigos, fazendo barulhos altos de beijos enquanto olhava para trás e se afastava com relutância. Brianna pegou o troco em cobres e foi para um canto para comer seus dois pastéis, o rosto ainda quente depois de rir e se envergonhar.

Desde a sétima série, quando era uma menina desengonçada, maior do que os amigos da sala, ela não se preocupava com sua altura. Entre seus primos altos, ela se sentira à vontade, mas era verdade: ali ela se destacava, apesar de ter cedido à insistência de Jenny e tirado as roupas de homem para vestir as roupas de sua prima Janet, rapidamente ajustadas, com a barra sendo solta para ficarem mais compridas.

Sua timidez era agravada pelo fato de não estar usando roupas de baixo com o vestido, só uma combinação. Ninguém parecia perceber essa situação, mas ela não parava de se lembrar, devido à sensação incomum de ventilação nas partes íntimas e por sentir as pernas nuas em contato uma com a outra enquanto ela caminhava, com as meias de seda na altura dos joelhos.

A vergonha e as pessoas foram esquecidas quando ela deu a primeira mordida no pastel quente. Um pastel escocês, ou *bridie*, como chamavam, era uma massa de torta em forma de meia-lua, recheada com carne moída apimentada com cebola. Um caldo quente e saboroso encheu sua boca e ela fechou os olhos deliciando-se.

– A comida era muito ruim ou muito boa – dissera Claire ao descrever suas aventuras no passado. – Porque não tem como guardar as coisas; qualquer coisa que comíamos tinha sido salgada ou conservada em banha, o que acabava tendo um gosto meio azedo, ou era fresco, recém-matado ou colhido da horta, e nesse caso pode ser delicioso.

O pastel era delicioso, Brianna decidiu, apesar de migalhas não pararem de cair em sua roupa. Ela passou a mão pelo colo,

tentando não chamar atenção, mas todos já tinham se virado e ninguém olhava para ela.

Ou quase ninguém. Um homem claro e magro com um casaco grande havia aparecido ao seu lado e fazia pequenos movimentos nervosos como se quisesse puxar a manga dela mas não tivesse coragem. Sem saber se ele era um mendigo ou outro admirador, ela olhou para ele com desconfiança.

– Sim?

– A senhora... precisa de um criado?

Ela passou a lhe dar atenção, percebendo que ele podia ser um dos empregados.

– Bem, eu não diria que preciso de um, mas parece que terei um criado mesmo assim. – Ela olhou para o jovem Jamie, que agora estava fazendo perguntas a um homem moreno com ombros fortes. A ideia do jovem Jamie em relação a um criado ideal parecia se limitar a músculos. Ela olhou para o homem pequeno à sua frente: ele não combinava muito bem com os padrões do jovem Jamie, mas com os dela...

– Está interessado? – perguntou.

A expressão de nervosismo não desapareceu do rosto dele, mas um brilho de esperança apareceu em seus olhos.

– É... eu... quer dizer... não eu, não. Mas acredita que... pode considerar... levar minha filha? – perguntou ele abruptamente. – Por favor!

– Sua filha? – Brianna olhou para ele assustada, esquecendo-se do pastel pela metade.

– Eu imploro, senhora! – Para sua surpresa, os olhos do homem estavam marejados. – A senhora não imagina meu desespero, nem a gratidão que sentirei!

– Mas... ah... – Brianna tirou as migalhas do canto da boca, sentindo-se muito estranha.

– Ela é uma garota forte, apesar da aparência, e muito esforçada! Ficaré feliz em fazer qualquer coisa pela senhora, se contratá-la!

– Contratar... olhe, qual é o problema? – perguntou ela, vencendo a situação desconfortável e sentindo curiosidade e pena do claro desespero do homem. Ela o segurou pelo braço e o levou a

um canto, onde o barulho estava menor. – Por que está tão ansioso para que eu contrate sua filha?

Ela viu os músculos do pescoço dele se moverem quando ele engoliu em seco.

– Há um homem. Ele... a deseja. Não como criada. Como... como... concubina. – As palavras foram ditas num sussurro rouco, e ele corou na hora.

– Hummm – fez Brianna, descobrindo de uma vez a utilidade daquela expressão ambígua. – Compreendo. Mas não precisa deixar sua filha acompanhar esse homem, certo?

– Não tenho escolha. – A agonia dele estava clara. – O contrato dela foi comprado pelo Sr. Ransom... o negociante. – Ele jogou a cabeça para trás, indicando um homem com cara brava e cabelos presos com uma fita, que conversava com o jovem Jamie. – Ele pode passá-lo a quem quiser, ou pode vendê-la sem hesitar a esse... esse... – Ele engasgou, tomado pelo desespero.

– Tome isto. – Ela rapidamente tirou o lenço de seu corpete do pescoço, e o entregou a ele. Seu corpo ficou mais desprotegido, mas parecia se tratar de uma emergência.

Claramente era uma emergência para ele. Ele passou o pano pelo rosto e então o deixou cair e pegou a mão livre dela entre as suas.

– Ele é um boiadeiro; foi ao mercado de gado para vender seus animais. Quando voltar, virá com dinheiro para comprá-la, e vai levá-la para sua casa em Aberdeen. Quando eu ouvi a conversa dele com Ransom, senti o maior desespero. Orei com urgência ao Senhor para libertá-la. E então... – Ele engoliu em seco. – Eu a vi... tão elegante, nobre e de aparência gentil, e senti que minhas preces tinham sido ouvidas. Ah, senhora, imploro, não ignore o apelo de um pai. Leve-a!

– Mas eu vou para a América! O senhor nunca... – Ela mordeu o lábio. – Quero dizer, não a veria... por muito tempo.

O pai desesperado empalideceu ao ouvir isso. Fechou os olhos e pareceu perder um pouco o equilíbrio, os joelhos fraquejando.

– Para as colônias? – sussurrou ele. Então abriu os olhos e contraiu a mandíbula. – Melhor que ela seja levada de mim para

sempre para um lugar selvagem do que ser desonrada diante dos meus olhos.

Brianna não tinha ideia do que retrucar a isso. Olhou por cima da cabeça do homem, de modo impotente, observando a multidão.

– Ahn... sua filha... qual é...?

O brilho de esperança nos olhos dele se transformou em chama, chocante em sua intensidade.

– Que Deus a abençoe! Vou trazê-la diretamente à senhora!

Ele apertou a mão dela com fervor, e então se embrenhou na multidão, deixando-a sem ação. Depois de um momento, ela deu de ombros, sem ter o que fazer, e então se abaixou para pegar o lenço caído. Como *isso* havia acontecido? E o que seu tio e seu primo diriam se ela...

– Esta é Elizabeth – anunciou uma voz sem fôlego. – Cumpra suas obrigações com a senhora, Lizzie.

Brianna olhou para baixo e percebeu que não tinha o que decidir.

– Minha nossa – murmurou ao ver os cabelos repartidos no meio da pequena cabeça abaixada numa pronunciada reverência. – Uma criança.

A cabeça se ergueu e ela viu um rostinho magro e aparentando fome, no qual olhos acinzentados e assustados tomavam a maior parte do espaço disponível.

– Sua criada, senhora – disse a boquinha de lábios pálidos.

Ou, pelo menos, foi o que pareceu ser dito; a menina falava tão baixo que não foi ouvida em meio à confusão.

– Ela prestará um bom serviço, senhora, saiba disso! – ouviu-se a voz ansiosa do pai.

Brianna olhou para ele; havia uma forte semelhança entre pai e filha, os dois com os mesmos cabelos claros e finos, os mesmos rostos magros e ansiosos. Tinham quase a mesma altura, embora a menina fosse tão frágil que parecia a sombra do pai.

– Hum... olá. – Ela sorriu para a menina, tentando parecer encorajadora. A menininha inclinou a cabeça para trás com medo, olhando para cima. Engoliu em seco, e lambeu os lábios.

– Ah... qual é a sua idade, Lizzie? Posso chamá-la de Lizzie?

A cabecinha balançou sobre um pescoço que parecia o caule de um cogumelo selvagem: comprido, sem cor e infinitamente frágil. A menina sussurrou algo que Brianna não entendeu; olhou para o pai, que respondeu rapidamente:

– Catorze, senhora. Mas é muito boa cozinhando e bordando, tem boa higiene e a senhora não encontrará alguém mais disposta e obediente.

Ele parou atrás da filha, com as mãos nos ombros dela, apertando o bastante para que os nós dos dedos ficassem brancos. Olhou para Brianna. Seus olhos eram azuis, muito claros, implorantes. Movia os lábios – sem som, mas ela o ouviu com clareza.

– Por favor – disse ele.

Atrás dele, Brianna viu seu tio, que havia entrado no saguão. Falava com o jovem Jamie, as duas cabeças, uma de cabelos lisos e outra de cabelos encaracolados, unidas em uma conversa. Em um momento, eles a procurariam.

Ela respirou fundo e se endireitou. Pensando bem, ela era uma Fraser tanto quanto seu primo. Eles veriam como ela sabia ser teimosa como uma porta.

Sorriu para a menina e estendeu a mão, oferecendo-lhe o segundo pastel, que não tinha sido comido.

– Negócio fechado, Lizzie. Pode comer este pastel para selá-lo?

– Ela comeu minha comida – disse Brianna, com o máximo de firmeza que conseguiu transmitir. – Ela é minha.

Para sua surpresa, essa frase pôs fim à discussão. O primo parecia querer desfazer a situação, mas o tio pousou a mão no braço do jovem Jamie para silenciá-lo. A cara de surpresa de Ian se transformou em respeito e descontracção.

– Ela comeu, é? – Ele olhou para Lizzie, acuada atrás de Brianna, os lábios trêmulos. – Hummm. Bem, não tem muito a ser dito então, certo?

O jovem Jamie evidentemente não tinha a mesma opinião que seu pai; conseguia pensar em muito mais coisas a dizer.

– Mas uma mocinha assim... é inútil! – Ele balançou a mão na direção de Lizzie, franzindo o cenho. – Ela não tem nem tamanho para carregar as malas, muito menos...

– Sou grande o bastante para carregar minhas malas, obrigada – disse Brianna. Fechou a cara e olhou brava para o primo, endireitando-se para enfatizar sua altura.

Ele ergueu uma sobrancelha em reconhecimento, mas não desistiu.

– Uma mulher não deve viajar sozinha...

– Não estarei sozinha, terei Lizzie.

–... e muito menos em um lugar como a América! É...

– Quem ouve você dizer isso pensa que é o fim do mundo, e você nunca esteve lá! – disse Brianna com irritação. – Eu *nasci* na América, pelo amor de Deus!

O tio e o primo olharam para ela boquiabertos, com expressões idênticas de choque. Ela aproveitou a oportunidade para ganhar mais vantagem:

– É meu dinheiro, minha criada e minha viagem. Já prometi e vou cumprir!

Ian passou um nó do dedo no lábio superior, controlando um sorriso, e balançou a cabeça.

– Dizem que se conhece o pai pelo filho, mas acho que não resta muita dúvida a respeito de quem é o seu, moça. Pode ter puxado o nariz afilado e os cabelos vermelhos de qualquer pessoa, mas essa teimosia não foi de mais ninguém além de Jamie Fraser!

Ela percebeu que corou na hora, mas a sensação era estranha e prazerosa.

Abalado pela discussão, o jovem Jamie tentou mais uma vez.

– É muito incomum uma mulher dar suas opiniões livremente com parentes homens para cuidarem dela – disse, tenso.

– Você acha que as mulheres não podem ter opinião? – perguntou Brianna com delicadeza.

– Acho que não!

Ian lançou ao filho um olhar de soslaio.

– E você está casado há quanto tempo? Oito anos? – Balançou a cabeça. – Sim, bem, sua Joan é uma mulher educada. – Ignorando o olhar desgostoso do jovem Jamie, virou-se para Lizzie.

– Muito bem. Vá se despedir do seu pai, mocinha. Cuidarei dos documentos. – Observou Lizzie se afastar, os ombros magros encolhidos ao passar em meio às pessoas. Balançou a cabeça um pouco, em dúvida, e virou-se para Brianna. – Bem, talvez ela seja melhor companhia do que um criado homem, moça, mas seu primo tem razão em relação a uma coisa: ela não oferece proteção. Você é quem cuidará dela, provavelmente.

Brianna endireitou os ombros e empinou o queixo, reunindo o máximo de autoconfiança que conseguiu, apesar da sensação sombria que tomou conta dela.

– Vou me virar bem – disse.

Manteve a mão fechada, segurando com força a pedra ali dentro. Era algo em que se segurar, enquanto o Moray Firth se abria para o mar e a costa movimentada da Escócia ficava para trás.

Como podia sentir algo tão forte por um lugar que mal conhecia? Lizzie, nascida e criada na Escócia, não lançou nem um olhar para a terra da qual se afastava e logo foi para baixo, para ocupar o espaço delas e ajeitar alguns pertences que elas tinham levado a bordo.

Brianna nunca se considerou escocesa – só soube que era escocesa pouco tempo atrás –, mas não se sentiu tão triste com a partida da mãe ou com a morte do pai quanto se sentiu ao se despedir das pessoas e dos lugares que conheceu por tão pouco tempo.

Talvez fosse apenas a emoção contagiante dos outros passageiros. Muitos deles estavam de pé junto à amurada como ela, chorando abertamente. Ou talvez medo da viagem longa que a aguardava. Mas ela sabia muito bem que não era nada disso.

– Tudo pronto, acho. – Era Lizzie, aparecendo a seu lado, finalmente, para ver a terra pela última vez. Seu rostinho pálido estava inexpressivo, mas Brianna não confundiu a falta de expressão com falta de sentimento.

– Sim, estamos indo. – Tomada pelo impulso, Brianna estendeu a mão e pegou a menina para que esta ficasse à sua frente na grade da amurada, protegida do vento e da movimentação de

passageiros e homens da tripulação. Lizzie era menor do que Brianna cerca de 30 centímetros, com ossos finos como as cordas delicadas que envolviam os mastros e rangiam acima delas.

O sol não se punha nessa época do ano, mas descia e permanecia entre os montes escuros, e o vento estava bem frio no *Firth*. A garota vestia peças finas; tremia de frio e se encostou em Brianna, sem perceber, para se esquentar. Brianna tinha um *arisaid* de lã, uma espécie de kilt feminino dado por Jenny; envolveu os braços e as pontas do xale ao redor da menina, conseguindo tanto conforto no abraço quanto o que ela oferecia.

– Vai ficar tudo bem – disse, para si mesma e também para Lizzie.

A cabeça loura se remexeu brevemente embaixo do seu queixo; ela não soube determinar se tinha sido uma confirmação ou só a tentativa de Lizzie de afastar dos olhos as mechas de cabelo que o vento soprava. Mechas que escapavam do tartã grosso e balançavam ao sabor da brisa salgada, imitando o movimento das velas enormes. Apesar da ansiedade, começou a sentir o ânimo melhorar com o vento. Já havia sobrevivido a muitas despedidas até então; poderia sobreviver àquela. Era o que deixava essa partida tão difícil, ela pensou. Já tinha perdido o pai, a mãe, o namorado, a casa e os amigos. Estava sozinha por necessidade e também por escolha. Mas encontrar sua casa e sua família de novo, inesperadamente, em Lallybroch, havia sido uma surpresa. Ela teria dado qualquer coisa para ficar... só mais um pouco.

Mas havia promessas a cumprir, perdas a recuperar. Depois disso, poderia voltar. Para a Escócia. E para Roger.

Mexeu o braço, sentindo a pulseira fina de prata no braço embaixo do xale, o metal aquecido em sua pele. *Un peu... beaucoup...* Com a outra mão, segurou o tecido, exposto ao vento e úmido pelos respingos do mar. Se não estivesse tão frio, talvez não notasse o calor repentino de uma gota que caiu nas costas de sua mão.

Lizzie estava tensa como um cajado, abraçando a si mesma com força. Suas orelhas eram grandes e transparentes; os cabelos, finos e leves, grudados à cabeça. Suas orelhas eram um pouco

pontudas, como as de um rato, macias e frágeis sob a luz intensa do sol baixo do início de noite.

Brianna levou a mão ao rosto da menina e secou suas lágrimas. Seus olhos estavam secos, e os lábios, contraídos, enquanto ela olhava para a terra por cima da cabeça de Lizzie, mas o rosto frio e os lábios trêmulos contra sua mão estavam como os dela.

Elas permaneceram em silêncio por um tempo, até a terra desaparecer por completo.

VOCÊ NÃO PODE VOLTAR PARA CASA

Inverness, julho de 1769

Roger caminhou devagar pela cidade, olhando ao redor com uma mistura de fascínio e prazer. Inverness havia mudado um pouco em duzentos e poucos anos, sem dúvida, mas ainda era, reconhecidamente, a mesma cidade; bem menor, com certeza, com metade das ruas de terra pavimentadas, e, ainda assim, ele *conhecia* a rua por onde estava andando, pois já havia andado ali centenas de vezes.

Era a Huntly Street, e, apesar de a maioria das lojas e das construções serem desconhecidas, do outro lado do rio ficava a Old High Church – não tão antiga, agora –, com a torre baixa destacada como sempre. Com certeza, se ele entrasse, a Sra. Dunvegan, a esposa do sacerdote, estaria colocando flores na capela principal, pronta para a missa de domingo. Mas não estaria, porque a Sra. Dunvegan ainda não tinha nascido, com a blusa de lã grossa e as tortas ruínas com que atormentava os doentes da paróquia do marido. Mas a pequena igreja de pedra estava ali, sólida e familiar, sob a responsabilidade de um desconhecido.

A igreja de seu pai não estava ali; tinha sido construída – ou seria? – em 1837. Assim como a casa paroquial que sempre parecera tão velha e decrépita, mas que só tinha sido construída no início dos anos 1900. Ele havia passado pelo local; não havia nada ali agora, exceto uma mistura de potentila e giesta, e uma única muda de sorveira-brava que surgia da vegetação rasteira, com as folhas tremendo sob a brisa suave.

Havia a mesma umidade no ar, com frescor –, mas o fedor forte de fumaça de motor não estava mais presente, substituído pelo fedor distante de esgoto. A ausência mais notada era a de igrejas;

onde os dois lados do rio um dia exibiriam uma enorme quantidade de torres e pináculos, agora não havia nada além de muitas construções pequenas.

Havia apenas uma ponte de pedra, mas o rio Ness em si estava naturalmente igual. A correnteza estava baixa e as mesmas gaivotas sobrevoavam as ondas, guinchando umas para as outras enquanto pegavam peixes pequenos entre as pedras sob a superfície da água.

– Boa sorte, amiga – disse ele à gaivota gorda que estava sobre a ponte, e atravessou o rio para entrar na cidade.

Aqui e ali, uma casa graciosa aparecia confortavelmente isolada pelos terrenos espaçosos, uma senhora espalhando a saia, ignorando a presença das pessoas próximas. Havia a Mountgerald a distância, a casa grande do mesmo modo de sempre, exceto que as faias grandes que no futuro cercariam a casa ainda não tinham sido plantadas; no lugar delas, uma fileira de ciprestes italianos se apoiava na parede da horta, parecendo sentir falta do local de nascimento ensolarado.

Apesar de toda a elegância, diziam que Mountgerald tinha sido construída do modo mais antigo de todos – com a fundação sobre o corpo de um sacrifício humano. Diziam que um operário tinha sido atraído para dentro do buraco da adega e uma grande pedra foi jogada sobre ele de cima da parede recém-construída, fazendo com que morresse esmagado. Segundo a lenda local, ele havia sido enterrado ali na adega, e seu sangue foi uma oferenda aos espíritos famintos da terra, que, satisfeitos, permitiram que a construção continuasse próspera e intocada ao longo dos anos.

A casa não devia ter mais do que vinte ou trinta anos agora, Roger pensou. Certamente havia pessoas na cidade que tinham trabalhado na construção, que sabiam exatamente o que havia acontecido naquela adega, a quem e por quê.

Mas ele tinha outras coisas a fazer. Mountgerald e seu fantasma teriam que guardar seus segredos. Com uma leve pontada de arrependimento, deixou o casarão para trás e voltou sua curiosidade de estudioso para a estrada que levava às docas rio abaixo.

Com uma sensação que só podia ser *déjà vu*, abriu a porta de um pub. A entrada com metade da porta de madeira, as peças de pedra, estava como ele a vira uma semana antes – e duzentos anos à frente – e o cheiro familiar de fermentação e levedura no ar era um conforto para o seu espírito. O nome havia mudado, mas não o cheiro de cerveja.

Roger tomou um gole grande do copo de madeira e quase engasgou.

– Tudo bem, homem? – O atendente parou com um balde de areia na mão e olhou para Roger.

– Tudo bem – disse Roger com a voz rouca. – Muito bem.

O atendente assentiu e voltou a espalhar areia, mas ficou de olho em Roger para o caso de ele parecer querer vomitar no chão recém-varrido e coberto com areia.

Roger tossiu e pigarreou e então tomou mais um gole. O sabor era bom; muito bom, na verdade. O conteúdo alcoólico era inesperado; aquela bebida tinha muito mais álcool do que qualquer cerveja moderna que Roger conhecia. Claire dissera que o alcoolismo era comum à época, e Roger conseguia entender o porquê. Mas, se a embriaguez fosse o maior problema a ser enfrentado, tudo bem, ele lidaria com ela.

Sentou-se em silêncio perto do fogo e bebeu, sentindo o sabor intenso e amargo da cerveja enquanto observava e ouvia.

Era um pub de porto, muito movimentado. Tão perto das docas em Moray Firth, havia capitães e mercadores, além de marinheiros dos navios no porto, e também estivadores e operários dos armazéns próximos. Muitos negócios, de um tipo ou outro, eram realizados sobre as superfícies manchadas de cerveja de suas muitas mesas pequenas.

Sem prestar muita atenção, Roger percebeu que estava sendo fechado um contrato para o envio de trezentos ferrolhos de Aberdeen para as colônias, em troca de uma carga de arroz e índigo vinda das Carolinas. Cem cabeças de gado de Galloway, seiscentos quilos de cobre em rolos, barris de enxofre, melão e vinho. Quantidades e preços, datas de entrega e condições eram trocadas em meio ao cheiro de cerveja e às conversas no pub, sob as nuvens

pesadas de fumaça de tabaco que pairavam perto das vigas dos tetos baixos.

Não eram só produtos comercializados. Em um canto, havia o capitão de um navio, identificável pelo corte de seu sobretudo e o tricórnio preto sobre a mesa ao lado de seu cotovelo. Ele estava sendo atendido por um funcionário do pub, com um livro-razão e uma caixa de dinheiro sobre a mesa à frente dele, entrevistando várias pessoas, emigrantes tentando ir para as colônias sozinhos e com suas famílias.

Roger observou as negociações. O navio estava indo para a Virgínia, e, depois de ouvir por um tempo, ele deduziu que o custo da passagem para um passageiro do sexo masculino – ou seja, para um cavalheiro – era de dez libras e oito xelins. Aqueles que estavam dispostos a viajar nas entrepontes, apertados com barris e gado nos compartimentos mais baixos, podiam embarcar por quatro libras e dois xelins cada, levando seus alimentos para uma viagem de seis semanas. Água potável era oferecida, pelo que ele entendeu.

Para quem desejasse viajar, mas sem dinheiro, havia outros meios possíveis.

– Um contrato de trabalho para o senhor, sua esposa e seus dois filhos maiores? – O capitão inclinou a cabeça pensativo, analisando a família que estava à sua frente. Um homem pequeno e magro, que devia ter 30 e poucos anos mas parecia muito mais velho, fraco e encurvado pelo esforço do trabalho. A esposa, talvez um pouco mais jovem, atrás do marido, os olhos grudados no chão, segurando as mãos de duas menininhas. Uma das meninas segurava o irmão pequeno, de 3 ou 4 anos. Os meninos mais velhos estavam ao lado do pai, tentando parecer adultos. Roger imaginou que eles tivessem 10 ou 12 anos, supondo que a estatura baixa se devesse à subnutrição. – O senhor e os meninos, sim – disse o capitão. Ele franziu o cenho para a mulher, que não olhou para a frente. – Ninguém comprará uma mulher com tantos filhos. Talvez ela possa ficar com um deles. Mas o senhor terá que vender as meninas.

O homem olhou para sua família. A esposa manteve a cabeça baixa, sem se mexer nem olhar para nada. Uma das meninas se

remexeu, reclamando, baixinho, que sua mão estava sendo esmagada. O homem se virou de novo.

– Tudo bem – disse ele em voz baixa. – Elas podem.. talvez... ficar juntas?

O capitão passou a mão pela boca e assentiu de modo indiferente.

– Provavelmente.

Roger não gostou de testemunhar os detalhes da transação. Levantou-se abruptamente e saiu do pub; a cerveja preta havia perdido o gosto.

Parou na rua, tocando as moedas no bolso. Aquilo era só o que ele tinha conseguido reunir de dinheiro no pouco tempo que teve. Mas pensou que seria suficiente; era grande e tinha grande confiança em suas habilidades. Ainda assim, a cena que havia testemunhado no pub mexera com ele.

Havia crescido com a história dos habitantes das Terras Altas. Sabia o suficiente sobre o tipo de coisas que levava as famílias a tamanho desespero, a ponto de aceitarem a separação permanente e a semiescravidão pelo preço da sobrevivência.

Sabia tudo sobre a venda de terras que forçava os pequenos agricultores a saírem de propriedades das quais suas famílias tinham cuidado por centenas de anos, sabia tudo sobre as condições horríveis de penúria e fome nas cidades, a condição simplesmente insuportável da vida na Escócia naquela época. E nem todos os anos de leitura e estudo o prepararam para o rosto daquela mulher, os olhos fixos no chão coberto de areia, segurando com força as mãos das filhas.

Dez libras e oito xelins. Ou quatro libras e dois xelins. Além disso, tudo o que gastaria com comida. Ele tinha exatamente quatorze xelins e três pence no bolso, com um punhado de moedas pequenas de cobre e alguns quartos de pêni.

Desceu lentamente a rua que levava à beira-mar, olhando para a frota de navios ancorados nas docas de madeira. Barcos pesqueiros, na maioria, pequenas embarcações e brigues que realizavam suas negociações em Firth ou, no máximo, percorriam o canal, levando cargas e passageiros para a França. Apenas três

grandes navios estavam ancorados, de tamanho suficiente para desbravar os ventos na travessia do Atlântico.

Ele poderia atravessar para a França, claro, e pegar um barco dali. Ou viajar pelo continente até Edimburgo, um porto muito maior do que Inverness. Mas seria tarde no ano para navegar. Brianna já estava seis semanas à sua frente; ele não podia perder tempo para encontrá-la – só Deus sabia o que podia acontecer a uma mulher sozinha ali.

Quatro libras e dois xelins. Bem, certamente ele poderia trabalhar. Sem filhos nem esposa para sustentar, poderia guardar a maior parte do que receberia. Mas como um atendente médio recebia algo perto de doze libras por ano e ele tinha muito mais probabilidade de encontrar trabalho limpando estábulos do que mantendo contas, as chances de ele guardar dinheiro dentro de um período razoável eram bem pequenas.

– O mais importante primeiro – murmurou. – Primeiro, descubra para onde ela foi antes de se preocupar em chegar lá.

Tirou a mão do bolso e virou à direita entre dois galpões, avançando por uma travessa. Seu ânimo da manhã havia desaparecido, mas ele ficou mais feliz, de qualquer modo, quando viu que havia adivinhado certo: o escritório do capitão do porto ficava onde ele sabia que deveria ser – na mesma construção de pedras onde ainda estaria duzentos anos depois. Roger sorriu de modo irônico; os escoceses não costumavam fazer mudanças à toa.

Estava cheio e movimentado do lado de dentro, com quatro atendentes ocupados atrás de um balcão desgastado de madeira, rabiscando e carimbando, carregando pilhas de papel de um lado para outro, levando dinheiro para dentro de um escritório, de onde surgiam momentos depois trazendo recibos em bandejas de latão.

Um grupo de homens impacientes estava no canto, cada um deles sinalizando, com a voz e a postura, que seus negócios eram mais urgentes do que os do colega ao lado. Assim que conseguiu chamar a atenção de um dos atendentes, no entanto, não houve grande dificuldade em ver os registros dos navios que tinham partido de Inverness nos últimos meses.

– Ei, espere – disse ele ao jovem que empurrou um caderno grande de capa de couro por cima do balcão para ele.

– Sim? – O atendente estava corado por causa da pressa e tinha uma mancha de tinta no nariz, mas parou educadamente.

– Quanto vocês recebem para trabalhar aqui? – perguntou Roger.

As sobrancelhas do atendente se ergueram, mas ele estava com muito pressa para fazer perguntas ou para que se ofender com a abordagem.

– Seis xelins por semana – respondeu depressa, e logo desapareceu ao ouvir alguém gritando “Munro!” no escritório além do balcão.

– Hummm. – Roger passou pelas pessoas e levou o livro de registros para uma pequena mesa perto da janela, longe do fluxo intenso.

Por ter visto as condições nas quais os atendentes trabalhavam, Roger ficou impressionado com a legibilidade dos registros feitos à mão. Estava muito acostumado com a caligrafia arcaica e a pontuação excêntrica, mas as páginas que ele estava acostumado a ver eram sempre amareladas e frágeis, a ponto de se desintegrarem. Sentiu uma leve emoção de historiador ao ver a página diante dele nova e vazia e, mais à frente, o atendente que ficava numa mesa alta copiando o mais rápido que a pena permitia, com os ombros curvados em meio à confusão na sala.

Você está sendo medroso, disse uma vozinha fria no meio do seu cérebro. *Ela está aqui ou não está; sentir medo de olhar não vai mudar isso. Vamos!*

Roger respirou fundo e abriu o grande livro-razão. Os nomes dos navios estavam muito bem escritos no topo das páginas, seguidos pelos nomes de seus donos e sócios, com as cargas e datas de despacho. *Arianna. Polyphemus. Merry Widow. Tiburon.* Apesar de sua apreensão, admirou os nomes dos navios enquanto folheava o livro.

Meia hora depois, ele havia parado de pensar na poesia e na criatividade; mal notava o nome de cada navio enquanto corria o dedo pelas páginas num desespero cada vez maior. Não, ela não estava ali!

Mas tinha que estar, disse a si mesmo. Ela *tinha* que ter embarcado em um navio em direção às colônias; onde mais poderia

estar, diabos? A menos que ela não tivesse encontrado a nota no jornal... mas a sensação de enjoo abaixo de suas costelas lhe garantia que ela havia encontrado; nada mais teria feito com que ela arriscasse as pedras.

Respirou fundo e fechou os olhos, que estavam começando a se cansar com as páginas cheias de caligrafia. Então abriu os olhos, voltou ao primeiro registro relevante e começou a ler de novo, murmurando cada nome, para ter certeza de que não pularia nenhum.

Sr. Phineas Forbes, cavalheiro.

Sra. Wilhelmina Forbes.

Sr. Joshua Forbes.

Sra. Josephine Forbes.

Sra. Eglantine Forbes.

Sra. Charlotte Forbes...

Sorriu ao pensar no Sr. Phineas Forbes, cercado por suas mulheres. Mesmo sabendo que “Sra.” ali podia ser usado tanto por mulheres casadas quanto solteiras – e não para “senhoritas” –, ele imaginou Phineas entrando todo orgulhoso na embarcação com quatro esposas, com o Sr. Joshua na retaguarda.

Sr. William Talbot, mercador.

Sr. Peter Talbot, mercador.

Sr. Jonathan Bicknell, médico.

Sr. Robert MacLeod, agricultor.

Sr. Gordon MacLeod, agricultor.

Sr. Martin MacLeod...

Mas nenhum Randall dessa vez. Não no *Persephone*, nem no *Queen's Revenge*, nem no *Phoebe*. Ele coçou os olhos que doíam e começou a ler o registro do *Philip Alonzo*. Um nome espanhol, mas estava relacionado nos registros escoceses. Partindo de Inverness, sob o comando do Capitão Patrick O'Brian.

Ele não havia desistido, mas já começava a pensar no que fazer a seguir se não encontrasse o nome dela nas listas. Lallybroch, claro. Ele já tinha estado ali, em sua própria época, nos restos abandonados da propriedade. Conseguiria encontrá-la agora, sem a ajuda de placas e estradas?

Seus pensamentos foram interrompidos quando o dedo parou perto do pé de uma página. Não Brianna Randall, o nome que ele procurava, mas um nome que sua mente reconheceu. *Fraser* estava escrito com uma letra inclinada e fina. *Sr. Brian Fraser*. Não, não Brian. E não “Sr.”, tampouco. Ele se inclinou mais, observando a caligrafia preta.

Fechou os olhos, sentindo o coração bater forte no peito, e o alívio tomou conta dele, intoxicante como a cerveja escura especial do pub. *Sra.*, não *Sr.* E o que a princípio parecia apenas uma cauda exuberante no “n” de Brian, era, numa análise mais atenta, quase certamente um “a” descuidado.

Era ela, tinha que ser! Era um nome incomum – ele não tinha visto outras Briannas ou Brianas em nenhum ponto do enorme registro. E até Fraser fazia sentido, mais ou menos: numa busca quixotesca ao pai, ela havia passado a usar o nome dele, o nome a que tinha direito.

Ele fechou o livro, como se quisesse impedi-la de escapar das páginas, e sentou-se por um momento, respirando fundo. Ele a encontrara! Viu o atendente de cabelos claros olhando para ele do balcão e, corado, abriu o livro-razão de novo.

Phillip Alonzo. Partiu de Inverness no dia 4 de julho, Anno Domini 1769. Para Charleston, Carolina do Sul.

Franziu o cenho ao ver o nome, repentinamente incerto. Carolina do Sul. Aquele era o destino real dela ou apenas o mais perto que ela conseguia chegar? Ao analisar rapidamente os outros registros, não viu navios em julho partindo para a Carolina do Norte. Talvez ela tivesse simplesmente pegado o primeiro navio para as colônias do sul, pretendendo viajar por terra.

Ou talvez ele estivesse errado. Sentiu um arrepio frio que nada tinha a ver com o vento que vinha do rio e adentrava as frestas da janela a seu lado. Olhou para a página de novo e teve certeza. Não, a profissão não era especificada, como tinha acontecido com todos os homens. Era certamente uma “Sra.”. E, assim, deveria ser “Briana” também. E, se era “Briana”, também era “Brianna”, ele sabia.

Levantou-se e entregou o livro a seu conhecido de cabelos claros.

– Obrigado, rapaz – disse, relaxando e usando o próprio sotaque. – Pode me dizer se tem um navio no porto indo para as colônias americanas em breve?

– Ah, sim – disse o atendente, guardando o registro com uma mão e aceitando a passagem de um cliente com a outra. – Será o *Gloriana*; ele parte depois de amanhã para as Carolinas. – Olhou para Roger de cima a baixo. – Emigrante ou marinheiro? – perguntou.

– Marinheiro – disse Roger de imediato. Ignorando a sobranalha erguida do outro, gesticulou em direção à floresta de mastros visíveis pelas janelas. – Onde devo me registrar?

Com as duas sobranalhas erguidas, o atendente meneou a cabeça na direção da porta.

– O dono dele trabalha no Friars quando está no porto. É provável que esteja lá agora: capitão Bonnet.

Conteve-se para não acrescentar o que era óbvio em sua expressão desconfiada: se Roger era um marinheiro, ele, o atendente, era um papagaio africano.

– Certo, *mo ghille*. Obrigado. – Esboçando um cumprimento, Roger se virou, mas voltou-se à porta e viu o atendente ainda olhando para ele, ignorando a pressão dos clientes impacientes.

– Deseje-me sorte! – disse Roger, com um sorriso.

O sorriso de resposta do atendente foi tomado por algo que podia ter sido admiração ou melancolia.

– Boa sorte, homem! – disse ele, e acenou em despedida. Quando a porta se fechou, ele conversava com o cliente seguinte, a pena posicionada para o registro.

Encontrou o capitão Bonnet no pub, como havia sido dito, em um canto sob uma nuvem densa e azul de fumaça que o próprio charuto do capitão espessava.

– Seu nome?

– MacKenzie – disse Roger num impulso repentino. Se Brianna podia fazer aquilo, ele também podia.

– MacKenzie. Alguma experiência, Sr. MacKenzie?

A luz do sol incidiu sobre o rosto do capitão, fazendo com que ele semicerrasse os olhos. Bonnet voltou à sombra, e as marcas de expressão ao redor de seus olhos relaxaram, deixando Roger exposto a um olhar desconfortavelmente insistente.

– Já pesquei arenque algumas vezes, no Minch.

Não era mentira: ele já tinha passado muitos verões na adolescência em um barco de pesca de arenque capitaneado por um conhecido do reverendo. A experiência havia lhe rendido uma boa camada de músculos, ouvido para um cantarolar cadenciado das Ilhas e nojo de arenque. Mas ele sabia como era segurar uma corda, pelo menos.

– Ah, você é um cara de bom tamanho. Mas um pescador não é a mesma coisa que um marinheiro. – O sotaque levemente irlandês do homem não deixou claro se aquilo se tratava de uma pergunta, uma afirmação... ou uma provocação.

– Não pensei que fosse uma ocupação que exigisse grande habilidade. – Sem qualquer motivo aparente, o capitão Bonnet lhe causou um arrepio na nuca.

Os olhos verdes se firmaram.

– Talvez mais do que pensa... mas certamente não é nada que um homem disposto não consiga aprender. Mas o que, neste momento, faria com que um homem do seu tipo se interessasse pelo mar de repente?

Ele olhou de relance para as sombras da taverna, observando-o. *Do seu tipo*. Qual seria?, Roger se perguntou. Não sua fala – ele tomara o cuidado de esconder qualquer vestígio de Oxford, adotando o modo de falar dos habitantes das Ilhas. Estaria muito bem-vestido para um candidato a marinheiro? Ou seria a gola rasgada ou a marca de queimadura na frente de seu casaco?

– Imagino que isso não seja da sua conta – respondeu de modo neutro. Com um pouco de esforço, manteve as mãos relaxadas ao lado do corpo.

Os olhos verdes o analisaram com frieza, sem piscar. Como um leopardo observando uma fera que passava, Roger pensou, calculando se o esforço valeria a pena.

As pálpebras pesadas se fecharam mais; não valia a pena... por enquanto.

– Você estará embarcado ao pôr do sol – disse Bonnet. – Cinco xelins por mês, carne três vezes na semana, pudim de cereja aos domingos. Terá uma rede, mas consiga suas roupas. Estará livre para sair do barco assim que a carga for retirada, mas não antes. Estamos de acordo, senhor?

– Estamos – disse Roger, sentindo a boca seca de repente. Teria feito qualquer coisa por uma caneca de cerveja, mas não agora, não ali, sob aqueles olhos verde-claros.

– Pergunte pelo Sr. Dixon quando embarcar. Ele é o pagador. – Bonnet se inclinou para trás, pegou um caderno pequeno de capa de couro do bolso e o abriu. A entrevista terminara.

Roger se virou e saiu, sem olhar para trás. Sentiu um arrepio na base do crânio. Se olhasse para trás, sabia que veria aquele olhar claro fixo nele por cima da margem de um livro não lido, observando todos os seus pontos fracos.

O local do arrepio, pensou, era onde seus dentes se cravariam.

GLORIANA

Antes de partir com o *Gloriana*, Roger pensou estar em razoável boa forma. Na verdade, em comparação com a maioria das espécies de humanos malnutridos e envelhecidos que formavam o resto da tripulação, ele se considerava muito bem. Precisou de exatamente catorze horas – a duração de um dia de trabalho – para que mudasse de ideia.

Ele sabia que ganharia bolhas nas mãos, além de músculos doloridos; carregar caixas, levantar barrotins e puxar corda era um trabalho familiar, apesar de que fazia algum tempo que ele não o executava.

O que havia esquecido era o cansaço profundo que vinha tanto do frio constante das roupas molhadas quanto do trabalho. Ele gostava do trabalho árduo, porque o aquecia temporariamente, embora soubesse que o calor seria sucedido por um tremor leve e constante assim que subisse ao convés, onde o vento sopraria suas roupas finas empapadas de suor.

As mãos com calosidades e arranhões causados pelo cânhamo doíam, mas isso era esperado; no fim de seu primeiro dia, as palmas das mãos estavam enegrecidas por causa do alcatrão e a pele dos dedos rachava e sangrava nas articulações em carne viva. Mas a dor causada pela fome tinha sido uma surpresa. Não pensou que pudesse sentir tanta fome.

Um homem curvado que trabalhava ao lado dele – um tal de Duff – estava igualmente molhado, mas não parecia abalado pela situação. O nariz pontudo e comprido que farejava como um furão tinha a ponta azulada e pingava sem parar, mas os olhos claros eram atentos e a boca logo abaixo sorria de modo amplo, mostrando os dentes da cor da água no Firth.

– Coragem, homem. Seja forte. – Duff cutucou as costelas dele com o cotovelo e desapareceu por uma escotilha, de dentro da qual, num espaço cavernoso, ouviam-se gritos de blasfêmia e batidas altas.

Roger voltou a descarregar as mercadorias, animado ao pensar no jantar.

Metade do porão fora ocupada pela carga. Os barris de água estavam cheios: fileiras e mais fileiras de tambores de madeira, no escuro, cada barril de cem galões pesando mais de trezentos e cinquenta quilos. O espaço na outra extremidade da embarcação ainda estava aberto, vazio, e uma procissão constante de carregadores atravessava a doca como formigas, empilhando caixas e barris, rolos e pacotes, e parecia inconcebível que aquela massa coubesse no navio.

Demoraram dois dias para carregar tudo: barris de sal, rolos de tecido, enormes caixas de peças de metal que tinham que ser baixadas com cordas devido ao peso. Foi aí que o tamanho de Roger se tornou um benefício. Na ponta de uma corda havia um cabrestante; ele se apoiou em uma caixa suspensa do outro lado e, com os músculos contraídos pelo esforço, desceu-a o suficiente para que os dois homens embaixo pudessem pegá-la e colocá-la no espaço cada vez mais cheio.

Os passageiros entraram no fim da tarde, uma fila de emigrantes carregando sacolas, pacotes, galinhas em gaiolas e crianças. Eram a carga das entrepontes – um espaço criado pela construção de uma antepara na área da proa e tão lucrativo quanto os produtos maiores à popa.

– Servos e livres – dissera Duff a ele, olhando para quem entrava com olhar aguçado. – Cada um vale quinze libras, e os novos, três ou quatro. As crianças de colo são libertadas com as mães.

O marinheiro tossiu, com um barulho profundo, como um motor antigo sendo acionado, e cuspiu catarro, que passou raspando pela barra da grade da amurada. Balançou a cabeça ao olhar para a fila mais adiante.

– Alguns conseguem pagar para entrar, mas não muitos aqui. Precisam de um emprego para conseguir comida para a família na viagem.

– Então, o capitão não os alimenta?

– Ah, sim. – Duff pigarreou de novo, tossiu e cuspiu. – Cobra um valor. – Sorriu para Roger, secou os lábios e fez um meneio de cabeça em direção à prancha. – Vá ajudar, rapaz. Não queremos que os lucros do capitão caiam na água, certo?

Surpreso ao sentir o corpo macio de uma menininha ao embarcá-la, Roger observou com mais atenção e viu que o corpo avantajado de muitas das mulheres era uma ilusão ocasionada pelas muitas camadas de roupas; tudo o que elas tinham no mundo, aparentemente, além de pequenas trouxas de pertences, caixas de alimentos preparadas para a viagem – e as crianças magras por quem tomavam atitudes desesperadas.

Roger se agachou, sorrindo para o menino pequeno e relutante que se segurava à saia da mãe. Ele não tinha mais que 2 anos, ainda usava babador, com vários cachos louros e macios, a boquinha carnuda de lábios curvados para baixo, numa reprovação temerosa de tudo ao seu redor.

– Vamos, homem – disse Roger suavemente, estendendo a mão num convite. Não era mais um esforço para controlar seu sotaque. Sua fala mais acentuada de Oxbridge havia passado ao modo de falar mais calmo das Terras Altas com o qual ele havia crescido, e o usava agora inconscientemente. – Sua mãe não pode pegá-lo agora; venha comigo.

Muito desconfiado, o garoto fungou e arregalou os olhos para ele, mas deu trabalho para que Roger conseguisse tirar seus dedinhos sujos da saia da mãe. Roger carregou o garotinho pelo convés, a mulher atrás dele, silenciosa. Ela o olhou quando ele entregou a criança, os olhos fixos nos dele; seu rosto desapareceu no escuro como uma pedra branca caída dentro de um poço, e ele se virou com uma sensação de intranquilidade, como se tivesse abandonado alguém que se afogava.

Quando se virou para voltar a trabalhar, viu uma jovem descendo pelo desembarcadouro. Ela era o tipo de garota que

chamavam de “formosa” – não bonita, mas vívida e de bons traços, com algo que chamava a atenção.

Talvez fosse apenas sua postura; ereta como um caule de margarida entre as costas curvadas e corcundas ao seu redor. Ou seu rosto, que demonstrava apreensão e incerteza, mas que ainda tinha o brilho da curiosidade. Corajosa, ele pensou, e seu coração – oprimido por tantos rostos tristes de emigrantes – iluminou-se ao vê-la.

Ela hesitou ao ver o navio e a multidão ao redor dele. Um jovem alto de cabelos claros estava com ela, com um bebê nos braços. Ele tocou o ombro dela para confortá-la, e ela olhou para ele, um sorriso em resposta iluminando seu rosto como um fósforo sendo aceso. Ao observá-los, Roger sentiu uma pontada de algo que podia ser inveja.

– Você, MacKenzie! – O grito do contramestre o tirou de seus pensamentos. O contramestre meneou a cabeça indicando a proa. – Tem carga esperando... ela não vai entrar no navio sozinha!

Depois do embarque e do desfraldar das velas, a viagem transcorreu tranquila por semanas. O clima tempestuoso que acompanhara o êxodo deles da Escócia rapidamente diminuiu e passou a bons ventos e mares com ondas, e, embora o efeito disso na maioria dos passageiros fosse o enjoo, tal incômodo desapareceu com o tempo. O cheiro de vômito das entrepontes diminuiu, tornando-se muito suave na sinfonia de fedores a bordo do *Gloriana*.

Roger nascera com um forte olfato, um atributo que ele andava considerando muito ruim na embarcação. Mas até mesmo o nariz mais sensível se acostumava com o tempo, e depois de um dia ou dois ele havia deixado de notar a maioria dos odores, exceto os novos.

Felizmente, não sentia enjoo, apesar de suas experiências com os pescadores de arenque terem bastado para fazê-lo prever o clima, com o conhecimento dos marinheiros de que sua vida podia depender do brilho do sol em determinado dia.

Seus novos colegas de embarcação não eram simpáticos, tampouco eram hostis. Independentemente do seu sotaque “caipira” das Ilhas – já que a maioria dos homens do *Gloriana* era de falantes de inglês de Dingwall ou Peterhead –, das coisas estranhas que ele dizia às vezes ou simplesmente do seu tamanho, eles o tratavam com uma certa distância. Não era uma antipatia clara – seu tamanho impedia que fosse –, mas era um tratamento frio, mesmo assim.

Roger não se incomodou com a frieza. Gostava bastante de ficar sozinho com seus pensamentos, a mente voando livre enquanto o corpo lidava com as tarefas diárias no navio. Havia muito em que pensar.

Ele não havia se informado sobre a fama do *Gloriana* nem do seu capitão antes de embarcar; teria viajado com o pior capitão do mundo, desde que esse cavalheiro estivesse seguindo para a Carolina do Norte. Ainda assim, pelas conversas que ouvia entre os tripulantes, entendeu que Stephen Bonnet era conhecido como um bom capitão: duro mas justo, e um homem cujas viagens sempre traziam lucros. Para os marinheiros, muitos dos quais trabalhavam por comissão, e não por salário, essa última qualidade claramente mais do que compensava qualquer desvio de conduta que ele pudesse ter.

Não que Roger tivesse visto evidências claras de tais desvios. Mas ele percebia que Bonnet se posicionava sempre como se um círculo invisível o envolvesse, um círculo no qual poucos tinham coragem suficiente de entrar. Só o primeiro imediato e o contramestre falavam diretamente com o capitão; os marinheiros mantinham a cabeça baixa quando ele passava. Roger se lembrou dos olhos frios e verdes como os de um leopardo que o observaram; não surpreendia que ninguém quisesse chamar atenção.

Mas ele estava mais interessado nos passageiros do que na tripulação ou no capitão. Eles eram pouco vistos, mas tinham permissão de subir ao convés brevemente duas vezes por dia, para tomar um pouco de ar, esvaziar os penicos na lateral do navio – pois seria muito inadequado fazê-lo nas pontas da embarcação – e descer de novo com as pequenas quantidades de água cuidadosamente racionada para cada família. Roger ansiava por tais

visões breves e tentava se manter nesses momentos o mais próximo possível da ponta do convés, onde eles faziam seus rápidos exercícios.

Seu interesse era profissional e pessoal; seus instintos de historiador eram aguçados com a presença deles, e sua solidão, suavizada pela familiaridade de suas conversas. Ali estavam as sementes do novo país, o legado do antigo. O que aqueles pobres emigrantes sabiam e estimavam era o que seria passado adiante.

Se alguém fosse escolher a dedo o depósito de cultura escocesa, pensou, talvez não escolhesse coisas como a receita contra verrugas sobre a qual uma senhora reclamava sem parar para a nora que havia tempos sofria com elas (“Eu disse a você, Katie Mac, e por que você decidiu deixar meu sapo seco para trás, sendo que encontrou espaço para trazer todas as suas tranqueiras com as quais temos dificuldades todos os dias...”), mas isso é o que ficaria também, juntamente com as canções e orações, com os tartãs e as estampas celtas de sua arte.

Olhou para a própria mão; lembrava-se muito bem da Sra. Graham esfregando uma grande verruga em seu terceiro dedo com o que ela *disse* ser um sapo seco. Sorriu, passando o polegar sobre o local. Devia ter dado certo; ele nunca mais teve outra.

– Senhor – disse alguém a seu lado. – Senhor, podemos tocar o ferro?

Ele olhou para baixo e sorriu para a menininha, segurando os dois irmãos menores pelas mãos.

– Sim, *a leannan* – disse ele. – Pode ir, mas cuidado com os homens.

Ela assentiu e os três se afastaram, olhando ansiosos de um lado para outro para ter certeza de que eles não estavam no caminho, e então foram tocar a ferradura presa num prego no mastro para dar boa sorte. O ferro era proteção e cura; as mães costumavam mandar os filhos doentes fazerem isso.

O ferro teria feito mais efeito se ingerido como nutriente, Roger pensou, ao ver as manchas vermelhas nos rostos claros, e depois de ouvir as reclamações de coceiras, dentes moles e febre. Ele retomou o trabalho, despejando medidas de água nos baldes e pratos que os emigrantes lhe estendiam. Eles estavam

sobrevivendo de aveia – aveia, ervilhas secas de vez em quando e um pouco de biscoito era o total das “provisões” fornecidas na viagem.

Quanto a isso, ele não ouvira reclamações; a água era limpa, o biscoito não era mofado e, se a medida de “milho” não era generosa, também não era pouca. A tripulação era mais bem alimentada, mas ainda com carne e amido, e com cebolas de vez em quando, para aliviar. Ele passou a língua pelos dentes, prestando atenção, como fazia de poucos em poucos dias. O gosto fraco de ferro quase sempre estava em sua boca; as gengivas começavam a sangrar pela falta de vegetais frescos.

Apesar disso, seus dentes estavam fortes e não tinha sinais de articulações inchadas ou unhas quebradiças que eram tão comuns entre os tripulantes. Ele havia pesquisado durante as semanas de espera: um homem adulto normal de boa saúde poderia tolerar de três a seis meses de deficiência prolongada de vitaminas antes de apresentar algum sintoma real. Se o tempo bom continuasse, eles atravessariam em apenas dois meses.

– O tempo vai estar bom amanhã, não é? – Ao ser tirado de seus pensamentos por alguém que parecia lê-los, olhou para baixo e viu a menina formosa de cabelos castanhos a quem ele havia admirado no ancoradouro em Inverness. Morag era como seus amigos a chamavam.

– Espero que sim – disse ele, pegando o balde dela com um sorriso. – Por que diz isso?

Ela meneou a cabeça, indicando algo atrás dela com o queixo pontudo.

– Ali está a lua nova nos braços da velha; isso quer dizer bom tempo em terra, então acho que é a mesma coisa no mar, não?

Ele olhou para o céu e viu a curva clara de uma lua prateada mantendo uma órbita brilhante. Estava alta e perfeita no céu noturno infinito de um tom violeta claro, seu reflexo engolido pelo mar escuro.

– Não perca tempo conversando, moça, pergunte logo a ele! – Ele se virou de volta a tempo de ouvir essa frase sussurrada por uma mulher de meia-idade atrás de Morag, que arregalou os olhos.

– Pare com isso! – sussurrou ela em resposta. – Não farei isso, já disse que não!

– Você é uma moça teimosa, Morag – declarou a senhora, dando um passo à frente com coragem –, e, se não vai perguntar, eu farei isso por você!

A senhora pousou a mão no braço de Roger e abriu um sorriso charmoso.

– Qual é o seu nome, moço?

– MacKenzie, senhora – disse Roger com respeito, contendo um sorriso.

– Ah, MacKenzie, sim! Bem, veja, Morag, pode ser que ele seja parente do seu pai e fique feliz em lhe fazer um favor! – A mulher se virou triunfante para a garota e então voltou a se virar para que Roger visse a intensidade de sua personalidade.

– Ela está amamentando um bebê e morrendo de sede por isso. Uma mulher precisa ingerir líquidos quando está amamentando ou seu leite pode secar; qualquer pessoa sabe bem disso. Mas a tola não consegue pedir um pouco mais de água a você. Não há problema nisso, há? – perguntou de modo retórico, virando-se para olhar para as outras mulheres na fila. Não surpreendeu que todas as cabeças ali se mexessem de um lado para outro, como um brinquedo de corda.

Escurecia, mas o rosto de Morag estava claramente rosado. Com os lábios pressionados, ela aceitou o balde cheio de água balançando a cabeça brevemente.

– Obrigada, Sr. MacKenzie – murmurou. Só olhou para a frente quando chegou à porta, mas então parou e olhou para trás, para ele, com um amplo sorriso de gratidão que fez com que ele se sentisse aquecido, apesar do vento forte da noite que passava por sua camisa e pela jaqueta.

Ele ficou chateado ao ver a fila da água acabar, os emigrantes descerem e a escotilha ser fechada para que fossem dormir. Ele sabia que eles contavam histórias e cantavam músicas para passar o tempo, e adoraria poder ouvi-las. Não só de curiosidade, mas também por vontade – o que o emocionava não era a pena que sentia pela pobreza deles nem o fato de pensar no futuro incerto; era a inveja que sentia do senso de ligação entre eles.

Mas o capitão, a tripulação, os passageiros, até mesmo o clima, ocupavam um espaço muito pequeno dos pensamentos de Roger. Ele pensava em Brianna dia e noite, quando chovia e quando fazia sol, quando sentia fome ou satisfação.

Desceu quando o sinal do jantar foi dado e comeu quase sem notar o conteúdo do prato. A vigília dele era a segunda; foi para a rede depois de comer, escolhendo o isolamento e o descanso em vez da possibilidade de companhia no bailéu.

O isolamento era uma ilusão, claro. Balançando-se devagar na rede, conseguia sentir cada movimento do homem ao lado dele, o calor do suor contra seu corpo através do tecido fino de algodão. Cada homem tinha 46 centímetros de espaço onde dormir, e Roger se incomodava em saber que, quando se deitava de costas, seus ombros excediam esse espaço em cerca de 5 centímetros de cada lado.

Depois de duas noites de sono interrompidas pelos baques e insultos murmurados por seus colegas de barco, ele havia trocado de lugar e acabara no espaço ao lado da antepara, onde só incomodava um companheiro. Aprendeu a se deitar de lado, com o rosto a 3 ou 5 centímetros da divisória de madeira, bloqueando os sons dos homens ao redor dele.

Um navio era algo muito musical – fios e cordas cantando ao vento, as madeiras rangendo a cada movimento, as batidas e murmúrios baixos do outro lado da antepara, no escuro do compartimento de passageiros nas entrepontes. Olhou para a madeira escura, iluminada pelas sombras da lanterna que se balançava no alto, e começou a recriá-la, os contornos do rosto, dos cabelos e do corpo todos muito vívidos no escuro. Vívidos demais.

Conseguia ver seus olhos sem nenhuma dificuldade. O que ficava por trás deles era bem mais complicado.

O descanso também era uma ilusão. Quando ela passou pelas pedras, levou consigo toda a paz de espírito dele. Ele vivia em uma mistura de medo e raiva, apimentada pela dor da traição, que se esfregava como sal nas feridas. As mesmas perguntas se repetiam em sua mente, sem respostas, uma cobra correndo atrás da cauda.

Por que ela havia partido?

O que estava fazendo?

Por que não contara a ele?

Era muito difícil conseguir uma resposta para a primeira das perguntas, que fazia com que ele pensasse e repensasse a situação, como se a resposta pudesse lhe dar a chave para todo o mistério de Brianna.

Sim, ele já se sentira solitário. Sabia muito bem como era não ter ninguém no mundo para chamar de seu, e sabia como era não ser de ninguém. Mas certamente esse era um dos motivos para eles terem se apoiado – ele e Brianna.

Claire também sabia, ele pensou de repente. Era órfã, perdera o tio – sim, era casada. Mas havia se separado do marido durante a guerra... sim, ela sabia muito bem como era ser sozinha. E por isso cuidara para que Bree não ficasse sozinha, para que se sentisse amada.

Bem, ele havia tentado amá-la direito – ainda estava tentando, pensou com seriedade, virando-se sem conforto na rede. Durante o dia, o trabalho afastava as necessidades cada vez maiores do seu corpo. Mas à noite ela se tornava real demais, a Brianna de sua lembrança.

Ele não havia hesitado; soubera, assim que descobrira, que precisava ir atrás dela. Mas às vezes ele não sabia se tinha ido para salvá-la ou para perturbá-la – qualquer coisa, desde que tudo ficasse resolvido entre eles. Ele havia dito que esperaria – mas já tinha esperado muito tempo.

O pior de tudo não era a solidão, pensou, remexendo-se de novo, mas a dúvida. Dúvida em relação aos sentimentos dela, e aos dele. Pânico de que não a conhecesse de fato.

Pela primeira vez desde sua passagem pelas pedras, ele percebeu o que ela pretendia ao recusá-lo, e sabia que sua hesitação tinha sido sábia. Mas era sabedoria ou apenas medo?

Se ela não tivesse passado pelas pedras, teria se voltado para ele de corpo e alma? Ou teria decidido recusá-lo, sempre à procura de outra coisa?

Foi um salto de fé – jogar o coração em um abismo e acreditar que o outro o pegaria. Seu coração ainda estava voando, sem certeza de onde pousaria. Mas ainda voava.

Os sons do outro lado da antepara tinham cessado, mas voltavam a ser ouvidos de modo rítmico, sons com os quais ele tinha familiaridade. Estavam fazendo de novo, fossem quem fossem.

Faziam quase todas as noites, depois que os outros iam dormir. A princípio, os sons o faziam sentir apenas seu isolamento, sua condição sem o calor de Brianna. Parecia não haver nenhuma possibilidade de calor humano real, nenhuma conexão de corações ou mentes, nada além de um consolo animal de um corpo ao qual se agarrar no escuro. Existia algo além disso?

Mas então ele começou a ouvir outra coisa nos sons, palavras de ternura, expressões furtivas de afirmação, e isso fez com que ele se tornasse não um *voyeur*, mas participante da ligação.

Mas não sabia quem eram, claro. Podia ser qualquer um dos casais ou duas pessoas quaisquer com desejo – mas, ainda assim, ele imaginava os rostos dos dois desconhecidos; em sua mente, imaginava o jovem alto de cabelos claros, a moça de cabelos castanhos com rosto simpático, imaginava os dois se entreolhando como havia acontecido no ancoradouro, e teria vendido a alma para ter certeza.

DAQUELES QUE CORREM PERIGO NO MAR

Uma forte ventania repentina manteve os passageiros presos nos deques por três dias e os marinheiros em seus postos com poucos minutos para descansar ou se alimentar. Quando terminou e o *Gloriana* passou pela tempestade e o céu da manhã foi tomado por nuvens finas, Roger cambaleou até sua rede, exausto demais até para torcer as roupas molhadas.

Dolorido, molhado e coberto de sal, pronto somente para um banho quente e uma semana de sono, ele respondeu ao assovio do contramestre para a vigília da tarde depois de quatro horas de descanso e partiu para suas obrigações.

Estava tão cansado ao pôr do sol que seus músculos tremiam enquanto ele ajudava a puxar um barril de água fresca do porão. Bateu na parte de cima com uma machadinha, pensando que talvez pudesse controlar as doses de água sem cair de cara no barril. Mas não poderia. Espirrou água fria no rosto, na esperança de aliviar os olhos que ardiam, e tomou um bom gole, ignorando de uma vez os limites impostos por aquela contradição constante do mar – sempre água demais, mas muito pouca.

As pessoas que traziam os jarros e os baldes para serem enchidos pareciam ainda pior do que ele: com a pele esverdeada como cogumelos, cheias de hematomas por terem sido jogadas constantemente de um lado para outro como se fossem bolas de sinuca, vomitando de novo devido ao enjoo que voltara a afetá-las, e com os penicos cheios.

Em forte contraste em relação às pessoas pálidas e de aparência ruim, uma de suas velhas conhecidas sacolejava ao redor dele, cantando num tom monótono que irritava seus ouvidos.

“Sete arenques equivalem a um salmão.”

*Sete salmões equivalem a uma foca,
Sete focas equivalem a uma baleia,
E sete baleias equivalem a um monstro do mar!”*

Feliz por ter saído do porão, a menininha saltitava como uma maluca, fazendo Roger sorrir, apesar do cansaço. Ela saltitou até a amurada e então ficou na ponta dos pés e olhou por cima dela com cuidado.

– Acha que foi o monstro do mar que causou a tempestade, Sr. MacKenzie? O vovô disse que foi, provavelmente. Ele bate a cauda enorme na água, sabe? – informou. – É o que faz as ondas ficarem tão grandes.

– Eu acho que não. Onde estão seus irmãos, *a leannan*?

– Com febre – respondeu ela, indiferente.

Não era nada incomum: metade dos emigrantes na fila estava tossindo e espirrando; três dias no escuro e com as roupas molhadas não tinham ajudado muito a saúde já fragilizada de todos eles.

– Então, você viu o monstro do mar? – perguntou ela, recostando-se na amurada e cobrindo os olhos com uma das mãos.
– Eles são mesmo grandes o bastante para engolir o barco?

– Nunca vi um. – Roger soltou a corda e a puxou pelo cordão do avental, afastando a menina da amurada. – Cuidado, sim? Seria muito fácil você cair na água, mocinha!

– Veja! – gritou ela, inclinando-se ainda mais, apesar de ele ainda segurá-la. – Veja, ali, *ali*!

Atraído tanto pelo terror na voz dela quanto pelo que ela dizia, Roger se inclinou sobre a amurada de modo involuntário. Uma sombra escura estava logo abaixo da superfície, lisa e preta, rápida como uma bala – e do tamanho de metade do navio. Manteve-se ao lado da embarcação por alguns minutos e então passou por ela e a deixou para trás.

– Tubarão – disse Roger, abalado. Sacudiu a menina levemente, para interromper seus gritos. – É só um tubarão, entendeu? Sabe o que é um tubarão, não? Comemos um na semana passada!

Ela havia parado de gritar, mas ainda estava pálida e com os olhos arregalados, os lábios tremendo.

– Tem certeza? – perguntou ela. – Não... não era um monstro do mar?

– Não – disse Roger com firmeza, e deu a ela uma cuia de água para beber sozinha. – Só um tubarão. – O maior tubarão que ele já tinha visto, com ar de ferocidade cega que fazia os pelos de seus braços se arrepiarem só de olhar – mas só um tubarão. Eles ficavam ao lado do navio sempre que a velocidade diminuía, prontos para comer o lixo e a lavagem que eram jogados ao mar.

– Isobeàil! – Um grito irritado fez com que sua companheira partisse para ajudar nas tarefas da família. Arrastando os pés e fazendo um bico, Isobeàil se foi para ajudar a mãe com os baldes de água, deixando Roger acabar o trabalho sem ser interrompido.

Sem nenhuma outra interrupção além de seus pensamentos, pelo menos. Na maior parte do tempo, ele conseguia se esquecer de que o *Gloriana* não tinha nada embaixo do casco além de água e mais água; que o navio não era, de fato, a ilha pequena e sólida que parecia ser, mas que não passava de uma casca frágil à mercê das forças que poderiam a qualquer momento destruí-la – e a todos a bordo.

Teria o *Phillip Alonzo* chegado ao porto em segurança?, ele se perguntou. Navios afundavam, e com frequência; ele já tinha lido muitos relatos a respeito. Depois dos últimos três dias, era de surpreender que mais navios não afundassem. Bem, e não havia nada que ele pudesse fazer sobre isso, exceto rezar.

Daqueles que correm perigo no mar, Senhor, tenha piedade.

Com uma nitidez repentina, entendeu exatamente a que se referia quem disse essa frase.

Quando terminou, jogou o balde dentro do barril e pegou uma tábua para cobri-lo. Caso contrário, ratos tentavam entrar e morriam afogados. Uma das mulheres o puxou pelo braço quando ele se virou. Fez um gesto para o menininho em seu colo, que se remexia com o rosto em seu pescoço.

– Sr. MacKenzie, será que o capitão poderia usar seu anel em nosso Gibbie? Ele está com os olhos irritados por ter ficado no escuro por muito tempo.

Roger hesitou, mas então riu de si mesmo. Ele, assim como o resto da tripulação, costumava ficar longe de Bonnet, mas não havia

motivos para recusar o pedido da mulher; o capitão já tinha usado seu anel de ouro antes, pois era uma solução popular para olhos irritados e inflamações.

– Sim, claro – disse ele, esquecendo-se de si mesmo por um momento. – Venha. – A mulher piscou surpresa, mas o seguiu, obediente. O capitão estava no tombadilho conversando com seu imediato; Roger fez um gesto para que a mulher esperasse um pouco e ela assentiu, encolhendo-se com vergonha atrás dele.

O capitão parecia tão cansado quanto qualquer um deles, as linhas de expressão profundas em seu rosto. Lúcifer depois de uma semana gerenciando o Inferno, sem folga, Roger pensou, divertindo-se ironicamente.

–... prejuízo aos baús de chá? – dizia Bonnet a seu imediato.

– Apenas dois, e não totalmente encharcados – respondeu Dixon. – Podemos salvar um pouco; talvez nos livremos dele subindo o rio em Cross Creek.

– Sim, eles são mais rígidos em Edenton e New Bern. Mas têm os melhores preços lá; vamos nos livrar do que pudermos antes de ir a Wilmington.

Bonnet se virou levemente e viu Roger. Sua expressão ficou mais séria, mas voltou a relaxar quando ouviu o pedido. Sem comentar nada, ele abaixou a mão e esfregou cuidadosamente o anel de ouro que usava no dedo mínimo sobre os olhos fechados do pequeno Gilbert. Uma aliança larga, Roger viu; quase parecia uma aliança de casamento, mas menor – uma aliança de mulher, talvez. O temido Bonnet com um símbolo de amor? Poderia ser, Roger pensou. Talvez alguma mulher gostasse do ar de violência contida do capitão.

– O bebê está adoecendo – comentou Dixon. Ele apontou pontos vermelhos atrás da orelha do menino, cujas faces estavam vermelhas de febre.

– Não, é febre comum – disse a mulher, puxando o filho de modo defensivo contra o peito. – Deve ser um dente novo nascendo.

O capitão assentiu com indiferença e se virou. Roger levou a mulher à galé para pedir um pedaço de biscoito para o menino roer

e então a mandou de volta ao compartimento para ficar com os outros.

Mas não pensou nas gengivas de Gilbert; enquanto subia a escada para o convés, sua mente foi tomada pela conversa que ouvira.

Paradas em New Bern e em Edenton, antes de Wilmington. E estava claro que Bonnet não tinha pressa; pensaria nos preços bons para sua carga e ganharia tempo tirando dinheiro de seus passageiros. Cristo, seriam semanas até chegarem a Wilmington!

Não poderia ser, pensou Roger. Só Deus sabia onde Brianna poderia estar – ou o que poderia acontecer com ela. O *Gloriana* havia se saído bem, apesar da tempestade. Com a permissão de Deus, eles chegariam à Carolina do Norte em apenas oito semanas, se continuasse ventando. Não queria sacrificar o tempo valioso com demoras nos portos do norte, enquanto seguiam para o sul.

Ele sairia do *Gloriana* no primeiro porto, decidiu, para ir ao sul da melhor maneira que pudesse. Sim, ele havia prometido ficar no barco até a carga ser vendida, mas não receberia pagamento nenhum, então a troca parecia bem justa.

O ar fresco no convés não o ajudou muito a despertar. Sua cabeça ainda estava pesada, e a garganta, tomada pelo sal. Mais três horas de vigília; buscou mais uma cuia de água esperando que ela o ajudasse a ficar de pé.

Dixon havia deixado o capitão e passava por entre os passageiros, assentindo para os homens, parando para dizer algo a uma mulher com filhos. Estranho, Roger pensou. O homem não era muito sociável com a tripulação, menos ainda com os passageiros, a quem tratava como se não passassem de um tipo inconveniente de carga.

Algo em sua mente despertou quando ele pensou em carga: algo desconfortável, mas que não soube identificar. Estava nas sombras da exaustão, fora de vista, quase perto do olfato. Sim, era isso, tinha a ver com cheiro. Mas o que...

– MacKenzie! – Um dos marinheiros chamava da proa, acenando para ele ir ajudar com as velas rasgadas pelo vento que precisavam de remendos; havia pilhas enormes de lona espalhadas

como montes de neve suja sobre a madeira, e as camadas de cima esvoaçavam com o vento.

Roger resmungou e alongou os músculos doloridos. Independentemente do que acontecesse na Carolina do Norte, ele ficaria muito feliz ao sair do navio.

Duas noites depois, Roger estava sonhando quando a gritaria o acordou. Levantou-se e correu em direção ao tumulto, com o coração aos pulos, antes mesmo de sua mente entender que ele estava acordado. Correu para a escada, mas foi derrubado por um golpe no peito.

– Fique onde está, tolo! – A voz de Dixon surgiu dos níveis acima. Ele viu a cabeça do homem, um contorno contra o quadrado cheio de estrelas da portinhola.

– O que foi? O que está acontecendo? – Ele tentou afastar a confusão do sonho, mas, desperto, se viu mais confuso.

Havia outros homens no escuro perto dele, ele sentia corpos caindo sobre ele enquanto tentava se manter de pé. Todo o barulho acontecia lá em cima; o bater de pés no convés, gritos e berros diferentes de tudo o que ele já tinha ouvido.

– Assassinos! – A voz de uma mulher foi ouvida na confusão, um grito agudo. – Maldito assa... – A voz foi interrompida abruptamente e se ouviu um baque pesado no convés acima.

– O que foi? – Novamente de pé, Roger passou pelos homens que estavam na escada e gritou para Dixon: – O que foi? Fomos atacados?

Suas palavras foram encobertas pelos gritos que vinham de cima: gritos de mulheres e crianças mais altos do que os berros e palavrões dos homens.

Uma luz vermelha brilhava em algum ponto ali em cima. O navio estava em chamas? Ele passou pelos homens e pegou a escada, subiu e segurou o pé de Dixon.

– Saia! – Dixon balançou o pé para se livrar, acertando um chute na cabeça de Roger. – Fique aí embaixo! Cristo, você quer pegar varíola?

– Varíola? Que *diabos* está acontecendo aí em cima? – Com os olhos acostumados ao escuro agora, Roger pegou o pé e o puxou com força para baixo. Despreparado para o ataque, Dixon soltou a escada e caiu, passando pela cabeça de Roger, no meio dos homens lá embaixo.

Roger ignorou os gritos de raiva e de surpresa atrás dele e subiu ao convés. Havia um grupo de homens reunidos ao redor da escotilha. E lanternas penduradas nas cordas, lançando feixes vermelhos, brancos e amarelos que reluziam nas peças e metais.

Procurou depressa outro navio, mas o mar estava escuro e vazio de todos os lados. Nenhum invasor, nenhum pirata; toda a confusão ocorria perto da escotilha, onde metade da tripulação estava reunida num círculo, armada com facas e porretes.

Motim?, pensou ele, e ignorou a ideia enquanto avançava; a cabeça de Bonnet apareceu acima da multidão, os cabelos claros brilhando à luz das lanternas. Roger passou pela multidão, empurrando com os ombros os marinheiros mais franzinos.

Gritos ecoavam do compartimento e havia um feixe de luz vindo de baixo. Um monte de trapos foi sendo passado rapidamente de mão em mão e desapareceu atrás do grupo de pessoas que seguravam porretes. Ouviu-se um barulho alto de algo caindo na água, e mais outro.

– O que é isso, o que está acontecendo? – Ele gritou no ouvido do contramestre, que estava perto da escotilha, segurando uma lanterna. O homem se virou e arregalou os olhos para ele.

– Você não teve varíola, teve? Desça! – A atenção de Hutchinson já tinha voltado para a escotilha aberta.

– Sim, tive! O que isso tem a ver...

O contramestre se virou, surpreso.

– Teve varíola? Não ficou marcado. Ah, deixe... desça, precisamos de toda a ajuda!

– Para quê? – Roger se inclinou para a frente, para conseguir ser ouvido acima do barulho que vinha de baixo.

– Varíola! – gritou o contramestre.

Fez um gesto para a escotilha aberta, enquanto um dos marinheiros aparecia no alto da escada, segurando uma criança que se debatia um pouco. Mantinha os dedos das mãos em garras

segurando-se às costas curvas do homem, e a voz de uma mulher foi ouvida acima dos outros sons, tomada pelo terror.

Ela puxou a blusa do marinheiro e, enquanto Roger observava, começou a escalar o corpo do homem, puxando-o para trás ao tentar alcançar a criança, gritando e arranhando as costas do marinheiro, cortando o tecido e a carne.

O homem rosnou e bateu nela, tentando afastar a mulher. A escada era fixa, mas o marinheiro, com apenas uma mão para se segurar e perdendo o equilíbrio, balançou, e a cara de ódio se transformou em susto quando seus pés escorregaram do degrau.

Só o reflexo fez Roger partir para a frente, segurando a criança como se fosse uma bola, enquanto o marinheiro erguia os braços num último esforço para se salvar. Envolvidos como amantes, o homem e a mulher caíram de costas na abertura da escotilha. Foram ouvidos um baque e mais gritos de baixo, e então, o silêncio repentino e momentâneo do choque. Em seguida, os gritos começaram de novo, junto com um burburinho ao seu redor.

Roger endireitou a criança, tentando conter seus choramingos com batidinhas da mão. Ela parecia curiosamente solta em seus braços, e ele sentiu o calor de seu corpo mesmo com as camadas de roupa. A luz passou por Roger quando o contramestre ergueu a lanterna, olhando para a criança com desgosto.

– Espero que você *já tenha* tido varíola, MacKenzie – disse ele.

Era o pequeno Gilbert, o garotinho de olhos irritados – mas dois dias tinham causado uma mudança tão grande que Roger quase não o reconheceu. O menino estava muito magro, o rosto antes redondo agora estava tão fino que os ossos da face apareciam. A pele clara e com manchas de sujeira também não mais podia ser vista, pois estava tomada por uma massa de pústulas supuradas, tornando os olhos pequenas aberturas na cabeça que não se sustentava sozinha.

Ele mal teve tempo de assimilar a cena, pois em seguida mãos pegaram o corpo pequeno e ardente. Antes que pudesse se dar conta do repentino vazio em seus braços, ouviu mais um barulho de algo sendo lançado ao mar.

Ele se virou em direção à amurada num reflexo inútil, os punhos cerrados, chocado, mas logo se virou ao ouvir mais comoção.

Os passageiros tinham se recuperado da surpresa do ataque. Um grupo de homens subia pela escada, armados com qualquer coisa que encontraram, e caíram em cima dos primeiros marinheiros, prendendo-os ao chão em desespero.

Alguém acertou Roger e ele caiu, rolando para o lado exatamente quando a perna de um banco bateu no convés perto de sua cabeça. Ele se apoiou nas mãos e nos joelhos, levou chutes nas costelas, foi arrastado e jogado e, numa oportunidade de momento, jogou-se na direção de um par de pernas, sem ter ideia se estava lutando contra os marinheiros ou os passageiros, esforçando-se apenas por um espaço para se levantar e respirar.

Cheiro de vômito vinha do compartimento, um cheiro adocicado e de podridão que encobria o fedor comum de corpos e esgoto. As lanternas giravam ao vento e a luz e a sombra cortavam a cena, de modo a mostrar um rosto de um lado, de olhos arregalados e aos gritos, e então um braço erguido, um pé descalço, que logo desapareciam no escuro e eram substituídos por cotovelos, facas e joelhos, de forma que o convés parecia tomado por corpos desmembrados.

A confusão era tão grande que até Roger se sentiu desmembrado; olhou para baixo, sentindo o braço esquerdo adormecido, meio esperando encontrar o membro arrancado. Mas estava ali, e ele o ergueu num reflexo, impedindo um golpe.

Alguém agarrou seus cabelos; ele se livrou e se virou, deu uma cotovelada forte nas costelas de alguém e se virou de novo, acertando o ar. Viu-se momentaneamente livre da briga, sugando o ar. Havia duas pessoas abaixadas à frente dele, à sombra da amurada. Ao balançar a cabeça para clarear a mente, a pessoa mais alta se levantou e o atacou.

Ele caiu para trás com o impacto, agarrando o agressor. Eles se chocaram contra o mastro e caíram juntos, rolando várias vezes, batendo um no outro. Preso na rede de barulhos e golpes, ele não prestou atenção às palavras desconexas que tomavam seus ouvidos.

Então uma bota o chutou uma vez, e mais outra, e quando ele soltou o oponente dois marinheiros os separaram. Alguém segurou o outro homem e o levantou, e Roger viu a luz da lanterna do

contramestre no alto, revelando o rosto do passageiro alto de cabelos claros – o marido de Morag MacKenzie, os olhos verdes flamejando, tomados pela fúria.

MacKenzie estava em péssimas condições – assim como Roger, como ele descobriu ao passar a mão pelo rosto e sentir o lábio rasgado –, mas sua pele não tinha pústulas.

– Bom – disse Hutchinson brevemente, e o homem foi jogado sem nenhuma cerimônia na direção da abertura.

Seus companheiros ajudaram Roger a se levantar e então o deixaram se balançando, confuso e ignorado, enquanto terminavam seu trabalho. A resistência tinha sido breve; apesar de armados com a fúria do desespero, os passageiros estavam enfraquecidos pelas seis semanas dentro do compartimento, pela doença e pela pouca comida. O mais forte tinha apanhado até se submeter, os mais fracos foram forçados a voltar para dentro, e os que tinham varíola...

Roger olhou para a amurada e para a lua refletida na água. Segurou-se e vomitou até a bile sair, queimando o fundo do nariz e da garganta. A água estava escura e vazia.

Exausto e tremendo pelo esforço feito, atravessou o convés lentamente. Os marinheiros pelos quais ele passou estavam em silêncio, mas pela abertura mais à frente um único grito era ouvido, cada vez mais alto, sem pausa para respirar.

Ele quase caiu do convés para dentro do compartimento da tripulação, foi para a sua rede, ignorando todas as perguntas, e enrolou o cobertor na cabeça, tentando abafar o som do choro – tentando apagar tudo ao redor.

Mas não conseguiu consolo em meio às dobras de lã e afastou o cobertor, o coração acelerado, a sensação de afogamento tão forte no peito que ele puxou o ar várias vezes até se sentir tonto, e ainda assim continuou respirando fundo, como se devesse respirar por quem não mais podia.

– Foi o melhor, rapaz – disse-lhe Hutchinson com uma solidariedade fria, passando enquanto ele vomitava sem parar. – A varíola se espalha como o fogo; ninguém naquele compartimento chegaria vivo se não tirássemos os doentes.

E aquilo era melhor do que a morte mais lenta devido às feridas e à febre? Não para quem havia ficado; o grito continuava, cortando

o silêncio, capaz de atravessar a madeira e também os corações.

Imagens confusas tomaram sua mente, cenas truncadas aparecendo como flashes: o rosto contorcido do marinheiro quando caiu dentro do compartimento; a boca entreaberta do menininho, com a parte de dentro tomada por pústulas. Bonnet de pé na parte elevada do convés, o rosto de um anjo caído, observando. A água escura, vazia sob a luz da lua.

Algo bateu levemente no casco e ele se encolheu tremendo, alheio ao calor sufocante no compartimento e à reclamação do homem ao seu lado. Não, não vazia. Ele ouvira os marinheiros dizerem que os tubarões nunca dormiam.

– Ah, Deus – disse em voz alta. – Ah, Deus! – Ele deveria estar rezando pelos mortos, mas não conseguia.

Rolou de novo, remexendo-se, tentando escapar, e no eco da oração inútil ele se lembrou – ouviu aquelas palavras ditas com desespero, ofegantes em seu ouvido durante aqueles momentos de fúria, sem raciocinar.

Pelo amor de Deus, homem, dissera o homem de cabelos claros. *Pelo amor de Deus, solte-a!*

Ele se endireitou e permaneceu rígido, banhado em suor frio.

Duas pessoas nas sombras. E a escotilha aberta para o compartimento a cerca de 6 metros.

– Ah, Deus – disse de novo, mas dessa vez *era* uma oração.

Roger estava fazendo a vigília no dia seguinte quando encontrou uma oportunidade de descer ao compartimento. Não se esforçou para não ser visto; ao observar seus companheiros, ele havia aprendido depressa que, perto das pessoas, nada chamava mais atenção do que tentar disfarçar.

Se alguém perguntasse, ele diria ter ouvido um baque e pensou que a carga poderia ter tombado. Bem perto da verdade.

Ficou pendurado na beira da escotilha segurando-se com as mãos; a chance de ser seguido seria menor se não descesse a escada. Pulou no escuro e pousou com força, e os ossos doeram. Qualquer pessoa que estivesse ali embaixo ouviria aquilo – e da mesma maneira, se alguém o seguisse, ele perceberia.

Precisou de um momento para se recuperar do choque do pulo e então começou a se movimentar com cuidado pelas pilhas altas de carga estocada. Tudo parecia meio borrado, sem contornos definidos. Não era só por causa da luz fraca, pensou; tudo no compartimento vibrava levemente, em resposta ao tremor do casco mais abaixo. Se prestasse atenção, ouviria a nota mais baixa da canção do navio.

Seguiu pelos corredores estreitos entre as caixas, além dos enormes barris de água. Respirou fundo; o ar estava tomado pelo cheiro de madeira molhada, misturado ao cheiro fraco de chá. Ouviu farfalhos e rangidos, muitos barulhos esquisitos – mas não havia sinal da presença humana. Ainda assim, ele tinha certeza de que havia alguém ali.

E por que você está aqui, amigo?, pensou. E se um dos passageiros das entrepontes *tivesse* se abrigado ali? Se alguém estivesse ali, era grande a chance de ter varíola; Roger não podia fazer nada por eles – por que se importaria em olhar?

Porque não podia deixar de olhar, foi a resposta. Ele não se repreendia por não ter conseguido salvar os passageiros acometidos pela varíola; nada poderia ter sido feito por eles, de qualquer modo, e talvez uma morte rápida por afogamento não fosse, de fato, mais terrível do que o lento sofrimento imposto pela doença. Ele gostaria de acreditar nisso.

Mas não tinha dormido; os acontecimentos da noite o tomaram de horror e impotência, por isso não conseguia descansar. Independentemente de conseguir fazer algo ou não, precisava fazer *alguma coisa*. Tinha que olhar.

Algo pequeno se movia nas sombras do compartimento. *Rato*, pensou e virou-se num reflexo para pisar nele. O movimento o salvou; um objeto pesado passou por sua cabeça e caiu fazendo um estardalhaço na água estagnada mais abaixo.

Ele abaixou a cabeça e partiu na direção do movimento, os ombros encolhidos à espera de um ataque. Não havia para onde correr, e nenhum lugar onde se esconder. Viu de novo, atacou e agarrou o tecido. Puxou com força e chegou ao corpo. Uma luta rápida no escuro, um grito de susto e ele se viu pressionando o

corpo de alguém contra uma antepara, segurando o punho magro de Morag MacKenzie.

– Que *diabos*? – Ela o chutou e tentou mordê-lo, mas ele ignorou o ataque. Segurou-a pela gola e a tirou das sombras em direção à luz marrom do compartimento. – O que está fazendo aqui?

– Nada! Me solte! Me solte, por favor! Por favor, eu imploro, senhor... – Sem conseguir se soltar fazendo força – talvez ela tivesse metade do peso dele –, ela voltou a implorar, as palavras saindo num sussurro desesperado: – Pelo amor que tem a sua mãe, senhor! Não pode fazer isso, por favor, não pode deixar que eles o matem, *por favor*!

– Não vou matar ninguém. Pelo amor de Deus, fique calma! – disse ele, e a sacudiu.

Das sombras mais escuras atrás da corrente da âncora vinha o choro fino e estridente de um bebê.

Ela respirou fundo, assustada, e olhou para ele.

– Eles vão ouvi-lo! Deus, homem, permita que eu vá até ele! – O desespero dela era tão grande que conseguiu se livrar e correu em direção ao som, passando pela grande corrente enferrujada da âncora.

Ele a seguiu mais lentamente; ela não podia fugir – não havia para onde ir. Encontrou-os no ponto mais escuro, abaixados num dos cantos do navio, com caixas de madeira ao redor. Havia um espaço de menos de 30 centímetros entre a madeira do casco e a corrente da âncora; ela não passava de uma mancha mais escura na escuridão.

– Não vou machucar vocês – disse ele pausadamente. A sombra parecia se encolher, mas ela não respondeu.

Os olhos dele lentamente se acostumavam com o escuro; mesmo ali no fundo, uma luz leve vinha da escotilha distante. Uma parte branca – seu seio estava descoberto, porque ela amamentava o bebê. Ele ouviu os sons do bebê se alimentando.

– Que diabos está fazendo aqui? – perguntou ele, apesar de saber muito bem. Seu estômago se revirou, e não só por causa do fedor da água estagnada. Agachou-se ao lado dela, quase sem conseguir entrar no espaço restrito.

– Estou me escondendo! – disse ela decidida. – Com certeza você conseguiu perceber isso!

– O bebê está doente?

– Não! – Ela se curvou sobre ele, afastando-o o máximo que podia.

– Então...

– É só uma assadura! Todos os bebês têm assaduras, minha mãe disse! – Dava para ouvir o medo em sua voz, por baixo da feroz negação.

– Tem certeza? – perguntou ele do modo mais delicado que pôde. Levou a mão ao bebê.

Ela bateu nele, desajeitada, com uma só mão, e ele se afastou, sentindo dor.

– Jesus! Você me esfaqueou!

– Fique longe! Estou com o punhal do meu marido – disse ela.

– Não permitirei que o tire de mim. Mato você primeiro, juro que mato!

Ele acreditou nela. Levando a mão à boca, sentiu o gosto do próprio sangue, doce e salgado na língua. Não passava de um arranhão, mas ele acreditou nela. Ela o mataria – ou morreria tentando, o que era muito mais provável de acontecer se um dos homens a encontrasse.

Mas não, ele pensou. Ela valia dinheiro. Bonnet não a mataria – apenas a arrastaria até o convés e a forçaria a ver seu filho sendo arrancado de seus braços e lançado ao mar. Ele se lembrou das sombras escuras que cercavam o navio e estremeceu com um arrepio que não tinha nada a ver com o ambiente úmido em que estava.

– Não vou pegá-lo. Mas se for varíola...

– Não é! Juro que não é! – Uma mão pequena saiu das sombras e o segurou pela manga. – É o que estou dizendo, apenas uma assadura, eu já vi, homem... centenas de vezes antes! Sou a filha mais velha de nove irmãos, sei muito bem quando uma criança está doente e quando só está indisposta!

Ele hesitou e então tomou uma decisão abruptamente. Se ela estivesse errada e a criança tivesse varíola, provavelmente já estava infectada; levá-la de volta ao compartimento só espalharia a

doença. E, se ela estivesse certa – ele sabia tão bem quanto ela que não importava –, qualquer marca condenaria a criança.

Ele sentiu a moça tremer, à beira da histeria. Sentiu vontade de tocá-la para oferecer conforto, mas mudou de ideia. Ela não confiaria nele, e com razão.

– Não vou contar a ninguém – sussurrou ele.

A resposta foi um silêncio desconfiado.

– Você precisa de comida, não? E água fresca. Sem ela, em pouco tempo você não terá leite, e o que vai acontecer com a criança, nesse caso?

Ele ouviu a respiração dela, ofegante, o peito congestionado. Ela estava doente, mas podia não ser varíola; todos os passageiros do compartimento tossiam e espirravam – a umidade prejudicava os pulmões.

– Mostre-o para mim.

– Não! – Seus olhos brilharam no escuro, temerosos como os de um rato acuado, e ela mostrou os dentes pequenos e brancos.

– Juro que não vou tirá-lo de você. Mas preciso vê-lo.

– Jura pelo quê?

Procurou um juramento celta adequado, mas desistiu e falou o que lhe ocorreu.

– Pela vida da minha mulher – disse ele – e pelos meus filhos que ainda não nasceram.

Ele percebeu que ela continuou desconfiada, mas em seguida abrandou; o joelho pressionado contra o corpo moveu-se levemente quando ela relaxou. Ouviu um barulhinho na corrente próxima. Ratos de verdade, dessa vez.

– Não posso deixá-lo aqui sozinho enquanto roubo comida. – Ele viu que ela inclinava a cabeça levemente em direção ao barulho. – Eles o comerão vivo; esses vermes já me morderam enquanto eu dormia.

Ele esticou as mãos, prestando atenção o tempo todo aos sons do convés acima. Era improvável que alguém descesse ali, mas quanto tempo levaria até que sentissem sua falta lá em cima?

Ela hesitou, mas por fim levou um dedo ao peito e tirou a boquinha da criança com um leve estalo. O bebê protestou um pouco e se remexeu levemente enquanto ele o pegava.

Ele não havia segurado bebês muitas vezes; sentir o corpinho foi surpreendente – inerte, mas agitado; macio, mas firme.

– Cuidado com a cabeça dele!

– Pronto. – Protegendo o crânio redondo com uma mão cuidadosa, ele deu um ou dois passos para trás, levando o rosto da criança para a luz fraca.

As faces estavam tomadas de pústulas avermelhadas com pontas brancas – parecia varíola, na opinião de Roger, e ele sentiu um tremor nas palmas das mãos. Imunizado ou não, era preciso ter coragem para tocar alguém infectado e não se assustar.

Ele observou a criança, e então, cuidadosamente, afastou o cobertor, ignorando o protesto sussurrado da mãe. Escorregou a mão por baixo da roupa, sentindo os testículos entre as pernas gordinhas, e então a pele sedosa do peito e da barriga.

O bebê não parecia muito doente; os olhos estavam claros, não marejados. E, apesar de o corpinho parecer febril, não era o calor forte que ele sentira na noite anterior. O bebê resmungou e se remexeu, sim, mas suas pernas pequenas chutavam com força, não eram espasmos fracos de uma criança prestes a morrer.

Os muito jovens morrem depressa, dissera Claire. *Você não tem ideia de como a doença avança depressa quando não há recursos para contê-la.* Mas ele já tinha uma ideia, depois da noite anterior.

– Certo – disse ele finalmente. – Acho que você tem razão. – Ele sentiu, mas não viu, quando ela relaxou o braço: estava com o punhal preparado.

Ele devolveu a criança depressa, sentindo alívio e relutância... e a percepção aterrorizante da responsabilidade que havia aceitado.

Morag acalmava o menino, aconchegando-o contra o peito assim que o cobriu.

– Querido Jemmy, isso, bonzinho. Pronto, pronto. Vai ficar tudo bem. A mamãe está aqui com você.

– Quanto tempo? – sussurrou Roger, apoiando a mão no braço dela. – Quanto tempo a assadura ficará aparente, se for mesmo uma assadura?

– Quatro dias, talvez cinco – disse ela. – Mas daqui a dois já estará diferente, menor. Qualquer pessoa poderá ver que não é

varíola. E então poderei sair daqui.

Dois dias. Se fosse varíola, a criança estaria morta em dois dias. Mas se não fosse... ele daria um jeito. E ela também.

– Consegue ficar acordada tanto tempo assim? Os ratos...

– Sim, consigo – disse ela. – Conseguirei fazer o que tenho que fazer. Vai me ajudar, então?

Ele respirou fundo, ignorando o fedor.

– Sim, vou. – Ele ficou de pé e deu-lhe a mão. Ela hesitou por um momento, depois pegou-a e também ficou de pé. Era pequena, mal alcançava o ombro dele, e sua mão era do tamanho da de uma criança – nas sombras, ela parecia uma menininha cuidando da boneca.

– Quantos anos você tem? – perguntou ele de repente.

Viu o brilho nos olhos dela, surpresa, e então o branco dos dentes.

– Ontem, eu tinha 22 – respondeu com secura. – Hoje, talvez eu tenha 100.

A pequena mão úmida soltou a dele e ela voltou para a escuridão.

O APOSTADOR

A névoa se acumulara durante a noite. Ao amanhecer, o navio atravessou uma nuvem tão densa que o mar abaixo não podia ser visto da amurada e só o sussurro do casco indicava que o *Gloriana* ainda flutuava na água, e não no ar.

Não fazia sol nem ventava; as velas estavam caídas, movendo-se levemente à brisa que passava. Oprimidos pela escuridão, os homens andavam pelo convés como fantasmas, aparecendo de repente, assustando uns aos outros.

Essa escuridão era boa para Roger; ele conseguia passar quase despercebido pelo navio e entrou sem ser visto no compartimento, com a pouca comida que havia conseguido reservar de suas refeições escondida na camisa.

A névoa havia entrado no compartimento também; vapores úmidos tocavam seu rosto, desaparecendo entre os barris de água, pairando perto de seus pés. Ali embaixo estava mais escuro do que nunca para ele, que havia deixado a claridade dourada e entrado no ambiente marrom-escuro da madeira fria e molhada.

A criança estava dormindo; Roger não via nada além do contorno do rosto dele, ainda marcado com as pústulas vermelhas. Pareciam inflamadas. Morag viu o olhar de dúvida dele e não disse nada, mas pegou sua mão e a pressionou no pescoço do bebê.

Ele sentiu o pulso com o dedo, e a pele macia com dobrinhas estava quente, mas não úmida. Tranquilizado, sorriu para Morag, e ela retribuiu com um leve esboço de sorriso.

Um mês no compartimento a havia deixado magra e encardida; os últimos dois dias tinham estampado seu rosto com as marcas permanentes do medo. Seus cabelos estavam soltos e sem viço ao redor do rosto, tomados pela sujeira e cheios de piolhos. Os olhos

estavam vermelhos por causa do cansaço e ela cheirava a fezes e urina, leite azedo e suor. Seus lábios estavam contraídos e pálidos, como o resto do rosto. Roger apoiou as mãos delicadamente em seus ombros, então se inclinou e beijou seus lábios.

No topo da escada, ele olhou para trás. Ela ainda estava ali, de pé, olhando para ele, com o bebê nos braços.

O convés estava silencioso, exceto pelos murmúrios do timoneiro e do contramestre, que não estavam à vista. Roger fechou a portinhola, o coração começando a se acalmar de novo, a sensação da pele dela ainda aquecendo suas mãos. Dois dias. Talvez três. Talvez eles conseguissem sobreviver; Roger, pelo menos, estava convencido de que ela estava certa: a criança não tinha varíola.

Não haveria necessidade de ninguém descer ao compartimento em breve – um barril de água doce tinha sido levado para cima no dia anterior. Ele conseguiria alimentá-la – se ela conseguisse permanecer acordada por tempo suficiente... O ruído forte do sino do navio cortou a névoa, um lembrete do tempo que não mais parecia existir, sua passagem alheia à luz ou à escuridão.

Foi quando Roger atravessou na direção da popa que ouviu: um forte e repentino sopro na névoa sobre a amurada, muito próximo dele. No instante seguinte, o navio tremeu levemente na parte inferior, as tábuas se esfregando em algo enorme.

– Baleia! – foi o grito que se ouviu ao longe. Ele viu dois homens perto do mastro principal, formas borradas em meio à névoa. Quando ouviram o grito, eles congelaram, e ele percebeu que também estava parado, ouvindo.

Ouviu-se mais um sopro perto dali, outro mais longe. A tripulação do *Gloriana* permaneceu silenciosa, cada homem processando as exalações altas, marcando um mapa invisível sobre o qual o navio passava, montanhas de carne silenciosa e inteligente.

Qual seria o tamanho delas?, Roger tentou imaginar. Grandes o bastante para danificar o navio? Semicerrou os olhos, tentando ver algo em meio à névoa, mas em vão.

Aconteceu de novo, um baque forte o bastante para fazer tremer a amurada que ele segurava, seguido por um raspão demorado que estremeceu as tábuas. Ouviram-se gritos abafados

de medo vindos do compartimento de baixo; para quem estava nas entrepontes, o baque acontecia logo ao lado, nada além de madeiras do casco entre eles e a ruptura – uma abertura repentina e a invasão assustadora do mar. Pranchas de carvalho de 8 centímetros pareciam frágeis como folhas de papel diante dos animais que nadavam ali perto, escondidos pela névoa.

– Cracas – comentou uma voz irlandesa suave que vinha da neblina atrás dele.

Roger se sobressaltou e Bonnet se materializou rindo baixo. Segurava uma cigarrilha entre os dentes, e uma chama iluminou as linhas de expressão e os traços de seu rosto, banhado em luz vermelha. O raspão foi ouvido de novo contra a madeira.

– As baleias se raspam para livrar a pele dos parasitas – disse Bonnet casualmente. – Para elas, não passamos de uma rocha que flutua. – Ele tragou com força para acender a ponta, soprou uma fumaça perfumada e jogou para fora do barco o papel em chamas, que desapareceu em meio à neblina como se fosse uma estrela cadente.

Roger soltou um suspiro um pouco menos barulhento do que os das baleias. Bonnet havia se aproximado? Será que o capitão o havia visto sair do compartimento?

– Então elas não prejudicarão o navio? – perguntou ele no mesmo tom casual do capitão.

Bonnet fumou em silêncio por um momento, concentrando-se em tragar. Sem a luz da chama, ele voltara a ser uma sombra, marcada apenas pela ponta acesa.

– Não sei – disse por fim, com um pouco de fumaça saindo de sua boca enquanto falava. – Qualquer animal pode nos afundar, se quiser e estiver determinado a isso. Certa vez, vi um navio... ou o que restou dele... arrasado por uma baleia irada. Noventa centímetros de pranchas e um barrote flutuando, afundou com toda a tripulação, duzentas almas.

– O senhor não parece preocupado com a possibilidade.

Ouviu-se um som longo de exalação, um eco baixo da respiração das baleias, enquanto Bonnet soprava a fumaça por entre os dentes.

– Seria um desperdício de energia me preocupar. Um homem sábio deixa as coisas que estão além do seu controle nas mãos dos deuses... e reza para que Danu esteja com ele. – A aba do chapéu do capitão se virou na direção de Roger. – Conhece Danu, não é, MacKenzie?

– Danu? – perguntou Roger como um tolo, e então se deu conta, quando se lembrou de uma canção antiga de sua infância, algo que a Sra. Graham havia ensinado a ele. “Venha a mim, Danu, mude meu destino. Torne-me corajoso. Dê-me riqueza... e amor para viver.”

Ouviu o capitão rindo.

– Ah, e você nem é irlandês. Mas eu pensei que fosse um estudioso, MacKenzie.

– Conheço Danu, a Senhora do Destino – disse Roger, torcendo para que aquela determinada deusa celta fosse boa marinheira e estivesse ao lado dele. Deu um passo à frente, querendo se afastar, mas sentiu uma mão em seu braço, segurando-o com força.

– Um homem de estudo – repetiu Bonnet lentamente, e toda a leveza havia sumido de sua voz –, mas não de sabedoria. É um homem que reza, MacKenzie?

Roger ficou tenso, mas sentiu a força da mão de Bonnet e não tentou se afastar. A força tomou seus membros, seu corpo sabendo antes mesmo dele que chegara o momento da luta.

– Eu disse que um homem sábio não se preocupa com coisas além de seu poder. Mas neste navio, MacKenzie, tudo está em meu poder. – Ele segurou seu braço com ainda mais força. – E todos.

Roger puxou o punho e se afastou. Ficou de pé sem apoio, sabendo que não havia ajuda nem escapatória. Não havia mundo além do barco, e dentro dele, Bonnet tinha razão, tudo estava sob o poder do capitão. Se ele morresse, ninguém ajudaria Morag, mas essa escolha já tinha sido feita.

– Por quê? – perguntou Bonnet, parecendo levemente interessado. – A mulher não é bonita. E um homem de tanto estudo colocaria meu navio e meus negócios em risco, então, apenas para ter um corpo quente?

– Não há risco. – As palavras saíram roucas, forçadas pela garganta apertada. *Venha me pegar*, ele pensou, e suas mãos se cerraram em punhos ao lado do corpo. *Venha me pegar, e me dê uma chance de levar você comigo*. – A criança não tem varíola. É uma assadura inofensiva.

– Perdoe-me por colocar a minha opinião ignorante acima da sua, Sr. MacKenzie, mas eu sou o capitão aqui. – A voz ainda estava suave, mas a malícia era clara.

– É uma criança, pelo amor de Deus!

– Sim... sem valor.

– Sem valor para o senhor, talvez.

Fez-se um silêncio momentâneo, interrompido apenas por um sopro distante na branquidão vazia.

– E qual é o valor que tem para você? – perguntou ele, a voz implacável. – Por quê?

Para ter um corpo quente. Sim, por isso. Pelo toque de humanidade, a lembrança do carinho, pela sensação da vida teimando diante da morte.

– Por pena – disse ele. – Ela é pobre, não havia ninguém que a ajudasse.

O cheiro forte do tabaco chegou a ele, narcótico, envolvente. Roger respirou, tirando força dele.

Bonnet se movimentou, e Roger também, preparando-se. Mas não recebeu nenhum golpe; a sombra enfiou uma mão no bolso, estendeu uma mão fantasmagórica na qual ele viu um brilho sob a luz distante da lanterna – moedas e quinquilharias, que podiam ser joias. O capitão pegou um xelim de prata e enfiou o resto no bolso de novo.

– Ah, pena – disse ele. – E diria que é um apostador, MacKenzie?

Ele estendeu o xelim e o largou. Roger o pegou num reflexo.

– Então, pela vida do bebê – disse Bonnet, e o tom de diversão voltou. – Um acordo de cavalheiros, sim? Se der cara, ele vive. Coroa, ele morre.

A moeda estava quente e sólida na palma de sua mão, algo incomum naquele mundo de frio e balanços. As mãos dele estavam suadas, mas sua mente estava gelada e atenta, uma pedra de gelo.

Se der cara, ele vive. Coroa, ele morre, pensou com calma, e não estava pensando na criança do compartimento. Pensou na garganta e na virilha do outro homem; partir e atacar, um golpe e um empurrão – a amurada ficava a menos de 30 centímetros, com o vazio calmo das baleias na água.

Não havia tempo para sentir medo. Ele viu a moeda girar como se tivesse sido lançada por outra mão e então cair no convés. Seus músculos se contraíram lentamente.

– Parece que Danu está ao seu lado hoje, senhor. – A voz irlandesa suave de Bonnet pareceu alcançá-lo vinda de uma grande distância quando o capitão se abaixou e pegou a moeda.

Ele estava apenas começando a assimilar as palavras quando o capitão segurou seu ombro, virando-o para o convés.

– Vai caminhar um pouco comigo, MacKenzie.

Algo havia acontecido a seus joelhos; ele tinha a sensação de que cairia a cada passo, mas ainda assim, de algum modo, conseguiu se manter de pé, acompanhando a sombra. O navio estava em silêncio, o convés sob seus pés a uma milha, mas o mar estava vivo, em movimento. Sentiu o ar em seus pulmões inflá-los e esvaziá-los com o movimento do convés e teve a sensação de que o seu corpo não tinha limites. Se houvesse madeira ou água sob seus pés, a sensação seria a mesma.

Demorou um tempo para entender as palavras de Bonnet, e se divertiu ao perceber que o homem parecia contar a história de sua vida de modo casual e contido.

Órfão em Sligo quando ainda era muito novo, aprendera depressa a se defender, disse ele, trabalhando como ajudante em navios mercantes. Mas, durante um inverno, com poucos navios, conseguiu um emprego em terra, em Inverness, cavando a fundação para uma casa grande que estava sendo construída perto da cidade.

– Eu tinha só 17 anos – disse ele. – O mais novo do grupo de trabalhadores. Não sei por que eles me odiavam. Talvez por causa do meu jeito, que era bem grosseiro, ou por inveja do meu tamanho e da minha força; eles eram um grupo de infelizes fracos. Ou talvez porque as meninas sorrissem para mim. Ou talvez apenas por eu ser desconhecido. Eu sabia que não era popular entre eles, mas

não sabia exatamente o quanto era *impopular*, até o dia em que a escavação terminou e a fundação pôde ser feita.

Bonnet parou para tragar a cigarrilha e soltar a fumaça pelos cantos da boca, fumaça branca que envolvia sua cabeça e se misturava ao branco mais forte da névoa.

– Os fossos foram cavados – continuou ele, a cigarrilha presa entre os dentes – e as paredes foram iniciadas; havia um grande bloco de pedras já disposto. Eu havia ido jantar e estava voltando para o lugar onde dormia quando, para minha surpresa, fui parado por dois caras com quem eu trabalhava. Eles tinham uma garrafa; sentaram-se em um muro e me chamaram para beber com eles. Eu deveria saber o que me esperava, pois estavam sendo simpáticos, coisa que nunca tinham sido antes. Mas eu bebi, e bebi mais, e em pouco tempo estava caindo de bêbado, porque não tinha resistência para a bebida, já que nunca tive dinheiro para comprar bebida forte. Eu já estava bem chumbado quando escureceu, e pensei em ir embora, mas eles me levaram rua abaixo pelos braços. Então me agarraram, me jogaram por cima de um muro em construção e, para minha surpresa, me vi caído na terra úmida da fundação que tinha ajudado a fazer. Todos eles estavam ali, os operários. Outro homem estava com eles também; um deles segurava uma lanterna e, quando a levantou, vi que o homem era Daft Joey, um mendigo que vivia embaixo da ponte. Ele não tinha dentes e comia peixe podre e besouros do rio, e tinha um cheiro horroroso. Eu estava tão mal por causa do uísque e da queda que fiquei ali, ouvindo o que eles diziam como se falassem de uma distância muito grande... e pareciam discutir porque o líder do grupo ficou irritado quando soube que os dois tinham me levado ali. O mendigo bastaria, disse ele; que me soltassem. Mas os que me levaram disseram não, que eu era melhor. Alguém poderia sentir falta do mendigo, explicaram. Então alguém riu e disse que sim, que eles não teriam que me pagar o salário da semana, e foi então que comecei a me dar conta de que eles pretendiam me matar. Já tinham conversado antes, enquanto trabalhávamos. Disseram que seria um sacrifício para a fundação, para que a terra não tremesse e as paredes não ruíssem. Mas eu não tinha ouvido... e, se tivesse, teria pensado que eles queriam matar um galo e enterrá-lo, como era comum.

Ele não havia olhado para Roger enquanto contava, mantendo os olhos fixos na névoa, como se os acontecimentos que descrevia estivessem ocorrendo de novo em algum lugar abaixo da cortina de fumaça.

As roupas de Roger estavam grudadas em seu corpo, umedecidas pela névoa e pelo suor frio. Sentiu o estômago se revirar, e o cheiro ruim do compartimento podia ser o fedor de Daft Joey na fundação.

– Então eles continuaram falando por um tempo – continuou Bonnet –, e o mendigo começou a fazer barulho, pois queria mais bebida. Finalmente o líder disse que de nada adiantava ficar falando, que ele lançaria a moeda para escolher. Pegou uma moeda do bolso e disse para mim, rindo: “Você quer cara ou coroa, rapaz?” Eu estava bêbado demais para dizer qualquer coisa; o céu estava escuro e rodando, e as luzes brilhavam nos cantos dos meus olhos como estrelas cadentes. Então ele disse por mim. Se desse a cara de Geordie, eu viveria, se desse coroa, eu morreria, e jogou a moeda para cima. Caiu na terra ao lado da minha cabeça, mas não tive forças para me virar e olhar. Ele se abaixou para ver e rosnou; então ficou de pé e não me deu mais atenção.

Eles tinham chegado à popa na caminhada silenciosa. Bonnet parou ali, com as mãos na amurada, fumando em silêncio. Então tirou a cigarrilha da boca.

– Eles levaram o mendigo até a parede que tinha sido erguida e o fizeram sentar no chão, perto dela. Eu me lembro da sua cara de bobo. Ele bebeu e riu com eles, e estava com a boca aberta – frouxa e úmida como a boceta de uma meretriz. No momento seguinte, a pedra caiu do topo do muro e amassou a cabeça dele.

Gotas de umidade tinham se reunido nos fios eriçados dos cabelos da nuca de Roger. Ele sentiu quando elas rolaram, uma por vez, traçando um caminho pelas costas dele.

– Eles me deitaram de bruços e me bateram – continuou Bonnet sem emoção. – Quando recobrei a consciência, estava dentro de um barco pesqueiro. O pescador me deixou na costa perto de Peterhead e me aconselhou a encontrar um novo navio. Segundo ele, conseguia perceber que eu não tinha sido feito para ficar em terra.

Ergueu a cigarrilha e bateu nela delicadamente com um dedo para soltar as cinzas.

– E eles me pagaram; quando olhei, o xelim estava em meu bolso. Ah, eles eram homens honestos, com certeza.

Roger se recostou na amurada, segurando a madeira como se fosse a única coisa sólida em um mundo inconstante e nebuloso.

– E o senhor voltou para terra? – perguntou, e ouviu a própria voz, incrivelmente calma, como se fosse de outra pessoa.

– Quer saber se eu os encontrei? – Bonnet se virou e se recostou na amurada, olhando de lado para Roger. – Ah, sim. Anos mais tarde. Um de cada vez. Mas encontrei todos. – Abriu a mão onde a moeda estava e a manteve em concha diante dele, inclinando-a de um lado para outro de modo que a prata brilhasse à luz da lanterna.

– Se der cara, você vive. Coroa, você morre. Justo, não acha, MacKenzie?

– Para eles?

– Para você. – A voz irlandesa suave estava tão desanimada como se ele estivesse falando sobre o clima.

Como em um sonho, Roger sentiu o peso do xelim cair mais uma vez em suas mãos. Ouvia o sugar e sussurrar da água no casco, a movimentação das baleias, o tragar e soprar de Bonnet enquanto fumava. *E sete baleias, a um monstro do mar.*

– Justo – disse Bonnet. – A sorte esteve do seu lado antes, MacKenzie. Vamos ver se Danu virá ajudá-lo de novo... ou será o Devorador de Almas desta vez?

A névoa havia tomado a proa. Não havia nada visível, exceto a ponta da cigarrilha de Bonnet, um ciclope aceso na neblina. O homem podia ser um demônio, de fato, um olho fechado à miséria humana, outro aberto para a escuridão. E Roger estava ali, literalmente entre o demônio e o mar azul profundo, com o destino brilhando prateado na palma de sua mão.

– É a minha vida; eu vou jogar – disse, e se surpreendeu ao ouvir a própria voz calma e firme. – Coroa... coroa é minha. – Jogou e pegou a moeda, bateu a mão com força nas costas da outra e prendeu a moeda e sua sentença desconhecida.

Fechou os olhos e pensou uma vez em Brianna. *Sinto muito*, disse silenciosamente a ela, e levantou a mão.

Um vento quente passou por sua pele, então sentiu um ponto de frieza nas costas da mão quando a moeda foi pega, mas não se mexeu, não abriu os olhos.

Demorou um pouco até perceber que estava sozinho.

PARTE IX

Passionnement



O SACRIFÍCIO DA VIRGEM

Wilmington, colônia da Carolina do Norte, 1º de setembro de 1769

Era o terceiro ataque da doença que Lizzie tinha, qualquer que fosse. Parecia que ela tinha se recuperado depois da primeira febre forte e, depois de passar um dia recuperando as forças, disse que estava bem para viajar. Mas estavam viajando apenas há um dia, ao norte de Charleston, quando a febre veio de novo.

Brianna havia amarrado os cavalos e feito um acampamento improvisado perto de um pequeno riacho, então fez várias viagens ao longo da noite, subindo e descendo pela barranca enlameada no escuro, levando água num pequeno cantil para despejar dentro da boca de Lizzie e sobre seu corpo ardente. Não tinha medo de mata escura e de animais que se embrenhavam na mata, mas pensar que Lizzie poderia morrer na floresta, a quilômetros de alguma ajuda, era assustador o suficiente para fazer com que ela quisesse voltar para Charleston assim que a menina conseguisse subir no cavalo.

Mas pela manhã a febre havia cedido e, apesar de Lizzie estar fraca e pálida, conseguiu montar. Brianna estava hesitante, mas por fim decidiu seguir em direção a Wilmington, e não voltar. O ímpeto que a levara até ali agora estava ainda mais forte; ela *tinha* que encontrar a mãe, pelo bem de Lizzie e também pelo seu.

Brianna passou boa parte da vida insatisfeita com sua altura, e sempre ficava no fundo das fotos da escola, mas começara a perceber as vantagens da altura e da força conforme amadurecia. E quanto mais tempo passava nesse lugar miserável, mais vantagens conseguia perceber.

Apoiou um dos braços na estrutura da cama enquanto tirava o penico de baixo das nádegas magras e brancas de Lizzie com a outra mão. A menina era magra, mas surpreendentemente pesada,

e estava semiconsciente; resmungava e se mexia sem parar, e um tremor tomava conta de seu corpo.

O tremor começava a diminuir um pouco, mas os dentes de Lizzie ainda estavam cerrados, o suficiente para fazer com que os ossos do seu rosto se destacassem sob a pele.

Malária, Brianna pensou pela décima vez. Deveria ser, para voltar tantas vezes assim. Várias marcas pequenas e cor-de-rosa apareciam no pescoço de Lizzie, vestígios das picadas dos pernilongos que as haviam perturbado muito desde que o *Phillip Alonzo* se afastara da terra. Elas tinham descido ao sul e desperdiçaram três semanas vagando pelas águas costeiras até Charleston, perturbadas o tempo todo pelos insetos sanguinários.

– Pronto. Está se sentindo melhor?

Lizzie assentiu sem força e tentou sorrir, mas só conseguiu parecer um ratinho branco que havia mordido uma isca envenenada.

– Água, querida. Tente beber um pouco, um gole. – Brianna segurou o copo perto da boca de Lizzie, orientando-a. Foi tomada por uma estranha sensação de *déjà vu* e percebeu que sua voz era o eco da de sua mãe, tanto nas palavras quanto no tom. Perceber isso foi estranhamente tranquilizador, como se sua mãe estivesse atrás dela, falando por ela.

Mas, se fosse sua mãe, em seguida viria a aspirina St. Joseph's com gosto de laranja, uma pilulazinha para ser chupada e saboreada, um doce, mas também remédio, e as dores e a febre pareciam ceder assim que o comprimido doce se dissolvia em sua língua. Brianna lançou um olhar para as bolsas da sela, deixadas num canto. Não havia aspirina ali; Jenny havia mandado um pacotinho com algumas ervas, mas o chá de camomila e hortelã só fizera Lizzie vomitar.

Quinino era o remédio para malária; era disso que ela precisava. Mas ela não fazia ideia se o nome era quinino ali, nem como era administrado. Mas a malária era uma doença antiga, e o quinino vinha das plantas – certamente um médico teria um pouco, independentemente do nome.

Apenas a esperança de encontrar ajuda médica fez com que ela seguisse em frente após o segundo acesso de Lizzie. Com

medo de terem que parar na estrada de novo, ela havia levado Lizzie na frente de seu corpo, aconchegando-a enquanto cavalgavam, guiando o cavalo da menina. Lizzie havia alternado momentos de febre e outros de tremor, e as duas tinham chegado a Wilmington fracas de cansaço.

Mas ali estavam elas, no meio de Wilmington, e mais longe do que nunca de qualquer ajuda. Bree olhou de relance para a mesa de canto, com os lábios contraídos. Havia um pano ali, manchado de sangue.

A proprietária havia olhado para Lizzie e chamado um boticário. Apesar do que sua mãe já havia dito a respeito do estado primitivo dos remédios e dos curandeiros dali, Brianna sentiu um alívio imediato ao ver o homem.

O boticário era um jovem muito bem-vestido, com ar gentil e mãos razoavelmente limpas. Independentemente do conhecimento que tinha sobre medicina, devia saber tanto sobre febres quanto ela. Mais importante, ela sentia que não estava sozinha nos cuidados com Lizzie.

A vergonha fez com que ela saísse quando o boticário desceu o lençol de linho para fazer o exame, e só quando ela ouviu um grito baixo abriu a porta de repente e encontrou o boticário segurando o bisturi e Lizzie, o rosto pálido como giz, sangue vermelho escorrendo de um corte na dobra de seu braço.

– Mas isso é para retirar os humores, senhorita! – dissera o boticário, tentando proteger a si mesmo e o corpo de sua paciente. – Não compreende? É preciso retirar os humores! Se não for feito, a bile pode intoxicar seus órgãos e tomar o corpo todo, o que será fatal.

– Será fatal para você se não sair daqui – informara Brianna, entre dentes. – Saia daqui agora mesmo!

Com o zelo médico desaparecendo e sendo substituído pelo instinto de sobrevivência, o jovem pegou sua maleta e saiu com o resto de dignidade que conseguiu reunir, parando no fim da escada para gritar alertas.

Os alertas não paravam de ecoar em seus ouvidos, entre as idas até a cozinha, no andar de baixo, para encher a bacia na bica. A maioria das palavras do boticário era simplesmente ignorância –

falavam sobre humores e sangue ruim –, mas algumas voltavam com uma força desconfortável.

– Se não seguir um conselho sensato, senhorita, pode condenar sua criada à morte! – dissera ele, com o rosto tomado pela indignação no escuro da escada. – A senhorita não sabe cuidar dela!

Não sabia. Nem sabia ao certo qual era a doença de Lizzie. O boticário dissera “febre intermitente” e a dona do estabelecimento falara sobre “indisposição”. Era muito comum que novos imigrantes adoecessem várias vezes, já que ficavam expostos a uma série de novos germes. Pelos comentários descuidados da proprietária, também parecia claro que a não sobrevivência desses imigrantes era bem comum.

A bacia tombou, molhando suas mãos com água quente. Água era a única coisa que ela tinha. Só Deus sabia se o poço atrás da hospedaria era limpo ou não; melhor usar a água fervida da cozinha e deixá-la esfriar, ainda que demorasse mais. Havia água fria no jarro; ela despejou um pouco entre os lábios secos e rachados de Lizzie e então deitou a menina na cama. Lavou o rosto e o pescoço dela, afastou o cobertor e molhou a camisola de linho de novo, e os mamilos pequenos apareceram como pontos escuros e rosados por baixo.

Lizzie conseguiu abrir um leve sorriso, com as pálpebras se fechando, e então se recostou suspirando e adormeceu, o corpo relaxando, parecendo uma boneca de pano.

Brianna tinha a sensação de que também estava vazia. Arrastou o banquinho até a janela e se sentou nele, recostando-se no parapeito em um esforço inútil de respirar ar fresco. A atmosfera as envolvera como um cobertor denso desde Charleston – não era à toa que a pobre Lizzie não havia aguentado.

Passou a unha em uma picada na própria coxa; os insetos não gostavam tanto dela quanto de Lizzie, mas também havia sido picada. A malária não era um perigo; já tinha sido imunizada contra ela, e também contra febre tifoide, cólera ou qualquer coisa em que pudesse pensar. Mas não havia vacina para coisas como dengue, nem para nenhuma das outras dezenas de doenças que

assombravam como espíritos do mal. Quantas delas eram transmitidas por picadas de pernilongos?

Fechou os olhos e recostou a cabeça na estrutura de madeira, molhando a camisa com as gotas de suor que escorriam. Ela sentia o próprio cheiro. Há quanto tempo estava usando aquelas roupas? Não importava; passara a maior parte dos últimos dois dias e das últimas duas noites acordada, e estava cansada demais para se despir, muito menos para se lavar.

A febre de Lizzie parecia ter passado... mas até quando? Se continuasse voltando, certamente mataria a menina; ela já tinha perdido todo o peso ganho na viagem e a pele clara começava a ganhar um tom amarelado sob a luz do sol.

Não havia ajuda em Wilmington. Brianna se sentou e se alongou, sentindo os ossos de suas costas estalarem. Cansada ou não, só havia uma coisa a fazer. Tinha que encontrar a mãe o mais rápido possível.

Venderia os cavalos e encontraria um barco no qual elas pudessem subir o rio. Ainda que a febre voltasse, poderia cuidar de Lizzie tão bem no barco quanto nesse quarto pequeno, quente e fedorento – e elas estariam indo em direção a seu objetivo.

Levantou-se e passou um pouco de água no rosto, enrolando os cabelos molhados de suor. Abriu a calça e se despiu, fazendo planos de um modo meio desligado e sonhador.

Um barco, no rio. Certamente estaria muito mais fresco no rio. Sem cavalos; os músculos de suas coxas doíam depois de quatro dias de cavalgada. Elas seguiriam em direção a Cross Creek para encontrar Jocasta MacKenzie.

– Tia – murmurou ela, balançando-se lentamente quando pegou a lamparina a óleo. – Tia-avó Jocasta.

Imaginou uma senhora gentil de cabelos brancos que a receberia com a mesma alegria que encontrara em Lallybroch. Família. Seria muito bom ver a família de novo. Roger apareceu em seus pensamentos, como sempre acontecia. Decidida, ela o afastou de novo; teria tempo suficiente para pensar nele quando a missão fosse cumprida.

Alguns mosquitos sobrevoavam a chama, e a parede próxima estava tomada pelas formas compridas de traças e crisopídeos

descansando. Ela apagou com o dedo a chama, um pouco mais quente do que o ar no quarto, e tirou a camisa na escuridão.

Jocasta sabia exatamente onde Jamie Fraser e sua mãe estariam – e a ajudaria a chegar até eles. Pela primeira vez desde que atravessara as pedras, ela pensou em Jamie Fraser sem curiosidade nem ansiedade. Nada mais importava além de encontrar a mãe. Sua mãe sabia o que fazer com Lizzie; sua mãe sabia cuidar de tudo.

Esticou um cobertor dobrado no chão e se deitou nua sobre ele. Adormeceu instantes depois, sonhando com montanhas e neve branquinha.

Na manhã seguinte, as coisas pareciam melhores. A febre *tinha* passado, como antes, deixando Lizzie cansada e fraca, mas com a mente clara, e refrescada, até onde o clima permitia. Restaurada depois de uma noite de sono, Brianna havia lavado os cabelos e tomado banho de esponja na bacia. Então pagara à proprietária para ficar de olho em Lizzie enquanto ela, vestida com calça e casaco, fazia o que tinha que fazer.

Demorara a maior parte do dia, no qual teve que sofrer com muitos olhos arregalados e bocas abertas quando os homens percebiam seu sexo, para vender os cavalos pelo que ela esperava que fosse um preço justo. Ouviu falar de um homem chamado Viorst, que levava passageiros entre Wilmington e Cross Creek em sua canoa, cobrando uma taxa. Mas não havia encontrado Viorst até anoitecer, e não pretendia ficar na doca à noite, com calça ou sem. Pela manhã, ela teria tempo suficiente.

Ainda mais animador foi ver Lizzie no andar de baixo quando voltou para a hospedaria perto do pôr do sol, sendo paparicada pela dona do local e comendo pedaços de bolo de milho e fricassê de frango.

– Você está melhor! – exclamou Brianna. Lizzie assentiu, sorrindo, e continuou a engolir a comida.

– Estou, bem melhor! Eu me sinto normal de novo, e a Sra. Smoots tem sido muito gentil, pois me deixou lavar todas as nossas

coisas. Ah, é tão bom me sentir limpa de novo! – disse animada, pousando a mão pálida em seu lenço, que parecia recém-passado.

– Você não deveria estar lavando e passando. – Brianna a repreendeu, sentando-se no banco ao lado dela. – Vai se esgotar e adoecer de novo.

Lizzie olhou para ela por cima do nariz afilado, esboçando um sorriso.

– Bem, eu achei que você não gostaria de encontrar seu pai com as roupas todas sujas. Mas qualquer vestido sujo seria melhor do que a roupa que está vestindo agora. – A criada passou os olhos pela calça de Brianna, reprovando-a; ela não aprovava nem um pouco o gosto de sua senhora por roupas de homens.

– Encontrar meu pai? Como assim... Lizzie, você ouviu alguma coisa? – Uma faísca de esperança surgiu dentro dela, uma chama repentina como a de um fogão a gás.

Lizzie ficou envergonhada.

– Sim. E foi tudo porque eu estava lavando roupa. Meu pai sempre diz que o esforço traz recompensas.

– Tenho certeza que sim – disse Brianna em tom seco. – O que você descobriu, e como?

– Bem, eu estava pendurando sua anágua; aquela bonita, com barra de renda...

Brianna pegou um pequeno jarro de leite e o segurou ameaçadoramente sobre a cabeça da criada. Lizzie gritou e se abaixou, rindo.

– Certo! Está bem! Vou contar!

Enquanto ela lavava as roupas, um dos clientes da taverna havia saído no quintal para fumar um cachimbo; o dia estava bonito. Admirou as habilidades domésticas de Lizzie e deu início a uma conversa agradável, durante a qual ele revelou que um senhor, um tal de Andrew MacNeill, não só já tinha ouvido falar de James Fraser como também o conhecia.

– É mesmo? O que ele disse? Esse MacNeill ainda está aqui?

Lizzie estendeu a mão e fez um movimento para que ela esperasse.

– Estou contando do jeito mais rápido que consigo. Não, ele não está aqui; tentei fazer com que ficasse, mas ele estava indo

para New Bern e não podia esperar. – Ela estava quase tão animada quanto Brianna; as faces ainda estavam pálidas e magras, mas a ponta do seu nariz havia corado.

– O Sr. MacNeill conhece seu pai e sua tia-avó Cameron também. Ela é uma senhora ótima, ele disse, muito rica, com uma casa enorme, muitos escravos e...

– Isso não importa agora. O que ele disse sobre meu pai? Falou sobre a minha mãe?

– Claire – disse Lizzie, triunfante. – Você disse que esse é o nome da sua mãe. Eu perguntei e ele disse que sim, que o nome da Sra. Fraser era Claire. E ele disse que ela é uma curadora maravilhosa. Você não disse que sua mãe era uma ótima médica? Ele disse que já a viu realizando uma operação desesperada em um homem, que o deitou no meio da mesa de jantar, cortou as bolas dele e as costurou de volta, bem ali, com todo mundo olhando!

– Minha mãe é assim mesmo. – Havia lágrimas do que deveria ser felicidade nos cantos dos olhos dela. – Eles estão bem? Ele os viu recentemente?

– Ah, essa é a melhor parte! – Lizzie se inclinou para a frente, os olhos arregalados de animação com as notícias. – Ele está em Cross Creek, seu pai... o Sr. Fraser! Um homem que ele conhece está lá sendo julgado por um ataque, e seu pai foi testemunhar a favor dele. – Ela encostou o lenço na têmpora, secando as gotículas de suor. – O Sr. MacNeill disse que a corte só se reunirá no início da próxima semana porque o juiz adoeceu e outro está vindo de Edenton, e o julgamento não pode ocorrer sem que ele tenha chegado.

Brianna afastou uma mecha de cabelos e suspirou, quase sem acreditar em sua sorte.

– Uma semana até segunda que vem... e estamos no sábado. Deus, quanto tempo será preciso para subirmos o rio?

Lizzie se benzeu no mesmo instante por causa da blasfêmia de sua senhora, mas compartilhou sua animação.

– Não sei, mas a Sra. Smoots disse que seu filho já fez essa viagem uma vez... Podemos perguntar a ele.

Brianna se virou no banco, olhando para a sala. Homens e meninos tinham começado a entrar conforme escurecia, parando

para beber algo ou jantar antes de irem para a cama, e agora havia de quinze a vinte pessoas reunidas no pequeno salão.

– Qual deles é Júnior Smoots? – perguntou Brianna, virando a cabeça para ver entre as pessoas.

– O rapaz de bonitos olhos castanhos. Vou chamá-lo, está bem? – Encorajada pela emoção, Lizzie saiu de onde estava e se enfiou entre as pessoas.

Brianna ainda segurava o jarro de leite, mas não fez nenhum movimento para despejar o líquido na xícara. Sentia a garganta apertada de animação e não conseguia engolir a saliva. Um pouco mais de uma semana!

Wilmington era uma cidade pequena, Roger achou. Onde mais ela poderia estar? Se é que estava ali. Ele acreditava haver uma boa chance; ao perguntar nas tavernas em New Bern, soube que o *Phillip Alonzo* havia chegado a Charleston em segurança, e apenas dez dias antes de o *Gloriana* chegar a Edenton.

Brianna podia ter levado de dois dias a duas semanas para sair de Charleston e chegar a Wilmington, se ela realmente tivesse ido para lá.

– Ela está aqui – murmurou ele. – Caramba, eu sei que ela está aqui! – Independentemente de sua convicção ser o resultado de dedução, intuição, esperança ou simplesmente teimosia, ele se prendeu a ela como um marinheiro que está se afogando se agarra a um barrilete.

Conseguira viajar de Edenton a Wilmington com relativa facilidade. Por ter trabalhado na descarga do *Gloriana*, ele havia levado uma caixa de chá para dentro de um armazém, colocou-a no chão, voltou para a porta e se ocupou amarrando o lenço molhado de suor em sua cabeça. Assim que o homem seguinte passou por ele, saiu nas docas, virou para a direita em vez de para a esquerda e, em poucos segundos, seguia por um caminho estreito de pedras que levava do ancoradouro à cidade. Na manhã seguinte, encontrou um ancoradouro com um pequeno barco de carga transportando equipamentos navais de Edenton para o principal porto de

Wilmington, de onde seriam transferidos para um navio maior que os transportaria para a Inglaterra.

Ele saiu do navio de novo em Wilmington sem hesitação. Não tinha tempo a perder; precisava encontrar Brianna,

Ele sabia que ela estava ali. A Cordilheira dos Frasers ficava nas montanhas; ela precisaria de um guia, e Wilmington era o porto mais provável para encontrar um. E, se ela estivesse mesmo aqui, alguém já a teria notado; ele podia apostar que sim. Só esperava que as pessoas erradas não a tivessem visto.

Ao passar rapidamente pela rua principal e pelo porto, contou 23 tavernas. Caramba, essas pessoas bebiam demais! Havia a chance de ela ter conseguido um quarto em uma casa particular, mas as tavernas eram o lugar ideal para começar.

Até a noite, ele havia passado por dez tavernas, perdendo tempo por precisar evitar seus antigos companheiros de navio. Por estar na presença de tanta bebida, e ele sem um tostão para gastar, sentia muita sede. Estava o dia todo sem comer, o que não ajudava muito.

Ao mesmo tempo, mal notou o desconforto físico. Um homem na quinta taverna a havia visto, assim como uma mulher na sétima. “Um *homem* alto, com cabelos ruivos”, dissera o homem, mas “Uma moça enorme, usando calças de homem”, dissera a mulher, estalando a língua, chocada. “Descendo a rua com o casaco sobre o braço e o traseiro à vista de qualquer um!”

Roger mal podia esperar até ver aquele traseiro, pensou com seriedade, e saberia o que fazer com ele. Implorou por um copo de água a uma senhora gentil e partiu com determinação renovada.

Quando estava bem escuro, ele já havia ido a mais cinco tavernas. Os bares estavam cheios agora, e ele descobriu que a ruiva alta com roupas de homem estava causando comentários entre as pessoas por quase uma semana. A qualidade de alguns comentários o deixou corado de raiva e só o medo de ser preso o impediu de ser violento.

Mas saiu da décima quinta taverna depois de discutir feio com dois bêbados, tomado pela fúria. Meu Deus, será que a mulher não tinha o mínimo de bom senso? Tinha ideia do que os homens eram capazes?

Parou na rua e passou a manga da camisa pelo rosto suado. Respirava ofegante, pensando no que fazer a seguir. Continuar, pensou, embora, se não encontrasse algo para comer logo, fosse cair de cara na estrada.

O Blue Bull, decidiu. Já tinha espiado dentro do casebre pelo qual passara mais cedo e vira um monte de feno limpo. Gastaria um pouco no jantar e talvez o dono o deixasse dormir no estábulo, por bondade cristã.

Virando-se, viu uma placa na casa do outro lado da rua.

WILMINGTON GAZETTEER, JNO. GILLETTE. PROP., estava escrito. O jornal de Wilmington; um dos poucos na colônia da Carolina do Norte. E já era demais, para o gosto de Roger. Conteve a vontade de pegar uma pedra e jogar na janela do estabelecimento. Em vez disso, tirou o lenço suado da cabeça e, fazendo um esforço para se arrumar e retomar uma aparência decente, virou-se em direção ao rio e ao Blue Bull.

Ela estava ali.

Sentada perto do fogo, os cabelos brilhando à luz, conversando com um jovem cujo sorriso Roger quis arrancar à força de seu rosto. Em vez disso, bateu a porta com força e começou a caminhar na direção dela. Ela se virou, sobressaltada, e olhou para o desconhecido barbado. O reconhecimento brotou em seus olhos, seguido pela alegria, e então ela abriu um sorriso enorme.

– Ah, é você – disse ela. Seus olhos mudaram quando se deu conta. Gritou. Foi um grito forte, e todo mundo na taverna se virou para olhar.

– Caramba! – Ele se inclinou sobre a mesa e segurou o braço dela. – Que diabos você acha que está fazendo?

O rosto dela havia empalidecido, os olhos estavam arregalados de susto. Ela se afastou, tentando se livrar.

– Me solte!

– Não solto! Você vai vir comigo agora mesmo!

Dando a volta pela mesa, ele segurou o outro braço dela e a puxou, empurrando Brianna na frente dele em direção à porta.

– MacKenzie!

Droga, era um dos marinheiros do barco cargueiro. Roger olhou para o homem com uma expressão séria para tentar mantê-lo fora

daquela situação. Felizmente, o homem era menor e mais velho do que Roger; hesitou, mas então tomou coragem por estar acompanhado e ergueu o queixo.

– O que está fazendo com a moça, MacKenzie? Solte-a! – Houve uma comoção entre as pessoas, homens se virando para prestar mais atenção, atraídos pelas vozes. Ele tinha que sair dali *agora*, ou não sairia nunca.

– Diga a eles que está tudo bem, diga que me conhece! – sussurrou no ouvido de Brianna.

– Está tudo bem – disse Brianna, com a voz rouca pelo choque, mas alta o bastante para ser ouvida acima da confusão. – Está tudo bem. Eu... eu o conheço. – O marinheiro relaxou um pouco, ainda desconfiado. Uma moça magra perto do fogo se levantou; parecia muito assustada, mas corajosamente pegou uma garrafa de cerveja, pretendendo acertar Roger com ela, se preciso fosse. Sua voz estridente pôde ser ouvida acima dos murmúrios:

– Srta. Bree! Saiba que não precisa ir com esse grosseirão.

Brianna emitiu um som que poderia ter sido uma risada, engasgada pela histeria. Estendeu a mão e enfiou as unhas com força nas costas da mão dele. Assustado com a dor, ele soltou o braço dela e ela se livrou dele.

– Está tudo bem – repetiu ela, com mais firmeza, para todo mundo. – Eu o conheço. – Fez um gesto discreto para que a menina se acalmasse. – Lizzie, vá para a cama. Eu... eu volto depois. – Ela se virou e caminhou em direção à porta, depressa. Roger olhou para as pessoas do bar de modo ameaçador, para desestimular qualquer um que pretendesse interferir, e a seguiu.

Ela esperava do lado de fora; afundou os dedos no braço dele com uma força que seria gratificante se demonstrasse apenas alegria por vê-lo. Mas ele duvidava que fosse só isso.

– O que você está *fazendo* aqui? – perguntou ela.

Ele segurou os dedos dela com força.

– Aqui, não – disse ele. Segurou o braço dela e a arrastou um pouco mais pela rua, para o abrigo de uma grande nogueira. No céu, ainda havia um pouco de luz, mas os galhos baixos se aproximavam do chão e estava escuro o bastante ali para que eles se escondessem de qualquer curioso que pensasse em segui-los.

Ela se virou para ele assim que chegaram à sombra.

– O que você está fazendo aqui, pelo amor de Deus?

– Procurando você, sua tola! E que diabos *you* está fazendo aqui? E vestida *desse* jeito, meu Deus! – Ele olhou para ela por um único instante e a viu de calça e camisa, mas foi o suficiente.

Na época dela, as roupas seriam largas demais para serem unissex. Mas, depois de passar meses vendo mulheres de saias compridas e *arisaids*, a clara divisão de suas pernas, o comprimento das coxas e das panturrilhas pareciam tão ousados que ele sentiu vontade de enrolá-la em um lençol.

– Que absurdo! Seria a mesma coisa se andasse nua pelas ruas!

– Não seja idiota! O que está fazendo aqui?

– Já disse... procurando você.

Ele a segurou pelos ombros e então a beijou com força. O medo, a raiva e o alívio por encontrá-la se misturaram numa onda de desejo, e ele chegava a tremer. E ela também: se agarrava a ele, tremendo em seus braços.

– Está tudo bem – disse ele, sussurrando. Encostou os lábios nos cabelos dela. – Está tudo bem, estou aqui. Vou cuidar de você.

Ela se endireitou e se afastou.

– Tudo *bem*? – gritou ela. – Como pode dizer isso? Pelo amor de Deus, você está *aqui*!

Não havia como não perceber o horror em sua voz. Ele a segurou pelo braço.

– E onde mais eu estaria, com você se metendo no meio do nada, arriscando seu maldito pescoço e... por que diabos fez isso?!

– Estou procurando meus pais. O que *mais* estaria fazendo?

– Eu sei disso, minha nossa! Quero saber *por que* não me contou o que pretendia fazer!

Ela afastou o braço e empurrou seu peito, e ele se desequilibrou um pouco.

– Porque você não teria permitido, só isso! Teria tentado me impedir e...

– Com certeza eu faria isso! Deus, eu teria trancado você em um quarto, ou amarrado suas mãos e seus pés. De todas as ideias mais idiotas...

Ela bateu nele, um tapa com a mão aberta que acertou seu rosto.

– Cale-se!

– Sua louca! Espera que eu deixe você partir para... para o *nada*, e que eu fique em casa tamborilando os dedos enquanto você sai por aí exibindo seu útero na feira? Que tipo de homem você acha que eu sou?

Ele sentiu o movimento e segurou a mão dela antes que ela conseguisse estapeá-lo de novo.

– Não estou com paciência, garota! Se me bater de novo, juro que vou usar de violência!

Ela cerrou a outra mão e deu um soco na barriga dele, rápida e rasteira.

Ele sentiu vontade de revidar. Em vez disso, ele a agarrou e, segurando seus cabelos, a beijou com o máximo de força que pôde.

Ela se remexeu contra ele, emitindo grunhidos, mas ele não parou. Então ela começou a beijá-lo também e os dois se ajoelharam juntos. Ela envolveu o pescoço dele com os dois braços e ele a deitou sob ele no chão de folhas amassadas embaixo da árvore. Então ela começou a chorar nos braços dele, engasgando e puxando o ar, as lágrimas escorrendo por seu rosto enquanto o abraçava.

– Por quê? – perguntou ela, aos soluços. – Por que tinha que me seguir? Não percebe? Agora, o que vamos fazer?

– Fazer? Fazer em relação a quê? – Ele não sabia se ela chorava de raiva ou de medo. Talvez por causa dos dois.

Ela olhou para ele por entre as mechas de cabelo.

– A voltar! Você precisa ter alguém para quem voltar. Alguém de quem cuide. Você é a única pessoa que amo daquele lado... ou era! Como vou voltar, se você está *aqui*? E como você vai voltar, se *eu* estou aqui?

Ele parou, esquecendo o medo e a raiva, e segurou as mãos dela com força para que ela não o agredisse mais.

– É por isso? Por isso não quis me contar? Porque me *ama*? Meu Deus!

Ele soltou as mãos dela e se deitou sobre seu corpo. Segurou seu rosto com as duas mãos e tentou beijá-la de novo. Ela deu um

solavanco repentino com o quadril, envolveu as laterais do corpo dele com as pernas e se posicionou como uma tesoura ao redor de seu corpo, apertando suas costelas.

Ele rolou, desfazendo a posição, e a levou com ele, acabando deitado de costas, com ela por cima. Pousou uma mão nos cabelos dela e puxou seu rosto para perto do dele.

– Pare – disse ele. – Meu Deus, o que é isso, luta livre?

– Solte meus cabelos. – Ela balançou a cabeça, tentando afastar a mão dele. – *Odeio* que puxem meus cabelos.

Ele soltou os cabelos dela e escorregou a mão pelo seu pescoço, os dedos envolvendo a nuca esguia, um polegar apoiado na pulsação de sua garganta. Estava acelerada. Como a dele.

– Certo, o que acha de ser esganada?

– Não gosto.

– Nem eu. Tire o braço do meu pescoço, sim?

Muito lentamente, ela tirou o peso. Ele ainda estava ofegante, mas não por ter sido esganado. Não queria soltar o pescoço dela. Não pelo medo de que ela fugisse, mas porque não podia se afastar dela. Ficara muito tempo longe.

Ela estendeu a mão e segurou o pulso dele, mas não afastou sua mão. Ele sentiu quando ela engoliu em seco.

– Certo – disse ele. – Diga. Quero ouvir.

– Eu... amo... você – disse ela entre dentes. – Entendeu?

– Sim, entendi. – Segurou o rosto dela muito delicadamente e a puxou para baixo. Ela acompanhou, os braços tremendo, cedendo.

– Tem certeza? – perguntou ele.

– Sim. O que nós vamos *fazer*? – perguntou ela, e começou a chorar.

– *Nós*. – Ela dissera *nós*. Dissera ter certeza.

Roger estava deitado na terra da rua, machucado, sujo e faminto, com uma mulher tremendo e chorando contra seu peito, batendo no peito dele de vez em quando com o punho pequeno. Ele nunca se sentira mais feliz na vida.

– Calma – disse ele, aconchegando-a. – Está tudo bem; tem outro caminho. Vamos voltar; eu sei como. Não se preocupe, vou cuidar

de você.

Por fim, ela se entregou e se deitou na dobra do braço dele, fungando e soluçando. Havia uma marca grande e molhada na frente de sua camisa. Os grilos nas árvores, calados por estarem assustados com a comoção, cuidadosamente retomaram a cantoria acima deles.

Ela se libertou e se sentou, remexendo-se no escuro.

– Preciso assoar o nariz – disse. – Tem um lenço?

Ele deu a ela o pano suado que usava para prender os cabelos. Ela assoou o nariz, e ele sorriu no escuro.

– Parece o barulho do creme de barbear em lata.

– E quando foi a última vez que viu um desses? – Ela se deitou sobre ele de novo, com a cabeça encaixada na curva de seu ombro, e esticou a mão para tocar o rosto dele. Ele havia se barbeado dois dias antes; desde então, não tivera tempo nem oportunidade para isso.

Os cabelos dela ainda tinham um leve cheiro de grama, mas não mais de flores artificiais. Devia ser seu cheiro natural.

Ela suspirou, apertando o abraço.

– Me desculpe – disse ela. – Não queria que você tivesse vindo atrás de mim. Mas... Roger, estou incrivelmente feliz por você estar aqui!

Ele beijou sua testa; ela estava úmida e salgada devido ao suor.

– Eu também – disse ele, e por um momento todos os desafios e perigos dos últimos dois meses pareceram insignificantes. Todos, menos um.

– Há quanto tempo está planejando isso? – perguntou Roger. Ele acreditava saber. Desde que as cartas dela começaram a mudar.

– Ah... há cerca de seis meses – disse ela, confirmando o que ele imaginava. – Foi quando fui para a Jamaica na Páscoa.

– É mesmo? – Para a Jamaica, e não para a Escócia. Ela o havia chamado para ir, e ele disse não, magoado, como um tolo, por ela não ter planejado visitá-lo.

Ela inspirou fundo e soltou o ar, soprando a gola da camisa contra sua pele.

– Tive uns sonhos – disse ela. – Com meu pai. Com os dois.

Os sonhos não passavam de fragmentos: imagens vívidas do rosto de Frank Randall, intervalos mais compridos de vez em quando, nos quais ela via a mãe. E, de vez em quando, um homem alto e ruivo, que ela sabia ser o pai que nunca tinha visto.

– Houve um sonho em particular... – No sonho, era noite, em algum lugar tropical, com campos de vegetação alta que podia ser cana-de-açúcar e fogueiras acesas a distância. Havia batidas de tambores, e eu sabia que algo se escondia, esperando entre as canas; algo terrível. Minha mãe estava lá, bebendo chá com um crocodilo. – Roger resmungou, e ela disse de modo incisivo: – Foi um sonho, está bem? Então ele saiu da plantação. Eu não conseguia ver seu rosto muito bem, porque estava muito escuro, mas vi que tinha cabelos ruivos; vi mechas cor de cobre quando ele virou a cabeça.

– Era ele a coisa assustadora na cana? – perguntou Roger.

– Não. – Ele conseguiu ouvir o farfalhar dos cabelos quando ela balançou a cabeça para negar. Já estava bem escuro agora, e ela não passava de um peso reconfortante no peito dele, uma voz suave a seu lado, falando nas sombras. – Ele estava entre a minha mãe e a coisa horrorosa. Eu não a via, mas sabia que a coisa estava ali, esperando. – Ela tremeu leve e involuntariamente e Roger apertou o abraço. – Então eu sabia que minha mãe se levantaria e caminharia em direção a ela. Tentei impedi-la, mas não consegui fazer com que ela me ouvisse ou visse. Então eu me virei para ele e gritei para que fosse com ela... que a salvasse do que quer que fosse. E ele me viu! – Ela apertou a mão no braço dele. – Ele me viu e me ouviu. E então acordei.

– É mesmo? – perguntou Roger, desconfiado. – E isso fez com que você fosse para a Jamaica e...

– Isso me fez pensar – disse ela. – Você tinha procurado; não conseguiu encontrá-los na Escócia depois de 1766, e não conseguiu encontrá-los em nenhuma lista de emigrantes das colônias. Foi quando você disse que nós deveríamos desistir, que não havia mais nada que pudéssemos descobrir.

Roger ficou feliz porque a escuridão escondia sua culpa. Ele beijou o topo da cabeça dela, depressa.

– Mas eu fiquei pensando. O lugar no qual os via no sonho era nos trópicos. E se estivessem nas Índias?

– Eu procurei – disse Roger. – Chequei as listas de passageiros de todos os navios que saíram de Edimburgo ou Londres no fim dos anos 1760 e 1770, em direção a qualquer lugar. Eu contei a você – acrescentou, com a voz um pouco alterada.

– Sei disso – disse ela, da mesma maneira. – Mas e se eles não fossem passageiros? Por que as pessoas iam para as Índias naquela época... ou melhor, nesta época? – Ela se corrigiu com a voz um pouco diferente pela percepção.

– Para cuidar de negócios, principalmente.

– Certo. E se eles foram num navio de carga? Não apareceriam nas listas de passageiros.

– Sim – disse ele. – Não apareceriam. Mas como faria para procurá-los?

– Registros de depósitos, livros de contas de plantações, manifestos do porto. Passei as férias todas em bibliotecas e museus. E... eu os encontrei – disse ela.

Cristo, ela tinha visto a notícia.

– É mesmo? – perguntou ele, tentando se acalmar.

Ela riu com certo tremor.

– Um capitão James Fraser, de um navio chamado *Artemis*, vendeu cinco toneladas de esterco de morcego a um senhor de terras em Montego Bay no dia 2 de abril de 1767.

Roger não conteve a risada, mas ao mesmo tempo teve que fazer uma objeção:

– Sim, mas capitão de um navio? Depois de tudo o que sua mãe disse a respeito do enjoo que o homem sentia no mar? E sem querer desanimar, mas deve haver, literalmente, centenas de James Frasers; como você poderia saber...

– Talvez; mas no dia 1º de abril uma mulher chamada Claire Fraser comprou um escravo no mercado em Kingston.

– Ela *o quê*?

– Não sei por quê – disse Brianna com firmeza –, mas tenho certeza de que ela teve um bom motivo.

– Bem, claro, mas...

– Nos documentos, constava que o nome do escravo era “Temeraire”, e a descrição era de que tinha só um braço. Faz com que ele se destaque, não? De qualquer modo, comecei a procurar em coleções de jornais antigos, não só das Índias, mas das colônias do sul, procurando esse nome... minha mãe não teria um escravo; se comprasse um, ela o libertaria de algum modo, e as notícias de alforria às vezes apareciam nos jornais da região. Pensei que talvez pudesse descobrir onde o escravo foi libertado.

– Descobriu?

– Não. – Ela fez silêncio por um momento. – Eu... encontrei outra coisa. Uma notícia da... morte deles. Dos meus pais.

Mesmo sabendo que ela deveria ter encontrado, ouvi-la dizendo isso foi um choque. Ele a apertou contra si e a envolveu com os braços.

– Onde? – perguntou ele delicadamente. – Como?

Ele deveria ter sabido. Não estava ouvindo a explicação que ela dava com a voz embargada. Estava ocupado demais xingando a si mesmo. Deveria ter sabido que ela era teimosa demais para ser convencida. Tudo o que ele conseguira com sua interferência tinha sido fazer com que ela guardasse segredos. E ele mesmo havia pagado por isso – com meses de preocupação.

– Mas estamos com tempo – disse ela. – Dizia que tinha sido em 1776; temos tempo para encontrá-los. – Ela suspirou forte. – Que bom que você está aqui. Fiquei muito preocupada pensando que você poderia descobrir antes que eu voltasse; eu não sabia o que faria.

– O que eu *fiz*... Você sabe – disse ele. – Tenho um amigo com um filho de 2 anos. Ele diz que nunca na vida concordaria com a violência contra uma criança... mas, por Deus, ele entende por que as pessoas fazem isso. Eu sinto a mesma coisa em relação à violência contra a mulher agora.

Brianna riu baixinho sobre o peito dele.

– O que quer dizer com isso?

Ele escorregou a mão pelas costas dela e segurou seu traseiro com firmeza. Ela não usava nenhuma roupa por baixo da calça larga.

– Quero dizer que se eu fosse um homem desta época, e não da minha, nada me daria mais prazer do que descer o cinto neste traseiro umas dez vezes.

Ela não pareceu considerar aquilo uma ameaça séria. Na verdade, ele achou que ela estava rindo.

– Então, já que você não é desta época, não faria isso? Ou faria, mas não gostaria?

– Ah, eu adoraria – disse ele. – Não há nada de que eu gostaria mais do que dar umas palmadas em você.

Ela *estava* rindo.

Repentinamente furioso, ele a afastou e se sentou.

– Qual é o seu problema? Pensei que tivesse conhecido outra pessoa! Suas cartas, nos últimos meses... e então aquela última. Eu tinha certeza. Por isso quero bater em você... não por mentir para mim ou por partir sem me contar... mas por me fazer pensar que eu havia perdido você!

Ela ficou em silêncio por um momento. Esticou a mão para tocar o rosto dele muito delicadamente.

– Sinto muito – disse ela. – Nunca quis que você pensasse isso. Só queria evitar que você descobrisse. – Ela virou para ele a cabeça, contornada pela luz fraca que vinha da estrada à frente. – Como você descobriu?

– Suas caixas. Chegaram à faculdade.

– O quê? Mas mandei que eles a enviassem no fim de maio, quando você estaria na Escócia!

– Eu estaria, se não tivesse sido uma conferência de última hora que me manteve em Oxford. Elas chegaram um dia antes de eu partir.

A luz e o barulho apareceram de repente quando a porta da taverna foi aberta, enxotando uma multidão de clientes para a rua. Vozes e passos passaram ao lado do esconderijo deles, assustadoramente próximos. Nenhum deles disse nada até os sons desaparecerem. E, no silêncio renovado, ele ouviu o barulho de uma castanha-da-índia caindo pelos galhos, batendo nas folhas do chão.

A voz de Brianna estava estranhamente rouca:

– Você pensou que eu havia conhecido outra pessoa... e ainda assim veio atrás de mim?

Ele suspirou, a raiva desaparecera com a mesma rapidez com que havia aparecido, e afastou os cabelos úmidos do rosto.

– Eu teria vindo ainda que você estivesse casada com o rei do Sião, sua maluca.

Ela não passava de um vulto claro na escuridão; ele viu o breve momento em que ela se inclinou para pegar a castanha do chão e se sentou brincando com ela. Por fim, inspirou muito fundo e soltou o ar devagar.

– Você disse violência contra *a mulher*.

Ele parou. Os grilos tinham parado de novo.

– Você disse ter certeza. Estava falando sério?

Fez-se um longo silêncio, longo o bastante para ser eterno.

– Sim – disse ela.

– Em Inverness, eu disse...

– Disse que me teria por inteiro... ou não. E eu disse que compreendia. Tenho certeza.

A camisa dela havia saído de dentro da calça e agora esvoaçava livremente ao redor de seu corpo, sob a brisa. Ele enfiou a mão embaixo da barra e tocou a pele nua, que logo se arrepiou com o toque. Ele a puxou para mais perto, correu as mãos por suas costas e seus ombros nus embaixo do tecido, escondeu o rosto em seus cabelos, em seu pescoço, explorando, perguntando com as mãos... ela estava falando sério?

Ela apertou os ombros dele e se inclinou para trás, encorajando-o. Sim, estava falando sério. Ele respondeu, sem palavras, abrindo a frente da camisa dela, afastando o tecido. Os seios dela eram brancos e macios.

– Por favor – disse ela. Sua mão estava na nuca dele e o puxava em direção a ela. – Por favor!

– Se eu tiver você agora, vai ser para sempre – sussurrou ele.

Ela mal respirava, mas ficou parada, deixando as mãos dele livres para irem aonde quisessem.

– Sim – disse ela.

A porta da taverna se abriu de novo e os assustou. Ele a soltou e ficou de pé, abaixando-se para ajudá-la, e então permaneceu de mãos dadas com ela, esperando as vozes se afastarem.

– Venha – disse ele, e se abaixou sob os galhos.

O galpão, a certa distância da taverna, era escuro e silencioso. Eles pararam na frente, esperando, mas não ouviram sons vindos dos fundos da hospedaria; todas as janelas no andar de cima estavam escuras.

– Espero que Lizzie tenha ido dormir.

Ele se perguntou quem era Lizzie, mas não se importou. Àquela distância, conseguia ver o rosto dela com clareza, apesar de a noite roubar toda a cor de sua pele. Ela parecia um arlequim, ele pensou: rosto pálido com sombra escura, emoldurado pelos cabelos escuros, os olhos negros em forma de triângulos acima da boca vívida.

Segurou a mão dela, palma com palma.

– Você sabe o que é *handfasting*?

– Não exatamente. Um tipo de casamento temporário?

– Mais ou menos. Nas Ilhas e nas partes mais remotas das Terras Altas, onde as pessoas viviam longe das igrejas, um homem e uma mulher faziam o *handfasting*; juravam um ao outro viverem juntos por um ano e um dia. Ao fim do período, eles encontravam um pastor e se casavam de modo mais permanente... ou se separavam.

Ela apertou a mão dele.

– Não quero nada temporário.

– Nem eu. Mas não acho que encontraremos um pastor com facilidade. Ainda não há igrejas aqui; o pastor mais próximo provavelmente fica em New Bern. – Ele ergueu as mãos dos dois, unidas. – Eu disse que queria tudo e, se você não gostasse de mim o suficiente para se casar comigo...

Ela apertou a mão dele com mais força.

– Eu gosto.

– Certo.

Ele respirou fundo e começou:

– Eu, Roger Jeremiah, aceito você, Brianna Ellen, como minha esposa. Com meu corpo, minha alma, minha devoção...

A mão dela tremeu na dele, e ele criou coragem. Quem havia criado esse juramento entendia muito bem.

–... na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, enquanto nós dois vivermos.

Se eu fizer um juramento desses, manterei minha palavra, não importa o que custar! Ela estava pensando nisso agora?

Ela abaixou as mãos juntas e falou com muito cuidado:

– Eu, Brianna Ellen, aceito você, Roger Jeremiah... – Sua voz estava um pouco mais alta do que as batidas do coração dele, mas ele ouviu cada palavra. Uma brisa soprou pela árvore, sacudindo as folhas, esvoaçando seus cabelos. –... enquanto nós dois vivermos.

A frase significava bem mais para cada um deles agora, ele pensou, do que teria significado alguns meses antes. A passagem pelas pedras era o suficiente para impressionar qualquer um com a fragilidade da vida.

Fez-se um momento de silêncio, interrompido apenas pelo farfalhar das folhas acima e o murmúrio distante de vozes no bar. Ele levou a mão dela aos lábios e a beijou no nó do dedo anular, onde um dia – se Deus permitisse – a aliança estaria.

Era mais um galpão grande do que um celeiro, apesar de algum animal – um cavalo ou uma mula – se remexer em sua baia em uma das pontas. Havia um cheiro forte de lúpulo no ar, forte o suficiente para se sobrepor aos cheiros mais discretos de feno e esterco; o Blue Bull fabricava a própria cerveja. Roger se sentia embriagado, mas não de álcool.

O galpão estava muito escuro, e despi-la foi frustrante e prazeroso.

– E eu pensei que as pessoas cegas precisassem de anos para desenvolver o tato – disse ele.

Roger sentiu a respiração quente da risada dela em seu pescoço, fazendo os pelos de sua nuca se eriçarem.

– Tem certeza de que não é como o poema sobre os cinco homens cegos e o elefante? – perguntou ela. Procurou com a mão a abertura da camisa dele, encontrou e a escorregou para dentro. – “Não, o animal é como um muro” – disse ela. Seus dedos se curvaram e se esticaram, explorando curiosos a pele sensível ao redor do mamilo. – Um muro com cabelos. Minha nossa, um muro com arrepios também.

Ela riu de novo, e ele inclinou a cabeça, encontrando os lábios dela na primeira tentativa, sem olhar, mas sem errar, como um morcego pegando uma mariposa no ar.

– Ânfora – sussurrou ele contra as curvas dos lábios dela. Escorregou as mãos pela curva ampla de seu quadril, tocando a maciez fresca e sólida, atemporal e graciosa como a superfície de louças antigas, com a promessa de abundância. – Como um vaso grego, Deus, você tem o traseiro mais lindo!

– Traseiro de jarro, hein?

Ela vibrou contra ele, o tremor de sua risada passando dos lábios dela para os dele, entrando na sua corrente sanguínea como um vírus. A mão dela desceu pelo quadril dele e subiu, dedos compridos abrindo sua calça, segurando-o com hesitação, e então com mais certeza, gradualmente levantando a camisa dele para livrá-lo das camadas de tecido.

– “Não, o animal é como uma corda”... opa...

– Pare de rir, droga.

–... como uma cobra... não... bem, talvez uma cobra... minha nossa, como chamaria *aquilo*?

– Eu tinha um amigo que o chamava de “Sr. Feliz” – disse Roger, sentindo-se zozinho –, mas isso é meio extravagante para o meu gosto. – Ele a segurou pelos braços e a beijou de novo, por tempo suficiente para impedir qualquer outra comparação.

Ela ainda tremia, mas ele não *acreditava* ser por causa da risada. Escorregou os braços ao redor do corpo dela e a puxou contra ele, surpreso como sempre por seu tamanho, e ainda mais agora, porque ela estava nua, com aqueles ossos e músculos causando uma sensação imediata em seus braços.

Ele parou para respirar. Não sabia se a sensação era mais parecida com afogamento ou com escalada de montanha, mas, independentemente do que fosse, não havia muito oxigênio entre eles.

– Nunca antes beijei uma garota sem precisar me abaixar – disse ele, conversando na esperança de retomar o fôlego.

– Ah, ótimo; não queremos que você tenha torcicolo. – O tremor voltava à voz dela, e definitivamente era uma risada, apesar de ele achar que vinha tanto do nervosismo quanto do bom humor.

– Ha ha – disse ele, e a segurou de novo. Que o oxigênio fosse às favas. Os seios dela eram altos e redondos, estavam pressionados contra seu peito com aquela mistura única de maciez e firmeza que tanto o intrigava sempre que a tocava. Uma das mãos dela escorregou com hesitação entre eles, tocando, e então se retirou.

Ele não conseguia parar de beijá-la por tempo suficiente para terminar de se despir, mas arqueou as costas para permitir que ela descesse as calças dele, que estavam soltas o suficiente para se acumularem ao redor dos pés de Roger, que saiu de dentro delas, ainda segurando Brianna, e emitiu um gemido gutural quando a mão dela voltou a se posicionar entre os corpos.

Ela havia comido cebola no jantar. A falta de visão aguçava não só o toque, mas o paladar e o olfato também. Ela tinha gosto de carne assada, cerveja e pão. E um sabor leve e adocicado que ele não conseguiu identificar, mas que fazia com que pensasse, de certo modo, em campos verdejantes cheios de grama ao vento. Será que sentia o gosto ou o cheiro nos cabelos dela? Não sabia. Parecia estar perdendo a noção de seus sentidos enquanto perdia os limites entre eles, respirando a respiração dela, sentindo o coração de Brianna bater como se estivesse dentro do peito dele.

Ela o segurava um pouco forte demais, e ele interrompeu o beijo finalmente, ofegante.

– Pode soltar um pouco? É uma boa maçaneta, mas garanto que tem utilidades melhores.

Em vez de soltá-lo, ela se ajoelhou.

Roger fez um leve movimento para trás, assustado.

– Minha nossa, tem certeza de que quer fazer isso? – Ele não sabia se queria que ela fizesse ou não. Os cabelos dela pinicavam suas coxas, e seu pênis latejava, desesperado para ser abrigado. Ao mesmo tempo, não queria assustá-la nem causar repulsa.

– Não quer que eu faça isso? – Ela subiu as mãos para a parte de trás das coxas dele, fazendo cócegas. Ele sentia todos os pelos de seu corpo se arrepiando, dos joelhos à cintura. Sentiu-se como um sátiro, com as pernas bambas e fedendo.

– Bem... sim. Mas não tomo banho há dias – disse ele, tentando se afastar, embaraçado.

Ela passou o nariz sobre a barriga dele, subindo e descendo, respirando fundo. A pele dele se arrepiou, e o arrepio nada teve a ver com a temperatura ambiente.

– Você está cheirando bem – disse ela. – Como um animal grande.

Ele segurou a cabeça de Brianna com força, os dedos se enrolando nos cabelos grossos e sedosos.

– Nisso você está certa – disse ele. A mão dela estava em seu pulso, leve e quente... Nossa, como ela era quente.

Sem pretender, ele diminuiu a pressão; sentiu os cabelos dela resvalarem por suas coxas e então parou de pensar em qualquer coisa coerente, pois todo o sangue saiu de seu cérebro, partindo para o sul com uma velocidade impressionante.

– To azen eito?

– O quê? – Ele saiu do torpor alguns minutos depois de ela se afastar, afastando os cabelos dela do rosto.

– Perguntei se estou fazendo direito.

– Ah, acho que sim.

– Você *acha* que sim? Não tem certeza? – Brianna parecia estar recuperando a postura com a mesma rapidez com que Roger perdia a dele; ele ouviu a risada reprimida na voz dela.

– Bem... não. Sabe, eu nunca... ou melhor, ninguém.... sim, acho que sim. – Ele havia levado a mão à cabeça dela de novo e a empurrava para a frente com delicadeza.

Ele achou que ela emitia um murmúrio baixo, em algum ponto profundo da garganta. Podia ser seu próprio sangue latejando pelas veias distendidas, correndo com força como a água do mar passando pelas rochas. Mais um minuto e ele pareceria um chafariz.

Ele se afastou e, antes que ela pudesse reclamar, colocou-a de pé, e então fez com que se deitasse no monte de feno onde havia jogado as roupas dela.

Os olhos dele tinham se ajustado à escuridão, mas a luz das estrelas que entrava pela janela ainda estava muito fraca e ele não conseguia ver nada além das formas e dos contornos, brancos como mármore. Mas não frios... nem um pouco frios.

Ele encarou a própria tarefa com uma mistura de cautela e excitação; ele já havia tentado isso uma vez, mas encontrou um

cheiro forte de produto de higiene feminina que tinha o odor das flores da igreja do seu pai aos domingos – uma ideia bastante desmotivadora.

Brianna não tinha esse problema. Seu cheiro era o suficiente para fazer com que ele quisesse deixar de lado qualquer preliminar e se entregar ao desejo.

Mas ele respirou fundo e a beijou acima dos pelos escuros.

– Minha nossa – disse ele.

– O que foi? – Ela parecia levemente assustada. – Estou cheirando mal?

Ele fechou os olhos e inspirou. Sua cabeça girava levemente, e ele se sentiu zozinho com a mistura de desejo e descontração.

– Não, é que há mais de um ano tento imaginar qual é a cor dos seus pelos aqui. – Passou os dedos pelos fios. – Agora aqui estou eu, cara a cara com eles, e ainda assim não sei.

Ela riu, e a vibração fez sua barriga tremer delicadamente sob a mão dele.

– Você quer que eu diga?

– Não, deixe que eu me surpreenda de manhã. – Ele abaixou a cabeça, surpreso agora pela variedade incrível de texturas numa região tão pequena: algo liso como vidro, a leve aspereza, um pouco de elasticidade e aquela parte escorregadia, almiscarada, doce e salgada ao mesmo tempo.

Passados alguns instantes, ele sentiu as mãos dela pousarem delicadamente em sua cabeça, como se fosse uma bênção. Esperava que a barba não a estivesse machucando, mas ela não parecia se importar. Um tremor interior percorreu a carne quente das coxas dela e ela gemeu de um modo que pareceu ecoar em sua barriga.

– Estou fazendo certo? – perguntou ele, meio por brincadeira, levantando a cabeça.

– Ah, sim – disse ela com delicadeza. – Com certeza está. – Segurou os cabelos dele com mais força.

Ele havia começado a baixar a cabeça de novo, mas se levantou ao ouvir aquilo, olhando por cima do corpo pálido em direção ao rosto oval e branco.

– E como diabos você pode saber? – perguntou ele. A única resposta foi uma risada forte. Então ele se deitou ao lado dela, sem saber como havia chegado ali, e a beijou, o corpo todo pressionado contra o dela, ciente apenas do seu calor, do seu corpo ardente.

Ela sentiu o gosto dele, e ele o dela, e de jeito nenhum ele conseguiria ir devagar.

Mas conseguiu. Ela estava disposta, mas tímida, tentando erguer o quadril para ele, tocando-o depressa demais, leve demais. Segurou as mãos dela, uma por vez, e as colocou contra o seu peito. As palmas das mãos dela estavam quentes, e seus mamilos endureceram.

– Sinta meu coração – disse ele. A voz estava grossa até mesmo em seus ouvidos. – Diga se ele parar.

Não pretendia ser engraçado, e ficou um pouco surpreso quando ela riu com desconforto. A risada desapareceu quando ele a tocou. As mãos dela apertaram o peito dele; então ele sentiu quando ela relaxou e abriu as pernas para ele.

– Amo você – sussurrou ele. – Ah, Bree, como amo você.

Ela não respondeu, mas sua mão surgiu na escuridão e tocou o rosto dele, bem de leve, como uma alga marinha. Ela a manteve ali enquanto a tomava, deitada e entregue, confiante, enquanto com a outra mão ela sentia o coração forte dele.

Ele se sentia mais embriagado do que antes. Não grogue nem sonolento, mas atento a tudo. Sentia o cheiro do próprio suor; sentia o dela também, sentia o leve toque de medo que se misturava ao desejo dela.

Fechou os olhos e inspirou. Apertou as mãos nos ombros dela. Pressionou lentamente. Entrou escorregando. Sentiu quando ela se abriu e mordeu o próprio lábio, forte o bastante para sangrar.

As unhas dela se enterraram no seu peito.

– Continue! – ela sussurrou.

Um movimento rápido e firme e ele a possuiu.

Permaneceu daquele modo, olhos fechados, respirando. Equilibrado em um limite de prazer forte o bastante para causar dor. Vagamente, imaginou que a dor que sentia era dela.

– Roger?

– Quê?

– Você é muito... grande, não acha? – A voz dela estava levemente trêmula.

– Ah... – Ele buscou o resto de sua coerência. – Do tamanho normal. – A preocupação expulsou a sensação de embriaguez. – Estou te machucando muito?

– Não... não exatamente. É que... pode parar de se mexer um minuto?

– Um minuto, uma hora. A vida toda, se você quiser. – Ele pensou que morreria se não se movimentasse, e teria morrido feliz.

As mãos dela desceram devagar pelas costas dele, tocando suas nádegas. Ele estremeceu e abaixou a cabeça, os olhos fechados, imaginando o rosto dela e beijando-o muitas vezes.

– Certo. – Ela sussurrou no ouvido dele, e, como um robô, ele começou a se mexer o mais lento que podia, contido pela pressão das mãos dela em suas costas.

Ela ficou levemente tensa, e então relaxada, tensa e relaxada, e ele sabia que a estava machucando, fez de novo, deveria parar, ela se ergueu contra ele, tomando-o, e um som muito alto e animalesco ecoou, e deveria ter sido por ele, agora, tinha que ser agora, ele tinha que...

Tremendo e se remexendo como um peixe fora d'água, ele se afastou do corpo dela e se deitou sobre ela, sentindo os seios contra ele enquanto se remexia e gemia.

Então ficou parado, não mais embriagado, mas envolvido numa paz culpada, e sentiu que ela o abraçava e respirava o ar quente em seu ouvido.

– Amo você – disse ela, a voz rouca no ar com cheiro de mato.
– Fique comigo.

– Toda a minha vida – disse ele, e a abraçou.

Permaneceram deitados, em paz, unidos pelo suor de seus esforços, ouvindo a respiração um do outro. Roger se mexeu, erguendo o rosto dos cabelos dela, com os membros pesados e, ao mesmo tempo, amortecidos.

– Tudo bem, amor? – perguntou. – Machuquei você?

– Sim, mas não me importei. – Ela desceu a mão pelas costas dele com suavidade, fazendo-o se arrepiar, apesar do calor. – Foi tudo bem? Eu fiz certo? – Ela parecia levemente ansiosa.

– Ah, Deus! – Ele baixou a cabeça e a beijou, longa e demoradamente. Brianna ficou um pouco tensa, mas sua boca se relaxou na dele.

– Foi tudo bem, então?

– Ah, Jesus!

– Você blasfema bastante, para um filho de pastor – disse ela, em um tom claro de acusação. – Talvez as senhoras em Inverness estivessem certas; você *vai* para o inferno.

– Não é blasfêmia – disse ele. Encostou a testa no ombro dela, respirando fundo, sentindo seu cheiro, o cheiro deles. – Oração do Dia de Ação de Graças.

Ela riu.

– Ah, *foi* bom então – disse ela, num tom inconfundível de alívio.

Ele ergueu a cabeça.

– Meu Deus, sim – disse ele, fazendo-a rir de novo. – Como pôde pensar qualquer outra coisa?

– Bom, você não disse nada. Só ficou deitado como alguém que foi atropelado. Pensei que tivesse ficado desapontado.

Foi a vez de Roger rir, com o rosto meio enterrado na pele lisa do pescoço dela.

– Não – disse ele finalmente, aspirando o ar. – Agir como se sua espinha tivesse sido removida é um bom indício de satisfação masculina. Não é muito gentil, mas é honesto.

– Ah, certo. – Ela pareceu satisfeita com isso. – O livro não dizia nada sobre isso, mas não diria mesmo; não se importavam com o que acontece depois.

– Que livro é esse? – Ele se moveu com cuidado, suas peles se separando com um som de velcro se abrindo. – Sinto muito pela sujeira. – Ele pegou a camisa e a entregou a ela.

– *O homem sensual*. – Ela pegou a camisa e se secou depressa. – Havia muitas coisas sobre cubos de gelo e chantili que eu achei bem exageradas, mas era bom para saber como fazer certas coisas, como felação e...

– Você aprendeu isso num *livro*? – Roger ficou escandalizado como uma das senhoras da congregação de seu pai.

– Bem, você não deve achar que eu faço isso com todas as pessoas com quem saio! – Ela pareceu verdadeiramente chocada.

– Escrevem livros contando às jovens como... que horror!

– O que tem de horrível nisso? – perguntou ela, ressabiada.

Roger esfregou a mão no rosto, sem palavras. Se alguém perguntasse uma hora antes, ele teria dito ser a favor da igualdade sexual. Mas aparentemente, sob o verniz de modernidade, restava uma boa parte do filho de pastor presbiteriano para achar que uma mulher deveria ser ignorante na noite de núpcias.

Reprimindo essa ideia vitoriana, Roger passou a mão pelas curvas claras e macias do quadril e do flanco dela e segurou seu seio macio.

– Nada – disse, abaixando a cabeça para tocar os lábios dela –, tem um pouco mais na coisa toda do que lemos nos livros, sabe?

Ela se moveu de repente, virando-se para encostar o corpo quente e nu no dele, e ele se sobressaltou com a sensação.

– Me mostre – sussurrou ela, e mordeu o lóbulo da orelha dele.

Um galo cantou ali perto. Brianna acordou de um cochilo, e se repreendeu por ter dormido. Ela estava desorientada, cansada das emoções e do esforço, sentindo-se zozza, como se estivesse flutuando. Ao mesmo tempo, não queria perder nenhum momento.

Roger se mexeu ao lado dela, sentindo seu movimento. Ele a abraçou e se encaixou atrás dela, joelhos com joelhos, barriga com nádegas. Afastou as mechas dos cabelos dela, soprando de leve em seu pescoço, o que fez com que ela risse.

Ele havia feito amor com ela três vezes. Ela estava bem dolorida, e muito feliz. Já tinha imaginado a situação mil vezes, e errara todas. Não havia como imaginar a urgência assustadora de ser tomada daquele modo – indo além dos limites do corpo, penetrada, tomada, *invadida*. Também não havia como ela ter imaginado a sensação de poder naquilo.

Ela pensou que ficaria impotente, o objeto de desejo. Mas ela o havia agarrado, sentido seus tremores e que ele controlava a força

por medo de feri-la – e ela extravasou sua força, para tocar e excitar, para comandar e controlar.

Também não podia imaginar que existisse uma ternura tão grande enquanto ele gemia e tremia em seus braços, confiando nela quando a sua força se transformava em abandono.

– Me desculpe – disse ele em seu ouvido.

– Por quê? – Ela colocou a mão na coxa dele para fazer uma carícia. Podia fazer isso. Podia tocá-lo em qualquer ponto, deliciando-se com as texturas e gostos do corpo dele. Mal podia esperar pelo dia, para vê-lo nu.

– Por isto. – Ele fez um leve movimento com a mão, englobando toda a escuridão ao redor, o feno áspero sob eles. – Eu deveria ter esperado. Queria que tivesse sido... bom para você.

– Foi muito bom para mim – disse ela afetuosamente. Havia uma depressão na lateral da coxa dele, onde o músculo se destacava.

Ele riu, um pouco forte demais.

– Queria que você tivesse uma noite de núpcias adequada. Cama macia, lençóis limpos... teria sido melhor, para a primeira vez.

– Já tive camas macias e lençóis limpos – disse ela. – Mas nunca tive isto. – Ela se virou nos seus braços, esticou a mão e segurou aquela parte fascinante e inconstante entre as pernas dele. Roger ficou tenso, surpreso, então relaxou, deixando que ela o manipulasse como queria. – Não poderia ter sido melhor – disse ela suavemente e o beijou.

Ele retribuiu o beijo, lento e preguiçoso, explorando as profundezas e vazios de sua boca, deixando que ela explorasse a dele. E gemeu um pouco, um gemido brotando da garganta, e afastou a mão dela.

– Ah, meu Deus, você vai me matar, Bree.

– Desculpe – disse ela ansiosa. – Apertei demais? Não queria machucar você.

Ele riu.

– Não é isso. Mas deixe o coitadinho descansar, sim? – Com a mão firme, ele a virou de novo, beijando seu ombro.

– Roger?

– Hum?

– Acho que nunca me senti tão feliz.
– É mesmo? Que bom. – Parecia sonolento.
– Ainda que... ainda que não voltemos, se estivermos juntos, não me importo.

– Vamos voltar. – Ele tocou o seio dela, suave como alga marinha repousando em uma rocha. – Já disse, tem outro jeito.

– Tem?

– Acho que sim.

Ele contou a ela sobre o grimório, a mistura de notas cuidadosas e de palavras desconexas... e a respeito de sua passagem através das pedras de Craigh na Dun.

– Na segunda vez, pensei em você – disse ele suavemente, e passou o dedo pelo rosto dela, no escuro. – Eu sobrevivi. E vim para a época certa. Mas o diamante que Fiona me deu não passou de uma mancha negra em meu bolso.

– Então, pode ser possível... direcionar, de algum modo? – Brianna não conseguiu disfarçar uma leve esperança na voz.

– Pode ser que sim. – Ele hesitou. – Havia um... acho que deve ter sido um poema, ou talvez um feitiço... no livro. – Ele abaixou a mão enquanto o recitava:

*“Ergo meu punhal ao Norte,
onde fica a fonte de meu poder,
Para o Oeste,
Onde está o abrigo de minha alma,
Ao Sul,
Onde ficam a amizade e o refúgio,
Ao Leste,
Onde nasce o sol.
Então pouso o punhal no altar que fiz.
Eu me sento entre as três chamas.
Três pontos definem um plano, e estou fixado.
Quatro pontos guardam a Terra, e a minha é plena.
Cinco é o número da proteção; que nenhum demônio
me perturbe.
Minha mão esquerda está envolvida em ouro
E retém a força do sol.
Minha mão direita está tomada de prata*

*E a lua reina serena.
Eu começo.
Granadas se reúnem em amor em meu pescoço.
Serei fiel.”*

Brianna se sentou, envolvendo os joelhos com os braços. Ficou em silêncio por um momento.

– Que *maluquice* – disse por fim.

– Ser maluco, infelizmente, não é garantia de que alguém esteja errado – disse Roger em tom seco. Ele se estendeu, resmungando, e se sentou cruzando as pernas na palha. – Parte dele é ritual tradicional, eu acho, uma vez que a tradição é celta antiga. As partes sobre as direções são as “quatro pontas”, que você verá que existe na lenda celta. Quanto ao punhal, ao altar e às chamas, é bruxaria.

– Ela esfaqueou o marido no coração e o incendiou. – Ela ainda se lembrava tão bem quanto ele do fedor da gasolina e da carne em chamas no círculo de Craigh na Dun, e estremeceu, apesar de estar quente dentro do galpão.

– Espero que não sejamos forçados a encontrar alguém para um sacrifício humano – disse Roger, tentando, sem sucesso, fazer piada. – Mas o metal e as pedras preciosas... você estava usando joias quando passou, Bree?

Ela balançou a cabeça, assentindo.

– Sua pulseira – disse ela. – E o colar de pérolas de minha avó no bolso. Mas as pérolas não foram prejudicadas; passaram sem problemas.

– Pérolas não são pedras preciosas – disse ele. – São orgânicas, como as pessoas. – Passou a mão no rosto; tinha sido um longo dia, e a cabeça dele começava a doer. – Mas prata e ouro; você estava com a pulseira de prata, e o colar era de ouro, e também tinha as pérolas. Ah, e sua mãe; ela usava prata e ouro, não? As alianças de casamento.

– Sim. Mas “três pontos definem um plano, quatro pontos guardam a Terra, cinco é o número da proteção...” – murmurou Brianna. – Será que ela estava falando que você precisa de pedras preciosas para... para fazer o que ela estava tentando fazer? São “pontos”?

– Poderiam ser. Ela tinha desenhos de triângulos e pentagramas, e listas de pedras preciosas diferentes, com as supostas propriedades “mágicas” relacionadas ao lado. Ela não estava explicando as teorias com muitos detalhes; não precisava, já que estava falando sozinha, mas a ideia geral parecia ser de que havia linhas de força – “linhas de ligação” – percorrendo a Terra. De vez em quando, as linhas correm próximas umas às outras, e meio que se enrolam em nós; e onde há um nó assim há um local onde o tempo essencialmente não existe.

– Então, se você pisar em uma, pode pisar fora de novo... em qualquer momento.

– Mesmo lugar, época diferente. E, se você acredita que as pedras preciosas têm força própria, o que pode entortar um pouco as linhas...

– Qualquer pedra preciosa serviria?

– Só Deus sabe – disse Roger. – Mas é a melhor possibilidade que temos, não é?

– Sim – concordou Brianna depois de uma pausa. – Mas onde encontraremos uma? – Ela balançou um braço na direção da cidade e de seu porto. – Não vi nada assim em nenhum lugar... nem em Inverness, nem aqui. Acho que teríamos que ir a uma cidade grande... Londres, ou talvez Boston ou Filadélfia. E então... quanto você tem de dinheiro, Roger? Eu consegui vinte libras, e ainda tenho a maior parte desse dinheiro, mas não seria nem de perto suficiente para...

– É isso – interrompeu ele. – Estava pensando nisso enquanto você dormia. Sei, ou acho que sei, onde posso encontrar uma pedra, pelo menos. A questão é que... – Ele hesitou. – Terei que ir agora para encontrar. O homem que a tem está em New Bern no momento, mas ele não ficará lá por muito tempo. Se eu levar um pouco do seu dinheiro, posso pegar um barco de manhã e estar em New Bern no dia seguinte. Acho que é melhor você ficar aqui. Assim...

– Não posso ficar aqui!

– Por que não? – Ele estendeu a mão para ela, mexendo em seus cabelos. – Não quero você comigo. Ou melhor, quero, mas acho que é muito mais seguro se você ficar.

– Não estou dizendo que quero ir com você. Estou dizendo que não posso ficar aqui – repetiu ela, apesar de apertar a mão dele. Ela havia quase esquecido, mas então toda a excitação da descoberta voltou. – Roger, eu o encontrei... encontrei Jamie Fraser!

– Fraser? Onde? Aqui? – Ele se virou na direção da porta, assustado.

– Não, ele está em Cross Creek, e eu sei onde estará na segunda. Tenho que ir, Roger. Você não entende? Ele está tão perto... e eu cheguei até aqui. – Sentiu uma vontade repentina e irracional de chorar ao pensar em ver a mãe de novo.

– Sim, entendo. – Roger parecia ansioso. – Mas não poderia esperar alguns dias? É só um ou dois dias no mar para New Bern, o mesmo para voltar, e acho que posso resolver o que preciso em um ou dois dias.

– Não – disse ela. – Não posso. Tem a Lizzie.

– Quem é Lizzie?

– Minha criada, você a viu. Ela ia bater em você com uma garrafa. – Brianna sorriu ao se lembrar. – Lizzie é muito corajosa.

– Diria que sim – disse ele com secura. – Seja como for...

– Mas ela está doente – interrompeu Brianna. – Não viu como está pálida? Acho que está com malária; tem febres horrorosas e tremores que duram um dia, mais ou menos, e de repente param... e então, alguns dias depois, voltam. Eu preciso encontrar minha mãe assim que puder. *Preciso*.

Ela sentiu que ele estava se controlando, sufocando argumentos. Ela esticou o braço e acariciou seu rosto.

– Eu preciso – repetiu baixinho, e sentiu que ele se rendia.

– Certo – disse ele. – Tudo bem! Vou me unir a você assim que der. Mas me faça um favor, sim? Use um vestido!

– Não gosta da minha calça? – Ela riu de repente e então parou, como se algo lhe ocorresse. – Roger. O que você vai fazer? Vai roubar essa pedra?

– Sim – disse ele simplesmente.

Ela permaneceu em silêncio por um minuto, passando o polegar comprido lentamente pela palma de sua mão.

– Não faça isso – disse ela por fim, baixinho. – Não faça isso, Roger.

– Não se preocupe com o homem que a tem. – Roger a abraçou, tentando confortá-la. – É provável que ele a tenha roubado de outra pessoa.

– Não estou preocupada com ele, mas com você!

– Ah, vou ficar bem – disse ele, bravateando.

– Roger, nesta época, eles *enforcam* as pessoas que roubam!

– Não serei pego. – Ele procurou a mão dela no escuro, encontrou e a apertou. – Estarei com você quando menos esperar.

– Mas não é...

– Vai ficar tudo bem – disse ele com firmeza. – Eu disse que cuidaria de você, não?

– Mas...

Ele se apoiou em um cotovelo e a silenciou com os lábios. Muito lentamente, pegou a mão dela e a pressionou entre suas pernas.

Ela engoliu em seco, os pelos de seu braço eriçados repentinamente com ansiedade.

– Hum? – murmurou ele contra os lábios dela, e sem esperar uma resposta, puxou-a para a palha e rolou para cima dela, afastando suas pernas com o joelho.

Ela respirou fundo e mordeu o seu ombro quando ele a penetrou, mas ele não emitiu qualquer som.

– Você sabia... – disse Roger sonolento algum tempo depois –, acho que acabei de me casar com minha tia-avó de sexto grau. Acabei de pensar nisso.

– O quê?

– Não se preocupe, não chega nem perto de ser incesto.

– Ah, que bom – disse ela, com certo sarcasmo. – Eu estava muito preocupada com isso. Como posso ser sua tia-avó, pelo amor de Deus?

– Bem, como disse, acabei de pensar; não tinha me dado conta antes. Mas o tio do seu pai era Dougal MacKenzie, e foi ele quem causou todo o problema fazendo um filho em Geillie Duncan, não?

Tinha sido o método insatisfatório de contracepção que ele havia sido forçado a adotar que fizera com que ele pensasse nisso,

na verdade, mas achou mais adequado não dizer nada. Não adiantaria no momento. Levando tudo em consideração, ele achava bom que Dougal MacKenzie não houvesse tido a mesma percepção que ele, uma vez que isso teria impedido a própria existência de Roger.

– Bem, não acho que tenha sido tudo culpa *dele*. – Brianna também parecia agradavelmente sonolenta. Não devia faltar muito para o amanhecer; os pássaros já estavam fazendo barulho do lado de fora e o ar havia mudado, ficando mais fresco conforme o vento vinha do porto.

– Então, se Dougal é meu tio-avô e seu tataravô de sexto grau... não, você está errado. Sou sua prima de sexto ou sétimo grau, não sua tia.

– Não, seria assim se nós fôssemos da mesma geração de descendentes, mas não somos. Você é da quinta, pelo menos do lado do seu pai.

Brianna estava em silêncio, tentando resolver isso em sua mente. Desistindo, ela rolou resmungando baixo, acomodando as nádegas no vão das coxas dele.

– Que se dane – disse ela. – Desde que você tenha certeza de que não é incesto.

Ele a puxou para seu peito, mas o cérebro sonolento havia encucado e não o deixou em paz.

– Eu não tinha pensado nisso – disse ele. – Mas você sabe o que quer dizer? Sou parente do seu pai também. Na verdade, acho que ele é meu *único* parente vivo além de você! – Roger se sentiu totalmente desconcertado com essa descoberta, e muito emocionado. Há muito tempo ele já estava conformado em não ter familiares, nem mesmo um tio-avô de sétimo grau, mas...

– Não é, não – murmurou Brianna.

– O quê?

– Não é o único. Jenny também é. E os filhos dela. E os netos. Minha tia Jenny é sua... – bem, talvez você esteja certo. Porque, se ela for minha tia, é sua tia de algum grau, então talvez *eu* seja sua... ah! – Ela encostou a cabeça no ombro de Roger, os cabelos macios contra seu peito. – Quem você disse que era?

– Para quem?

– Para Jenny e Ian. – Ela se mexeu, alongando-se. – Quando foi a Lallybroch.

– Nunca estive lá. – Ele se moveu também, encaixando o corpo no dela. Sua mão descansou na curva de sua cintura e ela deixou a mente vagar, desistindo das complexidades abstratas dos cálculos genealógicos por sensações mais imediatas.

– Não? Mas então... – Parou de falar. Tomada pelo sono e pela exaustão do prazer, Roger não prestou atenção, só se aproximou com um gemido. Um momento depois, a voz dela surgiu em meio à névoa da intimidade, interrompendo o momento: – Como soube onde eu estava? – perguntou.

– Hum?

Ela se virou repentinamente, deixando-o com os braços vazios e um par de olhos escuros a centímetros dos dela, semicerrados com desconfiança.

– Como você soube onde eu estava? – repetiu lentamente, cada palavra uma estaca de gelo. – Como soube que eu tinha vindo para as colônias?

– Ah... eu... porque... – Tarde demais, ele percebeu o perigo que corria.

– Você não tinha como saber que eu havia saído da Escócia – disse ela –, a menos que tivesse ido a Lallybroch e eles lhe contassem aonde eu estava indo. Mas você não esteve em Lallybroch.

– Eu... – Ele buscou uma explicação desesperadamente. Qualquer uma, mas não encontrou, só via a verdade. E, pelo movimento do corpo dela, percebeu que ela tinha deduzido isso também.

– Você sabia – disse ela. A voz não passava de um sussurro, mas o efeito foi tão grande quanto seria se ela tivesse gritado em seu ouvido. – Você *sabia*, não sabia?

Começou a se sentar, para poder encará-lo.

– Você *viu* aquela notícia da morte! Já sabia, sabia o tempo todo, não é?

– Não – disse ele, tentando recuperar o controle. – Quer dizer, sim, mas...

– Há quanto tempo sabe? Por que não me *contou*? – gritou ela. Ficou de pé e foi para a pilha de roupas embaixo deles.

– Espere – pediu ele. – Bree, deixe-me explicar...

– Sim, explicar! Quero ouvir sua explicação! – Sua voz estava tomada pela fúria, mas ela parou de se mover por um momento, esperando ouvir.

– Olhe. – Ele também havia se levantado. – Eu descobri. Na primavera passada. Mas eu... – Respirou fundo, procurando desesperadamente por palavras que pudessem ajudá-la a entender. – Sabia que você ficaria magoada. Não quis lhe mostrar a notícia porque não havia nada que você pudesse fazer. Não havia motivos para partir seu coração por causa...

– Como assim, não havia nada que eu pudesse fazer? – Ela vestiu a camisa e olhou para ele, os punhos cerrados.

– Não pode mudar as coisas, Bree! Não sabe disso? Seus pais tentaram... eles sabiam sobre a Batalha de Culloden, e fizeram tudo o que poderiam fazer para impedir Charles Stuart... mas não conseguiram, não é? Fracassaram! Geillis Duncan tentou tornar Stuart um rei. Fracassou! Todos eles fracassaram! – Ele arriscou pousar a mão no braço dela. Ela estava dura como uma estátua. – Não pode ajudá-los, Bree! – disse ele mais baixo. – Faz parte da história, é parte do passado. Você não é desta época. Não pode mudar o que vai acontecer.

– Você não sabe disso. – Ela ainda estava rígida, mas ele pensou ter ouvido uma leve dúvida em sua voz.

– Sei! – Secou uma gota de suor do rosto. – Ouça, se eu achasse que havia a menor chance... mas não achei. Eu.. meu Deus, Bree, não conseguia nem sequer imaginar você magoada!

Ela ficou parada, respirando com força pelo nariz. Se pudesse escolher, ele tinha certeza de que ela escolheria soltar fogo pelas narinas, e não ar.

– Não é tarefa sua tomar decisões por mim – disse ela entre dentes. – Não importa o que você pensou. E sobre algo tão importante... Roger, como pôde fazer algo assim?

O tom de percepção da traição na voz dela foi demais para aguentar.

– Inferno, tive medo de que, se contasse a você, você faria o que fez! – disse ele. – Que me deixaria! Tentaria passar pelas pedras sozinha. E veja o que fez... estamos nós dois aqui neste maldito...

– Está tentando *me* culpar por estar aqui? Sendo que fiz tudo o que podia para impedir que você fosse idiota o bastante para me seguir?

Meses de trabalho e terror, dias de preocupação e busca infrutífera voltaram a Roger numa explosão de ira.

– Idiota? É o agradecimento que recebo por me matar para encontrar você? Por ter arriscado a porra da minha *vida* para tentar protegê-la? – Ele se afastou do feno, com a intenção de segurá-la, sem saber se queria sacudi-la ou possui-la de novo. Não teve a chance de fazer nenhuma das duas coisas; um golpe forte no peito o desequilibrou e ele caiu na palha.

Ela estava pulando em um pé só, xingando incoerentemente enquanto tentava vestir as calças.

– Seu... filho da mãe... arrogante... maldito! Que se dane, Roger! – Ela subiu as calças e, inclinando-se para a frente, pôs as meias e calçou os sapatos. – Vá! Dane-se, vá! Vá e morra enforcado, se quiser. Eu vou encontrar meus pais! E também vou salvá-los!

Ela se virou, chegou à porta e a abriu antes que ele pudesse alcançá-la. Parou por um momento, envolvida pela luz clara da porta, cabelos escuros soltos ao vento, vivos como as mechas da Medusa.

– Estou indo. Venha ou não, não me importa. Volte para a Escócia. Volte pelas pedras sozinho, não me importo! Mas, por Deus, você não pode me deter!

E então ela se foi.

Lizzie arregalou os olhos quando a porta foi aberta e bateu na parede. Ela não estava dormindo... como conseguir dormir? Mas estava deitada com os olhos fechados. Afastou os lençóis e procurou a pederneira.

– Está bem, Srta. Bree?

Não parecia; Brianna estava andando de um lado para outro, sibilando feito uma serpente, e parou apenas para chutar o armário com força. Em seguida, vieram mais dois baques; pela luz inconstante da vela recém-acesa, Lizzie viu que tinham sido causados pelos sapatos de Brianna, que tinham batido na parede e caído no chão.

– Está bem? – repetiu, com receio.

– Estou bem! – disse Brianna.

Do lado de fora da janela, um grito foi ouvido:

– Brianna! Voltarei para você! Ouviu? *Voltarei!*

Sua senhora não respondeu, mas caminhou até a janela, pegou as persianas e as fechou com uma batida que ecoou pelo quarto. Então ela se virou como uma pantera pronta para atacar e derrubou a vela no chão, deixando o quarto numa escuridão sufocante.

Lizzie se deitou na cama e ali ficou, paralisada, com medo de se mexer ou falar. Ouviu Brianna tirando as roupas num frenesi silencioso, ofegante enquanto se despia, batendo os pés descalços no piso de madeira. Pela persiana, ela ouviu palavrões abafados e depois, mais nada.

Ela vira o rosto de Brianna por um momento à luz; branco como papel e duro como ossos, com os olhos negros. Sua senhora gentil e delicada havia desaparecido como fumaça, tomada por uma *deamhan*, um demônio fêmea. Lizzie era uma moça da cidade, nascida muito depois da Batalha de Culloden. Nunca vira os homens dos clãs, nem um habitante das Terras Altas tomado pela fúria cega, mas já tinha ouvido histórias assustadoras, e agora sabia que elas eram verdadeiras. Uma pessoa daquele jeito poderia fazer qualquer coisa.

Tentou respirar como se estivesse dormindo, mas o ar saía de sua boca com força. Brianna parecia não notar; caminhava pelo quarto com passos rápidos e fortes, despejou água na tigela e lavou o rosto, e então se deitou entre os lençóis e ficou parada e esticada como uma tábua.

Reunindo toda a sua coragem, Lizzie virou a cabeça na direção de sua senhora.

– Está... bem, *a bann-sielbheadair?* – perguntou, com uma voz tão baixa que a senhora poderia fingir não ter ouvido, se quisesse.

Por um momento, pensou que Brianna fosse ignorá-la. E então a resposta foi dada, um “Sim” com uma voz tão baixa e sem expressão que não parecia a de Brianna.

– Vá dormir.

Ela não dormiu, claro. Um corpo não dormia se deitado ao lado de alguém que pudesse se tornar uma *ursiq* logo em seguida. Os olhos dela tinham se ajustado ao escuro de novo, mas sentiu medo de olhar, no caso de os cabelos ruivos sobre o travesseiro terem se transformado em uma juba e o nariz delicado e reto em um focinho macio e curvo, com dentes que a dilacerariam e devorariam.

Pouco depois, Lizzie percebeu que sua senhora tremia. Não chorava; não ouviu som nenhum, mas tremia o suficiente para mexer os lençóis.

Tola, ela se repreendeu. Não é ninguém além de sua amiga e sua senhora, passando por algo horrível – e você está aqui com bobagens!

Em um impulso, ela rolou na direção de Brianna, segurando a mão da garota.

– Bree – disse delicadamente. – Posso ajudá-la de alguma maneira?

Brianna segurou a mão dela e apertou com força, e logo soltou.

– Não – disse Brianna baixinho. – Vá dormir, Lizzie; tudo vai ficar bem.

Lizzie não acreditou, mas não disse nada: ficou deitada e respirando em silêncio. Demorou muito, mas finalmente o corpo comprido de Brianna estremeceu lentamente e relaxou, adormecido. Lizzie não conseguiu dormir; sem febre, estava alerta e inquieta. O cobertor pesava sobre seu corpo e a fazia suar, e, com a janela fechada, o ar dentro do quartinho estava muito abafado.

Por fim, sem conseguir aguentar, Lizzie levantou silenciosamente da cama. Atenta a qualquer som que viesse dali, foi até a janela e abriu as persianas.

O ar ainda estava quente e abafado do lado de fora, mas começara a soprar um pouco; a brisa da madrugada entrava, com a vinda do ar do mar para terra. Ainda estava escuro, mas o céu havia começado a clarear também; ela via a linha da estrada mais à frente, abençoadamente vazia.

Sem saber o que mais fazer, fez o que sempre fazia quando perturbada ou confusa: começou a arrumar as coisas. Andando em silêncio pelo quarto, pegou as roupas que Brianna havia descartado violentamente e as sacudiu.

Estavam imundas; cobertas com manchas de folhas e terra e com pedacinhos de feno; dava para ver até mesmo com a leve luz da janela. O que Brianna tinha feito? Rolado pelo chão? Assim que o pensamento lhe ocorreu, ela imaginou, de modo tão claro que ficou chocada: Brianna no chão, lutando com o demônio negro que a havia levado.

Sua senhora era uma moça grande e bonita, mas o MacKenzie era um grosseirão alto; ele poderia ter... ela se interrompeu abruptamente, sem querer imaginar. Não conseguiu controlar; sua mente já tinha ido muito longe.

Com muita relutância, ela levou a camisa ao nariz e a cheirou. Sim, ali estava, o cheiro de um homem, forte e azedo como o de um bode. Pensar na criatura maligna com o corpo pressionado no de Brianna, esfregando-se contra ela, deixando seu cheiro nela como um cachorro que marca seu território, a fez estremecer com nojo.

Tremendo, pegou a calça e as meias e levou todas as roupas para a bacia. Ela as lavaria, tiraria o cheiro de MacKenzie, assim como as marcas de terra e grama. E se as roupas estivessem molhadas demais para sua senhora vestir de manhã... bem, paciência.

Ela ainda tinha a tigela de sabão que a proprietária da casa havia lhe dado para lavar as roupas; bastaria. Enfiou a calça na água, acrescentou uma medida de um dedo de sabão e começou a esfregar o tecido.

O quadrado da janela clareava. Lançou um olhar atento a sua senhora, mas a respiração de Brianna estava lenta e constante; ótimo, ela ainda demoraria um pouco para acordar.

Olhou para o que estava fazendo e parou, sentindo um arrepio mais frio do que o que a febre causava. As bolhas finas que cobriam suas mãos estavam escuras e pequenas marcas escuras se espalharam pela água como manchas da tinta de uma lula.

Ela não queria olhar, mas era tarde demais para fingir não ter visto. Virou o tecido com cuidado, e ali estava: uma marca grande e

escura no tecido, exatamente onde as costuras se cruzavam no fundo da calça.

O sol que nascia marcava o céu de vermelho, deixando a água da bacia, o ar no quarto, o mundo todo que girava da cor de sangue fresco.

FIM DA VIAGEM

Brianna pensou que seria capaz de gritar. Em vez disso, deu um tapinha nas costas de Lizzie e falou baixinho:

– Não se preocupe, vai ficar tudo bem. O Sr. Viorst disse que vai nos esperar. Assim que você se sentir melhor, sairemos. Mas, por enquanto, não se preocupe com nada, só descanse.

Lizzie assentiu, mas não pôde responder; seus dentes batiam muito forte, apesar dos três cobertores sobre seu corpo e do tijolo quente nos pés.

– Vou buscar sua bebida, querida. Descanse – repetiu Brianna e, com um tapinha final, levantou-se e saiu do quarto.

Não era culpa de Lizzie, claro, Brianna pensou, mas não podia ter escolhido um momento pior para ter outro ataque de febre. Brianna havia dormido tarde, um sono inquieto depois da discussão horrorosa com Roger, e, quando acordou, encontrou as roupas lavadas e penduradas para secar, os sapatos engraxados, as meias dobradas e o quarto muito bem varrido e arrumado. E Lizzie deitada e tremendo num canto vazio.

Pela milésima vez, ela contou os dias. Oito até segunda-feira. Se o acesso de Lizzie seguisse o padrão de sempre, ela conseguiria viajar dali a dois dias. Seis dias. E, de acordo com Júnior Smoots e Hans Viorst, levaria cinco a seis dias para fazer o trajeto rio acima naquela época do ano.

Não podia deixar de encontrar Jamie Fraser, não podia! Tinha que estar em Cross Creek até segunda-feira, não importava o que acontecesse. Não havia como saber quanto tempo o julgamento demoraria, ou se ele partiria assim que terminasse. Ela daria qualquer coisa para poder partir de uma vez.

A dor que sentia para ir embora dali era tão intensa que superava todas as dores do seu corpo – até mesmo a dor no coração por causa da traição de Roger –, mas nada podia ser feito. Ela não podia ir a lugar nenhum até que Lizzie se sentisse melhor.

O salão estava cheio; dois novos navios haviam chegado ao porto durante o dia e agora, à noite, os bancos estavam cheios de marinheiros, jogando cartas e falando alto na mesa do canto. Brianna passou pelas nuvens azuis de fumaça de cigarrilhas, ignorando os assovios e comentários chulos. Roger queria que ela usasse um vestido, certo? Maldito! Sua calça normalmente mantinha os homens a uma distância segura, mas Lizzie as havia lavado, e ainda estavam úmidas demais para vestir.

Ela lançou um olhar cortante a um homem que esticou o braço em direção a suas nádegas. Ele parou no meio do movimento, assustado, e ela passou por ele e saiu pela porta para o espaço onde eram feitas as refeições.

No caminho de volta, com o jarro de chá de gatária quente enrolado em um pano para que não a queimasse, deu a volta no salão para evitar o atrevido que queria atacá-la. Se ele a tocasse, ela despejaria a água fervente em seu colo. E ainda que isso fosse o que ele merecia, e uma maneira de extravasar sua ira, seria um desperdício de chá do qual Lizzie precisava muito.

Caminhou com cuidado, passando entre os jogadores e a parede. A mesa estava cheia de moedas e outros pertences de pouco valor: objetos prateados e dourados e botões de peltre, um porta-objetos, um canivete prateado e pedaços rabiscados de papel – notas promissórias, ela imaginou, ou o equivalente do século XVIII. Então um dos homens se mexeu e, por cima do ombro dele, ela viu um brilho dourado.

Olhou para baixo, desviou o olhar e voltou a olhar, assustada. Era um anel, um anel de ouro simples, porém mais largo do que a maioria. Mas não foi o ouro em si que chamou sua atenção. O anel estava a menos de 30 centímetros e, apesar de a luz no salão ser fraca, havia uma vela sobre a mesa dos jogadores, lançando luz na curva interna do anel dourado.

Ela não conseguia ler as letras gravadas ali, mas conhecia o desenho tão bem que a legenda surgiu em sua mente na mesma

hora. Pousou a mão no ombro do homem que tinha o anel, interrompendo-o. Ele se virou, com o cenho um tanto cerrado, mas logo desfez a carranca ao ver quem o havia tocado.

– Sim, querida, e você veio para me dar sorte? – Era um homem grande, com um rosto de traços fortes e bonitos, uma boca larga e um nariz torto, e dois olhos verdes que percorreram o corpo dela numa rápida avaliação.

Ela se forçou a sorrir para ele.

– Espero que sim – disse. – Posso esfregar seu anel para ter sorte? – Sem esperar permissão, ela pegou o anel da mesa e o raspou na manga da camisa. Então, erguendo-o para admirar o brilho, conseguiu ver as palavras escritas dentro dele.

De F. a C. com amor. Sempre.

Sua mão tremia quando ela o devolveu.

– É muito bonito – disse ela. – Onde o conseguiu?

Ele pareceu assustado, e logo desconfiado, e ela logo acrescentou:

– É muito pequeno para o senhor. Sua esposa não vai ficar brava se o senhor perder a aliança dela? – *Como?*, ela pensou. *Como ele conseguiu a aliança? E o que aconteceu com minha mãe?*

Os lábios carnudos se curvaram em um sorriso charmoso.

– Se eu tivesse uma esposa, querida, certamente a trocaria por você. – Ele a observou com mais atenção, e os cílios compridos esconderam seu olhar. Tocou a cintura dela num gesto casual, um convite. – Estou ocupado agora, querida, mas mais tarde... sim?

O jarro queimava sob o pano, mas os dedos dela estavam frios. Seu coração havia se paralisado com o medo.

– Amanhã – disse ela. – De dia.

Ele olhou para ela, surpreso, e então jogou a cabeça para trás e riu.

– Bem, já ouvi alguns homens dizerem que não sou o tipo de homem que eles gostariam de encontrar no escuro, boneca, mas as mulheres costumam preferir assim. – Ele passou um dedo grosso pelo braço dela com descontração e os pelos ruivos se eriçaram com o toque.

– De dia, então, se quiser. Vá ao meu navio... *Gloriana*, perto do pátio naval.

– Minha nossa, há quanto tempo não come? – A Srta. Viorst olhou para o prato vazio de Brianna com incredulidade. Com quase a mesma idade de Brianna, era uma holandesa grande e calma cujos modos maternos faziam com que parecesse ser muito mais velha.

– Há dois dias, acho. – Brianna aceitou de bom grado mais uma porção de bolinhos e ensopado, e mais uma fatia grossa de pão de sal com manteiga fresca. – Ah, obrigada! – A comida ajudava a preencher o espaço vazio dentro dela, um conforto no qual se concentrar.

A febre de Lizzie havia voltado de novo, depois de dois dias de viagem. Dessa vez, o ataque foi mais longo e severo e Brianna temeu que Lizzie pudesse morrer bem ali no meio do rio do cabo Fear.

Ela havia permanecido na canoa por um dia e uma noite; enquanto Viorst e seu parceiro remavam como loucos, ela despejava água na cabeça de Lizzie e a envolvia em todos os casacos e lençóis que encontrava, rezando o tempo todo para ver o peito da garota subir indicando que ainda respirava.

– Se eu morrer, pode contar a meu pai? – sussurrara Lizzie na escuridão.

– Farrrei isso, mas você não vai morrer, não se preocupe – dissera Brianna com firmeza. Deu resultado. O corpo frágil de Lizzie se sacudiu num riso devido à tentativa de Brianna de falar como um escocês, e uma mãozinha ossuda pegou a dela, segurando-a até que o sono a soltasse e os dedos finos escorregarem.

Viorst, assustado com o estado de Lizzie, havia levado as duas para a casa que dividia com a irmã um pouco antes de Cross Creek, carregando o corpo de Lizzie, envolvido em cobertores, pelo caminho de terra do rio até um casebre. O espírito teimoso da menina havia feito com que ela se recuperasse de novo, mas Brianna não acreditava que aquele corpo frágil suportasse uma pressão tão grande mais vezes.

Cortou um bolinho pela metade e comeu devagar, saboreando o caldo quente de frango e cebola. Estava suja, exausta por causa da viagem, morta de fome e com dor no corpo todo. Mas elas tinham conseguido. Estavam em Cross Creek, e amanhã era

segunda. Em algum ponto perto dali estava Jamie Fraser e, se Deus permitisse, Claire também.

Tocou a perna de sua calça, e o bolso secreto costurado na barra. Ainda estava ali, a peça redonda, seu talismã. Sua mãe estava viva. Era só o que importava.

Depois de comer, ela foi ver Lizzie mais uma vez. Hanneke Viorst estava sentada ao lado da cama costurando meias. Cumprimentou Brianna, sorrindo.

– Ela está bem.

Olhando para o rosto exausto de Lizzie dormindo, Brianna não teria dito isso. Mas a febre havia passado; ao levar a mão à testa de Lizzie, ela a sentiu fria e úmida, e viu uma tigela pela metade sobre a mesa, indicando que ela havia se alimentado um pouco.

– Você vai descansar também? – Hanneke se levantou, fazendo um gesto em direção à cama que tinha sido montada.

Brianna lançou um olhar desejoso aos lençóis limpos e à cama macia, mas negou balançando a cabeça.

– Ainda não, obrigada. Mas gostaria de pegar sua mula emprestada, se possível.

Não havia como saber onde Jamie Fraser estava naquele momento. Viorst dissera a ela que River Run ficava a uma boa distância da cidade; ele poderia estar ali ou em Cross Creek, pela conveniência. Ela não podia deixar Lizzie por tempo suficiente para ir até River Run, mas queria ir à cidade e encontrar o tribunal onde o julgamento ocorreria no dia seguinte. Não perderia a chance de encontrá-lo por não saber aonde ir.

A mula era grande e velha, mas não empacou ao longo da estrada à beira do rio. Andava mais devagar do que Brianna teria andado se estivesse a pé, mas isso não importava; não estava com pressa por enquanto.

Apesar do cansaço, começou a se sentir melhor enquanto seguia e o corpo tenso e dolorido relaxava ao ritmo tranquilo do andar lento do animal. Era um dia quente e úmido, mas o céu estava claro e azul, e grandes olmos e nogueiras tomavam a estrada, com folhas frescas filtrando o sol.

Dividida entre a doença de Lizzie e suas lembranças dolorosas, ela não havia notado nada na segunda metade da viagem, não

percebeu as mudanças no campo enquanto passavam. Era como ser magicamente transportada durante o sono, acordando em um lugar diferente. Deixou todo o resto de lado, determinada a se esquecer dos últimos dias e de tudo que ocorrera. Encontraria Jamie Fraser.

As estradas poeirentas, as florestas de pinheiros e os pântanos da costa haviam desaparecido, substituídos por arbustos verdes, árvores altas de tronco grosso e copa ampla e uma terra alaranjada que ganhava um tom escurecido de mofo onde as folhas caídas cobriam a beira da estrada. Os gritos de gaivotas e andorinhas-domar sumiram, substituídos pelo pio baixo de um gaio e o canto suave de um bacurau, mais ao fundo.

Como seria?, ela se perguntou. Já tinha pensado a mesma coisa cem vezes, e em todas elas imaginou cenas diferentes: o que ela diria, o que ele diria – será que ele ficaria feliz ao vê-la? Ela esperava que sim; e, no entanto, ele seria um desconhecido. Era provável que ele não tivesse semelhança nenhuma com o homem de sua imaginação. Com certa dificuldade, afastou a lembrança da voz de Laoghaire: *Mentiroso e traíçoeiro...* Sua mãe não tinha a mesma opinião.

– “Já bastam as preocupações de hoje” – murmurou para si mesma. Ela havia chegado à cidade de Cross Creek; as casas, antes esparsas, agora eram mais frequentes, e a rua de terra se abriu para uma rua de paralelepípedos, pontuada por lojas e casas maiores. Havia pessoas por ali, mas era a parte mais quente da tarde, quando o ar pairava pesado sobre a cidade. Aqueles que podiam estavam do lado de dentro, à sombra.

A estrada fazia uma curva para fora, seguindo a barranca do rio. Uma pequena serraria ficava afastada em um ponto da terra e, perto dela, uma taverna. Ela perguntaria ali, decidiu. Quente como estava, precisava parar para beber alguma coisa.

Deu um tapa no bolso do casaco para ter certeza de que tinha dinheiro. Em vez disso, sentiu o contorno protuberante de uma castanha-da-índia e afastou a mão como se tivesse se queimado.

Sentia-se vazia de novo, apesar da comida que havia ingerido. Com os lábios comprimidos, amarrou a mula e se abaixou para entrar no refúgio escuro da taverna.

O salão estava escuro, exceto pelo dono, encostado no banco, sonolento. Ele se endireitou quando ela entrou e, depois de se surpreender com sua aparência, como sempre acontecia com as pessoas, serviu a cerveja e indicou o caminho para que ela chegasse ao tribunal.

– Obrigada. – Secou o suor da testa com a manga do casaco. Até mesmo ali dentro o calor estava insuportável.

– Você veio para o julgamento, então? – perguntou o proprietário, ainda olhando para ela com curiosidade.

– Sim... bem, não exatamente. De quem é o julgamento? – perguntou ela, percebendo agora que não fazia ideia.

– Ah, é de Fergus Fraser – disse o homem, como se imaginasse que todo mundo sabia quem Fergus Fraser era. – A acusação é ataque a um oficial da Coroa. Mas ele será inocentado. Jamie Fraser veio da montanha por ele.

Brianna engasgou com a cerveja.

– O senhor *conhece* Jamie Fraser? – perguntou sem fôlego, secando a espuma derramada com a manga.

O homem ergueu as sobrancelhas.

– Espere um minuto e você também o conhecerá. – Ele fez um meneio de cabeça para uma caneca de peltre com cerveja colocada na mesa ao lado. Ela não a havia notado ao entrar. – Ele foi para os fundos quando você entrou. Ele... ei! – Ele cambaleou para trás com um grito de surpresa quando ela derrubou a própria caneca no chão e partiu para a porta dos fundos como um morcego possuído.

A luz do lado de fora estava forte em comparação com a iluminação fraca de dentro do salão. Brianna piscou, os olhos incomodados pela luz do sol que passava pelas folhas de bordo. Então um movimento abaixo das folhas chamou sua atenção.

Ele estava à sombra de um bordo, meio virado de costas para ela, a cabeça inclinada, concentrado. Um homem alto, de pernas compridas, esguio e bonito, com os ombros largos por baixo da camisa branca. Usava um kilt desbotado com tons pálidos de verde e marrom, casualmente erguido na frente enquanto urinava numa árvore.

Ele terminou e, deixando o kilt cair, virou-se em direção ao salão. Viu Brianna naquele momento, de pé ali, olhando para ele, e

ficou um pouco tenso, os dedos se curvando. Então ele viu além das roupas masculinas, e o olhar de desconfiança mudou para surpresa ao perceber que ela era uma mulher.

Ela não teve a menor dúvida, assim que o viu. Ficou surpresa e não surpresa ao mesmo tempo: ele não era bem como ela tinha imaginado – parecia menor, do tamanho normal para um homem, e seu rosto tinha traços do dela: o nariz longo e reto e a mandíbula teimosa, além dos olhos puxados de gato em uma estrutura de ossos bem marcados.

Ele caminhou na direção dela, saindo da sombra do bordo, e o sol iluminou seus cabelos, criando faíscas de cobre. Quase sem perceber, ela levantou a mão e afastou uma mecha de cabelos do rosto, observando pelo canto do olho a cor vermelha dos dois, a mesma cor.

– O que quer aqui, moça? – perguntou ele. Direto, mas não descortês. A voz era mais grave do que ela imaginara; o sotaque escocês era leve, mas distinto.

– Você – disse ela. Seu coração parecia entalado na garganta; tinha dificuldade para dizer qualquer coisa.

Ele estava perto o bastante para ela poder sentir o cheiro de suor e de serragem fresca; havia serragem dourada espalhada pelas mangas enroladas da camisa de linho. Ele estreitou os olhos, divertindo-se, ao olhar para ela de cima a baixo, observando sua roupa. Ergueu uma sobrancelha vermelha e balançou a cabeça.

– Desculpe, moça – disse com um leve sorriso. – Sou um homem casado.

Ele fez menção de passar, e ela emitiu um som incoerente, estendendo a mão para impedi-lo, mas não ousou tocar a manga de sua camisa. Ele parou e olhou para ela com mais atenção.

– Estou falando sério. Tenho uma esposa em casa, e minha casa não fica longe – disse, evidentemente querendo ser cortês. – Mas... – Ele parou, perto o bastante agora para ver a sujeira das roupas dela, o furo na manga do casaco e as pontas desgastadas das meias. – Ah – disse ele em um tom diferente, e pegou o pequeno saco de couro que usava amarrado à cintura. – Está com fome, moça? Tenho dinheiro, se quiser comer.

Ela mal conseguia respirar. Os olhos dele eram de um tom azul-escuro, suavizados pela gentileza. Ela olhou para a gola aberta de sua camisa, onde os pelos enrolados apareciam, brilhando dourados sob a pele queimada pelo sol.

– Você é... você é Jamie Fraser, não?

Ele olhou para o rosto dela.

– Sou – disse ele. A atenção voltara a seu rosto; os olhos se estreitaram contra o sol. Olhou rapidamente para trás, em direção à taverna, mas não havia movimento nenhum na entrada. Deu um passo mais para perto dela.

– Quem quer saber? – perguntou ele. – Tem uma mensagem para mim, moça?

Ela sentiu um desejo absurdo de rir crescer em sua garganta. Se ela tinha uma mensagem?

– Meu nome é Brianna – disse.

Ele franziu o cenho, incerto, e algo se acendeu em seus olhos. Ele sabia! Já tinha ouvido o nome, e este significava algo para ele. Ela engoliu em seco, sentindo o rosto quente como se tivesse sido aquecido pela chama de uma vela.

– Sou sua filha – disse ela, a voz embargada. – Brianna.

Ele ficou de pé, parado, sem alterar a expressão nem um pouco. Mas ele a havia ouvido; ficou pálido, e depois de um vermelho profundo que subia pelo pescoço e chegava ao rosto, repentino como o fogo, combinando com a cor vívida dela.

Ela sentiu uma onda enorme de alegria ao ver aquilo, um arrepio na barriga que ecoava o correr do sangue, o reconhecimento da pele clara dos dois. Ele se incomodava por corar tanto?, ela tentou imaginar de repente. Será que ele havia aprendido a não expressar emoção no rosto, como ela aprendera a fazer, para esconder aquela reação?

O rosto dela ficou tenso, mas ela abriu um sorriso.

Ele piscou, e finalmente desviou os olhos do rosto dela, observando sua aparência e – com o que para ela pareceu uma consciência nova e aterrorizante – sua altura.

– Meu Deus. Você é *enorme* – disse ele.

Ela não estava mais tão corada, mas seu rosto voltou a ficar rubro.

– E de quem é a culpa, na sua opinião? – perguntou ela.

Endireitou-se e ajeitou os ombros, olhando para ele. Tão perto, e tão ereta, ela conseguia olhar diretamente nos olhos dele, e olhou.

Ele se afastou e então seu rosto mudou, e a máscara inexpressiva deu lugar à surpresa. Sem ela, ele parecia mais jovem; por baixo, havia choque, surpresa e uma expressão meio dolorosa de ansiedade.

– Ah, não, moça! – exclamou ele. – Não quis dizer isso. É que...

– Parou de falar, olhando para ela com fascínio. Ergueu a mão, involuntariamente, e gesticulou no ar, contornando seu rosto, o maxilar, o pescoço e o ombro, com medo de tocá-la diretamente. – É verdade? – sussurrou. – É você, Brianna? – Ele disse o nome dela com um sotaque esquisito, *Breeanah*, e ela estremeceu ao ouvir.

– Sou eu – disse ela, um pouco apressada. Tentou sorrir de novo. – Não percebe?

Sua boca era larga e com lábios carnudos, mas não era como a dela; mais larga, um formato mais acentuado, que parecia esconder um sorriso nos cantos, mesmo repousando. Esboçava um sorriso, sem saber o que fazer.

– Sim – disse ele. – Sim, percebo.

Ele a tocou naquele momento, os dedos descendo levemente pelo seu rosto, afastando as mechas de cabelos ruivos das têmporas e da orelha, traçando a linha delicada de seu maxilar. Ela estremeceu de novo, apesar de seu toque ser claramente quente; ela sentia o calor da palma da mão dele contra seu rosto.

– Não pensei em você como adulta – disse ele, abaixando a mão de modo relutante. – Vi as fotos, mas ainda assim... de certo modo, pensava em você como uma menina, sempre, como minha bebê. Nunca esperaria... – Sua voz saiu reticente enquanto ele a encarava, os olhos como os dela, azuis e de cílios grossos, arregalados e fascinados.

– Fotos – disse ela, ofegante de felicidade. – Viu fotos minhas? Minha mãe encontrou você, não? Quando disse que tem uma esposa em casa...

– Claire – interrompeu ele. A boca ampla havia tomado sua decisão; abriu-se em um sorriso que iluminou os olhos dele como o

sol nas folhas que se balançavam. Ele segurou os braços dela, com força suficiente para assustá-la. – Então não a viu ainda? Meu Deus, ela vai ficar louca de alegria!

Pensar na mãe era muito forte. Seu rosto se enrugou e as lágrimas que ela estava contendo havia dias rolaram por ele numa onda enorme de alívio, e ela engasgou enquanto ria e chorava ao mesmo tempo.

– Calma, moça, não chore! – exclamou ele assustado. Soltou o braço dela e pegou um lenço amassado e grande de sua manga. Ele tentou secar o rosto dela, parecendo preocupado. – Não chore, *a leannan*, não se entristeça. Está tudo bem, *m’ annsachd*; está tudo bem.

– Eu estou bem, está tudo bem. Só estou... feliz – disse ela. Pegou o lenço, secou os olhos e assoou o nariz. – O que *a leannan* significa? E o que você disse depois?

– Então não sabe gaélico? – perguntou ele, e balançou a cabeça. – Não, claro que você não saberia – murmurou, como se falasse sozinho.

– Vou aprender – disse ela decidida, secando o nariz pela última vez. – *A leannan*?

Um leve sorriso reapareceu no rosto dele quando olhou para ela.

– Quer dizer “querida”. *M’ annsachd*... minha bênção.

As palavras pairaram no ar entre eles, tremeluzindo como as folhas. Permaneceram parados, os dois tomados repentinamente pela timidez, incapazes de desviar o olhar um do outro, incapazes de dizer mais alguma coisa.

– Pa... – Brianna começou a falar e então parou, tomada pela dúvida repentinamente. Como ela deveria chamá-lo? Papai, não. Frank Randall tinha sido o papai sua vida toda; seria uma traição usar essa palavra com outro homem... qualquer homem que fosse. Jamie? Não, não podia; por mais assustado que ele estivesse com sua aparência, ele ainda mantinha uma postura que impedia um tratamento tão informal. “Pai” parecia distante e sério... e, independentemente do que Jamie fosse, não era essas duas coisas; não para ela.

Ele viu que ela hesitou e corou, e percebeu qual era o problema.

– Você pode... me chamar de Pa – disse ele. A voz estava rouca; ele parou e pigarreou. – Se.... se quiser, claro – acrescentou.

– Pa – disse ela, e sentiu um sorriso aparecer com facilidade dessa vez, sem lágrimas. – Pa. É gaélico?

Ele sorriu de volta, e os cantos de seus lábios tremeram levemente.

– Não. Só é... simples.

E, de repente, tudo ficou simples. Ele estendeu os braços para ela. Ela se aproximou e percebeu que estivera errada; ele *era* tão grande quanto tinha imaginado, e seus braços a envolviam com muita força.

Tudo depois disso pareceu acontecer depressa. Tomada pela emoção e pelo cansaço, Brianna teve consciência dos acontecimentos mais como uma série de imagens, vivas como fotos, e não como o fluxo constante da vida.

Lizzie, os olhos acinzentados piscando sob a luz repentina, pequena e pálida nos braços do criado negro com um sotaque escocês improvável. Uma carroça cheia de vidro e madeira perfumada. As ancas brilhosas dos cavalos, e o solavanco e rangido das rodas de madeira. A voz de seu pai, grave e intensa em seus ouvidos, descrevendo uma casa que seria construída no topo da cordilheira, explicando que as janelas eram uma surpresa para a mãe dela.

– Mas não serão uma surpresa tão grande quanto você, moça!
– E deu uma risada de profunda alegria que pareceu ecoar nos ossos dela.

Uma viagem longa pelas estradas de terra, dormindo com a cabeça apoiada no ombro do pai, e ele com a mão livre ao redor dela enquanto guiava, sentindo o cheiro não familiar da sua pele, seus longos cabelos resvalando seu rosto quando ele virava a cabeça.

Então, o luxo da casa grande e arejada, tomada pelo cheiro de cera de abelha e flores. Uma mulher alta com cabelos brancos e o

rosto de Brianna, e um olhar azul que olhava além dela de modo desconcertante. Mãos compridas e frias que tocavam seu rosto e acariciavam seus cabelos com curiosidade.

– Lizzie – disse ela, e uma mulher bonita se inclinou para Lizzie, murmurando: – Cinchona. – Suas mãos negras eram bonitas contra a porcelana amarela do rosto de Lizzie.

Mãos – tantas mãos. Tudo era feito como que por mágica, com murmúrios enquanto a passavam de mão a mão. Ela foi despida e lavada antes que pudesse protestar, com água cheirosa despejada sobre seu corpo, dedos firmes e gentis massageando seu couro cabeludo com sabão de lavanda. Toalhas de linho e uma menininha negra que secou seus pés e os cobriu com pó de arroz.

Um vestido limpo de algodão e os pés descalços sobre pisos polidos, para ver os olhos de seu pai se iluminarem ao vê-la. Comida – bolos, biscoitos, geleia e bolinhos – e chá doce e quente que parecia substituir o sangue em suas veias.

Uma loura bonita com o semblante sério, que parecia peculiarmente familiar. Seu pai a chamava de Marsali. Lizzie, depois do banho e enrolada em um cobertor, com as mãos frágeis segurando uma caneca de líquido amargo, parecia uma flor murcha recém-regada.

Conversas, pessoas entrando, mais conversas, com apenas algumas frases se fixando em meio à névoa crescente.

–... Farquard Campbell tem mais bom senso...

– E Fergus, Pa, você o viu? Ele está bem?

Pa?, ela pensou, meio confusa, levemente abismada que outra pessoa o chamasse assim, porque... porque...

A voz de sua tia, vindo de uma grande distância, dizendo:

– A pobre menina está dormindo sentada; consigo ouvir seu ronco. Ulysses, leve-a para a cama.

E então braços fortes que a levantaram sem dificuldade, mas não o cheiro de cera de vela do mordomo negro; o cheiro de linho e serragem de seu pai. Ela parou de lutar e dormiu, a cabeça no peito dele.

Fergus Fraser podia falar como um escocês de clã, mas parecia um nobre francês. Um nobre francês a caminho da guilhotina, Brianna concluiu sua primeira impressão em silêncio.

Moreno e bonito, de corpo médio e não muito alto, ele caminhou até o banco dos réus e se virou para olhar para o tribunal, com o nariz comprido erguido 2 centímetros a mais do que o normal. As roupas surradas, o rosto não barbeado e o grande hematoma roxo acima de um dos olhos não tiravam seu ar de desdém aristocrático. Mesmo o gancho de metal curvo que usava para substituir uma das mãos só aumentava o ar de glamour.

Marsali suspirou levemente ao vê-lo e seus lábios se contraíram. Ela se inclinou sobre Brianna para sussurrar a Jamie:

– O que os malditos fizeram com ele?

– Nada que importe. – Ele fez um leve movimento, indicando suas costas, e ela se sentou, olhando para o oficial de justiça e para o xerife.

Eles tiveram sorte de encontrar assentos; todo espaço no pequeno prédio estava tomado, as pessoas se remexiam e conversavam baixo no fundo do tribunal e a ordem era mantida apenas pela presença dos soldados de casacos vermelhos que guardavam as portas. Dois outros soldados estavam de pé na frente da sala, ao lado da tribuna do juiz, e um oficial qualquer estava no canto, atrás deles.

Brianna percebeu que o oficial avistou Jamie Fraser e um olhar de satisfação maligna surgiu nos traços fortes do homem, um olhar quase de soberba que fez os pelos de sua nuca se eriçarem, mas seu pai encarou o homem de volta e então se virou, indiferente.

O juiz chegou, sentou-se e, depois de as cerimônias serem cumpridas, o julgamento começou. Evidentemente, não seria um julgamento com júri, já que não havia jurados presentes, apenas o juiz e seus auxiliares.

Brianna havia compreendido pouco da conversa da noite anterior, contudo, no café da manhã, ela conseguiu entender a confusão de pessoas. O nome da jovem negra era Phaedre, uma das escravas de Jocasta, e o rapaz alto com sorriso charmoso era o sobrinho de Jamie, Ian – seu primo, ela pensou, com a mesma emoção que sentira ao descobrir seus parentes em Lallybroch. A

linda loura Marsali era esposa de Fergus, e Fergus, claro, era o órfão francês que Jamie havia adotado informalmente em Paris, antes da Revolta dos Stuarts.

O Sr. Juiz Conant, um senhor asseado de meia-idade, vestiu a peruca, ajeitou o casaco e pediu que as acusações fossem lidas. Elas davam conta de que um homem chamado Fergus Claudel Fraser, residente do condado de Rowan, havia, no dia 4 de agosto deste ano de nosso Senhor, 1769, atacado Hugh Berowne, um xerife do dito condado, e roubado dele propriedade da Coroa, que na época estava sob custódia do xerife.

O tal Hugh, chamado à frente, era um homem grande e nervoso de cerca de 30 anos. Ele se enrolou e gaguejou durante o testemunho, contando que havia encontrado o réu na Buffalo Trail Road enquanto ele, Berowne, realizava suas tarefas. Tinha sido muito ofendido pelo réu no idioma francês e, quando tentou partir, foi perseguido pelo réu, que o segurou, bateu no seu rosto e pegou a propriedade da Coroa que estava com Berowne, um cavalo com sela e cabresto.

A um pedido da corte, a testemunha puxou o lado direito da boca e fez uma careta, mostrando um dente quebrado, resultado do ataque. O Sr. Juiz Conant espiou com interesse o resto do dente e se virou para o prisioneiro.

– De fato. E agora, Sr. Fraser, podemos ouvir seu relato a respeito desse triste acontecimento?

Fergus abaixou um pouco a cabeça, lançando ao juiz o mesmo olhar que lançaria a uma barata.

– Este monte de lixo – começou, falando com calma – havia...

– O prisioneiro não deve insultar – disse o juiz com frieza.

– O xerife – recomeçou Fergus, sem se abalar – havia se aproximado da minha esposa quando ela voltava do engenho de farinha com meu filho bebê em sua sela. Este... o xerife... a interrompeu e sem cerimônia a arrancou da sela, informou que pegaria o cavalo e o equipamento para pagamento de impostos e deixou ela e a criança a pé, a 8 quilômetros de minha casa, sob o sol escaldante! – Ele olhou com raiva para Berowne, que semicerrou os olhos em resposta. Ao lado de Brianna, Marsali soltou o ar com força pelo nariz.

– Que imposto o xerife disse que ela devia?

Fergus estava muito corado.

– Não devo nada! Ele disse que minha terra está sujeita a um arrendamento anual de três xelins, mas não está! Minha terra está isenta desse imposto devido aos termos da cessão de terra feita a James Fraser pelo governador Tryon. Eu disse isso ao maldito *salaud* quando ele foi à minha casa para tentar pegar o dinheiro.

– Não ouvi nada sobre essa cessão – disse Berowne, contrariado. – Esse pessoal diz qualquer coisa para evitar pagar. Mentirosos e trapaceiros, todos eles.

– *Oreilles en feuille de chou!*

Risadas tomaram conta da sala, quase encobrindo a voz do juiz. O francês que Brianna aprendera no ensino médio era suficiente para traduzir aquilo como “Orelhas de couve-flor!”, e ela sorriu junto.

O juiz levantou a cabeça e olhou para todos.

– James Fraser está presente?

Jamie se levantou e fez uma reverência respeitosa.

– Aqui, milorde.

– Faça o juramento com a testemunha, oficial.

Jamie, depois de fazer o juramento, disse que era, de fato, o proprietário de um lote de terra, que tal cessão tinha sido feita e seus termos tinham sido aceitos pelo governador Tryon, que tais termos incluíam quitação do arrendamento à Coroa por um período de dez anos, período que expiraria nove anos a partir de então, e, finalmente, que Fergus Fraser mantinha uma casa ali, além de plantações dentro dos limites da terra concedida, com licença dele próprio, James Alexander Malcolm MacKenzie Fraser.

A atenção de Brianna, em primeiro lugar, se fixou em seu pai; ela não se cansava de olhar para ele, que era o homem mais alto no tribunal e, de longe, o que mais chamava atenção, com roupas brancas de linho e um casaco azul que destacava os olhos puxados e os cabelos vermelhos.

Um movimento no canto atraiu sua atenção, e ela viu o oficial de antes. Ele não olhava mais para seu pai, mas mantinha o olhar penetrante em Hugh Berowne. Berowne assentiu para a sombra e recostou-se para esperar o fim do testemunho de Fraser.

– Parece que a afirmação de isenção do Sr. Fraser é verdadeira, Sr. Berowne – disse o juiz com calma. – Assim, devo estabelecer que o réu seja eximido da acusação de...

– Ele não pode provar! – gritou Berowne. Olhou para o oficial como se precisasse de apoio moral e manteve o queixo firme. – Não há prova documental; só a palavra de James Fraser.

Outra agitação tomou conta do tribunal, mais intensa que a primeira. Brianna não teve dificuldade para ouvir o choque e o ultraje da multidão devido à palavra de seu pai ter sido posta em dúvida e sentiu uma inesperada onda de orgulho.

Seu pai não demonstrou raiva; no entanto, ficou de pé de novo e fez uma reverência ao juiz.

– Se o senhor me permite. – Enfiou a mão no casaco e tirou uma folha dobrada de papiro, com um selo vermelho preso. – O senhor reconhece o selo do governador, certamente – disse, colocando-o sobre a mesa à frente do Sr. Conant. O juiz ergueu uma sobrancelha, mas olhou com cuidado para o selo, e então o abriu, examinou o documento ali dentro e o expôs. – Esta é uma cópia com assinatura de testemunhas da cessão original da terra, assinada por Sua Excelência, William Tryon.

– Como conseguiu isso? – perguntou Berowne. – Não havia tempo para ir a New Bern e voltar! – Então empalideceu. Brianna olhou para o oficial; seu rosto inchado parecia ter recebido todo o sangue que desaparecera do rosto de Berowne.

O juiz lançou a ele um olhar frio, mas apenas disse:

– Devido à prova documental *ter sido* apresentada como evidência, determinamos que o réu não tem culpa alguma da acusação de roubo, uma vez que a propriedade em questão era dele próprio. Mas quanto à questão do ataque...

Nesse momento, ele notou que Jamie não havia se sentado, mas ainda permanecia de pé diante da tribuna.

– Sim, Sr. Fraser? Tem mais alguma coisa a dizer? – O juiz secou uma gota de suor que escorria por baixo de sua peruca; com tantos corpos dentro da sala pequena, ela parecia agora uma sauna.

– Peço que o tribunal satisfaça minha curiosidade, Excelência. A acusação original do Sr. Berowne descreve com mais detalhes o

ataque sofrido?

O juiz ergueu as duas sobrancelhas, mas remexeu depressa os papéis na mesa à sua frente e entregou um ao oficial, apontando um ponto na página.

– O reclamante afirmou que Fergus Fraser bateu em seu rosto com o punho cerrado, fazendo o reclamante cair no chão, quando o réu pegou as rédeas do cavalo, subiu nele e partiu, tecendo comentários insultantes no idioma francês. O reclamante...

Uma tossida alta vinda do banco dos réus chamou a atenção de todos para Fergus, que sorriu de modo charmoso ao Sr. Juiz Conant, pegou um lenço do bolso e secou o rosto, usando o gancho da ponta do seu braço esquerdo.

– Ah! – disse o juiz, e mirou os olhos frios na direção do banco de testemunhas, onde Berowne se remexia com inquietação.

– E poderia explicar, senhor, como pode ter sido agredido na face direita, sendo que foi atacado pelo punho esquerdo de um homem que não o tem?

– Sim, *crottin* – disse Fergus, animado. – Explique essa.

Talvez por sentir que as tentativas de explicação de Berowne seriam mais bem conduzidas em privacidade, o juiz Conant secou o pescoço e finalizou o julgamento, dispensando Fergus Fraser sem nenhuma mancha a sua reputação.

– Fui eu – disse Marsali com orgulho, segurando o braço do marido no banquete de celebração que aconteceu depois do julgamento.

– Você? – Jamie olhou para ela divertindo-se. – Que deu um soco na cara do homem?

– Não um soco, um chute – corrigiu ela. – Quando o maldito *salaud* tentou me arrancar de cima do cavalo, eu dei um chute na cara dele. Ele nunca teria me derrubado – disse ela, arregalando os olhos ao se lembrar – se não tivesse tirado o Germaine de mim, então é claro que tive que ir atrás dele.

Ela acariciou a cabeça do menininho louro agarrado a suas saias, com um pedaço de biscoito na mão suja.

– Não entendo muito bem – disse Brianna. – O Sr. Berowne não quis admitir que uma mulher bateu nele?

– Ah, não – disse Jamie, servindo mais um copo de cerveja e entregando-o a ela. – O sargento Murchison só estava sendo inoportuno.

– Sargento Murchison? Seria o oficial do exército presente? – perguntou ela. Tomou um golinho de cerveja, por educação. – Aquele que parece um porco meio assado?

Seu pai sorriu com a caracterização.

– Sim, aquele. Ele não gosta de mim – explicou. – Não é a primeira vez, nem a última, que ele tenta um truque desses para me desestabilizar.

– Ele não poderia esperar conseguir alguma coisa com uma acusação tão ridícula – disse Jocasta, inclinando-se para a frente e estendendo a mão. Ulysses, ali perto, moveu o prato de pão até onde foi necessário. Ela pegou um e virou os desconcertantes olhos cegos para Jamie.

– Foi necessário você corromper Farquard Campbell? – perguntou ela, desaprovando.

– Sim, foi – respondeu Jamie. Ao ver a confusão de Brianna, ele explicou: – Farquard Campbell é, normalmente, o juiz da região. Se ele não tivesse adoecido tão convenientemente – e nesse momento sorriu de novo, com um olhar travesso –, o julgamento teria sido realizado semana passada. Era o plano deles, certo? De Murchison e Berowne. Eles pretendiam fazer a acusação, prender Fergus e me forçar a sair da montanha no meio da colheita, e isso conseguiram, os malditos. Mas pensaram que eu não seria capaz de obter uma cópia da cessão de New Bern antes do julgamento. E de fato não conseguiria, se tivesse sido semana passada.

Ele sorriu para Ian, e o garoto, que havia partido para New Bern como um louco para conseguir o documento, corou e escondeu o rosto atrás do copo de suco.

– Farquard Campbell é um amigo, tia – disse Jamie a Jocasta –, mas a senhora sabe tão bem quanto eu que ele é um homem da lei. Não faria a menor diferença o fato de ele conhecer os termos de minha cessão tão bem quanto eu; se eu não pudesse mostrar a prova no tribunal, ele se sentiria forçado a ir contra mim. E, se ele tivesse feito isso – continuou, olhando para Brianna –, eu seria forçado a apelar do veredicto, o que faria com que Fergus fosse

levado à prisão em New Bern e um novo julgamento fosse marcado lá. O fim teria sido o mesmo, mas teria afastado Fergus e a mim da terra pela maior parte da temporada de colheita, e custaria mais em taxas do que a colheita trará.

Ele olhou para Brianna por cima da borda da xícara, com os olhos azuis repentinamente sérios.

– Você não acha que sou rico, espero.

– Eu não tinha pensado nisso – respondeu ela, surpresa, e ele sorriu.

– Que bom – disse ele –, porque, apesar de ter um bom pedaço de terra, uma parte pequena dela está em cultivo; temos o suficiente para cultivar a terra e nos sustentar, com um pouco do que resta para o gado. E, por mais habilidosa que sua mãe seja – o sorriso aumentou –, ela não consegue produzir doze hectares de milho e cevada sozinha.

Ele pousou a xícara vazia na mesa e ficou de pé.

– Ian, pode cuidar dos mantimentos e guiar a carroça com Fergus e Marsali? A moça e eu seguiremos na frente, eu acho. – Jamie olhou para Brianna de modo questionador. – Jocasta cuidará de sua criada aqui. Não se importa de ir tão cedo?

– Não – disse ela, pousando a xícara e se levantando também. – Podemos ir hoje?

Tirei as garrafas do armário, abrindo uma ou outra de vez em quando para sentir o cheiro do conteúdo. Se não fossem totalmente secas antes de serem estocadas, as ervas de folhas densas apodreciam na garrafa e as sementes mofavam.

Pensar no mofo me fez lembrar mais uma vez do meu cultivo de penicilina. Ou o que eu esperava que um dia pudesse ser, se eu tivesse sorte e fosse cuidadosa o bastante para conseguir. O *Penicillium* era um das centenas de fungos que surgiam com facilidade no pão úmido. Quais eram as chances de um tipo precioso de fungo nascer em fatias de pão dispostas toda semana? Quais eram as chances de uma fatia de pão exposta sobreviver por tempo suficiente para que esporos surgissem ali? E, finalmente, quais eram as chances de eu reconhecê-la se a visse?

Eu estava tentando havia mais de um ano, sem sucesso até agora.

Mesmo com os cravos-de-defunto e a erva-dos-carpinteiros espalhados para repelir, foi impossível manter os malditos afastados. Ratos e ratazanas, formigas e baratas; um dia, até cheguei a encontrar um grupo de esquilos ladrões na despensa, brigando pelo milho espalhado e os restos das batatas.

A única solução foi trancar todos os alimentos no grande armário que Jamie havia construído – isso, ou mantê-los nas caixas de madeira ou jarros com tampas, resistentes aos esforços de dentes e garras. Mas esconder a comida de ladrões de quatro patas era também escondê-la num local sem ar – e o ar era o único mensageiro que um dia poderia me dar uma arma de verdade contra a doença.

Cada planta tem a cura para uma doença... Se ao menos soubéssemos para o que todas servem! Senti uma pontada de perda ao pensar em Nayawenne; não só por ela, mas por seu conhecimento. Ela havia me ensinado apenas uma parte das coisas que sabia, e eu me arrependia amargamente disso – embora não tão amargamente quanto sentia falta da minha amiga.

Ainda assim, eu sabia uma coisa que ela não sabia – as várias qualidades daquela plantinha, o bolor do pão. Encontrá-la seria difícil; reconhecê-la e usá-la, mais ainda. Mas nunca duvidei de que a busca valia a pena.

Deixar pão exposto na casa era atrair ratos e camundongos. Tentei colocá-lo na tábua ao lado do casebre – lan havia consumido, distraidamente, metade da minha incubadora de antibiótico, e ratos e formigas cuidaram do resto enquanto eu estava fora de casa.

Era simplesmente impossível, no verão, na primavera ou no outono, deixar pão exposto e sem proteção ou ficar dentro de casa cuidando dele. Havia muitas tarefas urgentes a serem feitas do lado de fora, muitos chamados para atender e cuidar de partos e doenças, muitas oportunidades para a invasão indesejada.

No inverno, claro, os intrusos iam embora, para botar ovos para a primavera e hibernar embaixo de um cobertor de folhas mortas, livres do frio. Mas o ar era frio também; frio demais para render esporos vivos. O pão que eu expunha se enrolava e secava, ou

ficava empapado, dependendo da sua distância do fogo; de qualquer modo, não aparecia nada além da crosta alaranjada ou cor-de-rosa: os fungos que viviam nas dobras do corpo humano.

Eu tentaria de novo na primavera, pensei, cheirando uma garrafa de manjerona seca. Era bom: almiscarado como incenso, com cheiro de sonhos. A casa nova na cordilheira já estava sendo erguida, a fundação já tinha sido estabelecida e os quartos tinham sido marcados. Conseguia ver a estrutura da porta da cabana, escura contra o céu claro de setembro da cordilheira.

Na primavera, estaria terminada. Eu já teria colocado gesso nas paredes e feito o chão de carvalho, janelas de vidro com estrutura firme que manteriam ratos e formigas afastados – e um espaço bom e ensolarado onde eu poderia praticar a medicina.

Minhas visões sonhadoras foram interrompidas por um grunhido alto do chiqueiro: Clarence anunciando uma chegada. Eu ouvia vozes a distância, em meio aos berros de Clarence, e logo comecei a arrumar a bagunça de rolhas e garrafas. Devia ser Jamie voltando com Fergus e Marsali – ou assim eu esperava.

Jamie estava confiante em relação ao resultado do julgamento, mas me preocupei mesmo assim. Mesmo tendo sido criada para acreditar que a lei britânica era uma das maiores conquistas da civilização, já tinha visto sua aplicação ser indevida em muitos casos. Por outro lado, eu tinha muita fé em Jamie.

Os berros de Clarence estavam mais suaves, reduzidos a grunhidos, mas as vozes tinham parado. Estranho. Será que as coisas tinham dado errado?

Enfiei a última das garrafas dentro do armário e fui para a porta. A passagem estava vazia. Clarence grunhiu entusiasmada ao me ver, porém não havia mais nenhuma movimentação. Mas alguém havia chegado, pois as galinhas tinham se espalhado, escondendo-se atrás dos arbustos.

Senti um arrepio subir por minha espinha e me virei, tentando olhar para a frente e para trás ao mesmo tempo. Nada. As nogueiras atrás da casa farfalhavam ao vento e a luz do sol se filtrava através das folhas amareladas.

Eu sabia, sem sombra de dúvida, que não estava sozinha. Droga, minha faca havia ficado na mesa, lá dentro!

– Sassenach. – Meu coração quase parou ao som da voz de Jamie. Virei-me na direção dela e o alívio logo foi superado pela irritação. O que ele pensava que...

Por um milésimo de segundo, pensei que estava vendo dobrado. Eles estavam sentados no banco perto da porta, lado a lado, e o sol da tarde acendia seus cabelos como se fossem cabeças de fósforo.

Meus olhos se concentraram no rosto de Jamie, tomado pela alegria, e então se voltaram para a direita.

– Mamãe. – Era a mesma expressão: animação, alegria e saudade, tudo junto. Não tive tempo nem mesmo de pensar quando ela correu para meus braços e fui erguida no ar, literal e figurativamente.

– Mamãe!

Eu não tinha fôlego; o que não tinha sido tomado pelo choque estava sendo arrancado por um abraço de amassar as costelas.

– Bree! – Consegui gritar, e ela me colocou no chão, mas não me soltou. Olhei-a sem acreditar, mas ela era real. Procurei Jamie e o encontrei de pé ao lado dela. Ele não disse nada, mas me lançou um sorriso grande, as orelhas rosadas de felicidade.

– Eu, ahn, eu não estava esperando... – disse como uma tola.

Brianna sorriu para mim, assim como o pai, os olhos brilhando como estrelas e marejados de alegria.

– Ninguém espera a Inquisição Espanhola!

– O quê? – perguntou Jamie, sem entender.

PARTE X

Relações Abaladas



Setembro de 1769

Ela despertou de um sono sem sonhos com a mão no ombro. Mexeu-se e se apoiou num cotovelo, piscando. O rosto de Jamie mal podia ser visto acima do dela no escuro; o fogo havia diminuído e não passava de um brilho suave, e dentro da cabana estava quase totalmente escuro.

– Vou caçar na montanha, moça. Vai comigo? – sussurrou ele.

Ela esfregou os olhos, tentando reorganizar os pensamentos desordenados pelo sono, e assentiu.

– Ótimo. Vista sua calça. – Levantou-se em silêncio e saiu, deixando entrar uma rajada de ar adocicado ao abrir a porta.

Quando ela terminou de vestir a calça e as meias, ele voltou, movendo-se do mesmo modo silencioso, apesar de carregar muita lenha. Fez um meneio de cabeça para ela e se ajoelhou para alimentar o fogo; ela enfiou os braços nas mangas do casaco e saiu, à procura do banheiro.

O mundo do lado de fora estava escuro e parecia a paisagem de um sonho; não fosse o frio, ela pensaria que ainda dormia. As estrelas brilhavam muito, mas pareciam mais baixas, como se pudessem cair do céu a qualquer minuto e serem extintas, emitindo um chiado, nas árvores úmidas pela neblina nas cordilheiras à frente.

Que horas eram?, ela tentou imaginar, estremeando ao sentir a madeira úmida nas coxas aquecidas. Madrugada; certamente ainda demoraria muito até o amanhecer. Tudo estava em silêncio; nenhum inseto zunia no jardim de sua mãe e não se ouvia nenhum farfalhar, nem mesmo em meio à plantação de milho.

Quando ela abriu a porta da cabana, o ar vindo de dentro parecia quase palpável: a fumaça forte, a comida seca e o cheiro de pessoas dormindo. Em contraste, o ar do lado de fora era adocicado, mas fino – ela não parava de respirar fundo para conseguir ar suficiente.

Ele estava pronto: um saco de couro amarrado a seu cinto com um machado e um chifre cheio de pólvora e outro maior de lona grande sobre os ombros. Ela não entrou, mas permaneceu na porta observando enquanto ele se inclinava depressa e beijava sua mãe na cama.

Ele sabia que ela estava ali, claro – e não passou de um beijo leve na testa –, mas ela se sentiu como uma invasora, uma *voyeur*. Ainda mais quando a mão comprida e pálida de Claire saiu de baixo dos cobertores e tocou o rosto dele com uma delicadeza que derreteu o coração de Brianna. Claire murmurou algo, mas Brianna não ouviu.

Ela se virou depressa, o rosto quente apesar do ar frio, e estava de pé à beira da clareira quando ele saiu. Ele fechou a porta, esperando pelo ruído da fechadura. Estava armado, uma arma de cano longo que parecia tão alta quanto ela.

Ele não disse nada, mas sorriu para ela e meneou a cabeça na direção da mata. Ela seguiu, acompanhando com facilidade quando ele pegou um caminho por entre arbustos de abeto e nogueiras. Com os pés, ele tirava o orvalho da grama e deixava uma marca escura pelos tufos com gotas prateadas.

O caminho tinha duas trilhas, uma subindo e outra descendo, por um bom tempo, mas então começou a só subir. Ela mais sentiu a mudança do que viu. Ainda estava muito escuro, mas de repente o silêncio desapareceu. No instante seguinte, um pássaro começou a cantar perto dali.

Então a encosta toda foi tomada pelos pássaros, cantos, gorjeios e assovios. Havia ali um senso de movimento, de bater de asas e raspar de pés em meio aos sons. Ele parou, prestando atenção.

Ela também parou, olhando para ele. A luz havia mudado tão lentamente que ela mal se deu conta; seus olhos se adaptaram ao escuro e ela conseguiu ver com facilidade sob a luz das estrelas, só

percebendo a mudança da luz do dia quando desviou os olhos do chão e viu o tom vívido dos cabelos do pai.

Ele tinha alimentos na bolsa; eles se sentaram em um tronco e dividiram maçãs e pães. Então ela bebeu água que escorria de uma fonte, enchendo as mãos com o líquido frio e cristalino. Olhando para trás, não mais conseguiu ver nenhum sinal do pequeno assentamento; casas e campos tinham desaparecido, como se a montanha tivesse unido as florestas em silêncio, engolindo tudo.

Passou as mãos na barra de seu casaco, sentindo a castanha-da-índia no bolso. Não havia castanheiro-da-índia nesses montes; era uma árvore inglesa, plantada por algum expatriado na esperança de criar uma lembrança de casa: um elo vivo para outra vida. Ela envolveu a castanha com a mão por um momento, tentando imaginar se seus elos tinham se desfeito para sempre, então a soltou e se virou para seguir o pai monte acima.

A princípio, seu coração batera forte e os músculos das coxas arderam com o esforço de subir, com o qual não estavam acostumados, mas depois seu corpo encontrou o ritmo da mata. Com a claridade, ela parou de tropeçar. Quando chegaram ao topo de um monte íngreme, ela caminhava tão suavemente pelas folhas esponjosas que imaginou poder flutuar no céu, que parecia muito próximo da terra.

Por um momento, ela desejou poder fazer isso. Mas os elos ainda eram mantidos na corrente que a prendia à terra: sua mãe, seu pai, Lizzie... e Roger. O sol da manhã apareceu, uma bola grande e flamejante acima das montanhas. Ela teve que fechar os olhos por um momento para não ficar cega.

Ali estava: o local aonde ele queria levá-la. Na base de uma escarpa alta, parte da rocha havia se soltado e estava coberta por musgo e líquen, com mudinhas surgindo pelas frestas. Ele inclinou a cabeça, fazendo um gesto para que ela o seguisse. Havia um caminho entre as rochas enormes, difícil de ver. Jamie percebeu que ela hesitava atrás dele e olhou para ela.

Ela sorriu e acenou para a rocha. Um pedaço enorme de calcário havia caído e se dividido em dois; ele estava parado entre

os pedaços.

– Está tudo bem – disse ela suavemente. – Apenas me lembrei do círculo de pedras.

Aquilo também o fizera lembrar e arrepiou os pelos de seus braços. Ele teve que parar e observar enquanto ela passava, só por garantia. Mas deu tudo certo; ela passou com cuidado e se aproximou dele. Ele sentiu a necessidade de tocá-la, só para ter certeza; estendeu a mão e se sentiu animado com a firmeza dos seus dedos nos dela.

Ele havia julgado certo: o sol aparecia acima da cordilheira mais distante quando eles chegaram ao espaço aberto no topo do monte. Abaixo de onde estavam, espinhaços e vales se espalhavam, cheios de névoa a ponto de parecer que a fumaça subia das depressões. Da montanha do outro lado, a queda-d'água se arqueava e descia por uma coluna fina e branca, caindo na névoa.

– Aqui – disse ele, parando em um lugar onde as rochas se espalhavam, cercadas pela grama densa. – Vamos descansar um pouco. – Por mais frias que fossem as manhãs, a subida o aquecera; ele se sentou numa rocha plana, com as pernas estendidas para deixar o ar subir por baixo do seu kilt, e tirou o tartã dos ombros.

– É tão diferente aqui – disse ela, afastando uma mecha dos cabelos ruivos cujas chamas o aqueciam mais do que o sol. Ela olhou para ele, sorrindo. – Sabe a que me refiro? Fui de Inverness a Lallybroch, passei por Great Glen, e foi bem selvagem – ela estremeceu levemente ao se lembrar –, mas não foi nem um pouco parecido com isto.

– Não – disse ele. Sabia exatamente a que ela se referia; os vales e lagos escoceses eram habitados, de um modo que aquele lugar de florestas e quedas-d'água não era.

– Eu acho... – começou ele, e então parou. Será que ela o consideraria estúpido? Mas ela olhava para ele, esperando que falasse. – Os espíritos que vivem lá – disse ele de um modo um pouco tímido –, eles são velhos, e têm visto os homens há milhares e milhares de anos; eles nos conhecem bem e não se inibem em se mostrar. Mas os que vivem aqui – ele pousou a mão no tronco de uma noqueira que se erguia por 3 metros acima deles, cuja

circunferência era de mais de 9 metros –, eles não viram pessoas como nós antes.

Ela assentiu, nem um pouco surpresa.

– Mas têm curiosidade, não têm? Alguns deles? – perguntou ela e jogou a cabeça para trás para olhar para dentro da espiral estonteante de galhos acima de onde estava. – Não percebe que eles observam, de vez em quando?

– De vez em quando.

Ele se sentou na rocha ao lado dela e observou a luz se espalhar sobre o topo da montanha, iluminando as quedas-d'água distantes como os gravetos são iluminados pelo fogo, enchendo a névoa com um brilho perolado e desaparecendo em seguida. Juntos, eles viram a encosta da montanha aparecer à luz do dia, e ele disse algo bem baixinho ao espírito daquele lugar, em agradecimento. Se não soubesse gaélico, ainda assim entenderia o sentido.

Ela esticou as pernas compridas, sentindo o cheiro da manhã.

– Você não se importou, não é? – A voz dela estava suave e ela mantinha os olhos mirando o vale abaixo, tomando o cuidado de não olhar para ele. – De viver na caverna perto de Broch Mhorda.

– Não – disse ele. O sol esquentava seu peito e seu rosto e lhe dava uma sensação de paz. – Não, não me importei.

– Só de ouvir sobre isso, achei que deveria ter sido terrível. Frio, sujo e solitário, é o que quero dizer. – Ela olhou para ele naquele momento, e o céu da manhã apareceu em seus olhos.

– Foi – disse ele, e sorriu brevemente.

– Ian... o tio Ian me levou até lá para me mostrar.

– É mesmo? Não é tão ruim no verão, quando a luz é mais constante.

– Não. Mas mesmo quando estava... – Ela hesitou.

– Não, não me importei. – Ele fechou os olhos e deixou o sol esquentar suas pálpebras.

A princípio, pensou que a solidão o mataria, mas, assim que percebeu que isso não aconteceria, passou a valorizar a solidão na encosta da montanha. Conseguia ver o sol forte, apesar de os olhos estarem fechados: uma grande bola vermelha, flamejante nas

bordas. Era daquele modo que Jocasta enxergava com os olhos cegos?

Ela permaneceu em silêncio por muito tempo, assim como ele, satisfeita em ouvir. Havia passarinhos no abeto próximo dali, pendurados nos galhos de cabeça para baixo, caçando os insetos que comiam e conversando entre eles a respeito do que encontravam.

– Roger... – disse ela de repente, e o coração dele foi tomado por uma onda de ciúme, ainda mais dolorosa por ser inesperada. Ele não podia tê-la só para si, ainda que fosse por um tempo muito curto? Abriu os olhos e fez o melhor que pôde para parecer interessado. – Tentei explicar a ele, uma vez, a respeito de ficar sozinha. Pensei que talvez não fosse algo ruim. – Ela suspirou, as sobrancelhas franzidas. – Acho que ele não compreendeu.

Ele pigarreou.

– Pensei... – Ela hesitou, olhou para ele e então desviou o olhar. – Pensei que talvez fosse o motivo pelo qual... pelo qual você e mamãe... – A pele dela era muito clara, a ponto de ele conseguir ver o sangue se acumular sob ela. Brianna respirou fundo, com as mãos apoiadas na rocha. – Ela também é assim. Não se importa de ficar sozinha.

Ele olhou para ela, querendo muito saber por que ela havia dito aquilo. Como tinha sido a vida de Claire, nos anos em que viveram separados, para ela saber disso? Era assim: Claire conhecia o sabor da solidão. Era fria como a água da fonte, e nem todos conseguiam bebê-la; para alguns, ela não refrescava, mas gelava mortalmente. Mas ela havia vivido diariamente com um marido; como ela havia bebido profundamente da solidão para saber?

Talvez Brianna pudesse lhe dizer, mas ele não perguntaria; o último nome que ele pretendia ouvir naquele lugar era o de Frank Randall.

Em vez disso, ele tossiu.

– Bem, talvez seja verdade – concordou ele com cuidado. – Já vi mulheres, e homens também, às vezes, que não suportam o som dos próprios pensamentos, e talvez não sejam companhia adequada para aqueles que suportam.

– Não – disse ela, pensando. – Talvez não sejam.

A pontada de ciúme diminuiu. Então ela tinha dúvidas a respeito do tal Wakefield, certo? Contara tudo a ele e a Claire: sobre a pesquisa, sobre a nota divulgando a morte, a viagem saindo da Escócia, a visita a Lallybroch – maldita Laoghaire! – e a respeito do tal Wakefield, que viria atrás dela. Nesse aspecto, ela não havia contado tudo, ele pensou, mas tudo bem, porque ele não queria ouvir. Importava-se menos com a ideia de uma morte distante num incêndio do que com a interrupção mais iminente do momento feliz que vivia com a filha que nunca vira.

Ele flexionou os joelhos e permaneceu sentado em silêncio. Por mais que quisesse retomar a sensação de tranquilidade, não conseguia esquecer Randall.

Ele tinha vencido. Claire era dele, assim como essa menina gloriosa – essa jovem mulher, ele se corrigiu, olhando para ela. Mas Randall as tivera por vinte anos; não havia dúvidas de que as havia marcado. Mas que marca tinha sido?

– Veja. – A mão de Brianna apertou seu braço quando ela chamou sua atenção.

Ele acompanhou seu olhar e viu: duas corças, sob a sombra das árvores, a menos de 6 metros. Ele não se mexeu, mas respirou em silêncio. Sentiu Brianna a seu lado, encantada e paralisada também.

As corças os viram: cabeças delicadas erguidas, escuras, narinas úmidas se abrindo para farejar. Mas, depois de um momento, uma corça se afastou com passos nervosos e rápidos, deixando manchas na grama molhada pelo orvalho. A outra a acompanhou, atenta, e elas mordiscaram as faixas de mato entre as rochas, virando-se de vez em quando para levantar a cabeça e lançar um olhar tranquilo para as criaturas estranhas mas inofensivas na rocha.

Ele não poderia ficar a menos de 2 quilômetros de um veado escocês que sentisse seu cheiro. Aqueles animais sabiam bem o que era um homem.

Ele observou as corças pastarem, com a inocência da fauna perfeita, e sentiu a bênção do sol em sua cabeça. Aquele era um novo lugar, e ele estava satisfeito por estar sozinho com a filha.

– O que está caçando, Pa? – Ele estava de pé, os olhos semicerrados observando o horizonte, mas ela tinha certeza de que ele não olhava para um animal; ela podia falar sem assustar as aves.

Eles tinham visto muitos animais ao longo do dia; as duas corças no amanhecer, uma raposa vermelha que estava observando em uma rocha, lambendo as patas pretas até eles se aproximarem demais, e então desapareceu como uma chama extinta. Esquilos – dezenas deles – silvando pelos topos das árvores, brincando de esconder nos troncos. Até mesmo um bando de perus selvagens, com dois machos brigando, peitos inchados e rabos espanados se exibindo para um harém grugulejante.

Nenhum deles era a presa escolhida, e ela ficou contente. Não se opunha a matar para comer, mas teria se entristecido se a beleza do dia fosse marcada por sangue.

– Abelhas – disse ele.

– *Abelhas?* Como se caça abelhas?

Ele pegou a arma e sorriu para ela, acenando monte abaixo em direção a uma clareira amarela brilhante.

– Procure flores.

Certamente havia abelhas nas flores, bem perto, e ela as ouvia zunindo. Havia vários tipos: abelhões pretos enormes; um tipo menor, listrada de preto e amarelo; e as formas letais e lisas de vespas, barrigas pontudas como adagas.

– O que você deve fazer – disse o pai, dando a volta no local lentamente – é observar e ver em qual direção as abelhas seguem. E não se deixar picar.

Muitas vezes, eles perderam de vista as minúsculas mensageiras que seguiam, perdidas na luz intermitente sobre um lago, desaparecendo em arbustos densos demais. Todas as vezes, Jamie andava de um lado para outro e encontrava mais um arbusto de flores.

– Ali! – gritou ela, apontando para uma luz vermelha brilhante a distância.

Ele semicerrou os olhos e sorriu, balançando a cabeça.

– Não, não as vermelhas – disse ele. – Os pequenos beija-flores gostam das vermelhas, mas as abelhas gostam das amarelas

e brancas... amarelas, melhor ainda. – Ele puxou uma pequena margarida branca da grama perto dos seus pés e a entregou a ela, e as pétalas estavam manchadas de pólen, caído dos delicados estames no centro amarelo e redondo da flor. Analisando mais de perto, ela viu um besourinho do tamanho da ponta de uma agulha sair do centro, a carapuça preta e brilhante com pontinhos dourados.

– Os beija-flores bebem das flores compridas – explicou. – Mas as abelhas não conseguem entrar tão fundo. Elas gostam das flores amplas e achatadas, como esta, e daquelas que crescem em ramos fartos. Deitam e rolam nelas, até ficarem cobertas de amarelo.

Eles caçaram por toda a encosta da montanha, rindo ao escaparem dos ataques de abelhões irritados, caçando arbustos amarelos e brancos. As abelhas gostavam dos loureiros da montanha, mas muitas dessas áreas eram altas demais para que eles vissem acima delas, densas demais para serem atravessadas.

Era o fim da tarde quando encontraram o que procuravam. Os restos de uma árvore de bom tamanho, os galhos reduzidos a tocos, a casca desgastada mostrando a madeira prateada por baixo... e um corte amplo na madeira, pelo qual as abelhas passavam, penduradas como num véu ao redor dela.

– Ah. Ótimo – disse Jamie, satisfeito com o que via. – Às vezes, elas constroem a colmeia nas rochas, e então não há muito que fazer. – Ele soltou o machado do cinto, e também os sacos, e fez um gesto para que Brianna se sentasse em uma rocha próxima.

– É melhor esperar escurecer – explicou ele. – Para que todas entrem na colmeia. Enquanto isso, vamos comer alguma coisa?

Eles dividiram o resto da comida e falaram esporadicamente, observando a luz se apagar nas montanhas próximas. Ele deixou que ela atirasse com o longo mosquete quando ela pediu e mostrou como carregá-lo de novo: abrir a tampa da caçoleta, preparar a pólvora, escorregá-la do cartucho e armazená-la dentro do tambor.

– Você não atira nada mal, moça – disse ele, surpreso. Ele se inclinou para a frente e pegou um pedaço pequeno de madeira, colocando-o em cima de uma rocha grande como mira. – Tente de novo.

Ela tentou de novo, várias vezes, acostumando-se com o peso da arma, encontrando o ponto de equilíbrio do cabo e o posicionamento natural na curva do ombro. O coice era mais fraco do que ela esperava: a pólvora preta não tinha a força dos cartuchos modernos. Duas vezes, lascas voaram; na terceira vez, o pedaço de madeira desapareceu numa chuva de fragmentos.

– Muito bem – disse ele, erguendo uma sobancelha. – E onde você aprendeu a atirar, pelo amor de Deus?

– Meu pai era um atirador. – Ela baixou a arma, o rosto corado de prazer. – Ele me ensinou a atirar com pistola ou rifle. Uma espingarda. – Então ela corou ainda mais, lembrando-se. – Hum, você não sabe o que é uma espingarda.

– Não, acho que não – foi o que ele disse, o rosto cuidadosamente inexpressivo.

– Como vai pegar a colmeia? – perguntou ela, querendo tirar o foco daquele momento estranho. Ele deu de ombros.

– Ah, quando as abelhas forem descansar, vou soprar um pouco de fumaça dentro da colmeia, para que elas fiquem sem rumo. Então vou cortar a parte do tronco onde ficam os favos, enfiar um pedaço de madeira por baixo e enrolá-la em meu tartã. Em casa, vou enfiar um pouco de madeira em cima e embaixo, para pendurá-la. – Ele sorriu para ela. – Quando amanhecer, as abelhas sairão, olharão ao redor e partirão para as flores mais próximas.

– Não perceberão que não estão no lugar de sempre?

Ele deu de ombros de novo.

– E se perceberem, o que farão? Não têm como encontrar o caminho de volta, e não terão para onde voltar. Não, elas ficarão felizes na casa nova. – Ele pegou a arma. – Vou limpá-la. A luz está ruim para atirar.

A conversa morreu e eles ficaram em silêncio por cerca de meia hora, mais ou menos, observando a escuridão tomar os vales mais à frente, uma onda invisível que subia cada vez mais, envolvendo os troncos das árvores de modo que as copas pareciam flutuar em um lago de escuridão.

Finalmente, ela pigarreou, sentindo que deveria dizer *alguma coisa*.

– A mamãe não vai ficar preocupada por voltarmos tão tarde?

Ele balançou a cabeça, mas não respondeu; só ficou sentado, uma folha de grama solta em sua mão. A lua aparecia acima das árvores, grande e dourada, assimétrica como uma lágrima.

– Sua mãe me contou, certa vez, que os homens pretendiam voar até a Lua – disse ele abruptamente. – Ainda não tinham feito isso, não que ela soubesse, mas pretendiam. Você sabe disso?

Ela assentiu, os olhos fixos na lua que aparecia.

– Eles foram. Ou melhor, vão. – Ela sorriu levemente. – Eles chamaram o foguete de *Apollo*, o que os levou.

Ela viu que ele sorriu com a resposta; a lua estava alta o bastante para iluminar a clareira. Ele ergueu o rosto, pensativo.

– É mesmo? E o que eles disseram sobre a Lua, os homens que foram?

– Eles não precisaram dizer nada, enviaram fotos. Eu contei sobre a televisão?

Ele pareceu um pouco assustado, e ela sabia que, como a maioria das coisas que ela contava para ele sobre seu tempo, ele não tinha ideia da realidade das imagens em movimento, com voz, muito menos a noção de que tais coisas pudessem ser enviadas pelo ar.

– É mesmo? – perguntou ele, um pouco incerto. – Então você viu as fotos?

– Sim. – Ela tombou levemente para trás, as mãos ao redor dos joelhos, olhando para o globo sem forma acima deles. Havia um nimbo de luz ao redor dele, e mais distante, no céu iluminado por estrelas, um círculo perfeito e claro, como se fosse uma pedra amarela e grande dentro de um lago escuro, congelada quando a primeira onda se formou.

– Vai fazer sol amanhã – disse ele, olhando para cima.

– É mesmo? – Ela conseguia ver tudo ao redor deles quase tão claramente como durante o dia, mas a cor já tinha desaparecido: tudo estava preto e cinza – como as fotos que ela descreveu.

– Demorou horas, a espera. Ninguém sabia dizer exatamente quanto tempo eles demorariam para pousar e sair com suas roupas de astronautas. Você sabia que não há ar na Lua? – Ela ergueu uma sobrancelha ao fazer a pergunta, e ele assentiu, atento como um menino na escola.

– Claire me disse – murmurou ele.

– A câmera, a coisa que fazias as fotos, ficava na lateral da nave, então víamos o pé da nave, apoiado no solo, e o pó subindo ao redor dele como quando um cavalo bate a pata no chão. Era plano onde a nave desceu; coberto com um pó leve, com pedrinhas espalhadas aqui e ali. E então a câmera se moveu... ou talvez outra tenha começado a enviar fotos... e dava para ver que havia montes rochosos a distância. É deserto... não tem plantas, nem água, nem ar... mas meio bonito, de um jeito estranho.

– Parece a Escócia – disse ele. Ela riu da piada, mas pensou ter percebido, em meio à risada, a saudade que ele sentia das montanhas estéreis.

Pretendendo distraí-lo, ela acenou para as estrelas que começavam a brilhar mais forte no céu de veludo.

– As estrelas são sóis, como o nosso. É só que elas estão tão longe que parecem minúsculas. Estão tão longe que pode levar anos e anos para a luz delas chegar a nós; na verdade, às vezes, uma estrela morre e ainda vemos sua luz.

– Claire me disse isso, há muito tempo – disse ele baixinho. Permaneceu sentado por um momento, então se levantou com um ar de decisão. – Então venha – disse ele. – Vamos pegar a colmeia e voltar para casa.

A noite estava bem quente, por isso deixamos a proteção da janela enrolada. Algumas mariposas e insetos típicos de junho entraram e se afogaram no caldeirão ou cometeram suicídio no fogo, mas o ar frio com cheiro de folhas que passou por nós valeu a pena.

Na primeira noite, Ian educadamente cedeu a cama a Brianna e foi dormir com Rollo em um canto do galpão de ervas, garantindo a ela que gostava da privacidade. Ao sair com o cobertor em um dos braços, ele deu um tapa firme nas costas de Jamie, apertou seu ombro num gesto surpreendentemente adulto de congratulação e sorriu.

Jamie também havia sorrido; na verdade, mal parara de sorrir nos últimos dias. Não estava sorrindo agora, apesar de manter um olhar tranquilo. A lua crescente podia ser vista e luz suficiente

passava pela janela para eu vê-lo claramente deitado de costas ao meu lado.

Fiquei surpresa por ele ainda não estar dormindo. Ele havia acordado bem antes do amanhecer e passara o dia com Brianna na montanha, e voltou bem depois do escurecer com o tartã repleto de abelhas atordoadas pela fumaça, que provavelmente ficariam muito mais irritadas quando acordassem de manhã e descobrissem o que haviam feito com elas. Pensei que deveria evitar a parte dos fundos do jardim, onde as abelhas estariam; abelhas recém-mudadas de ambiente costumam picar antes e perguntar depois.

Jamie suspirou alto e eu me virei para ele, curvando o corpo para me encaixar no dele. A noite não estava fria, mas ele usava uma camisa para dormir, em respeito a Brianna.

– Não consegue dormir? – perguntei baixinho. – A luz da lua está atrapalhando?

– Não. – Ele estava olhando para a lua, no entanto; ela estava alta, acima da cordilheira, não totalmente cheia, mas sua luz branca e luminosa inundava o céu.

– Se não é a lua, é alguma coisa. – Passei a mão levemente em sua barriga, deixando os dedos contornarem suas costelas.

Ele suspirou de novo e apertou minha mão.

– Ah, não é nada além de uma tristeza boba, Sassenach. – Ele virou a cabeça na direção da cama, onde os cabelos escuros de Brianna se espalhavam em uma massa iluminada pela lua no travesseiro. – Lamento termos que perdê-la.

– Hum. – Deixei a mão sobre seu peito. Eu sabia que o momento de percepção e a despedida viriam, mas não quis falar sobre eles e interromper o feitiço temporário que havia nos unido tanto.

– Não se pode perder um filho – eu disse baixinho, passando um dedo pela depressão leve e suave no centro de seu peito.

– Ela precisa voltar, Sassenach, você sabe disso tão bem quanto eu. – Ele se remexeu sem paciência, mas não se afastou. – Olhe para ela. Ela é como o camelo de Luís, não?

Apesar de meus pesares, sorri ao pensar naquilo. Luís da França mantinha uma bela coleção de animais em Versalhes e, em

dias de sol, os tratadores exercitavam alguns animais, levando-os pelos campos, para surpresa de quem passava.

Estávamos andando nos campos certo dia e, quando fizemos uma curva, encontramos um camelo da Bactria avançando em direção a nós pelo caminho, esplêndido e firme com seu cabresto dourado e prateado, movendo-se num desdém calmo diante de pessoas boquiabertas, pois era muito exótico e totalmente deslocado entre as estátuas brancas.

– Sim – respondi, mas com uma relutância que oprimiu meu coração. – Sim, claro que ela precisa voltar. Ela pertence àquela época.

– Eu sei bem disso. – Ele pousou a mão sobre a minha, mas manteve o rosto virado, olhando para Brianna. – Eu não deveria sofrer com isso, mas sofro.

– E eu também. – Encostei a testa no ombro dele, sentindo seu cheiro. – Mas é verdade... o que eu disse. Não há como perder um filho. Você... você se lembra de Faith?

Minha voz tremeu levemente quando perguntei; há anos não falávamos sobre nossa primeira filha, nosso bebê natimorto na França.

Ele me abraçou e me puxou contra ele.

– Claro que lembro – disse ele com delicadeza. – Você acha que eu esqueceria?

– Não. – As lágrimas escorriam pelo meu rosto, mas eu não estava chorando de fato; não era nada além da força dos sentimentos. – Foi o que quis dizer. Nunca contei a você que quando estávamos na França, quando fomos ver Jared, eu fui ao Hôpital des Anges, vi o túmulo dela lá. Eu... levei uma tulipa cor-de-rosa para ela.

Ele ficou calado por um momento.

– Eu levei violetas – disse ele, tão baixinho que quase não consegui ouvir.

Permaneci calada por um momento e me esqueci das lágrimas.

– Você não me contou.

– Nem você. – Ele passou os dedos pelos nós da minha coluna, acariciando a linha das minhas costas.

– Fiquei com receio de você se sentir... – Parei de falar. Tive medo de que ele se sentisse culpado, temendo que eu o culpasse pela perda, ele já tinha feito isso. Tínhamos nos reencontrado havia pouco tempo, naquela época; eu não pretendia estragar a ligação entre nós.

– Também fiquei.

– Sinto muito por você nunca tê-la visto – disse por fim, e senti quando ele suspirou. Ele se virou na minha direção e me abraçou, passando os lábios na minha testa.

– Não importa, certo? Sim, é verdade o que você diz, Sassenach. Ela se foi... mas sempre a teremos. E teremos Brianna. Se... quando ela se for, ainda estará conosco.

– Sim. Não importa o que aconteça, não importa aonde um filho vá, para muito longe ou por quanto tempo. Ainda que seja para sempre. Nunca perdemos os filhos. Não há como.

Ele não respondeu, mas me abraçou com força e suspirou mais uma vez. A brisa agitou o ar sobre nós com o som das asas de anjos e adormecemos juntos enquanto a luz da lua nos banhava em sua paz atemporal.

BEBIDA NO COPO

Eu não gostava de Ronnie Sinclair. Nunca *gostei* dele. Não gostava do seu rosto meio bonito, do sorriso lupino, nem de como ele olhava em meus olhos; eu *sentia* que ele estava escondendo alguma coisa mesmo quando não estava. Principalmente, eu não gostava do modo como ele estava olhando para a minha filha.

Pigarreei alto e ele se sobressaltou. Abriu um sorriso de dentes afiados para mim, mexendo em uma cinta de barril, distraído.

– Jamie disse que vai precisar de mais uma dúzia dos barris pequenos de uísque até o fim do mês, e vou precisar de um barril grande de noqueira para a carne defumada, assim que você conseguir arranjá-los.

Ele assentiu e fez algumas marcas em uma tábua de pinheiro pendurada na parede. De modo muito estranho para um escocês, Sinclair não sabia escrever, mas utilizava um tipo de abreviaturas que permitiam que ele mantivesse controle dos pedidos e das quantidades.

– Certo, Sra. Fraser. Mais alguma coisa?

Tentei pensar em tudo de que poderíamos precisar antes da nevasca. Haveria peixe e carne para salgar, mas eles eram mais bem conservados em vasos de pedra; barris de madeira os deixavam com gosto de terebintina. Eu tinha um barril velho para maçãs e outro para abobrinhas; as batatas ficariam em prateleiras para que não apodrecessem.

– Não – decidi. – É só.

– Sim, senhora. – Ele hesitou, virando a cinta do barril mais depressa. – Ele virá antes de os barris estarem prontos?

– Não; ele tem que cuidar da cevada e matar os animais; e também tem que fazer a destilação. Tudo está atrasado devido ao

juízo. – Ergui uma sobrancelha para ele. – Mas por quê? Tem um recado para ele?

Na base da enseada mais próxima da estrada, a oficina do tanoeiro era a primeira construção que a maioria dos visitantes via, e assim, o ponto de recepção para os mais fofos que vinham de fora da Cordilheira dos Frasers.

Sinclair inclinou a cabeça de cabelos ruivos, pensando.

– Ah, provavelmente não é nada. É que ouvi um desconhecido no distrito, e ele fazia perguntas a respeito de Jamie Fraser.

Pelo canto dos olhos, vi Brianna levantar a cabeça, distraída da inspeção que fazia das chaves, malhos, serrotes e machados na parede. Ela se virou e a saia raspou na serragem que tomava a oficina até a altura dos tornozelos.

– O senhor sabe o nome desse desconhecido? – perguntou ela ansiosa. – Ou como ele é?

Sinclair lançou a ela um olhar de surpresa. Ele era estranhamente desproporcional, com ombros magros, mas braços musculosos, e mãos tão enormes que era como se pertencessem a um homem duas vezes maior. Ele olhou para ela e passou o polegar grande sem perceber pelo metal da cinta, devagar, várias vezes.

– Bem, eu não sei dizer como ele é, senhorita – disse ele, muito educado, mas com um olhar faminto que me deu vontade de pegar a cinta de suas mãos e torcê-la ao redor do seu pescoço. – Mas disse que se chama Hodgepile.

O rosto de Brianna perdeu o brilho de esperança, mas o músculo no canto da sua boca saltou ao ouvir aquele nome.

– Acho que esse não pode ser o Roger – disse para mim.

– Provavelmente não – concordei. – Ele não teria motivos para usar um nome falso. – Eu me virei para Sinclair. – O senhor não soube de um homem chamado Wakefield? Roger Wakefield?

Sinclair negou, balançando a cabeça com firmeza.

– Não, senhora. Ele disse que, se alguém com esse nome aparecer, deve ser levado à cordilheira depressa. Se esse tal Wakefield aparecer nas redondezas, vocês saberão tão depressa quanto eu.

Brianna suspirou, e eu percebi que ela engolia a decepção. Estávamos em meados de outubro e, apesar de ela não ter dito

nada, era claro que ficava cada dia mais ansiosa. E não era a única; ela nos havia contado o que Roger estava tentando fazer, e a quantidade de desastres que poderiam abatê-lo naquela tentativa bastava para me manter acordada à noite.

–... sobre o uísque – dizia Sinclair, fazendo com que eu voltasse a prestar atenção nele.

– O uísque? Hodgepile perguntava sobre Jamie e o uísque?

Sinclair assentiu e colocou a cinta no chão.

– Em Cross Creek. Ninguém disse nada a ele, claro. Mas quem me contou disse que quem conversou com o homem achou que ele era um soldado. – Ele deu um sorriso ligeiro. – É difícil disfarçar uma coisa assim.

– Mas certamente não estava vestido como soldado, certo? – Os soldados da infantaria usavam os cabelos presos em um rabo de cavalo firme, envolto com um laço de lã de carneiro com pó de arroz – o que, naquele clima, rapidamente se transformava em pasta, porque o pó se misturava com o suor. Ainda assim, imaginei que Sinclair se referisse à atitude do homem, e não à sua aparência.

– Ah, não; ele disse ser um comerciante de peles, mas andava todo empertigado, dava para ouvir o couro rangendo quando caminhava. Foi o que Geordie McClintock disse.

– Provavelmente um dos homens de Murchison. Vou dizer a Jamie... obrigada.

Saí da oficina do tanoeiro com Brianna, pensando no trabalho que aquele Hodgepile nos daria. Provavelmente não muito; só a distância da civilização e a falta de acesso à cordilheira eram proteção contra a maioria dos invasores, um dos motivos pelos quais Jamie escolhera o local. Os vários inconvenientes da distância seriam maiores do que os benefícios, no que dizia respeito à guerra. Eu tinha certeza de que não haveria nenhuma batalha na Cordilheira dos Frasers.

E, por mais que Murchison guardasse rancor ou por melhor que fossem seus espiões, não conseguia imaginar seus superiores permitindo que ele guiasse uma expedição armada por mais de 150 quilômetros pelas montanhas com o único propósito de destruir uma destilaria ilegal cujo lucro total era de menos de 400 litros por ano.

Lizzie e Ian esperavam por nós do lado de fora, ocupados em reunir madeira do monte de lixo de Sinclair. O trabalho de tanoeiro gerava grandes quantidades de ripas, gravetos e pedaços de madeira e de casca de árvore, e o trabalho de pegá-los valia a pena, para deixar lenha pronta para a lareira em casa.

– Você e Ian podem encher os barris, querida? – perguntei a Brianna. – Quero olhar para Lizzie sob a luz do sol.

Brianna assentiu, ainda parecendo retraída, e foi ajudar Ian a colocar a madeira do lado de fora da oficina dentro da carroça. Eram pedaços pequenos, mas pesados.

Fora a habilidade naqueles barris que tinha dado a Ronnie Sinclair sua terra e a oficina, apesar de sua personalidade antipática; nem todo tanoeiro conhecia o truque de chamuscar o interior de um barril de carvalho para dar-lhe uma bela cor amarelada e um sabor defumado forte ao uísque que envelhecia lentamente dentro dele.

– Venha aqui, querida. Quero ver seus olhos. – Lizzie obediamente arregalou os olhos e me deixou puxar a pálpebra inferior para ver a esclera.

A menina ainda estava muito magra, mas o tom amarelado da icterícia sumia de sua pele e os olhos estavam quase brancos de novo. Passei os dedos com gentileza em seu queixo e por baixo dele; as glândulas linfáticas estavam só um pouco inchadas – isso era melhor, também.

– Está se sentindo bem? – perguntei. Ela sorriu com timidez e assentiu. Era a primeira vez que saía do casebre desde sua chegada com Ian três semanas antes; ainda estava fraca como um bezerro recém-nascido. Infusões frequentes de cinchona tinham ajudado, no entanto; na última semana, não tivera mais acessos febris, e eu tinha esperança de limpar o revestimento do fígado em breve.

– Sra. Fraser? – disse ela, e eu me sobressaltei, assustada por ouvi-la falar. Ela era tão tímida que raramente conseguia dizer alguma coisa para mim ou para Jamie diretamente; murmurava as coisas de que precisava para Brianna, que as transmitia a mim.

– Sim, querida?

– Eu... eu ouvi o que o tanoeiro disse... a respeito de que o Sr. Fraser mandou perguntar sobre o namorado da senhorita Brianna. Eu queria saber... – Ela parou de falar, tomada pela timidez, e corou levemente.

– Sim?

– A senhora acha que ele poderia perguntar sobre meu pai? – As palavras foram ditas depressa e ela corou ainda mais.

– Ah, Lizzie! Desculpe! – Brianna, depois de terminar de levar os barris, aproximou-se e abraçou a criada. – Eu não tinha esquecido, mas também não pensei em perguntar. Só um minuto. Vou dizer ao Sr. Sinclair. – Remexendo as saias, ela caminhou para dentro da oficina do tanoeiro.

– Seu pai? – perguntei. – Você o perdeu?

A menina assentiu, contraindo os lábios para impedi-los de tremer.

– Ele partiu como servo, mas não sei para onde; só sei que deve ter ido para as colônias do sul.

Bem, isso limitava a busca a centenas de milhares de quilômetros, pensei. Ainda assim, não haveria problema em pedir a Ronnie Sinclair para avisar as pessoas. Jornais e outros informativos impressos eram escassos no sul; a maioria das notícias ainda era passada pelo boca a boca, em oficinas e tavernas, ou por escravos e servos entre as propriedades.

Pensar em jornais me deu uma sensação ruim. Ainda assim, sete anos parecia uma distância muito confortável – e Brianna deveria estar certa: se a casa estava fadada a se incendiar no dia 21 de janeiro ou não, certamente seria possível para nós não estarmos lá nesse dia.

Brianna apareceu, um tanto corada, subiu na carroça e pegou as rédeas, esperando impaciente por nós.

Ian, ao ver seu rosto vermelho, franziu o cenho e olhou na direção da oficina do tanoeiro.

– O que foi, prima? Aquele homem disse algo descortês a você? – Ele flexionou as mãos, quase tão grandes quanto as de Sinclair.

– Não – disse ela, tensa. – Não disse nada. Estamos prontos para partir?

Ian pegou Lizzie no colo e a colocou na cama da carroça, e então estendeu a mão e me ajudou a sentar ao lado de Brianna. Olhou para as rédeas nas mãos da prima; ele lhe havia ensinado a conduzir as mulas e se orgulhou muito de sua habilidade.

– Fique atenta a esse lado – disse ele a ela. – O animal não vai puxar a carga se você não tocá-lo de vez em quando com um golpe na anca.

Ele se acomodou com Lizzie e nós partimos pela estrada. Eu ouvi as histórias que ele contava a ela, e as risadinhas que ela dava. Sendo o filho mais novo de sua família, Ian se encantou com Lizzie e a tratava como uma irmã mais nova, fazendo brincadeiras e também provocando-a.

Olhei sobre o ombro para a oficina do tanoeiro e então para Brianna.

– O que ele fez? – perguntei baixinho.

– Nada. Eu o interrompi. – Seu rosto corou ainda mais.

– Que diabos ele estava fazendo?

– Fazia desenhos em uma tábua de madeira – disse ela, e mordeu o lado interno da boca. – De mulheres nuas.

Eu ri, chocada e também por achar graça.

– Bem, ele não tem esposa, e provavelmente não terá; as mulheres são muito escassas na colônia de modo geral, e ainda mais aqui em cima. Acho que não podemos julgá-lo.

Senti uma onda repentina de empatia por Ronnie Sinclair. Ele vivia sozinho havia muito tempo, afinal. Sua esposa morrera na época terrível depois da Batalha de Culloden e ele próprio havia passado mais de dez anos na prisão até ser transportado para as colônias. Se fizera conexões aqui, não tinham durado; era um homem solitário e, de repente, vi seu interesse em fofocas e o olhar faminto – até mesmo o fato de usar Brianna para sua inspiração artística – de um modo diferente. Eu sabia como era se sentir sozinho.

O embaraço de Brianna havia desaparecido e ela assoviava baixinho, inclinada distraidamente sobre as rédeas – uma música dos Beatles, pensei, apesar de nunca saber de qual grupo popular eram as canções.

A ideia tomou minha mente: se Roger não voltasse, ela não ficaria sozinha por muito tempo, nem aqui, nem quando voltasse ao futuro. Mas essa ideia era ridícula. Ele *voltaria*. E se não voltasse...

Uma ideia que eu estava tentando manter afastada passou por minhas defesas e apareceu em minha mente com força total. *E se ele tivesse decidido não vir?* Eu sabia que eles tinham discutido, apesar de Brianna não ter contado nada. Será que ele ficara tão irado a ponto de voltar sem ela?

Eu achava que a possibilidade também havia ocorrido a Brianna; ela havia parado de falar muito sobre Roger, mas eu via o brilho de ansiedade em seus olhos sempre que Clarence berrava para anunciar a chegada de alguém, e o via desaparecer sempre que ela via que era um dos conhecidos de Jamie ou algum dos amigos Tuscaroras de Ian que havia chegado.

– Depressa, sua lerda – murmurei baixinho. Brianna percebeu e bateu as rédeas depressa na anca esquerda da mula.

– Vamos! – gritou ela, e a carroça avançou depressa, em direção a casa.

– Não chega perto das bebidas de Leoch – disse Jamie, mexendo o caldeirão improvisado à beira da pequena clareira. – Mas produz uísque... de algum tipo.

Apesar de sua modéstia, Brianna viu que ele sentia orgulho da destilaria. Ficava a quase 5 quilômetros da cabana, localizada – como ele explicou – perto da casa de Fergus, de modo que Marsali pudesse subir várias vezes ao dia para supervisionar a operação. Como pagamento por esse serviço, ela e Fergus recebiam uma parte um pouco maior do uísque do que os outros agricultores na cordilheira, que forneciam a cevada e ajudavam na distribuição da bebida.

– Não, querido, você não quer comer essa coisinha nojenta – disse Marsali com firmeza.

Segurou o braço do filho e começou a abrir os dedos dele um a um, num esforço de libertar o inseto grande que o menino obviamente *queria* comer.

– Eca! – Marsali derrubou a barata no chão e pisou nela.

Germaine, um menino forte e rechonchudo, não chorou a perda, mas olhou por baixo da franja loura com raiva. A barata, sem se abalar com o tratamento hostil, ergueu-se das folhas amassadas e partiu, caminhando com pouca dificuldade.

– Ah, acho que não faria mal a ele – disse Ian, divertindo-se. – Eu já comi algumas vezes, com os índios. Mas os gafanhotos são melhores, principalmente os defumados.

Marsali e Brianna se enojaram, e Ian abriu um sorriso ainda maior. Pegou outro saco de cevada e despejou uma camada grossa dentro do cesto. Mais duas baratas, repentinamente expostas à luz do dia, subiram como loucas pela lateral do cesto, caíram no chão e se afastaram, desaparecendo por baixo dos grãos.

– Não, eu disse! – Marsali segurava a gola da camisa de Germaine com força, impedindo suas tentativas insistentes de segui-las. – Fique aqui, seu pestinha. Ou também quer ser defumado? – A fumaça transparente podia ser vista passando pelas frestas da plataforma de madeira, permeando a pequena clareira com o cheiro de grãos assados. Brianna sentiu o estômago roncar; já estava quase na hora da janta.

– Talvez você devesse deixá-las entrar – sugeriu, brincando. – Baratas defumadas podem dar um sabor bom ao uísque.

– Duvido que elas o alterassem – concordou seu pai, aproximando-se por trás. Secou o rosto com um lenço, olhou para ele e fez uma careta para as manchas que viu, mas o enfiou na manga da blusa. – Tudo bem, Ian?

– Sim, tudo. Só um saco está totalmente perdido, tio Jamie. – Ian ergueu a bandeja de cevada e deu um chute num saco deixado de lado, no qual dava para ver o bolor verde e preto indicando que a umidade havia apodrecido seu conteúdo. Mais dois sacos foram abertos, a parte de cima foi retirada e colocada num canto do chão.

– Então vamos terminar – disse Jamie. – Estou morrendo de fome. – Ele e Ian pegaram um saco de estopa cada um e espalharam a cevada fresca em uma camada grossa sobre um espaço limpo da plataforma, usando uma pá de madeira para achatar e virar os grãos.

– Quanto tempo demora? – Brianna espiou por cima da borda da bacia onde Marsali mexia os grãos fermentados da última

defumação. A mistura havia começado a dar certo; só se sentia um leve cheiro de álcool no ar.

– Ah, vai depender um pouco do clima. – Marsali olhou para cima. Era fim de tarde e o céu havia começado a escurecer, ganhando um tom azul profundo, com leves nuvens brancas flutuando no horizonte. – Apesar de estar limpo, acho... Germaine! – O traseiro de Germaine era a única parte visível do seu corpo, pois o tronco havia desaparecido sob um tronco.

– Vou pegá-lo. – Brianna deu três passos rápidos atravessando a clareira e o pegou. Germaine protestou, muito bravo, diante daquela interferência indesejada, e começou a dar chutes, acertando os calcanhares contra as pernas dela.

– Ai! – Brianna o colocou no chão, esfregando a coxa com uma das mãos.

Marsali emitiu um som de incredulidade e soltou a concha.

– *Agora* o que você aprontou, sua peste? – Germaine, por ter aprendido com experiências anteriores, enfiou sua mais nova aquisição na boca e engoliu convulsivamente. Ficou roxo na mesma hora e começou a engasgar.

Gritando, Marsali caiu de joelhos e tentou abrir a boca do garoto. Germaine engasgou, gemeu e caiu para trás, balançando a cabeça. Arregalou os olhos azuis, uma linha fina de baba descendo pelo queixo.

– Pronto! – Brianna segurou o menino pelo braço, puxou as costas dele contra ela e, com as duas mãos em cima da barriga dele, fez um movimento para trás.

Germaine gemeu alto e algo pequeno e redondo saiu de sua boca. Ele engasgou, puxou o ar, respirou fundo e começou a tossir, e o rosto passou do roxo ao vermelho mais saudável em poucos segundos.

– Ele está bem? – Jamie olhou com ansiedade para o menino, que estava chorando nos braços da mãe, e então, satisfeito, olhou para Brianna. – Foi muito rápida, moça. Bom trabalho.

– Obrigada. Eu... obrigada. Que bom que deu certo.

Brianna estava um pouco trêmula. Segundos. Não passara de poucos segundos. Da vida à morte e de volta. Jamie tocou o braço dela, apertando depressa, e ela se sentiu um pouco melhor.

– Melhor levar o menino para casa – disse ele a Marsali. – Sirva-lhe o jantar e o coloque na cama. Vamos terminar aqui.

Marsali assentiu, abalada. Afastou uma mecha de cabelos claros dos olhos e sorriu para Brianna.

– Obrigada, cunhada.

Brianna sentiu uma sensação surpreendente de prazer ao ouvir aquilo. Sorriu de volta para Marsali.

– Que bom que ele está bem.

Marsali pegou a bolsa do chão e, meneando a cabeça para Jamie, virou-se e desceu o caminho íngreme com o bebê nos braços, as mãozinhas gordinhas e cerradas de Germaine segurando seus cabelos.

– Foi um bom trabalho, prima. – Ian havia terminado de espalhar os grãos e desceu da plataforma para parabenizá-la. – Onde aprendeu a fazer isso?

– Com minha mãe.

Ian assentiu, parecendo impressionado. Jamie se inclinou, procurando no chão perto dali.

– O que foi que o rapazinho engoliu?

– Isto. – Brianna viu o objeto, meio enterrado entre as folhas caídas, e o puxou. – Parece um botão. – O objeto era um círculo torto, entalhado na madeira, mas sem dúvida um botão, com um talo comprido e furos para a linha passar.

– Deixe-me ver. – Jamie estendeu a mão e ela colocou o botão nela.

– Não perdeu nenhum botão, Ian? – perguntou Jamie, franzindo o cenho para o pequeno objeto em sua mão.

Ian olhou por cima do ombro de Jamie e balançou a cabeça.

– Talvez seja de Fergus – sugeriu.

– Talvez, mas acho que não. Nosso Fergus é janota demais para usar algo assim. Todos os botões do seu casaco são feitos de osso polido. – Balançou a cabeça devagar, ainda franzindo o cenho, e então deu de ombros.

Pegando a bolsa de couro, colocou o botão dentro dela antes de prendê-la na cintura.

– Ah, bem. Vou perguntar por aí. Pode terminar aqui, Ian? Não falta muita coisa para fazer. – Ele sorriu para Brianna e meneou a

cabeça na direção do caminho. – Venha, moça, vamos perguntar na casa dos Lindseys na volta para nossa casa.

No entanto, Kenny Lindsey não estava em casa.

– Duncan Innes veio buscá-lo não faz nem uma hora – disse a Sra. Lindsey, protegendo os olhos do sol na porta da casa. – Sem dúvida eles estarão em sua casa em breve. Você e sua menina querem entrar, *Mac Dubh*, e tomar alguma coisa?

– Ah, não, obrigado, Sra. Lindsey. Minha esposa deve estar a nossa espera com o jantar. Mas talvez a senhora possa me dizer se este botão é do casaco de Kenny.

A Sra. Lindsey olhou para o botão na mão dele e balançou a cabeça.

– Não. Acabei de costurar um conjunto novo de botões para ele, feitos de ossos de veado. As coisas mais lindas que já vi – disse ela, com orgulho do asseio do marido. – Cada um deles tem uma carinha, como um sorriso, e um é diferente do outro!

Ela olhou para Brianna com curiosidade.

– Tem o irmão de Kenny também – disse ela. – Com um bom lugar perto de Cross Creek, 10 hectares de tabaco e um bom riacho passando pela propriedade. Ele irá à reunião no monte Hélicon; talvez queira ir até lá, *Mac Dubh*?

Jamie balançou a cabeça, sorrindo para a indireta. Havia poucas mulheres disponíveis na colônia e, apesar de ele ter dito que Brianna já estava prometida, as tentativas de união não tinham parado.

– Receio que não este ano, Sra. Lindsey. Talvez no próximo, mas não posso perder tempo agora.

Despediram-se com educação e se voltaram para o caminho de casa, com o sol se pondo atrás deles e lançando sombras compridas no caminho à frente.

– Você acha o botão importante? – perguntou Brianna, curiosa.

Jamie deu de ombros levemente. Uma brisa leve soprou seus cabelos no topo da cabeça, mas não venceu o pedaço de couro que os mantinha puxados para trás.

– Não sei. Pode ser que não seja nada, mas também pode ser algo. Sua mãe me contou o que Ronnie Sinclair disse a respeito do homem em Cross Creek, perguntando a respeito do uísque.

– Hodgepile? – Brianna sorriu ao dizer o nome. Jamie sorriu ligeiramente de volta, mas ficou sério de novo.

– Sim. Se o botão pertencer a alguém da Cordilheira, eles sabem bem onde o local de produção fica e podem parar para olhar sem causar problemas. Mas se for um desconhecido... – Ele olhou para ela e deu de ombros de novo. – Não é tão fácil um homem passar despercebido aqui, a menos que esteja escondendo um propósito. Um homem que viesse por qualquer motivo inocente pararia em uma casa para comer e beber, e eu saberia disso no mesmo dia. Mas não houve nada assim. Também não seria um índio. Eles não usam botões em suas roupas.

Uma rajada de vento soprou erguendo folhas marrons e amarelas, e eles se viraram para subir o monte, em direção à cabana. Caminharam quase em silêncio total, afetados pelo silêncio crescente da mata; os pássaros ainda cantavam suas canções de início de noite, mas as sombras se estendiam sob as árvores. O monte do lado norte da montanha do outro lado do vale havia escurecido e silenciado enquanto o sol descia atrás dele.

A clareira da cabana ainda estava tomada pela luz do sol, que passava filtrada pelas folhas das noqueiras. Claire estava no jardim, com uma bacia apoiada no quadril, colhendo feijões. Seu corpo esguio estava envolto pela luz do sol, os cabelos formando uma grande auréola dourada.

– Innisfree – disse Brianna involuntariamente, parando ao ver a cena.

– Innisfree? – Jamie olhou para ela, perplexo.

Ela hesitou, mas não havia como explicar.

– É um poema, ou parte de um. Meu pai sempre o dizia quando chegava em casa e via a mamãe em seu jardim... ele dizia que ela moraria no jardim, se pudesse. Costumava brincar dizendo que ela nos deixaria um dia e encontraria um lugar onde pudesse morar sozinha, com nada além de plantas.

– Ah. – O rosto de Jamie estava calmo, a expressão tranquila sob a luz fraca. – Como é o poema?

Ela sentiu um leve aperto no coração ao recitá-lo:

*“Vou me levantar e partir agora, a Innisfree,
e a uma cabana construída lá, de barro e palha:*

terei nove carreiras de feijão lá, uma colmeia para o mel.

E viverei sozinho no campo cheio de abelhas.”

As grossas sobrancelhas ruivas se uniram, brilhando ao sol.

– Um poema, certo? E onde fica Innisfree?

– Talvez na Irlanda. Ele era irlandês – explicou. – O poeta. – A colmeia de abelhas permanecia sobre as pedras à beira da mata.

– Ah.

Pontinhos dourados e pretos passavam por eles no ar tomado pelas abelhas que vinham dos campos. Seu pai não fez nenhum movimento para avançar, mas ficou parado ao lado dela, observando sua mãe pegar os feijões pretos e dourados entre as folhas.

Não sozinha, afinal, ela pensou. Mas o leve aperto permaneceu em seu peito, não exatamente uma dor.

Kenny Lindsey tomou um gole de uísque, fechou os olhos e rolou o líquido pela língua como um provador. Parou, franzindo o cenho, concentrado, então engoliu o líquido com um gole forte.

– Nossa! – Respirou fundo, tremendo. – Cristo – disse com a voz rouca. – É de arrancar as tripas!

Jamie sorriu com o elogio e serviu mais uma dose, entregando-a a Duncan.

– Sim, está melhor do que a última – concordou, cheirando com cuidado e analisando a própria bebida. – Esta não tira a pele da língua... quase.

Lindsey secou a boca com as costas da mão, assentindo.

– Bem, vai achar um bom comprador. Woolam quer um barril. Vai durar um ano, do jeito que os quacres bebem.

– Vocês negociaram um preço?

Lindsey assentiu, cheirando o prato de pão de aveia e aperitivos que Lizzie havia colocado à sua frente.

– Cinquenta quilos de cevada pelo barril; mais um, se você dividir o uísque com ele.

– Justo. – Jamie pegou um pão de aveia e mastigou distraidamente por um momento. Então ergueu uma sobrancelha

para Duncan, sentado do outro lado da mesa. – Pode perguntar a MacLeod, em Naylor's Creek, se ele nos faria a mesma oferta? Vai passar por lá no caminho de casa, não é?

Duncan assentiu, mastigando, e Jamie levantou o copo para mim num brinde silencioso em comemoração. A oferta de Woolam era de um total de 400 quilos de cevada. Mais do que o total excedente de todos os campos na cordilheira: a matéria-prima para o uísque do ano seguinte.

– Um barril para cada casa na cordilheira, dois para Fergus... – Jamie levou a mão distraidamente ao lóbulo da orelha, calculando. – Dois, talvez, para Nacognaweto, um reservado para envelhecer. Sim, podemos deixar cerca de doze barris para a reunião, Duncan.

A vinda de Duncan fora oportuna. Apesar de Jamie ter conseguido manter a primeira safra uísque do ano para os moravianos em Salem, para a compra de ferramentas, roupas e outras coisas de primeira necessidade, não havia dúvida de que os escoceses abastados do cabo Fear seriam um mercado melhor.

Não poderíamos passar tempo suficiente longe de casa para fazer a viagem de uma semana a monte Hélicon, mas se Duncan pudesse levar o uísque e vendê-lo... Já estava fazendo listas em minha mente. Todo mundo levava coisas para vender na reunião. Lã, tecidos, ferramentas, alimentos, animais... eu precisava urgentemente de uma pequena chaleira de cobre e seis rolos de musselina para roupas, e...

– Você acha que deveria dar álcool aos índios? – A pergunta de Brianna me tirou de meus pensamentos.

– Por que não? – perguntou Lindsey, reprovando a intrusão. – Afinal, não vamos *dar* a eles, moça. Eles têm pouca prata, mas pagam em peles... e pagam bem.

Brianna olhou para mim em busca de apoio, e então para Jamie.

– Mas os índios não... quero dizer, eu soube que eles não toleram álcool.

Os três homens olharam para ela sem compreender, e Duncan olhou para o próprio copo, virando-o na mão.

– Tolerar?

Ela pareceu contrariada.

– Quero dizer que eles se embriagam depressa.

Lindsey olhou dentro do copo, e então para ela, passando a mão pela cabeça careca.

– O que você quer dizer, moça? – perguntou ele, mais ou menos educado.

Brianna contraiu os lábios e então relaxou.

– *Quero dizer* que parece errado incentivar as pessoas a beber, pessoas que não conseguem parar quando começam. – Ela olhou para mim, um pouco sem saber o que fazer. Balancei a cabeça.

– “Alcóolatra” ainda não é uma palavra conhecida – expliquei. – Não é uma doença ainda, só falha de caráter.

Jamie olhou para ela sem entender.

– Bem, digo uma coisa, moça – disse ele –, já vi muitos bêbados na vida, mas nunca vi uma garrafa saltar de uma mesa e virar seu conteúdo garganta abaixo de ninguém.

As pessoas resmungaram concordando e beberam de novo para acompanhar a mudança de assunto.

– Hodgepile? Não, não vi o homem, mas acredito que ouvi esse nome. – Duncan tomou o resto da bebida e apoiou o copo na mesa. – Quer que eu pergunte na reunião?

Jamie assentiu e pegou mais um pão de aveia.

– Sim, se puder, Duncan.

Lizzie estava curvada sobre o fogo, mexendo o ensopado para o jantar. Vi seus ombros tensos, mas ela era tímida demais para falar na frente de tantos homens. Brianna não tinha tais inibições.

– Também tenho uma pergunta sobre alguém, Sr. Innes. – Ela se inclinou sobre a mesa na sua direção, os olhos fixos nos dele. – Pode perguntar se sabem de um homem chamado Roger Wakefield? Por favor?

– Sim, claro, farei isso. – Duncan ficou corado com a proximidade dos seios de Brianna e, confuso, bebeu o resto do uísque de Kenny. – Tem mais alguma coisa que eu possa fazer?

– Sim – disse eu, colocando um copo limpo na frente de Lindsey. – Já que vai perguntar sobre Hodgepile e sobre o rapaz de Bree, poderia perguntar sobre um homem chamado Joseph Wemyss? Ele é um servo. – Pelo canto dos olhos, vi os ombros magros de Lizzie relaxarem de alívio.

Duncan assentiu, recomposto quando Brianna entrou na despensa para pegar manteiga. Kenny Lindsey olhou para ela, interessado.

– Bree? É assim que a senhora chama sua filha? – perguntou ele.

– Sim. Por quê?

Lindsey sorriu brevemente. Então olhou para Jamie, tossiu e escondeu o sorriso atrás do copo.

– É uma palavra escocesa, Sassenach – disse Jamie, sorrindo também. – Uma *bree* é uma grande perturbação.

CONVERSA DE TRÊS LADOS

Outubro de 1769

O impacto reverberou por seus braços. Com um ritmo obtido com muito tempo de prática, Jamie soltou a ponta do machado, lançou-o para trás e o desceu de novo na casca da árvore, espalhando pedaços de madeira. Trocou o pé no tronco e bateu de novo, e a lâmina do machado parou a apenas 5 centímetros dos seus dedos.

Ele poderia ter mandado Ian cortar a lenha e sair para buscar farinha na pequena moenda, mas o rapaz merecia o prazer de visitar as três filhas solteiras de Woolam, que trabalhavam com o pai. Eram garotas quacres, que se vestiam de modo recatado, mas eram cheias de vida e tinham o rosto bonito, e gostavam muito de Ian, revezando-se na oferta de cerveja e tortas de carne quando ele chegava.

Era bem melhor que o rapaz passasse seu tempo flertando com as quacres virtuosas do que com as moças índias de olhos escuros na cordilheira, pensou, sério. Não tinha se esquecido do que Myers dissera a respeito de índias que levavam homens para a cama quando queriam.

Ele havia enviado a pequena criada com Ian também, pensando que o ar do outono pudesse dar um pouco de cor a seu rosto. A menina era clara como Claire, mas com aquele tom azulado de leite azedo, não com o brilho da pele bonita de Claire, suave como a casca do álamo.

O tronco estava quase dividido; mais um golpe e um girar do machado e dois pedaços bons de madeira apareceram, com cheiro de resina. Ele os colocou na pilha cada vez maior de lenha ao lado da despensa, rolou mais meio tronco e o posicionou embaixo do pé.

A verdade era que ele gostava de cortar madeira. Bem diferente do trabalho cansativo que o deixava suado e com os pés frios de cortar turfas, mas com a mesma sensação de satisfação profunda ao ver uma boa pilha de combustível pronta, a sensação que só conhece quem já passou invernos tremendo, apenas com roupas finas. A pilha de lenha chegava quase ao telhado da casa, com pedaços secos de pinheiro e carvalho, nogueira e bordo, e vê-la aquecia seu coração tanto quanto a lenha esquentaria seu corpo.

Por falar em esquentar, era um dia quente para o final de outubro e sua camisa já grudava nos ombros. Passou a manga pelo rosto e analisou a mancha úmida de modo crítico.

Se ela se umedecesse, Brianna insistiria em lavá-la de novo, por mais que ele protestasse dizendo que o suor não era sujo. “Pff”, ela diria, com as narinas se abrindo em reprovação, enrugando o nariz comprido como uma fuinha. Ele rira alto na primeira vez que a vira fazendo isso, tanto de surpresa quanto por diversão.

Sua mãe havia morrido muito tempo antes, quando ele era criança, e apesar de se lembrar dela de vez em quando, pois ela aparecia em seus sonhos, ele havia substituído sua presença por imagens estáticas em sua mente. Mas ela dizia “Pff” para ele quando entrava suado, e enrugava o nariz comprido da mesma maneira – e ele se lembrou ao ver Brianna fazer aquilo.

Como o sangue era misterioso... como um pequeno gesto, um tom de voz, passava de gerações como algo palpável? Ele já tinha visto isso muitas vezes, observando as sobrinhas e os sobrinhos crescerem, e aceitou sem pensar os ecos de pais e avós que apareciam em momentos breves, a sombra de um rosto que voltava do passado... e desaparecia de novo no rosto do presente.

Mas agora que via aquilo em Brianna... ele podia observá-la por horas, pensou, e se lembrou da irmã, inclinada sobre cada um dos filhos recém-nascidos com fascinação. Talvez fosse por isso que os pais observavam seus filhos com tanto encanto; descobrindo todos os pequenos elos entre eles, que uniam as correntes da vida, de uma geração a outra.

Deu de ombros e tirou a camisa. Afinal, era sua casa; não havia ninguém para ver as marcas em suas costas, e ninguém se

importaria se visse. O ar estava frio em sua pele molhada, mas alguns golpes de machado fizeram o sangue pulsar de novo.

Ele amava os filhos de Jenny profundamente – principalmente Ian, cuja mistura de ingenuidade e coragem atrevida fazia com que ele se lembrasse de si mesmo naquela idade. Eles eram sangue dele, afinal. Mas Brianna...

Brianna era seu sangue também, e sua carne. Uma promessa não expressada cumprida pelos próprios pais: seu presente a Claire, e o dela a ele.

Não pela primeira vez, ele se pegou pensando em Frank Randall. E no que ele pensava ao segurar a filha de outro homem – e um homem que ele não tinha motivos para amar.

Talvez Randall tivesse sido um bom homem, pensando bem – por criar uma menina pela mãe dela, e não por si; para se alegrar apenas por ver a beleza de seu rosto, mas não seus traços refletidos ali. Ele se sentiu vagamente envergonhado e bateu com mais força para exorcizar a sensação.

Sua mente se preocupava totalmente com os pensamentos, e nem um pouco com as ações. Mas, enquanto ele o usava, o machado se tornava uma parte de seu corpo, assim como os braços que o seguravam. Assim como uma mudança no movimento do pulso ou do cotovelo o teria alertado do perigo instantaneamente, uma leve vibração, uma mudança sutil no peso fez com que ele mudasse o movimento, e a cabeça solta do machado voou sem apresentar perigo pela clareira em vez de bater em seu pé vulnerável.

– *Deo gratias* – disse, com menos gratidão do que as palavras indicavam. Ele se benzeu e foi pegar o pedaço de metal. Maldito tempo seco; não chovia havia quase um mês, e o cabo encolhido do machado era menos preocupante do que as plantas murchas do jardim de Claire perto da casa.

Olhou para o poço por cavar, dando de ombros, irritado. Outra coisa que deveria ser feita, para a qual não havia tempo. Teria que esperar um pouco; eles poderiam pegar água do riacho ou derreter neve, mas, sem madeira para queimar, morreriam de fome ou de frio, ou dos dois.

A porta se abriu e Claire saiu, usando a capa para se proteger do frio do outono, o cesto em um dos braços. Brianna estava atrás dela, e, tão logo as viu, ele se esqueceu de sua irritação.

– O que você fez? – perguntou Claire ao vê-lo com a lâmina do machado na mão. Ela o observou depressa, à procura de sangue.

– Nada, estou inteiro. É só que preciso consertar o cabo. Vocês vão buscar alimentos? – perguntou ele, indicando o cesto de Claire com a cabeça.

– Pensei em subirmos o rio para procurar cogumelos.

– É? Não vão muito longe, está bem? Há índios caçando na montanha. Senti o cheiro deles na cordilheira hoje cedo.

– Você sentiu o cheiro deles? – perguntou Brianna.

Uma sobrancelha ruiva se ergueu de modo questionador. Ele viu Claire olhar de Brianna para ele e sorrir levemente para si mesma; era outro dos gestos dele. Ergueu uma sobrancelha, olhou para Claire e viu seu sorriso aumentar ainda mais.

– É outono, e eles estão secando carne de veado – explicou a Brianna. – Dá para sentir o cheiro de longe, se o vento soprar a favor.

– Não iremos longe – disse-lhe Claire. – Um pouco além do lago das trutas.

– Sim, bem, acho que é seguro. – Ele sentiu certa relutância em deixar as duas partirem, mas não podia mantê-las dentro de casa só porque havia selvagens por perto. Os índios estavam, sem dúvida, ocupados como ele, cuidando dos preparativos para o inverno.

Se ele soubesse com certeza que era o povo de Nacognaweto, não se preocuparia, mas os grupos de caça percorriam grandes distâncias, e poderiam ser os Cherokees, ou a pequena tribo que dizia ser o Povo dos Cães. Havia apenas mais um vilarejo, e eles desconfiavam muito de desconhecidos brancos... não sem motivo.

Brianna olhou para o peito nu dele por um momento, para o pequeno nó da pele com cicatriz, mas não demonstrou nojo nem curiosidade, tampouco quando pousou a mão brevemente no ombro dele para lhe dar um beijo de despedida, apesar de ele saber que ela devia sentir os ferimentos cicatrizados com os dedos.

Ele acreditava que Claire havia contado a ela tudo sobre Jack Randall e os dias anteriores à Revolta. Ou talvez nem tanto. Um

arrepio que nada tinha a ver com frio percorreu sua espinha e ele deu um passo para trás, longe do toque dela, apesar de ainda sorrir.

– Tem pão no armário, e um pouco de ensopado na panela para você, Ian e Lizzie. – Claire esticou a mão e tirou uma farpa de madeira dos seus cabelos. – Não coma o mingau da despensa: é para o jantar.

Ele segurou a mão dela e beijou os nós de seus dedos levemente. Ela pareceu surpresa e corou um pouco. Ficou na ponta dos pés, beijou os lábios dele e se apressou para alcançar Brianna, que já estava à beira da clareira.

– Cuidado! – disse ele. Elas acenaram e desapareceram na mata, deixando-o com beijos no rosto.

– *Deo gratias* – murmurou de novo, observando as duas, e dessa vez disse com grande gratidão. Esperou até a capa de Brianna desaparecer totalmente antes de voltar ao trabalho.

Sentou-se no tronco, com um punhado de pregos de cabeça quadrada no chão ao lado dele, e os enfiou um de cada vez na ponta do cabo do machado com um pequeno malho. A madeira seca se dividiu e abriu, mas, mantida pela cabeça de ferro do machado, não lascou.

Virou a cabeça e, ao ver que ela estava firme, ficou de pé e desceu o machado com um golpe forte no tronco, para testar. Segurou bem.

Estava com frio agora, pois havia parado, e voltou a vestir a camisa. Também sentia fome, mas esperaria um pouco pelos mais jovens. Mesmo sendo provável que eles já tivessem se empanturrado, pensou com cinismo. Conseguia sentir o cheiro das tortas de carne que Sarah Woolam fazia, o odor forte dançando em sua lembrança em meio aos cheiros de folhas mortas e terra molhada do outono.

Continuou a pensar nas tortas de carne enquanto trabalhava, e também pensou no inverno. Os índios diziam que seria duro esse inverno, não como o último. Como seria caçar na neve funda? Nevava na Escócia, claro, mas normalmente o chão ficava com uma

camada pequena e os caminhos abertos pelos veados não eram cobertos nas encostas das montanhas.

O último inverno tinha sido assim. Mas a floresta era propensa a extremos. Ele já tinha ouvido histórias de nevascas com cerca de 1,80 metro de profundidade, vales nos quais um homem podia se afundar e gelo tão denso nos riachos que um urso podia atravessar. Sorriu com seriedade, pensando nos ursos. Bem, haveria comida para o inverno todo se ele conseguisse matar mais um, e a pele também seria aproveitada.

Seus pensamentos sumiram lentamente no ritmo do trabalho e uma parte de sua mente foi ocupada pela letra de “Papai foi à Caça”: a outra foi tomada pela imagem bem clara da pele alva de Claire contra a pele preta de um urso.

– “Papai foi à caça de pele com a qual embrulhar seu bebê” – murmurou desafinado, baixinho.

Ele se perguntou quanto Claire *dissera* a Brianna. Era estranho, apesar de agradável, o modo com que a conversa entre os três lados acontecia; ele e a moça ainda se sentiam um pouco tímidos um com o outro – e costumavam dizer as coisas mais pessoais a Claire, com a certeza de que ela transmitiria a mensagem principal; ela era a intérprete deles nessa nova e estranha língua do coração.

Por mais grato que se sentisse pelo milagre da presença da filha, queria fazer amor com a esposa em sua cama de novo. Estava esfriando demais para continuar fazendo no galpão de ervas ou na floresta – ainda que fosse obrigado a admitir que ficar nu sobre as folhas amarelas e enormes da nogueira tinha um certo charme, embora faltasse dignidade.

– Sim, bem – murmurou, sorrindo sozinho. – E desde quando um homem se preocupa com sua dignidade nessa hora?

Olhou para a pilha de troncos compridos de pinheiro que estava ao lado da clareira e então para o sol. Se lan voltasse logo, talvez eles cortassem mais uma dezena, aproximadamente, antes do pôr do sol.

Deixando o machado de lado por um momento, atravessou até a casa e começou a calcular com passos as dimensões do novo cômodo planejado para servir enquanto a casa grande estivesse sendo construída. Ela – Brianna –, era uma mulher adulta, que

deveria ter um espaço só seu, ela e a criada. E, se isso devolvesse a ele sua privacidade com Claire, melhor ainda, certo?

OuvIU sons leves entre as folhas secas no jardim, mas não se virou. Escutou uma tosse baixa atrás dele, como um esquilo espirrando.

– Sra. Lizzie – disse, ainda olhando para chão. – Você gostou do passeio? Acredito que encontrou todos os Woolams muito bem. – Onde estavam Ian e a carroça?, ele se perguntou. Não a ouvira na estrada mais além.

Ela não disse nada, mas emitiu um som que fez com que ele se virasse surpreso para olhá-la.

Ela estava pálida, assustada, parecia um ratinho branco. Não era incomum; ele sabia que a assustava com seu tamanho e com a voz grave. Então falou delicadamente com ela, devagar, como faria com um cãozinho maltratado:

– Sofreram um acidente, mocinha? Aconteceu alguma coisa com a carroça ou com os cavalos?

Ela balançou a cabeça, ainda sem nada dizer. Os olhos estavam quase redondos, cinzentos como a barra de sua roupa, e a ponta do nariz estava corada.

– Ian está bem? – Ele não queria perturbá-la ainda mais, mas começava a se assustar. *Alguma coisa* acontecera, com certeza.

– Estou bem, tio. Assim como os cavalos. – Silencioso como um índio, Ian apareceu na lateral da cabana. Posicionou-se ao lado de Lizzie, oferecendo a ela o apoio de sua presença, e ela segurou o braço dele como num reflexo.

Ele olhou para um e depois para outro; Ian estava calmo por fora, mas sua agitação por dentro era clara.

– O que aconteceu? – perguntou, com mais intensidade do que pretendia. O rapaz se retraiu.

– É melhor contar a ele – disse Ian. – Pode ser que não haja muito tempo. – Tocou o ombro dela em incentivo e ela pareceu conseguir força da mão dele: endireitou-se e levantou a cabeça.

– Eu... havia... eu vi um homem. No moinho, senhor.

Ela tentou falar mais, mas seu nervosismo não permitiu; posicionou a língua entre os dentes com esforço, mas não disse nada.

– Ela o conhecia, tio – disse Ian. Ele parecia perturbado, mas não receoso; exaltado, de modo nada familiar. – Ela já o viu... com Brianna.

– Sim? – Jamie tentou falar de modo que a incentivasse, mas os pelos de sua nuca estavam eriçados, com um mau pressentimento.

– Em Wilmington – disse Lizzie. – MacKenzie era o nome dele; ouvi um marinheiro chamá-lo assim.

Jamie olhou para Ian rapidamente, e este balançou a cabeça.

– Ele não disse de onde era, mas eu não conhecia ninguém de Leoch como ele. Eu o vi e ouvi falar; talvez ele seja um morador das Terras Altas, mas educado no sul, eu diria... um homem educado.

– E esse Sr. MacKenzie parecia conhecer minha filha? – perguntou Jamie. Lizzie assentiu, franzindo o cenho, concentrada.

– Ah, sim, senhor! E ela o conhecia também... sentia medo dele.

– Medo? Por quê? – perguntou ele de uma vez, e ela empalideceu, mas, agora que já tinha começado, as palavras saíram sem parar, e ainda tinha mais:

– Não sei, senhor. Mas ela ficou pálida quando o viu, senhor, e gritou. Então ela corou, empalideceu e corou de novo. Ah, ela estava muito chateada, qualquer um podia ver!

– O que ele fez?

– Bem... bem... nada. Ele se aproximou dela, segurou-a pelos braços e disse que ela tinha que ir com ele. Todo mundo no salão ficou olhando. Ela tentou se livrar, pálida, mas disse para mim que estava tudo bem, que eu deveria esperar e que ela voltaria. E... e então ela foi com ele.

Lizzie respirou depressa e secou a ponta do nariz, que começara a escorrer.

– E você a deixou ir?

A pequena criada se retraiu.

– Ah, eu sei que deveria ter ido atrás dela, senhor! – gritou ela, o rosto retorcido de tristeza. – Mas eu senti medo, senhor, que Deus me perdoe!

Com esforço, Jamie parou de franzir o rosto e falou do modo mais paciente que conseguiu:

– Bem, sim. E o que aconteceu depois?

– Ah, eu subi, como ela mandou, e me deitei na cama, rezando com todas as minhas forças!

– Nossa, isso ajudou muito, tenho certeza!

– Tio... – A voz de Ian estava suave, mas não fraca, e as sobrancelhas escuras se mantinham firmes. – Ela não passa de uma menina, tio. Fez o melhor que pôde.

Jamie passou a mão pela cabeça.

– Sim – disse ele. – Sim, sinto muito, moça; não pretendia repreendê-la. Mas pode continuar?

O rosto de Lizzie havia começado a corar.

– Ela... só voltou ao amanhecer. E... e...

Jamie não tinha mais muita paciência, e isso certamente estava claro em seu rosto.

– Senti o cheiro dele nela – sussurrou ela, em voz baixa, quase inaudível. – A... semente dele.

A onda de ira tomou conta dele inesperadamente, como um raio que atravessasse o peito e a barriga. Sentiu-se meio engasgado, mas tentou controlar tal ira.

– Ele dormiu com ela, então. Tem certeza disso?

Totalmente embaraçada com seu modo direto de falar, a pequena criada não conseguiu fazer nada além de assentir.

Lizzie torcia as mãos no tecido da roupa, deixando a saia toda amassada. Sua palidez foi substituída por um forte rubor; ela se parecia com um dos tomates de Claire. Não conseguia olhar para ele, mas abaixou a cabeça, olhando para o chão.

– Ah, senhor. Ela está grávida, não vê? Deve ter sido ele... ela era virgem antes de ele tomá-la. Ele foi atrás dela... e ela tem medo dele.

De repente, ele *conseguiu* ver, e sentiu os pelos dos braços e ombros arrepiados. A brisa do outono soprou fria por sua camisa e sua pele, e a ira se transformou em enjoo. Todas as coisas que vira e nas quais pensara, não permitindo que elas subissem à superfície de sua mente, agora unidas num padrão lógico.

O olhar dela, e o modo como ela agia: num momento, feliz; no outro, retraída, pensativa. E o brilho em seu rosto, que não era do

sol. Ele conhecia bem a aparência de uma mulher grávida; se a conhecesse antes, teria visto a mudança; mas na verdade...

Claire. Claire sabia. O pensamento lhe ocorreu, frio em sua certeza. Ela conhecia a filha, e era médica. Devia saber... e não havia contado a ele.

– Tem certeza disso? – O frio congelou sua ira. Ele a sentia presa no peito – um objeto perigoso que parecia apontar em todas as direções.

Lizzie assentiu, sem nada dizer, e corou mais ainda, se fosse possível.

– Sou a criada dela, senhor – sussurrou ela, olhando para o chão.

– Ela quer dizer que Brianna não menstrua há dois meses – disse Ian de modo casual. Por ser o mais jovem de uma família cheia de irmãs mais velhas, ele não se limitou à descrição de Lizzie. – Ela tem certeza.

– Eu... eu não teria dito nada, senhor – continuou ela. – Mas quando vi o homem...

– Você acha que ele veio buscá-la, tio? – interrompeu Ian. – Devemos impedi-lo, não? – O olhar de raiva estava claro agora, e ele corava.

Jamie respirou fundo e percebeu que estava segurando a respiração até então.

– Não sei – disse, surpreso com a calma em sua voz. Mal tivera tempo de assimilar a notícia, muito menos tirar conclusões, mas o rapaz estava certo: havia um perigo com o qual lidar.

Se aquele MacKenzie quisesse, ele poderia ter Brianna como esposa de acordo com a lei. A justiça não podia necessariamente forçar uma mulher a se casar com um estuprador, mas qualquer magistrado garantiria o direito de um homem a sua esposa e seu filho – independentemente dos sentimentos da esposa em relação à questão.

Os pais dele tinham se casado assim: fugiram e se esconderam nas montanhas até a mãe dele estar prestes a dar à luz, e seus irmãos foram forçados a aceitar o casamento malquisto. Um filho era permanente, um elo inegável entre um homem e uma mulher, e ele tinha motivos para saber disso.

Olhou na direção do caminho que vinha da floresta mais abaixo.

– Será que ele não está aqui, escondido? Os Woolams devem ter mostrado o caminho.

– Nãããooo – disse Ian, pensativo. – Acho que não. Pegamos o cavalo dele, sabe? – Ele sorriu para Lizzie, que riu em resposta.

– É mesmo? E o que pode impedir que ele pegue a carroça ou uma das mulas?

Ian sorriu ainda mais.

– Deixei Rollo dentro da carroça – disse. – Acho que ele vai embora, tio Jamie.

Jamie foi forçado a sorrir em resposta.

– Pensou rápido, Ian.

O rapaz deu de ombros com modéstia.

– Bem, eu não queria que o maldito nos pegasse desprevenidos. E apesar de eu não ter ouvido a prima Brianna falar sobre seu rapaz ultimamente... Wakefield, não? – Fez uma pausa. – Não acho que ela gostaria de ver esse MacKenzie. Principalmente se...

– Devo dizer que o Sr. Wakefield demorou muito – disse Jamie.

– Principalmente se... – Não era à toa que ela havia parado de esperar a vinda de Wakefield... assim que percebeu. Afinal, como uma mulher explicaria uma barriga grande a um homem que a deixara virgem?

Ele descerrou os punhos devagar e conscientemente. Haveria tempo de sobra para tudo isso mais tarde. Por enquanto, havia só uma coisa com que lidar.

– Pegue minhas pistolas na casa – disse, virando-se para Ian. – E você, mocinha... – Lançou a Lizzie algo que pretendia que fosse um sorriso e pegou o casaco que havia pendurado na beira do monte de lenha.

– Esconda-se aqui e espere pela sua senhora. Diga a minha esposa... diga a ela que saí para ajudar Fergus com a chaminé dele. E não diga nem uma palavra sobre isso para minha esposa ou minha filha... ou servirei suas entranhas no jantar. – Sua última ameaça foi dita de modo brincalhão, mas a menina empalideceu como se ele tivesse falado a sério.

Lizzie se sentou no tronco, os joelhos tremendo. Levou a mão à pequena medalha no pescoço, buscando conforto no metal frio. Observou o Sr. Fraser descer pelo caminho, ameaçador como um grande lobo vermelho. Sua sombra se estendia negra à frente dele e o sol do fim do outono o tocava como fogo.

A medalha em sua mão estava fria como gelo.

– Ah, mãe – murmurou ela muitas vezes. – Mãe abençoada, o que eu fiz?

MEIO A MEIO

As folhas de carvalho estavam secas e estalando sob os pés. Havia uma queda constante de folhas das nogueiras que se estendiam acima de onde elas estavam, uma chuva amarela e lenta que imitava a secura do chão.

– É verdade que os índios conseguem andar pela mata sem emitir som, ou isso é só algo que dizem para as meninas escoteiras? – Brianna chutou um pequeno monte de folhas secas de carvalho, fazendo com que voassem. Vestindo saias amplas e anáguas nas quais grudavam folhas e galhinhos, nós parecíamos uma manada de elefantes.

– Bem, eles não conseguem fazer isso em um tempo seco como este, a menos que pulem de galho em galho como chimpanzés. Com o tempo úmido, a coisa muda de figura – até mesmo *eu* consigo andar sem fazer barulho; o chão fica parecendo uma esponja.

Ergui as saias para evitar que elas resvasassem em um arbusto grande de sabugueiro e me abaixei para olhar para a fruta. Era vermelho-escura, mas ainda não tinha o tom preto que ganhava quando estava bem madura.

– Mais dois dias – eu disse. – Se fôssemos usá-la para remédio, nós a colheríamos agora. Mas quero fazer vinho, e secá-las, e para isso elas têm que ter muito açúcar, então esperamos até estarem prestes a cair dos galhos.

– Certo. Que monumento é este? – Brianna olhou ao redor e sorriu. – Não, não diga... é aquela rocha grande que parece aquelas da ilha de Páscoa.

– Muito bem – disse eu, contente. – Certo, porque não mudará com o tempo.

Ao chegarmos à beira de um pequeno riacho, nós nos separamos, andando lentamente pelos barrancos. Pedi a Brianna que colhesse agrião enquanto eu procurava orelhas-de-judas e outros cogumelos comestíveis.

Observei-a discretamente, mantendo um olho no chão e outro nela. Ela estava dentro do riacho com água até os joelhos e as saias erguidas, exibindo pernas compridas e torneadas, e caminhava devagar, os olhos atentos na água.

Havia alguma coisa errada... há dias. Primeiro, pensei que seu ar de tensão se devesse ao óbvio estresse da nova situação na qual se encontrava. Mas, nas últimas semanas, ela e Jamie haviam estabelecido um relacionamento que, apesar de ainda ser marcado pela timidez de ambas as partes, era cada vez mais caloroso. Eles estavam encantados um com o outro, e eu adorava vê-los juntos.

Ainda assim, alguma coisa a incomodava. Fazia três anos desde que eu a deixara – quatro desde que ela me deixara, para morar sozinha, e ela havia mudado: era uma mulher formada agora. Eu não conseguia mais entendê-la tão facilmente quanto antes. Ela tinha a mania de Jamie de esconder o sentimento forte atrás de uma máscara de calma, isso eu conhecia bem nos dois.

Em parte, eu havia decidido sair em busca de alimentos para ter uma desculpa para conversar com ela a sós; com Jamie, Ian e Lizzie na casa, e o tráfego constante de empregados e visitantes que vinham chamar Jamie, ter uma conversa em particular era impossível. E, se o que eu suspeitava fosse verdade, não era o tipo de conversa que eu pretendia ter perto de outras pessoas.

Quando meu cesto já estava cheio pela metade com orelhas-de-judas cor de laranja, Brianna apareceu molhada do riacho, com o cesto repleto de ramos grandes de agrião e de cavalinha.

Ela secou os pés na barra das anáguas e se aproximou de mim, que estava embaixo das enormes nogueiras. Entreguei-lhe o cantil de sidra e esperei até que ela bebesse.

– É o Roger? – perguntei sem preâmbulos.

Ela olhou para mim com olhos assustados e então vi seus ombros relaxarem.

– Estava pensando se você ainda conseguia fazer isso – disse ela.

– Isso o quê?

– Ler minha mente. Esperava que sim. – Seus lábios grossos estremeeceram, tentando sorrir.

– Acho que estou um pouco desacostumada – eu disse. – Mas me dê um momento. – Estiquei a mão e afastei seus cabelos do rosto. Ela olhou para mim, mas não fixou o olhar, devido à timidez. Um bacurau piou ao longe.

– Tudo bem, querida – disse eu baixinho. – De quanto tempo está?

O ar saiu de seus pulmões numa reação de alívio. Seu rosto relaxou.

– Dois meses.

Nesse momento, ela olhou em meus olhos e eu senti um leve choque de diferença, do tipo que vinha recebendo desde sua chegada. Antes, seu alívio era o de uma criança: um medo confidenciado, já meio apaziguado por saber que eu, de alguma forma, lidaria com ele. Mas agora era apenas o alívio de compartilhar um segredo insuportável; ela não esperava que eu remediasse as coisas. Saber que eu não poderia fazer nada, em nenhum caso, não me livrou da sensação irracional de perda.

Ela apertou minha mão, como se me reconfortasse, e então se sentou encostada em um tronco de árvore, estendendo as pernas à frente do corpo, os pés compridos e descalços.

– Você já sabia?

Eu me sentei ao lado dela com menos graciosidade.

– Acho que sim, mas eu não sabia que sabia, se é que isso faz sentido. – Olhando para ela agora, era claro: a leve palidez de sua pele e as alterações de sua cor, o olhar de retraimento. Eu havia notado, mas relacionara as mudanças à falta de familiaridade e ao cansaço, e também ao turbilhão de emoções na busca por mim, no encontro com Jamie, na preocupação com a doença de Lizzie, na preocupação com Roger.

Esta preocupação em especial ganhava nova dimensão.

– Ah, Jesus. Roger!

Ela assentiu, pálida sob a luz amarela filtrada da sombra das folhas da nogueira. Parecia ictérica, não sem motivo.

– Faz quase dois meses. Ele deveria estar aqui... a menos que algo tenha acontecido.

Minha mente estava ocupada fazendo cálculos.

– Dois meses, e agora estamos quase no início de novembro. – As folhas sob nós eram grossas e macias, amarelas e marrons, recém-caídas das árvores. Meu coração se acelerou no peito. – Bree... você tem que voltar.

– O quê? – Ela olhou para mim. – Voltar para onde?

– Para as pedras. – Balancei a mão. – Para a Escócia, e já!

Ela olhou para mim, franzindo o cenho.

– *Agora?* Para quê?

Respirei fundo, sentindo muitas emoções em conflito. Preocupação por ela, medo por Roger, um profundo pesar por Jamie, que teria de abrir mão dela de novo, tão cedo. E por mim.

– Dá para passar estando grávida. Sabemos disso porque eu passei com você. Mas querida... não pode fazer um bebê passar por aquilo... não pode. – Parei, impotente. – Você sabe como é. – Fazia três anos desde que eu atravessara as pedras, mas me lembrava muito bem da experiência.

Seus olhos ficaram escuros e seu rosto empalideceu de vez.

– Não pode atravessar com uma criança – repeti, tentando me controlar, pensar de modo lógico. – Seria como saltar das cataratas do Niágara com um bebê no colo. Você terá que voltar antes que ele nasça, ou...

Parei, fazendo cálculos.

– Já é quase novembro. Os navios não atravessam entre o fim de novembro e março. E você não pode esperar até março. Isso significaria fazer uma viagem de dois meses pelo Atlântico, com seis ou sete meses de gravidez. Se não desse à luz no navio, o que provavelmente mataria você, o bebê ou os dois, você ainda teria que percorrer 47 quilômetros até o círculo, e então fazer a passagem, e chegar ao outro lado... Brianna, não pode ser assim! Você precisa voltar agora, o mais depressa que conseguirmos.

– E se eu for agora... como terei certeza de que chegarei à época certa?

Ela falava baixinho, mas seus dedos faziam dobras no tecido da saia.

– Você... eu acho... bem, *eu* consegui – falei, meu pânico inicial começando a se tornar um pensamento racional.

– Você tinha o papai do outro lado. – Ela olhou para mim. – Independentemente de querer encontrá-lo ou não, você tinha sentimentos fortes por ele, ele a teria puxado. Ou me puxaria. Mas ele não está mais lá.

Seu rosto ficou tenso e então relaxou.

– Roger sabia... sabe... como fazer – corrigiu ela. – O livro de Geillis Duncan dizia que era possível usar pedras preciosas para atravessar, para proteção e direcionamento.

– Mas você e Roger estão só supondo! – rebati. – Assim como a maldita Geillie Duncan! Talvez vocês nem precisem de pedras preciosas, nem de um elo forte. Nos contos de fadas antigos, quando as pessoas entravam num reino de fadas e então voltavam, eram sempre duzentos anos. Se for o padrão, então...

– Você correria o risco para descobrir se não é? E não é... Geillie Duncan foi *mais longe* do que duzentos anos.

Ocorreu-me, um pouco tarde, que ela já havia pensado nisso tudo. Nada do que eu dizia era surpresa. E isso significava também que ela havia chegado à própria conclusão – que não envolvia pegar um navio de volta à Escócia.

Passei a mão entre as sobrancelhas, fazendo um esforço para me acalmar. Falar sobre Geillis havia trazido a minha mente outra lembrança, apesar de ser uma que eu tentara esquecer.

– Há outra maneira – falei, lutando para me acalmar. – Mais uma passagem, quero dizer. – Fica no Haiti, chamado Hispaniola agora. Na floresta, há pedras em um monte, mas a abertura, a passagem, fica por baixo, em uma caverna.

O ar da floresta estava frio, mas não foram as sombras que fizeram minha pele se arrepiar. Esfreguei os braços, tentando acalmar o arrepio. Eu teria apagado todas as lembranças da caverna de Abandawe, já tinha tentado, mas não era um lugar fácil de esquecer.

– Você já esteve lá? – Ela se inclinou, interessada.

– Sim, é um lugar horroroso. Mas as Índias são bem mais próximas do que a Escócia, e os navios navegam entre Charleston e a Jamaica quase o ano todo. – Respirei fundo, sentindo-me um

pouco melhor. – Não seria fácil passar pela floresta, mas você ganharia um pouco de tempo, o suficiente para encontrarmos Roger. – Se ele ainda pudesse ser encontrado, pensei, mas não disse. Eu lidaria com esse medo mais tarde.

Uma das folhas de noqueira desceu girando e caiu no colo de Brianna, um amarelo vívido contra o tecido marrom, e ela a pegou, alisando a superfície cerosa distraidamente com o polegar. Ela olhou para mim, os olhos azuis atentos.

– Esse lugar funciona como o outro?

– Não sei como nenhum deles funciona! Parecia diferente, um som de sino, e não um zunido. Mas era uma passagem, sim.

– Você esteve lá – disse ela lentamente, olhando para mim com o cenho franzido. – Por quê? Você quis voltar? Depois de... tê-lo encontrado? – Ainda havia uma certa hesitação na voz dela; não conseguia se referir a Jamie como “meu pai”.

– Não. Teve a ver com Geillis Duncan. Ela o encontrou.

Brianna arregalou os olhos.

– Ela está *aqui*?

– Não. Ela morreu.

Respirei fundo, sentindo o choque de uma batida de machado subir pelo meu braço. Às vezes, eu pensava em Geillis, quando estava sozinha na floresta. Às vezes, eu acreditava ouvir sua voz atrás de mim, e me virava depressa, mas não via nada além dos galhos das árvores balançando ao vento. Mas, de vez em quando, sentia os olhos dela, verdes e claros como a madeira na primavera.

– Bem morta – eu disse com firmeza, e mudei de assunto: – Como foi que isso aconteceu?

Não havia como fingir não saber sobre o que eu estava falando. Ela olhou para mim de modo direto, erguendo uma sobrancelha.

– Você é a médica. Quantos modos existem?

Devolvi o olhar, com interesse.

– Você não pensou em tomar precauções?

Ela arregalou os olhos, franzindo as sobrancelhas grossas.

– Eu não estava *planejando* fazer sexo aqui!

Levei as mãos à cabeça, enfiando os dedos no couro cabeludo, desesperada.

– Você acha que as pessoas *planejam* isso? Santo Deus, quantas vezes fui àquela sua escola falar sobre...

– Muitas vezes! Todos os anos! Minha mãe, a enciclopédia do sexo! Você tem ideia de como eu me sentia envergonhada por ver minha mãe de pé na frente de todo mundo desenhando *pênis*?

Ela corou muito, irada com a lembrança.

– Talvez não tenha feito as coisas tão bem – disse com firmeza –, já que você não soube reconhecer um pênis quando viu.

Ela olhou para mim, os olhos vermelhos, mas relaxou quando viu que eu estava brincando, ou tentando brincar.

– Certo – disse ela. – Bem, eles são diferentes em 3-D.

Sem esperar aquela resposta, eu ri. Depois de um momento de hesitação, ela riu também.

– Você sabe a que me refiro. Dei a você aquela receita de anticoncepcional antes de partir.

Ela olhou para mim por cima do nariz comprido.

– Sim, e nunca me senti tão chocada na vida! Você pensou que eu sairia por aí fazendo sexo com todo mundo assim que você partisse?

– Você está dizendo que só minha presença a impedia? – Os cantos de seus lábios tremeram.

– Bom, não só isso – disse ela. – Mas você tinha algo a ver com isso, você e o papai. Sabe, eu... eu não queria decepcionar vocês. – O tremor se intensificou num instante e eu a abracei com força, sentindo seus cabelos macios em meu rosto.

– Não teria como, querida – murmurei, aconchegando-a. – Nós nunca ficaríamos decepcionados com você, nunca.

Senti a tensão e a preocupação desaparecerem enquanto a abraçava. Finalmente ela respirou fundo e se afastou.

– Talvez não você nem o papai – disse ela. – Mas e...? – Ela inclinou a cabeça em direção à casa agora invisível.

– Ele não vai... – comecei, mas então parei. A verdade é que eu não sabia *o que* Jamie faria. Por um lado, ele tinha a tendência de achar Brianna incrível. Por outro, ele tinha opiniões a respeito da honra sexual que só podiam ser descritas – por motivos óbvios – como antiquadas, e não se inibia em expressá-las.

Ele era pé no chão, bem-educado, tolerante e compreensivo. Mas isso não significava, de modo algum, que compartilhasse ou compreendesse as sensibilidades modernas; eu sabia muito bem que ele não compreenderia. E não conseguia imaginar que sua atitude em relação a Roger seria tolerante, no mínimo.

– Bem – disse eu de modo dubio. – Eu não me assustaria se ele quisesse dar um soco em Roger ou algo assim. Mas não se preocupe – acrescentei, observando seu olhar assustado. – Ele ama você – acrescentei e afastei uma mecha de seus cabelos do rosto corado. – Não vai deixar de amar.

Levantei-me, tirando as folhas amarelas da saia.

– Teremos um pouco de tempo, então, mas não para desperdiçar. Jamie pode mandar um aviso rio abaixo, para que as pessoas fiquem atentas para localizar Roger. Por falar em Roger... – Hesitei, puxando uma farpa de madeira da manga. – Acho que ele não sabe disso, certo?

Brianna respirou fundo e apertou a folha com força, amassando-a.

– Bem, veja, tem um problema nisso tudo – disse ela. Olhou para mim e de repente voltou a ser a minha menininha. – Não é do Roger.

– O quê? – perguntei como uma tola.

– Não. É. Do. Roger. O bebê – disse ela entre dentes.

Sentei-me ao lado dela mais uma vez. Sua preocupação com Roger de repente tomou novas dimensões.

– De quem é? – perguntei. – Daqui ou de lá? – Enquanto falava, já raciocinava... tinha que ser de alguém daqui, do passado. Se tivesse sido com um homem da época dela, ela estaria além dos dois meses. Não só do passado, então, mas daqui, das colônias.

Eu não estava planejando fazer sexo, dissera ela. Não, claro que não. Não havia contado a Roger, com medo de que ele a seguisse; ele era sua âncora, sua chave para o futuro. Mas nesse caso...

– Daqui – disse ela, confirmando meu raciocínio. Enfiou a mão no bolso da camisa e tirou algo dali. Estendeu a mão para mim e a

abriu automaticamente.

– Jesus H. Roosevelt Cristo. – A velha aliança de casamento brilhava ao sol, e eu a peguei num reflexo. Estava quente por ter sido carregada próxima de sua pele, mas senti um frio profundo tomar meus dedos.

– Bonnet? – perguntei. – Stephen *Bonnet*?

Ela engoliu em seco, balançando a cabeça brevemente.

– Não pretendia contar a você, não conseguiria; não depois do que Ian me disse ter acontecido no rio. A princípio, eu não sabia o que o Pa faria; temi que ele me culpasse. E então, quando o conheci um pouco melhor, percebi que ele tentaria encontrar Bonnet, é o que o papai teria feito. Não podia permitir que ele fizesse isso. Você conheceu aquele homem, sabe como ele é. – Ela estava sentada ao sol, mas estremeceu e esfregou os braços como se estivesse com frio.

– Sei – falei. Meus lábios estavam trancados. Suas palavras ecoavam em meus ouvidos.

Eu não estava planejando fazer sexo. Não conseguiria... Temi que ele me culpasse.

– O que ele fez com você? – perguntei, e fiquei surpresa ao ver que minha voz estava calma. – Ele machucou você, querida?

Ela fez uma careta e puxou os joelhos contra o peito, abraçando-os.

– Não me chame assim, está bem? Não agora.

Estiquei o braço para tocá-la, mas ela se encolheu mais, e abaixei a mão.

– Quer me contar? – Eu não queria saber; queria fingir que não tinha acontecido também.

Ela olhou para mim, os lábios contraídos formando uma linha reta e branca.

– Não – disse ela. – Não quero, mas acho melhor contar.

Ela havia entrado no *Gloriana* em plena luz do dia, com cuidado, mas se sentindo segura pelo número de pessoas ao redor: estivadores, marinheiros, mercadores, servos... as docas estavam cheias de gente. Ela havia dito a um marinheiro o que queria; ele foi

para dentro do navio e, um momento depois, Stephen Bonnet apareceu.

Ele vestia as mesmas roupas da noite anterior; à luz do dia, ela viu que eram de boa qualidade, mas manchadas e muito amarrotadas. Cera gordurosa de vela havia pingado na manga de seda do casaco dele e havia migalhas em seu jabô.

O próprio Bonnet tinha melhor aparência do que suas roupas: havia se barbeado recentemente e os olhos verdes eram claros e atentos. Ele a observou rapidamente e seus olhos brilharam de interesse.

– Eu a considereei muito bonita ontem à noite, à luz das velas – disse ele, segurando a mão de Brianna e levando-a aos lábios. – Mas muitas mulheres parecem assim quando estou sob o efeito da bebida. É muito mais raro descobrir que uma mulher é mais bonita ao sol do que à lua.

Brianna tentou tirar a mão, sorrindo educadamente.

– Obrigada. O senhor ainda está com a aliança? – Seu coração batia apressado. Ele ainda poderia contar a ela sobre a aliança, sobre a mãe dela, mesmo que a tivesse perdido no jogo. Mas ela queria muito tê-la nas mãos. Suprimiu o medo que a assombrara a noite toda, medo de que a aliança pudesse ser tudo o que havia restado de sua mãe. Não podia ser, não se a notícia do jornal fosse verdadeira, mas...

– Ah, claro. A sorte de Danu estava ao meu lado ontem, e ainda está, pelo que parece. – Ele sorriu para ela, mas continuou segurando sua mão.

– Eu... ahn, eu queria saber se poderia vendê-la para mim. – Ela havia trazido quase todo o dinheiro que tinha, mas não fazia ideia de qual seria o preço de uma aliança de ouro.

– Por quê? – A pergunta direta a pegou desprevenida e ela buscou uma resposta:

– É que... ela se parece com uma que minha mãe tinha – respondeu, incapaz de inventar uma resposta melhor do que a verdade. – Onde a conseguiu?

Os olhos dele brilharam, mas ele continuava sorrindo. Fez um gesto em direção à passarela escura e prendeu a mão dela na dobra de seu braço. Ele era mais alto do que ela, um homem

grande. Ela puxou a mão com cuidado, mas ele a segurou depressa.

– Então você quer a aliança? Venha à minha cabine, querida, e veremos se chegamos a um acordo.

Dentro do navio, ele serviu conhaque; ela deu um pequeno gole, mas ele bebeu muito, virando o líquido do copo e voltando a se servir.

– Onde? – perguntou ele sem cuidado, em resposta aos questionamentos persistentes. – Ah... bem, um cavalheiro não deve contar histórias sobre suas moças, certo? – Ele piscou para ela. – Uma lembrança de amor – sussurrou.

O sorriso no rosto dela ficou tenso e o gole de conhaque que ela havia tomado queimava em seu estômago.

– A moça que... que deu essa aliança ao senhor – disse ela. – Ela está bem?

Ele olhou para ela surpreso, levemente boquiaberto.

– Sorte – disse ela rapidamente. – Dá azar usar joias que pertençam a alguém que está... morto.

– É mesmo? – O sorriso voltou. – Não posso dizer que notei esse efeito.

Ele pousou o copo na mesa e arrotou levemente, satisfeito.

– Ainda assim, posso garantir que a moça que tinha essa aliança estava viva e bem quando a deixei.

A sensação de azia em seu estômago diminuiu um pouco.

– Ah, que bom saber. Pode vendê-la para mim, então?

Ele se balançou na cadeira, olhando para ela, sorrindo levemente.

– Vendê-la. E o que você me oferecerá, querida?

– Quinze libras esterlinas. – Seu coração começou a bater forte de novo quando ele se levantou. Ele concordaria! Onde ele a guardava?

Ele se aproximou, pegou a mão dela e a puxou para fora da cadeira.

– Tenho bastante dinheiro, querida. Qual é a cor dos pelos entre suas pernas?

Ela tirou a mão da dele e se afastou o mais depressa que conseguiu, batendo na parede da cabine depois de alguns passos.

– O senhor me entendeu mal – disse ela. – Eu não pretendia...
– Talvez não – disse ele, e as pontas de seus dentes apareceram em seu sorriso. – Mas eu pretendia. E acho que talvez você tenha me entendido mal, querida.

Ele deu um passo em direção a ela. Brianna pegou a garrafa de conhaque da mesa e bateu com ela na cabeça dele. Ele se abaixou, pegou a garrafa da mão dela e deu um tapa forte em seu rosto.

Ela cambaleou, meio cega pela dor repentina. Ele a segurou pelos ombros e a forçou a cair de joelhos. Agarrou os cabelos dela com força, perto do couro cabeludo, e puxou sua cabeça. Ele a segurou, com a cabeça inclinada num ângulo esquisito, enquanto puxava, com a outra mão, a parte da frente da calça. Rosnou com satisfação e deu um passo mais perto, movendo o quadril para a frente.

– Conheça o Leroi – disse ele.

Leroi não era circuncidado nem limpo, e emitia um cheiro forte de urina. Ela sentiu o vômito subir por sua garganta e tentou virar a cabeça para o lado. A resposta a isso foi um puxão forte nos cabelos que fez com que ela voltasse, gritando de dor.

– Coloque essa linguinha rosada para fora e nos dê um beijo, querida. – Bonnet parecia feliz e despreocupado, segurando os cabelos dela com força. Ela levou as mãos a ele num protesto não expressado; ele viu e puxou ainda mais, fazendo lágrimas escorrerem de seus olhos. Ela colocou a língua para fora.

– Nada mau, nada mau – disse ele. – Certo, abra a boca. – Ele soltou seus cabelos de repente e a cabeça dela foi jogada para trás. Antes que conseguisse se libertar, ele a segurou por uma das orelhas, virando-a levemente.

– Se me morder, querida, vou quebrar seu nariz. Entendeu? – Passou o punho fechado por baixo do nariz dela, encostando os nós dos dedos nele. Então segurou com força a outra orelha, mantendo a cabeça dela imóvel entre as mãos grandes.

Ela se concentrou no gosto do sangue no seu lábio cortado, no gosto e na dor. Com os olhos fechados, conseguia ver o gosto, salgado e metálico, como cobre, brilhando forte dentro dos seus olhos.

Se ela vomitasse, engasgaria. Acabaria se afogando e ele não perceberia. Ela se afogaria e morreria, e ele não pararia. Apoiou as mãos nas coxas dele para se preparar e enfiou os dedos no músculo forte, empurrando com o máximo de força que pôde, para resistir aos movimentos. Ele cantarolava, um som gutural. *De Ushant à Sicília são 35 léguas*. Pelos duros resvalavam nos lábios dela.

Então Leroi sumiu. Ele soltou as orelhas dela e deu um passo para trás; desequilibrada, ela caiu para a frente apoiada nas mãos e nos joelhos, tossindo e sem ar, e a saliva que escorria de sua boca estava manchada de sangue. Tossiu e cuspiu mais de uma vez, tentando tirar o fedor da boca. Seus lábios estavam inchados e latejando com seus batimentos cardíacos.

Ele a levantou sem esforço, mãos embaixo dos braços, e a beijou, enfiando a língua, a mão apoiando sua nuca para que ela não se afastasse. Ele tinha um gosto forte de conhaque, com um leve cheiro de dentes podres. A outra mão, na cintura dela, começou a descer lentamente, apertando suas nádegas.

– Hum – disse ele, suspirando de prazer. – Hora da cama, não é, querida?

Ela abaixou a cabeça e deu uma cabeçada no rosto dele. Sua testa acertou o osso e ele emitiu um grito forte de surpresa e a soltou. Ela se livrou e correu. A saia esvoaçante se prendeu na portinhola e se rasgou, e ela subiu pela passarela escura.

Os marinheiros estavam comendo; havia vinte homens a uma mesa comprida no fim do navio, vinte rostos virados para ela com expressões que variavam de surpresa a malícia. Foi um cozinheiro quem fez com que ela tropeçasse, esticando um pé quando ela passou por ele. Ela bateu o joelho com força no chão.

– Gosta de brincar, não é, querida? – Era a voz de Bonnet no ouvido dela, jovial como sempre, quando duas mãos a levantaram com uma facilidade desconcertante. Ele a virou para que olhasse para ele e sorriu. Ela o havia acertado no nariz; o sangue escorria de uma das narinas. Passou por cima do lábio superior dele, e seguiu as marcas de expressão quando ele sorriu, linhas vermelhas entre os dentes e gotas escuras pingando lentamente do queixo.

Ele segurou os braços dela com mais força, mas o brilho de satisfação apareceu com clareza em seus olhos verdes.

– Tudo bem, querida – disse ele. – Leroi gosta de brincadeiras. Não gosta, Leroi? – Ele olhou para baixo e ela acompanhou o olhar. Ele havia tirado a calça na cabine e estava seminu, Leroi resvalando nas saias dela, latejando de disposição.

Ele a segurou por um dos cotovelos e, inclinando-se para ela com reverência, fez um gesto em direção à cabine. Sem reação, ela deu um passo à frente e ele se colocou ao lado dela, de braços dados, expondo as nádegas brancas sem qualquer cerimônia para a tripulação boquiaberta.

– Depois disso... não foi tão ruim. – Ela ouvia a própria voz, calma de um jeito nada natural, como se pertencesse a outra pessoa. – Eu não... não lutei mais contra ele.

Ele não havia se dado ao trabalho de fazer com que ela se despisse; apenas tirou sua roupa íntima. Seu vestido era feito do modo comum, com um decote baixo e quadrado, e os seios estavam altos e redondos; não precisava de nada além de um olhar casual para baixo para que os visse e os tirasse por cima do corpete como se fossem duas maçãs.

Ele os manipulou com sofreguidão por um momento, apertando os mamilos com o polegar e o indicador para deixá-los rígidos, e então a empurrou em direção a sua cama.

Os lençóis estavam manchados com bebida e recendiam a perfume e vinho, e também ao cheiro forte do odor do próprio Bonnet. Ele ergueu a saia dela e arrumou suas pernas para ficar numa boa posição, murmurando baixinho *Adeus a todos, moças espanholas...*

Em sua mente, ela conseguia se imaginar afastando-o, saindo da cama e correndo até a porta, partindo a toda pela passarela escura até chegar às docas e à liberdade. Conseguia sentir as tábuas de madeira sob os pés descalços e o brilho do sol quente de verão nos olhos. Quase. Ela estava deitada na cabine escura, parada como um manequim, sentindo gosto de sangue na boca.

Sentiu um latejar insistente entre suas pernas e foi tomada pelo pânico, fechando as pernas. Ainda murmurando, ele enfiou uma perna musculosa entre as dela, brutalmente afastando-as. Nu da cintura para baixo, ele ainda usava a camisa. As barras compridas caíam ao redor da extensão pálida de Leroi quando ele se ajoelhou à frente dela.

Parou de murmurar por tempo suficiente para cuspir copiosamente na mão. Passando a mão por todo o órgão, ele facilitou o caminho e deu início à ação. Segurando um de seus seios com uma das mãos, ele se guiou com a outra em direção à entrada inescapável, fazendo um comentário simpático a respeito do local apertado, e então soltou Leroi no caminho irracional – e felizmente breve – em direção ao prazer.

Dois minutos, talvez três. E então terminou e Bonnet se deitou sobre ela, o suor molhando sua roupa, uma das mãos ainda amassando o seio dela. Seus cabelos claros e oleosos caíram suaves contra o rosto dela e a respiração estava quente e úmida em seu pescoço. Pelo menos, ele havia parado de murmurar.

Ela permaneceu parada por minutos intermináveis, olhando para o teto, onde os reflexos da água dançavam refletidos nas vigas polidas. Ele suspirou finalmente e rolou lentamente para longe do corpo dela, deitando-se de lado. Sorriu para ela, acariciando seu quadril nu e peludo.

– Nada mau, querida, apesar de eu já ter feito sexo com mais ação. Mexa-se mais da próxima vez, está bem? – Ele se sentou, bocejou e começou a endireitar a roupa. Ela se inclinou para a lateral da cama e então, certa de que ele não pretendia prendê-la, rolou e ficou de pé. Ela se sentia zozza e desesperadamente ofegante, como se o peso dele ainda estivesse sobre seu corpo.

Movendo-se tomada pelo torpor, ela foi até a porta. Estava trancada. Enquanto lutava para levantar a trava, com as mãos tremendo, ouviu-o dizer algo atrás dela e se virou surpresa.

– *O que disse?*

– Disse que a aliança está em cima da mesa – respondeu ele, endireitando-se depois de pegar as meias. Sentou-se na cama e começou a vesti-las, gesticulando casualmente para a mesa encostada na parede. – Tem dinheiro também. Pegue o que quiser.

O tampo da mesa era uma grande confusão, tomado por manchas de tinta, quinquilharias, joias, passagens, penas, pedaços de papel amassados e roupas amarrotadas, e um monte de moedas de prata e bronze, cobre e ouro, moedas de várias colônias, de diversos países.

– Está me oferecendo *dinheiro*?

Ele olhou para ela sem entender, as sobrancelhas claras arqueadas.

– Pago pelos meus prazeres – disse. – Você pensou que eu não pagaria?

Tudo na cabine parecia vívido de um modo pouco natural, detalhado e individual como os objetos em um sonho, que desapareciam quando acordávamos.

– Não pensei nada – disse ela, a voz muito clara mas distante, como alguém falando de muito longe. Sua peça íntima estava no chão onde ele a havia largado, perto da mesa. Ela caminhou até lá com cuidado, tentando não pensar na umidade quente que escorria por suas coxas.

– Sou um homem honesto... para um pirata – disse ele atrás dela, e riu.

Ele bateu o pé no deque para ajeitá-lo dentro do sapato e então passou por ela e levantou a trava com facilidade com uma das mãos.

– Fique à vontade, querida – disse ele, com mais um gesto casual em direção à mesa quando saiu. – Você valeu a pena.

Ela ouviu os passos se afastando pela passarela e ele riu e fez um comentário ao encontrar alguém, e então sua voz mudou, repentinamente clara e ríspida, gritando ordens para alguém lá em cima, e ela ouviu o som de passos correndo para obedecer. De volta ao trabalho.

A aliança estava dentro de uma tigela feita de chifre de boi, misturada com vários botões de osso, barbantes e outros lixos. Como ele, ela pensou, com clareza fria. Peças sem valor; um prazer incontido e selvagem no roubo, sem atenção ao valor do que era roubado.

A mão dela tremia, percebeu surpresa. Tentou pegar a aliança, não conseguiu, desistiu. Pegou a tigela e a esvaziou dentro de seu

bolso. Atravessou a passarela escura segurando o bolso com firmeza, prendendo-o como um talismã. Havia marinheiros por todos os lados, ocupados demais em suas tarefas para olhar para ela com algo além de curiosidade fugaz. Seus sapatos estavam perto da mesa bagunçada e ela os viu com a luz da abertura no alto.

Ela os calçou e com passos firmes subiu a escada, atravessou o convés e a prancha, em direção à doca. Sentindo gosto de sangue.

– Pensei no começo que poderia simplesmente fingir que não havia acontecido. – Ela respirou fundo e olhou para mim. As mãos estavam sobre o ventre, como se quisesse escondê-lo. – Mas acho que não vai adiantar, não é?

Fiquei em silêncio por um momento, pensando. Não era o momento de ser sensível.

– Quando? – perguntei. – Quanto tempo depois... hum, depois de Roger?

– Dois dias.

Ergui as sobrancelhas ao ouvir aquilo.

– Como pode ter tanta certeza de que não é de Roger, então? Você não tomava pílula, claro, e aposto e ganho que Roger não usou o que, hoje em dia, são preservativos.

Ela esboçou um leve sorriso ao ouvir isso e corou um pouco.

– Não. Ele... hum... ele... ahn...

– Ah, coito interrompido?

Ela assentiu.

Respirei fundo e soltei o ar pelos lábios.

– Existe uma palavra para as pessoas que dependem desse método contraceptivo em especial.

– E qual é? – perguntou ela, atenta.

– Pais.

A CHEGADA DE UM DESCONHECIDO

Roger abaixou a cabeça e bebeu das mãos em concha. Era um sinal de sorte, aquele brilho verde, apontado por um dedo de luz do sol que passava pelas árvores. Sem isso, ele nunca teria visto a fonte tão distante da trilha.

Uma linha clara descia pela abertura na rocha, esfriando suas mãos e o rosto. A rocha era verde-escura e o chão ao redor era pantanoso, tomado por raízes de árvore e pelo bolor que brilhava como esmeraldas na faixa de sol.

Saber que veria Brianna em breve – talvez dentro de uma hora – acalmou sua irritação de modo tão efetivo quanto a água fria que descia por sua garganta seca. Apesar de seu cavalo ter sido roubado, era um certo consolo o fato de estar perto o bastante para chegar ao destino a pé.

O cavalo era velho, quase não valia o roubo. Pelo menos ele havia optado por deixar seus objetos de valor próximos ao corpo, não nas bolsas da sela. Bateu a mão na barra lateral da calça, reconfortado ao sentir aquele objeto duro contra a coxa.

Além do cavalo, ele não tinha perdido muito mais do que uma pistola – quase tão antiga quanto o cavalo e nada confiável –, um pouco de comida e um cantil de couro com água. A perda do cantil o preocupou durante os primeiros quilômetros da caminhada sob o calor e a poeira, mas agora esse leve inconveniente estava remediado.

Seus pés se afundaram no chão úmido quando se levantou, deixando marcas escuras no bolor verde. Deu um passo para trás e limpou a lama das solas dos sapatos no tapete de folhas e agulhas secas. Então bateu a poeira do casaco da melhor maneira que pôde

e ajeitou o lenço sujo no pescoço. Os nós dos dedos roçaram na barba por fazer; a lâmina estava dentro da bolsa da sela.

Parecia um vilão, pensou de repente. Não era a melhor maneira de conhecer os sogros. Na verdade, não estava muito preocupado com o que Claire e Jamie Fraser pudessem pensar dele. Só conseguia pensar em Brianna.

Ela já havia encontrado os pais; ele torcia para que o encontro tivesse sido tão satisfatório a ponto de deixá-la de bom humor para perdoar sua traição. Deus, como ele tinha sido idiota!

Retomou o caminho, os pés afundando na camada macia de folhas. Idiota por ter subestimado a teimosia dela, idiota por não ter sido honesto com ela. Idiota por ter escondido as coisas dela. Por ter tentado manter Brianna em segurança no futuro – não, isso não tinha sido nada idiota, pensou, fazendo uma careta para as coisas que tinha visto e ouvido nos últimos meses.

Afastou um galho baixo de pinheiro-americano e então se abaixou com uma exclamação de susto quando algo escuro passou por sua cabeça.

Um grasnido rouco anunciou que seu agressor era um corvo. Gritos parecidos reforçavam a chegada de outros nas árvores próximas e, depois de alguns segundos, mais um míssil escuro passou, a poucos centímetros de sua orelha.

– Ei, saia daqui! – exclamou ele, abaixando-se de novo para escapar de outro ataque. Percebeu que estava perto de um ninho e os corvos não gostavam de sua presença.

O primeiro corvo voltou para tentar de novo. Dessa vez derrubou o chapéu dele na terra. O número de aves era irritante, o senso de hostilidade fora de proporção com o tamanho dos adversários. Outro se aproximou voando baixo e o acertou enquanto suas garras rasgavam a área do ombro do seu casaco. Roger pegou o chapéu e correu.

Centenas de metros trilha acima, ele diminuiu o passo, começou a caminhar e a olhar ao redor. Os pássaros não estavam mais à vista; então ele já tinha passado pelo ninho.

– E onde está Alfred Hitchcock quando se precisa dele? – murmurou para si mesmo, tentando afastar a sensação de perigo.

Sua voz foi abafada de uma vez pela vegetação densa; era como falar com a boca pressionada contra um travesseiro. Respirava ofegante e seu rosto parecia corado. De repente, a floresta pareceu muito silenciosa. Sem o grasnar dos corvos, todos os outros pássaros pareciam ter parado também. Não era à toa que os escoceses antigos acreditavam que os corvos eram aves de mau agouro; se passasse mais tempo ali, todas as velhas crenças que não passavam de curiosidades surgiriam em sua mente.

Por mais perigoso, sujo e desconfortável que fosse, ele tinha que admitir o fascínio de estar ali – de sentir, em primeira mão, as coisas sobre as quais tinha lido, ver objetos que sabia serem peças de museu em uso na vida cotidiana. Não fosse por Brianna, ele poderia não se arrepender da aventura, apesar de Stephen Bonnet e das coisas que vira a bordo do *Gloriana*.

Mais uma vez levou a mão à coxa. Tinha sido mais sortudo do que poderia imaginar; Bonnet não tinha só uma pedra preciosa, mas duas. Será que elas funcionariam? Abaixou-se de novo, tendo que caminhar meio agachado por vários passos até os galhos se abrirem outra vez. Difícil acreditar que pessoas moravam ali, mas elas tinham aberto aquela trilha, que devia levar a algum lugar.

– Não tem como não encontrar. – A moça no moinho havia lhe garantido, e ele conseguia entender o porquê. Não havia aonde ir.

Protegeu os olhos, fitando a trilha, mas os galhos baixos de pinheiro e bordo escondiam tudo, apresentando apenas um túnel escuro e misterioso em meio às árvores. Não dava para saber a distância até o topo da cordilheira.

– Você chegará antes do pôr do sol com facilidade – dissera-lhe a moça, e já era o meio da tarde. Mas ela havia dito isso quando ele ainda tinha um cavalo. Sem querer ser pego na encosta da montanha no escuro, acelerou o passo, esforçando-se para ver a luz do sol à frente, que mostraria a ele a entrada da cordilheira no fim da trilha.

Enquanto caminhava, sua imaginação voava, numa rápida especulação.

E como tinha sido o encontro de Brianna com os pais? O que ela achara de Jamie Fraser? Ele era o homem que ela vinha

imaginando no último ano, ou só um reflexo fraco da imagem que ela havia construído com base nas histórias contadas pela mãe?

Pelo menos ela tinha um pai para conhecer, ele pensou, sentindo uma leve pontada de dor ao se lembrar do solstício de verão e daquela explosão de luz na passagem pelas pedras.

Ali estava! Um claror na sombra da vegetação densa à frente: uma luz conforme os feixes de sol chegavam às folhas de outono com um brilho amarelo e laranja.

O sol o cegou por um momento quando ele saiu do túnel de vegetação. Piscou uma vez e se encontrou não na cordilheira, como esperava, mas em uma pequena clareira natural, com bordos vermelhos e carvalhos amarelados. Envolvia a luz do sol como um copo, e a floresta escura se espalhava por todos os lados.

Quando se voltou em busca da continuação da trilha, ouviu o bufar de um cavalo e se virou, encontrando seu animal velho puxando a cabeça para se livrar da rédea amarrada em uma árvore à beira da clareira.

– Minha nossa! – exclamou, surpreso. – Como diabos você veio parar aqui?

– Do mesmo modo que você – respondeu alguém. Um jovem alto apareceu da mata ao lado do cavalo e ficou de pé apontando uma pistola para Roger; a pistola dele, Roger viu, sentindo-se melindrado e também apreensivo. Respirou fundo e engoliu o medo.

– Você está com meu cavalo e com minha arma – disse Roger em tom calmo. – O que mais pode querer? Meu chapéu? – Ele estendeu o tricórnio velho. O ladrão não tinha como saber o que mais ele portava, pois não havia mostrado a ninguém.

O jovem – estava na adolescência, apesar da altura, pensou Roger – não sorriu.

– Um pouco mais que isso, espero. – Pela primeira vez, o jovem desviou os olhos de Roger e os voltou para o lado. Seguindo a direção de seu olhar, Roger sentiu uma onda parecida com um choque elétrico.

Ele não tinha visto o homem à beira da clareira, apesar de ele provavelmente estar ali desde o começo, sem se mexer. Usava um kilt de caça cujos tons marrons e verdes se misturavam à grama e

aos arbustos, e seus cabelos ruivos se confundiam com as folhas brilhantes. Ele parecia ter nascido da floresta.

Além de sua chegada inesperada, a aparência deixou Roger espantado. Uma coisa era saber que Jamie Fraser era parecido com a filha. Outra era ver os traços fortes de Brianna cobertos pelo peso dos anos, com uma personalidade não apenas masculina, mas intensa, ao que parecia.

Era como tirar a mão do pelo de um gatinho malhado e se ver diante do olhar fixo de um tigre. Roger se controlou para não dar um passo involuntário para trás, pensando, nesse meio-tempo, que Claire não tinha exagerado em suas descrições de Jamie Fraser.

– É o Sr. MacKenzie – disse o homem. Não era uma pergunta. A voz era grave, mas não alta, um pouco mais alta do que o som das folhas farfalhando, mas Roger não teve dificuldade para ouvi-lo.

– Sou – disse ele, dando um passo à frente. – E o senhor é... ahn... Jamie Fraser? – Estendeu a mão, mas logo a abaixou. Dois pares de olhos o observavam com frieza.

– Sou – disse o homem ruivo. – Você me conhece? – O tom da pergunta era claramente antipático.

Roger respirou fundo, amaldiçoando seu desalinho. Não sabia como Brianna poderia tê-lo descrito ao pai, mas Fraser evidentemente esperara algo muito mais impressionante.

– Bem, o senhor... se parece muito com sua filha.

O rapaz resmungou alto, mas Fraser não olhou para o lado.

– E o que você tem com a minha filha? – Fraser se mexeu pela primeira vez, saindo da sombra das árvores. Não, Claire não tinha exagerado. Fraser *era* grande, cerca de 2 a 5 centímetros mais alto do que ele próprio.

Roger sentiu uma pontada de medo, misturado com sua confusão. O que Brianna havia dito a ele? Ela não podia estar tão brava a ponto de... bem, ele descobriria quando a visse.

– Vim buscar minha esposa – disse com coragem.

Algo mudou nos olhos de Fraser. Roger não sabia o que era, mas fez com que ele tirasse o chapéu e erguesse as mãos em reflexo.

– Ah, não, não veio. – Foi o garoto quem disse, num tom estranho de satisfação.

Roger olhou para ele e ficou ainda mais assustado ao ver a mão de ossos grandes do rapaz no cabo da pistola.

– Tome cuidado! Não quer atirar por acidente – disse.

O rapaz entortou os lábios com desdém.

– Se atirar, não será por acidente.

– Ian. – A voz de Fraser soou enfática, mas Ian abaixou a pistola com relutância. O homem grande deu mais um passo à frente. Seus olhos estavam fixos nos de Roger, muito azuis e puxados, irritantemente parecidos com os de Brianna.

– Vou perguntar só uma vez, e quero ouvir a verdade – disse ele, tranquilo. – Você tirou a honra de minha filha?

Roger sentiu o rosto esquentar do pescoço à linha dos cabelos. Cristo, o que ela havia contado ao pai? E, pelo amor de Deus, *por quê?* A última coisa que ele esperava encontrar era um pai furioso, decidido a vingar a virtude da filha.

– É... ahn... bem, não é o que você pensa – disse. – Quero dizer, nós... ou seja... nós pretendemos...

– Sim ou não? – O rosto de Fraser estava a menos de 30 centímetros do dele, totalmente inexpressivo, exceto pelo que ardia por dentro, no fundo dos olhos.

– Olhe... eu... maldição, sim! Ela quis...

Fraser bateu nele logo abaixo das costelas.

Roger se inclinou para a frente e tombou para trás, assustado com o golpe. Não doera – ainda –, mas ele sentira a força até a espinha. O sentimento principal era de surpresa, com um toque de raiva.

– Pare – disse ele, tentando recuperar o fôlego para falar. – Pare! Pelo amor de Deus, eu disse que vou...

Fraser bateu nele de novo, dessa vez no rosto. Essa doeu, um golpe que arranhou a pele e deixou a bochecha latejando. Roger deu um passo para trás, o medo logo se transformando em fúria. O maldito estava tentando matá-lo!

Fraser partiu para cima dele de novo, mas errou, pois Roger se abaixou e se virou. Bem, que se danassem as boas relações familiares, então!

Deu um passo enorme para trás, tirando o casaco. Para sua surpresa, Fraser não foi atrás dele, mas ficou ali, de punhos

cerrados, esperando.

O sangue latejava nas orelhas de Roger e ele não tinha olhos para nada além de Fraser. Se era briga que o imbecil queria, era o que ele teria.

Roger flexionou os joelhos, com as mãos posicionadas, pronto para a briga. Fora pego de surpresa, mas não aconteceria de novo. Não era encenqueiro, mas já tinha se envolvido em algumas brigas de bar. Eles tinham um tamanho aproximado e ele tinha mais de quinze anos de vantagem em relação ao homem.

Viu Fraser dar um soco de direita, então se abaixou e desviou, sentiu seu punho resvalar o tecido da roupa de Fraser e então foi acertado no olho por um soco de esquerda, que não tinha visto. Estrelas brilhantes e pontos de luz explodiram na lateral de sua cabeça e as lágrimas escorreram pelo seu rosto quando partiu para cima de Fraser, rosnando.

Acertou o homem: conseguiu sentir seus punhos acertarem a carne, mas pareceu não fazer diferença. Com o olho bom, viu aquele rosto de ossos largos, calmo, como o de um viking furioso. Ele se virou e o rosto desapareceu, então surgiu de novo; voltou a se virar, acertando uma orelha. Um golpe atingiu seu ombro; ele se virou, recuperado, e se jogou com tudo.

– Ela é... minha – gritou Roger entre dentes. Agarrou o corpo de Fraser e sentiu as costelas fundas cederem quando apertou. Ele amassaria o idiota como uma noz. – Minha... ouviu?

Fraser acertou um golpe em sua nuca, um soco rápido, mas pesado o bastante para adormecer o braço e o ombro esquerdo de Roger. Ele perdeu a força, dobrou-se e acertou o ombro direito com força no peito de Fraser, tentando derrubar o homem mais velho.

Fraser deu um passo curto para trás e o segurou firme, mas o golpe acertou suas costelas, não a carne macia logo abaixo. Ainda assim, foi forte o bastante para fazer com que ele gemesse e se lançasse para trás, agachando-se para se proteger.

Fraser abaixou a cabeça e atacou diretamente; ele voou para trás e caiu com força. O sangue de seu nariz escorreu para a boca e para o queixo; com uma sensação de distanciamento, ele observou as gotas vermelhas se espalharem e se unirem numa mancha em sua camisa.

Rolou para o lado para evitar o chute que percebeu que viria, mas não foi muito longe. Enquanto rolava desesperadamente para o outro lado, pensou, de um modo meio desligado de toda a situação, que, apesar de ser quinze anos mais novo do que o oponente, Jamie Fraser possivelmente passara cada um desses quinze anos envolvido em combates.

Ele havia, momentaneamente, saído de alcance. Puxando o ar, apoiou-se nas mãos e nos joelhos. O sangue surgia da cartilagem afetada a cada respiração; ele o sentia no fundo da garganta, um gosto metálico forte.

– Chega – disse ele. – Não. Chega.

Uma mão agarrou seus cabelos e puxou sua cabeça para trás. Os olhos azuis brilhavam a 15 centímetros dele e Roger sentiu a respiração quente do homem em seu rosto.

– Não está nem perto de acabar ainda – disse Fraser, e acertou sua boca. Ele caiu e rolou uma vez e então se esforçou para se levantar. A clareira estava borrada numa mistura de amarelo e laranja; só o instinto fez com que ele se levantasse e agisse.

Estava lutando pela própria vida e sabia disso. Lançou-se sem ver em direção à figura sinuosa, segurou a camisa de Fraser e acertou um murro em sua barriga o mais forte que conseguiu. O tecido se rasgou e seu soco encontrou um osso. Fraser se remexeu como uma cobra e ergueu uma das mãos entre eles. Agarrou os testículos de Roger e apertou com toda a força.

Roger ficou chocado e então caiu como se sua coluna tivesse sido atingida. Antes de sentir a dor, houve um milésimo de segundo no qual Roger teve consciência de um último pensamento, frio e claro como uma pedra de gelo: *Meu Deus, vou morrer antes mesmo de nascer.*

A CANÇÃO DE UM PAI

Já tinha escurecido havia muito quando Jamie entrou, e meus nervos estavam à flor da pele com a espera; fiquei só imaginando os de Brianna. Nós tínhamos jantado – ou melhor, o jantar tinha sido servido. Nenhuma de nós estava com apetite, nem de comida nem de conversa; até mesmo a voracidade de sempre de Lizzie estava notoriamente prejudicada. Esperava que a menina não estivesse doente; pálida e calada, ela afirmou sentir dor de cabeça e foi dormir no galpão de ervas. Mas foi adequado para as circunstâncias; assim, não tive que inventar uma desculpa para me livrar dela quando Jamie chegasse.

As velas tinham sido acesas havia mais de uma hora quando finalmente ouvi os bodes balindo ao notarem os passos dele no caminho. Brianna olhou para a frente ao ouvir o barulho, o rosto pálido sob a luz amarela.

– Vai ficar tudo bem – falei. Ela notou a confiança em minha voz e assentiu, levemente reconfortada. A confiança era autêntica, mas não firme. Pensei que tudo *ficaria* bem, no fim das contas, mas só Deus sabia que não seria uma noite feliz em família. Por mais que eu conhecesse Jamie, ainda havia muitas circunstâncias nas quais eu não fazia ideia de como ele reagiria – e saber que sua filha estava grávida de um estuprador certamente não era uma delas.

Desde que Brianna confirmara minhas suspeitas, eu havia imaginado praticamente todas as possíveis reações que ele *poderia* ter, e muitas delas envolviam gritos ou socos em objetos sólidos, um comportamento que sempre considerei irritante. Bree também pensaria a mesma coisa, e eu sabia bem o que *ela* fazia quando ficava irritada.

No momento, ela estava se controlando bastante, mas eu sabia que sua aparência calma era muito frágil. Se ele dissesse uma única palavra que a magoasse, ela reagiria como uma bomba. Além dos cabelos ruivos e da estatura, ela herdara de Jamie a natureza intensa e a disposição de sempre dizer o que pensava.

Com pouca familiaridade e ansiosos para agradar um ao outro, os dois tinham agido com delicadeza até então –, mas não parecia haver modo delicado de se lidar com isso. Sem saber se deveria me preparar para ser defensora, intérprete ou juíza, foi com uma sensação de vazio que me levantei para abrir a porta para ele.

Ele havia se banhado no riacho; os cabelos estavam úmidos nas têmporas e ele havia secado o rosto na barra da camisa, a julgar pelas manchas úmidas nela.

– Você está muito atrasado; onde estava? – perguntei, ficando na ponta dos pés para beijá-lo. – E onde está o Ian?

– Fergus veio e perguntou se eu podia ajudá-lo com as pedras da chaminé, já que não estava conseguindo sozinho. Ian ficou lá para ajudá-lo a terminar o trabalho. – Deu um beijo no topo da minha cabeça e um tapa no meu traseiro. Pensei que ele havia trabalhado muito: estava quente e cheirava a suor, apesar de a pele de seu rosto estar fria e fresca por causa da água.

– Marsali serviu o jantar? – Olhei para ele. Algo parecia diferente nele, apesar de eu não conseguir determinar o quê.

– Não. Derrubei uma pedra e acho que quebrei meu dedo de novo; imaginei que seria melhor vir para casa para você cuidar dele. – Era isso, pensei; ele havia me acariciado com a mão esquerda, e não com a direita.

– Venha para onde tem luz para eu poder ver. – Levei-o até a lareira e fiz com que se sentasse em um dos bancos de carvalho. Brianna estava no outro, com os panos que costurava ao seu redor. Ela se levantou e veio olhar por cima do meu ombro.

– Coitadas das suas mãos, Pa! – disse ela ao ver os nós inchados e a pele arranhada.

– Ah, nada de mais – disse ele, olhando para elas sem dar muita atenção. – Tirando esse dedo maldito. Ai!

Passei a mão com delicadeza no quarto dedo de sua mão direita, da base à unha, ignorando seu gemido de dor. Estava

vermelho e levemente inchado, mas não visivelmente deslocado.

Sempre me incomodava um pouco ao examinar sua mão. Eu já havia consertado vários ossos quebrados nela muito tempo atrás, antes de saber qualquer coisa sobre cirurgia, atuando em condições longe das ideais. E havia conseguido: salvara a mão, evitando que fosse amputada, e ele a usava bem. Mas havia certas coisas estranhas: leves torções e engrossamentos que eu percebia sempre que a analisava de perto. Ainda assim, no momento, estava feliz pela oportunidade de adiar a conversa.

Fechei os olhos, sentindo o calor da lareira sobre minhas pálpebras enquanto me concentrava. O quarto dedo era sempre rígido: a articulação do meio tinha sido quebrada e mal cicatrizada. Conseguia imaginar o osso, não a superfície seca e polida de um espécime de laboratório, mas o brilho leve de osso vivo, todos os pequenos osteoblastos dispostos pela matriz de cristal, o pulso escondido do sangue que os alimentava.

Mais uma vez passei meu dedo pela extensão e o segurei com delicadeza entre o polegar e o indicador, logo abaixo da articulação. Consegui sentir a rachadura em minha mente, uma linha escura e fina de dor.

– Aqui? – perguntei, abrindo os olhos.

Ele assentiu, sorrindo enquanto olhava para mim.

– Aí mesmo. Gosto de ver como você fica quando faz isso, Sassenach.

– Como fico? – perguntei, um tanto surpresa por saber que adotava outra postura.

– Não sei descrever exatamente – disse ele, a cabeça inclinada para um lado enquanto me observava. – Talvez seja...

– Madame Lazonga com sua bola de cristal – disse Brianna, divertindo-se.

Olhei para cima, assustada ao ver Brianna olhando para mim, a cabeça inclinada no mesmo ângulo, o mesmo olhar de admiração. Ela olhou para Jamie.

– Uma vidente, é o que quer dizer. Quem prevê o futuro.

Ele riu.

– Sim, talvez você esteja certa, *a nighean*. Mas eu pensava numa sacerdotisa; como o padre fica na missa, quando olha além

do pão e vê o corpo de Cristo em seu lugar. Não que eu pretenda comparar a porcaria do meu dedo com o corpo de Nosso Senhor, que fique claro – acrescentou meneando a cabeça em direção ao dedo.

Brianna riu, e um sorriso apareceu nos lábios de Jamie enquanto ele olhava para ela, os olhos suaves apesar das linhas de cansaço ao redor. Tivera um longo dia, pensei. E provavelmente seria muito mais longo. Eu teria dado qualquer coisa para manter aquele momento passageiro de conexão entre eles, mas já havia passado.

– *Eu* acho que vocês dois são ridículos – falei. Toquei o dedo dele levemente no ponto em que segurava. – O osso está rachado logo abaixo da articulação. Não é grave, no entanto; uma fratura fina como um fio de cabelo. Vou colocar uma tala, para garantir.

Levantei-me e fui procurar na caixa de remédios uma bandagem de linho e um dos pedaços compridos e achatados de madeira que eu usava como depressores de língua. Olhei depressa por cima da tampa levantada, observando Jamie. Havia algo de estranho nele essa noite, mas eu não sabia dizer o quê.

Eu havia percebido logo de cara, apesar da minha agitação, e depois com mais intensidade quando segurei sua mão para examiná-la: um tipo de energia pulsava por ele, como se estivesse excitado ou irritado, apesar de não dar nenhum sinal aparente. Ele era muito bom em esconder as coisas quando queria; que diabos havia acontecido na casa de Fergus?

Brianna disse algo para Jamie, baixo demais para eu ouvir, e então se virou sem esperar uma resposta e se aproximou de mim ao lado da caixa aberta.

– Você tem alguma pomada para as mãos dele? – perguntou. Então, inclinando-se mais com o pretexto de procurar dentro da caixa, perguntou em voz baixa: – Devo contar a ele hoje? Está cansado e com dor. Não seria melhor deixá-lo descansar?

Olhei para Jamie. Ele estava recostado no banco, os olhos arregalados enquanto observava as chamas, as mãos pousadas nas coxas. Mas não estava relaxado; a corrente estranha que corria por ele o deixara elétrico.

– Talvez fosse melhor que ele descansasse sem saber, mas não é o melhor para você – falei, em voz igualmente baixa. – Conte a ele. Mas espere até que ele coma primeiro – acrescentei de modo prático. Eu acreditava muito que o melhor era receber notícias ruins com o estômago cheio.

Fiz a tala no dedo de Jamie enquanto Brianna se sentava ao lado dele e passava uma pomada de genciana nos nós dos dedos da outra mão. O rosto dela estava muito calmo; ninguém poderia imaginar o que acontecia por trás daquela aparência.

– Você rasgou sua camisa – eu disse, terminando a última bandagem com um nó. – Tire-a depois do jantar para eu poder costurá-la. Como ficou?

– Muito bem, Madame Lazonga – disse ele, mexendo o dedo recém-consertado. – Vou acabar ficando muito mimado com tanta atenção.

– Quando eu começar a mastigar sua comida para você, pode se preocupar – falei.

Ele riu e deu a mão com a tala para Bree cobrir com a pomada.

Fui até o armário pegar um prato para ele. Quando me virei para a lareira, vi que ele a observava com atenção. Ela mantinha a cabeça baixa, os olhos na mão grande e cheia de calos que segurava. Imaginei que buscava palavras com as quais começar, e senti um aperto no coração por ela. Talvez eu devesse ter contado a ele em particular, pensei, para não deixar que ele se aproximasse dela até se acalmar e poder se controlar.

– *Ciamar a tha tu, mo chridhe?* – disse ele repentinamente. Era o modo com que ele a cumprimentava, o começo da lição de gaélico que eles faziam todas as noites, mas sua voz estava diferente agora: suave e muito delicada. *Como você está, querida?* Ele virou a mão e cobriu a dela, segurando seus dedos compridos.

– *Tha minha gle mhath, athair* – respondeu ela, parecendo um pouco surpresa. *Estou bem, pai.* Normalmente, ele começava a aula depois do jantar.

Lentamente, ele esticou a outra mão e a pôs delicadamente sobre a barriga dela.

– *An e 'n fhirinn a th'agad?* – perguntou. *Você me conta a verdade?* Fechei os olhos e soltei o ar que não percebi que prendia.

Não era preciso contar *tudo*, então. E agora eu sabia o motivo de sua estranheza: ele sabia, e, por mais que lhe custasse se controlar, ele se controlaria e a trataria bem.

Ela ainda não sabia gaélico o suficiente para saber o que ele havia perguntado, mas sabia bem o que ele queria dizer. Olhou para ele por um momento, paralisada, e então levou a mão sã dele ao rosto e abaixou a cabeça sobre ela, os cabelos soltos escondendo seu rosto.

– Ah, Pa – disse ela baixinho. – Sinto muito.

Ficou parada, segurando a mão dele como se fosse uma tábua de salvação.

– Pronto, *m’annsachd* – disse ele delicadamente –, vai ficar tudo bem.

– Não, não vai – disse ela, a voz baixa mas clara. – Nunca vai ficar bem. Você sabe disso.

Ele olhou para mim por hábito, mas brevemente. Eu não podia dizer a ele o que fazer agora. Ele respirou fundo, pegou-a pelo ombro e a sacudiu levemente.

– Só o que sei – disse ele – é que estou aqui com você, e sua mãe também. Não queremos você envergonhada nem magoada. Nunca. Está ouvindo?

Ela não respondeu nem olhou para cima, mas manteve os olhos voltados para o colo, o rosto escondido pelos cabelos. Cabelos de donzela, grossos e soltos. A mão dele passou pela curva brilhosa da cabeça dela e então seus dedos percorreram o maxilar comprido e ergueram seu queixo para que ela o olhasse.

– Lizzie está certa? – perguntou ele com delicadeza. – Foi um estupro?

Ela afastou o queixo e olhou para as mãos unidas, num gesto de admissão.

– Eu não sabia que ela sabia. Não contei a ela.

– Ela imaginou. Mas não é sua culpa, e nunca pense que é – disse ele firmemente. – Venha aqui, *a leannan*. – Estendeu os braços e a colocou em seu colo de um modo desajeitado.

O banco de madeira de carvalho rangeu assustadoramente sob o peso dos dois, mas Jamie o havia feito de modo resistente; aguentaria o peso de seis pessoas como ele. Apesar de Brianna ser

alta, ela parecia quase pequena aconchegada nos braços dele, a cabeça aninhada na curva do seu ombro. Ele acariciava os cabelos dela devagar, e murmurou coisas em seu ouvido, parte em gaélico.

– Eu ainda verei você bem casada e seu filho com um bom pai. Juro a você, *a nighean*.

– Não posso me casar com ninguém – disse ela, parecendo engasgada. – Não seria certo. Não posso aceitar mais ninguém, pois amo Roger. E Roger não vai me querer agora. Quando ele descobrir...

– Não fará diferença para ele – disse Jamie, segurando-a com mais força, como se pudesse consertar as coisas simplesmente com sua força de vontade. – Se ele for um homem decente, não fará diferença. E se fizer... bem, então ele não a merece, e eu acabarei com ele e encontrarei um homem melhor para você.

Ela riu baixinho e o riso se transformou em um soluço, e então escondeu a cabeça no ombro dele. Ele a acariciou, balançando e murmurando como se ela fosse uma menininha com o joelho ralado, e me fitou nos olhos por cima da cabeça dela.

Eu não havia chorado quando ela me contou; as mães são fortes. Mas agora ela não podia me ver e Jamie havia tirado o peso dos meus ombros por um momento.

Ela também não havia chorado ao contar para mim. Mas agora ela o abraçava e chorava, tanto de alívio quanto de pesar, pensei. Ele só a abraçou e deixou que chorasse, acariciando seus cabelos sem parar e olhando para mim.

Sequei os olhos na manga e ele me sorriu levemente. Brianna havia passado a soluçar longamente e ele a acalmava com tapinhas nas costas.

– Estou com fome, Sassenach – disse ele. – E imagino que todos nós poderíamos beber um pouco, não?

– Sim – falei, e pigarreei. – Vou pegar um pouco de leite da despensa.

– Eu não quis dizer leite! – disse ele, fingindo estar bravo.

Ignorando a risada dos dois, abri a porta.

A noite estava fria e clara, as estrelas de outono brilhavam no céu. Eu não estava vestida para sair de casa – meu rosto e as mãos começavam a formigar –, mas fiquei parada mesmo assim,

deixando o vento frio passar por mim, levando com ele a tensão dos últimos quinze minutos.

Tudo estava silencioso: os grilos e as cigarras há muito tinham morrido ou se escondido com os ratos: os gambás e as fuinhas deixaram a busca sem fim por alimentos e foram sonhar seus sonhos de inverno, com a gordura de seus esforços envolvendo seus ossos. Apenas os lobos caçavam nas noites estreladas e frias do fim do outono, e agiam em silêncio no chão congelado.

– O que nós vamos fazer? – perguntei ao céu infinito e escuro acima de mim.

Não ouvi barulho nenhum, apenas o sopro do vento nos pinheiros; nenhuma resposta, exceto a minha própria pergunta – o eco fraco do “nós” que soava em meus ouvidos. Pelo menos isso era verdade: independentemente do que acontecesse, nenhum de nós precisaria enfrentar as coisas sozinhos. E pensei que isso, por si só, era a resposta de que eu precisava por enquanto.

Eles ainda estavam juntos quando voltei para dentro, as cabeças ruivas próximas, iluminadas pelo claro do fogo ao redor delas. O cheiro de pomada de genciana se misturava ao odor pungente de pinheiro queimado e ao aroma de dar água na boca do ensopado de carne de veado – de repente, senti fome.

Deixei a porta se fechar silenciosamente atrás de mim e abaixei a tranca pesada. Fui atizar o fogo e servir um novo jantar, pegando um pão fresco da prateleira e manteiga doce da despensa. Permaneci um momento ali, olhando para as prateleiras cheias.

“Coloque sua fé em Deus e reze por orientação. E, quando estiver em dúvida, coma.” Um monge franciscano havia me dado esse conselho certa vez, e, de modo geral, eu o considerara útil. Peguei um jarro de geleia de cassis, um queijo de cabra pequeno e uma garrafa de vinho de sabugueiro, para acompanhar.

Jamie falava baixinho quando voltei. Terminei meus preparos, deixando a voz grave dele acalmar a mim e a Brianna.

– Eu pensava em você quando você era pequena. – Jamie dizia a Bree, a voz muito suave. – Quando vivi na caverna, eu imaginava que a segurava em meus braços, um bebezinho. Eu segurava você contra meu coração e cantava para você olhando as estrelas no céu.

– O que você cantava? – A voz de Brianna estava baixa, quase inaudível em meio ao crepitar do fogo. Vi a mão dela pousada no ombro dele. O dedo indicador tocava uma mecha comprida e clara dos cabelos dele, acariciando sua suavidade.

– Canções antigas. Canções de ninar das quais conseguia me lembrar, que minha mãe cantava para mim, as mesmas que minha irmã Jenny cantava para os filhos.

Ela deu um suspiro, um som comprido e lento.

– Cante para mim agora, por favor, Pa.

Ele hesitou, mas então inclinou a cabeça em direção à dela e começou a cantar baixinho uma canção estranha e sem ritmo em gaélico. Jamie era desafinado, a canção subia e descia sem qualquer sentido, sem lembrar uma música, mas o ritmo das palavras confortava o ouvido.

Entendi a maioria das palavras: uma canção de pescador, dando nomes aos peixes do lago e do mar, dizendo à criança o que ele traria para casa para ela comer. Uma canção de caçador, dizendo nomes de aves e de animais de caça, penas para decorar e pele para esquentar, carne para durar o inverno. Era a canção de um pai – uma litania suave de providência e proteção.

Movi-me em silêncio pela sala, pegando os pratos de peltre e as tigelas de madeira para o jantar, voltando para cortar o pão e passar a manteiga nele.

– Sabe de uma coisa, Pa? – perguntou Bree.

– O quê? – perguntou ele, momentaneamente interrompendo a canção.

– Você não sabe cantar.

Ele riu baixinho e ouvi o farfalhar de tecido quando mudou de posição para deixar os dois mais confortáveis.

– Sim, é verdade. Devo parar, então?

– Não. – Ela se aproximou, encostando a cabeça na curva de seu ombro.

Ele voltou a cantar sem ritmo, mas se interrompeu alguns momentos depois.

– Sabe de uma coisa, *a leannan*?

Os olhos dela estavam fechados, os cílios lançavam sombras profundas no seu rosto, mas vi seus lábios se curvarem em um

sorriso.

- O que é, Pa?
- Você pesa a mesma coisa que uma corça adulta.
- Devo sair daqui, então? – perguntou ela, sem se mover.
- Claro que não.

Ela esticou o braço e tocou o rosto dele.

– *Mi gradhaich a thu, athair* – sussurrou ela. *Meu amor a você, pai.*

Ele a puxou contra si, abaixou a cabeça e beijou sua testa. O clarão do fogo aumentou e subiu repentinamente atrás deles, envolvendo seus rostos em tons dourados e escuros. Os traços dele estavam muito nítidos; os dela, um eco mais delicado dos ossos bem delineados dele. Os dois eram teimosos, os dois eram fortes. Os dois, graças a Deus, eram meus.

Brianna adormeceu depois do jantar, exausta de emoção. Eu estava me sentindo meio mole, mas ainda não queria dormir. Sentia-me, ao mesmo tempo, exausta e inquieta, com aquela sensação horrorosa de campo de batalha, de estar no meio de acontecimentos além do meu controle, mas precisando enfrentá-los.

Não queria ter que lidar com nada. O que eu queria era afastar todos os pensamentos do presente e do futuro e voltar para a paz da noite anterior.

Queria subir na cama com Jamie e me deitar aquecida contra seu corpo, nós dois protegidos embaixo dos cobertores contra o frio que aumentava dentro do quarto. Queria observar as chamas diminuírem enquanto conversávamos baixinho, trocando fofocas e piadas a respeito do dia e passando para a linguagem da noite. Queria deixar que nossa conversa passasse das palavras ao toque, dos suspiros aos pequenos movimentos dos corpos que eram, por eles próprios, pergunta e resposta; para que a conclusão da nossa conversa fosse finalmente o silêncio do sono.

Mas havia um problema na casa naquela noite, e não havia paz entre nós.

Ele caminhou pela casa como um lobo enjaulado, pegando e soltando coisas. Eu guardei as coisas usadas no jantar, observando-

o pelo canto dos olhos. Só queria conversar com ele, mas, ao mesmo tempo, temia fazer isso. Eu havia prometido a Bree não contar sobre Bonnet. Mas sempre menti muito mal – e ele conhecia meu rosto muito bem.

Enchi um balde de água quente do caldeirão grande e levei os pratos de peltre para fora para serem lavados.

Voltei e encontrei Jamie de pé ao lado da pequena prateleira onde deixava sua tinta, penas e papéis. Ele não havia se despido para dormir, mas não fazia menção de pegá-los e começar o trabalho que costumava fazer à noite. Mas é claro... ele não podia escrever com a mão machucada.

– Você quer que eu escreva algo para você? – perguntei ao vê-lo pegar uma pena e soltá-la de novo.

Ele se virou de repente.

– Não. Preciso escrever para Jenny, claro, e há outras coisas que precisam ser feitas, mas não consigo me sentar e pensar agora.

– Sei como se sente – falei de modo compreensivo. Ele olhou para mim um pouco surpreso.

– Nem eu consigo dizer como me sinto, Sassenach – disse, rindo. – Se você acha que sabe, pode me dizer.

– Cansado – falei, e pousei a mão em seu braço. – Irado. Preocupado. – Olhei para Brianna dormindo. – Com o coração em frangalhos, talvez.

– Tudo isso – disse ele. – E mais um pouco. – Ele não usava lenço, mas puxou a gola da camisa como se estivesse sendo enforcado.

– Não posso ficar aqui – disse ele. Olhou para mim; eu ainda vestia as roupas do dia: saia, corpete, blusa. – Quer sair e caminhar um pouco comigo?

Fui pegar minha capa. Estava escuro lá fora; ele não conseguiria ver meu rosto.

Caminhamos lentamente juntos, passamos pela porta e pela despensa, descemos pelo chiqueiro e para o campo. Eu segurava seu braço, sentindo-o tenso sob meus dedos.

Não fazia ideia de como começar, do que dizer. Talvez devesse apenas ficar calada, pensei. Nós dois ainda estávamos tristes,

apesar de termos feito o melhor que podíamos para manter a calma por Brianna.

Eu sentia a ira fervilhando sob sua pele. Muito compreensível, mas a ira é tão volátil quanto o querosene – presa sob pressão, sem alvo para acertar. Uma palavra descuidada dita por mim poderia bastar para causar uma explosão. E, se ele explodisse comigo, eu poderia chorar ou voar no pescoço dele, pois meu humor estava fora de controle.

Caminhamos por muito tempo em meio às árvores até o milharal morto e demos a volta, movendo-nos com cuidado por um campo minado de silêncio.

– Jamie – eu disse por fim quando chegamos à beira do campo –, o que você fez com suas mãos?

– O quê? – Ele se virou na minha direção, assustado.

– Suas mãos. – Segurei uma delas e a preendi entre as minhas.

– Você não fez esse estrago empilhando pedras na chaminé.

– Ah. – Ele ficou parado, permitindo que eu tocasse os nós inchados de sua mão. – Brianna – disse. – Ela não contou nada a respeito do homem? Ela disse o nome dele?

Hesitei... e me senti perdida. Ele me conhecia muito bem.

– Ela contou a você, não? – Sua voz tinha um tom perigoso.

– Ela me fez prometer que não contaria a você – falei. – Eu disse a ela que você saberia que eu estava guardando um segredo, mas, Jamie, eu prometi, não me faça contar a você, por favor!

Ele riu de novo, irritado.

– Sim, eu conheço você muito bem, Sassenach; você não conseguiria guardar segredo de ninguém que a conheça um pouco que seja. Até o pequeno Ian consegue perceber o que se passa em sua mente.

Ele balançou a mão para mudar de assunto.

– Não se preocupe. Deixe que ela conte, quando quiser. Posso esperar. – Sua mão marcada segurou o kilt e senti um leve arrepio subir por minhas costas.

– Suas mãos – repeti.

Ele respirou fundo e as mostrou a mim, com as costas viradas para cima. Flexionou-as lentamente.

– Você se lembra, Sassenach, quando nos conhecemos? Dougal me provocou a ponto de eu achar que deveria bater nele, mas, ainda assim, não consegui. Você me disse: “Bata em alguma coisa, vai se sentir melhor.” – Ele deu um sorriso sarcástico e torto. – E eu bati numa árvore. Doeu, mas você estava certa. Eu me senti melhor, sim, pelo menos um pouco.

– Ah. – Soltei o ar, aliviada por ele não ter me pressionado. Que ele esperasse, então; eu duvidava que ele já tivesse percebido que sua filha sabia ser teimosa como ele.

– Ela... ela contou o que aconteceu? – Não consegui ver seu rosto, mas a hesitação em sua voz foi clara. – Quero dizer... – Ele respirou fazendo barulho. – O homem a feriu?

– Não, não fisicamente.

Hesitei, imaginando que conseguia sentir o peso da aliança no bolso, apesar de não conseguir, claro. Brianna não havia pedido que eu guardasse segredo de nada além do nome de Bonnet, mas eu não contaria a Jamie nenhum dos detalhes que ela me contara, a menos que ele perguntasse. E eu não achava que ele perguntaria; era a última coisa que ele desejaria saber.

Ele não perguntou; só murmurou algo em gaélico e seguiu em frente, a cabeça baixa. Quando o silêncio foi quebrado, senti que não podia mais mantê-lo. Era melhor explodir do que me sufocar. Tirei a mão de seu braço.

– Em que está pensando?

– Estou me perguntando... se é tão horrível ser... ser estuprada... se é, se não é... quando não há... ferimentos. – Ajeitou os ombros, inquieto, sacudindo-os como se seu casaco estivesse apertado.

Eu sabia muito bem em que ele estava pensando. Prisão de Wentworth e as cicatrizes claras que tomavam suas costas, uma rede de lembranças assustadoras.

– Bem ruim, acredito – falei. – Mas acho que você está certo, seria mais fácil suportar se não houvesse uma lembrança física. Mas agora há uma lembrança física. – Eu me senti obrigada a acrescentar: – E uma lembrança bem fácil de notar, ainda por cima! – Ele cerrou o punho esquerdo involuntariamente.

– Sim, é isso – murmurou. Olhou para mim com incerteza, a luz da lua dourando seu rosto. – Mas pelo menos... ele não a machucou, é alguma coisa. Se tivesse... a morte seria muito pouco para ele – completou abruptamente.

– Existe o pequeno detalhe de que uma pessoa não se “recupera” de uma gravidez – falei em tom firme. – Se ele tivesse quebrado os ossos dela ou arrancado seu sangue, ela se curaria. Mas assim ela nunca vai se esquecer disso, você sabe.

– Eu sei!

Eu me retraí, e ele percebeu. Fez um gesto para se desculpar.

– Não queria gritar.

Meneei a cabeça levemente para ele e continuamos caminhando lado a lado, mas sem nos tocarmos.

– É... – começou ele, e então parou, olhando para mim. Fez uma careta, impaciente consigo mesmo. – Eu sei – falou mais baixo. – Vai me perdoar, Sassenach, mas eu sei muito mais sobre esse assunto do que você.

– Eu não estava discutindo. Mas você não deu à luz um filho, não tem como saber como é. É...

– Você *está* discutindo comigo, Sassenach. Não faça isso.

Apertou meu braço com força e soltou. Havia um toque divertido em sua voz, mas ele estava totalmente sério.

– Estou tentando dizer a você que *eu* sei. – Ele ficou parado por um minuto, recompondo-se. – Não tenho pensado em Jack Randall há algum tempo – disse por fim. – Não quero fazer isso agora. Mas fiz. – Deu de ombros de novo e passou a mão pelo rosto. – Existe corpo e existe alma, Sassenach – disse lentamente, ordenando as ideias com as palavras. – Você é médica, conhece um muito bem. Mas a outra é mais importante.

Abri a boca para dizer que eu sabia tão bem quanto ele, se não melhor, mas então a fechei sem nada dizer. Ele não notou; não estava vendo o milharal escuro nem a mata de bordo com as folhas prateadas à luz da lua. Seus olhos estavam fixos em um pequeno cômodo com paredes de pedra, decorado com uma mesa, banquinhos e uma luminária. E uma cama.

– Randall – disse ele, e o tom da voz era meditativo. – A maior parte do que ele fez comigo... eu poderia ter suportado. – Estendeu

os dedos da mão direita; a bandagem do dedo ferido brilhou, clara.

– Teria sentido medo, teria me magoado. Eu desejaria matá-lo por isso. Mas poderia ter vivido depois, e não sentido seu toque sempre em minha pele, não teria me sentido imundo se ele tivesse se satisfeito apenas com meu corpo. Ele queria minha alma... e ele a teve.

O curativo branco desapareceu quando ele cerrou o punho.

– Sim, bem... você sabe bem disso. – Ele se virou de repente e começou a caminhar. Precisei me apressar para acompanhá-lo.

– O que estou dizendo, acredito, é que... esse homem era um desconhecido que só a usou para um momento de prazer? Se ele só queria o corpo dela... então acho que ela se curará.

Ele respirou fundo e soltou o ar de novo; vi a névoa branca cercar sua cabeça por um momento, o vapor da ira visível.

– Mas, se ele a conhecia, se era próximo o bastante para *desejá-la*, e não a qualquer mulher, então talvez ele possa ter tocado a alma dela e feito estragos de verdade...

– Você não acha que ele fez estragos de verdade? – Falei alto, apesar de tentar me controlar. – Não importa se ele a conhece ou não...

– É diferente, posso dizer!

– Não, não é. Sei o que você quer dizer...

– Não sabe!

– Sei! Mas por que...

– Porque não é o seu corpo que importa quando eu tomo você – disse ele. – E você sabe disso muito bem, Sassenach!

Virou-se e me beijou intensamente, pegando-me totalmente de surpresa. Pressionou os lábios contra meus dentes e então tomou minha boca toda com a sua, mordendo, exigindo.

Eu sabia o que ele queria de mim – a mesma coisa que eu queria desesperadamente dele: conforto. Mas nenhum de nós tinha isso para dar naquela noite.

Ele apertou meus ombros, subiu e segurou meu pescoço. Os pelos dos meus braços se arrepiaram quando me pressionou contra ele... e então parou.

– Não posso – disse ele. Apertou meu pescoço e então soltou. Estava ofegante. – Não posso.

Deu um passo para trás e se virou, segurando a cerca à sua frente como se estivesse cego. Segurou a madeira com força com as duas mãos e ficou ali, de olhos fechados.

Eu tremia, minhas pernas tinham amolecido. Envolvei meu corpo com os braços por baixo da capa e me sentei aos pés dele. E esperei, com o coração batendo dolorosamente em meus ouvidos. O vento da noite soprava pelas árvores na cordilheira, murmurando através dos pinheiros. Em algum ponto, longe dos montes escuros, uma pantera gritava como uma mulher.

– Não é que eu não a deseje – disse ele por fim, e eu senti o resvalar de seu casaco quando se virou na minha direção. Permaneceu parado por um momento, a cabeça baixa, os cabelos brilhando à luz da lua, o rosto escondido pela escuridão, com a lua por trás. Inclinou-se e segurou minha mão com sua mão ferida, colocando-me de pé. – Acho que nunca a desejei tanto. E... Deus! Preciso de você, sim, Claire. Mas não consigo nem pensar em mim como homem agora. Não posso tocá-la e pensar no que ele... não consigo.

Toquei o braço dele.

– Compreendo – eu disse, e compreendia.

Fiquei contente por ele não ter pedido detalhes; eu gostaria de não saber nenhum deles. Como seria fazer amor com ele imaginando, o tempo todo, um ato idêntico em ação, mas completamente diferente em essência?

– Compreendo, Jamie – disse de novo.

Ele abriu os olhos e me fitou.

– Sim, você entende, não é? E é o que eu quero dizer.

Pegou meu braço e me puxou para perto dele.

– Você poderia me arrasar, Claire, sem ao menos me tocar – sussurrou –, porque você me conhece.

Tocou a lateral do meu rosto com os dedos. Estavam frios e rígidos.

– E eu poderia fazer a mesma coisa com você.

– Poderia – falei, sentindo-me meio zozza. – Mas espero que não faça.

Ele sorriu ao ouvir isso, abaixou-se e me beijou com carinho. Ficamos juntos, quase sem nos tocarmos, exceto pelos lábios,

respirando a respiração um do outro.

Sim, dissemos silenciosamente um ao outro. *Sim, ainda estou aqui*. Não foi uma salvação, mas pelo menos era uma ligação com a vida, estendendo-se pelo abismo que nos separava. Eu sabia o que ele queria dizer a respeito da diferença entre os danos ao corpo e à alma; o que eu não conseguia explicar a ele era o elo entre os dois que se localizava no ventre dela. Por fim, dei um passo para trás, olhando para ele.

– Bree é uma pessoa muito forte. Como você – falei.

– Como eu? – Ele resmungou. – Que Deus a ajude, então.

Suspirou e então se virou e começou a caminhar lentamente ao lado da cerca. Eu o segui, apressando-me para acompanhá-lo.

– Esse homem, esse Roger de quem ela fala... ele vai ficar do lado dela? – perguntou de súbito.

Respirei fundo e deixei o ar sair lentamente, sem saber como responder. Conheci Roger por alguns meses apenas. Gostava dele; gostava muito, na verdade. De tudo o que eu sabia sobre ele, era um jovem totalmente decente e respeitável – mas como eu poderia sequer fingir saber o que ele poderia pensar, fazer ou sentir quando descobrisse que Brianna tinha sido estuprada? Pior ainda, que ela podia estar grávida do estuprador?

Nem os melhores homens poderiam saber lidar com uma situação assim; em meus anos como médica, eu já tinha visto casamentos bem estabelecidos ruírem sob a pressão de coisas menores. E outros que não ruíam, mas eram prejudicados pela falta de confiança. Involuntariamente, apertei a mão contra a perna, sentindo a leve protuberância da aliança de ouro em meu bolso. *De F. para C. com amor. Sempre.*

– Você ficaria? – perguntei por fim. – Se fosse eu?

Ele olhou para mim e abriu a boca como se quisesse falar. Voltou a fechá-la e pôs-se a examinar meu rosto, as sobrancelhas franzidas de preocupação.

– Eu queria dizer “Sim, claro!” – disse ele lentamente por fim. – Mas prometi honestidade certa vez, não?

– Prometeu – respondi, e senti meu coração afundar com o peso da culpa. Como podia forçá-lo a ser honesto se eu não estava sendo honesta? Mas ele havia perguntado.

Ele deu um soco leve na cerca.

– *Ifrinn!* Sim, eu ficaria. Você seria minha, ainda que a criança não fosse. E se você... sim. Ficaria – repetiu, com firmeza. – Eu aceitaria você e a criança, e que se danasse o mundo todo!

– E não pensaria mais nisso? – perguntei. – Nunca deixaria esse pensamento tomar sua mente quando fosse para a cama comigo? Nunca veria o pai quando olhasse para o filho? Nunca jogaria isso na minha cara nem permitiria que se tornasse um abismo entre nós?

Ele abriu a boca para responder, mas a fechou sem falar. Então vi uma mudança em seus traços, um choque repentino de percepção.

– Ah, Cristo – disse ele. – Frank. Não eu. Você se refere a Frank.

Eu assenti, e ele segurou meus ombros.

– O que ele fez com você? – perguntou. – O quê? Diga, Claire!

– Ele ficou do meu lado – falei, parecendo engasgada até para meus ouvidos. – Tentei fazer com que ele fosse embora, mas ele não foi. E quando o bebê... quando Brianna chegou... ele a amou, Jamie. Ele não tinha certeza, não acreditava que pudesse, nem eu... mas ele a amou. Sinto muito – acrescentei.

Ele respirou fundo e soltou meus ombros.

– Não sinta muito por isso, Sassenach – disse. – Nunca.

Passou a mão pelo rosto e eu consegui sentir o leve raspar de sua barba.

– E você, Sassenach? – perguntou. – O que você dizia... quando ele ia para a cama com você? Ele achou... – Parou de falar abruptamente, deixando todas as perguntas no ar entre nós.

– Pode ter sido eu... minha culpa, quero dizer – disse por fim. – Não conseguia esquecer. Se eu... poderia ter sido diferente.

Eu deveria ter parado ali, mas não consegui; as palavras que tinham sido represadas a noite toda vazaram:

– Poderia ter sido mais fácil, melhor, para ele se *tivesse* sido um estupro. Foi o que disseram a ele... os médicos; que eu tinha sido estuprada e violentada, e estava tendo alucinações. Era no que todos acreditaram, mas eu dizia para ele que não tinha sido assim, insistia em contar a verdade. E depois de um tempo... ele acreditou

em mim, pelo menos um pouco. E foi esse o problema: não que eu tivesse uma filha de outro homem, mas o fato de eu ter amado você. E eu não conseguia parar. Não conseguia – acrescentei num tom mais suave. – Frank era melhor do que eu. Ele conseguiu deixar o passado para trás, pelo menos por Bree. Mas de minha parte... – As palavras morreram em minha garganta.

Ele se virou e olhou para mim por muito tempo, o rosto inexpressivo, os olhos escondidos pelas sombras das sobrancelhas.

– E assim você viveu vinte anos com um homem que não pôde perdoá-la pelo que não foi sua culpa? Eu fiz isso com você, não? Sinto muito também, Sassenach.

Um suspiro me escapou, não exatamente um soluço.

– Você disse que poderia me arrasar sem me tocar – falei. – Você estava bem certo.

– Sinto muito – sussurrou ele, mas dessa vez me tocou e me segurou contra seu corpo com força.

– Por eu ter amado você? Não sinta por isso – falei, minha voz abafada em sua camisa. – Nunca.

Ele não respondeu, mas abaixou a cabeça e pressionou o rosto contra meus cabelos. No silêncio, eu conseguia ouvir seu coração batendo, acima do barulho do vento nas árvores. Minha pele estava fria; as lágrimas do meu rosto esfriaram na mesma hora.

Por fim, deixei os braços relaxarem e dei um passo para trás.

– É melhor voltarmos para casa – disse, tentando falar em tom normal. – Está ficando muito tarde.

– Sim, acho que sim. – Ele me ofereceu o braço e eu o aceitei. Passamos em silêncio pelo caminho até a beira do riacho. Estava frio o bastante para pequenos cristais de gelo brilharem entre as rochas onde a luz das estrelas os refletia, mas o riacho estava longe de estar congelado. Seu gorgolejar enchia o ar e nos impedia de ficar silenciosos demais.

– Sim, bem – disse ele quando passamos pelo chiqueiro. – Espero que Roger Wakefield seja um homem melhor do que nós dois, Frank e eu. – Olhou para mim. – Saiba que se ele não for, vou acabar com ele.

Apesar de tudo, eu ri.

– Isso vai ajudar *muito* na situação. Com certeza.

Ele riu e continuou andando. Na base do monte, viramos sem nos falar e fomos na direção da casa. Perto do caminho que levava à porta, eu o interrompi.

– Jamie – disse com hesitação. – Você acredita que eu amo você?

Ele virou a cabeça e olhou para mim por muito tempo antes de responder. A lua brilhava em seu rosto, destacando os traços como se tivessem sido esculpidos em mármore.

– Sim, e se não me ama, Sassenach, você escolheu um momento muito ruim para me contar.

Suspirei e ri ao mesmo tempo.

– Não, não é isso – falei. – Mas... – Minha garganta se contraiu e engoli com esforço, precisando falar. – Eu... não digo com frequência. Talvez seja porque não fui criada dizendo coisas assim; vivi com meu tio, e ele era carinhoso, mas não... bem, eu não sabia como os casais...

Ele pousou a mão delicadamente sobre meus lábios, esboçando um leve sorriso. Depois de um momento, ele a tirou.

Respirei fundo, estabilizando minha voz:

– Olhe, o que quero dizer é... se eu não digo, como você sabe que eu amo você?

Ele ficou parado, olhando para mim, e então meneou a cabeça.

– Sei por que você está aqui, Sassenach. E é o que você quer dizer, não? Que ele veio atrás dela... esse Roger. Então talvez ele a ame bastante.

– Não é algo que alguém faria só por amizade.

Ele assentiu de novo, mas eu hesitei, querendo dizer mais, para imprimir nele o sentido do que disse.

– Não contei muito sobre isso porque... não há palavras para isso. Mas uma coisa eu posso dizer, Jamie... – Estremeci involuntariamente, e não por causa do frio. – Nem todo mundo que passa pelas pedras consegue sair.

Ele ficou mais sério.

– Como sabe disso, Sassenach?

– Eu consigo... consegui ouvi-los... gritando.

Eu estava tremendo sem parar, numa mistura de frio com lembranças, e ele segurou minhas mãos e me puxou para mais

perto. O vento do outono balançava os galhos dos salgueiros perto do riacho, um som de ossos secos. Ele me segurou até o tremor parar e então me soltou.

– Está frio, Sassenach. Entre. – Virou-se na direção da casa, mas eu pousei minha mão em seu ombro para detê-lo de novo.

– Jamie?

– Sim.

– Eu deveria... você... você precisa que eu diga?

Ele se virou e olhou para mim. Estava cercado pela luz da lua, mas seus traços voltaram a ficar escuros.

– Não preciso disso. – A voz dele era suave. – Mas eu não me importaria se você quisesse dizer. De vez em quando. Não com muita frequência, certo? Eu não gostaria de perder a novidade da situação. – Percebi que ele sorria e também sorri, mesmo que ele não pudesse ver.

– Mas de vez em quando não causaria mal?

– Não.

Eu me aproximei dele e coloquei as mãos em seus ombros.

– Amo você.

Ele olhou para mim por muito tempo.

– Que bom, Claire – disse baixinho, e tocou meu rosto. – Fico muito feliz. Venha para a cama agora, vou aquecer você.

EM UMA MANJEDOURA

O estábulo minúsculo ficava em uma caverna rasa embaixo de uma rocha que se estendia acima, cobrindo o espaço, e uma parede fora criada na frente com uma paliçada de troncos de cedro, fincada cerca de 60 centímetros na terra, forte o bastante para deter o urso mais decidido. A luz entrava pela metade de cima da porta aberta do estábulo e a fumaça iluminada e rósea subia pela face do abismo à frente, passando como água cristalina sobre a pedra.

– Por que uma porta dupla? – perguntara ela. Parecia um trabalho excessivo, um refinamento desnecessário para uma estrutura tão simples.

– É preciso dar aos animais um lugar para olharem para fora – explicara, mostrando a ela onde esticar as faixas de couro ao redor da curva da madeira. Ele pegou o martelo para prender o couro e sorriu para ela, ajoelhando-se sobre o portão meio erguido. – Para mantê-los felizes.

Ela não sabia se os animais eram felizes no estábulo, mas *ela* era; fresco e protegido pelas sombras, com cheiro forte de palha e de esterco dos animais que só comiam mato, era um refúgio pacífico durante o dia, quando seus moradores saíam para pastar. No clima ruim ou à noite, a pequena paliçada era muito confortável; certa vez, ela passara perto o bastante depois de escurecer e viu as exalações suaves e quentes dos animais no espaço entre a madeira e a rocha, como se a terra mesma respirasse por lábios contraídos, adormecidos e aquecidos no frio do outono.

Estava frio naquela noite e as estrelas eram nítidas como pontas de agulha na atmosfera clara. Saindo da casa, era uma caminhada de apenas cinco minutos, mas Brianna tremia sob a capa quando chegou ao estábulo. A luz que saía vinha não apenas

de uma lanterna pendurada, ela viu, mas também de um pequeno braseiro improvisado no canto, oferecendo calor e luz para a vigília ali dentro.

Seu pai estava deitado e encolhido em uma cama de feno, com o tartã sobre o corpo, perto da pequena vaca malhada. A bezerra estava deitada de lado com as patas para baixo, grunhindo de vez em quando, com um olhar de concentração leve na ampla cara branca.

Ele levantou a cabeça abruptamente ao ouvir os passos dela no chão de pedra e levou a mão por reflexo ao cinto sob o tartã.

– Sou eu – disse ela, e viu que ele relaxou quando ela apareceu à luz. Ele virou as pernas para o lado e se sentou, esfregando o rosto enquanto ela entrava, cuidadosamente prendendo o portão de baixo.

– Sua mãe ainda não voltou? – Ela estava sozinha, era claro, mas ele olhou rapidamente sobre seu ombro como se esperasse que Claire se materializasse na escuridão.

Brianna balançou a cabeça, negando. Claire havia ido com Lizzie como acompanhante para cuidar de um parto em uma das fazendas no lado mais distante da enseada; se o bebê não chegasse até o pôr do sol, elas passariam a noite na casa dos Lachlan.

– Não. Ela disse que, se não voltasse, eu deveria trazer algo para você comer. – Ela se ajoelhou e abriu o pequeno pacote que trouxera, retirando pães pequenos com queijo e tomate em conserva, uma torta de maçã e duas garrafas de pedra – uma com ensopado de legumes quente, e a outra com sidra.

– Que gentileza, moça. – Ele sorriu para ela e pegou uma das garrafas. – Você já comeu?

– Ah, sim – disse ela. – Muito. – Ela *havia* comido, mas não resistiu e olhou com desejo para os pães frescos; a sensação de mal-estar já havia passado, substituída por um apetite surpreendente em sua intensidade.

Ele a viu olhar e, sorrindo, pegou o punhal, cortou um dos pães em duas partes e entregou a ela a maior.

Mastigaram na companhia um do outro por alguns momentos, sentados lado a lado no feno, e o silêncio era quebrado apenas

pelos gemidos dos outros habitantes do estábulo. O lado mais distante do recinto era cercado para servir de chiqueiro para a enorme porca e sua nova ninhada; Brianna conseguia vê-los sob a luz: uma fileira de corpinhos rechonchudos sobre a palha, profeticamente em formato de linguça.

O restante do pequeno espaço era dividido em três partes. Uma era da vaca vermelha Magdalen, que permanecia na palha ruminando tranquilamente, com o bezerro de um mês enrolado e adormecido em seu peito enorme. A segunda parte estava vazia, tomada pelo feno fresco, pronta para a vaca malhada e seu bezerro. A terceira era onde ficava a égua de lan, com ancas brilhosas e pesada, pois estava gerando um potro.

– Isto está parecendo uma maternidade – disse Brianna, meneando a cabeça para Magdalen enquanto tirava as migalhas da blusa. Jamie sorriu e ergueu uma sobrancelha, como sempre fazia quando ela dizia algo que ele não entendia.

– É mesmo?

– É uma parte especial de um hospital onde ficam as mães que acabaram de dar à luz e seus bebês – explicou. – A mamãe me levava para trabalhar com ela de vez em quando e me deixava ver a maternidade enquanto fazia suas visitas.

Ela se lembrava vagamente do cheiro do corredor do hospital, um cheiro levemente pungente de desinfetante e cera para polir o chão, e dos bebês deitados, embrulhados, gorduchinhos como filhotes de porco nos bercinhos, com cobertores cor-de-rosa e azuis. Ela sempre gastava muito tempo subindo e descendo o corredor, tentando decidir qual ela levaria para casa, se pudesse pegar um.

Cor-de-rosa ou azul? Pela primeira vez, ela se perguntou o que aquele que ela *pegaria* seria. Pensar “nele” como menino ou menina era estranhamente triste, e ela afastou a ideia com palavras.

– Eles colocam os bebês todos atrás de uma parede de vidro, para que as pessoas possam vê-los sem espalhar germes sobre eles – disse, olhando para Magdalen, feliz e alheia aos fios de saliva verde que pingavam de suas mandíbulas na cabeça de seu bezerro.

– Germes – disse ele de modo pensativo. – Sim, eu soube sobre os germes. Feras pequenas e perigosas, não?

– Podem ser, sim. – Ela tinha a lembrança clara de sua mãe mexendo na caixa de remédios para ir à casa dos Lachlan, com cuidado, enchendo a garrafa grande de vidro com álcool destilado no barril da despensa. E uma lembrança mais distante, mas igualmente vívida, de sua mãe explicando o passado a Roger Wakefield.

“Dar à luz era a coisa mais perigosa que uma mulher podia fazer”, dissera Claire, franzindo o cenho ao se lembrar das coisas que já tinha visto. “Infecção, ruptura da placenta, reações anormais, abortos, hemorragia, febre puerperal – na maior parte das vezes, a chance de sobrevivência no parto era de 50 por cento.”

Os dedos de Brianna estavam frios, apesar dos pedaços de pinheiro no braseiro, e seu apetite voraz parecia tê-la deixado de repente. Colocou o resto do pão no feno, engolindo com dificuldade, com a sensação de que um pedaço grande havia parado em sua garganta.

A mão grande do pai tocou seu joelho, e era possível sentir seu calor até mesmo através da lã de sua saia.

– Sua mãe não vai permitir que você sofra – disse ele. – Ela já combateu germes antes; já vi. Ela não permitiu que eles tomassem conta do meu corpo, e não permitirá que tomem conta do seu. Ela é uma pessoa muito teimosa, sabe?

Ela riu, e a sensação de engasgo diminuiu.

– Ela diria que só um teimoso reconheceria outro.

– Acho que ela tem razão quanto a isso. – Ele se levantou e deu a volta pela novilha malhada, abaixando-se para observar seu rabo. Ficou de pé, balançando a cabeça, e voltou a se sentar. Recostou-se confortavelmente e pegou o pão que Brianna descartara.

– Ela está bem? – Brianna se curvou e pegou um pedaço de feno, segurando-o de modo convidativo à frente da bezerra. A vaca respirou com força sobre os nós de seus dedos, mas ignorou a atenção, olhando de um lado para outro com os olhos de cílios compridos. De vez em quando, as laterais malhadas do corpo do animal tremiam, e o pelo grosso da vaca brilhava à luz da lanterna pendurada.

Jamie franziu o cenho.

– Sim, acho que ela vai ficar bem. Mas é a primeira cria dela e ela é pequena para isso. Tem só 1 ano; não deveria ter cruzado tão cedo, mas... – Encolheu os ombros e deu mais uma mordida no pão.

Brianna secou a mão molhada na barra da saia. Sentindo-se repentinamente inquieta, levantou-se e caminhou até o chiqueiro.

A curva ampla da barriga da porca subia e descia em meio ao feno como um balão inflado, a pele rosada visível sob os pelos brancos, macios e esparsos. A porca estava deitada, calma, respirando lenta e profundamente, ignorando os remexos e grunhidos dos filhotes perto de sua barriga. Um porquinho foi empurrado por um dos irmãos e, por um momento, perdeu a teta; ouviu-se um grito estridente de protesto e um jato de leite espirrou do mamilo recém-liberado, molhando a palha.

Brianna sentiu um leve formigar nos próprios seios; de repente, eles pareceram mais pesados do que o normal, apoiados em seus braços dobrados enquanto ela se recostava na cerca.

Não era exatamente uma imagem estética da maternidade – não era bem a Madonna e seu filho –, mas havia algo vagamente reconfortante no torpor maternal tranquilo da porca, de qualquer modo – um tipo de confiança despreocupada, a fé cega nos processos naturais.

Jamie olhou de novo para a vaca malhada e parou ao lado de Brianna perto do chiqueiro.

– Que boa mocinha – disse ele com aprovação, meneando a cabeça na direção da porca. Como se respondesse, a porca soltou um longo e retumbante peido e se remexeu, esticando-se na palha com um suspiro voluptuoso.

– Bem, parece que ela sabe o que está fazendo – concordou Brianna, mordendo o lábio.

– Sim, sabe. Tem um temperamento forte, mas é uma boa mãe. Esta é sua quarta ninhada, e nenhum morreu ou desmamou raquítico. – Meneou a cabeça aprovando e então olhou para a bezerra malhada. – Só espero que ela consiga metade do que a porca conseguiu.

Brianna respirou fundo.

– E se não conseguir?

Ele não respondeu na hora, mas permaneceu recostado na cerca, olhando para a ninhada. Então ergueu os ombros levemente.

– Se ela não conseguir dar à luz sozinha e eu não conseguir puxar o bezerro, talvez eu tenha que matá-la – disse ele sem emoção. – Se puder salvar o bezerro, talvez possa deixá-lo com Magdalen.

Ela sentiu o estômago se embrulhar com a comida ingerida. Ela tinha visto o punhal no cinto dele, claro, mas fazia parte de sua roupa de sempre, por isso ela nunca tinha pensado em questionar sua habilidade de pastor. A presença pequena e redonda em sua barriga estava parada e pesada, como uma bomba-relógio à espera.

Ele se agachou ao lado da bezerra e passou a mão pela anca inchada. Evidentemente satisfeito por enquanto, coçou a vaca entre as orelhas, murmurando em gaélico.

Como ele podia acariciá-la daquele modo, ela pensou, sabendo que dali a algumas horas podia estar fatiando sua carne? Parecia sangue-frio; um açougueiro sussurrava “doce menina” a suas vítimas? Uma leve dúvida gélida caiu em seu estômago e se uniu aos outros pesos ali presentes como uma coleção.

Ele ficou de pé e se alongou, resmungando quando sua coluna estalou. Endireitou os ombros, parou, piscou e sorriu para ela.

– Posso levá-la para casa, moça? Vai demorar um pouco para que algo aconteça aqui.

Ela olhou para ele, hesitante, mas se decidiu.

– Não, vou esperar um pouco com você. Se não se importar.

Ela se decidiu num impulso. Perguntaria agora. Estava há dias esperando pelo momento certo, mas quando podia ser o momento certo para algo assim? Pelo menos, eles estavam sozinhos agora, sem chance de serem perturbados.

– Como quiser. Vou ficar contente com sua companhia.

Não por muito tempo, ela pensou ao se virar para mexer no cesto que havia trazido. Preferiria que ali estivesse escuro. Teria sido muito mais fácil perguntar o que precisava saber na trilha escura para casa. Mas palavras não bastavam; ela tinha que ver o rosto dele.

Sua boca estava seca; ela aceitou de bom grado quando ele ofereceu um copo de sidra. Era forte e densa, e o leve torpor do

álcool pareceu diminuir um pouco o peso em sua barriga.

Ela lhe entregou o copo, mas não esperou que ele bebesse, temendo que o efeito encorajador momentâneo da sidra passasse antes de conseguir falar.

– Pa...

– Sim, moça? – Ele servia mais sidra, os olhos fixos no líquido dourado.

– Preciso perguntar uma coisa.

– Sim?

Ela respirou fundo e disse de uma vez:

– Você matou Jack Randall?

Ele ficou paralisado por um momento, a jarra ainda inclinada sobre o copo. Então virou o jarro cuidadosamente e o colocou no chão.

– E onde você ouviu esse nome? – perguntou ele. Olhou diretamente para ela, a voz tão firme quanto os olhos. – De seu pai, talvez? De Frank Randall?

– A mamãe me contou sobre ele.

Um músculo se contraiu perto do canto de sua boca, o único indício exterior do choque.

– Contou...

Não foi uma pergunta, mas ela respondeu mesmo assim:

– Ela me contou o que... o que aconteceu. O que ele... fez com você. Em Wentworth.

Seu momento de coragem havia passado, mas não importava: já tinha ido longe demais. Ele simplesmente ficou sentado olhando para ela, esquecendo-se do copo que segurava. Ela queria pegá-lo e beber tudo, mas não ousou.

Ocorreu a ela, tarde demais, que ele podia considerar uma traição Claire ter contado a quem quer que fosse, ainda mais a ela. Apressou-se, confusa devido ao nervosismo.

– Não foi agora; foi antes... eu não conhecia você... ela pensou que eu nunca conheceria. Quero dizer, não acho... sei que ela não pretendia...

Ele ergueu uma sobrancelha para ela.

– Calma, sim?

Ela ficou contente por poder parar de falar. Não conseguia olhar para ele, mas ficou fitando o próprio colo, os dedos tocando o tecido avermelhado de sua saia. O silêncio se prolongou, interrompido apenas pelos movimentos e pelos grunhidos abafados dos porquinhos e um ronco do estômago de Magdalen vez ou outra.

Por que ela não havia encontrado outra maneira?, ela se perguntou, tomada pelo embaraço. *Tu não deves expor a nudez de teu pai.* Dizer o nome de Jack Randall era trazer de volta as imagens do que ele havia feito... e ela nem sequer conseguia pensar nisso. Deveria ter pedido a sua mãe, deixado Claire perguntar a ele... mas não. Não tivera escolha, de fato. Ela tinha que saber por ele...

Seus pensamentos confusos foram interrompidos pelas palavras calmas dele:

– Por que está perguntando, moça?

Ela levantou a cabeça e o viu olhando para ela por cima do copo de sidra que não bebera. Não parecia irritado, e ela se sentiu menos nervosa. Cerrou os punhos sobre os joelhos para se firmar e fitou diretamente os olhos dele.

– Preciso saber se isso resolverá. Quero... matá-lo. O homem que... – Ela fez um gesto vago para a própria barriga e engoliu em seco. – Mas se fizer isso e não ajudar... – Não conseguiu continuar.

Ele não pareceu chocado; abstraído, apenas. Levou o copo à boca e tomou um gole lentamente.

– Hummm. E você já matou alguém antes? – Ele disse isso como uma pergunta, mas ela sabia que não era. O músculo saltou perto dos lábios dele de novo... porque ele queria rir, ela pensou, não estava chocado, e ela sentiu uma onda de ira.

– Você acha que não consigo, não é? Mas consigo. É melhor acreditar, porque consigo! – Ela abriu as mãos, segurando os joelhos fortes. Acreditava que conseguiria, ainda que sua ideia de como poderia acontecer variasse. A sangue-frio, um tiro parecia o melhor modo, talvez o único certo. Mas, ao tentar imaginar a cena, percebeu a verdade no antigo ditado “Um tiro é bom demais para ele”.

Podia ser bom demais para Bonnet, mas não seria bom demais para ela. À noite, quando afastava os cobertores, sem conseguir

aguentar o menor peso que fosse e a lembrança do que acontecera, ela não queria vê-lo morto apenas. Queria *matá-lo*, pura e intensamente. Matá-lo com suas mãos, vingando-se do que tinha sido tirado dela.

E ainda assim... de que adiantaria matá-lo se ele ainda a assombrasse? Não havia como saber, a menos que seu pai contasse.

– Pode me dizer? – perguntou ela. – Você o matou... e isso ajudou?

Ele parecia estar pensando naquilo, observando-a com atenção, os olhos semicerrados.

– E de que resolveria você praticar um assassinato? – perguntou ele. – Não tirará o bebê de sua barriga nem devolverá sua honra.

– Eu sei disso! – Ela sentiu o rosto muito quente e se virou, irritada com ele e consigo mesma. Eles falavam de estupro e assassinato, e ela se sentia envergonhada por ele ter mencionado sua virgindade perdida? Forçou-se a olhar para ele de novo.

– A mamãe disse que você tentou matar Jack Randall em Paris, em um duelo. O que você pensou que conseguiria com isso?

Ele coçou o queixo com força, então respirou fundo e soltou o ar lentamente, os olhos fixos na rocha manchada no teto.

– Eu queria resgatar minha virilidade – disse. – Minha honra.

– Você acha que resgatar minha honra não vale a pena? Ou acha que é a mesma coisa que minha *virgindade*? – Ela imitou o sotaque dele com raiva.

Ele olhou para ela com seus olhos azuis.

– É a mesma coisa para você?

– Não, não é – disse ela entre dentes.

– Que bom – respondeu ele.

– Então responda, maldição! – Ela bateu um punho na palha, e não encontrou satisfação com o baque seco. – Matá-lo devolveu sua honra? Ajudou? Diga a verdade!

Ela parou, ofegante. Olhou para ele, e ele lhe devolveu um olhar frio. Então levou o copo abruptamente aos lábios, bebeu a sidra num só gole e colocou o copo na palha ao seu lado.

– A verdade? A verdade é que não sei se o matei ou não.

Ela estava boquiaberta.

– Você não *sabe* se o matou?

– Foi o que eu disse. – Um leve movimento dos ombros indicou sua impaciência. Ele ficou de pé de repente, como se não conseguisse permanecer sentado por mais tempo. – Ele morreu em Culloden, e eu estava lá. Acordei na charneca depois da batalha, com o corpo de Randall em cima de mim. Só sei isso... e nada muito além disso. – Parou como se estivesse pensando e então, decidido, colocou um joelho à frente, puxou o tartã e virou a cabeça para baixo. – Veja.

Era uma velha cicatriz, mas não menos impressionante pela idade. Ela percorria a parte de dentro da coxa dele por quase 30 centímetros e a ponta de baixo era repuxada como a cabeça de uma clava, o restante uma linha mais clara, apesar de grossa e retorcida.

– Uma baioneta, acredito – disse ele, olhando para a cicatriz sem emoção. Abaixou o kilt, escondendo-a mais uma vez. – Eu me lembro da sensação da lâmina acertando o osso, e nada mais. Nem o que aconteceu depois... nem antes.

Ele respirou de modo profundo e audível e, pela primeira vez, ela percebeu que aquela aparente calma estava exigindo grande esforço para ser mantida.

– Achei uma bênção não conseguir me lembrar. – Ele não olhava para ela, mas para as sombras do fundo do estábulo. – Bons homens morreram ali, homens que eu amava. Se eu não soubesse de suas mortes, se eu não me lembrasse deles nem os imaginasse, então não teria que pensar neles como mortos. Talvez isso tenha sido covardia, talvez não. Talvez eu tenha escolhido não me lembrar daquele dia, talvez eu não consiga, se quiser.

Fitou-a, os olhos mais calmos, então se virou, com o tartã balançando, sem esperar resposta.

– Depois... sim, bem. A vingança não parecia importante naquele momento. Havia milhares de homens mortos naquele campo e eu pensei que seria um deles dentro de horas. Jack Randall... – Fez um gesto frio e impaciente, afastando a lembrança de Jack Randall como teria feito com uma mosca. – Ele *foi* um deles. Pensei que poderia deixá-lo com Deus.

Ela respirou fundo, tentando manter os sentimentos sob controle. A curiosidade e a solidariedade lutavam contra uma sensação enorme de frustração.

– Você está... bem. Quero dizer... apesar do que ele fez com você?

Ele olhou para ela com exasperação, numa mistura de compreensão e sarcasmo.

– Poucos morrem disso, moça. Eu não morri. Nem você.

– *Ainda* não. – Involuntariamente, ela levou a mão à barriga. Olhou para ele. – Acho que veremos em seis meses se eu morrerei disso.

Isso o deixou abalado, e ela viu. Ele soltou o ar e fez uma cara feia para ela.

– Você vai ficar bem – disse. – Você tem mais anca do que a bezerra.

– Como a sua mãe? Todo mundo diz que sou como ela. Acredito que ela também tivesse quadril largo, mas isso não a salvou, não é?

Ele se retraiu. Rápida e rasteira como se tivesse dado um tapa em sua cara. Perversamente, viu como ela foi tomada pelo pânico, e não pela satisfação que esperara.

Ela compreendeu, naquele momento, que a promessa que ele fizera de protegê-la era, em parte, uma ilusão. Ele mataria por ela, sim. Ou morreria, ela não tinha dúvidas. Se ela deixasse, ele vingaria sua honra, destruiria seus inimigos. Mas ele não podia defendê-la de seu filho; ele era tão impotente para salvá-la daquela ameaça como se ela nunca o tivesse encontrado.

– Vou morrer – disse ela, a certeza tomando seu ventre como o mercúrio congelado. – Sei que vou.

– Não vai! – Ele a agarrou, e ela sentiu as mãos dele em seus braços. – Não permitirei!

Ela daria qualquer coisa para acreditar nele. Seus lábios estavam adormecidos e rígidos, e a raiva dava caminho ao desespero.

– Não tem como evitar. Não pode fazer nada! – disse ela.

– Sua mãe pode – respondeu ele, mas não parecia totalmente convencido. Suas mãos relaxaram e ela se livrou.

– Não, ela não pode... não sem um hospital, sem remédios e equipamentos. Se... se der errado, ela só poderá tentar salvar o bebê. – Ela olhou para o punhal dele, com a lâmina brilhando contra a palha onde ele o havia deixado.

Seus joelhos estavam fracos e ela se sentou de repente. Ele pegou a jarra e virou a sidra em um copo, colocando-o embaixo do nariz dela.

– Beba isto – disse. – Beba, moça, você está muito pálida. – Apoiou a nuca dela, incentivando-a. Ela deu um gole, mas engasgou e se afastou, fazendo um gesto de recusa. Passou a manga pelo queixo molhado, secando a sidra derramada.

– Sabe o que é pior? Você disse que não foi minha culpa, mas foi.

– Não foi!

Ela ergueu a mão, fazendo um gesto para que ele se calasse.

– Você falou sobre covardia; sabe o que é isso. Bem, eu fui covarde. Deveria ter lutado, não deveria ter permitido que ele... mas senti medo. Se eu tivesse sido corajosa, isso não teria acontecido, mas não fui, estava aterrorizada! E agora estou ainda com mais medo – disse ela, a voz embargada. Respirou fundo para se acalmar, apoiando as mãos na palha. – Você não pode evitar, nem a mamãe, e eu também não posso fazer nada. E Roger... – Sua voz falhou nesse momento, e ela mordeu o lábio com força, afastando as lágrimas.

– Brianna... *a leannan*... – Ele fez um movimento para confortá-la, mas ela se afastou, os braços cruzados em cima da barriga.

– Fico pensando... se eu matá-lo, é algo que posso fazer. É a *única* coisa que posso fazer. Se eu... se eu tenho que morrer, pelo menos posso levá-lo comigo, e se eu não morrer... então talvez eu possa esquecer, se ele estiver morto.

– Você não vai esquecer.

As palavras saíram diretas e sérias como um soco na barriga. Ele ainda segurava o copo de sidra. Jogou a cabeça para trás e bebeu de uma vez.

– Mas não importa – disse ele, pousando o copo com um ar formal. – Vamos encontrar um marido para você e, quando o bebê nascer, você não terá muito tempo para gastar se preocupando.

– O quê? – perguntou ela, indignada. – Como assim, encontrar um marido para mim?

– Você vai precisar de um, não? – perguntou ele, surpreso. – A criança deve ter um pai. E se você não me disser o nome do homem que lhe fez a barriga, para eu fazer com que ele assuma a responsabilidade...

– Você acha que eu me *casaria* com o homem que fez isso? – Sua voz falhou de novo, dessa vez irritada.

A voz dele ficou mais firme:

– Bem, estou pensando... será que você não está brincando um pouco com a verdade, moça? Talvez não tenha sido um estupro, afinal; talvez você tenha deixado de gostar do homem e tenha fugido... e inventou a história depois. Você não tinha hematomas, afinal. Difícil pensar que um homem pudesse forçar uma moça do seu tamanho, se você realmente não quisesse.

– Você acha que estou *mentindo*?

Ele ergueu uma sobrancelha com sarcasmo. Furiosa, ela levantou a mão para ele, mas ele segurou seu pulso.

– Não – disse com reprovação. – Você não é a primeira moça a cometer um deslize e tentar escondê-lo, mas... – Ele segurou o outro punho quando ela o atacou e puxou os dois para cima. – Você não precisa fazer esse escândalo todo. Ou você queria o homem e ele a deixou? Foi isso?

Ela se contorceu, usou o peso para virar de lado, levantou o joelho com força. Ele se virou levemente e o joelho dela acertou sua coxa, não a parte vulnerável entre as pernas dele, que era o alvo.

O golpe deve ter doído, mas ele não diminuiu a pressão nem um pouco. Ela se retorceu, chutando, amaldiçoando as saias. Acertou a canela dele pelo menos duas vezes, mas ele só riu, como se achasse os ataques engraçados.

– É só o que consegue fazer, moça? – Ele a soltou, mas só para segurar os dois braços com uma das mãos. Com a outra, fez cócegas nas costelas dela.

*“Houve um homem
em Muir of Skene,
Ele tinha punhais,
E eu não tinha nada;*

*Mas eu o ataquei
Com meus polegares,
E imagine,
Eu o apunhalei,
Apunhalei,
Apunhalei.*

A cada repetição, ele afundava um polegar com força entre as costelas dela.

– *Seu maldito!* – gritou ela. Firmou os pés, posicionou-se na direção do braço dele com toda a força que tinha e começou a morder. Atacou o punho, mas, antes que pudesse fincar os dentes na carne, sentiu o corpo ser erguido do chão e virado no ar.

Ela acabou caindo de joelhos, um dos braços torcido atrás das costas, tão firme a ponto de a articulação de seu ombro estalar. A pressão em seu cotovelo doeu; ela se remexeu, tentando se virar, mas não conseguiu. Um braço parecido com uma barra de ferro prendia seus ombros, forçando sua cabeça cada vez mais para baixo.

Ela encostou o queixo no peito; não conseguia respirar. Mas ele continuava forçando a cabeça dela para baixo. Seus joelhos se separaram, as coxas também, devido à pressão.

– Pare! – grunhiu. Doía forçar o som pela garganta comprimida.
– Me D’us, pare!

A pressão parou, mas não diminuiu. Ela conseguia senti-lo atrás dela, uma força inexorável e inexplicável. Levou a mão livre para trás, procurando algo a que se agarrar, algo para bater ou torcer, mas não encontrou nada.

– Eu poderia quebrar seu pescoço – disse ele baixinho.

O peso de seu braço esquerdo saiu dos ombros dela, mas o braço torcido ainda a mantinha inclinada para a frente, os cabelos soltos e despenteados, quase tocando o chão, mão pousada em seu pescoço. Ela conseguia sentir o polegar e o dedo indicador dos dois lados, pressionando levemente suas artérias. Ele apertou e manchas pretas dançaram diante dos olhos dela.

– Poderia matar você.

A mão saiu de seu pescoço e a tocou de propósito no joelho e no ombro, no rosto e no queixo, enfatizando a impotência dela. Ela

livrou a cabeça, sem deixar que ele tocasse a umidade, não querendo que ele sentisse suas lágrimas de ira. Então a mão fez uma pressão repentina e brutal na parte baixa de suas costas. Ela emitiu um som de engasgo e arqueou as costas para evitar que o braço fosse quebrado, empurrando o quadril para trás, as pernas abertas para manter o equilíbrio.

– Eu poderia usá-la como quisesse – disse ele, e havia frieza em sua voz. – Poderia me impedir, Brianna?

Ela teve a sensação de que poderia se sufocar com ira e vergonha.

– Responda. – A mão a segurou pelo pescoço de novo e apertou.

– Não!

Ela estava livre. Tão repentinamente solta que caiu de cara, quase sem conseguir apoiar a mão para se proteger.

Ficou deitada na palha, ofegante e soluçando. Ouviu um bufar alto perto da cabeça – Magdalen, perturbada pelo barulho, espiando de sua baia. Lenta, dolorosamente, ela se apoiou e se sentou.

Ele estava perto dela, os braços cruzados.

– Maldito! – gritou. Bateu a mão no feno. – Deus, quero matar você!

Ele permaneceu parado, olhando para ela.

– Sim. Mas não consegue, não é?

Ela olhou para ele, sem entender. Ele olhava fixamente para ela, não irritado, nem sarcástico. Esperando.

– Não *consegue* – repetiu, com ênfase.

E então ela percebeu, e a percepção subiu de seus braços doloridos aos punhos marcados.

– Ah, meu Deus – disse ela. – Não consigo. Não conseguiria. Ainda que eu tivesse lutado... eu *não conseguiria*.

De repente, começou a chorar, e os nós dentro dela se desfizeram, os pesos foram erguidos, retirados, e um alívio bendito se espalhou por seu corpo. Não tinha sido sua culpa. Se ela tivesse lutado com toda a força... como acabara de fazer...

– Não conseguiria – disse ela, e engoliu em seco, puxando o ar.

– Não poderia tê-lo impedido. Fiquei pensando que se tivesse lutado mais... mas não teria adiantado. Não o teria impedido.

Uma mão tocou seu rosto, grande e muito gentil.

– Você é uma moça boa e corajosa – sussurrou ele. – Mas uma moça, mesmo assim. Você se repreenderia e se julgaria uma covarde se não conseguisse conter um leão com as próprias mãos? É a mesma coisa. Não se repreenda.

Ela passou as costas da mão embaixo do nariz e fungou profundamente.

Ele colocou a mão embaixo de seu cotovelo e a ajudou a se erguer, e sua força não era mais nem ameaçadora nem sarcástica, mas totalmente reconfortante. Ela sentiu os joelhos arderem no ponto onde tinham sido arranhados. Suas pernas estavam moles, mas ela conseguiu chegar ao monte de feno, e ele deixou que ela se sentasse.

– Você poderia só ter *dito* que não era minha culpa, sabe? – disse ela.

Ele sorriu levemente.

– Eu disse. Você não acreditou. Então precisava ver com os próprios olhos.

– Acho que não acreditei mesmo. – Um cansaço profundo, mas calmo, tomou conta dela, cobrindo-a como um cobertor. Dessa vez, ela não tentou afastá-lo.

Observou, sentindo-se fraca demais para se mexer, enquanto ele molhava um pano no cocho e passava no rosto dela, ajeitava suas saias amarrotadas e lhe servia uma bebida.

Quando entregou a ela o copo cheio de sidra, no entanto, ela pousou a mão em seu braço. Os ossos e os músculos eram firmes, quentes sob seus dedos.

– Você poderia ter lutado. Mas não lutou.

Ele pousou a mão grande sobre a dela, apertou e soltou.

– Não, não lutei – disse ele baixinho. – Dei minha palavra... pela vida de sua mãe. – Ele olhou nos olhos dela diretamente, claros como água. – Não me arrependi.

Apoiou as mãos nos ombros dela e a acomodou no monte de feno.

– Descanse um pouco, *a leannan*.

Ela se deitou, mas esticou a mão para tocá-lo quando ele se ajoelhou ao lado dela.

– É verdade... que não esquecerei?

Ele fez uma pausa, com a mão nos cabelos dela.

– Sim, é verdade – disse. – Mas também é verdade que, depois de um tempo, não vai mais importar.

– Não? – Ela estava cansada demais até mesmo para pensar no que ele podia querer dizer com isso. Sentia-se quase sem peso, estranhamente distante, como se não mais habitasse seu corpo tomado por problemas. – Mesmo que eu não seja forte o bastante para matá-lo?

Uma rajada de vento frio entrou pela porta e atravessou a nuvem quente de fumaça, fazendo todos os animais se mexerem. A vaca malhada se remexeu irritada e soltou um *muuuu* baixo de incômodo e protesto.

Ela viu o pai olhar para a vaca e então para ela.

– Você é uma mulher muito forrrte, *a bheanachd* – disse por fim, muito delicadamente.

– Não sou forte. Você acabou de provar que não sou...

A mão dele no seu ombro a deteve.

– Não é isso que quero dizer.

Ele parou, pensando, a mão acariciando seus cabelos várias vezes.

– Ela tinha 10 anos quando nossa mãe morreu, a minha irmã Jenny. Foi um dia depois do enterro que entrei na cozinha e a vi de pé em um banquinho, para conseguir alcançar a panela sobre a mesa. Ela usava o avental de minha mãe dobrado embaixo dos braços e os cordões dando duas voltas em sua cintura. Vi que ela tinha chorado, assim como eu, pois seu rosto estava todo manchado, e os olhos, vermelhos. Mas ela continuou mexendo a panela, olhando dentro dela, e disse para mim: “Vá se lavar, Jamie. Estou fazendo o jantar para você e para o papai.”

Ele fechou os olhos e engoliu em seco. Voltou a abri-los e olhou para ela de novo.

– Sim, eu sei como as mulheres são fortes – disse ele baixinho.

– E você é forte o bastante para o que deve ser feito, *m’annsachd*... acredite.

Ele ficou de pé e caminhou até a vaca, que havia se levantado e andava sem parar em um pequeno círculo dentro do espaço

restrito. Ele a pegou pela corda do cabresto, acalmou-a com carinhos e palavras, passou por trás dela, franzindo o cenho em concentração. Ela o viu virar a cabeça e olhar, conferir o punhal e voltar a se virar, murmurando.

Não um açougueiro, não. Um cirurgião a seu modo, como sua mãe. Naquele lugar remoto, ela conseguia ver como os pais – totalmente diferentes em temperamento e comportamento – eram parecidos neste aspecto: aquela capacidade estranha de misturar compaixão com frieza.

Mas eles eram diferentes até mesmo nisso, ela pensou. Claire conseguia segurar a vida e a morte nas mãos e ainda assim se preservar, manter-se alheia; um médico tinha que continuar vivendo, pelo bem dos seus pacientes, ainda que não por si. Jamie era frio consigo mesmo, tanto quanto – ou mais – que com as outras pessoas.

Ele havia tirado o tartã; agora desabotoava a camisa, sem pressa, mas também sem perder tempo. Puxou a peça de linho claro pela cabeça e a deixou de lado, voltando ao ponto de observação atrás da bezerra, pronto para ajudar.

Um arrepio demorado tomou o corpo arredondado da vaca, e a luz brilhava clara sobre a marca da cicatriz sobre seu coração. Expor sua nudez? Ele se despiria, se acreditasse ser preciso. E – um pensamento muito menos reconfortante –, se ele julgasse necessário, faria a mesma coisa com ela, sem hesitar.

Ele mantinha uma das mãos na base do rabo da vaca, falando com ela em gaélico, acalmando, incentivando. Ela sentia que quase conseguia entender o sentido das palavras – mas não tanto.

Tudo poderia estar bem, ou não. Mas, independentemente do que acontecesse, Jamie Fraser estaria lá, lutando. Era um conforto.

Jamie parou perto da cerca do chiqueiro, na parte alta acima da casa. Era tarde, e ele estava mais do que cansado, mas sua mente o mantinha desperto. Depois de realizar o parto, ele levara Brianna para a cabana – ela dormia calma como um bebê em seus braços – e voltara a sair, para buscar alívio na solidão da noite.

Seus tornozelos doíam onde ela o havia chutado e havia hematomas escuros nas coxas; ela era uma mulher de grande força. Nada disso o incomodou nem um pouco; na verdade, ele sentiu um orgulho estranho e inesperado ao testemunhar sua força. *Ela vai ficar bem*, pensou. Com certeza.

Havia mais esperança do que confiança por trás de seus pensamentos. Mas era por causa de si próprio que ele estava desperto, e sentiu-se preocupado e tolo por saber disso. Acreditara estar totalmente curado, acreditara que as feridas antigas já tinham ficado para trás, a ponto de ele poder esquecê-las. Enganara-se, e era esquisito perceber como as lembranças enterradas estavam tão próximas da superfície.

Para conseguir descanso essa noite, elas teriam que ser exumadas; os fantasmas se erguiam para que fossem mostradas. Bem, dissera à moça que era preciso ser forte. Ele parou, segurando a cerca.

Os sons da noite desapareceram lentamente de sua mente enquanto esperava, atento à voz. Há anos ele não a ouvia, pensou que nunca mais a ouviria – mas havia ouvido seu eco uma vez naquela noite; viu o fantasma da ira nos olhos da filha e sentiu suas chamas tomarem seu coração.

Era melhor recebê-la e enfrentá-la do que deixá-la presa. Se não conseguisse encarar os próprios demônios, não conseguiria derrubar os dela. Tocou um hematoma na coxa, sentindo um estranho conforto no incômodo.

Poucos morrem disso, ele dissera. *Eu não morri. Nem você.*

A voz não apareceu a princípio; por um momento, ele torceu para que não aparecesse – *talvez já fizesse muito tempo* –, mas então ela apareceu de novo, sussurrando em seu ouvido como se nunca tivesse saído dali, suas insinuações um carinho que ardia em sua memória como já tinha ardido em sua pele.

“Primeiro, com cuidado”, ela dizia. “Suavemente, como se você fosse meu bebê. Suavemente, mas por muito tempo a ponto de você se esquecer de que houve um tempo em que eu não possuía seu corpo.”

A noite estava parada ao redor dele, pausada como o tempo havia pausado muito antes, à beira de um abismo de medo, à

espera. Espera pelas próximas palavras, conhecidas com antecedência e esperadas, mas de qualquer modo...

“E então”, disse a voz com carinho. “Então vou ferir você gravemente. E você vai me agradecer, vai pedir mais.”

Ele permaneceu parado, o rosto virado para as estrelas. Lutou contra a fúria que murmurava em seu ouvido, o pulsar da lembrança em seu sangue. E então fez com que se entregasse, que a deixasse vir. Tremeu ao se lembrar da impotência, e rangeu os dentes de raiva – mas olhou sem piscar para a claridade do céu, invocando os nomes das estrelas como as palavras de uma oração, entregando-se à vastidão acima enquanto procurava se perdoar abaixo.

Betelgeuse. Sirius. Orion. Antares. O céu é muito grande, e você, muito pequeno. Deixou as palavras passarem por ele, a voz e as lembranças passarem por ele, arrepiando sua pele como o toque de um fantasma, sumindo na escuridão.

Plêiades. Cassiopeia. Touro. O céu é muito grande, e você, muito pequeno. Morto, mas não menos poderoso por estar morto. Abriu as mãos, apoiadas na cerca – elas também eram poderosas. O bastante para bater nele até matá-lo, o suficiente para arrancar uma vida. Mas nem mesmo a morte era suficiente para soltar as amarras da ira.

Com grande esforço, ele se soltou. Virou as palmas das mãos para cima, em um gesto de entrega. Alcançou além das estrelas, buscando. As palavras se formaram em silêncio em sua mente, por hábito, tão silenciosamente que ele só as percebeu quando as viu ecoadas em um sussurro em seus lábios.

– “...*Perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido.*”

Respirou lenta e profundamente. Buscou, esforçou-se, lutou para perdoar.

– “*Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.*”

Esperou no vazio, na fé. E então a graça veio; a visão necessária; a lembrança do rosto de Jack Randall em Edimburgo, arruinado ao saber da morte do irmão. E ele sentiu, mais uma vez, o dom da piedade, calma em sua chegada como o pouso de uma pomba.

Fechou os olhos, sentindo as feridas sangrarem de novo enquanto o súcubo retirava as garras de seu coração.

Suspirou e virou as mãos, a madeira áspera da cerca reconfortante e sólida sob suas palmas. O demônio havia partido. Jack Randall tinha sido um homem, nada mais. E, ao reconhecer essa humanidade falha, todo o poder do medo e da dor do passado desapareceu como fumaça.

Ele curvou os ombros, aliviado do peso.

– Vá em paz – sussurrou para o homem morto e para si. – Você está perdoado.

Os sons da noite tinham voltado; ouviu o grito de um felino e folhas apodrecidas estalavam baixo sob seus passos enquanto ele caminhava de volta a casa. A pele untada que cobria a janela brilhava dourada no escuro, com a chama da vela que ele havia deixado acesa na esperança do retorno de Claire. Seu santuário.

Pensou que talvez devesse ter contado tudo isso a Brianna também... mas não. Ela não entendera o que ele *havia* dito a ela; teve que mostrar. Como explicar com palavras, então, o que ele próprio havia aprendido com dor e graça? Que ela só poderia esquecer perdando – e que esse perdão não era um ato isolado, mas uma questão de prática constante.

Talvez ela encontrasse tal graça; talvez aquele Roger Wakefield desconhecido pudesse ser o santuário dela, como Claire tinha sido o dele. Viu o ciúme natural que sentia do rapaz dissolvido em um desejo verdadeiro de que Wakefield pudesse dar a ela o que ele próprio não podia. Que Deus permitisse sua chegada em breve; que Deus permitisse que ele se mostrasse um homem decente.

Enquanto isso, havia outras questões a tratar. Desceu o monte lentamente, alheio ao vento que soprava o kilt em seus joelhos e passava por sua camisa e pelo tartã. As coisas tinham que ser feitas aqui; o inverno estava vindo, e ele não poderia deixar suas mulheres sozinhas ali com apenas Ian para caçar para elas e defendê-las. Não podia partir em busca de Wakefield.

Mas e se Wakefield não viesse? Bem, havia outras maneiras; ele cuidaria para que Brianna e o bebê fossem protegidos, de um jeito ou de outro. E, pelo menos, sua filha estava a salvo do homem que a havia prejudicado. Permanentemente a salvo. Ele passou a

mão pelo rosto, sentindo o cheiro do sangue da bezerra que continuava em sua mão.

Perdoai as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido. Sim, mas e quem ofende aquele a quem amamos? Ele não podia perdoar por outra pessoa – e não perdoaria, se pudesse. Mas se não... como poderia esperar perdão em troca?

Educado nas universidades de Paris, confidente de reis e amigo de filósofos, ainda assim ele era das Terras Altas, nascido para o sangue e a honra. O corpo de um guerreiro e a mente de um cavaleiro – e a alma de um bárbaro, pensou, para quem nem a lei de Deus nem a dos homens eram mais sagradas do que os laços de sangue.

Sim, havia perdão; ela precisava encontrar uma maneira de perdoar o homem por ela mesma. Mas ele era uma questão diferente.

– “*A vingança é minha, diz o Senhor.*” – Ele sussurrou para si mesmo.

Então olhou para cima, para longe do brilho leve da lareira e da casa, para a luz gloriosa das estrelas acima.

– Até parece – disse ele em voz alta, envergonhado, mas desafiador.

Era ingratidão, ele sabia, e errado. Mas ali estava e não havia motivos para mentir a Deus ou a si mesmo.

– Até parece – repetiu mais alto. – E, se eu for amaldiçoado pelo que fiz, que seja! Ela é minha filha.

Ficou parado por um momento, olhando para cima, mas não recebeu notícias das estrelas. Assentiu com a cabeça uma vez, como se respondesse, e desceu o monte, com o vento frio atrás dele.

ESCOLHAS

Novembro de 1769

Abri a caixa de Daniel Rawlings e olhei para as fileiras de frascos de tons verdes e marrons das raízes e folhas em pó, do dourado claro das destilações. Não havia nada entre os frascos que ajudasse. Lentamente, levantei a tampa que ficava em cima do primeiro compartimento, em cima das lâminas.

Tirei o bisturi de lâmina curva, sentindo o metal frio no fundo da garganta. Era uma bela ferramenta, afiada e resistente, bem equilibrada, a parte da minha mão que eu queria que fosse. Equilibrei-a na ponta do dedo, deixando que ela se inclinasse de um lado para outro.

Deixei-a de lado e peguei a raiz comprida e grossa que estava em cima da mesa. Parte do caule ainda estava presa, e os restos das folhas pendiam soltos e amarelos. Só uma. Eu havia vasculhado a mata por quase duas semanas, mas era tarde demais no ano; as folhas das ervas menores tinham amarelado e caído. Era impossível reconhecer as plantas, que não passavam de gravetos marrons. Eu havia encontrado aquela em um ponto abrigado, algumas das frutas distintas ainda presas ao caule. Cohosh azul, eu tinha certeza. Mas só um. Não bastava.

Não tinha nenhuma das ervas europeias, não tinha heléboro nem absinto. Talvez conseguisse absinto, mas com certa dificuldade; era usado para dar sabor à bebida.

– E quem produz absinto nas florestas da Carolina do Norte? – perguntei em voz alta, voltando a pegar o bisturi.

– Ninguém que eu conheça.

Sobressaltei-me, e a lâmina entrou fundo na lateral do meu polegar. O sangue espirrou em cima da mesa, e eu peguei a barra

de meu avental, apertando o tecido com força contra o ferimento em reflexo.

– Meu Deus, Sassenach! Você está bem? Não queria assustá-la.

Ainda não estava doendo muito, mas o choque do ferimento repentino me fez morder o lábio inferior. Preocupado, Jamie pegou meu pulso e levantou a barra do avental. O sangue vazou do corte e desceu pela minha mão, e ele voltou a cobrir meu dedo com o tecido, apertando bastante.

– Tudo bem, é só um corte. De onde você veio? Pensei que ainda estivesse no alambique. – Eu me sentia levemente trêmula devido ao choque.

– Eu estava. A massa ainda não está pronta para ser destilada. Você está sangrando como um porco, Sassenach. Tem certeza de que está bem? – Eu estava sangrando muito, sim; além das gotas de sangue sobre a mesa, a ponta do meu avental estava encharcada de sangue escuro.

– Sim, provavelmente cortei uma veia pequena. Mas não é uma artéria; vai parar. Segure minha mão para o alto, sim? – Com uma das mãos, soltei meu avental. Jamie o tirou com um puxão rápido, envolveu o avental em minha mão e segurou tudo acima da minha cabeça.

– O que estava fazendo com sua faquinha? – perguntou ele, olhando para o bisturi caído ao lado da raiz retorcida de cohosh.

– Ah... eu ia fatiar aquela raiz – disse, apontando.

Ele olhou para mim com firmeza, olhou em cima da mesa, onde o bisturi estava à vista, e voltou a me observar com as sobrancelhas erguidas.

– É? Nunca vi você usar uma dessas. – Ele meneou a cabeça em direção aos bisturis e lâminas. – Só em pessoas.

Minha mão estremeceu levemente na dele, e ele fez pressão em meu polegar, apertando o suficiente para fazer com que eu prendesse a respiração devido à dor. Diminuiu a pressão e olhou com atenção para meu rosto, franzindo o cenho.

– Que diabos está fazendo, Sassenach? Parece que eu surpreendi você prestes a cometer um assassinato.

Meus lábios pareciam rígidos e pálidos. Puxei a mão da dele e me sentei, segurando o polegar ferido contra meu peito com a outra mão.

– Eu estava... decidindo – disse, com grande relutância. Não adiantava mentir; ele teria que saber, mais cedo ou mais tarde, se Bree...

– Decidindo o quê?

– A respeito de Bree. Qual é a melhor maneira de se fazer isso.

– Fazer isso? – Ele ergueu as sobrancelhas. Olhou para a caixa de remédios aberta e então para o bisturi, e um olhar de compreensão e choque tomou seu rosto.

– Você está dizendo que...

– Se ela quiser, sim. – Toquei a faca, sua lâmina pequena manchada com meu sangue. – Há ervas... ou isto. Há riscos enormes em usar ervas: convulsões, danos cerebrais, hemorragias... mas não importa, não tenho o suficiente da raiz certa.

– Claire... você já fez isso antes?

Olhei para a frente e o vi olhando para mim com algo que eu nunca tinha visto em seus olhos antes: horror. Apoiei as mãos na mesa para impedi-las de tremer. Mas não consegui a mesma coisa com minha voz.

– Faria diferença para você se eu já tivesse feito?

Ele olhou para mim por um momento e então se sentou no banco em frente, lentamente, como se tivesse medo de quebrar alguma coisa.

– Você não fez. Eu sei.

– Não – respondi. Olhei para a mão dele, cobrindo a minha. – Não, não fiz.

Senti a tensão sair de sua minha mão; ela relaxou, curvando-se sobre a minha, envolvendo-a. Mas a minha mão estava mole na dele.

– Sabia que você não era capaz de matar – disse ele.

– Eu sou. Já matei. – Não olhei para ele, mas falei com os olhos voltados para a mesa. – Matei um homem, um paciente sob meus cuidados. Contei a você sobre Graham Menzies.

Ele ficou em silêncio por um momento, mas segurou minha mão, apertando-a levemente.

– Acho que não é a mesma coisa – disse ele finalmente. – Facilitar a morte de um homem fadado a ela e que a deseja... parece misericórdia para mim, não assassinato. E obrigação também, talvez.

– Obrigação? – Isso fez com que ele olhasse para mim, assustado. O olhar de choque havia desaparecido de seus olhos, apesar de ainda estar sério.

– Não se lembra de Falkirk Hill e da noite em que Rupert morreu na capela?

Assenti. Não era algo fácil de ser esquecido – o escuro frio da minúscula igreja, os sons estranhos de gaitas e a batalha ao longe. Do lado de dentro, o ar pesado com o suor de homens assustados, e Rupert morrendo lentamente no chão, aos meus pés, engasgando com seu sangue. Ele havia pedido a Dougal MacKenzie, como seu amigo e líder, para apressá-lo... e Dougal fizera isso.

– É a obrigação do médico também, eu acho – disse Jamie com delicadeza. – Se você jura curar, mas não consegue... e livrar os homens da dor... e pode?

– Sim. – Respirei fundo e segurei o bisturi. – Eu jurei... e isso é maior que um juramento de médico. Jamie, ela é minha filha. Eu preferiria fazer qualquer coisa no mundo, menos isso. – Olhei para ele e pisquei, controlando as lágrimas. – Você acha que não pensei nisso? Que não sei quais são os riscos? Jamie, eu posso matá-la!

Tirei o pano do meu polegar ferido; ainda sangrava.

– Olhe... não deveria sangrar desse jeito; foi um corte profundo, mas não grave. Mas sangra! Acertei uma veia. Poderia fazer a mesma coisa com Bree sem saber, só quando ela começasse a sangrar... e nesse caso... Jamie, eu não conseguiria deter o sangramento! Ela sangraria até morrer em minhas mãos, e não haveria nada que eu pudesse fazer, nada!

Ele olhou para mim, os olhos tomados pelo choque.

– Como pode pensar em fazer algo assim, sabendo disso? – A voz dele soou baixa, incrédula.

Respirei fundo, tremendo, e senti o desespero tomar conta de mim. Não havia nenhuma maneira de fazer com que ele entendesse.

– Porque eu sei outras coisas – disse finalmente, baixinho, sem olhar para ele. – Sei como é gerar um filho. Sei como é ter seu corpo, sua mente e sua alma tirados de você e mudados sem sua vontade. Sei como é ser arrancada do lugar que você pensou ser seu, como não ter o direito de escolha. Eu *sei como é*, entende? E não é algo que uma pessoa deveria fazer sem querer. – Olhei para ele, e meu punho se fechou com força sobre o polegar ferido. – E você... pelo amor de Deus, você sabe o que eu não sei. Você sabe como é viver com a sombra do abuso. Quer me dizer que, se pudesse ter cortado aquilo de você depois de Wentworth, que não teria me mandado cortar, independentemente dos riscos? Jamie, esse bebê pode ser o filho de um estuprador!

– Sim, eu sei – começou ele, e teve que parar, engasgado demais para terminar. – Eu *sei* – começou de novo, e os músculos de seu maxilar incharam enquanto ele forçava as palavras. – Mas sei outra coisa: se eu não conheci o pai dele, conheço seu avô muito bem. Claire, esse bebê tem meu sangue!

– *Seu sangue?* – repeti. Olhei para ele e percebi a verdade. – Você quer tanto um neto a ponto de sacrificar sua filha?

– *Sacrificar?* Não sou eu quem quer cometer assassinato a sangue-frio!

– Você não se importava com as pessoas no Hospital des Anges; você disse sentir pena das mulheres que elas ajudavam.

– Aquelas mulheres não tinham escolha! – Agitado demais para continuar sentado, ele se levantou e caminhou inquieto de um lado para outro na minha frente. – Elas não tinham ninguém que as protegesse, não tinham como alimentar um filho. O que mais podiam fazer, as pobres criaturas? Mas não é assim com Brianna! Nunca permitirei que ela passe fome ou frio, nunca permitirei que ela ou o bebê sofram, nunca!

– Não é só isso!

Ele olhou para mim, o cenho franzido numa incompreensão teimosa.

– Se ela tiver um filho aqui, não irá embora – falei. – Não pode... não conseguirá fazer isso sem se arrasar.

– Então você pretende arrasá-la?

Eu me retraí, como se ele tivesse me batido.

– Você quer que ela fique – falei, rebatendo. – Não se importa que ela tenha uma vida em outro lugar, que *ela* queira voltar. Se ela ficar, e, melhor ainda, se ela der um neto a você, então você não se importa com o que acontecer com ela, não é?

Foi a vez dele se retrair, mas logo respondeu:

– Sim, eu me importo! Isso não quer dizer que eu considere certo você forçá-la a...

– Como assim, forçá-la? – O sangue esquentava minhas faces.
– Pelo amor de Deus, você acha que eu quero fazer isso? Não! Mas, por Deus, ela terá escolha, se quiser!

Tive que unir as mãos com força para parar de tremer. O avental tinha caído no chão, manchado de sangue, e me lembrou com clareza das salas de operação e dos campos de batalha, e dos terríveis limites de minha própria habilidade.

Conseguia sentir os olhos dele em mim, semicerrados e intensos. Sabia que ele estava tão arrasado quanto eu. Ele se importava desesperadamente com Bree – mas, agora que eu havia dito a verdade, nós dois reconhecemos: longe dos próprios filhos, vivendo como num exílio por tanto tempo, não havia nada que ele quisesse mais na vida do que um neto do próprio sangue.

Mas ele não podia me deter, e sabia disso. Não estava acostumado a se sentir impotente, e não gostava disso. Virou-se abruptamente e foi até a mesa, onde ficou, com os punhos cerrados sobre ela.

Eu nunca havia me sentido tão desolada, tão carente de sua compreensão. Ele não percebia como a ideia era péssima para mim, assim como para ele? Pior, porque era a minha mão que causaria o dano.

Apareci atrás dele e pousei a mão em suas costas. Ele permaneceu parado, e eu o acariciei com gentileza, tirando um pouco de conforto do simples fato de sua presença, da força dele.

– Jamie. – Meu polegar deixou uma mancha vermelha no tecido da camisa dele. – Vai ficar tudo bem. Tenho certeza disso. – Eu estava falando para me convencer e para convencê-lo. Ele não se moveu, e eu passei meu braço ao redor de sua cintura, encostando o rosto na curva de suas costas. Queria que ele se virasse e me

abraçasse, garantisse que tudo, de algum modo, tudo ficaria bem – ou, pelo menos, que não me culpasse pelo que acontecesse.

Ele se moveu abruptamente, afastando minha mão.

– Você valoriza demais seu poder, não? – falou com frieza, virando-se para mim.

– O que quer dizer com isso?

Segurei meu punho com uma das mãos, prendendo-o à parede acima da minha cabeça. Senti o sangue descer pelo meu braço, escorrendo do polegar machucado. Seus dedos envolveram minha mão, apertando.

– Você acha que é você quem decide? Que a vida e a morte são suas? – Senti os pequenos ossos da minha mão apertados, e fiquei tensa, tentando me afastar.

– Não sou eu quem decide! Mas se *ela* quiser, então, sim, eu posso fazer. E, sim, vou usar esse poder. Assim como você usaria ... como *usou*, quando teve que usar. – Fechei os olhos, lutando contra o medo. Ele não me machucaria... não é? Pensei, um pouco chocada, que ele podia me deter. Se ele quebrasse minha mão...

Muito lentamente, ele abaixou a cabeça e encostou a testa na minha.

– Olhe para mim, Claire – disse ele baixinho.

Lentamente, abri os olhos e olhei. Os olhos dele estavam a 2 centímetros dos meus. Conseguia ver as manchinhas douradas perto do centro de sua íris, o anel preto ao redor. Meus dedos na mão dele estavam escorregadios com o sangue.

Ele soltou minha mão e tocou meu peito levemente, envolvendo-o por um momento.

– Por favor – sussurrou, e então se foi.

Permaneci parada, encostada na parede, e lentamente escorreguei até o chão em meio às saias, o corte no polegar latejando no ritmo das batidas do meu coração.

Fiquei tão abalada com a briga com Jamie que não consegui me acalmar. Por fim, vesti a capa e saí, subindo a cordilheira. Evitei o caminho que atravessava a cabana de Fergus e desci em direção à estrada. Não queria correr o risco de encontrar ninguém.

Estava frio e nublado, com uma chuva leve batendo sem parar entre os galhos sem folhas. O ar estava pesado com a umidade; quando a temperatura caísse mais alguns graus, nevaria. Se não essa noite, amanhã... ou na próxima semana. Dentro de um mês, no máximo, a cordilheira ficaria separada das áreas mais baixas.

Devo levar Brianna a Cross Creek? Independentemente de ela decidir ter o bebê ou não, será que ela ficaria mais segura lá?

Procurei em meio às camadas de folhas molhadas e amarelas. Não. Meu impulso era pensar que a civilização poderia oferecer alguma vantagem, mas não nesse caso. Não havia nada que Cross Creek pudesse oferecer que de fato ajudaria no caso de uma emergência obstétrica; na verdade, ela poderia correr mais perigo na mão dos médicos da época.

Não, fosse o que fosse que ela decidisse, ficaria melhor aqui, comigo. Envolvi meu corpo com os braços por baixo da capa, flexionei os dedos, tentando esquentá-los, para sentir firmeza no toque.

Por favor, dissera ele. Por favor o quê? Por favor, não pergunte a ela, por favor, não faça isso se ela pedir? Mas eu tinha que fazer. *Juro por Apolo, o médico... não fazer aborto...* Bem, e Hipócrates não era nem cirurgião, nem mulher... nem mãe. Como havia dito a Jamie, eu havia jurado por algo muito mais velho do que Apolo... e aquele juramento era de sangue.

Eu nunca havia feito um aborto, apesar de ter tido certa experiência como residente em cuidados pós-aborto natural. Nas raras ocasiões em que uma paciente me pedia isso, eu a indicava a outro colega. Eu não fazia objeções; já vira muitas mulheres mortas em corpo ou espírito por filhos indesejados. Se era matar – e era –, então eu não considerava um assassinato, mas um homicídio justificável, realizado em autodefesa desesperada.

Ao mesmo tempo, não conseguia fazer. O senso de cirurgia que me dava o conhecimento do corpo em minhas mãos também me dava uma consciência forte do ser vivo no ventre. Eu conseguia tocar a barriga de uma mulher grávida e sentir, na ponta dos dedos, o segundo batimento cardíaco; conseguia traçar, sem ver, a curva dos membros e da cabeça, e o cordão serpenteado do umbigo com o fluxo de sangue, todo vermelho e azul.

Não podia destruí-lo. Não até aquele momento, quando era uma questão de matar meu próprio sangue.

Como? Teria que ser cirúrgico. O Dr. Rawlings evidentemente não havia feito tal procedimento; não tinha uma “colher” uterina para raspar o ventre, nem aparato para a dilatação do colo do útero. Mas eu conseguiria. Uma das agulhas de tricô de marfim, sem ponta; o bisturi curvado, a lâmina mortal preparada para o delicado – mas não menos mortal – trabalho de raspagem.

Quando? Agora. Ela já estava de três meses; se fosse feito, precisava ser o mais rápido possível. Eu não poderia ficar no mesmo ambiente de Jamie enquanto o assunto não fosse resolvido, sentindo sua angústia acrescentada à minha.

Brianna havia levado Lizzie à casa de Fergus. Lizzie ficaria para ajudar Marsali, que estava ocupada na destilaria, com o pequeno Germaine e o trabalho na fazenda que Fergus não conseguia realizar sozinho. Era uma carga muito pesada para uma garota de 18 anos, mas ela conseguia, com tenacidade e estilo. Lizzie podia, pelo menos, ajudar com as tarefas de casa, e cuidar do pequeno por tempo suficiente para que a mãe dele descansasse de vez em quando.

Brianna voltaria antes do jantar. Ian estava fora, caçando com Rollo. Jamie... sem que ninguém tivesse me dito nada, eu sabia que Jamie demoraria a voltar. Teríamos algum tempo sozinhas.

Mas seria um momento adequado para fazer uma pergunta assim a ela, logo depois de ver o rostinho angelical de Germaine? Pensando bem, ser exposta a um menino de 2 anos provavelmente era a lição mais objetiva possível a respeito dos perigos da maternidade, pensei.

Vagamente mais leve com aquela ideia descontraída, voltei, envolvendo a capa em meu corpo contra o vento que aumentava. Ao descer o monte, vi o cavalo de Brianna no estábulo; ela estava em casa. Meu estômago se revirou de medo... e fui expor a opção a ela.

– Pensei nisso – disse ela respirando fundo. – Assim que descobri. Fiquei pensando se você conseguiria... fazer algo do tipo aqui.

– Não seria fácil. Seria perigoso... e doeria. Não tenho nem láudano, só uísque. Mas sim, posso fazer isso, se você quiser. – Eu me forcei a me sentar e ficar parada, observando-a caminhar lentamente diante da lareira, as mãos unidas nas costas, pensando. – Teria que ser cirúrgico – disse, sem conseguir me calar. – Não tenho as ervas certas, e nem sempre elas são confiáveis, de qualquer modo. Pelo menos, a cirurgia é... certa. – Coloquei o bisturi sobre a mesa; ela não se iludiria a respeito da minha sugestão. Assentiu enquanto me ouvia falar, mas não parou de andar. Como Jamie, ela sempre pensava melhor enquanto se movimentava.

Uma gota de suor desceu pelas minhas costas e eu estremeci. O fogo estava quente, mas meus dedos ainda estavam frios como gelo. Deus, se ela quisesse, eu seria capaz de fazer? Minhas mãos tinham começado a tremer, com a tensão da espera.

Ela finalmente se virou para me fitar, os olhos claros e observadores sob as sobrancelhas grossas.

– Você teria feito? Se pudesse?

– Se eu pudesse...?

– Você disse, certa vez, que me odiou quando estava grávida. Se pudesse não ter...

– Meu Deus, não você! – gritei, tomada de horror. – Você, nunca. É... – Uni as mãos para parar o tremor. – Não – disse do modo mais positivo que pude. – Nunca.

– Você disse – respondeu ela, olhando para mim com intensidade. – Quando me contou sobre Pa.

Passei a mão pelo rosto, tentando concentrar meus pensamentos. Sim, eu *havia* dito isso a ela.

– Foi uma época terrível. Terrível. Estávamos passando fome, era guerra... o mundo estava ruindo. – O dela não estava igual? – Na época, parecia não haver esperança; tive que deixar Jamie, e só isso quase me enlouqueceu. Mas havia outra coisa.

– O quê?

– Não foi um estupro – disse com delicadeza, fixando seus olhos. – Eu amava seu pai.

Ela assentiu, o rosto um pouco pálido.

– Sim, mas *pode* ser de Roger. Você disse isso, não?

– Sim, pode ser. A possibilidade basta para você?

Ela pousou a mão na barriga, os dedos compridos levemente curvados.

– Sim. Bem... não é algo sem valor para mim. Não sei de quem é, mas... – Parou de repente e olhou para mim, repentinamente tímida. – Não sei se isso parece... certo... – Deu de ombros abruptamente, afastando a dúvida. – Acordei com uma dor forte no meio da noite, alguns dias... depois. Rápida, como se alguém tivesse me acertado com um alfinete, mas profunda. – Cerrou o punho, pressionando-o logo acima do osso púbico, do lado direito.

– Implantação – eu disse suavemente. – Quando o zigoto forma raiz no ventre. – Quando aquele primeiro e eterno elo é formado entre a mãe e o filho. Quando a pequena entidade cega, única em sua mistura de óvulo e espermatozoide, se assenta após a perigosa viagem do começo, alojado depois da breve existência no corpo, e inicia o trabalho de divisão, obtendo sustento da carne na qual está aconchegado, em uma ligação que não pertence a nenhum lado, mas aos dois... esse elo que não pode ser rompido, nem pelo nascimento, nem pela morte.

Ela assentiu.

– Foi uma sensação muito estranha. Eu ainda estava meio adormecida, mas... bem, percebi, de repente, que não estava sozinha. – Ela esboçou um leve sorriso, lembrando do momento. – E eu disse a... ele... – Ela fitou-me nos olhos, e eles ainda brilhavam por causa do sorriso. – Eu disse: “Ah, é você!” E então voltei a dormir.

A outra mão pousou na primeira, uma proteção sobre a barriga.

– Pensei que tivesse sido um sonho. Foi muito tempo antes de eu saber. Mas eu lembro. *Não foi* um sonho. Eu lembro.

Eu também lembrava.

Olhei para baixo e vi além de minhas mãos, não a mesa de madeira nem a lâmina brilhante, mas o corpo arredondado e o rostinho perfeito da minha primeira filha, Faith, com olhinhos puxados que nunca se abriram na Terra.

Olhei os mesmos olhos, agora abertos e cheios de conhecimento. Vi aquele bebê também, minha segunda filha, cheia de vida, rosada e enrugada, vermelha de raiva pelo sofrimento do

parto, tão diferente da calma da primeira – e igualmente maravilhosa em sua perfeição.

Dois milagres que eu havia recebido, carregados no coração, nascidos do meu corpo, protegidos em meus braços, separados de mim e parte de mim para sempre. Eu sabia muito bem que nem a morte, nem o tempo, nem a distância alteravam tal elo, porque eu tinha sido alterada por ele, mudada de uma vez por todas por aquela conexão misteriosa.

– Sim, eu compreendo – eu disse. Então continuei: – Mas, Bree! – Eu havia percebido o que sua decisão significaria para ela.

Ela me observava, o cenho franzido, linhas de preocupação no rosto, e me ocorreu tardiamente que ela poderia entender minhas exortações como a expressão de meu arrependimento.

Assustada ao pensar que ela poderia acreditar que eu não a quisera, ou que desejara que ela não tivesse existido, deixei a lâmina e estendi a mão sobre a mesa para ela.

– Bree – falei, tomada pelo pânico. – Brianna. Eu amo você. Você acredita que amo você?

Ela assentiu sem nada dizer e estendeu a mão para mim. Eu a peguei como se fosse uma tábua de salvação, como o cordão que já havia nos unido.

Ela fechou os olhos e, pela primeira vez, vi o brilho das lágrimas que se prendiam aos cílios delicados, grossos e curvos.

– Sempre soube disso, mamãe – sussurrou. Seus dedos apertaram os meus; vi sua outra mão pressionar a barriga. – Desde o começo.

EM QUE TUDO SE REVELA

No fim de novembro, os dias e também as noites eram frios e as nuvens de chuva começavam a ficar mais baixas sobre nós. O clima, infelizmente, não teve efeito refrescante sobre os ânimos das pessoas; todos estavam cada vez mais tensos, e por um motivo óbvio: ainda não tínhamos notícia de Roger Wakefield.

Brianna ainda não havia contado a causa da discussão entre eles; na verdade, ela quase não mais se referia a Roger. Tomara sua decisão e não havia mais nada a fazer além de esperar, e deixar Roger tomar a decisão dele, se é que ainda não a havia tomado. Ainda assim, eu via a raiva se misturando ao estresse em seu rosto quando ela se distraía – e a dúvida pairava sobre todos como as nuvens sobre as montanhas.

Onde estava ele? E o que aconteceria quando – ou se – finalmente aparecesse?

Tive um descanso do clima forte de ansiedade cuidando da despensa. O inverno estava próximo; as caças tinham sido preparadas, a horta tinha sido colhida e os alimentos tinham sido preservados. As prateleiras da despensa estavam cheias de sacos de grãos, montes de abobrinhas, batatas, jarros de tomates secos, pêssegos e damascos, potes com cogumelos secos, queijos e cestos de maçã. Havia ramas de cebola, alho e peixes secos pendurados no teto; sacos de farinha e feijões, barris de carne e peixe salgados e jarros de pedra com chucrute no chão.

Contei os itens como um esquilo contando castanhas e me senti tranquilizada pela nossa abundância. Independentemente do que acontecesse, não morreríamos de fome.

Saindo da despensa com um pedaço de queijo em uma das mãos e uma tigela de feijões secos na outra, ouvi uma batida na

porta. Antes que pudesse perguntar quem era, ela se abriu e Ian espiou ali dentro, cuidadosamente.

– Brianna não está aqui? – perguntou. Como viu que ela não estava, não esperou pela resposta, mas entrou, tentando alisar os cabelos para trás.

– Tem um espelho, tia? E um pente, talvez?

– Sim, claro – falei. Deixei os alimentos de lado, peguei meu espelho pequeno e o pente de casco de tartaruga da gaveta e os entreguei a ele, olhando para seu corpo grande.

Seu rosto parecia brilhante de um modo anormal, o rosto magro tomado por um tom vermelho, como se ele não tivesse apenas se barbeado, mas esfregado o rosto a ponto de irritar a pele. Seus cabelos, normalmente castanho-claros, densos e desgrehados, estavam agora penteados para trás nas laterais da cabeça com algum tipo de banha. Com a substância, a parte da frente formava um topete sem forma, deixando-o parecido com um porco-espinho.

– O que passou nos cabelos, Ian? – perguntei. Funguei para sentir seu cheiro e me retraí em seguida.

– Banha de urso – disse ele. – Mas estava meio fedida, então misturei um pouco de sabão para deixá-la com um cheiro melhor. – Ele se analisou de modo crítico no espelho e deu batidinhas no penteado com o pente, que parecia bem inadequado para a tarefa.

Vestia seu casaco bom, com uma camisa limpa e – inadequado para um dia de trabalho – um lenço limpo e engomado amarrado no pescoço, parecendo apertado o bastante para sufocá-lo.

– Você está muito bonito, Ian – falei, mordendo a boca por dentro. – Hum... está indo a algum lugar especial?

– Sim, bem – disse ele, sem jeito. – É que, se devo namorar, pensei que deveria tentar parecer decente.

Namorar? Eu me surpreendi. Apesar de certamente ter interesse em garotas – e algumas garotas da região não escondiam o interesse mútuo –, ele tinha acabado de completar 17 anos. Claro que os homens se casavam jovens assim, e Ian tinha terra própria e uma parte na fabricação do uísque, mas não pensei que ele estivesse tão interessado ainda.

– Compreendo. Ah... a moça é alguém que eu conheço? – Ele passou a mão no rosto, corando.

– Sim, bem. É... é Brianna. – Ele não fitou nos olhos, mas corou ainda mais.

– O quê? – perguntei sem acreditar. Deixei o pedaço de pão de lado e olhei para ele. – Você disse *Brianna*?

Ele olhava fixamente para o chão, mas a mandíbula estava firme.

– Brianna – repetiu. – Vim pedi-la em casamento.

– Ian, você não pode estar falando sério.

– Estou – disse ele, erguendo o rosto comprido e quadrado de modo determinado. Olhou na direção da janela e se remexeu. – Ela... virá logo?

Senti o cheiro do suor de nervosismo, misturado com o sabão e a banha de urso, e vi que suas mãos estavam cerradas em punhos, fechadas o bastante para fazer os nós brancos se destacarem na pele bronzeada.

– Ian – disse, dividida entre o susto e o carinho –, você está fazendo isso por causa do bebê de Brianna?

As escleras brilharam quando ele olhou para mim, assustado. Ele assentiu, ajeitando os ombros de modo desconfortável dentro do casaco justo.

– Sim, claro – disse ele, como se estivesse surpreso com minha pergunta.

– Então, você não a ama? – Eu sabia a resposta muito bem, mas achei melhor ouvir.

– Bem... não – disse ele, e corou novamente. – Mas não estou prometido a ninguém, então tudo bem.

– Não está tudo bem – respondi com firmeza. – Ian, essa ideia é muito, muito gentil de sua parte, mas...

– Ah, não foi minha – ele me interrompeu, parecendo surpreso. – O tio Jamie pensou nisso.

– Ele o *quê*? – Uma voz alta e incrédula falou atrás de mim, e, quando me virei, vi Brianna na porta, olhando para Ian. Entrou lentamente na sala, as mãos cerradas ao lado do corpo. No mesmo ritmo lento, Ian se afastou, batendo contra a mesa.

– Prima – disse ele, inclinando a cabeça e fazendo cair uma mecha dos cabelos. Ele a alisou para trás, mas ela caiu de novo, pendendo sobre seu olho. – Eu... ahn... eu... – Ele viu o olhar de

Brianna e logo fechou os olhos. – Vim-expressar-meu-desejo-de-tomar-sua-mão-no-sacramento-sagrado-do-matrimônio – disse ele de uma vez só. Respirou fundo, audivelmente. – Eu...

– Cale a boca!

Ian, com a boca aberta para continuar, imediatamente a fechou. Abriu um dos olhos de modo cauteloso, como se esperasse que uma bomba explodisse a qualquer momento.

Bree olhou de Ian para mim. Mesmo na sala escura, vi seus lábios contraídos e seu rosto corando. A ponta do nariz estava vermelha, devido ao ar frio de fora ou à irritação, eu não soube dizer.

– Você sabia disso? – ela me perguntou.

– Claro que não! Pelo amor de Deus, Bree... – Antes que pudesse terminar, ela já havia se virado e saído pela porta. Vi suas saias de relance enquanto ela subia o monte que levava ao estábulo.

Tirei o avental e o joguei depressa sobre a cadeira.

– É melhor eu ir atrás dela.

– Também vou – ofereceu Ian, e eu não o detive. Talvez fossem necessários reforços.

– O que você acha que ela vai fazer? – perguntou ele, ofegante, tentando me alcançar enquanto eu corria.

– Só Deus sabe – falei. – Mas acho que vamos descobrir. – Eu conhecia bem o olhar de um Fraser irado. Nem Bree nem Jamie perdiam a paciência com facilidade, mas, quando perdiam, perdiam de vez.

– Que bom que ela não me bateu – disse Ian, contente. – Por um momento, pensei que seria agredido. – Ele me alcançou e suas pernas compridas ultrapassaram as minhas, apesar de eu estar correndo. Conseguia ouvir vozes altas vindas do estábulo.

– Por que diabos você obrigou o coitado do Ian a fazer uma coisa dessas? – perguntou Brianna, a voz alterada pela indignação. – Nunca vi um homem mais arrogante, prepotente...

– Coitado do Ian? – perguntou Ian, muito ofendido. – O que ela...

– Ah, prepotente, eu? – A voz de Jamie a interrompeu. Ele parecia impaciente e irritado, mas não bravo. Talvez eu tivesse

tempo de acalmar as hostilidades. Espiei pela porta do estábulo e os vi cara a cara, encarando-se com olhos arregalados por cima de um monte grande de esterco meio seco. – E que opção melhor eu teria, pode me dizer? – perguntou ele. – Vou dizer uma coisa, moça, eu pensei em todos os solteirões dentro de um raio de 200 quilômetros antes de escolher Ian. Eu não permitiria que você se casasse com um homem cruel ou um bêbado, nem um pobre... ou com idade para ser seu avô.

Ele passou a mão pelos cabelos, um sinal claro de agitação mental, mas fez um esforço grande para se acalmar. Diminuiu um pouco o tom de voz, tentando ser conciliador:

– Até dispensei Tammes McDonald, pois, apesar de ele ter boas terras e bom temperamento, é velho para você, já está meio passado, e pensei que você não gostaria de ficar lado a lado com ele diante de um padre. Acredite, Brianna, fiz o melhor que pude para vê-la bem casada.

Bree não queria saber de nada daquilo; seus cabelos tinham se soltado enquanto subia o monte e as mechas flutuavam ao redor do seu rosto como as chamas de um arcanjo vingativo.

– E o que o faz pensar que eu quero me casar com alguém?

Ele ficou boquiaberto.

– O quê? – perguntou, incrédulo. – E o que o *querer* tem a ver com isso?

– Tudo! – Ela bateu o pé.

– É aí que você se engana, moça – disse ele, virando-se para pegar o rastelo. Olhou para a barriga dela, assentindo. – Você tem um filho a caminho, que precisa de um nome. Sua hora de escolher já passou há muito tempo, não?

Enfiou o rastelo no monte de esterco, colocou a carga dentro do carrinho de mão e pegou mais, com uma economia de movimentos aprendida em anos de trabalho.

– Ian é um rapaz doce e trabalhador – disse ele, os olhos na tarefa que executava. – Tem sua terra; terá a minha também, com o tempo, e isso vai...

– Não vou me casar com ninguém! – Brianna se levantara, os punhos cerrados ao lado do corpo, e falara com uma voz alta o bastante para perturbar os morcegos nos cantos do teto. Uma forma

pequena e escura saiu das sombras e partiu noite afora, ignorada por quem brigava ali embaixo.

– Bem, então faça sua escolha – disse Jamie rapidamente. – E espero que tenha sucesso com ela.

– Você... não... está.. me... ouvindo! – disse Brianna, soltando cada palavra entre dentes. – Já escolhi. Eu disse que não vou me casar... com *ninguém*! – Ela enfatizou batendo o pé.

Jamie enfiou o rastelo na pilha com um baque. Endireitou-se e olhou para Brianna, passando o punho cerrado pelo rosto.

– Sim, bem. Eu me lembro de ter ouvido uma opinião muito parecida expressada por sua mãe, na noite antes de nosso casamento. Não perguntei ultimamente se ela se arrepende por ter sido forçada a se casar comigo ou não, mas eu fico feliz por ela não estar totalmente arrasada. Talvez você devesse conversar com ela.

– Não é a mesma coisa! – rebateu Brianna.

– Não, não é – concordou Jamie, controlando sua impaciência.

O sol descia atrás dos montes, enchendo o estábulo com uma luz dourada na qual o tom vermelho de sua pele podia ser visto. Ainda assim, ele se esforçava muito para ser razoável.

– Sua mãe se casou comigo para salvar a vida dela... e a minha. Foi algo corajoso o que ela fez, e generoso também. Posso concordar que não é uma questão de vida ou morte, mas... você tem ideia do que é viver como um bastardo – ou como um desgraçado sem pai?

Ao ver a expressão dela se alterar levemente ao ouvir isso, ele aproveitou a vantagem, estendendo a mão para ela e falando com gentileza:

– Vamos, moça. Não consegue se imaginar fazendo isso pelo bem da criança?

O rosto dela ficou tenso de novo e ela deu um passo para trás.

– Não – retrucou, parecendo engasgada. – Não, não consigo.

Ele abaixou a mão. Eu via os dois, apesar da luz fraca, e percebi os sinais de perigo com clareza nos olhos semicerrados dele e na posição de seus ombros, prontos para a batalha. – Foi assim que Frank Randall criou você, moça, sem ideia de certo e errado?

Brianna tremia toda, como um cavalo que correu muito.

– Meu pai sempre fez o certo para mim! E ele nunca tentaria me colocar numa situação dessas – disse ela. – Nunca! *Ele* se importava comigo!

Com isso, Jamie finalmente perdeu a paciência, de modo explosivo.

– E eu não? – perguntou. – Não estou me esforçando ao máximo para fazer o que é certo para você? Apesar de você ser...

– Jamie... – Eu me virei para ele, vi seus olhos intensos de raiva e me voltei para ela. – Bree, sei que ele não... você tem que entender...

– Uma moça de comportamento descuidado e egoísta!

– Seu maldito insensível e prepotente!

– Maldito! Pode me chamar de maldito, e sua barriga está crescendo como uma abóbora com uma criança a quem você quer sujeitar a calúnias e a pessoas apontando o dedo para ela durante toda a vida, e...

– Vou quebrar o dedo e enfiá-lo goela abaixo de quem apontá-lo a meu filho!

– Sua maluca insensível! Não faz a menor ideia de como as coisas são? Você será um escândalo e motivo de fofocas. As pessoas chamarão você de prostituta na sua cara!

– Que tentem fazer isso!

– Ah, que tentem? E quer que eu fique do lado ouvindo, por acaso?

– Não é sua obrigação me defender!

Ele estava tão furioso que seu rosto ficou pálido.

– Não é minha obrigação defender você? Pelo amor de Deus, mulher, *quem mais* deveria fazer isso?

Ian pegou meu braço com delicadeza, puxando-me para trás.

– Você só tem duas escolhas agora, tia – murmurou ele em meu ouvido. – Despejar um balde de água fria nos dois ou partir comigo e deixá-los resolvendo isso. Já vi o tio Jamie e minha mãe brigando antes. Pode acreditar, não dá para interromper uma briga de dois Fraser. Meu pai diz que já tentou uma ou duas vezes, e tem cicatrizes como prova.

Olhei para a situação pela última vez e desisti. Ele tinha razão; eles estavam cara a cara, com os cabelos vermelhos e os olhos

semicerrados como dois pumas, andando em círculos, cuspendo e rosnando. Eu poderia ter incendiado todo o feno do local e eles mal notariam.

Do lado de fora estava bem silencioso e tranquilo. Um bacurau cantava numa árvore e o vento soprava do leste trazendo os sons da queda d'água até nós. Quando chegamos à porta, não conseguíamos mais ouvir os gritos.

– Não se preocupe, tia – disse Ian para me consolar. – Mais cedo ou mais tarde eles sentirão fome.

No caso, não foi necessário matar os dois de fome; Jamie desceu o monte alguns minutos depois pisando duro e sem dizer nada, pegou o cavalo, colocou o cabresto, montou e saiu cavalgando sem sela em direção ao caminho que levava à cabana de Fergus. Enquanto eu o observava partir, Brianna saiu do estábulo, bufando como uma locomotiva a vapor, e foi para a casa.

– O que *nighean na galladh* quer dizer? – perguntou ao me ver na porta.

– Não sei – disse. Sabia, mas achei mais prudente não dizer. – Tenho certeza de que ele não quis dizer... hum... o que quer que seja.

– Ah – disse ela, e, com um ronco irado, entrou na casa, reaparecendo momentos depois com um cesto de ovos no braço. Sem nada dizer, desapareceu em meio aos arbustos, emitindo um som como o de um furacão.

Respirei fundo várias vezes e entrei para começar o jantar, amaldiçoando Roger Wakefield.

O cansaço físico parecia ter dissipado pelo menos um pouco da energia negativa da casa. Brianna passou uma hora na mata e voltou com dezesseis ovos e o rosto mais calmo. Havia folhas e farpas em seus cabelos e, pela aparência de seus sapatos, ela havia chutado árvores.

Eu não sabia o que Jamie estava fazendo, entretanto ele voltou na hora do jantar, suado e ofegante, mas aparentemente calmo. Eles ignoraram um ao outro, algo bem difícil para duas pessoas grandes presas em uma cabana de 6 metros quadrados. Olhei para

lan, que rolou os olhos e veio me ajudar a carregar a tigela grande para a mesa.

A conversa durante o jantar se limitou aos pedidos para passar o sal e, depois, Brianna limpou os pratos: então foi se sentar ao tear, usando o pedal com ênfase desnecessária.

Jamie olhou para ela com cara feia, olhou para mim e saiu. Ele estava esperando no caminho do banheiro quando eu o segui um momento depois.

– O que devo fazer? – perguntou ele sem preâmbulos.

– Pedir desculpa – respondi.

– Pedir desculpa? – Os cabelos dele pareciam estar arrepiados, mas podiam ter ficado assim apenas devido aos efeitos do vento. – Mas não fiz nada de errado!

– Bem, que diferença isso faz? – perguntei, exasperada. – Você me perguntou o que deveria fazer e eu disse.

Ele expirou com força pelo nariz, hesitou um pouco e então se virou e voltou para casa, os ombros em posição de martírio ou batalha.

– Peço desculpas – disse ele, aparecendo à frente dela.

Surpresa, ela quase derrubou o barbante, mas o segurou.

– Oh – disse ela, e corou. Tirou o pé do pedal, e a grande roda rangeu e diminuiu a velocidade.

– Eu errei – disse ele, olhando depressa para mim. Assenti de modo incentivador, e ele pigarreou. – Eu não deveria...

– Tudo bem – ela falou depressa, disposta a conversar. – Você não teve... intenção, você só estava tentando ajudar. – Olhou para o barbante, diminuindo a velocidade enquanto ele passava por seus dedos. – Também sinto muito, eu não deveria ter ficado brava com você.

Ele fechou os olhos brevemente e sussurrou, voltou a abri-los e ergueu uma sobrancelha para mim. Sorri levemente e voltei a trabalhar, amassando sementes de erva-doce no pilão.

Ele puxou um banquinho e se sentou ao lado dela, e ela se virou para ele, colocando uma mão na roda para pará-la.

– Sei que sua intenção foi boa – disse ela. – A sua e a de lan. Mas você não percebe, Pa? Preciso esperar o Roger.

– Mas e se algo aconteceu com ele... se ele sofreu algum acidente...

– Ele não está morto. *Sei* que não está. – Ela falou com a intensidade de alguém que quer transformar a realidade de acordo com seu desejo. – Ele vai voltar. E como seria se ele voltasse e me encontrasse casada com Ian?

Ian olhou para a frente ao ouvir seu nome. Estava sentado no chão ao lado da lareira, com a cabeça grande de Rollo pousada em seu joelho, os olhos amarelos do lobo semicerrados de prazer enquanto Ian metodicamente penteava seu pelo grosso, tirando carrapatos e insetos que encontrava.

Jamie passou as mãos pelos cabelos num gesto de frustração.

– Espalhei o nome dele por aí desde que você me falou dele, a *nighean*. Mandeí Ian a Cross Creek para espalhar o nome dele em River Run, e falei com o capitão Freeman e ele falou com os outros ribeirinhos. Mandeí Duncan espalhar o nome por todo o cabo Fear e ao norte, em Edenton e New Bern, e pelos barqueiros que vão de Virgínia a Charleston.

Ele olhou para mim, implorando compreensão.

– O que mais posso fazer? O homem não está em lugar nenhum. Se eu acreditasse haver a menor chance... – Parou, mordendo o lábio.

Brianna olhou para o barbante que segurava e, com um gesto rápido, o partiu. Deixando a ponta solta para a roda, levantou-se e atravessou o espaço, sentando-se à mesa de costas para nós.

– Sinto muito, moça – disse Jamie mais baixo. Esticou o braço e pousou a mão no ombro dela, com hesitação, como se ela fosse capaz de mordê-lo. Ela ficou levemente tensa, mas não se afastou. Depois de um momento, esticou o braço e pegou a mão dele, apertou-a levemente e a soltou.

– Compreendo – disse ela. – Obrigada, Pa. – Sentou-se, os olhos fixos nas chamas, o rosto e o corpo totalmente parados, mas conseguindo transmitir uma desolação total. Apoiei as mãos em seus ombros, esfregando delicadamente, mas ela mais parecia uma boneca de cera sob meus dedos – não resistiu, mas não retribuiu o toque.

Jamie a analisou por um momento, franzindo o cenho, e olhou para mim. Então, com ar decidido, levantou-se, foi à estante, pegou tinta e papel e colocou-os em cima da mesa com um batida.

– Tive uma ideia. Vamos fazer um cartaz e eu o levarei para Gillette, em Wilmington. Ele poderá imprimi-lo, e Ian e os rapazes da família Lindsey distribuirão as cópias por toda a costa, de Charleston a Jamestown. Pode ser que alguém não conheça Wakefield, não tenha ouvido seu nome, mas talvez o reconheça pela aparência.

Ele balançou pó de tinta feita de ferro e carvalho na cuia cheia pela metade e despejou um pouco de água do cantil, usando a ponta de uma pena para mexer a tinta. Sorriu para Brianna e tirou uma folha de papel da gaveta.

– E então, moça, como é esse homem?

A sugestão havia feito Brianna se animar, e seu rosto deixou transparecer a disposição. Endireitou-se e uma corrente de energia subiu por sua espinha até meus dedos.

– Alto – disse ela. – Quase tão alto quanto você, Pa. As pessoas o *notariam*; elas sempre olham para você. Ele tem cabelos pretos e olhos verdes – claros; é uma das primeiras coisas que se nota nele, não é, mamãe?

Ian se remexeu e olhou para nós.

– Sim – falei, sentando-me no banco ao lado de Brianna. – Mas talvez possamos fazer melhor do que dar apenas a descrição. Bree leva jeito com desenhos. Pode desenhar Roger só de memória, Bree?

– Sim! – Ela pegou a pena, disposta a tentar. – Sim, com certeza posso. Já o desenhei antes.

Jamie soltou a pena e o papel, e as linhas de expressão em sua testa indicavam que ele franzia o cenho.

– Será que a impressora consegue copiar um desenho a tinta? – perguntei, olhando.

– Ah, sim, espero que sim. Não é problema fazer um bloco de madeira se as linhas forem claras – falou Jamie distraído, os olhos fixos no papel diante de Brianna.

Ian tirou a cabeça de Rollo do seu joelho e parou ao lado da mesa, olhando por cima do ombro de Bree no que pareceu uma

curiosidade exagerada.

Mordendo o lábio inferior, ela desenhou de modo rápido e claro. Testa alta, cabelos negros e densos que subiam de um redemoinho invisível e desciam quase até as sobrancelhas grossas e escuras. Ela o desenhou de perfil: um nariz grande, mas não aquilino, uma boca de traços claros e delicados e uma mandíbula ampla. Olhos de cílios fartos, fundos nas órbitas, com linhas de bom humor marcando um rosto forte e chamativo. Acrescentou uma orelha bonita e dedicou atenção à curva do crânio, desenhando cabelos grossos e ondulados puxados para trás em um rabo de cavalo curto.

Ian resmungou baixo.

– Você está bem, Ian? – Olhei para ele, mas ele não estava olhando para o desenho. Olhava para o outro lado da mesa, para Jamie, e mantinha o olhar vidrado, como um porco em um gancho.

Eu me virei e vi exatamente a mesma expressão no rosto de Jamie.

– Que diabos está acontecendo? – perguntei.

– Ah... nada. – Os músculos de sua garganta se movimentaram quando ele engoliu em seco. Os cantos de sua boca tremeram duas vezes, como se ele não conseguisse controlá-los.

– Até parece! – Assustada, inclinei-me sobre a mesa, segurando seu braço e sentindo sua pulsação. – Jamie, o que foi? Está com dor no peito? Está se sentindo mal?

– *Estou*. – Ian estava inclinado sobre a mesa, parecendo prestes a vomitar a qualquer minuto. – Porque... você está me dizendo com seriedade que... *este*... – ele fez um gesto curto para o desenho – é Roger Wakefield?

– Sim – disse Brianna, olhando para ele, confusa. – Ian, você está bem? Comeu alguma coisa que fez mal?

Ele não respondeu, mas jogou o peso do corpo no banco ao lado dela, levou as mãos à cabeça e gemeu.

Jamie tirou a mão da minha. Mesmo à luz do fogo, vi que ele estava pálido e assustado. A mão sobre a mesa envolveu o tinteiro, como se buscasse apoio.

– Sr. Wakefield – disse ele a Brianna, com cuidado. – Por acaso ele tem... outro nome?

– Sim – Brianna e eu respondemos em uníssono. Parei e deixei que ela explicasse enquanto eu me levantava e corria para pegar uma garrafa de conhaque da despensa. Não sabia o que estava acontecendo, mas tinha a terrível sensação de que a bebida seria necessária. –... adotado. MacKenzie era o nome de sua família – dizia ela quando apareci com a garrafa na mão. Ela olhou do pai para o primo, franzindo o cenho. – Por quê? Vocês não têm notícias de Roger MacKenzie, não é?

Jamie e Ian trocaram um olhar assustado e Ian pigarreou. Jamie também.

– O que foi? – Brianna exigiu saber, inclinando-se para a frente, olhando ansiosamente para um e depois para outro. – O que foi? Vocês o viram? Onde?

Vi a mandíbula de Jamie ficar tensa enquanto ele reunia as palavras.

– Sim – disse ele com cautela. – Vimos. Na montanha.

– O quê? Aqui? *Nesta* montanha? – Ela ficou de pé, afastando o banco. O susto e a ansiedade brincavam em seu rosto como chamas. – Onde ele está? O que aconteceu?

– Bem – disse Ian de modo defensivo –, ele *disse* que tinha tirado sua virgindade, afinal.

– Ele O QUÊ? – Os olhos de Brianna se arregalaram tanto que a esclera aparecia ao redor de toda a íris.

– Bem, seu Pa perguntou a ele, só para ter certeza, e ele admitiu que tinha...

– Você *o quê*? – Brianna virou-se para Jamie com os punhos cerrados na mesa.

– Sim, bem... foi um erro – disse Jamie. Parecia completamente arrasado.

– Pode apostar que foi! O que, em nome de... o que você fez? – O rosto dela havia empalidecido e faíscas azuis apareciam em seus olhos, como as que apareciam em chamas.

Jamie respirou fundo. Olhou para a frente, diretamente no rosto dela, e contraiu a mandíbula.

– A mocinha... Lizzie. Ela me disse que você estava grávida e que o homem que havia feito isso com você era um bruto malvado chamado MacKenzie.

A boca de Brianna se abriu e se fechou, mas nenhuma palavra saiu. Jamie olhou para ela com firmeza.

– Você me disse que tinha sido violentada, certo?

Ela assentiu, mole como uma marionete sem comando.

– Pois então. Ian e a mocinha estavam na moenda quando MacKenzie chegou perguntando sobre você. Eles correram para me avisar e Ian e eu o abordamos na clareira acima da fonte.

Brianna conseguiu reunir forças para falar.

– O que vocês fizeram com ele? – perguntou, rouca. – O quê?

– Foi uma briga justa – disse Ian, ainda na defensiva. – Eu queria atirar nele de cara, mas o tio Jamie disse não, ele queria pegar o... cara.

– Você *bateu* nele?

– Sim! Bati! – disse Jamie, irado, finalmente. – Pelo amor de Deus, mulher, o que gostaria que eu tivesse feito com o homem que usou você desse modo? Você o queria matar, não?

– Além disso, ele bateu no tio Jamie também – disse Ian para ajudar. – Como eu disse, foi uma briga justa.

– Fique quieto, Ian, seja bonzinho – falei. Servi dois dedos e empurrei o copo para Jamie.

– Mas foi... ele *não*... – Brianna estava gaguejando sem parar. Então se revoltou e bateu um punho na mesa, explodindo. – O QUE VOCÊ FEZ COM ELE? – gritou.

Jamie piscou e Ian se retraiu. Trocaram olhares assombrados.

Pousei a mão no braço de Jamie, apertando forte. Não consegui esconder o nervosismo quando fiz a pergunta necessária:

– Jamie... você o matou?

Ele olhou para mim e a tensão em seu rosto relaxou um pouco.

– Ah... não. Eu o entreguei aos iroqueses.

– Ah, prima, poderia ter sido pior. – Ian deu um tapinha nas costas de Brianna. – Nós não o matamos, afinal.

Brianna emitiu um som de engasgo e levantou a cabeça dos joelhos. O rosto estava pálido e úmido como o interior de uma concha de ostra, os cabelos despenteados ao redor. Ela não havia

vomitado nem desmaiado, mas parecia prestes a fazer as duas coisas.

– Nós pretendíamos – continuou Ian, olhando para ela com um pouco de nervosismo. – Minha pistola estava pressionando a parte de trás da orelha dele, mas pensei que era direito do tio Jamie estourar os miolos dele, então...

Brianna engasgou de novo, e eu rapidamente coloquei uma bacia à sua frente, para garantir.

– Ian, acho que ela não precisa ouvir nada disso neste momento – disse, estreitando os olhos para ele.

– Sim, preciso.

Brianna se levantou, apoiando as mãos na borda da mesa.

– Preciso ouvir tudo, tenho que ouvir. – Virou a cabeça lentamente, como se seu pescoço estivesse rígido, em direção a Jamie. – Por quê? – perguntou ela. – POR QUÊ?

Ele estava tão pálido e assustado quanto ela. Havia se afastado da mesa e ido para o canto, como se quisesse se afastar o máximo possível do desenho com a aparência clara de Roger MacKenzie Wakefield.

Parecia que preferia fazer qualquer coisa que não fosse responder, mas respondeu com os olhos fixos nos dela:

– Eu queria matá-lo. Interrompi Ian porque atirar no maldito parecia uma morte muito fácil, rápida demais para o que ele havia feito.

Respirou fundo, e eu vi que a mão na estante com os utensílios de escrita estava fazendo tanta pressão que os nós dos dedos estavam brancos.

– Parei para pensar como deveria ser, o que eu deveria fazer. Deixei Ian com ele e me afastei.

Engoliu em seco. Vi os músculos se mexerem em sua garganta, mas ele não afastou o olhar.

– Entrei na floresta e recostei-me numa árvore para deixar meu coração se acalmar. Parecia melhor que ele estivesse acordado para saber, mas pensei que não conseguiria mais tolerar sua voz. Ele já havia dito coisas demais. Mas então comecei a ouvir, sem parar, o que ele havia dito.

– O quê? O que ele disse? – Até mesmo os lábios dela estavam brancos.

Os de Jamie também.

– Ele disse... que você o havia chamado para dormir com ele. Que você... – Ele parou e mordeu o lábio. – Disse que você o desejava, que você havia lhe pedido para tirar sua virgindade – disse Ian. Ele falava de modo frio, com os olhos em Brianna.

Ela respirou fundo, fazendo barulho, como papel sendo rasgado.

– Pedi.

Olhei involuntariamente para Jamie. Os olhos dele estavam fechados, os dentes apertavam o lábio.

Ian emitia um som de choque e Brianna afastou a mão como um raio e bateu em seu rosto.

Ele se virou para trás, perdeu o equilíbrio e quase caiu do banco. Segurou a borda da mesa e ficou de pé.

– Como? – gritou ele, o rosto contorcido de ira. – Como pôde fazer uma coisa dessas? Eu disse ao tio Jamie que você nunca agiria como uma meretriz, nunca! Mas é verdade, não é?

Ela se levantou como um leopardo, com o rosto vermelho depois da palidez em um segundo.

– Maldito seja você por achar que pode me julgar, Ian! Quem deu a você o direito de me chamar de meretriz?

– Direito? – Ele gaguejou por um momento, sem saber o que dizer. – Eu... você... ele...

Antes que eu pudesse intervir, ela fechou a mão e deu um soco forte na boca do estômago dele. Com um olhar de surpresa, ele caiu no chão, a boca aberta como um porco.

Eu me movi, mas Jamie foi mais rápido. Em menos de um segundo, ele estava ao lado dela, segurando seu braço. Ela se virou, tentando bater nele também, mas parou. Sua boca se mexia sem emitir som, lágrimas de choque e fúria desciam por seu rosto.

– Fique parada – disse ele, e sua voz estava muito fria.

Vi-o segurá-la com força e emiti um som baixo de protesto. Ele não deu atenção, pois estava focado demais em Brianna.

– Eu não quis acreditar – disse ele, com uma voz fria como gelo. – Disse a mim mesmo que ele só estava dizendo aquilo para

se salvar, que não era verdade. Mas se fosse... – Ele pareceu perceber, finalmente, que a estava machucando. E soltou seu braço. – Eu não podia matar o homem sem ter certeza – disse ele, e fez uma pausa, observando o rosto dela. Por arrependimento?, tentei imaginar. Ou remorso? Independentemente do que ele procurava, só encontrou ira. O rosto dela era o reflexo do dele, os olhos azuis intensos como os dele.

A expressão dele mudou e ele afastou o olhar.

– Eu me arrependi – disse. – Quando cheguei aquela noite e vi você, me arrependi por não tê-lo matado. Segurei você no colo e senti meu coração apertado de vergonha por ter duvidado da virtude da minha filha. – Ele olhou para baixo, e eu vi a marca nos lábios, onde ele os havia mordido. – Agora meu coração está apertado de novo. Não só por você ter sido impura, mas por também ter mentido para mim.

– Mentido para você? – A voz dela não passava de um suspiro. – *Mentido* para você?

– Sim, mentido para mim! – Com violência repentina, ele se virou para ela. – Por você ter ido para a cama com um homem por desejo e dizer ter sido estuprada depois de engravidar! Você não percebe que por pouco não virei um assassino e você causou tudo isso?

Ela estava furiosa demais para falar; vi sua garganta inchar com as palavras e soube que tinha que fazer alguma coisa logo, antes que um dos dois conseguisse dizer mais alguma coisa.

Mas eu também não conseguia falar. Sem esperar, procurei no bolso do meu vestido e achei a aliança. Peguei-a e a coloquei em cima da mesa. Ela tilintou na madeira, girou e rodou até parar; o ouro brilhou vermelho à luz do fogo.

De F. a C. com amor. Sempre.

Jamie olhou para ela, o rosto totalmente inexpressivo. Brianna suspirou, soluçando.

– É a sua aliança, tia – disse Ian. Ele parecia confuso e se inclinou para olhar, como se não conseguisse acreditar no que via. – Sua antiga aliança. Aquela que Bonnet roubou, no rio.

– Sim – falei. Meus joelhos estavam fracos. Sentei-me à mesa e pousei a mão sobre a aliança como se quisesse tirá-la dali, negar

sua presença.

Jamie pegou meu punho e o ergueu. Como um homem lidando com um inseto perigoso, ele pegou a aliança entre o polegar e o indicador.

– Onde conseguiu isso? – perguntou ele, a voz quase casual. Olhou para mim, e senti uma onda de terror diante dos olhos dele.

– Eu a trouxe para ela. – As lágrimas de Brianna tinham secado, evaporadas com o calor de sua fúria. Ela ficou atrás de mim e pousou as mãos em meus ombros. – Não olhe para ela desse jeito, não ouse!

Ele olhou para ela, mas Brianna não se mexeu; apenas me segurou com mais força, os dedos afundando em meus ombros.

– Onde conseguiu isso? – perguntou ele de novo num sussurro. – Onde?

– Com ele. De Stephen Bonnet. – A voz dela tremia, mas de ira, não de medo. – Quando... ele... me... estuprou.

O rosto de Jamie se contorceu de repente, como se uma explosão tivesse ocorrido dentro dele. Emiti um som incoerente de indignação e me aproximei, mas ele se virou e ficou rígido, de costas para nós, no meio da sala.

Senti Brianna se endireitar, ouvi Ian dizer, como um tolo: “Bonnet?”, ouvi o tique-taque do relógio no armário, senti o vento vindo da porta. Percebi todas essas coisas distraída, mas não tinha olhos para nada além de Jamie.

Afastei o banco e fiquei de pé. Ele permaneceu de pé como se estivesse enraizado no chão, os punhos cerrados à frente da barriga, como um homem que levou um tiro, tentando evitar o derramamento inevitável de suas entranhas.

Eu deveria ter conseguido fazer alguma coisa, dizer alguma coisa, Deveria ter conseguido ajudá-los, cuidar deles. Mas não consegui fazer nada. Não podia ajudar um sem trair o outro; já havia traído os dois. Eu havia vendido a honra de Jamie para mantê-lo protegido e, ao fazer isso, Roger tinha sido levado e a felicidade de Brianna sido destruída.

Não podia correr para nenhum dos dois naquele momento. Só podia ficar ali, sentindo meu coração se despedaçar.

Bree me deixou, deu a volta pela mesa lentamente, atravessou o cômodo e deu a volta por Jamie. Ficou na frente dele, olhando em seu rosto, e seu próprio rosto permanecia firme como o mármore, frio como o de uma santa.

– Maldito seja – disse ela, quase de modo inaudível. – Maldito, muito maldito. Eu me arrependo de tê-lo conhecido.

PARTE XI

Pas du Tout



TRAIÇÃO

Outubro de 1769

Roger abriu os olhos e vomitou. A ardência da bile que subiu por seu nariz e o vômito que escorria pelos seus cabelos, pois ele estava de cabeça para baixo, não eram nada em comparação com a dor que sentia na cabeça e na genitália.

Uma mudança no movimento enviou uma onda de cores caleidoscópicas da virilha ao cérebro. Sentiu o cheiro úmido de lona. Então alguém disse algo perto dali, e o pânico sem forma passou a ter contornos borrados entre as cores.

Gloriana! Eles o haviam capturado! Ele se moveu por reflexo, impedido por uma dor forte nas têmporas, mas foi contido um milésimo de segundo antes por algo redondo em seus pulsos. Amarrado, ele estava amarrado.

A forma do pânico apareceu negra em sua mente. Bonnet. Eles o haviam capturado e pegado as pedras. E agora eles o matariam.

Remexeu-se convulsivamente, puxando os punhos, os dentes cerrados de dor. O convés desceu debaixo dele com um resmungo repentino e ele caiu com força.

Vomitou de novo, mas seu estômago estava vazio. Sentiu ânsia, as costelas tremendo a cada espasmo contra os sacos de lona sobre os quais estava. Não eram velas, não era um porão. Não era o *Gloriana*, não era um navio. Um cavalo. Ele estava amarrado pelas mãos e pelos pés e de barriga para baixo em cima de um maldito cavalo!

O cavalo avançou mais alguns passos e parou. Vozes murmuraram, mãos o pegaram e então ele foi puxado de qualquer modo e colocado de pé. Caiu de uma vez, incapaz de se manter de pé ou de impedir a queda.

Permaneceu encolhido no chão, concentrando-se na respiração. Sem os solavancos, era mais fácil. Ninguém o incomodou, e aos poucos começou a ter noção do que o cercava.

Ter noção não ajudava muito. Havia folhas úmidas embaixo de seu rosto, frias, cheirando a podre. Abriu um olho com cuidado. No céu acima, uma cor muito intensa, entre azul e roxo. O som das árvores, de água correndo ali perto.

Tudo parecia girar lentamente ao redor dele, dolorosamente vívido. Fechou os olhos e pressionou as mãos no chão.

Jesus, onde estou? As vozes conversavam de modo casual e as palavras se perdiam em meio aos passos e aos relinchos dos cavalos próximos dali. Prestou atenção, mas não conseguiu entender as palavras. Sentiu um momento de pânico com a incapacidade; não conseguia nem mesmo determinar a língua.

Sentiu um galo atrás de uma orelha e outro na nuca, e uma dor que fez suas têmporas latejarem; ele havia sido atingido com força... mas quando? Será que as pancadas tinham rompido os nervos de seu cérebro e acabado com sua capacidade de entender línguas? Abriu os olhos e – com extremo cuidado – deitou-se de costas.

Um rosto quadrado e marrom olhou para ele, sem uma expressão clara de interesse, e então de volta para o cavalo de que cuidava.

Índios. O choque foi tão forte que se esqueceu momentaneamente da dor e se sentou abruptamente. Assustou-se e apoiou o rosto nos joelhos, fechou os olhos para tentar não desmaiar de novo, o sangue latejando em sua cabeça.

Onde estava? Mordeu o joelho, apertando o pano entre os dentes, esforçando-se para se lembrar. Fragmentos de imagens voltaram à mente, em partes que se recusavam a se unir para fazer sentido.

O ranger das tábuas e o cheiro de água estagnada. O sol cegante pelo vidro. O rosto de Bonnet, e a respiração das baleias na névoa... e um menininho chamado... chamado...

Mãos unidas no escuro. *Com meu corpo, minha alma, minha devoção...*

Bree. Brianna. O suor frio rolou pelo seu rosto e os músculos de sua mandíbula doeram com o movimento. As imagens pulavam em

sua mente como pulgas. Seu rosto, o rosto dela, ele não podia esquecer!

Não era um rosto gentil. Um nariz afilado e olhos azuis e frios... não, não frios...

A mão em seu ombro o tirou da tortuosa busca pela memória e de volta para o presente imediato. Era um índio segurando uma faca. Paralisado pela confusão, Roger simplesmente olhou para o homem.

O índio, um homem de meia-idade com um osso nos cabelos arrepiados e um ar sério, pegou Roger pelos cabelos e jogou sua cabeça para trás e para a frente com ar crítico. A confusão desapareceu quando Roger se deu conta de que estava prestes a ser escalpelado ali.

Jogou-se para trás e atacou com os dois pés, acertando o índio nos joelhos. O homem caiu com um grito de surpresa e Roger rolou, levantando-se, e saiu correndo para se salvar.

Correu como uma aranha embriagada, com as pernas abertas, mancando em direção às árvores. Sombra, refúgio. Gritavam atrás dele, e ele ouviu o som de pés espalhando folhas. Então algo fez com que tropeçasse e ele caiu de cara, num baque de estremecer os ossos.

Eles o colocaram de pé de novo antes que pudesse recuperar o fôlego. Não adiantava lutar; havia quatro homens, incluindo aquele que Roger havia derrubado. Este vinha na direção deles, mancando, ainda segurando a faca.

– Não machucar você! – disse ele. Deu um tapa no rosto de Roger e então se inclinou e cortou as faixas de couro que prendiam os punhos de Roger. Com um ronco alto, ele se virou e foi até onde estavam os cavalos.

Os dois homens que seguravam Roger logo o soltaram e se afastaram também, deixando-o se balançando ali como uma plantinha ao vento forte.

Ótimo, pensou. Não estou morto. Que diabos está acontecendo?

Sem resposta a essa pergunta, passou a mão depressa pelo rosto, descobrindo vários hematomas que não percebera antes, e olhou ao redor.

Estava em uma pequena clareira, cercado por enormes carvalhos e nogueiras em crescimento; o chão estava tomado por folhas marrons e amarelas, e os esquilos tinham deixado montes de cascas de bolotas e de nozes espalhadas pelo chão. Ele estava sobre uma montanha; a elevação lhe mostrava isso, assim como o ar frio e o céu azul indicavam que era quase o momento do pôr do sol.

Os índios – havia quatro deles, todos homens – o ignoraram totalmente, cuidando de suas coisas no acampamento sem olhar na direção de Roger. Ele lambeu os lábios secos e deu um passo cuidadoso em direção ao pequeno riacho que passava por cima de rochas cobertas de algas a alguns metros dali.

Bebeu água, mas, por estar fria, sentiu os dentes doerem; quase todos os dentes estavam moles de um lado da boca e a parte de dentro da bochecha tinha um corte feio. Lavou o rosto depressa, com uma sensação de *déjà vu*. Algum tempo antes, ele havia se lavado e bebido daquele modo, a água fria correndo sobre rochas cor de esmeralda.

A Cordilheira dos Frasers. Agachou-se, e a memória voltou em pedaços grandes e feios.

Brianna, Claire... e Jamie Fraser. De repente, a imagem confusa que procurara tão desesperadamente voltou: o rosto de Brianna, com os ossos largos e bem delineados, os olhos azuis puxados acima de um nariz comprido e reto. Mas o rosto de Brianna estava mais velho, com a pele desgastada num tom bronzeado, endurecida pela masculinidade e pela experiência, os olhos azuis intensos e cheios de ira. Jamie Fraser.

– Seu maldito – disse Roger lentamente. – Seu cretino, maldito, desgraçado. Você tentou me matar.

A sensação inicial foi de surpresa – mas a raiva não ficava muito atrás.

Ele se lembrava de tudo agora: o encontro na clareira, as folhas de outono como fogo e mel, e o homem entre elas; o jovem de cabelos castanhos – e quem diabos era *e/e*? A luta – tocou um ponto dolorido embaixo das costelas fazendo uma careta – e o fim de tudo, quando acabou deitado nas folhas, certo de que estava prestes a ser morto.

Bem, não morreu. Lembrava-se vagamente de ter ouvido o homem e o garoto discutindo em algum ponto acima dele – um deles queria matá-lo no ato, o outro disse não –, mas não tinha como saber quem tinha dito o quê. Então um deles voltou a agredi-lo, e não se lembrava de mais nada.

E agora – olhou ao redor. Os índios tinham acendido uma fogueira e havia um caldeirão de barro ao lado. Nenhum deles dava a menor atenção a ele, apesar de Roger saber que estavam bem cientes de sua presença.

Talvez eles o tivessem tirado de Fraser e do garoto – mas por quê? O mais provável era que Fraser o tivesse entregado aos índios. O homem com a faca dissera que eles não pretendiam machucá-lo. *O que* eles pretendiam fazer com ele?

Olhou ao redor. Logo escureceria; as sombras sob os carvalhos já tinham crescido.

E daí, espertalhão? Se você partir no escuro, para onde vai? A única direção que você conhece é para baixo. Os índios aparentemente o ignoravam porque tinham certeza de que ele não iria a lugar nenhum.

Descartando a verdade desconfortável dessa observação, ele se levantou. Primeiro, as prioridades. Era a última coisa que queria fazer no momento, mas sua bexiga estava prestes a estourar. Seus dedos estavam lentos e atrapalhados, grudados de sangue, mas ele conseguiu soltar o cordão da calça.

A primeira sensação foi de alívio; não era tão ruim quanto parecia. Doía muito, mas tudo parecia indicar que ele estava basicamente intacto e inteiro.

Só quando se virou de volta para o fogo o alívio simples foi sucedido por uma explosão de raiva tão pura e cegante que fez fazer desaparecer a dor e o medo. Em seu punho direito havia uma mancha oval preta, uma marca de polegar bem marcada, como uma assinatura.

– Cristo – disse, muito levemente.

A fúria ardeu em seu estômago. Ele sentiu o seu gosto amargo na boca. Olhou para a encosta da montanha atrás dele, sem saber se olhava para a Cordilheira dos Frasers ou não.

– Espere por mim, maldito – disse baixinho. – *Vocês dois...* esperem por mim, vou voltar.

Mas não naquele momento. Os índios permitiram que ele comesse – um tipo de ensopado, que eles pegavam com as mãos, apesar de estar quase fervendo –, mas durante o resto do tempo pareciam indiferentes. Ele tentou falar inglês, francês e até o pouco de alemão que sabia, mas ninguém respondeu.

Eles o amarraram quando se deitaram para dormir: os tornozelos foram atados e uma coleira foi colocada ao redor do seu pescoço, presa ao pulso de um de seus captores. Por indiferença ou porque não havia nenhum, eles não deram a ele um cobertor, e ele passou a noite tremendo, encolhido o máximo que podia perto da fogueira.

Pensou que não conseguiria dormir, mas dormiu, exausto de dor. No entanto, foi um sono intranquilo, tomado por sonhos violentos e fragmentados, interrompido pela constante impressão de estar sendo estrangulado.

Pela manhã, partiram de novo. Não usaram cavalos; ele caminhou o mais rápido possível. A coleira estava frouxa ao redor do pescoço, mas uma corda curta unia seus pulsos às rédeas de couro de um dos cavalos. Tropeçou e caiu várias vezes, mas conseguiu se levantar, apesar dos ferimentos e dos músculos doloridos. Teve a clara impressão de que eles permitiriam que ele fosse arrastado sem o menor problema se não se levantasse.

Estavam indo para o norte; ele sabia por causa do sol. Não que isso ajudasse muito, já que ele não fazia ideia do ponto de onde eles tinham partido. Ainda assim, deviam estar perto da Cordilheira dos Frasers; ele não podia ter ficado inconsciente por mais de algumas horas. Olhou para os cascos do cavalo ao lado dele, tentando estimar a velocidade. Não mais do que 5 ou 6 quilômetros por hora; ele estava conseguindo continuar sem grande esforço.

Pontos importantes. Não havia como saber aonde eles pretendiam levá-lo – nem por quê –, mas, se ele fosse voltar, tinha que memorizar as condições do terreno pelo qual passavam.

Um penhasco, com cerca de 12 metros e cheio de vegetação, um pé retorcido de caqui saindo de uma rachadura na rocha como uma mola, coberto com frutas alaranjadas.

Eles alcançaram a ponta de um espinhaço e chegaram a uma vista incrível de montanhas distantes: três picos altos, unidos contra um céu avermelhado, o da esquerda mais alto que os outros dois. Ele conseguia se lembrar disso. Um riacho – um rio? – que caía por um pequeno desfiladeiro; guiaram os cavalos por um vau raso, molhando Roger até a cintura na água gelada.

A rotina da viagem durou dias, sempre seguindo em direção ao norte. Seus captores não falavam com ele e, no quarto dia, percebeu que começava a perder a noção do tempo, entrando em um transe como um sonho, tomado pela fadiga e pelo silêncio das montanhas. Puxou um fio comprido da barra do casaco e começou a fazer um nó para cada dia, tanto para manter um pequeno controle da realidade como para ter um método de estimar a distância percorrida.

Ele iria voltar. Não importava o que custasse, iria voltar para a Cordilheira dos Frasers.

Foi no oitavo dia que vislumbrou a chance. Estavam na montanha. Já tinham passado por um desfiladeiro um dia antes e desceram um monte íngreme, e os cavalos nitriam, andando mais devagar para firmar cada passo cuidadoso, enquanto as cargas nas selas rangiam e se remexiam.

Agora estavam subindo de novo e os cavalos passaram a andar mais devagar à medida que o solo se tornava bem mais íngreme. Roger conseguiu avançar, manter-se ao lado do cavalo e se agarrar à rédea de couro, deixando o animal puxá-lo.

Os índios tinham apeado, estavam caminhando e guiando os cavalos. Ele manteve os olhos semicerrados no rabo de cavalo preto que descia pelas costas do bravo que levava o animal ao qual ele estava amarrado. Segurou-se com uma das mãos; a outra estava ocupada por baixo de uma aba pendurada de lona, mexendo no nó que o prendia às rédeas.

Fio por fio, a amarra foi desfeita, até não sobrar nada além de um único fio de corda o prendendo ao cavalo. Esperou, e o suor escorria pelas suas costelas devido ao medo e ao esforço da subida, rejeitando várias oportunidades, pensando a cada minuto que ele a havia deixado tarde demais, que eles parariam para acampar, que o índio que levava seu cavalo viraria e o veria, pensaria em verificar.

Mas eles não pararam, e o índio não se virou. *Pronto*, pensou, e seu coração bateu depressa ao ver o primeiro cavalo da fileira sair de uma trilha estreita na encosta da montanha. O caminho descia e então se nivelava cerca de 2 metros abaixo. Mais adiante havia uma descida cheia de árvores, ideal para que ele se escondesse.

Um cavalo e depois outro desceram a trilha estreita, firmando as patas com cuidado. Um terceiro, e então foi a vez de Roger. Ele se aproximou do lado do cavalo, sentindo o cheiro da espuma doce e pungente do seu suor. Um passo, depois outro, e eles estavam na trilha estreita.

Soltou a corda e pulou. Atingiu o chão semiagachado, levantou-se e desceu correndo. Seus sapatos saíram e ele os deixou onde ficaram. Atravessou um pequeno riacho, escalou a barranca com as mãos e os joelhos e ficou de pé, correndo antes mesmo de se erguer.

Ouviu gritos atrás dele e então silêncio, mas sabia que estava sendo perseguido. Não tinha tempo a perder; nem eles.

A paisagem se escondia atrás de um borrão de folhas e rochas quando ele virou a cabeça de um lado para outro, procurando um caminho, um local para se esconder. Escolheu um vale de bétulas, atravessou-o e entrou em um campo inclinado, desceu pela grama escorregadia, os pés descalços pisando em raízes e pedras. Do outro lado, reservou um segundo para olhar para trás. Dois deles: ele viu as cabeças escuras e redondas entre as folhas.

Chegou a outro bosque ao sair ziguezagueando como louco por um campo de rochas espalhadas, a respiração dolorida na garganta. O passado havia feito uma coisa por ele, pensou com seriedade: melhorara sua capacidade respiratória. E então não sobrou espaço para nenhum pensamento – nada além dos instintos cegos da fuga.

E desceu de novo, uma queda pela face molhada e rachada de um penhasco de 6 metros, agarrando as plantas enquanto passava por elas, arrancando raízes, enfiando as mãos na lama, cortando os dedos em pedras que não vira. Caiu com força no fundo e se inclinou, puxando o ar.

Um dos índios estava bem atrás dele, descendo pelo outro lado do penhasco. Solto a corda ao redor do pescoço e bateu com ela com força nas mãos do índio. As mãos do homem escorregaram: ele deslizou e desceu, aterrissando de qualquer jeito. Roger passou a corda pela cabeça do homem, puxou com força e fugiu, deixando o índio de joelhos, engasgando e puxando a corda ao redor do pescoço.

Árvores. Ele precisava de um esconderijo. Pulou um tronco caído, tropeçou, levantou-se e saiu correndo. Continuou subindo entre os abetos. Com o coração aos pulos, bateu os pés com força no chão, subindo a ladeira.

Jogou-se entre os abetos, passando em meio a milhões de agulhas, sem ver, os olhos fechados contra os galhos. Então o chão se abriu e ele caiu em um borrão de céu e galhos.

Pousou, meio curvado, sem fôlego; mal teve a noção de se curvar mais e continuar rolando, afastando rochas e plantas, arrancando terra e agulhas caídas, pulando e chegando ao fundo.

Pulou fazendo barulho, em meio a troncos, esperou um momento e escorregou, pousando com um baque. Confuso e sangrando, permaneceu deitado por um momento e então rolou, sentindo dor do lado, limpando a terra e o sangue do rosto.

Olhou para cima, procurando. Ali estavam eles. Os dois, no topo da ladeira, descendo cuidadosamente pela lateral da saliência de onde ele tinha caído.

Apoiado nas mãos e nos joelhos, mergulhou entre os caules das árvores e rastejou para se salvar. Galhos curvos e pontas afiadas o acertavam, montes de poeira, folhas mortas e insetos caíam dos galhos mais altos enquanto ele subia, forçando uma passagem pelos troncos próximos uns dos outros, girando e se virando, seguindo essas aberturas conforme eram encontradas.

Inferno foi seu primeiro pensamento coerente. Então notou que era uma descrição e também um xingamento. Estava no inferno dos

rododendros. Percebendo isso tarde demais, diminuiu a velocidade da fuga – se é que rastejar 3 metros por hora pudesse ser chamado de “fuga”.

A abertura parecida com um túnel na qual ele se viu era estreita demais para permitir que se virasse, mas ele conseguiu olhar para trás voltando a cabeça. Não havia nada ali: apenas uma escuridão úmida e bolorenta, iluminada por um feixe fino de luz girando com a poeira. Não dava para ver nada além dos caules e dos galhos dos arbustos de rododendros.

Seus membros trêmulos cederam e ele caiu. Ficou deitado por um momento, enrolado entre os caules, sentindo o cheiro das folhas podres e da terra úmida.

– Você queria um esconderijo, amigo – disse a si mesmo. Estava começando a sentir dor. Estava cortado e sangrava em muitos pontos do corpo. Mesmo sob a luz fraca, as pontas de seus dedos pareciam carne crua.

Fez uma análise lenta dos danos, tentando ouvir os sons baixos da perseguição. Não surpreendia não haver nenhum. Ele havia ouvido rumores a respeito dos rododendros nas tavernas em Cross Creek: histórias meio fantasiosas de cães que tinham perseguido um esquilo para dentro de uma das confusões de folhas, acabaram se perdendo e nunca mais foram vistos.

Roger esperava que essas histórias fossem exageradas, mas, ao olhar ao redor, não se tranquilizou. A pouca luz não indicava direção. Para onde olhava, tudo parecia igual. Montes de folhas frias e lisas, caules grossos e galhos finos que se uniam em um nó quase impenetrável.

Com uma leve sensação de pânico, percebeu que não fazia ideia de onde estava.

Encostou a cabeça nos joelhos e respirou fundo, tentando pensar. Certo, primeiro as prioridades. O pé direito sangrava devido a um corte profundo no canto da sola. Tirou os lenços sujos e usou um para amarrar no pé. Nada mais parecia ruim o suficiente para precisar de uma bandagem, exceto o corte raso em seu escalpo; ainda sangrava e estava úmido e grudento ao toque.

Suas mãos tremiam; era difícil amarrar o lenço ao redor da cabeça. Ainda assim, o leve movimento fez com que se sentisse

melhor. Pronto. Ele havia escalado várias montanhas na Escócia, aqueles picos rugosos sem fim, e mais de uma vez ajudara a encontrar viajantes perdidos entre as rochas e a mata.

Quando perdido na mata, a ação normal era permanecer parado, esperando alguém encontrá-lo. Isso parecia não valer, pensou, se as únicas pessoas à sua procura fossem aquelas das quais você fugia.

Olhou para cima, em meio à confusão de galhos. Viu os pequenos pedaços de céu, mas os rododendros se estendiam por quase 4 metros acima de sua cabeça. Não havia como ficar de pé. Ele mal conseguia se sentar embaixo dos galhos retorcidos.

Não havia como saber o tamanho daquela confusão; na viagem deles pelas montanhas, ele vira montes inteiros cobertos de mata, vales cheios do verde-escuro dos rododendros, apenas algumas árvores ambiciosas aparecendo acima do mar de folhas. Mas eles também tinham dado a volta por montes menores da vegetação, com menos de 30 metros quadrados. Ele sabia que estava bem perto da beira da coisa, mas saber isso era inútil, pois não tinha ideia de em qual direção estava a borda.

Percebeu que sentia muito frio, as mãos ainda tremiam. *Choque*, pensou. O que fazer em caso de choque? Líquidos quentes, cobertores. Conhaque. Ah, sim, claro. Levantar as pernas. Isso ele podia fazer.

Cavou uma depressão rasa e meio estranha e se acomodou dentro dela, raspando as folhas meio apodrecidas do peito e dos ombros. Apoiou os calcanhares na forquilha de um galho e fechou os olhos, tremendo.

Eles não iriam atrás dele. Por que fariam isso? Seria muito melhor esperar, se não tivessem pressa. Ele teria que sair, por fim... se ainda conseguisse.

Qualquer movimento ali embaixo sacudiria as folhas acima e denunciaria sua presença a quem observasse. Então teve um pensamento frio: sem dúvida eles sabiam onde ele estava agora e simplesmente esperavam sua próxima ação. Os espaços no céu eram de um azul profundo, cor de safira; ainda era tarde. Esperaria até a noite para se movimentar.

Com as mãos unidas sobre o peito, tentou descansar, pensar em algo além de sua situação atual. Brianna. Pensaria nela. Sem ira ou revolta; não havia tempo para isso.

Fingiria que tudo ainda existia entre eles como tinha sido naquela noite, a noite deles. O corpo quente dela contra o dele no escuro. As mãos dela, tão francas e curiosas, dispostas em seu corpo. A generosidade de sua nudez, oferecida livremente. E a momentânea convicção errônea dele de que tudo estava certo com o mundo, para sempre. Aos poucos, o tremor diminuiu e ele dormiu.

Acordou algum tempo depois de a lua aparecer no céu; conseguia ver a claridade tomando o espaço, mas não a lua. Estava rígido e frio, e muito dolorido. Faminto, também, e desesperadamente sedento. Bem, se conseguisse sair dessa maldita vegetação, pelo menos poderia encontrar água; havia riachos em toda parte nessas montanhas. Sentindo-se esquisito como uma tartaruga de barriga para cima, virou-se lentamente.

As direções eram todas iguais. Apoiado nas mãos e nos joelhos, começou a se mover, passando pelas fissuras, quebrando galhos, fazendo o melhor que podia para seguir em linha reta. Um medo o assombrava mais do que pensar nos índios: conseguiria facilmente perder a noção de onde estava, movendo-se pelo labirinto. Poderia acabar andando em círculos sem fim, preso para sempre. As histórias dos cães de caça tinham perdido qualquer elemento de exagero.

Um animal rasteiro passou pela mão dele e ele se retraiu, batendo a cabeça nos galhos acima. Rangeu os dentes e continuou, alguns centímetros por vez. Grilos criquilavam ao redor dele, e os inúmeros movimentos lhe mostravam que os habitantes daquele local não gostavam de sua intrusão. Ele não conseguia ver nada; estava quase totalmente escuro ali embaixo. Mas havia uma coisa boa: o esforço constante o aquecia; o suor fazia arder o corte na cabeça e pingava do seu queixo.

Sempre que tinha que parar para respirar, prestava atenção para ouvir e se localizar – ou localizar quem o perseguia –, mas não ouviu nada além dos pios dos pássaros e o farfalhar de folhas ao redor. Secou o rosto suado com a manga da blusa e continuou.

Ele não sabia há quanto tempo já andava quando encontrou a rocha. Ou melhor, quando trombou com ela. Afastou-se, com a mão na cabeça e os dentes travados para não gritar.

Piscando por causa da dor, esticou a mão e descobriu o que o havia acertado. Não era um penedo; era uma rocha lisa. Alta também: a superfície dura se estendia até onde ele conseguia alcançar.

Deu a volta na rocha. Havia um caule grosso crescendo perto dela; seus ombros se prenderam no espaço estreito entre eles. Remexeu-se e lutou, e finalmente partiu para a frente, perdendo o equilíbrio e caindo de cara.

Rapidamente ele se apoiou nas mãos de novo – e percebeu que conseguia *enxergar* suas mãos. Olhou para cima e ao redor, totalmente surpreso.

A cabeça e os ombros estavam em um espaço livre. Não apenas livre, mas *vazio*. Contente, seguiu em frente, saindo do sufoco claustrofóbico dos rododendros.

Ele estava de pé em um espaço aberto, de frente para uma parede que se estendia no lado distante de uma clareira pequena. Era uma clareira, mesmo: nada crescia na terra macia sob seus pés. Surpreso, virou-se lentamente, enchendo os pulmões de ar frio.

– Meu Deus do céu – disse em voz alta. A clareira tinha um formato meio oval, circundada por pedras erguidas, com uma ponta fechada pela face do penhasco. As pedras eram espaçadas na mesma distância uma da outra ao redor do círculo, algumas delas caídas, duas mais deslocadas da posição pela pressão das raízes e dos caules sob elas. Ele viu a massa preta densa dos rododendros aparecendo entre e acima das pedras, mas nenhuma planta crescia dentro do perímetro do círculo.

Sentindo o corpo todo arrepiado, caminhou tranquilamente em direção ao centro do círculo. Não podia ser... mas era. E por que não, afinal? Se Geillis Duncan estivesse certa... ele se virou e viu, sob a luz da lua, os arranhões na face da rocha.

Aproximou-se para ver de perto. Havia vários petróglifos, alguns do tamanho de sua mão, outros quase de sua altura: formas espiraladas, e o que podia ser um homem curvado, dançando... ou

morrendo. Um círculo quase fechado, que parecia uma cobra perseguindo o rabo. Sinais de alerta.

Estremeceu de novo e levou a mão à barra da calça. Ainda estavam ali: as duas pedras preciosas pelas quais ele havia arriscado a própria vida para pegar, pequenos passaportes para a segurança – como esperava – dele e de Brianna.

Não conseguia ouvir nada; nenhum murmúrio, nenhum zunido. O ar do outono era frio, um vento leve balançava as folhas dos rododendros. Droga, qual era a data? Ele não sabia, perdera a noção muito tempo antes. Achava que era o início de setembro quando deixou Brianna em Wilmington. Havia demorado muito mais do que pensara para encontrar Bonnet e ter uma oportunidade de roubar as pedras. Devia ser quase o fim de outubro agora – o festival de Samhain, a Noite de Todos os Santos, estava prestes a acontecer, ou havia acabado de acontecer.

Mas aquele círculo seguiria as mesmas datas? Ele acreditava que sim; se as linhas de força da Terra mudassem com sua volta ao redor do Sol, então todas as passagens deveriam permanecer abertas ou fechadas com a mudança.

Aproximou-se do penhasco e viu: uma abertura perto da base, uma rachadura na rocha, talvez uma caverna. Sentiu um arrepio que nada tinha a ver com o vento da noite fria. Seus dedos envolveram com força a superfície arredondada das pedras preciosas. Ouviu algo; estava aberta? Se estivesse...

Escapar. Seria o fim. Mas escapar para onde? E como? As palavras do feitiço de Geillie ecoaram em sua mente. *Granadas se reúnem em amor em meu pescoço. Serei fiel.*

Fiel. Tentar aquela rota de fuga seria abandonar Brianna. *E ela não abandonou você?*

– Não, de jeito nenhum! – sussurrou para si mesmo. Havia um motivo para o que ela havia feito, ele sabia.

Ela encontrou os pais; estará segura. “E, por esse motivo, uma mulher deve deixar os pais e seguir o marido.” A segurança não era o que importava; o amor, sim. Se ele se importasse com a segurança, não teria atravessado aquele espaço desesperado, para início de conversa.

Suas mãos suavam; ele sentia a umidade do tecido sob os dedos, e as pontas machucadas deles ardiam e latejavam. Deu mais um passo em direção à abertura da face da rocha, os olhos fixos na escuridão ali dentro. Se não entrasse... só havia duas coisas a fazer. Voltar para a clausura sufocante dos rododendros ou tentar escalar a rocha à sua frente.

Jogou a cabeça para trás para observar a altura. Um rosto olhava para ele, sem traços devido à escuridão, contra o céu iluminado pela lua. Ele não teve tempo para se mexer nem para pensar, pois o laço da corda escorregou por sua cabeça e apertou, prendendo seus braços junto ao corpo.

DESERÇÃO

River Run, dezembro de 1769

Havia chovido, e logo choveria de novo. Gotas de água tremiam penduradas embaixo das pétalas de rosas jacobitas de mármore sobre o túmulo de Hector Cameron, e o muro estava escuro por estar molhado.

Semper Fidelis, estava escrito embaixo do seu nome e das datas. *Semper Fi*. Ela havia namorado um cadete da marinha, certa vez; ele havia escrito isso na aliança que tentara dar a ela. Sempre fiel. E a quem Hector Cameron tinha sido fiel? A sua esposa? A seu príncipe?

Ela não falava com Jamie Fraser desde aquela noite. Nem ele com ela. Não desde o momento final, quando, em uma fúria de medo e indignação, ela havia gritado a ele: “Meu pai nunca teria dito isso!”

Ela ainda conseguia se lembrar do rosto dele quando disse suas últimas palavras a ele; gostaria de poder esquecer. Ele havia se virado sem dizer nada e saído da cabana. Ian havia se levantado e ido atrás dele em silêncio; nenhum dos dois voltou naquela noite.

Sua mãe ficara dividida entre a ira e o choro. Mas, mesmo enquanto a mãe segurava a cabeça de Brianna em seu colo e passava panos frios em seu rosto, Bree sentiu uma parte dela desejando aquele homem, querendo segui-lo, querendo confortá-lo. E ela o culpou por isso também.

Sua cabeça latejava devido ao esforço de manter o rosto sério. Não ousava relaxar os músculos dos olhos e da mandíbula até ter certeza de que eles tinham partido; seria fácil demais acabar chorando.

Não chorara desde aquela noite. Assim que se recompôs, garantiu à mãe que estava bem, insistiu que Claire fosse dormir. Permaneceu sentada até o amanhecer, os olhos ardendo de raiva e por causa da fumaça da madeira, com o desenho de Roger à sua frente sobre a mesa.

Ele havia voltado ao amanhecer, chamara a mãe dela e não olhara para Brianna. Murmurara algo na porta e a mandara de volta para dentro, com os olhos fundos de preocupação, para que pegasse suas coisas.

Ele a havia levado ali, descido a montanha até River Run. Ela quisera ir com eles, quisera partir de uma vez para encontrar Roger sem demora. Mas ele foi teimoso, assim como sua mãe.

Era fim de dezembro, e a neve de dezembro cobria as faces das montanhas com camadas grossas. Ela já estava grávida de quase quatro meses; a barriga lisa estava bem arredondada agora. Não havia como saber quanto tempo a viagem duraria, e ela teve que admitir, a contragosto, que não queria dar à luz na montanha. Poderia ter passado por cima da opinião da mãe, mas não depois de ser barrada pela teimosia *dele*.

Encostou a testa no mármore frio do mausoléu; o dia estava frio, chovia, mas seu rosto estava quente e inchado, como se ela estivesse febril.

Não conseguia parar de ouvi-lo, vê-lo. Seu rosto, tomado pela ira, de contornos pronunciados como a máscara de um demônio. Sua voz grave, devido à fúria e ao desdém, reprovando-a – justamente a *ela*! – pela perda da maldita honra dele!

– A *sua* honra? – perguntara ela, sem acreditar. – A sua *honra*? A porra da sua ideia de honra foi o que causou todo o problema, para começo de conversa!

– Não vai falar comigo desse jeito! Ainda que estejamos falando sobre porra...

– Falo o que eu bem entender, porra! – gritou ela, e bateu o punho na mesa, fazendo os pratos tremerem.

E falou. E ele também. Sua mãe tentara impedi-los uma ou duas vezes – Brianna se retraiu ao lembrar da irritação nos olhos profundamente dourados de Claire –, mas nenhum dos dois prestou atenção a ela, focados demais na raiva da traição mútua.

Sua mãe dissera que ela tinha um temperamento escocês – de pavio curto, mas de longa duração. Agora ela sabia de onde isso vinha, mas saber não ajudava em nada.

Ela apoiou os braços cruzados sobre o túmulo e encostou o rosto nele, respirando o cheiro de carneiro da lã. Lembrou-se das blusas de lã tricotadas à mão que seu pai – seu pai *verdadeiro*, pensou, com uma nova onda de tristeza – gostava de usar.

– Por que você teve que morrer? – sussurrou olhando para a lã úmida. – Ah, por quê? – Se Frank Randall não tivesse morrido, nada disso teria acontecido. Ele e Claire ainda estariam lá, na casa em Boston, e sua família e sua vida estariam intactas.

Mas seu pai partira, substituído por um estranho violento; um homem que tinha o rosto dela, mas que não conseguia entender seu coração, um homem que havia arrancado sua família e seu lar e, não satisfeito com isso, arrancara-lhe também o amor e a segurança, deixando-a sozinha nessa terra estranha e selvagem.

Envolveu os ombros com o xale, tremendo sob o vento que passava pelos furos. Ela deveria ter trazido uma capa. Beijara os lábios pálidos da mãe para se despedir e partira, correndo pelo jardim morto, sem olhar para ele. Esperaria até ter certeza de que eles tinham partido, sem importar se congelasse.

Ouviu um passo no caminho de pedras à frente e ficou tensa, mas não se virou. Talvez fosse um servo, ou Jocasta se aproximando para convencê-la a entrar.

Mas era uma passada longa e um passo forte demais para ser de outra pessoa que não fosse um homem. Ela piscou com força e rilhou os dentes. Não se viraria, de jeito nenhum.

– Brianna – disse ele baixinho atrás dela. Ela não respondeu nem se mexeu.

Ele emitiu um som parecido com um ronco: raiva, impaciência?

– Tenho algo a lhe dizer.

– Então diga – redarguiu ela, e as palavras fizeram sua garganta doer, como se tivesse engolido um objeto áspero.

Começava a chover de novo; gotas novas molhavam o mármore à sua frente, e ela sentia as gotas geladas que se espalhavam pelos seus cabelos.

– Vou trazê-lo de volta para você – disse Jamie Fraser, ainda em tom baixo –, ou eu mesmo não voltarei.

Ela não conseguiu se virar. Ouviu um leve som, um clique no piso atrás dela, e então o som dos passos dele afastando-se. Diante de seus olhos marejados, as gotas nas rosas de mármore ganharam peso e começaram a cair.

Quando finalmente se virou, o caminho estava vazio. A seus pés, havia um papel dobrado, molhado pela chuva, preso com uma pedra. Ela o pegou e o manteve amassado na mão, com medo de abri-lo.

Fevereiro de 1770

Apesar da preocupação e da raiva, ela se viu tranquilamente absorvida pelo fluxo do dia a dia em River Run. Sua tia-avó, feliz com sua companhia, a incentivava a encontrar distração; ao descobrir que ela tinha talento para o desenho, Jocasta comprou equipamento de pintura, incentivando Brianna a usá-lo.

Em comparação com a cabana na cordilheira, a vida em River Run era tão luxuosa a ponto de ser quase decadente. Ainda assim, Brianna acordou de madrugada, por hábito. Espreguiçou-se sem ânimo, aproveitando o prazer de estar em uma cama de penas que envolvia todos os seus movimentos – um forte contraste com os cobertores pesados espalhados sobre uma camada fria de palha.

O fogo estava aceso e havia uma grande lata de cobre no lavatório, com os lados queimados brilhando. Água quente para se lavar; ela viu as pequenas ondas de calor tremulando acima do metal. O local ainda estava gelado e a luz do lado de fora estava azulada por causa do frio. A serva que chegara e partira em silêncio deveria ter acordado antes do amanhecer e derretido gelo para conseguir água.

Ela deveria se sentir culpada por ser servida por escravos, pensou sonolenta. Deveria se lembrar de sentir culpa, mais tarde. Havia muitas coisas em que ela não queria pensar agora; uma a mais não faria mal.

Por enquanto, estava aquecida. Longe, conseguia ouvir barulhinhos na casa: movimentos reconfortantes de um lar. O

próprio quarto estava envolvido pelo silêncio, com o crepitar ocasional do fogo.

Deitou-se de costas e, com a mente ainda enevoada devido ao sono, começou a voltar a se familiarizar com seu corpo. Era um ritual da manhã; algo que ela havia começado a fazer meio conscientemente na adolescência e achava necessário fazer de propósito agora – encontrar a paz e ficar em paz com as pequenas mudanças da noite, para que não olhasse de repente durante o dia e se sentisse uma estranha dentro do próprio corpo.

Um estranho dentro de seu corpo bastava, pensou. Empurrou as cobertas e passou a mão lentamente pelo ventre inchado. Um leve arrepio tomou seu corpo quando o habitante se esticou, virando-se lentamente como ela havia se virado na cama alguns minutos antes, envolvida e protegida.

– Olá – disse ela baixinho. O monte se esticou levemente em sua mão e então parou, e o ocupante voltou a seus sonhos misteriosos.

Lentamente, ela levantou a camisola – era de Jocasta, de flanela suave e quente –, sentindo o músculo comprido e liso em cima de cada coxa, a leve depressão da curva no topo. Voltou a subir e descer a mão, pele nua com pele nua, palmas nas pernas, barriga e seios. Lisos e suaves, redondos e duros; músculos e ossos... mas agora não mais só *seus* músculos e ossos.

Sua pele ficava diferente pela manhã, como a pele de uma cobra, recém-trocada, macia e reluzente. Mais tarde, quando se levantasse, quando a pele recebesse o ar, ficaria mais dura, um invólucro menos sensível, porém mais útil.

Recostou-se no travesseiro, observando a luz encher o quarto. A casa já estava desperta. Conseguia ouvir os vários sons baixos das pessoas trabalhando e se sentiu tranquilizada. Quando era pequena, acordava nas manhãs de verão e ouvia o barulho do cortador de grama de seu pai embaixo de sua janela, a voz dele cumprimentando um vizinho. Sentia-se segura, protegida por saber que ele estava lá.

Mais recentemente, acordava de madrugada e ouvia a voz de Jamie Fraser falando em gaélico com os cavalos do lado de fora e sentia aquela mesma sensação voltar depressa. Mas não mais.

Era verdade o que sua mãe dissera. Ela tinha sido retirada, mudada, alterada sem consentimento nem consciência, e só soube depois do fato. Afastou os cobertores e se levantou. Não podia ficar deitada na cama sofrendo pelo que havia perdido; não era mais tarefa de ninguém protegê-la. A tarefa de protetora era dela agora.

O bebê era uma presença constante – e, de modo estranho, um conforto constante. Pela primeira vez, ela sentia a bênção de estar grávida e uma sensação desconhecida de aceitação; o corpo soubera bem antes da mente. Então isso também era verdade – sua mãe dizia com frequência: “Ouça seu corpo.”

Encostou-se na janela, olhando para fora, para a neve que cobria o jardim. Um escravo, vestindo capa e cachecol, estava ajoelhado no caminho, escavando cenouras de um dos canteiros. Olmos altos cercavam o jardim murado; em algum ponto além daqueles galhos nus estavam as montanhas.

Permaneceu parada, ouvindo os ritmos do corpo. O invasor em seu corpo se remexeu um pouco, e as ondas de seus movimentos se misturaram com a pulsação do sangue dela – o sangue deles. Nas batidas de seu coração, ela pensou ter ouvido o eco daquele outro coração menor, e, no som, finalmente encontrou a coragem de pensar com clareza, com a certeza de que se o pior acontecesse – ela pressionou o corpo com força contra a janela e sentiu-a ranger sob sua força –, se o pior acontecesse, ainda assim ela não estaria totalmente sozinha.

CULPA

Jamie mal falou com as pessoas desde nossa partida da Cordilheira dos Frasers até nossa chegada ao vilarejo tucarora de Tennago. Eu viajei num estado de tristeza, dividida entre a culpa por deixar Brianna, o temor por Roger e a dor com o silêncio de Jamie. Ele era sucinto com Ian, e dissera apenas o estritamente necessário para Jocasta em Cross Creek. Comigo, não conversou.

Claramente ele me culpava por não ter contado de uma vez sobre Stephen Bonnet. Pensando bem, eu me culpava amargamente, por ver o que tinha acontecido. Ele havia guardado a aliança de ouro que eu jogara nele; eu não fazia ideia do que ele havia feito com ela.

O clima estava ruim, com as nuvens tão baixas e próximas das montanhas que nos espinhaços mais altos percorríamos dias a fio em meio à névoa densa e fria, com gotas de água condensando no pelo dos cavalos, de modo que uma chuva constante pingava de suas crinas e a umidade deixava suas ancas reluzentes. Dormíamos à noite em qualquer abrigo que encontrávamos, cada um de nós envolvido em uma concha úmida de cobertores, separados, ao redor de uma fogueira.

Alguns dos índios que nos conheciam em Anna Ooka nos receberam quando chegamos a Tennago. Vi muitos homens olharem os barris de uísque enquanto descarregávamos nossas mulas, mas ninguém tentou mexer neles. Havia duas mulas com cargas de uísque: uma dúzia de barris pequenos, toda a parte de Fraser na destilação do ano – a maioria da nossa renda do ano. O resgate de um rei, levando em conta o valor. Eu esperava que fosse o suficiente para resgatar um jovem escocês.

Era a melhor – e única – coisa que tínhamos para negociar, mas também era perigosa. Jamie mostrou um barril ao *sachem*, o chefe das negociações do vilarejo, e ele e Ian entraram em uma das construções de sapê para conversar. Ian havia entregado Roger a alguns de seus amigos entre os índios tuscarora, mas não sabia aonde eles o tinham levado. Eu esperava que tivesse sido Tennago. Se fosse o caso, poderíamos voltar a River Run dentro de um mês.

Mas era uma esperança fraca. No meio da briga com Brianna, Jamie havia admitido ter pedido a Ian para cuidar para que Roger não voltasse mais. Tennago ficava a cerca de dez dias de viagem da Cordilheira; perto demais para os propósitos de um pai irado.

Eu queria perguntar às mulheres que me receberam sobre Roger, mas ninguém na casa sabia francês ou inglês e eu só sabia poucas palavras no idioma tuscarora para demonstrar o mínimo de educação. Era melhor deixar Ian e Jamie lidarem com as negociações diplomáticas. Jamie, com seu talento para idiomas, era competente em tuscarora; Ian, que passava metade de seu tempo caçando com os índios, era totalmente fluente.

Uma das mulheres me ofereceu uma bandeja cheia de bolinhos fumegantes de grão assados com peixe. Inclinei-me para pegar um pouco com um pedaço achatado de madeira oferecido para essa finalidade e senti o amuleto pender para a frente embaixo de minha camisa, seu peso uma lembrança do pesar e um conforto para ele.

Eu havia trazido o amuleto de Nayawenne e uma opala entalhada que havia encontrado embaixo do cedro-vermelho. Havia trazido o amuleto pretendendo devolvê-lo, só não fazia ideia a quem. A opala poderia ajudar o uísque se maior poder de barganha se fizesse necessário. Pelo mesmo motivo, Jamie havia trazido todos os itens valiosos que possuía – não eram muitos –, à exceção do anel de rubi de seu pai, que Brianna havia trazido para ele da Escócia.

Nós tínhamos deixado o anel de rubi com Brianna, para o caso de não voltarmos – a possibilidade tinha que ser encarada. Não havia como saber se Geillis Duncan estava certa ou errada em suas teorias a respeito do uso das pedras preciosas, mas, pelo menos, Brianna teria uma.

Ela havia me abraçado com força e me beijado quando a deixamos em River Run. Eu não queria ir. Nem queria ficar. Estava dividida entre eles mais uma vez: entre a necessidade de ficar e cuidar de Brianna e a necessidade igualmente urgente de ir com Jamie.

– Você tem que ir – dissera Brianna com firmeza. – Vou ficar bem; você mesma disse que sou forte como um cavalo. Vai voltar muito tempo antes de eu precisar de você.

Ela olhou para as costas de seu pai; ele estava de pé no estábulo, supervisionando os cavalos e as mulas. Voltou-se para mim, sem expressão.

– Você precisa ir, mamãe. Confio em você para encontrar o Roger. – Houve uma ênfase desconfortável no *você*, e eu esperava que Jamie não a tivesse ouvido.

– Certamente você não acha que Jamie iria...

– Não sei – interrompera ela. – Não sei o que ele faria. – Seu rosto estava de um jeito que eu reconhecia muito bem. Argumentar era fútil, mas tentei mesmo assim.

– Bem, *eu* sei – disse com firmeza. – Ele faria qualquer coisa por você, Brianna. Qualquer coisa. E, ainda que não fosse você, ele faria qualquer coisa que pudesse para trazer Roger de volta. Seu senso de honra... – Seu rosto se trancou na hora e eu percebi meu erro.

– A honra dele – disse ela com seriedade. – É o que importa. Mas acho que está tudo bem, desde que Roger volte. – Ela se virou e abaixou a cabeça contra o vento.

– Brianna! – chamei, mas ela apenas encolheu os ombros, puxando o xale ao redor deles.

– Tia Claire? Estamos prontos agora. – Ian aparecera próximo dali, olhando de mim para Brianna, o rosto preocupado. Olhei para ele e para Brianna, hesitando, sem querer deixá-la daquele jeito.

– Bree? – chamei de novo.

Então ela se virou, enrolada na lã, e me abraçou, com o rosto gelado no meu.

– Volte! – sussurrou. – Ah, mamãe, volte *sã* e salva!

– Não posso deixar você, Bree, não posso! – Eu a abracei com força, sentindo os ossos fortes e a carne macia, a filha que eu havia

deixado, a filha que eu havia recuperado – e a mulher que agora afastava os meus braços e permanecia ereta, sozinha.

– Você tem que ir – sussurrou ela. A máscara de indiferença havia caído e o rosto dela estava molhado. Ela olhou por cima do meu ombro para a entrada arqueada do estábulo. – Traga-o de volta. Você é a única que pode trazê-lo de volta.

Ela me beijou depressa, virou-se e correu, e o som de seus passos ecoou no caminho de pedras.

Jamie saiu à entrada do estábulo e a viu, correndo como uma louca. Ele permaneceu parado, olhando para ela, o rosto inexpressivo.

– Não pode deixá-la assim – falei. Sequei meu rosto molhado com a ponta do xale. – Jamie, vá atrás dela. Por favor, vá e diga adeus, pelo menos.

Ele ficou parado por um momento, e eu pensei que ele fingiria não ter me ouvido. Mas então se virou e desceu o caminho lentamente. As primeiras gotas de chuva começavam a cair, espalhando-se nas pedras cobertas de terra, e o vento balançou sua capa enquanto ele caminhava.

– Tia? – A mão de Ian apareceu embaixo do meu braço, me chamando com delicadeza. Fui com ele e deixei que me ajudasse a montar com a mão debaixo do meu pé. Em poucos minutos, Jamie voltou. Ele montou sem olhar para mim e, fazendo um sinal a Ian, saiu do estábulo sem olhar para trás. *Eu* havia olhado para trás, mas não havia sinal de Brianna.

A noite já tinha caído havia muito e Jamie ainda estava na casa de sapê com Nacognaweto e o *sachem* do vilarejo. Eu olhava para a frente sempre que alguém entrava na casa, mas nunca era ele. Até que, passado um tempo, a aba de pele da porta foi erguida e Ian apareceu com uma pessoa pequena e rechonchuda atrás dele.

– Tenho uma surpresa para você, tia – disse, e deu um passo para o lado para me mostrar o rosto redondo da escrava Pollyanne.

Ou melhor, a ex-escrava. Porque ali, claro, ela era livre. Ela se sentou ao meu lado, sorrindo, e abriu uma ponta do manto de pele

de veado que usava para me mostrar o menininho em seus braços, com o rosto tão redondo e sorridente quanto o dela.

Com Ian como intérprete e o pouco que ela falava de inglês e gaélico, e mais um pouco de língua de sinais de mulheres, logo estávamos conversando. Ela havia sido recebida, como Myers dissera, pelos tuscaroras e fora adotada pela tribo, onde suas habilidades de curandeira eram valorizadas. Ela havia aceitado como marido um homem que ficara viúvo no surto de sarampo e havia dado a ele esse novo membro da família alguns meses antes.

Fiquei feliz por saber que ela havia encontrado liberdade e felicidade, e a parabeneizei efusivamente. Também me senti confortada: se os tuscaroras a haviam tratado tão bem, talvez Roger não tivesse sido tão mal recebido quanto eu temia.

Um pensamento me ocorreu e puxei o amuleto de Nayawenne do pescoço sob minha camisa de pele de veado.

– Ian... pode perguntar se ela sabe a quem devo entregar isto?

Ele falou com ela em tuscarora e ela se inclinou para a frente, tocando o amuleto com curiosidade enquanto ele falava. Por fim, ela balançou a cabeça e se recostou, respondendo com voz grave.

– Ela diz que eles não o aceitarão, tia – traduziu Ian. – É o pacote de remédios de um xamã, e é perigoso. Deve ser enterrado com a pessoa a quem pertencia; ninguém aqui vai tocá-lo, com medo de atrair o fantasma do xamã.

Hesitei, segurando o saquinho de couro. A sensação estranha de segurar algo vivo não havia me ocorrido desde a morte de Nayawenne. Certamente não passava de imaginação o fato de parecer que ele se remexia na palma de minha mão.

– Pergunte a ela: e se o xamã não foi enterrado? Se o corpo não pôde ser encontrado?

O rosto redondo de Pollyanne estava sério enquanto ela ouvia. Balançou a cabeça quando Ian terminou e respondeu.

– Ela disse que, nesse caso, o fantasma caminha com você. Diz que você não deveria mostrá-lo a mais ninguém aqui, pois eles ficarão assustados.

– Ela não está com medo, está? – Pollyanne entendeu isso sozinha; balançou a cabeça negando e tocou seu seio enorme.

– Índia agora – disse ela apenas. – Não sempre. – Voltou-se para Ian e explicou por intermédio dele que seu povo reverenciava os espíritos dos mortos; na verdade, não era incomum que um homem mantivesse por perto a cabeça ou outra parte de seu avô ou outro ancestral, para proteção ou aconselhamento. Não, pensar em um fantasma caminhando comigo não a deixava incomodada.

Nem a mim. Na verdade, eu considerava a ideia de Nayawenne andando comigo bem reconfortante, naquelas circunstâncias. Coloquei o amuleto dentro da camisa de novo. Ele passou suave e quente contra minha pele, como o toque de um amigo.

Conversamos por um tempo, até muito depois de os outros na casa terem se recolhido a seus cubículos individuais, até o som dos roncos tomar o ar enevoadado. Fomos surpreendidos pela chegada de Jamie, que deixou entrar uma corrente de ar frio.

Foi no momento de se despedir que Pollyanne hesitou, tentando decidir se deveria me dizer algo. Olhou para Jamie, então deu de ombros e decidiu. Inclinou-se para Ian, murmurou algo de modo delicado e levou as duas mãos ao próprio rosto, as pontas dos dedos contra a pele. Então ela me abraçou depressa e saiu.

Ian a ficou olhando, surpreso.

– O que ela disse, Ian?

Ele se virou para mim, as sobrancelhas franzidas de preocupação.

– Ela disse que eu devo dizer ao tio Jamie que, na noite em que a mulher morreu na moenda, ela viu um homem.

– Que homem?

Ele balançou a cabeça, ainda franzindo o cenho.

– Ela não o conhecia. Mas era um homem branco, pesado e quadrado, não tão alto quanto o tio ou eu. Ela o viu sair da moenda e caminhar depressa até entrar na floresta. Ela estava sentada à porta de sua cabana, no escuro, então acha que ele não a viu... mas ele passou perto o suficiente do fogo para ela ver o seu rosto. Diz que tinha marcas no rosto de porco. – Nesse momento, ele levou as mãos ao rosto, como ela fizera.

– Murchison? – Meu coração se acelerou.

– O homem estava usando uniforme? – perguntou Jamie, franzindo a testa.

– Não. Mas ela ficou curiosa para saber o que ele estava fazendo ali. Não era um dos donos da terra, nem servo nem supervisor. Então ela foi à moenda para ver, mas, quando espiou, soube que algo ruim havia acontecido. Disse que sentiu o cheiro de sangue e ouviu vozes, e não entrou.

Então tinha sido assassinato, e Jamie e eu não o impedimos por uma questão de minutos. Estava quente dentro da construção de sapê, mas senti frio ao me lembrar do ar pesado com cheiro de sangue no moinho e do peso de um espeto de cozinha na mão.

Jamie pousou a mão em meu ombro. Sem pensar, estendi a mão e a peguei. Era muito bom sentir sua mão na minha, e percebi que havia quase um mês não nos tocávamos.

– A moça morta trabalhava na lavandeira do exército – disse ele baixinho. – Murchison tem esposa na Inglaterra; acredito que ele pensasse que ter uma amante grávida fosse um problema.

– Não era à toa que ele estava exagerando tanto na busca pelo responsável... e então colocou a culpa na pobre mulher, que não podia se defender. – O rosto de Ian estava vermelho de indignação. – Se ele a tivesse enforcado por isso, pensaria estar seguro, o desgraçado.

– Talvez eu converse com o sargento quando voltarmos – disse Jamie. – Em particular.

Pensar naquilo deixou meu sangue gelado. A voz dele estava suave e calma, assim como seu rosto quando me virei para olhar, mas foi como se eu visse a superfície de um lago escocês escuro refletida nos olhos dele, a água perturbada como se algo pesado tivesse caído nela.

– Você não acha que já tem vingança demais em andamento para se ocupar no momento?

Falei de maneira mais ríspida do que pretendia e ele tirou a mão da minha abruptamente.

– Acho que sim – disse ele, rosto e voz sem expressão. Virou-se para Ian.

– Wakefield, ou MacKenzie, independentemente de qual seja o nome do homem, está bem ao norte. Eles o venderam aos moicanos: um vilarejo pequeno rio abaixo. Seu amigo Onakara concordou em nos guiar; partiremos assim que clarear.

Levantou-se e caminhou em direção ao lado mais afastado da casa. Todo mundo já tinha se recolhido para dormir. Cinco fogueiras estavam acesas pela extensão da casa, cada uma delas com sua própria abertura no teto para a passagem da fumaça, e a parede mais afastada era dividida em cubículos, um para cada casal ou família, com uma estante baixa e ampla para dormir e um espaço embaixo para guardar coisas.

Jamie parou no cubículo que seria usado por nós, onde eu havia deixado nossas capas e cargas. Tirou as botas, o tartã que usava por cima da calça e da camisa e desapareceu na escuridão do espaço sem olhar para trás.

Levantei-me, pretendendo segui-lo, mas Ian me deteve com a mão no meu braço.

– Tia – disse ele com hesitação. – Não vai perdoá-lo?

– *Perdoá-lo?* – Fiquei olhando para ele. – Pelo quê? Pelo Roger?

Ele fez uma careta.

– Não. Foi um grande erro, mas faríamos a mesma coisa de novo, pensando o que pensávamos. Não... por Bonnet.

– Por Stephen Bonnet? Como ele pode achar que eu o culpo por isso? Eu nunca disse algo assim para ele! – E estava ocupada demais imaginando que ele me culpava para sequer pensar nisso.

Ian passou a mão pelos cabelos.

– Bem... não está vendo, tia? Ele se culpa por isso. Desde que o homem nos roubou no rio, e agora com o que ele fez com minha prima... – Deu de ombros, parecendo um tanto embaraçado. – Ele está se remoendo com isso, e sabe que você está com raiva dele.

– Mas não estou com raiva dele! Pensei que ele estivesse bravo comigo porque não falei o nome de Bonnet logo no início.

– Ai. – Ian fez uma cara como se não soubesse se deveria rir ou se preocupar. – Bem, me atrevo a dizer que teríamos evitado muita confusão se tivesse dito o nome, mas não, tenho certeza de que não é isso, tia. Afinal, quando a prima Brianna lhe contou, nós já tínhamos encontrado MacKenzie na encosta da montanha e feito a coisa toda.

Respirei fundo e soltei o ar de novo.

– Mas você acha que ele pensa que estou com raiva dele?

– Ah, qualquer pessoa poderia ver que você está, tia – disse ele com sinceridade. – Não olhou para ele nem falou com ele além do estritamente necessário e... – disse ele, pigarreando delicadamente. – Não vi você ir para a cama dele em nenhum momento desse último mês.

– Bem, ele também não foi para a minha! – falei com intensidade antes de decidir que aquela conversa não era adequada para se ter com um rapaz de 17 anos.

Ian deu de ombros e olhou para mim com atenção.

– Bem, ele tem o orgulho dele, certo?

– Deus sabe que sim – falei, passando a mão no rosto. – Eu... olhe, Ian, obrigada por me contar isso.

Ele abriu um de seus sorrisos raros e doces que transformavam o rosto triste.

– Bem, odeio vê-lo sofrer. Gosto muito do tio Jamie, sabe?

– Eu também – falei, e engoli o nó em minha garganta. – Boa noite, Ian.

Caminhei calmamente pela extensão da casa, passando pelos cubículos nos quais as famílias dormiam juntas, e o som da respiração calma deles era muito diferente das batidas ansiosas do meu coração. Chovia lá fora; a água escorria das aberturas no teto, apagando as brasas.

Por que eu não tinha percebido o que Ian percebera? Fácil de responder: não fora raiva, mas minha própria sensação de culpa que havia me cegado. Eu havia mantido em segredo o fato de saber do envolvimento de Bonnet tanto por causa da aliança de ouro de casamento quanto porque Brianna havia pedido; eu poderia tê-la convencido a contar a Jamie, se tivesse tentado.

Ela tinha razão: sem dúvida ele iria atrás de Stephen Bonnet mais cedo ou mais tarde. Eu tinha, de certo modo, mais confiança no sucesso de Jamie do que ela, no entanto. Não, a aliança me calara.

E por que eu me sentiria culpada por isso? Não havia resposta sensata; tinha sido instinto, não pensamento consciente, esconder a aliança. Não quis mostrá-la a Jamie, colocá-la de novo em meu

dedo na frente dele. E, ainda assim, eu quisera – precisara – ficar com ela.

Meu coração ficou pequeno pensando nas últimas semanas, em Jamie, em sua solidão e culpa pela necessidade de reparação. Era por isso que eu tinha vindo com ele, afinal: porque temia que, se ele fosse sozinho, poderia não voltar. Tomado pela culpa e pela coragem, ele poderia ir a extremos; comigo para considerar, eu sabia que ele seria cuidadoso. E, durante todo o tempo, ele se viu sozinho e amargamente repreendido pela única pessoa que poderia – e deveria – tê-lo consolado.

“Está se remoendo com isso”, mesmo.

Parei perto do cubículo. A cama tinha cerca de 2,40 metros de comprimento e ele estava deitado bem no fundo; consegui ver pouco dele além da forma encolhida embaixo de um cobertor feito de pele de coelho. Estava parado, mas eu sabia que não dormia.

Subi na plataforma e, nas sombras do cubículo, tirei minhas roupas. Estava razoavelmente quente dentro da casa, mas minha pele nua se arrepiou e meus mamilos endureceram. Meus olhos tinham se acostumado com a escuridão; vi que ele estava deitado de lado, olhando para mim. Vi o brilho em seus olhos no escuro, abertos e me observando.

Ajoelhei-me e escorreguei para baixo do cobertor, sentindo a pele dele contra a minha. Sem parar para pensar muito, virei-me para ele, pressionando o corpo nu contra o seu, o rosto em seu ombro.

– Jamie – sussurrei. – Estou com frio. Venha me aquecer, por favor.

Ele se virou para mim sem dizer nada, com uma ferocidade silenciosa que eu deveria ter pensado ser o forte desejo havia muito retraído – mas sabia ser simples desespero. Eu não queria prazer para mim. Queria apenas confortá-lo. Mas, ao me abrir para ele, uma fonte profunda se abriu também e eu me agarrei a ele numa necessidade repentina tão cega e desesperada quanto a dele.

Nós nos agarramos, tremendo, cabeças enterradas nos cabelos um do outro, incapazes de olhar nos olhos um do outro, incapazes de nos separarmos. Lentamente, conforme os espasmos diminuíram, eu me dei conta de coisas fora de nosso envolvimento e percebi que estávamos no meio de desconhecidos, nus e frágeis, protegidos apenas pela escuridão.

E, ainda assim, estávamos sozinhos, totalmente. Tínhamos a privacidade da Babel; uma conversa acontecia na ponta mais distante da casa de sapê, mas as palavras não tinham sentido. Era como se fossem o zunido das abelhas.

A fumaça da fogueira subia do lado de fora do santuário de nossa cama, fragrante e insubstancial como incenso. Estava escuro como um confessionário dentro do cubículo; de Jamie, eu só via o que a luz mostrava: a curva fraca de seu ombro, um brilho transiente nos cachos de seus cabelos.

– Jamie, sinto muito – falei baixinho. – Não foi sua culpa.

– E de quem mais é? – perguntou ele, com certa seriedade.

– De todo mundo. De ninguém. De Stephen Bonnet. Mas não sua.

– Bonnet? – Sua voz parecia surpresa. – O que ele tem a ver com isso?

– Bem... tudo – disse eu, abalada. – Ahn.... não tem?

Ele me encarou, afastando seus cabelos do rosto.

– Stephen Bonnet é uma criatura do mal – disse ele enfaticamente –, e devo matá-lo na primeira oportunidade que tiver. Mas não sei como posso culpá-lo pelas minhas falhas como homem.

– De que diabos você está falando? Que falhas?

Ele não respondeu na hora, mas abaixou a cabeça, uma sombra encolhida no escuro. Suas pernas ainda estavam enroladas nas minhas; senti a tensão do seu corpo, presa em suas articulações, rígida nas depressões de suas coxas.

– Nunca pensei que poderia sentir tanto ciúme de um homem morto – sussurrou por fim. – Não pensei que fosse possível.

– De um homem morto? – falei mais alto, abalada, quando finalmente percebi. – De *Frank*?

Ele permaneceu deitado perto de mim. Tocou os ossos de meu rosto, hesitante.

– Quem mais? Tenho remóido isso em todos esses dias de viagem. Imagino o rosto dele ao acordar e ao dormir. Você disse que ele se parecia com Jack Randall, não?

Abracei-o com força, pressionando sua cabeça para baixo de modo que seu ouvido ficasse perto da minha boca. Graças a Deus eu não havia falado sobre a aliança para ele – mas será que meu rosto, meu rosto traidor e transparente, havia dado sinais de que pensava nisso?

– Como? – sussurrei, apertando-o com força. – Como pôde pensar algo assim?

Ele se afastou, apoiando-se em um cotovelo, os cabelos caindo sobre meu rosto em uma massa de sombras iluminadas, pois a luz da fogueira brilhava dourada e vermelha neles.

– Como poderia não pensar? – perguntou. – Você ouviu o que ela disse, Claire. Você sabe bem o que ela disse para mim!

– Brianna?

– Ela disse que gostaria de me ver no inferno e que venderia a própria alma para ter o pai de volta, seu pai verdadeiro. – Ele engoliu em seco; ouvi o que ele disse, acima do murmúrio de vozes distantes. – Fico pensando que ele não teria cometido tal erro. Ele teria confiado nela, teria sabido que ela... fico pensando que Frank Randall era um homem melhor do que eu. Ela acha isso. – Sua mão vagou e então pousou em meu ombro, apertando. – Pensei que talvez... você sentisse a mesma coisa, Sassenach.

– Idiota – sussurrei, e não me referia a ele. Desci as mãos por suas costas, afundando os dedos na firmeza de suas nádegas. – Idiota. Venha aqui.

Ele abaixou a cabeça e produziu um som leve contra meu pescoço, que podia ter sido uma risada.

– Sim, eu sou. Mas você não se incomoda com isso.

– Não. – Seus cabelos tinham cheiro de fumaça e seiva de pinheiro. Ainda havia pedacinhos de agulhas nos fios; um deles pinicou meus lábios.

– Ela não quis dizer aquilo – falei.

– Quis, sim – disse ele, e eu senti que ele engoliu em seco. – Eu ouvi.

– Eu ouvi vocês dois. – Passei a mão lentamente entre as omoplatas, sentindo os vestígios das velhas cicatrizes e os vergões mais recentes feitos pelas garras do urso. – Ela é igual a você: diz coisas quando está nervosa que nunca diria quando calma. Você não quis dizer todas as coisas que disse a ela, quis?

– Não. – Senti a rigidez dele diminuindo, suas articulações mais soltas, relaxando relutantes à persuasão dos meus dedos. – Não, não quis dizer. Não tudo.

– Nem ela.

Esperei um momento, acariciando-o como acariciava Brianna quando ela era pequena e sentia medo.

– Pode acreditar em mim – sussurrei. – Amo vocês dois.

Ele suspirou profundamente e ficou em silêncio por um momento.

– Se eu conseguir encontrar o homem e levá-lo de volta para ela. Se eu conseguir... você acha que ela vai me perdoar um dia?

– Sim – disse. – Eu sei que sim.

Do outro lado do espaço, ouvi os sons baixos de pessoas começando a fazer amor: os movimentos e os suspiros, as palavras sussurradas que não têm idioma.

– *Você tem que ir* – Brianna me dissera. – *Você é a única que pode trazê-lo de volta.*

Pela primeira vez, me ocorreu que talvez ela não estivesse falando de Roger.

Foi um percurso comprido pelas montanhas, que se tornou ainda maior devido ao inverno. Havia dias em que era impossível viajar: ficávamos agachados o dia todo embaixo de proteções rochosas ou ao abrigo das árvores, encolhidos contra o vento.

Quando ultrapassamos as montanhas, a viagem se tornou um pouco mais fácil, apesar de as temperaturas ficarem mais frias conforme seguíamos para o norte. Em algumas noites, comíamos comida fria, pois não conseguíamos acender uma fogueira na neve

e no frio. Mas toda noite eu me deitava com Jamie e nos uníamos embaixo de uma capa de peles e cobertores, dividindo nosso calor.

Contava os dias com cuidado e os marcava em uma gavinha retorcida. Havíamos saído de River Run no começo de janeiro; era meado de fevereiro quando Onakara nos mostrou a fumaça subindo a distância, indicando o vilarejo moicano aonde ele e seus companheiros tinham levado Roger Wakefield. Ele o havia chamado de “cidade da serpente”.

Seis semanas e Brianna já completava quase seis meses de gestação. Se conseguíssemos levar Roger de volta depressa – e se ele pudesse viajar, pensei –, deveríamos chegar bem antes do nascimento. Mas se Roger não estivesse lá – se os moicanos o tivessem vendido... ou se estivesse morto, como disse uma voz fria em minha mente, voltaríamos sem demora.

Onakara se recusou a nos acompanhar ao vilarejo, o que não ajudou em nada a aumentar minha confiança em nosso sucesso. Jamie agradeceu e se despediu, com um dos cavalos, uma boa faca e um cantil de uísque em pagamento por seus serviços.

Enterramos o restante do uísque, escondendo-o cuidadosamente a alguma distância do vilarejo.

– Eles entenderão o que queremos? – perguntei quando voltamos aos cavalos. – O idioma dos tuscarras é parecido com o dos moicanos o suficiente para falarmos com eles?

– Não é bem a mesma coisa, tia, mas quase – disse Ian.

Estava nevando levemente, e os flocos se prendiam a seus cílios e derretiam.

– Como as diferenças entre o italiano e o espanhol, talvez. Mas Onakara diz que o *sachem* e alguns outros falam um pouco de inglês, apesar de a maioria decidir não fazê-lo. Mas os moicanos lutaram com os ingleses contra os franceses; alguns sabem falar.

– Bem. – Jamie sorriu para nós e dispôs seu mosquete em cima da sela à frente dele. – Vamos tentar a sorte.

CATIVEIRO I

Fevereiro de 1770

Ele já estava no vilarejo moicano havia quase três meses, pelo que viu no barbante com nós. A princípio, não soubera quem eram; só que eram um tipo de índio diferente de seus captores – a quem seus captores temiam.

Permanecera paralisado pela exaustão enquanto os homens que o haviam trazido conversavam e apontavam. Os novos índios eram diferentes: estavam vestidos para o frio, com peles e couro, e muitos dos rostos dos homens eram tatuados.

Um deles o cutucou com a ponta da faca e fez com que se despisse. Foi forçado a ficar nu no meio de uma casa comprida de madeira enquanto vários homens – e mulheres – o cutucavam e riam dele. Seu pé direito estava muito inchado: o corte profundo havia infeccionado. Ainda conseguia andar, mas cada passo causava pontadas de dor em sua perna, e ele ardia de febre.

Eles o afastaram, empurrando-o para a porta da casa. Havia muito barulho do lado de fora. Ele reconheceu o corredor: a fileira dupla de selvagens aos gritos, todos armados com lanças e porretes. Alguém atrás dele o cutucou nas nádegas com a ponta de uma faca e ele sentiu uma gota quente de sangue descer por sua perna.

– *Cours!* – disseram. – Corra.

O chão estava coberto de gelo pisado. Sentiu seus pés queimarem e, logo em seguida, um empurrão pelas costas fez com que caísse.

Ficou de pé a maior parte do caminho, cambaleando de um lado para outro, enquanto os porretes o acertavam dos dois lados e

as varas, nas pernas e costas. Não havia como evitar os golpes. Só podia continuar o mais rápido possível.

Perto do fim, um porrete o acertou com força na barriga; ele se dobrou para a frente e outro o golpeou atrás da orelha. Rolou sem proteção na neve, quase sem sentir o frio na pele ferida.

Levou um golpe nas pernas e então outro logo abaixo dos testículos. Ergueu a perna em reflexo, rolou de novo e acabou de quatro, ainda avançando como podia, o sangue do nariz e da boca se misturando à lama congelada.

Chegou ao fim e, com os últimos golpes ainda ardendo em suas costas, segurou os postes de uma casa de sapê e se ergueu lentamente. Virou-se para olhar para eles, apoiando-se nos postes para não cair. Eles gostaram disso: estavam rindo, com gritos estridentes que faziam que mais parecessem uma matilha de cães. Abaixou-se e se levantou, a cabeça solta. Eles riram ainda mais. Ele sempre tinha conseguido entreter plateias.

Então eles o levaram para dentro, deram água para que ele pudesse se lavar e um pouco de comida. Devolveram a camisa e a calça imundas, mas não seu casaco nem os sapatos. Estava quente dentro da casa; havia várias fogueiras acesas a intervalos ao longo da estrutura comprida, cada uma com sua abertura para a passagem da fumaça no teto. Ele se arrastou para um canto e adormeceu, com a mão na dobra da calça.

Depois da recepção, os moicanos o trataram com indiferença, mas não grande crueldade. Ele era o escravo da casa, a serviço de todos que ali viviam. Quando não entendia uma ordem, eles demonstravam para ele, mas apenas uma vez. Se ele se recusasse ou fingisse não entender, apanhava e não mais se recusava. Apesar disso, comia com eles e recebeu um lugar decente para dormir, no fundo da casa.

Como era inverno, o trabalho principal era cortar lenha e buscar água, mas de vez em quando um grupo de caçadores o levava para ajudar a cortar e carregar a carne. Os índios não fizeram esforço para se comunicar com ele, mas, ouvindo com atenção, passou a entender um pouco do idioma.

Começou, com muito cuidado, a tentar falar algumas palavras. Escolheu uma menininha para começar, sentindo que ela

representava menos perigo. Ela ficou olhando para ele e então riu, divertindo-se como se tivesse ouvido um corvo falar. Ela chamou uma amiga para ouvir, e depois outra, e as três se agacharam à frente dele, rindo baixinho com a mão em frente à boca e olhando-o de soslaio. Roger disse todas as palavras que conhecia, apontando objetos – fogo, panela, cobertor, milho –, e então apontou o peixe seco amarrado por um barbante acima de sua cabeça e ergueu as sobrelanceiras.

– *Yona'kensyonk* – disse sua nova amiga, e riu quando ele repetiu. Nos dias e semanas seguintes, as meninas lhe ensinaram muitas coisas; com elas, ele finalmente soube onde estava. Não onde, exatamente, mas nas mãos de quem.

Eles eram *Kahnnyen'kehaka*, elas disseram a ele com orgulho, com olhar de surpresa por ele não saber disso. Moicanos. Guardiões do Portão Leste da Liga Iroquesa. Ele, por outro lado, era *Kakonhoaerhas*. Demorou bastante para determinar o sentido exato desse termo; ele acabou descobrindo quando uma das meninas trouxe um vira-lata para ilustrar, que o termo significava “cara de cachorro”.

– Obrigado – disse ele, alisando a barba comprida. Então mostrou os dentes e rosnou, e elas gargalharam.

A mãe de uma das meninas se interessou; ao ver que o pé dele ainda estava inchado, ela trouxe pomada e passou nele, envolvendo-o com uma bandagem feita de líquen e palha de milho. As mulheres começaram a falar com ele quando ele levava lenha ou água para elas.

Ele não tentou fugir; não ainda. O inverno isolava o vilarejo com a neve frequente e o vento forte. Não chegaria longe sem armas, mancando e sem proteção para o inverno. Esperaria. E, à noite, sonhava com mundos perdidos, acordando com frequência durante a madrugada com o cheiro de grama fresca, sentindo o resultado do seu desejo espalhado e quente sobre sua barriga.

A margem do rio ainda estava congelada quando o jesuíta chegou.

Roger cuidava do vilarejo; estava do lado de fora quando os cães começaram a latir e os sentinelas gritaram anunciando a

chegada de visitantes. As pessoas começaram a se reunir e a se aproximar deles, curiosas.

Os visitantes eram um grupo grande de moicanos, homens e mulheres, todos de pé, carregando as cargas comuns de viagens. Eram esquisitos; visitantes que já tinham ido ao vilarejo antes chegavam em pequenos grupos de caçadores. O mais estranho era que os visitantes traziam consigo um homem branco – o sol fraco do inverno reluzia nos cabelos claros do homem.

Roger se aproximou, disposto a ver, mas foi afastado por alguns dos moradores. No entanto, não sem antes ver que o homem era um padre: os restos puídos de uma batina comprida e preta apareciam por baixo de uma capa de pele de urso, sobre calças de couro e mocassins.

O padre não agia como um prisioneiro, tampouco estava amarrado. E, ainda assim, Roger tinha a impressão de que ele viajava obrigado; seu rosto antes jovem tinha marcas profundas. O padre e muitos de seus companheiros entraram na casa onde o *sachem* fazia reuniões; Roger nunca estivera lá dentro, mas já ouvira as mulheres conversando.

Uma das mulheres mais velhas da casa de sapê o viu na multidão e mandou que ele buscasse mais lenha. Ele foi e não viu o padre de novo, apesar de ver os rostos dos visitantes pelo vilarejo, espalhados entre as casas de sapê para compartilhar a hospitalidade de suas fogueiras.

Alguma coisa estava acontecendo no vilarejo; ele sentia as correntes de algo estranho tomarem conta dele, mas não sabia determinar o que acontecia. Os homens se sentavam perto das fogueiras à noite, conversando, e as mulheres murmuravam entre elas enquanto trabalhavam, mas a discussão estava muito além da compreensão de Roger. Perguntou a uma das meninhas a respeito dos novos visitantes; ela só pôde contar que eles vinham de um vilarejo no norte – mas não sabia por que eles tinham vindo, apenas que tinha a ver com o Batina Preta, o *Kahontsi'yatawi*.

Mais de uma semana depois, Roger partiu com o grupo de caçadores. O tempo estava frio, mas claro, e eles viajaram bastante, até encontrar e matar um alce. Roger ficou surpreso, não apenas com o tamanho do animal, mas com sua estupidez. Ele

compreendia a atitude dos caçadores: não havia honra em matar algo assim; era só carne.

Era *muita* carne. Ele estava carregado como um burro de carga e o peso extra prejudicava seu pé machucado; quando voltaram ao vilarejo, mancava tanto que não conseguia manter o ritmo do grupo, ficando bem para trás, desesperadamente tentando mantê-los à vista para não se perder na floresta.

Para sua surpresa, muitos homens esperavam quando ele finalmente apareceu mancando nas paliçadas do vilarejo. Eles o pegaram, tiraram o peso da carne e o levaram para dentro do vilarejo. Não o levaram para a casa onde ele ficava, mas para uma pequena tapera no canto mais afastado da clareira central.

Ele não sabia a língua dos moicanos o suficiente para fazer perguntas e acreditava que, mesmo que soubesse, eles não responderiam. Enfiaram-no dentro da tapera e o deixaram.

Havia uma pequena fogueira acesa, mas o lado de dentro estava tão escuro em comparação com a luz do dia do lado de fora que ele ficou cego por alguns momentos.

– Quem é você? – perguntou uma voz assustada em francês.

Roger piscou muitas vezes e viu uma figura esguia se levantar do assento ao lado da fogueira. O padre.

– Roger MacKenzie – disse ele. – *Et vous?* – Sentiu uma onda repentina e inesperada de felicidade por simplesmente dizer seu nome. Os índios não queriam saber qual era seu nome; eles o chamavam de cara de cachorro quando precisavam dele.

– Alexandre. – O padre deu um passo à frente, parecendo satisfeito e incrédulo ao mesmo tempo. – Père Alexandre Ferigault. *Vous êtes anglais?*

– Escocês – disse Roger, e se sentou de repente, pois sua perna não aguentou.

– Um escocês? Como chegou aqui? É um soldado?

– Um prisioneiro.

O padre se agachou ao lado dele, observando-o com curiosidade. Ele era bem jovem – quase 30 ou 30 e poucos anos –, mas sua pele clara estava prejudicada devido ao frio.

– Quer comer comigo? – Ele fez um gesto para uma pequena coleção de panelas de barro e cestos dentro dos quais havia comida

e água.

Falar a própria língua parecia ser um alívio para o padre, assim como falar livremente era para Roger. Quando terminaram a refeição, já tinham feito um resumo do passado de ambos – ainda que não tivessem explicado a situação atual.

– Por que eles me colocaram aqui com o senhor? – perguntou Roger, limpando a gordura da boca. Não acreditava que fosse para fazer companhia ao padre. Consideração não era uma característica forte dos moicanos, até onde ele havia notado.

– Não sei. Na verdade, fiquei surpreso ao ver outro homem branco.

Roger olhou para a porta da casa. Ela tinha se mexido; havia alguém do lado de fora.

– O senhor é prisioneiro? – perguntou Roger com certa surpresa. O padre hesitou e então deu de ombros, com um sorriso breve.

– Também não sei. Para os moicanos, uma pessoa é *Kahnyen'kehaka* ou é... outra. E, se for outra, o limite entre convidado e prisioneiro pode se alterar num momento. Digo isso porque vivi entre eles por muitos anos – mas não fui adotado pela tribo. Ainda sou “outros”. – Ele tossiu e mudou de assunto: – Como você se tornou prisioneiro?

Roger hesitou, sem saber como responder.

– Fui traído – disse ele por fim. – Vendido.

O padre assentiu de modo solidário.

– Tem alguém que possa resgatá-lo? Eles cuidarão de mantê-lo vivo se tiverem um tipo de resgate.

Roger balançou a cabeça, sentindo-se vazio por dentro.

– Não tem ninguém.

A conversa terminou quando a luz do buraco para a passagem da fumaça diminuiu com a chegada da noite, deixando-os no escuro. Havia uma fogueira, mas não havia lenha; o fogo havia se apagado. A tapera parecia ter sido abandonada: havia uma estrutura de postes para a cama, mas nada além, exceto algumas peles de veado e um monte pequeno de lixo doméstico num canto.

– O senhor está aqui... nesta cabana... há muito tempo? – perguntou Roger por fim, quebrando o silêncio. Mal conseguia ver o outro homem, mas o resto da luz da tarde ainda aparecia pelo buraco por onde saía a fumaça.

– Não. Eles me trouxeram para cá hoje, um pouco antes de você vir. – O padre tossiu, remexendo-se com inquietação no chão de terra.

Aquilo parecia sinistro, mas Roger acreditou ser mais adequado – e menos assustador – não comentar. Sem dúvida, estava claro tanto para o padre quanto para ele que o limite entre “convidado” e “prisioneiro” havia desaparecido. O que o homem havia feito?

– Você é cristão? – Alexandre rompeu o silêncio abruptamente.

– Sim. Meu pai era sacerdote.

– Ah. Posso pedir... se eles me levarem, pode rezar por mim?

Roger sentiu um arrepio repentino que nada tinha a ver com o ambiente frio.

– Sim – afirmou. – Claro que sim, se o senhor quiser.

O padre se levantou e começou a caminhar sem parar dentro da tapera, incapaz de permanecer imóvel.

– Pode ser que esteja tudo bem – disse ele, mas era a voz de um homem tentando se convencer. – Eles ainda estão decidindo.

– Decidindo o quê?

Ele percebeu que o padre deu de ombros.

– Se devo viver.

Não parecia haver boa resposta para aquilo e eles voltaram a se calar. Roger se sentou encolhido à frente da fogueira, descansando o pé machucado, enquanto o padre andava de um lado para outro, até finalmente se sentar a seu lado. Sem comentar, os dois se uniram, reunindo o calor; a noite seria fria.

Roger estava cochilando com uma das peles de veado sobre seu corpo quando ouviu um barulho repentino na porta. Sentou-se piscando diante da fogueira.

Havia quatro guerreiros moicanos na tapera; um deles largou uma carga de lenha na fogueira e enfiou o atizador que segurava dentro dela. Ignorando Roger, os outros levantaram Père Ferigault e o despiram.

Roger se mexeu por instinto, tentou se levantar, mas foi derrubado. O padre lançou-lhe um olhar rápido, de olhos abertos, implorando que ele não interferisse.

Um dos guerreiros mantinha um ferro quente perto do rosto de Père Ferigault. Ele disse algo que pareceu uma pergunta e então, sem resposta, desceu o ferro, passando-o tão perto do corpo do padre que a pele alva ficou vermelha.

O suor brilhava na face de Alexandre quando o ferro passou perto de sua genitália, mas seu rosto permaneceu cuidadosamente inexpressivo. O guerreiro que segurava o ferro cutucou o padre de repente e ele não conseguiu deixar de se encolher. Os índios riram e fizeram de novo. Dessa vez, ele estava preparado. Roger sentiu o cheiro de pelos queimados, mas o padre não se mexeu.

Cansados dessa brincadeira, dois dos guerreiros pegaram o padre pelos braços e o arrastaram para fora da cabana.

Se eles me levarem... pode rezar por mim? Roger se sentou lentamente, os pelos do corpo arrepiados de medo. Ouviu as vozes dos índios, conversando, afastando-se; não ouviu o padre.

As roupas descartadas de Alexandre estavam espalhadas pela cabana. Roger as pegou, batendo a poeira delas antes de dobrá-las. Suas mãos tremiam.

Tentou rezar, mas teve dificuldade para se concentrar. Em meio às palavras de sua oração, ouvia uma voz leve e fria dizendo: *E, quando eles vierem me levar, quem vai rezar por mim?*

Eles haviam deixado uma fogueira para ele; tentou acreditar que, por isso, não pretendiam matá-lo logo. Dar conforto a um prisioneiro condenado não era o que os moicanos faziam. Depois de um tempo, deitou-se de lado, coberto com as peles de veado, e observou as chamas até adormecer, exausto de terror.

Foi despertado de um sono intranquilo por passos arrastados e muitas vozes. Acordou, afastou-se da fogueira e se agachou, procurando um meio de defesa.

A aba da porta foi erguida e o corpo nu do padre caiu ali dentro. Os barulhos do lado de fora desapareceram.

Alexandre se remexeu e gemeu. Roger se aproximou depressa e ajoelhou ao lado dele. Sentiu o cheiro de sangue, um cheiro de cobre que reconheceu de quando tinha matado o alce.

– Está ferido? O que eles fizeram?

A resposta veio depressa. Ele virou o padre meio inconsciente e viu sangue escorrer do seu rosto e do pescoço num vermelho brilhante. Pegou a batina descartada para estancar o ferimento, afastou os cabelos louros suados e descobriu que a orelha direita do padre havia sido arrancada. Algo afiado havia extraído um pedaço de pele de cerca de 8 centímetros quadrados atrás da mandíbula, retirando a orelha e uma parte do couro cabeludo.

Roger controlou os músculos do estômago e pressionou o tecido com força contra a ferida. Manteve a pressão, arrastou o corpo mole até a fogueira e empilhou os restos de roupas e as peles de veado sobre Père Ferigault.

O homem gemia. Roger lavou seu rosto, fez com que bebesse um pouco de água.

– Está tudo bem – disse várias vezes, apesar de não saber se o outro conseguia ouvi-lo. – Está tudo bem, eles não mataram o senhor. – Não parava de pensar que talvez fosse melhor se o tivessem matado; pretendiam que aquilo fosse apenas um aviso ao padre ou era apenas o início de torturas maiores?

O fogo da fogueira já estava muito baixo; sob a luz avermelhada, o sangue que escorria estava preto.

O padre Alexandre se remexia constantemente em leves contrações, e a inquietação do corpo era causada e contida, ao mesmo tempo, pelas dores. Ele não conseguiu dormir e, consequentemente, nem Roger, quase tão ciente quanto o padre de cada minuto que passava.

Roger se amaldiçoou por não poder ajudar; daria qualquer coisa para diminuir a dor do homem, ainda que por um momento. Não era apenas solidariedade, e ele sabia disso; os sons baixos e sem fôlego do padre Alexandre mantinham na mente de Roger a lembrança da mutilação e o terror vivo em seu sangue. Se o padre pudesse dormir, os sons desapareceriam e talvez, na escuridão, o horror diminuísse um pouco.

Pela primeira vez, acreditou compreender o que incentivava Claire Randall, o que fazia com que ela entrasse em campos de batalha, cuidando de homens feridos. Diminuir a dor e a morte do outro era afastar o medo da própria morte – e, para diminuir o medo que sentia, ele faria quase qualquer coisa.

Por fim, sem conseguir aguentar as orações sussurradas e os gemidos contidos, deitou-se ao lado do padre e o abraçou.

– Calma – disse, os lábios próximos da cabeça de Père Alexandre. Esperava estar do lado com orelha. – Fique calmo. *Reposez-vous*.

O corpo esguio do padre tremeu contra o dele, os músculos tensos de frio e dor. Roger esfregou as costas do homem depressa, passou as palmas pelos membros frios e puxou as peles sobre eles.

– Vai ficar tudo bem – disse em inglês, ciente de que não importava o que dissesse, desde que dissesse alguma coisa. – Calma, está tudo bem. Sim, calma. – Falava tanto para distrair a si mesmo quanto para distrair o outro; sentir o corpo nu de Alexandre chocava um pouco, tanto por ser algo natural quanto também por não ser.

O padre se agarrou a ele, com a cabeça pressionada em seu ombro. Não disse nada, mas Roger sentia a umidade das lágrimas na sua pele. Obrigou-se a abraçar o padre com mais força, esfregando a mão em suas costas, sobre os ossos com pequenos nós da espinha, forçando-se a pensar apenas em parar com aquele tremor horrível.

– Você poderia ser um cachorro – disse Roger. – Um cachorro de rua maltratado qualquer. Eu faria isso se você fosse um cachorro, claro. Não, eu não faria, acho que chamaria a carrocinha.

Acariciou a cabeça de Alexandre, tomando cuidado com a parte molhada de sangue, arrepiando-se ao pensar na possibilidade de tocar aquela região sangrenta sem querer. Os cabelos da nuca do padre estavam molhados de suor, apesar de a pele do seu pescoço e dos ombros parecer gelo. A parte de baixo do corpo estava mais quente, mas não muito.

– Ninguém trataria um cachorro desta forma – murmurou. – Malditos selvagens. A polícia deveria pegá-los. Deveria colocá-los

nas malditas páginas do *Times*. Fazer uma denúncia ao ministério público.

Sentiu algo muito assustador para ser chamado de riso percorrer seu corpo. Segurou o padre com força e o aconchegou no escuro.

– *Reposez-vous, mon ami. C'est bien, là, c'est bien.*

CATIVEIRO II

River Run, março de 1770

Brianna passou o pincel úmido pela beira da paleta, tirando os excessos para formar uma boa ponta. Encostou a ponta na mistura verde-cobalto e acrescentou uma linha fina de sombra à beira do rio.

OuvIU passos vindos da casa no caminho atrás dela. Reconheceu o passo duplo arrítmico: era a Dupla Mortal. Ficou um pouco tensa, controlando-se para não pegar a tela molhada e colocá-la atrás do mausoléu de Hector Cameron. Não se importava com Jocasta, que frequentemente vinha se sentar com ela enquanto ela pintava de manhã, para discutir técnicas de pintura, como fazer pigmentos e coisas assim. Na verdade, ela gostava da companhia da tia-avó e adorava as histórias que a senhora contava de sua época de menina na Escócia, da avó de Brianna e dos outros MacKenzie de Leoch. Mas, quando Jocasta trazia consigo o Cão-Guia, a coisa era diferente.

– Bom dia, sobrinha! A manhã não está fria demais?

Jocasta se aproximou, a capa envolvendo seu corpo, e sorriu para Brianna. Se já não soubesse, não teria notado a cegueira da tia.

– Não, está bom aqui; os... túmulos bloqueiam o vento. Mas já acabei. – Ainda não tinha acabado, mas enfiou o pincel dentro do vidro de terebintina e começou a raspar a paleta. De jeito nenhum ela pintaria com Ulysses descrevendo todas as pinceladas.

– É mesmo? Bem, deixe suas coisas. Ulysses pode levá-las.

Abandonando a tela relutantemente, Brianna pegou seu bloco de pintura e o colocou embaixo do braço, dando o outro a Jocasta. Não deixaria o seu bloco com o Sr. Que Tudo Vê e Tudo Relata para que ele o espiasse.

– Temos companhia hoje – disse Jocasta, voltando-se para a casa de novo. – O juiz Alderdyce, de Cross Creek, e sua mãe. Imaginei que você gostaria de ter tempo de trocar de roupa antes do almoço. – Brianna mordeu a boca por dentro para se controlar e não expressar nada contra essa indireta. Mais visitas.

Naquelas circunstâncias, ela não podia se recusar a receber os convidados da tia, nem mesmo a trocar de roupa para recebê-los, mas podia desejar que Jocasta fosse bem menos sociável. O fluxo de visitas era constante: para o almoço, o chá, o jantar, o café da manhã, para comprar cavalos, vender vacas, negociar madeira, emprestar livros, trazer presentes, tocar música. Vinham de terras vizinhas, de Cross Creek, e de longe, como Edenton e New Bern.

A quantidade de pessoas que Jocasta conhecia era impressionante. Ainda assim, Brianna havia notado um aumento na tendência de os visitantes serem homens. Solteiros.

Phaedre confirmou as suspeitas de Brianna, expressadas enquanto a serva procurava um vestido limpo.

– Não há muitas mulheres solteiras na colônia – observou Phaedre quando Brianna mencionou a coincidência peculiar de a maioria dos visitantes recentes serem solteirões. Phaedre lançou um olhar para a barriga de Brianna, que crescia visivelmente embaixo da blusa larga de musselina. – Muito menos jovens. Sem falar de mulheres donas de River Run.

– *O quê?* – perguntou Brianna. Parou, com os cabelos meio presos, e olhou para a criada.

Phaedre levou uma mão aos lábios de modo gracioso, arregalando os olhos.

– Sua tia não contou? Pensei que você soubesse, caso contrário não teria dito nada.

– Bem, agora que começou, continue. O que quer dizer? – Phaedre, fofoqueira nata, não precisava de muita insistência.

– Seu pai e os outros tinham partido há menos de uma semana quando a Srta. Jo chamou o advogado Forbes e mudou seu testamento. Quando ela morrer, um pouco de dinheiro vai para seu pai, alguns pertences para o Sr. Farquard e outros amigos dela, mas todo o resto é seu. A terra, a madeira, a moenda...

– Mas eu não quero!

A sobancelha elegantemente erguida de Phaedre expressava profunda dúvida, mas logo foi abaixada e ela ignorou a reação.

– Bem, não é o que você quer, imagino. Mas a Srta. Jo costuma fazer o que *e/a* quer.

Brianna soltou a escova de cabelos.

– E o que *e/a* quer? – perguntou. – Você sabe isso também, por acaso?

– Não é um grande segredo. Ela quer que River Run dure mais do que ela, e que pertença a alguém de seu sangue. Faz sentido para mim; ela não tem filhos nem netos. Quem mais poderá cuidar das coisas dela?

– Bem... tem meu pai.

Phaedre estendeu o vestido sobre a cama e franziu o cenho olhando para ele e para a barriga de Brianna.

– Este vai servir só mais algumas semanas, pelo modo como essa barriga está crescendo. Ah, sim, tem seu pai. Ela tentou transformá-lo no herdeiro, mas, pelo que soube, ele não quis. – Contraíu os lábios, divertindo-se. – Aquele é um homem teimoso. Foi para as montanhas e viveu como um índio, só para não fazer o que a Srta. Jo queria que ele fizesse. Mas o Sr. Ulysses acha que seu pai tinha direito aos bens. Ele e a Srta. Jo brigariam dia e noite se ele tivesse ficado.

Brianna enrolou o outro lado dos cabelos, mas o grampo escorregou de novo e caiu.

– Deixe-me fazer isso, Srta. Bree. – Phaedre se posicionou atrás dela, tirou o grampo e começou a trançar o outro lado dos cabelos.

– E todos esses visitantes... esses homens...

– A Srta. Jo deve escolher um bom – disse Phaedre. – Você não pode cuidar do lugar sozinha, assim como a Srta. Jo também não pode. Aquele Sr. Duncan foi um presente de Deus; não sei o que ela faria sem ele.

A surpresa deu espaço à indignação.

– Ela está tentando encontrar um marido para mim? Está me expondo assim... como um troféu?

– Ahã. – Phaedre parecia não ver nada de errado nisso. Franziu o cenho, prendendo uma mecha na trança.

– Mas ela sabe sobre Roger... a respeito do Sr. Wakefield! Como pode...

Phaedre suspirou, não sem solidariedade.

– Acho que ela acredita que eles não encontrarão o homem, para ser sincera. A Srta. Jo sabe como são os índios; ouvimos o Sr. Myers contar sobre os iroqueses.

Estava frio no quarto, mas o suor surgiu na testa e nas bochechas de Brianna.

– Além disso – continuou Phaedre, amarrando um laço azul na trança –, a Srta. Jo não conhece esse Wakefield. Talvez ele acabasse não sendo um bom administrador. Ela deve achar melhor casar você com um homem que ela sabe que cuidará bem do lugar; juntamente com as posses dele, talvez você tenha uma ótima propriedade.

– *Não quero* uma ótima propriedade. Não quero *este* lugar! – A indignação estava dando lugar ao pânico.

Phaedre amarrou a ponta da fita com um leve floreio.

– Bem, como eu disse, não é tanto o que você quer. É o que a Srta. Jo quer. Agora vamos experimentar esse vestido.

Ao ouvir um som no corredor, Brianna logo virou a página do seu caderno para um desenho ainda em andamento, feito com carvão, de um rio e suas árvores. Mas os passos seguiram direto e ela relaxou, voltando a página.

Ela não estava desenhando; o desenho estava completo. Só queria olhá-lo. Ela o havia desenhado de perfil, a cabeça inclinada para ouvir enquanto ele afinava as cordas do seu violão. Era apenas um rascunho, mas captava a linha da cabeça e do corpo da maneira exata de que ela se lembrava. Apenas de olhar para o desenho, conseguia senti-lo ao seu lado.

Havia mais: uns bem ruins, outros que se aproximavam da realidade. Alguns eram bons desenhos por conta própria, mas que falhavam em apreender a essência do homem. Um ou dois, como esse, ela olhava para se confortar durante as tardes cinzentas, quando a luz começava a diminuir e o fogo queimava baixinho.

A luz diminuía sobre o rio agora, a água prateada passando para um brilho mais suave de estanho.

Havia outros: rascunhos de Jamie Fraser, de sua mãe, de Ian. Havia começado a desenhá-los por solidão e olhava para eles agora com medo, torcendo para que esses fragmentos de papel não fossem os únicos restos da família que conhecera tão brevemente.

Acho que ela acredita que eles não encontrarão o homem, para ser sincera... A Srta. Jo sabe como são os índios.

Suas mãos estavam úmidas; o carvão manchava o canto de uma página. Um passo leve soou do lado de fora e ela fechou o caderno de uma vez.

Ulysses entrou com um círio aceso na mão e começou a acender as velas do grande candelabro.

– Não precisa acender todas elas para mim. – Brianna falou tanto por não querer perturbar a silenciosa melancolia da sala quanto por humildade. – Não me incomodo com o escuro.

O mordomo sorriu delicadamente e continuou com seu trabalho. Tocou cada vela precisamente e as chamas pequenas subiram de uma vez, como um gênio que aparecia ao toque da varinha do mágico.

– A Srta. Jo descerá em breve – disse ele. – Ela consegue ver as luzes e o fogo, de modo a saber onde está na sala.

Ele terminou, soprou o círio e caminhou pelo cômodo com os passos leves de sempre, organizando a pequena desordem deixada pelos convidados vindos à tarde, então pôs lenha na fogueira e soprou para que as chamas crescessem.

Ela o observava: os movimentos curtos e precisos das mãos bem cuidadas, sua completa atenção ao posicionamento correto do jarro de uísque e dos copos. Quantas vezes ele já tinha organizado aquela sala? Quantas vezes havia devolvido cada móvel a seu lugar, cada item de decoração, de modo que a mão de sua patroa não derrubasse nada?

Uma vida inteira dedicada às necessidades de outra pessoa. Ulysses sabia ler e escrever em inglês e em francês, sabia lidar com números, sabia cantar e tocar a espineta. Toda essa habilidade e o aprendizado usados apenas para a diversão de uma senhora autocrática.

Que dizia “Venha” e ele vinha, que dizia “Vá” e ele ia. Sim, esse era o modo de ser de Jocasta.

E se Jocasta fazia as coisas a seu modo... *ela* seria a dona desse homem.

Esse pensamento foi irracional. Pior, tinha sido ridículo! Brianna se remexeu impaciente na cadeira, tentando afastá-lo. Ele percebeu o leve movimento e se virou para ver se ela precisava de alguma coisa.

– Ulysses – disse ela. – Você quer ser livre?

Assim que as palavras foram ditas, ela mordeu a língua, sentindo o rosto corar de arrependimento.

– Sinto muito – disse ela logo em seguida, e olhou para as mãos retorcidas no colo. – Foi uma pergunta terrivelmente grosseira. Por favor, perdoe-me.

O mordomo alto não disse nada, mas olhou para ela por um momento, confuso. Então tocou levemente a peruca para ajustá-la no lugar e se virou para continuar a tarefa, pegando os desenhos espalhados sobre a mesa e organizando-os em uma pilha.

– Eu nasci livre – disse ele finalmente, tão baixinho que ela não teve certeza de que o havia escutado. Sua cabeça estava abaixada, os olhos nos dedos negros e compridos que pegavam as peças de marfim do tabuleiro e as colocavam organizadamente em sua caixa.

– Meu pai tinha uma pequena chácara, não muito longe daqui. Mas ele morreu devido à picada de uma cobra quando eu tinha 6 anos, mais ou menos. Minha mãe não podia nos manter, não era forte o bastante para a lavoura, então ela vendeu a si mesma, deixando o dinheiro com um carpinteiro para que me aceitasse como aprendiz quando eu tivesse idade, para que eu aprendesse um ofício útil.

Ele colocou a caixa de marfim em sua posição na mesa de jogo e limpou as migalhas de bolo que tinham caído sobre o tabuleiro.

– Mas então ela morreu – continuou ele. – E o carpinteiro, em vez de me aceitar como aprendiz, disse que eu era o filho de uma escrava e que, pela lei, eu era um escravo. Assim, ele me vendeu.

– Mas isso não é certo!

Ele olhou para ela com paciência, divertindo-se, mas não disse nada. E o que o que era certo tinha a ver com aquilo?, seus olhos

escuros disseram.

– Eu tive sorte – disse ele. – Fui vendido, barato, porque era pequeno e fraco, a um professor, a quem muitos donos de terras no cabo Fear tinham contratado para lecionar a seus filhos. Ele ia de casa em casa, ficava em cada uma durante uma semana ou um mês, e eu ia com ele, atrás dele em cima do cavalo, cuidava do animal quando parávamos e realizava pequenas tarefas que ele solicitava. E, como as viagens eram compridas e tediosas, ele falava comigo enquanto viajávamos. Cantava... ele adorava cantar e tinha uma voz maravilhosa...

Para surpresa de Brianna, Ulysses pareceu levemente nostálgico, mas então ele balançou a cabeça e pegou um lenço do bolso, com o qual limpou o tabuleiro.

– Foi o professor quem me deu o nome Ulysses – disse ele, de costas para ela. – Ele sabia um pouco de grego e também de latim, e, para sua diversão, me ensinou a ler nas noites em que a escuridão nos envolvia e éramos forçados a acampar na estrada.

Os ombros esguios e eretos se ergueram levemente.

– Quando o professor morreu, eu era um jovem de 20 e poucos anos. Hector Cameron me comprou e descobriu meus talentos. Nem todos os senhores valorizavam tais características em um escravo, mas o Sr. Cameron não era um homem comum.

Ulysses sorriu levemente.

– Ele me ensinou a jogar xadrez e apostava em minhas vitórias jogando contra os amigos dele. Havia me ensinado a cantar e a tocar a espineta, para que eu pudesse entreter seus convidados. E, quando a Srta. Jocasta começou a perder a visão, ele me deu a ela, para que fosse seus olhos.

– Qual era seu nome? Seu nome real.

Ele parou, pensando, e então abriu um sorriso forçado.

– Não sei se lembro – disse educadamente e saiu da sala.

CONFISSÕES DA CARNE

Ele acordou um pouco antes do amanhecer. Ainda estava muito escuro, mas o ar havia mudado; as chamas tinham se apagado e a brisa da floresta passava por seu rosto.

Alexandre não estava mais ali. Roger estava sozinho sob a pele de veado, com muito frio.

– Alexandre? – sussurrou com a voz rouca. – Père Ferigault?

– Estou aqui. – A voz do jovem padre era tranquila, um tanto distante, apesar de ele estar a menos de um metro dele.

Roger se apoiou em um cotovelo, semicerrando os olhos. Quando o sono deixou seus olhos, passou a ver um pouco. Alexandre estava sentado de pernas cruzadas, as costas muito retas, o rosto voltado para o quadrado da saída de fumaça acima.

– Está bem? – Um dos lados do pescoço do padre estava manchado de sangue escuro, mas seu rosto – a parte que Roger conseguia ver – parecia sereno.

– Eles me matarão em breve. Talvez hoje.

Roger se sentou, puxando a pele de veado contra o peito. Se já estava com frio, o tom calmo do padre o congelou.

– Não – disse ele, e teve que tossir para limpar a garganta das cinzas. – Não farão isso.

Alexandre não se deu ao trabalho de contradizê-lo. Não se mexeu. Estava nu, alheio ao ar frio da manhã, olhando para cima. Por fim, abaixou o olhar e virou a cabeça para Roger.

– Pode ouvir minha confissão?

– Não sou um sacerdote. – Roger se colocou de joelhos e engatinhou pelo chão, segurando a pele de um modo desajeitado à sua frente. – O senhor vai congelar. Use isto.

– Não importa.

Roger não sabia se ele queria dizer que não importava o fato de estar frio ou se não importava Roger não ser padre. Pousou a mão no ombro nu de Alexandre. Independentemente de ter importância ou não, o homem estava frio como o gelo.

Roger se sentou ao lado de Alexandre o mais perto que pôde e envolveu o corpo dos dois com a pele. Roger sentiu sua pele se arrepiar no ponto onde a pele gelada do homem o tocava, mas não se incomodou; inclinou-se mais para perto, querendo urgentemente oferecer a Alexandre um pouco do seu calor.

– Seu pai – disse Alexandre. Ele havia virado a cabeça; sua respiração soprava o rosto de Roger e seus olhos eram buracos negros no rosto. – Você me disse que ele era padre.

– Sacerdote, sim, mas eu, não.

Ele percebeu o outro homem fazer um gesto para indicar que não havia problema.

– Em momentos de necessidade, qualquer homem pode fazer o papel de padre – disse Alexandre. Dedos frios tocaram a coxa de Roger brevemente. – Pode ouvir minha confissão?

– Se é... se é o que o senhor quer, sim. – Sentiu-se estranho, mas não faria mal, e se isso ajudasse o outro de alguma maneira... A cabana e o vilarejo ao redor estavam em silêncio. Não se ouvia nada além do vento contra os pinheiros.

Ele pigarreou. Alexandre pretendia começar ou ele próprio tinha que dizer algo antes?

Como se o som tivesse sido um sinal, o francês se virou para ele, abaixando a cabeça de tal modo que a luz iluminou os cabelos dourados do topo de sua cabeça.

– Abençoe-me, irmão, porque eu pequei – disse Alexandre em voz baixa. Em seguida, abaixou a cabeça, entrelaçou as mãos no colo e iniciou sua confissão.

Enviado de Detroit com um comboio de huronianos, ele havia seguido rio abaixo até o assentamento de Ste. Berthe de Ronville para substituir o padre idoso responsável pela missão, cuja saúde estava abalada.

– Eu era feliz lá – disse Alexandre, com uma voz meio saudosista que os homens usam para narrar fatos que aconteceram

há décadas. – Era um lugar selvagem, mas eu era muito jovem e fervoroso em minha fé. Gostava de dificuldades.

Jovem? O padre não podia ser muito mais velho do que Roger.

Alexandre deu de ombros, ignorando o passado.

– Passei dois anos com os huronianos e converti muitos. Então fui com um grupo deles a Fort Stanwix, onde havia uma grande reunião das tribos da região. Lá, conheci Kennyanisi-t'ago, um líder de guerra dos moicanos. Ele me ouviu pregar e, movido pelo Espírito Santo, convidou-me a voltar com ele para seu vilarejo.

Os moicanos eram notoriamente cautelosos sobre a conversão; parecia uma oportunidade enviada pelos céus. Então Père Ferigault desceu o rio de canoa na companhia de Kennyanisi-t'ago e seus guerreiros.

– Esse foi meu primeiro pecado – disse baixinho. – O orgulho. – Ergueu um dedo para Roger, como se sugerisse a ele que fosse contando. – Ainda assim, Deus estava comigo. – Os moicanos tinham ficado ao lado dos ingleses durante a recente guerra entre franceses e índios, e mais do que desconfiavam do jovem padre francês. Ele havia perseverado, aprendido a língua dos moicanos, para poder pregar a eles na língua deles.

Conseguira converter vários do vilarejo, mas não todos. No entanto, entre os convertidos estava o líder, então ele foi protegido de interferências. Infelizmente, o *sachem* do vilarejo se opunha a sua influência e havia uma inquietude constante entre cristãos e não cristãos no vilarejo.

O padre passou a língua pelos lábios e então pegou a jarra de água e bebeu.

– E então – disse ele, respirando fundo – cometi meu segundo pecado.

Apaixonara-se por uma das convertidas.

– O senhor teve mulheres antes...? – Roger teve dificuldade para perguntar, mas Alexandre respondeu com tranquilidade, sem hesitar.

– Não, nunca. – Soltou o ar nesse momento; não foi uma risada, mas uma expressão de sarcasmo. – Pensei que fosse imune a essa tentação. Mas o homem é frágil diante dos desejos da carne do demônio.

Ele havia morado na casa da moça durante alguns meses. Então, certa manhã, ele havia acordado cedo e ido ao riacho se lavar e viu o próprio reflexo na água.

– Houve uma perturbação repentina na água e a superfície tremeu. Uma boca enorme aberta apareceu na superfície, desfazendo o reflexo do meu rosto.

Tinha sido uma truta saltando para pegar uma libélula, mas o padre, abalado pela experiência, viu aquilo como um sinal de Deus de que sua alma corria o risco de ser engolida pela boca do inferno. Ele se dirigiu à casa de sapê, pegou suas coisas e foi morar sozinho em um pequeno abrigo fora do vilarejo. No entanto, deixara sua amante grávida.

– Foi isso que causou o problema que o trouxe aqui? – perguntou Roger.

– Não, não exatamente. Eles não veem as questões do casamento e da moralidade como nós – explicou Alexandre. – As mulheres se deitam com os homens que querem e o casamento é um acordo que dura enquanto os parceiros se derem bem; se não se entendem mais, a mulher pode expulsar o homem de sua casa... ou ele pode ir embora. As crianças, se existirem, ficam com a mãe.

– Mas então...

– A dificuldade foi que eu sempre, como padre, me recusei a batizar bebês a menos que os dois pais fossem cristãos e em estado de graça. Entenda, isso é necessário para que a criança seja criada na fé, já que os índios costumam ver o sacramento do batismo como algo que não passa de mais um dos seus rituais pagãos.

Alexandre respirou fundo.

– E é claro que eu não podia batizar aquela criança. Isso ofendeu e deixou horrorizado Kenyanisi-t'ago, que insistiu para que eu o fizesse. Quando me recusei, ele mandou que eu fosse torturado. Minha... a garota... intercedeu por mim, e foi incentivada nisso por sua mãe e várias outras pessoas influentes.

Consequentemente, o vilarejo foi tomado pela controvérsia e pela divisão de opiniões, e por fim o *sachem* decretou que eles deveriam levar Père Alexandre a Onyarekenata, onde um conselho

imparcial poderia julgar o que deveria ser feito para restaurar a harmonia entre eles.

Roger coçou a barba; talvez a antipatia dos índios aos europeus cabeludos fosse devido à associação com os piolhos.

– Receio não entender muito bem – disse ele, com cuidado. – O senhor se recusou a batizar seu próprio filho porque a mãe não era uma boa cristã?

Alexandre pareceu surpreso.

– Ah, *non!* Ela mantém sua fé, apesar de que teria todas as desculpas se não mantivesse – acrescentou e suspirou. – Não, não posso batizar a criança, não por causa de sua mãe, mas porque o pai dela não está em estado de graça.

Roger passou a mão na testa, torcendo para que seu rosto não mostrasse sua indignação.

– Ah. É por isso que o senhor queria se confessar a mim? Para poder retornar a um estado de graça e assim ser capaz de...

O padre o interrompeu com um gesto simples. Permaneceu em silêncio por um momento, os ombros magros encolhidos. Deve ter passado a mão em sua ferida por acidente; a massa de sangue voltara a escorrer lentamente por seu pescoço.

– Perdoe-me – disse Alexandre. – Não deveria ter pedido a você; é que eu fiquei muito feliz por poder falar a minha língua. Não resisti à tentação de acalmar minha alma contando tudo para você. Mas não adianta: não existe absolvição para mim.

O desespero do homem era tão claro que Roger pousou a mão no braço do padre, desejando acalmá-lo.

– Tem certeza? O senhor disse que em momentos de necessidade...

– Não é isso. – Ele colocou a mão em cima da de Roger, apertando-a, como se pudesse conseguir força daquele toque.

Roger não disse nada. Depois de um momento, levantou a cabeça e o padre o encarou. A luz do lado de fora havia mudado: havia um brilho leve, uma claridade no ar, quase luz. Sua respiração saiu branca da boca, como fumaça subindo em direção à abertura acima.

– Apesar de eu confessar, não serei perdoado. Deve ocorrer arrependimento real para que a absolvição seja obtida, devo rejeitar

meu pecado. E não consigo fazer isso.

Ele se calou. Roger não sabia se devia falar nem o que dizer. Pensou que um padre diria algo como “Sim, meu filho?”, mas ele não conseguia. Em vez disso, pegou a outra mão de Alexandre e a segurou com força.

– Meu pecado foi amá-la – disse o padre, muito suavemente –, e isso eu não consigo controlar.

UM SORRISO DESFEITO

– Duas Lanças concorda. O assunto deverá ser discutido em um conselho e aprovado, mas acredito que será feito. – Jamie se recostou em um pinheiro, abaixando-se um pouco devido ao cansaço. Estávamos no vilarejo havia uma semana; ele havia se reunido com o *sachem* do vilarejo na maior parte dos últimos três dias. Eu mal o vira, ou a Ian, mas tinha sido acompanhada pelas mulheres: eram educadas, mas distantes. Mantive meu amuleto cuidadosamente fora da vista das pessoas.

– Então eles estão? – perguntei, e senti o nó de ansiedade que havia permanecido comigo por tanto tempo começando a se dissolver. – Roger está aqui mesmo? – Por enquanto, os moicanos não queriam revelar se Roger ainda existia... ou não.

– Bem, quanto a isso, o velho não diz nada, por medo de que eu tente resgatá-lo, acredito, mas ou ele está aqui, ou não está muito longe. Se o conselho aprovar a minha proposta, vamos trocar o uísque pelo homem em três dias e partiremos. – Ele olhou para as nuvens carregadas que escondiam as montanhas distantes. – Deus, espero que seja chuva vindo, e não a neve.

– Você acha que existe a possibilidade de o conselho não concordar?

Ele suspirou profundamente e passou a mão pelos cabelos desgrenhados e soltos sobre os ombros; evidentemente, as negociações tinham sido difíceis.

– Sim, existe uma possibilidade. Eles querem o uísque, mas estão cautelosos. Alguns dos homens mais velhos serão contra a troca, por medo do dano que a bebida pode causar ao povo; os mais jovens serão muito a favor. Alguns entre eles podem dizer sim,

vamos aceitar; podem usar a bebida em negociações, se tiverem medo de usá-la.

– Wakatihsnore contou tudo isso a você? – Fiquei surpresa. O *sachem*, Age Rápido, parecia tranquilo e velhaco demais para tal abertura.

– Não ele, o jovem Ian. – Jamie sorriu rapidamente. – O rapaz promete como espião, posso dizer. Já comeu em todas as casas do vilarejo, e conheceu uma moça que gostou muito dele. Ela conta a Ian o que o Conselho de Mães está pensando.

Encolhi os ombros e os envolvi com a capa; nosso abrigo nas rochas fora do vilarejo nos protegia de interrupções, mas o preço da invisibilidade era a exposição ao vento frio.

– E o que o Conselho de Mães diz?

Uma semana passada em uma casa de sapê havia me dado uma ideia da importância das opiniões das mulheres nas situações, de modo geral; apesar de elas não tomarem decisões diretas a respeito dos assuntos, muito pouco era feito sem a aprovação delas.

– Elas poderiam querer que eu oferecesse um resgate que não fosse uísque, e não têm certeza a respeito de devolverem o homem; mais de uma moça gosta dele. Elas não se importariam se a tribo o adotasse. – Jamie entortou os lábios ao dizer isso, e eu ri, apesar da minha preocupação.

– Roger é um rapaz bonito – falei.

– Eu o vi – disse Jamie rapidamente. – A maioria dos homens o acha feio, um maldito cabeludo. Claro, eles acham a mesma coisa de mim. – Ele passou a mão sobre a face; sabendo que os índios não gostam de pelos faciais, tomava o cuidado de se barbear toda manhã. – Mas isso pode fazer a diferença.

– O quê? A aparência de Roger ou a sua?

– O fato de mais de uma moça desejar o malandro. Ian me contou que a moça dele diz que sua tia acha que será um problema mantê-lo; ela acha melhor devolvê-lo a nós do que deixar as mulheres brigarem por causa dele.

Passei os nós dos dedos avermelhados pelo frio sobre os lábios, tentando conter o riso.

– Os homens do conselho sabem que algumas mulheres estão interessadas em Roger?

– Não sei. Por quê?

– Porque, se soubessem, eles o entregariam a nós de graça. Jamie riu disso, mas ergueu a sobrancelha relutante.

– Sim, talvez. Pedirei a Ian que mencione isso aos outros homens. Mal não fará.

– Você disse que as mulheres queriam que você oferecesse algo em vez de uísque. Você mencionou a opala a Age Rápido?

Ele endireitou as costas, interessado.

– Sim, mencionei. Eles não ficariam mais abismados nem se eu tivesse tirado uma cobra de minha bolsa de couro. Ficaram muito excitados... bravos e temerosos... e eu acho que eles teriam sido capazes de me ferir, mas não o fizeram porque eu já tinha mencionado o uísque.

Ele enfiou a mão no bolso da frente do casaco e pegou uma opala, deixando-a em minha mão.

– Melhor você ficar com ela, Sassenach. Mas eu acho que não deve mostrá-la a ninguém.

– Que estranho. – Olhei para a pedra, para o petróglifo brilhando. – Então ela significa alguma coisa para eles.

– Ah, sim – disse ele. – Não sei o quê, mas, independentemente do que seja, eles não gostaram nem um pouco dela. O líder de guerra exigiu saber onde eu a havia conseguido e eu disse que você a havia encontrado. Isso fez com que eles relaxassem um pouco, mas se alteraram por causa dela.

– Por que quer que eu fique com ela? – A pedra estava quente pelo contato com o corpo dele e eu a senti lisa e confortável na minha mão. Por instinto, passei o polegar várias vezes ao redor do entalhe espiralado.

– Eles ficaram chocados quando a viram, como eu disse... e depois ficaram bravos. Um ou dois fizeram menção de me agredir, mas se controlaram. Observei por um tempo, com a pedra na mão, e percebi que eles sentiam medo dela: não me tocaram enquanto eu a segurava.

Ele fechou a minha mão ao redor da pedra.

– Fique com ela. Se houver perigo, pegue-a.

– Você corre mais riscos do que eu – protestei, tentando devolvê-la.

Ele balançou a cabeça, e as pontas de seus cabelos subiram ao vento.

– Não, não agora que eles sabem sobre o uísque. Não me atacariam antes de saber onde está.

– Mas por que posso estar em perigo? – A ideia era perturbadora; as mulheres tinham sido cuidadosas, mas não hostis, e os homens do vilarejo tinham me ignorado.

Ele franziu o cenho e olhou para baixo na direção do vilarejo. Dali, pouco era visível, exceto as paliçadas exteriores, com fumaça sobre elas, vinda das construções fora de nossa vista que ficavam mais à frente.

– Não sei, Sassenach. Só sei que já fui caçador e já fui caçado. Sabe quando algo estranho se aproxima, as aves param de cantar e a mata fica em silêncio?

Meneou a cabeça em direção ao vilarejo, com os olhos fixos na fumaça como se uma força pudesse aparecer dela.

– Há um silêncio ali. Algo está acontecendo e não consigo perceber. Não acho que tenha a ver conosco... mas, mesmo assim, não estou tranquilo – disse abruptamente. – E eu já vivi tempo suficiente para ignorar tal sensação.

Ian, que se uniu a nós logo depois, concordava com o tio.

– Sim, é como segurar a ponta de uma rede de pesca que está embaixo da água – disse ele, franzindo o cenho. – Dá para sentir as vibrações nas mãos, e você sabe quando há peixe na rede, mas não consegue ver onde.

O vento mexeu seus cabelos densos e castanhos; como sempre, estavam presos em uma meia trança, com mechas se soltando. Ele prendeu uma delas atrás da orelha, distraído.

– Tem alguma coisa acontecendo entre as pessoas; um desacordo, acho. E *alguma coisa* aconteceu ontem à noite no conselho. Emily não responde quando pergunto; só desvia o olhar e diz que não tem nada a ver conosco. Mas acho que tem, sim.

– Emily? – Jamie ergueu uma sobrancelha, e Ian sorriu.

– É como eu a chamo, para facilitar – disse ele. – Seu nome é Wakyo'teyehsnonhsa; significa Trabalha com as Mãos. Ela é uma

excelente entalhadora, a Emily. Vejam o que ela fez para mim. – Enfiou a mão na bolsa e orgulhosamente mostrou uma pequena lontra entalhada em pedra-sabão branca. O animal estava alerta, com a cabeça erguida e pronto para atacar; só de vê-lo, senti vontade de sorrir.

– Muito bom. – Jamie analisou o entalhe com aprovação, passando o dedo na curva sinuosa do corpo. – A moça deve gostar de você, Ian.

– Sim, bem, eu também gosto dela, tio.

Ian estava agindo de modo descontraído, mas seu rosto magro estava um pouco mais corado do que o vento frio poderia deixá-lo. Ele tossiu e mudou de assunto:

– Ela disse que acredita que o conselho pode pender um pouco a nosso favor, se dermos a eles um pouco do uísque, tio Jamie. Se você concordar, posso buscar um barril e faremos um pequeno *ceilidh* esta noite. Emily vai cuidar das coisas.

Jamie ergueu uma sobrancelha, mas assentiu depois de um instante.

– Confio em seu bom senso, Ian – disse ele. – Na casa do conselho?

Ian negou balançando a cabeça.

– Não. Emily disse que é melhor se for feito na casa de sua tia: a velha Tewaktenyongh é a Mulher Bonita.

– É o quê? – perguntei, assustada.

– A Mulher Bonita – explicou ele, secando o nariz que escorria na manga. – Uma mulher de influência no vilarejo tem o poder de decidir o que é feito com os cativos; eles a chamam de Mulher Bonita, independentemente de sua aparência. Então saibam que será bom para nós se Tewaktenyongh puder ser convencida de que a barganha que oferecemos é boa.

– Acredito que, para um cativo que foi libertado, a mulher seria bonita de qualquer modo – disse Jamie com seriedade. – Sim, compreendo. Vá em frente. Consegue pegar o uísque sozinho?

Ian balançou a cabeça para confirmar e se virou para partir.

– Espere um minuto, Ian – falei, e mostrei a opala quando ele se virou para mim. – Pode perguntar a Emily se ela sabe alguma coisa sobre isto?

– Sim, tia Claire. Vou mencionar isso. Rollo! – Ele assoviou soprando o ar entre os dentes e Rollo, que estava investigando uma rocha, partiu atrás do dono. Jamie observou os dois, franzindo o cenho levemente.

– Você sabe onde Ian está passando as noites, Sassenach?

– Se me pergunta em qual tapera, sim. Se me pergunta na cama de quem, não. Mas posso imaginar.

– Hummm. – Ele se alongou e jogou os cabelos para trás. – Vamos, Sassenach, vou levá-la de volta ao vilarejo.

O *ceilidh* de Ian começou logo depois do anoitecer; ele convidou as pessoas, incluindo os membros mais proeminentes do conselho, que chegaram um de cada vez à casa de Tewaktenyonh, fazendo reverências ao *sachem* Duas Lanças, que estava sentado à fogueira principal com Jamie e Ian a seu lado. Uma moça pequena e bonita, que imaginei ser a Emily de Ian, permanecia em silêncio atrás dele, junto ao barril de uísque.

À exceção de Emily, as mulheres não se envolviam na degustação do uísque. Mas eu estava ali para observar, e me sentei perto de uma das fogueiras menores, de olho nos acontecimentos enquanto ajudava duas mulheres a trançar cebolas, trocando amenidades ocasionalmente em uma mistura das línguas tuscarora, inglesa e francesa.

A mulher à fogueira na qual eu estava me ofereceu um pouco de cerveja de abeto e um tipo de papa de mingau. Fiz o melhor que pude para aceitar com cordialidade, mas meu estômago estava revirado demais e só consegui tentar comer.

Muito dependeria desse grupo improvisado. Roger estava ali, em algum lugar do vilarejo, eu sabia. Estava vivo; só torcia para que estivesse bem – bem o suficiente para viajar, pelo menos. Olhei para o lado mais distante da casa, para a fogueira maior. Vi um pouco de Tewaktenyonh e a curva de sua cabeça de cabelos brancos; senti um arrepio percorrer meu corpo e toquei a pequena protuberância do amuleto de Nayawenne debaixo de minha camisa.

Quando os convidados estavam organizados, um círculo se formou ao redor da fogueira e o barril aberto de uísque foi levado ao

centro. Para minha surpresa, a menina também foi para dentro do círculo e se sentou ao lado do barril, segurando uma cuia.

Depois de algumas palavras de Duas Lanças, as festividades começaram; a garota servia as doses de uísque. Ela fazia isso bebendo goles grandes da cuia e cuidadosamente cuspidando três goladas em cada copo antes de passá-lo a um dos homens no círculo. Olhei para Jamie, que pareceu momentaneamente assustado, mas educadamente aceitou seu copo e bebeu sem hesitar.

Tentei imaginar quanto uísque a menina estava absorvendo pelo revestimento da boca. Não tanto quanto os homens, e eu achava que demoraria um pouco para lubrificar Duas Lanças, que era um velho taciturno com rosto de uva-passa. Mas, antes de o grupo continuar, eu me distraí com a chegada de um rapaz, filho de uma de minhas companheiras. Ele entrou em silêncio e se sentou ao lado da mãe, recostando-se nela. Ela olhou para ele com firmeza e então deixou as cebolas e se levantou com uma exclamação de preocupação.

A luz da fogueira iluminava o menino, e logo vi a posição peculiarmente curvada dele. Ajoelhei-me depressa, puxando o cesto de cebolas para o lado. Inclinei-me e o segurei pelo outro braço, virando-o para mim. Seu ombro esquerdo tinha sido levemente deslocado; ele suava, os lábios contraídos de dor.

Fiz um gesto para a mãe dele, que hesitou, franzindo o cenho para mim. O menino emitiu um som baixo e gemeu, e ela o puxou, abraçando-o com força. Com uma inspiração repentina, tirei o amuleto de Nayawenne de minha camisa; ela não saberia de quem era, mas podia reconhecer o *que* era. Reconheceu. Arregalou os olhos ao ver o pequeno saco de couro.

O menino não fez mais barulho, mas vi o suor escorrer em seu peito sem pelos, transparente à luz da fogueira. Mexi no fio que mantinha o saquinho fechado e procurei a pedra azul. *Pierre sans peur*, Gabrielle a chamara. A pedra destemida. Peguei a mão sã do menino e coloquei a pedra com firmeza na sua palma, dobrando seus dedos sobre ela.

– *Je suis une sorcière* – falei baixinho. – *C'est médecine, la.* – Confie em mim, pensei. Não tema. Sorri para ele.

O garoto olhou para mim com os olhos arregalados. As duas mulheres à fogueira se entreolharam e então, ao mesmo tempo, olharam na direção da fogueira distante onde a velha senhora estava.

No *ceilidh*, eles conversavam; alguém estava contando uma velha história – reconheci o subir e descer dos ritmos formais. Eu havia escutado os habitantes das Terras Altas contarem histórias e lendas em gaélico daquele modo; parecia a mesma coisa.

A mãe assentiu; sua irmã atravessou a casa. Eu não me virei, mas senti o interesse das pessoas enquanto ela passava pelas outras fogueiras: elas se viravam para olhar em nossa direção. Fiquei fitando o rosto do menino, sorrindo, segurando sua mão com força.

Os passos da irmã surgiram suaves atrás de mim. A mãe do garoto relutantemente o soltou e o deixou comigo. Eu havia recebido permissão.

Era simples colocar o ombro no lugar; ele era pequeno e a lesão era leve. Seus ossos eram leves sob minha mão. Sorri para ele e senti a articulação, avaliando o dano. Então curvei o braço depressa, fiz a rotação do cotovelo, empurrando o braço para cima – e pronto.

O menino pareceu muito surpreso. Era um procedimento muito satisfatório, porque a dor era aliviada quase instantaneamente. Ele sentiu o ombro e então sorriu timidamente para mim. Lentamente, abriu a mão e me entregou a pedra.

A sensação leve criada com isso tomou minha atenção por um tempo, com as mulheres se aproximando, tocando o menino e olhando para ele, reunindo as amigas para verem a safira. Quando voltei a prestar atenção ao grupo do uísque na fogueira mais distante, as festividades estavam bem avançadas. Ian cantava em gaélico, muito desafinado, acompanhado por um ou dois dos outros homens, que entoavam um *Haihai!* estridente e esquisito que eu ouvia de vez em quando entre o povo de Nayawenne.

Como se meu pensamento a tivesse evocado, senti que alguém me observava e me virei. Vi Tewaktenyonh me fitando de sua própria fogueira na ponta da casa. Olhei nos olhos dela e fiz um meneio de cabeça. Ela se inclinou para dizer algo a uma das jovens

na fogueira, que se levantou e caminhou na minha direção, dando a volta cuidadosamente por algumas crianças pequenas que brincavam no cubículo de sua família.

– Minha avó está perguntando se pode vê-la. – A jovem se agachara ao meu lado, falando baixinho em inglês. Fiquei surpresa, mas não muito, ao ouvir aquilo. Onakara estava certo, alguns moicanos falavam um pouco de inglês. Mas não usavam o idioma, exceto quando preciso, pois preferiam a própria língua.

Levantei-me e a acompanhei até a fogueira de Tewaktenyonh, tentando imaginar do que a Mulher Bonita precisava. Eu tinha minhas prioridades: Roger e Brianna.

A senhora assentiu para mim, convidando-me a sentar, e falou com a garota, sem tirar os olhos de mim.

– Minha avó pergunta se pode ver seu remédio.

– Claro. – Percebi que a senhora olhava para meu amuleto, observando com curiosidade quando peguei a safira. À pena de pica-pau de Nayawenne, eu havia acrescentado duas minhas; penas pretas da asa de um corvo.

– Você é a esposa do Matador do Urso?

– Sim. Os tuscaroras me chamam de Corvo Branco – falei, e a menina se sobressaltou. Traduziu depressa para sua avó. Os olhos da senhora se arregalaram e ela olhou para mim consternada. Evidentemente, aquele não era o nome mais oportuno que ela já tinha ouvido. Sorri para ela, mantendo a boca fechada; os índios costumavam mostrar os dentes apenas quando riam.

A senhora me devolveu a pedra. Observou-me com atenção e então falou algo a sua neta, sem tirar os olhos de mim.

– Minha avó soube que seu homem tem uma pedra brilhante também – disse a menina, interpretando. – Ela quer saber mais sobre ela: como é e como vocês a conseguiram.

– Ela pode vê-la. – A menina arregalou os olhos, surpresa, quando enfiei a mão dentro da bolsa na altura de minha cintura e tirei a pedra. Mostrei a opala à senhora e ela se curvou e a observou com atenção, mas não fez menção de tirá-la de mim.

Os braços de Tewaktenyonh eram marrons e não tinham pelos, enrugados e macios como a madeira, aparentemente. Mas, enquanto eu observava, vi o arrepio surgir, erguendo pelos não mais

existentes numa defesa inútil. *Ela viu*, pensei. *Ou, pelo menos, sabe o que é.*

Não precisei das palavras da intérprete; ela me fitou diretamente nos olhos e eu ouvi a pergunta com clareza, apesar das palavras desconhecidas.

– Como conseguiu isso? – perguntou, e a menina repetiu obedientemente.

Deixei a mão aberta; a opala se encaixava bem na palma da mão, seu peso disfarçado pelas cores, brilhando como uma bolha de sabão.

– A pedra apareceu para mim em um sonho – disse eu finalmente, sem saber como explicar de outro modo.

A senhora suspirou. O medo não abandonou seus olhos, mas foi sobreposto por outra coisa – curiosidade, talvez? Ela disse algo e uma das mulheres perto da fogueira se levantou, procurando dentro de um cesto embaixo da cama atrás dela. Voltou e se abaixou ao lado da senhora, entregando-lhe algo.

A senhora começou a cantar baixinho, com uma voz afetada pela idade, mas ainda forte. Esfregou as mãos acima do fogo, e muitas partículas marrons pequenas caíram, mas voltaram a subir como fumaça, densa com o cheiro de tabaco.

Era uma noite silenciosa; eu conseguia ouvir as vozes e as risadas altas vindas da fogueira mais distante, onde os homens bebiam. Percebi palavras desconhecidas na voz de Jamie – ele estava falando francês. Será que Roger estava perto o suficiente para ouvir também?

Respirei fundo. A fumaça subia diretamente da fogueira em uma coluna fina e branca, e o cheiro forte e adocicado do tabaco se misturava com o cheiro do ar frio, acionando lembranças incongruentes dos jogos de futebol de Brianna no ensino médio: odores agradáveis de cobertores de lã e garrafas térmicas de chocolate quente, fumaça de cigarro subindo entre a multidão. Mais ao fundo havia outras lembranças mais duras, de jovens de uniforme à luz fraca de campos de pouso, amassando bitucas de cigarro e correndo para a batalha, deixando para trás apenas o cheiro da fumaça no ar do inverno.

Tewaktenyongh falou, os olhos ainda nos meus, e a voz suave da garota foi ouvida:

– Conte-me esse sonho.

Era mesmo um sonho que eu contaria a ela ou uma lembrança como aquelas, trazida à vida nas asas da fumaça de uma árvore em chamas? Não importava; aqui, todas as lembranças eram sonhos.

Contei a ela o que pude. A lembrança – da tempestade e do meu refúgio entre as raízes do cedro, o crânio enterrado com a pedra – e o sonho; a luz na montanha e o homem com o rosto pintado de preto – sem distinção entre eles.

A senhora se inclinou para a frente, o rosto surpreso espelhando o de sua neta.

– Você viu o Portador do Fogo? – perguntou a menina. – Você viu o *rosto* dele? – Ela se afastou de mim como se eu pudesse ser perigosa.

A senhora disse algo decisivo; sua surpresa havia desaparecido em um olhar forte de interesse. Cutucou a menina e repetiu a pergunta, impaciente.

– Minha avó está perguntando se você pode dizer como ele era e o que vestia.

– Nada. Só um pano na frente do corpo, nas partes íntimas. E estava pintado.

– Pintado. Como? – perguntou a menina traduzindo a pergunta da avó.

Descrevi a pintura do corpo do homem que eu tinha visto do modo mais cuidadoso que consegui. Não foi difícil; se eu fechasse os olhos, conseguia vê-lo tão claramente quanto ele havia aparecido para mim na encosta da montanha.

– E o rosto dele era preto da testa ao queixo – concluí, abrindo os olhos.

Quando descrevi o homem, a intérprete ficou claramente incomodada; seus lábios tremiam e ela olhava temerosa para mim e para a avó. A senhora ouvia com atenção, observando, esforçando-se para extrair sentido do meu rosto antes que as palavras mais lentas chegassem a seus ouvidos.

Quando terminei, ela permaneceu em silêncio, com os olhos negros ainda fixos nos meus. Por fim, assentiu, estendeu a mão

enrugada e segurou as faixas roxas de contas em seu ombro. Myers havia me contado o suficiente para eu reconhecer o gesto. As contas eram seu registro de família; o que era dito enquanto alguém segurava as contas era como um juramento feito sobre a Bíblia.

– No Festival do Milho Verde, muitos anos atrás – a intérprete mostrou os dedos das mãos quatro vezes –, um homem chegou do norte. Sua fala era estranha, mas nós conseguíamos entendê-lo. Falava como canienga, ou talvez onondaga, mas não nos contou qual era sua tribo ou seu vilarejo – apenas disse o clã, que era o Tartaruga. Ele era um selvagem, mas corajoso. Era bom caçador e guerreiro. Ah, um homem bonito; todas as mulheres gostavam de olhar para ele, mas nós tínhamos medo de nos aproximar demais.

Tewaktenyongh parou um momento, com um olhar distante que me levou a fazer a conta; ela já devia ser uma mulher adulta na época, mas talvez ainda jovem o bastante para se impressionar com aquele estranho assustador e misterioso.

– Os homens não tinham o mesmo cuidado; os homens não são tão cuidadosos. – Ela lançou um olhar breve e sarcástico ao *ceilidh*, que se tornava cada vez mais barulhento. – Então eles se sentavam e fumavam com ele, bebiam cerveja de abeto e ouviam o que ele dizia. Ele falava do meio-dia até o escurecer e então de novo à noite, perto do fogo. Seu rosto estava sempre sério, porque ele falava de guerra.

Ela suspirou, os dedos segurando as contas roxas.

– Sempre sobre guerra. Não contra os comedores de rãs do vilarejo vizinho nem contra os que comiam esterco de alce. Não, devemos erguer nossos tacapes contra os *O'seronni*. Devemos matar todos, ele dizia, desde o mais velho ao mais jovem, dos inferiores aos mais importantes. Vamos aos cayugas, mandemos mensageiros aos senecas, deixemos a Liga dos Iroqueses seguir unida. Devemos ir antes que seja tarde demais, ele dizia.

A idosa ergueu um ombro e logo o abaixou.

– “Tarde demais para quê?”, perguntavam os homens. “E por que devemos criar uma guerra sem causa? Não precisamos de nada neste momento; não há tratado de guerra.” Isso foi antes da época dos franceses, saiba disso. “É nossa última chance”, ele lhes dizia. “Talvez já seja tarde demais. Eles nos seduzem com seus

metais, nos aproximam deles com promessas de facas e armas e nos destroem por suas panelas. Voltem, irmãos! Vocês deixaram os anos passarem. Voltem, eu digo, ou deixarão de existir. Suas histórias serão esquecidas. Matem todos eles agora, ou eles comerão vocês.” E meu irmão, que era *sachem* na época, e meu outro irmão, que era chefe de guerra, disseram que aquilo era besteira. Eles vão nos destruir com armas? Vão nos comer? Os brancos não comem o coração de seus inimigos, nem mesmo em batalha. Os mais jovens ouviram; eles ouvem qualquer um que grite. Mas os mais velhos olhavam para o estranho com desconfiança e nada diziam.

Ela ficou em silêncio por um instante.

– Ele sabia – disse, e meneou a cabeça para enfatizar, falando quase mais rápido do que sua neta conseguia traduzir. – Ele sabia o que aconteceria, sabia que os ingleses e os franceses lutariam entre eles e procurariam nossa ajuda uns contra os outros. Ele disse que essa seria a hora; quando lutassem uns contra os outros, nós deveríamos nos revoltar contra ambos e expulsá-los. Tawineonawira – Dente de Lontra – era o nome dele, e ele disse para mim: “Você vive no momento. Conhece o passado, mas não olha para o futuro. Seus homens dizem ‘Não precisamos de nada por enquanto’, e por isso não se mexerão. Suas mulheres acham mais fácil cozinhar em uma chaleira de ferro do que fazer panelas de barro. Vocês não veem o que acontecerá por causa de sua preguiça, de sua ganância.” “Não é verdade”, eu disse a ele. “Não somos preguiçosos. Raspamos pele, secamos a carne e o milho, retiramos o óleo dos girassóis e o colocamos em jarros; nós nos preparamos para a próxima estação... sempre. Se não fizéssemos isso, morreríamos. E o que panelas e chaleiras têm a ver com isso?”

Seus olhos estavam semicerrados, como se revisse a cena.

– Ele sorriu ao ouvir isso, mas seus olhos estavam tristes. Nem sempre ele era sério comigo. – Os olhos da idosa se voltaram para a neta nesse momento, mas então ela desviou o olhar, voltando-o para baixo. – “Coisas de mulher”, disse ele, e balançou a cabeça. “Vocês pensam nas coisas de comer, de vestir. Nada disso importa. Os homens não pensam nessas coisas.” “Você pode ser *Hodeenosaunee* e pensar isso?”, perguntei. “De onde você vem

para não se importar com o que as mulheres pensam?” Ele balançou a cabeça de novo e disse: “Você não vê muito longe.” Perguntei a ele até onde *e/e* via, mas ele não me respondeu.

Eu sabia a resposta para isso, e minha pele se arrepiou, apesar do calor da fogueira. Eu sabia muito bem até onde ele via e como era perigoso o que ele via daquele precipício em particular.

– Mas nada do que eu disse ajudou – continuou a senhora –, nem o que meus irmãos disseram. Dente de Lontra ficou mais irado. Um dia, ele fez a dança da guerra. Estava pintado, os braços e pernas cobertos de vermelho, e cantava e gritava pelo vilarejo. Todo mundo saiu para assistir, para ver quem o seguiria, e, quando ele acertou o tacape na árvore de guerra e gritou que ia pegar cavalos e saquear os shawnees, vários jovens o acompanharam. Eles ficaram fora um dia e uma noite, e voltaram com cavalos e escalpos. Escalpos brancos, e meus irmãos ficaram irados. Aquilo traria soldados do forte, segundo eles, ou grupos vingativos dos assentamentos da Linha do Tratado, onde eles tinham pegado os escalpos. Dente de Lontra respondeu corajosamente que esperava que isso acontecesse, assim nós seríamos forçados a lutar. E ele disse claramente que lideraria tais ataques de novo, muitas vezes, até toda a terra estar envolvida e nós vermos que as coisas eram como ele dizia: que deveríamos matar os *O’seronni* ou morreríamos.

Ela interrompeu a narrativa por um momento e depois a retomou:

– Ninguém conseguia detê-lo para que não fizesse o que dizia, e alguns dos jovens tinham o sangue quente; eles o seguiam, não importava o que dizíamos. Meu irmão, o *sachem*, abriu sua tenda e chamou o Grande Tartaruga para aconselhá-lo. Permaneceu na tenda um dia e uma noite. A tenda sacudia e tremia e vozes saíam dela, e as pessoas sentiram medo. Quando meu irmão saiu da tenda, ele disse que Dente de Lontra tinha que sair do vilarejo. Ele faria o que queria, mas não permitiríamos que ele trouxesse a destruição até nós. Ele causava desarmonia entre as pessoas, tinha que ir embora. Dente de Lontra ficou mais irado ainda do que antes. Pôs-se de pé no centro do vilarejo e gritou até as veias do pescoço ficarem aparentes e os olhos, vermelhos de raiva.

A menina falou mais baixo:

– Ele gritava coisas horríveis. Então ficou calado, e sentimos medo. Disse coisas que nos aterrorizaram. Até quem o seguia passou a temê-lo. Ele não dormia nem comia. Durante um dia e uma noite inteiros, e todo o dia seguinte, ficou falando, andando pelo vilarejo, parando nas portas das casas e falando, até as pessoas o afastarem. E ele partiu. Mas voltou várias vezes. Ele partia, escondia-se na floresta e voltava à noite, magro e faminto, com os olhos brilhando como os de uma raposa, sempre falando. Sua voz tomava o vilarejo à noite e ninguém conseguia dormir. Começamos a perceber que ele tinha um espírito do mal dentro dele; talvez fosse Atatarho, cuja cabeça Hiawatha usava para alisar as cobras; talvez as cobras tivessem atingido aquele homem, procurando abrigo. Por fim, meu irmão, o chefe de guerra, disse que aquilo tinha que acabar. Que ou ele partiria, ou nós o mataríamos.

Tewaktenyonh fez uma pausa. Seus dedos, que tocavam as contas sem parar, como se ela tirasse força delas para contar sua história, estavam quietos.

– Ele era um homem de fora – disse ela suavemente. – Mas não sabia disso. Acho que nunca entendeu.

Do outro lado da construção, o grupo de bebedores fazia barulho; todos os homens estavam rindo, balançando de um lado para outro com animação. Eu ouvia a voz de Emily, mais alta, rindo com eles. Tewaktenyonh olhou para eles, franzindo o cenho.

O arrepio subia e descia pela minha espinha. Um homem de fora. Um índio, pelo rosto, pelo modo de falar, a fala levemente estranha. Um índio – com dentes prateados. Não, ele não havia entendido. Pensou que eles eram seu povo, afinal. Sabendo o que o futuro reservava, havia chegado para tentar salvá-los. Como podia acreditar que eles pretendiam machucá-lo?

Mas eles *pretendiam*. Eles o despiram, disse Tewaktenyonh, com a expressão distante. Eles o amarraram a um poste no centro do vilarejo, pintaram seu rosto com uma tinta feita de cinza e carvalho.

– O preto é para a morte; os prisioneiros que estão esperando para ser mortos são sempre pintados de preto – disse a garota. Ergueu uma sobrancelha de leve. – Você sabia disso quando encontrou o homem nas montanhas?

Neguei balançando a cabeça, calada. A opala estava quente na palma de minha mão, molhada de suor.

Eles o haviam torturado por um tempo; cutucaram seu corpo nu com lanças afiadas e então com brasas, de modo que as bolhas se formassem e estourassem e a pele dele ficasse em carne viva. Ele aguentou bem isso, não gritava, e isso os satisfazia. Ele ainda parecia forte, então eles o deixaram de um dia para o outro, ainda amarrado ao poste.

– De manhã, ele não estava mais ali. – O rosto da idosa se fez misterioso. Se ela se sentia satisfeita ou aliviada, ou abalada com a fuga, ninguém jamais saberia. – Falei que eles não deveriam ir atrás dele, mas meu irmão disse que de nada adiantaria não ir; ele voltaria se eles não finalizassem a questão.

Então o grupo de guerreiros deixou o vilarejo atrás de Dente de Lontra. Como ele estava sangrando muito, não deveria ser difícil encontrá-lo.

– Eles o perseguiram ao sul. Acreditaram que o pegariam, em muitas ocasiões, mas ele era forte. Corria. Durante quatro dias, eles o seguiram, e finalmente o pegaram em um vale de álamos desfolhados na neve, com os galhos brancos como ossos.

Ela interpretou a pergunta em meus olhos e assentiu.

– Meu irmão, o chefe de guerra, estava lá, ele me disse depois. O fugitivo estava sozinho e desarmado. Não tinha chance e sabia disso. Mas ele os encarou mesmo assim, e falou. Mesmo depois de um dos homens acertá-lo na boca com um porrete, ele continuou falando com a boca sangrando, cuspiando as palavras com os dentes quebrados.

Após uma pausa, ela prosseguiu, pensativa:

– Ele era um homem corajoso. Não implorou. Disse a eles as mesmas coisas que já tinha dito antes, mas meu irmão contou que dessa vez foi diferente. Antes, ele se mostrava intenso; morrendo, estava frio como a neve, e, por serem tão frias, suas palavras aterrorizaram os guerreiros. Mesmo quando ele já estava morto na neve, suas palavras pareciam continuar soando nos ouvidos dos guerreiros. Eles se deitavam para dormir, mas a voz dele aparecia em seus sonhos e os impedia de dormir. *Vocês serão esquecidos*, dizia ele. *As nações de iroqueses não mais existirão. Ninguém*

contará suas histórias. Tudo o que vocês são e já foram será perdido.

Com tristeza na voz, continuou a narrar a história:

– Eles se viraram na direção de casa, mas a voz dele os seguia. À noite, não conseguiam dormir por causa das palavras do mal em seus ouvidos. Durante o dia, ouviam gritos e sussurros vindos das árvores pelo caminho. Alguns diziam que eram apenas corvos chamando, mas outros diziam que não, que eles ouviam o desconhecido com clareza. Por fim, meu irmão disse que estava claro que aquele homem era um feiticeiro.

A idosa olhou para mim. *Je suis une sorcière*, eu dissera. Engoli em seco e levei a mão ao amuleto em meu pescoço.

– Meu irmão disse que deveríamos cortar a cabeça dele e então ele não mais falaria. Por isso, eles voltaram e cortaram a cabeça dele, e a amarraram aos galhos de um abeto. Mas, quando dormiam à noite, ainda ouviam a voz dele e acordavam com o coração em pânico. Os corvos tinham arrancado seus olhos, mas a cabeça ainda falava. Um homem muito corajoso disse que pegaria a cabeça e a enterraria muito longe. – Ela sorriu brevemente. – Esse homem corajoso era meu marido. Ele envolveu a cabeça em um pedaço de pele de veado e partiu com ela para o sul, e a cabeça ainda falava embaixo de seu braço o tempo todo, então ele precisou colocar protetores de cera de abelha nos ouvidos. Por fim, ele viu um grande cedro-vermelho e soube que ali era o lugar, porque o cedro-vermelho tem um espírito forte de cura. Então ele enterrou a cabeça embaixo das raízes da árvore e tirou a cera dos ouvidos, e não ouviu mais nada além do vento e da água. Voltou para casa e ninguém mais disse o nome de Dente de Lontra neste vilarejo, desde aquele dia até hoje.

A menina terminou de traduzir, olhando para a avó. Evidentemente, era verdade; ela nunca tinha ouvido essa história.

Engoli em seco e tentei respirar. A fumaça havia parado de subir enquanto ela falava; acumulava-se em uma nuvem baixa, e o ar estava tomado por um perfume narcótico.

As risadas do grupo tinham diminuído. Um dos homens se levantou e, cambaleando, foi para fora. Dois outros estavam deitados ao lado do fogo, meio adormecidos.

– E isso? – perguntei, segurando a opala. – A senhora viu? Era dele?

Tewaktenyonh esticou o braço como se fosse tocar a pedra, mas recuou.

– Há uma lenda – disse a menina, sem tirar os olhos da opala – de que serpentes mágicas carregam pedras na cabeça. Se você matar uma serpente dessas e pegar a pedra, ela lhe dará grande poder. – Ela se remexeu e eu não tive dificuldade em imaginar o tamanho da serpente que conseguiria carregar uma pedra como aquela.

A senhora falou de repente, fazendo um gesto de cabeça para a pedra. A menina se sobressaltou, mas repetiu as palavras obedientemente.

– Era dele – disse. – Ele a chamava de sua *tika-ba*.

Olhei para a intérprete, mas ela balançou a cabeça.

– *Tika-ba* – disse ela, pronunciando com clareza. – Não é uma palavra em inglês?

Balancei a cabeça, negando.

A história terminou, a senhora se recostou nas peles e me observou com atenção. Olhava para o amuleto em meu pescoço.

– Por que ele falou com você? Por que ele lhe deu isso? – Com a cabeça ela indicou minha mão, e meus dedos se fecharam sobre a opala num reflexo.

– Não sei – falei, mas ela havia me pegado desprevenida. Não tive tempo de preparar meu rosto.

Ela me lançou um olhar forte. Sabia que eu estava mentindo, mas como eu poderia dizer a verdade? Dizer a ela o que Dente de Lontra – fosse qual fosse seu nome verdadeiro – tinha sido? Muito menos que suas profecias eram verdadeiras?

– Acho que talvez ele tenha sido parte da minha... família – falei por fim, pensando no que Pollyanne havia me dito a respeito dos fantasmas dos ancestrais de uma pessoa. Não havia como saber de onde, ou quando, ele havia vindo; eu acreditava que ele devia ser um ancestral ou um descendente. Se não meu, de alguém como eu.

Tewaktenyonh se endireitou ao ouvir isso e olhou para mim, surpresa. Lentamente, o olhar desapareceu, e ela assentiu.

– Ele mandou você a mim para ouvir isso. Ele estava errado – disse ela, confiante. – Meu irmão disse que não devemos falar dele; devemos permitir que ele seja esquecido. Mas um homem não é esquecido enquanto houver duas pessoas na Terra. Uma para contar a história; a outra, para ouvir. Então...

Estendeu o braço e tocou minha mão, tomando o cuidado de não tocar a pedra. O brilho em seus olhos escuros e úmidos podia ser devido à fumaça do tabaco.

– Sou uma. Você, a outra. Ele não foi esquecido.

Fez um gesto para a menina, que se levantou silenciosamente e nos trouxe comida e bebida.

Quando afinal me levantei para voltar à casa onde estávamos abrigados, olhei para o grupo que bebia. O chão estava forrado de corpos roncando e o barril, vazio, tombado para o lado. Duas Lanças estava deitado de costas, com um sorriso tranquilo marcando as rugas de seu rosto. A menina, Ian e Jamie não estavam mais ali.

Jamie estava do lado de fora, esperando por mim. Sua respiração aparecia branca no ar da noite e os cheiros de uísque e tabaco exalavam de seu tartã.

– Você parecia estar se divertindo – falei, pegando seu braço. – Algum progresso?

– Acho que sim. – Caminhamos lado a lado pela grande clareira central até a casa onde estávamos acomodados. – Foi tudo bem. Ian estava certo, ainda bem; agora que eles viram que esse pequeno *ceilidh* não causou problema nenhum, acho que talvez se disponham a negociar.

Olhei para a fileira de casas com nuvens de fumaça e o brilho do fogo vindo das saídas de fumaça e das portas. Será que Roger estava dentro de uma delas agora? contei automaticamente, como fazia todos os dias – sete meses. O chão estava descongelando; se fizéssemos parte da viagem pelo rio, talvez pudéssemos completá-la em um mês – seis semanas, no máximo. Se partíssemos logo, teríamos tempo.

– E você, Sassenach? Parecia estar conversando muito com a senhora. Ela sabia alguma coisa sobre aquela pedra?

– Sim. Vamos entrar e eu contarei tudo.

Ele ergueu a pele na porta e eu entrei com a opala na mão. Eles não sabiam como ele a chamava, mas eu, sim. O homem chamado Dente de Lontra, que tinha vindo criar guerra, salvar uma nação, com dentes prateados. Sim, eu sabia o que era a *tika-ba*.

Sua passagem de volta não usada. Meu legado.

LORDE JOHN RETORNA

River Run, março de 1770

Phaedre havia trazido um vestido de Jocasta, de seda amarela, com saias grandes.

– Temos melhor companhia esta noite do que o velho Sr. Cooper ou o advogado Forbes – disse Phaedre com satisfação. – Teremos conosco um *lorde* de verdade, que tal?

Ela colocou uma carga grande de tecido na cama e começou a pegar objetos, dando ordens como um sargento.

– Aqui está, tire a roupa e vista esta cinta. Você precisa de algo forte para manter a barriga contida. Ninguém além dos pobres deixa de usar espartilhos. Sua tia, se não fosse cega, faria você se vestir adequadamente há muito tempo. Muito tempo. Depois, vista as meias e as ligas; não são lindas? Sempre gostei desse par com as folhinhas. Depois disso, vamos amarrar as anáguas e então...

– Que lorde? – Brianna pegou a cinta e franziu o cenho. – Meu Deus, do que isso é feito? Ossos?

– Ahã. A Srta. Jo não gosta de latão ou ferro baratos, com certeza. – Phaedre procurava algo, franzindo o cenho e murmurando para si mesma. – Onde estão as ligas?

– Não preciso delas. E quem é o lorde que está vindo?

Phaedre se ajeitou, olhando para Brianna por cima da seda amarela.

– Não precisa delas? – disse de modo reprovador. – Com uma barriga de seis meses? O que está pensando, menina? Quer jantar com um barrigão, com um lorde sentado ao lado olhando para você com seus óculos?

Brianna sorriu com aquela descrição, mas respondeu com considerável seriedade:

– Que diferença isso faria? O condado todo já sabe que estou grávida. Eu não me surpreenderia se aquele missionário... o Sr. Urmstone, não é?... fizesse um sermão a respeito disso.

Phaedre riu.

– Ele fez, há dois domingos. Mickey e Drusus estavam lá, e eles acharam bem engraçado, mas sua tia, não. Ela pediu ao advogado Forbes que o processasse pela calúnia, mas o velho reverendo Urmstone disse que não era calúnia se fosse a verdade.

Brianna olhou para a criada.

– E o que ele disse sobre mim?

Phaedre balançou a cabeça e voltou a mexer nas coisas.

– Você não quer saber – disse ela, séria. – Mas de qualquer modo, independentemente de o país saber, não é a mesma coisa que você ostentar a barriga na sala de jantar e deixar o lorde sem dúvida nenhuma, então use o espartilho.

Seu tom autoritário não deixava espaço para argumentos. Brianna vestiu a roupa rígida e Phaedre a amarrou com força. Sua cintura ainda era fina, e o volume restante na frente seria facilmente disfarçado pela saia e pelas anáguas volumosas.

Olhou para seu reflexo no espelho, com a cabeça e os cabelos pretos de Phaedre perto de suas coxas enquanto a criada ajustava as meias de seda verde como achava melhor. Brianna não conseguia respirar, e ser apertada daquele modo *não seria bom* para o bebê. As faixas passavam pela frente; assim que Phaedre saísse, ela as soltaria. Que se danasse o lorde, fosse quem fosse.

– E quem é esse lorde com quem jantaremos? – perguntou pela terceira vez, entrando obedientemente nos tecidos brancos que a criada segurava para ela.

– É o lorde John William Grey, da plantação de Mount Josiah, na Virgínia. – Phaedre disse as palavras com grande cerimônia, mas parecia meio decepcionada com o nome breve e simples do lorde. Ela preferiria, e Brianna sabia bem, um lorde FitzGerald Vanlandingham Walthamstead, se pudesse escolher. – Ele é amigo do seu pai, segundo a Srta. Jo – acrescentou de modo mais prosaico. – Pronto, assim está bom. A sorte é que você tem bons seios, pois este vestido é feito para eles.

Brianna esperava que isso não significasse que o vestido não cobriria seus seios; as faixas terminavam logo abaixo deles, empurrando-os para cima de modo a ficarem muito altos, como algo transbordando de uma panela. Seus mamilos a encaravam no espelho e tinham ganhado uma cor escura, como vinho de framboesa.

Mas não foi a preocupação com o que mostraria que fez com que ela não ouvisse o resto das ordens de Phaedre, e sim o casual “Ele é amigo do seu pai”.

Não era uma multidão; Jocasta raramente reunia muitas pessoas. Por depender de seus ouvidos para perceber as nuances das interações sociais, ela não arriscava causar comoção. Ainda assim, havia mais pessoas ali na sala de espera do que o normal: o advogado Forbes, claro, com sua irmã solteirona, o Sr. MacNeill e seu filho, o juiz Alderdyce e sua mãe, dois filhos solteiros de Farquard Campbell. Mas ninguém se parecia com o lorde de Phaedre.

Brianna sorriu com sarcasmo.

– Vamos deixar que eles vejam então – murmurou, endireitando as costas para que sua barriga ficasse protuberante à sua frente, brilhando sob a seda. Ela deu um tapinha encorajador nela. – Vamos, Osbert, sejamos sociáveis.

Sua chegada foi recebida por uma reação geral de cordialidade que a deixou levemente envergonhada do sarcasmo. Eram homens e mulheres gentis, incluindo Jocasta, e a situação, afinal, não era da conta *deles*.

Ainda assim, ela se divertiu com a expressão de choque que o juiz tentou esconder e o sorriso meigo demais de sua mãe, quando seus olhinhos marejados de papagaio perceberam a presença inquestionável de Osbert. Jocasta poderia dizer, mas a mãe do juiz disfarçaria, sem dúvida. Brianna olhou para a Sra. Alderdyce sorrindo.

O rosto envelhecido do Sr. MacNeill se contraiu levemente, com bom humor, mas ele fez uma reverência e perguntou sobre sua saúde sem qualquer sinal de embaraço. Quanto ao advogado

Forbes, se ele havia notado algo de estranho na aparência dela, disfarçou com o véu da discrição profissional e a cumprimentou com a delicadeza de sempre.

– Ah, Srta. Fraser! – disse ele. – Exatamente quem queríamos ver. A Sra. Alderdyce e eu estávamos discutindo amigavelmente uma questão de estética. Você, com sua delicadeza, daria uma opinião muito importante, se permitir que eu exponha o caso. – Pegando o braço dela, levou-a tranquilamente a seu lado, para longe de MacNeill, que ergueu uma sobancelha grossa para ela, mas não interferiu.

Ele a levou até perto da lareira, onde havia quatro caixas de madeira sobre a mesa. Tirando as tampas de modo cerimonioso, o advogado exibiu quatro joias, todas do tamanho de uma ervilha, cada uma sobre uma almofadinha de veludo azul-escuro, para destacar seu brilho.

– Penso em comprar uma dessas pedras – explicou Forbes. – Para fazer um anel. Eu as trouxe de Boston. – Sorriu para Brianna, claramente pensando que tinha vantagem na competição... e, a julgar pela cara de satisfação de MacNeill, ele tinha. – Diga, minha cara, qual você prefere? A safira, a esmeralda, o topázio ou o diamante? – Ele se virou, com o colete inflado por sua esperteza.

Pela primeira vez em sua gravidez, Brianna sentiu uma forte náusea. Ficou tonta e sem apoio, e as pontas dos dedos formigavam.

Safira, esmeralda, topázio, diamante. E o anel do pai tinha um rubi. Cinco pedras de poder, as pontas do pentagrama de um viajante, as garantias de uma passagem segura. Para quantos? Sem pensar, ela levou a mão de modo protetor à barriga.

Percebeu a armadilha para a qual Forbes acreditava que a atraía. Que ela tomasse uma decisão e ele lhe daria uma pedra ali mesmo, um pedido público que – ele pensou – faria com que ela fosse forçada a aceitá-lo de uma vez ou causaria uma cena desagradável ao rejeitá-lo totalmente. Gerald Forbes realmente não sabia nada sobre mulheres, ela pensou.

– Eu... ahn, não gostaria de dar minha opinião sem ouvir primeiro a escolha da Sra. Alderdyce – disse ela, forçando um

sorriso cordial e assentindo em direção à mãe do juiz, que pareceu surpresa e agradecida com tamanho respeito.

Brianna sentiu o estômago revirar e sorratamente passou as mãos suadas pela saia. Ali estavam, todas juntas e em um só lugar, as quatro pedras que ela pensou que demoraria uma vida inteira para encontrar.

A Sra. Alderdyce batia um dedo entortado pela artrite na esmeralda, explicando sua escolha, e Brianna não prestou atenção ao que a mulher dizia. Olhou para o advogado Forbes, e seu rosto redondo ainda refletia a esperteza. Ela foi tomada por um impulso selvagem.

Se dissesse sim agora, naquela noite, enquanto ele ainda tinha todas as quatro pedras... conseguiria fazer isso? Induzi-lo, beijá-lo, enganá-lo... e então roubar as pedras?

Sim, conseguiria... e depois, o quê? Fugir para as montanhas com elas? Deixar Jocasta arrasada e a propriedade em polvorosa, fugir e se esconder como um ladrão qualquer? E como chegaria às Índias antes de o bebê nascer? Fez um cálculo, sabendo que era loucura, mas ainda assim... poderia ser feito.

As pedras brilhavam e piscavam, tentação e salvação. Todos tinham ido olhar, as cabeças abaixadas sobre a mesa, murmurando com admiração, ignorando-a temporariamente.

Ela poderia se esconder, pensou, e os passos do plano se desdobraram inevitavelmente em sua mente, mesmo que ela não quisesse. Roubar um cavalo, seguir para o vale Yadkin. Apesar da proximidade do fogo, ela estremeceu, sentindo frio ao pensar em fugir na neve do inverno. Mas sua mente não parou.

Poderia se esconder nas montanhas, na cabana dos pais, e esperar que eles voltassem com Roger. Se voltassem. Se Roger estivesse com eles. Sim, e se o bebê viesse primeiro e ela estivesse na montanha, totalmente sozinha e sem ninguém para ajudar, com nada além de um punhado de preciosidades?

Ou deveria ir de uma vez a Wilmington pegar um navio rumo às Índias? Se Jocasta estivesse certa, Roger não voltaria. Estaria ela sacrificando sua única chance de voltar esperando por um homem que estava morto – ou que, se não estivesse morto, poderia rejeitar a ela e a seu filho?

– Srta. Fraser?

O advogado Forbes esperava, tomado pela expectativa.

Ela respirou fundo, sentindo uma gota de suor escorrer entre os seios, por baixo das ligas soltas.

– São lindas, todas – disse ela, surpresa com seu modo calmo de falar. – Não poderia escolher uma delas, pois não gosto de nenhuma pedra em especial. Tenho gostos muito simples, receio.

Ela percebeu o brilho de um sorriso na expressão do Sr. MacNeill e o rosto muito corado de Forbes, mas então deu as costas para as pedras com educação.

– Acho que não esperamos o jantar – murmurou Jocasta em seu ouvido. – Se o lorde se atrasar...

Nesse momento, Ulysses apareceu à porta, elegante com sua roupa asseada, para anunciar o jantar. Com uma voz adocicada acima do burburinho, ele disse:

– Lorde John Grey, senhora. – E deu um passo para o lado.

Jocasta respirou satisfeita e tocou Brianna para que ela caminhasse em direção à figura esguia à porta.

– Ótimo. Seja a parceira dele no jantar, minha cara.

Brianna olhou para a mesa perto da lareira, mas as pedras não estavam mais lá.

Lorde John Grey foi uma surpresa. Ela já tinha ouvido a mãe falar de John Grey – soldado, diplomata, nobre – e esperava encontrar alguém alto e imponente. Mas ele era 15 centímetros mais baixo do que ela, de ossos delicados e magro, com olhos grandes e bonitos, pele clara e uma beleza quase feminina, exceto pelo queixo e a boca bem contornados.

Ele pareceu assustado ao vê-la – muitas pessoas tinham a mesma reação, intimidadas com o tamanho dela –, mas então passou a exercitar seu charme considerável, contando histórias engraçadas de suas viagens, admirando os dois quadros que Jocasta tinha pendurados na parede e espalhando a todos da mesa as notícias da situação política na Virgínia.

Ele não falou sobre o pai dela, o que a deixou contente.

Brianna ouvia as descrições que a Srta. Forbes fazia da importância de seu irmão com um sorriso amarelo. Cada vez mais, ela tinha a impressão de estar se afundando em um mar de intenções gentis. Eles não podiam deixá-la em paz? Jocasta não podia esperar alguns meses?

—... e a pequena moenda que ele acabou de adquirir, em Aversboro. Minha nossa, o homem sabe negociar, posso dizer!

Não, não podiam, ela pensou, meio desesperada. Eles não podiam deixá-la em paz. Eram escoceses, gentis mas práticos, e com convicção de sua perfeição – a mesma convicção que matara ou exilara metade deles depois da Batalha de Culloden.

Jocasta gostava dela, mas claramente havia decidido que seria tolice esperar. Por que sacrificar a chance de um casamento bom, sólido e respeitável pela esperança boba de um amor romântico?

O pior era que ela sabia que esperar era tolice. De todas as coisas nas quais vinha tentando não pensar havia semanas, essa era a pior, e ali estava, entrando em sua mente como a sombra de uma árvore morta, seca contra a neve.

Se. Se eles voltassem... se, se, SE. Se seus pais voltassem, Roger não estaria com eles. Ela sabia disso. Eles não encontrariam os índios que o haviam levado. Como poderiam, em uma mata sem trilhas, com neve e lama? Ou encontrariam os índios e descobririam que Roger estava morto... devido a ferimentos, doenças, tortura.

Ou ele seria encontrado vivo e se recusaria a voltar, não desejaria vê-la de novo. Ou voltaria com aquela ideia maluca de honra escocesa, determinado a tê-la, mas odiando-a por isso. Ou voltaria, veria o bebê e...

Ou nenhum deles voltaria. *Vou trazê-lo de volta para você ou eu mesmo não voltarei.* E ela viveria ali sozinha para sempre, afogada nas ondas da própria culpa, o corpo inchado pelas boas intenções, ancorado por um cordão umbilical ao filho cujo peso morto a havia puxado para baixo.

– Srta. Fraser! Srta. Fraser, está bem?

– Não muito, não – disse ela. – Acho que vou desmaiar. – E desmaiou, sacudindo a mesa com um baque quando caiu para a frente em um mar revolto de porcelana e linho branco.

A maré havia mudado de novo, ela pensou. Foi tomada por uma inundação de gentileza enquanto as pessoas andavam de um lado para outro, trazendo bebidas quentes e um apoio para os seus pés, e a sentaram aquecida no sofá da pequena sala, com um travesseiro na cabeça e saís no nariz, e um xale grosso sobre as pernas.

Finalmente eles se foram. Ela queria ficar sozinha. E, agora que sabia a verdade em sua mente, poderia chorar por todas as perdas, pelo pai e pelo namorado, pela família e pela mãe, pela perda do tempo e do lugar e por tudo que ela poderia ter sido e nunca seria.

Mas não conseguiu.

Tentou. Tentou retomar a sensação de terror que sentira na sala de estar, sozinha no meio da multidão. Mas agora que de fato estava sozinha, paradoxalmente, ela não sentia mais medo. Uma das escravas da casa deu uma espiada, mas ela balançou a mão, mandando a garota embora.

Bem, ela também era escocesa...

– Bem, meio – murmurou, levando a mão à barriga, e tinha direito de ser teimosa. Eles *voltariam*. Todos eles: a mãe, o pai, Roger. Parecia que aquela convicção era feita de penas, e não de ferro... mas era dela. E ela se prendia a ela como se fosse uma tábua de salvação, até que fosse arrancada dela e se afogasse.

A porta da sala se abriu, mostrando a figura alta e esguia de Jocasta contra o corredor iluminado.

– Brianna? – O rosto ovalado e pálido se virou para o sofá; será que ela adivinhara onde eles a haviam colocado ou conseguia ouvir a respiração de Brianna?

– Estou aqui, tia.

Jocasta entrou na sala, seguida por lorde John, com Ulysses trazendo uma bandeja de chá logo atrás.

– Como você está, menina? Acha melhor eu chamar o Dr. Fentiman? – Ela franziu o cenho, pousando a mão sobre a testa da sobrinha.

– Não! – Brianna havia conhecido o Dr. Fentiman, um homem baixinho e de mão suada que acreditava piamente em soda cáustica e sanguessugas; só de vê-lo, ela estremecia. – Ahn... não. Obrigada, mas estou bem; só me senti mal por um momento.

– Ah, que bom. – Jocasta virou os olhos cegos para lorde John.
– O lorde vai para Wilmington de manhã; ele gostaria de se despedir, se você estiver bem.

– Sim, claro. – Ela se sentou, apoiando os pés no chão. Então o lorde não ficaria por muito tempo; isso seria uma decepção para Jocasta, não para Brianna. Mas, ainda assim, ela poderia ser educada por um momento.

Ulysses pousou a bandeja e saiu com passos suaves atrás de sua tia, deixando os dois sozinhos.

Ele puxou um banquinho bordado e se sentou, sem esperar convite.

– Está bem mesmo, Srta. Fraser? – Não quero vê-la prostrada entre as xícaras de chá. – Ele esboçou um sorriso, e ela corou.

– Estou bem – disse ela rapidamente. – O senhor tinha alguma coisa para me dizer?

Ele não se surpreendeu com sua brusquidão.

– Sim, mas pensei que preferiria que eu não comentasse na frente das pessoas. Sei que está interessada em saber do paradeiro de um homem chamado Roger Wakefield.

Ela estava se sentindo bem; quando ele disse aquilo, a onda de tontura ameaçou voltar.

– Sim. Como sabe... sabe onde ele está?

– Não. – Ele viu o rosto dela mudar e segurou sua mão. – Não, sinto muito. Seu pai havia escrito para mim, há cerca de três meses, pedindo ajuda para encontrar esse homem. Ele pensou que, se o Sr. Wakefield estivesse nos portos, poderia ter sido levado por uma gangue, e assim, agora estaria no mar em um dos navios de Sua Majestade. Perguntou se eu podia conversar com meus conhecidos nos círculos navais para saber se o Sr. Wakefield havia passado por isso.

Ela voltou a se sentir tonta, dessa vez também tomada pelo remorso, quando percebeu até onde seu pai tinha ido para tentar encontrar Roger para ela.

– Ele não está em um navio.

Ele pareceu surpreso com o tom de certeza dela.

– Não encontrei evidências da passagem dele entre Jamestown e Charleston. Ainda assim, existe a possibilidade de ele ter sido

levado à noite, e, nesse caso, sua presença na tripulação só seria registrada quando o navio chegasse ao porto. É por isso que viajarei amanhã para Wilmington, para fazer perguntas...

– Não precisa. Sei onde ele está. – Com o mínimo de palavras, ela repassou para ele os fatos básicos.

– Jamie... seu pai, ou melhor, seus pais... foram resgatar o homem dos iroqueses? – Aparentemente abalado, ele se virou e serviu duas xícaras de chá, entregando uma a ela sem perguntar se ela queria.

Ela a segurou entre as mãos, encontrando conforto no calor, e um conforto maior em poder falar francamente com lorde John.

– Sim, eu queria ir com eles, mas...

– Sim, compreendo. – Ele olhou para a barriga dela e tossiu. – Percebo que há certa urgência em encontrar o Sr. Wakefield.

Ela riu, apesar da tristeza.

– Posso esperar. Posso dizer uma coisa, lorde John? Já ouviu falar sobre *handfasting*?

Ele franziu as sobrancelhas claras momentaneamente.

– Sim – disse ele lentamente. – Um costume escocês de casamento temporário, não é?

– Sim. O que queria saber é se é legal aqui.

Ele passou a mão no rosto, pensando. Ou ele havia se barbeado recentemente, ou tinha pouca barba; estava tarde, mas a barba não aparecia em seu rosto.

– Não sei – disse ele por fim. – Nunca vi essa questão de acordo com a lei. Mas qualquer casal que viva junto como homem e mulher é considerado casado, pela lei. Acredito que o *handfasting* entre nessa categoria, não?

– Pode ser que sim, mas não estamos vivendo juntos – disse Brianna. Suspirou. – *Eu* acho que estou casada, mas minha tia, não. Continua dizendo que Roger não voltará, ou que, se voltar, ainda não estou juridicamente unida a ele. Até mesmo pelos costumes escoceses, não estou casada. Ela quer escolher um marido para mim... e nossa! Como está tentando! Pensei que o senhor fosse o mais novo candidato quando apareceu.

Lorde John pareceu se divertir com a ideia.

– Ah, isso explicaria o arranjo feito no jantar. Percebi aquele cavalheiro esforçado... Alderdyce? Um juiz? Ele parecia interessado em lhe dar mais atenção do que seria normal.

– Como se isso fosse bom para ele. – Brianna riu um pouco. – O senhor deveria ter visto os olhares que a Sra. Alderdyce lançava a mim durante todo o jantar. Ela não vai permitir que seu cordeirinho... meu Deus, ele deve ter 40 anos... se case com a prostituta da Babilônia. Ficaria surpresa se ela permitisse que ele voltasse a pisar aqui. – Levou a mão à barriga. – Acho que cuidei para que isso não aconteça.

Com uma sobrancelha erguida, Grey sorriu com sarcasmo. Pousou a xícara de chá na bandeja e pegou o decantador de xerez e um copo.

– Ahn? Bem, apesar de admirar a coragem de sua estratégia, Srta. Fraser... posso chamá-la de “minha cara?”, sinto informar que suas táticas não são adequadas ao terreno no qual decidiu aplicá-las.

– O que quer dizer com isso?

Ele se recostou na cadeira, o copo na mão, observando-a com gentileza.

– A Sra. Alderdyce. Por não ser cego, apesar de não ser nem de perto tão astuto quanto sua tia, eu vi que ela a observava. Mas você não entendeu a natureza de sua observação. – Ele balançou a cabeça, olhando para ela por cima da borda do copo enquanto bebericava. – Não era o olhar do respeito desfeito, de jeito nenhum. Era cobiça de avó.

Brianna se endireitou.

– O quê?

– Cobiça de avó – repetiu ele. Sentou-se e virou o copo, despejando o líquido dourado cuidadosamente. – Você sabe como é, o desejo urgente de uma senhora de ter netos em seu colo, de mimá-los com doces, deseducá-los, geralmente.

Levou o copo ao nariz e, com reverência, sentiu o aroma.

– Ah, ambrosia. Há dois anos, pelo menos, não bebo um xerez decente.

– O que... o senhor acha que a Sra. Alderdyce acha que eu... eu quero dizer, porque mostrei que estou... que posso ter filhos, que

ela tem certeza de que poderá conseguir netos por mim mais tarde? Que ridículo! O juiz poderia escolher qualquer moça mais saudável... de bom caráter – acrescentou, com amargura –, e certamente teria filhos com ela.

Ele tomou um gole, deixou a bebida atravessar sua língua e engoliu, aproveitando o resto do gosto antes de responder.

– Bem, não. Acho que ela sabe que ele não poderia. Ou não teria. Não faz diferença. – Ele olhou para ela diretamente, sem piscar os olhos azul-claros. – Você mesma disse, ele tem 40 anos e não se casou.

– Quer dizer que ele... mas ele é um juiz! – Assim que disse aquilo, percebeu como o comentário era idiota e tapou a boca com a mão, corando muito. Lorde John riu, ainda que com um pouco de sarcasmo.

– Mas você está certa; ele poderia escolher qualquer moça da região. Se ele decidiu não escolher... – Fez uma pausa delicada e então ergueu o copo a ela num brinde irônico. – Acredito que a Sra. Alderdyce percebeu que o casamento de seu filho com você é o melhor que pode esperar, se não a *única* coisa a esperar, para ter um neto que deseja com tanto fervor.

– Inferno! – Ela não conseguia acertar, pensou com desespero. – Não importa o que faço. Estou fadada. Eles me casarão com *alguém*, não importa o que eu faça!

– Perdoe-me, mas duvido – disse ele. Sorriu de lado, com certa dificuldade. – Pelo que observei, você tem a força da sua mãe e o senso de honra do seu pai. De qualquer modo, você conseguiria se livrar de tal armadilha.

– Não fale comigo a respeito da honra do meu pai. Foi ele quem me colocou nesta confusão!

Ele olhou para a cintura dela com ironia.

– Você me deixa chocada – disse ele educadamente, sem aparentar choque.

Ela sentiu o sangue subir para seu rosto mais uma vez, mais quente do que antes.

– Sabe perfeitamente bem que não é o que quero dizer!

Ele escondeu um sorriso atrás do copo de xerez, estreitando os olhos.

– Peço desculpas, Srta. Fraser. O que quis dizer, então?

Ela tomou um gole de chá para disfarçar sua confusão e sentiu o calor reconfortante descer pela garganta e pelo peito.

– Quero dizer – disse ela entre dentes – *nesta* confusão: ser colocada à mostra como se fosse uma peça de traços duvidosos. Ser erguida pelo pescoço como se fosse um gatinho órfão, na esperança de que alguém me aceite! Ser... ser deixada sozinha aqui, para começo de conversa – terminou, com a voz inesperadamente trêmula.

– Por que está sozinha aqui? – perguntou lorde John, delicadamente. – Pensei que sua mãe poderia...

– Ela queria ficar. Eu não deixei. Porque ela tinha que... ou melhor, ele... ah, é uma *confusão* maldita! – Ela abaixou a cabeça nas mãos e olhou para a mesa; não chorou, mas não faltava muito.

– Entendo. – Lorde John se inclinou para a frente e colocou o copo vazio de volta na bandeja. – É muito tarde, minha cara, e, se me perdoa dizer, você precisa descansar.

Ele se levantou e pousou a mão em seu ombro com delicadeza; estranhamente, pareceu um gesto apenas amigável, e não condescendente, como poderia ter sido o de outro homem.

– Parece que minha viagem a Wilmington se faz desnecessária. Acho que aceitarei o convite gentil de sua tia para permanecer aqui por um tempo. Conversaremos de novo e veremos se há pelo menos um paliativo para sua situação.

CHANTAGEM

O vaso sanitário era lindo, uma bela peça de imbuia lisa e entalhada que misturava beleza e conveniência. Especialmente conveniente em uma noite fria e chuvosa como aquela. Ela se atrapalhou com a tampa no escuro, iluminada pelas luzes que vinham da janela, e então se sentou, suspirando de alívio conforme a pressão em sua bexiga diminuía.

Evidentemente feliz com o espaço interno adicional oferecido, Osbert realizou uma série de cambalhotas preguiçosas, fazendo a barriga dela ondular em vagas fantasmagóricas por baixo da camisa de flanela branca. Levantou-se lentamente – fazia quase tudo lentamente nos últimos tempos –, sentindo-se agradavelmente dopada de sono.

Parou perto da cama desarrumada, olhando para a beleza dos montes e para as árvores molhadas pela chuva. O vidro da janela estava gelado ao toque, as nuvens rolavam pelas montanhas, carregadas, e os trovões rosnavam. Não estava nevando, mas era uma noite muito fria.

E como estaria nas montanhas nesse momento? Será que eles tinham chegado ao vilarejo onde seriam abrigados? Teriam encontrado Roger? Ela estremeceu sem querer, embora as brasas ainda ardessem na lareira e o quarto estivesse aquecido. Sentiu uma vontade irresistível de voltar para a cama com sua promessa de calor e, ainda mais, de sonhos nos quais ela pudesse escapar da perturbação crônica do medo e da culpa.

Mas se virou para a porta e pegou a capa pendurada no gancho atrás dela. A urgência da gravidez podia fazer com que ela precisasse usar o vaso em seu quarto, mas estava decidida a não permitir que nenhum escravo carregasse um penico para ela – não

enquanto pudesse caminhar. Envolveu-se com a capa, pegou o receptáculo de peltre com tampa do armário e foi em silêncio para o corredor.

Era muito tarde; todas as velas tinham sido apagadas e o cheiro das lareiras apagadas se espalhava pela escada, mas ela conseguia ver com clareza graças à luz dos raios enquanto descia os degraus. A porta da cozinha estava destrancada, um ato de descuido pelo qual agradeceu ao cozinheiro; não teria que fazer barulho esforçando-se para abrir a trava pesada com apenas uma das mãos.

A chuva congelante molhou seu rosto e passou por baixo da barra de sua camisola, fazendo-a puxar o ar, assustada. Quando o choque inicial do frio passou, ela começou a aproveitar; sua violência era deliciosa, o vento estava forte o bastante para erguer sua capa de tal modo que ela se sentiu leve pela primeira vez em meses.

Andou depressa para o lavatório, enxaguou o penico na água da chuva que escorria das calhas e então ficou de pé no quintal cimentado, deixando o ar fresco soprar em seu rosto e molhar as faces com a chuva. Não sabia se isso era expiação ou exultação – uma necessidade de dividir o desconforto que seus pais podiam estar sentindo ou um ritual mais pagão, uma necessidade de se entregar à ferocidade dos elementos. Fosse uma coisa ou as duas, ela se colocou embaixo da água que escorria da calha e deixou-a bater em seu couro cabeludo e molhar os cabelos e ombros.

Puxando o ar e sacudindo a água dos cabelos como um cão, deu um passo para trás – e parou ao ver um flash de luz repentino. Não era um raio, mas um feixe constante que brilhou por um momento e então desapareceu.

Uma porta do quarto dos escravos se abriu por um momento e logo se fechou. Alguém estava vindo? Sim, ela conseguiu ouvir os passos no chão de pedras e deu mais um passo de volta às sombras, porque a última coisa que queria era explicar o que estava fazendo ali fora.

A luz de um raio mostrou com clareza quando ele passou, e ela sentiu que o conhecia. Lorde John Grey, correndo em mangas de camisa e com a cabeça desprotegida, os cabelos claros soltos e

soprando ao vento, evidentemente alheio ao frio e à chuva. Passou sem vê-la e desapareceu embaixo do toldo da cozinha.

Ao perceber que corria o risco de ser trancada do lado de fora, ela correu atrás dele, desajeitada, mas ainda depressa. Ele estava fechando a porta quando ela bateu nela com o ombro. Entrou com tudo na cozinha e parou ali, pingando, e lorde John arregalou os olhos para ela, incrédulo.

– Bela noite para um passeio – disse ele, meio sem fôlego. – Não acha? – Ela afastou os cabelos molhados do rosto e, com um meneio de cabeça cordial, passou por ele e subiu a escada, seus pés descalços deixando pegadas em meia-lua na madeira escura e polida. Ela ficou atenta, mas não ouviu passos atrás dela ao chegar a seu quarto.

Deixou a capa e o vestido espalhados diante da lareira para secar e, depois de passar a toalha pelos cabelos e pelo rosto, subiu na cama, nua. Tremia, mas sentir os lençóis de algodão na pele nua foi ótimo. Espreguiçou-se, mexendo os dedos, e então rolou para o lado, encolhendo-se em seu centro de gravidade, deixando o calor constante de dentro sair e gradualmente chegar à pele, formando um pequeno casulo de calor ao redor dela.

Repasseu a cena mais uma vez na lembrança e, aos poucos, os pensamentos sombrios que estavam tomando sua mente havia dias se reuniram de modo racional.

Lorde John sempre a tratava com atenção e respeito – normalmente, com diversão ou admiração –, mas alguma coisa estava faltando. Ela não havia conseguido identificar – durante um tempo, nem sequer teve consciência disso –, mas agora sabia o que era, sem dúvida.

Estava acostumada, assim como a maioria das mulheres bonitas, à admiração descarada dos homens, e isso ela também recebia de lorde John. Mas, por baixo de tal admiração, costumava haver uma consciência mais profunda, mais sutil do que um olhar ou gesto, uma vibração como o toque distante de um sino, a consciência visceral de sua condição de mulher. Ela pensou ter sentido isso vindo de lorde John quando se conheceram, mas havia sumido em encontros subsequentes e ela havia concluído que devia ter se enganado a princípio.

Deveria ter percebido antes, pensou; ela já tinha visto essa indiferença antes, uma vez, no colega de quarto de um namorado. Mas lorde John disfarçava muito bem; talvez nunca tivesse percebido, não fosse por aquele encontro casual no jardim. Não, ele não se interessava por ela. Mas, quando saiu dos aposentos dos servos, estava em chamas.

Ela se perguntou brevemente se o pai sabia, mas afastou a possibilidade. Depois de suas experiências na prisão de Wentworth, ele não poderia manter como amigo pessoal um homem com tal preferência, como ela sabia ser o caso com lorde John.

Deitou-se de costas. O algodão liso dos lençóis roçou a pele nua dos seios e das coxas. Ela percebeu a sensação e, quando seus mamilos endureceram, ergueu a mão para envolver um seio num reflexo, sentindo a mão quente e grande de Roger na lembrança e uma onda repentina de desejo. Então, na lembrança, ela também sentiu o toque repentino de mãos mais ásperas, apertando e pressionando, e o desejo se transformou em fúria, em nojo. Virou-se de bruços, os braços cruzados à frente dos seios e o rosto enterrado no travesseiro, pernas trancadas e dentes rilhando numa defesa inútil.

O bebê era um volume grande e desconfortável; impossível se deitar daquele modo agora. Xingando baixinho, rolou, saiu da cama e ficou de pé de novo perto da janela, olhando para a chuva que caía. Os cabelos estavam úmidos nas costas e o frio entrava pelo vidro, atingindo a pele clara dos braços, coxas e barriga. Não tentou se cobrir nem voltar para a cama, mas ficou ali, a mão na barriga com delicadeza, olhando para fora.

Em pouco tempo, seria tarde demais. Ela já sabia, quando eles partiram, que era tarde demais – sua mãe também soubera. Mas nenhuma quis admitir isso à outra; as duas tinham fingido que Roger voltaria a tempo, que ele e ela navegariam até Hispaniola e encontrariam o caminho de volta pelas pedras... juntos.

Pousou a outra mão no vidro; rapidamente uma névoa de condensação subiu, contornando seus dedos. Era início de março; talvez tivesse mais três meses, talvez menos. Demoraria uma semana, talvez duas, para viajar até a costa. Mas nenhum navio arriscaria a perigosa travessia em março. Seria início de abril, na

melhor das hipóteses, quando a viagem pudesse ser feita. Quanto tempo até as Índias? Duas semanas, três?

Final de abril, então. E alguns dias para percorrer a ilha, encontrar a caverna; seria demorado passar pela floresta com mais de oito meses de gravidez. E perigoso, ainda que não importasse muito, pensando bem.

Assim seria se Roger chegasse agora. Mas ele não estava ali. Talvez nunca chegasse, apesar de essa ser uma possibilidade na qual ela relutava em pensar. Se não pensasse em todos os modos pelos quais ele poderia morrer, não morreria; era assim que sua teimosa fé funcionava. E, para ela, ele ainda não estava morto e sua mãe voltaria antes do nascimento do bebê. Quanto a seu pai... A ira ferveu de novo, como sempre acontecia quando ela pensava nele, nele ou em Bonnet, então ela tentava pensar nos dois o mínimo possível.

Ela rezava, claro, com fervor, mas não tinha sido feita para rezar nem para esperar; tinha sido feita para agir. Se ao menos pudesse ter ido com eles para encontrar Roger!

Mas não tivera escolha nisso. Cerrou a mandíbula e estendeu a mão sobre a barriga. Não tivera escolha em muitas questões. Mas fizera uma: ter seu filho, e agora teria que enfrentar as consequências disso.

Começou a tremer. Abruptamente, deu as costas para a tempestade e se aproximou do fogo. Uma pequena labareda brincava na parte de trás de uma acha de lenha escurecida e o centro das brasas brilhava dourado e branco.

Sentou-se no tapete em frente à lareira, fechando os olhos enquanto o calor enviava ondas de conforto sobre sua pele fria, acariciando-a como o toque de uma mão. Dessa vez manteve afastadas as lembranças de Bonnet, recusando que ele entrasse em sua mente, concentrando-se nas poucas lembranças boas que tinha de Roger.

...sinta meu coração. Diga se ele parar... Ela conseguia ouvi-lo, meio sem fôlego, meio engasgado entre o riso e a paixão.

E como diabos você pode saber? Os pelos encaracolados sob as palmas de suas mãos, as curvas rígidas e macias dos ombros dele, o pulsar na lateral do pescoço quando ela o havia colocado na

boca, querendo, com seu desejo, mordê-lo, sentir seu gosto, respirar o sal e a poeira da sua pele.

Os pontos escuros e secretos dele, que ela conhecia apenas pelo toque, lembrados como um peso suave, livre e vulnerável em sua mão, uma complexidade de curva e profundidade que se rendeu com relutância às pontas de seus dedos exploradores (*Ah, meu Deus, não pare, mas tome cuidado, sim? Oh!*), a seda enrugada que se tornava rígida e lisa, tomando sua mão, silenciosa e incrível como o caule de uma flor que se abre à noite enquanto você observa.

A delicadeza dele ao tocá-la (*Nossa, eu gostaria de poder ver seu rosto, saber como está sendo para você, se estou fazendo direito. Está bom aqui? Diga, Bree, fale comigo...*) enquanto ela o explorava, e então o momento quando ela o excitou demais, com a boca em seu mamilo. Sentiu de novo o poder repentino dele, quando perdeu todo o controle e a segurou, erguendo-a como se ela não pesasse nada, deitou-a de costas na palha e olhou para ela, meio hesitante enquanto se lembrava de sua pele, e então respondendo à demanda de suas unhas nas costas dele para que viesse a ela, forçando-a além do medo, para a aceitação, e finalmente sendo tomada por uma sensação que se igualava à dele, rompendo a última membrana de reticência entre os dois, unindo-os para sempre em uma mistura de suor, sangue e sêmen.

Ela gemeu alto, estremeceu e permaneceu parada, fraca demais até para afastar a mão. Seu coração batia com força, mas lentamente. A barriga estava dura como um tambor, e os últimos espasmos aos poucos relaxaram o ventre inchado. Metade de seu corpo estava tomada pelo fogo e a outra metade estava fria e escura.

Depois de um momento, rolou, apoiou-se nas mãos e nos joelhos e se afastou do fogo. Jogou-se na cama como um animal ferido e ficou ali meio chocada, ignorando as correntes de calor e de frio que passavam por ela.

Por fim se mexeu, puxou um cobertor sobre o corpo e ficou deitada olhando para a parede, as mãos cruzadas em proteção sobre o bebê. Sim, era tarde demais. A sensação e o desejo tinham que ser deixados de lado, assim como o amor e a raiva. Deveria

resistir à força irracional do corpo e da emoção. Havia decisões a serem tomadas.

Foram necessários três dias para que se convencesse de seu plano, para superar os próprios escrúpulos e, finalmente, conseguir um horário e um lugar adequados para pegá-lo sozinho. Mas ela era detalhista e paciente; tinha todo o tempo do mundo – quase três meses.

Na terça-feira, sua oportunidade chegou, finalmente. Jocasta estava fechada no escritório com Duncan Innes e os livros de contabilidade, Ulysses – com um olhar breve e indecifrável para a porta fechada do escritório – tinha ido à cozinha supervisionar a preparação de mais um jantar em homenagem ao lorde, e ela havia se livrado de Phaedre mandando-a de cavalo a Barra Meadows buscar um livro que Jenny Campbell lhe havia prometido.

Com um vestido azul que combinava com seus olhos, e um coração que batia em seu peito como um martelo, partiu para atacar sua vítima. Encontrou-o na biblioteca, lendo *Meditações*, de Marco Aurélio, perto das janelas francesas, e o sol da manhã iluminava seus ombros, fazendo os cabelos claros brilharem como caramelo.

Ele levantou o olhar do livro quando ela entrou – um hipopótamo teria entrado de modo mais gracioso, ela pensou contrariada, pois sua saia se prendeu na ponta de uma mesa de canto, afinal, ela estava nervosa – e o deixou de lado, levantando-se para cumprimentá-la com uma reverência.

– Não, não quero me sentar, obrigada. – Ela balançou a cabeça para a cadeira que ele lhe oferecia. – Estava pensando... ou melhor, pensei em sair para caminhar. Gostaria de ir comigo?

Havia gelo na madeira mais baixa da porta francesa e uma brisa fria soprava pela casa, pelas cadeiras, pelos móveis e pela lareira ali dentro. Mas lorde John era um cavalheiro.

– Não há nada de que eu gostaria mais – disse ele, com cavalheirismo, e deixou a leitura sem hesitação.

O dia estava claro, mas muito frio. Agasalhados com capas grossas, eles entraram no jardim da cozinha, onde as paredes altas os protegiam do vento, de certo modo. Trocaram comentários

simples a respeito da luz do dia, disseram um ao outro que não sentiam frio e passaram por um pequeno arco que dava para o herbário de paredes grossas. Brianna olhou ao redor; estavam sozinhos, e ela conseguiria ver qualquer um que se aproximasse. Então era melhor não perder tempo.

– Tenho uma proposta a fazer – disse ela.

– Tenho certeza de que qualquer ideia sua deve ser incrível, minha cara – disse ele, sorrindo levemente.

– Bem, não sei – redarguiu ela, e respirou fundo. – Mas aqui vai. Quero que você se case comigo.

Ele continuou sorrindo, evidentemente esperando a risada.

– Estou falando sério – disse ela.

O sorriso não foi embora totalmente, mas se alterou. Ela não sabia ao certo se ele estava abismado com a ousadia ou só tentando não rir, mas suspeitava ser o segundo caso.

– Não quero nada do seu dinheiro – disse ela. – Assinarei um papel dizendo isso. E você também não precisa viver comigo, ainda que provavelmente seja uma boa ideia eu ir à Virgínia com você, pelo menos por um tempo. Quanto ao que eu posso fazer por você... – Ela hesitou, sabendo ser o lado fraco da negociação. – Sou forte, mas isso não quer dizer muito para você, já que tem servos. Mas sou uma boa administradora. Posso cuidar da contabilidade, e acho que sei como administrar uma fazenda. E sei construir coisas. Poderia administrar sua propriedade na Virgínia enquanto você estivesse na Inglaterra. E... você tem um filho pequeno, não tem? Cuidarei dele, serei uma boa mãe para ele.

Lorde John havia parado no caminho enquanto ela falava. Agora se inclinava lentamente contra a parede de tijolos, olhando para cima em uma oração silenciosa pedindo compreensão.

– Meu Deus do céu – disse ele. – Vivi para ouvir uma oferta assim! – Então abaixou a cabeça e lançou a ela um olhar direto e penetrante. – Está maluca?

– Não – disse ela, tentando manter a compostura. – É uma sugestão perfeitamente razoável.

– Eu soube – disse ele com cuidado, olhando para a barriga dela – que as gestantes são um pouco... sensíveis, devido a seu estado. Confesso, no entanto, que minha experiência é

incrivelmente limitada no que diz respeito a... ou melhor, talvez eu devesse chamar o Dr. Fentiman?

Ela endireitou a postura, apoiou a mão na parede e se inclinou para ele, olhando-o de cima, ameaçando-o com seu tamanho.

– Não, não deveria – disse ela, controlando as palavras. – Ouça bem, lorde John. Não estou maluca, não sou frívola e não pretendo ser inconveniente, porém estou falando extremamente sério.

O frio havia avermelhado a pele clara dele e uma gota de suor brilhava na ponta de seu nariz. Ele a afastou com a dobra da capa, olhando-a com uma mistura de interesse e horror. Pelo menos, ele havia parado de rir.

Brianna se sentiu um pouco enjoada, mas teria que fazer isso. Esperava que pudesse ser evitado, mas parecia não haver outra maneira.

– Se não concordar em se casar comigo, vou expô-lo – disse.

– Vai fazer o quê? – Sua expressão normalmente tranquila desapareceu, deixando a confusão e a indignação em seu lugar.

Ela usava luvas de lã, mas seus dedos pareciam congelados. Assim como todo o corpo, exceto o volume quente de seu filho.

– Sei o que você estava fazendo na noite passada, no aposento dos escravos. Contarei a todo mundo: a minha tia, ao Sr. Campbell, ao xerife. Escreverei cartas – disse ela, os lábios parecendo adormecidos enquanto fazia a ameaça absurda. – Ao governador, e ao governador da Virgínia. Eles expõem pederastas aqui; o Sr. Campbell me contou.

Ele franziu o cenho; as sobrancelhas eram tão claras que mal apareciam em sua pele quando ficou de pé sob a luz clara. Pareciam as sobrancelhas de Lizzie.

– Afaste-se de mim, por favor.

Segurou o braço dela e o puxou para baixo com uma força que a surpreendeu. Ele era pequeno, mas muito mais forte do que ela pensara, e, pela primeira vez, ela sentiu medo do que estava fazendo.

Ele a segurou com firmeza pelo cotovelo e fez com que caminhasse para longe da casa. Ela pensou que talvez ele quisesse levá-la ao rio, fora da vista, para tentar afogá-la. Pensou que seria

improvável, mas resistiu à direção em que ele a levava e se virou para o caminho de ladrilhos quadrados do jardim da cozinha.

Lorde John não hesitou e foi com ela, ainda que isso significasse andar contra o vento. Só falou quando eles se viraram de novo e chegaram a um canto protegido perto da plantação de cebolas.

– Estou um pouco tentado a aceitar sua proposta indecente – disse ele finalmente, com os cantos dos lábios tremendo, e ela não sabia se aquilo se devia à fúria ou à diversão. – Certamente isso agradaria a sua tia. Irritaria sua mãe. E ensinaria você a não brincar com fogo, eu garanto.

Ela viu um brilho nos olhos dele que lhe deixou dúvidas a respeito de suas conclusões em relação às preferências dele. Ela se afastou um pouco.

– Ah, eu não tinha pensado nisso, que você poderia... homens e mulheres, quero dizer.

– Eu *fui* casado – disse ele com certo sarcasmo.

– Sim, mas eu pensei que provavelmente fosse o mesmo tipo de coisa que estou sugerindo agora, apenas um acordo formal, quero dizer. Foi o que me fez pensar no casamento, para começo de conversa, quando percebi que você... – Ela parou de falar com um gesto impaciente. – Está me dizendo que gosta de ir para a cama com mulheres?

Ele ergueu uma sobrancelha.

– Isso faria grande diferença em seus planos?

– Bem... – disse ela com incerteza. – Sim, sim, faria. Se eu soubesse disso, não teria sugerido.

– “Sugerido”, ela diz – murmurou ele. – Denúncia pública? Exposição? *Sugerido*?

O sangue subiu e corou o rosto dela, e ela ficou surpresa ao ver que o ar não se transformava em vapor ao redor das faces.

– Sinto muito – disse ela. – Eu não teria feito isso. Tem que acreditar em mim, eu não teria dito nada a ninguém. É que, quando você riu, pensei... bem, não importa. Se quisesse dormir comigo, eu não poderia me casar com você... não seria certo.

Ele fechou os olhos com força e os manteve assim por um minuto. Então abriu um dos olhos azuis e a fitou.

– Por que não? – perguntou.

– Por causa de Roger – disse ela, e ficou furiosa por ouvir a voz se embargar ao dizer o nome dele. Ainda mais furiosa quando sentiu uma lágrima escorrer por seu rosto. – Droga! – disse ela. – Que inferno! Eu nem queria *pensar* nele!

Secou a lágrima com raiva e cerrou a mandíbula.

– Talvez esteja certo – disse ela. – Talvez seja o fato de estar grávida. Choro o tempo todo, por nada.

– Duvido que seja por nada – disse ele em tom sério.

Ela respirou fundo, o ar frio entrando em seu peito. Havia mais uma carta na mesa, então.

– Se você gosta de mulheres... eu não poderia... quero dizer, não quero dormir com você regularmente. E eu não me importaria se você dormisse com outra pessoa, homem ou mulher...

– Agradeço por isso – disse ele, mas ela o ignorou, tomada apenas pela necessidade de dizer tudo.

– Mas entendo que você possa querer um filho de seu sangue. Não seria certo que eu o privasse disso. Posso lhe dar isso, acho. – Ela olhou para a própria barriga, os braços cruzados sobre ela. – Todo mundo diz que nasci para ter filhos – continuou com firmeza, olhando para o chão. – Eu... conseguiria até engravidar de novo. Você teria que incluir isso no contrato também... o Sr. Campbell poderia redigi-lo.

Lorde John massageou a testa, evidentemente sofrendo o ataque de uma dor de cabeça muito forte. Então abaixou a mão e segurou o braço dela.

– Venha e sente-se, menina – disse baixinho. – É melhor me contar que diabo está armando.

Ela respirou fundo para firmar a voz.

– Não sou uma menina – disse.

Ele a fitou e pareceu mudar de ideia a respeito de algo.

– Não, não é... que Deus nos ajude. Mas, antes de causar uma apoplexia em Farquard Campbell com sua ideia de um contrato de casamento adequado, imploro que se sente comigo por um momento e compartilhe as ideias do seu incrível cérebro.

Passou com ela pelo arco em direção ao jardim decorado, onde ficariam fora da vista das pessoas da casa. O jardim estava

sombrio, mas organizado. Todas as plantas mortas do ano anterior tinham sido arrancadas e caules secos cortados se espalhavam pelos canteiros. Apenas no canteiro circular ao redor da fonte seca havia sinais de vida: crocos verdes apareciam como pequenas agulhas, vívidos e intransigentes.

Sentaram-se, mas ela não conseguiu permanecer sentada. Não conseguiu encará-lo. Ele se levantou com ela e caminhou ao seu lado, sem tocá-la, mas mantendo o ritmo, o vento soprando os fios de cabelos louros em seu rosto, e se manteve calado, apenas ouvindo enquanto ela contava quase tudo.

– Então tenho pensado, e pensado – terminou ela. – E não chego a lugar nenhum. Consegue entender? Minha mãe e... meu Pa, eles estão por aí, em algum lugar... – Balançou a mão em direção às montanhas distantes. – Qualquer coisa poderia acontecer com eles... qualquer coisa pode ter acontecido com Roger. E aqui estou eu, sentada, cada vez maior, sem poder fazer nada!

Olhou para ele e passou as costas da mão enluvada embaixo do nariz que escorria.

– Não estou chorando – disse ela, mas estava, sim.

– Claro que não – disse ele. Pegou sua mão e a pousou em seu braço. – Ao redor, ao redor. – Ele olhava para o chão de piso maluco enquanto davam a volta na fonte.

– Sim, ao redor e ao redor da roseira – concordou ela. – E vai fazer *pop* em cerca de três meses. Eu tenho que fazer *alguma coisa* – concluiu, com tristeza.

– Acredite ou não, no seu caso, esperar é fazer alguma coisa, mas concordo que pode não parecer – respondeu com seriedade. – Por que você não espera para ver se a busca de seu pai será bem-sucedida? É porque seu senso de honra não permite que você tenha um filho sem pai? Ou...?

– Não tem a ver com a minha honra – disse ela. – Mas com a dele. De Roger. Ele... ele me seguiu. Desistiu de tudo... e veio atrás de mim, quando vim para cá encontrar meu pai. Eu sabia que ele viria, e ele veio. Quando descobrir isso... – fez uma careta, levando a mão à barriga protuberante. –... ele vai se casar comigo, vai sentir que é seu dever. E não posso permitir isso.

– Por que não?

– Porque eu o amo. Não quero que se case comigo por obrigação. E eu... – Ela contraiu os lábios. – Não farei isso. Já decidi e não farei.

Lorde John puxou a capa para cobrir mais o corpo quando uma rajada forte de vento soprou do rio. Cheirava a chá e folhas mortas, mas havia um toque de frescor; a primavera estava vindo.

– Compreendo – disse ele. – Bem, concordo com sua tia quando ela diz que você precisa de um marido. Mas por que eu? – Ergueu uma sobrancelha clara. – É pelo meu título ou pela minha riqueza?

– Por nenhum dos dois. Era porque eu tinha certeza de que você não gostava de mulheres – disse ela, lançando-lhe um de seus olhares sinceros.

– Eu gosto de mulheres – disse ele, exaltado. – Admiro e respeito as mulheres, e por muitas eu sinto afeição, entre elas a sua mãe, mas duvido que seja recíproco. Mas não busco prazer na cama delas. Estou sendo claro?

– Sim – disse ela, as linhas claras entre seus olhos desaparecendo como mágica. – Foi o que pensei. Viu, não seria certo que eu me casasse com o Sr. MacNeill, com Barton MacLachlan nem com nenhum desses homens, porque eu estaria prometendo algo que não poderia dar a eles. Mas você não quer isso, então não há motivos para eu não me casar com você.

Ele controlou uma vontade forte de bater a cabeça na parede.

– Com certeza há.

– Qual?

– Para dizer o mais óbvio, seu pai sem dúvida nenhuma quebraria meu pescoço!

– Por quê? – perguntou ela, franzindo o cenho. – Ele gosta de você; disse que você é um dos melhores amigos dele.

– Eu me sinto honrado por ter a estima dele – disse o lorde de modo breve. – No entanto, essa estima duraria muito pouco assim que Jamie Fraser descobrisse que a filha estava servindo de acompanhante e égua parideira para um sodomita degenerado.

– E como ele descobriria isso? – perguntou ela. – *Eu* não contaria a ele. – Então corou e, olhando para ele, repentinamente começou a rir, e ele a acompanhou.

– Bem, sinto muito, mas *você* disse isso – disse ela por fim, endireitando-se e secando os olhos com a barra da capa.

– Ah, meu Deus, eu disse. – Distraído, ele tirou uma mecha de cabelos da boca e secou o nariz com a manga de novo. – Inferno, por que não trouxe um lenço? Eu disse isso porque é verdade. Quanto a seu pai descobrir, ele já sabe muito bem desse fato.

– Sabe? – Ela parecia muito surpresa. – Mas pensei que ele nunca...

Ela viu de relance um avental amarelo; uma das empregadas da cozinha estava no jardim ao lado. Sem nada dizer, lorde John se levantou e lhe ofereceu a mão; ela se levantou e eles partiram pelo gramado seco, as capas esvoaçando como velas de barco atrás deles.

O banco de pedra embaixo do salgueiro não tinha o charme de sempre nessa época do ano, mas era, pelo menos, um local que os protegeria das rajadas de vento vindas do rio. Lorde John a viu sentada, sentou-se e espirrou com força. Ela abriu a capa e enfiou a mão no decote do vestido, tirando dali um lenço amassado que entregou a ele sem delongas.

O lenço estava quente e tinha o cheiro dela – um odor desconcertante de pele de moça, temperado com toques de lavanda e trevos.

– O que disse sobre me ensinar a não brincar com fogo? O que quis dizer com aquilo?

– Nada – disse o lorde, mas dessa vez foi ele quem corou.

– Nada, não é? – perguntou Brianna, e sorriu com ironia. – Foi uma ameaça, a meu modo de ver.

Ele suspirou e secou o rosto mais uma vez com o lenço.

– Você tem sido franca comigo – disse ele. – A ponto de me embaraçar, e mais do que isso. Então, sim, eu acho que... não, *foi* uma ameaça. – Fez um gesto simples de desistência. – Você se parece com seu pai, sabe?

Ela franziu o cenho para ele, e ficou claro que as palavras dele não tinham qualquer sentido. Então ela se deu conta. Endireitou-se e o encarou.

– Não *você*... não o Pa! Ele não poderia!

– Não – disse lorde John, muito sério. – Ele não poderia. Apesar de seu choque não ser um elogio. E, já que estamos falando disso, sob nenhuma circunstância eu tiraria vantagem de sua semelhança com ele... aquilo foi uma ameaça qualquer, assim como a sua ao dizer que me exporia.

– Onde você... conheceu meu pai? – perguntou ela com cuidado, esquecendo-se dos seus problemas devido à curiosidade.

– Na prisão. Você sabia que ele foi preso depois da Revolta?

Ela balançou a cabeça assentindo, mas franzia o cenho levemente.

– Sim. Bem. Digamos que eu cultivo sentimentos de afeto por Jamie Fraser, e isso já tem alguns anos. – Ele balançou a cabeça, suspirando. – E você vem oferecer seu corpo inocente, com ecos da carne dele... e ainda faz a promessa de me dar um filho que misturaria meu sangue ao dele. E tudo isso porque sua honra não permite que você se case com um homem que você ama ou que ame um homem com quem se case. – Parou de falar e escondeu a cabeça nas mãos. – Menina, você faria um anjo chorar, e Deus bem sabe que não sou nenhum anjo!

– Minha mãe acha que você é.

Ele olhou para a frente ao ouvir isso, surpreso.

– Ela acha *o quê*?

– Talvez ela não fosse *tão* longe – disse ela, ainda franzindo o cenho. – Mas diz que você é um bom homem. Acho que ela gosta de você, mas não quer gostar. Claro, compreendo o porquê agora; acho que ela deve saber... como você... hum... se sente em relação.... – Ela tossiu, escondendo o rosto corado com a capa.

– Inferno – murmurou ele. – Ah, inferno e maldição. Nunca deveria ter contado a você. Sim, ela sabe, mas, para ser sincero, não sei bem por que ela desconfia de mim. Não pode ser ciúme, certamente.

Brianna balançou a cabeça, mordendo o lábio inferior enquanto pensava.

– Talvez seja porque ela teme que você possa machucá-lo de alguma forma. Ela teme por ele, sabe?

Ele pareceu surpreso ao olhar para ela.

– Machucá-lo? Como? Será que ela pensa que vou vencê-lo à força e cometer indignidades depravadas com ele?

Ele falava baixinho, mas, ao ver um brilho nos olhos dela, parou. Segurou seu braço com mais força. Ela mordeu o lábio e então, delicadamente, tirou a mão dele, pousando-a no joelho.

– Você já viu meu pai sem camisa?

– Você se refere às cicatrizes nas costas dele?

Ela confirmou balançando a cabeça.

Ele tamborilou os dedos nos joelhos, sem emitir som.

– Sim, já vi. Eu causei aquilo.

Ela jogou a cabeça para trás, os olhos arregalados. A ponta de seu nariz estava muito vermelha, mas o resto de sua pele estava tão pálido que seus cabelos e sobrancelhas pareciam ter arrancado toda a vida dela.

– Não todas – disse ele, olhando para um canteiro de malvas-rosa secas. – Ele já tinha sido açoitado antes, o que tornou tudo pior... por ele saber o que estava fazendo quando fez.

– Fez... o quê? – perguntou ela. Lentamente, ela se ajeitou no banco e não se virou muito para ele, mas arrumou as roupas, como uma nuvem mudando de forma ao vento.

– Eu era o comandante da prisão de Ardsmuir; ele contou isso a você? Não, imaginei que não. – Fez um gesto impaciente, afastando as mechas de cabelos claros que cobriam seu rosto. – Ele era um oficial, um cavalheiro. O único oficial lá. Falava pelos prisioneiros jacobitas. Jantávamos juntos em meus aposentos. Jogávamos xadrez, conversávamos sobre livros. Tínhamos interesses em comum. Nós... nos tornamos amigos. E então... não mais.

Ele parou de falar.

Ela se afastou um pouco, com desgosto nos olhos.

– Quer dizer... que você o açoitou porque ele não...

– Minha nossa! Não! – Ele pegou o lenço e o passou com raiva no nariz. Jogou-o no assento entre eles e arregalou os olhos para ela. – Como ousa sugerir uma coisa dessas?!

– Porque você disse que fez aquilo!

– *Ele* fez.

– Não é possível açoitá-lo a si próprio!

Ele começou a responder e então resmungou. Ergueu uma sobancelha para ela, ainda bravo, mas retomando o controle dos sentimentos.

– Claro que é possível. Você tem feito isso há meses, de acordo com o que me disse.

– Não estamos falando sobre mim.

– Claro que estamos!

– Não, não estamos. – Ela se inclinou para ele, franzindo as sobancelhas. – Que diabos você quer dizer ao falar que ele fez aquilo?

O vento soprava por trás dela no rosto dele. Fez seus olhos arderem e marejarem e ele desviou o olhar.

– O que estou fazendo aqui? – murmurou para si mesmo. – Devo estar louco para estar falando com você desse jeito!

– Não me importa se você está louco ou não – disse ela, e o segurou pela manga. – Conte-me o que aconteceu!

Ele contraiu os lábios, e por um momento ela pensou que ele não contaria. Mas ele já tinha dito demais para parar, e sabia disso. E ergueu os ombros sob a capa e os abaixou de novo, desistindo.

– Éramos amigos. Então... ele descobriu meus sentimentos por ele. Deixamos de ser amigos, por escolha dele. Mas aquilo não era o bastante para ele: ele queria uma separação completa. Então resolveu criar uma situação tão drástica que alterasse nossa relação de modo irreparável e impedisse qualquer chance de amizade entre nós. Desse modo, ele mentiu. Durante uma busca nas celas dos prisioneiros, disse que um pedaço de tartã era dele. Apropriação era crime na época. Ainda é, na Escócia.

Ele respirou fundo e soltou o ar. Não conseguia olhar para ela, mas mantinha os olhos focados nas árvores sem folhas do outro lado do rio, nuas contra o céu claro da primavera.

– Eu era o comandante, tinha que executar a lei. Fui obrigado a açoitá-lo. E ele sabia muito bem que eu faria isso.

Inclinou a cabeça para trás, encostando-a na pedra entalhada no encosto do banco. Seus olhos estavam fechados contra o vento.

– Eu podia perdoá-lo por não me querer – disse com amargura. – Mas não pude perdoá-lo por me fazer usá-lo daquela maneira. A me forçar não só a feri-lo, mas também a degradá-lo. Ele não podia

apenas se recusar a receber meus sentimentos; tinha que destruí-los. Foi demais para mim.

Destroços eram levados pela ventania; galhos e gravetos partidos pela tempestade, uma tábua quebrada do casco de um navio, atingido em algum ponto rio acima. Ela pousou a mão sobre a dele, sobre o joelho dele. Sua mão era levemente maior que a dele e estava quente por ter se abrigado na capa.

– Houve um motivo. Não foi por sua causa. Mas é ele quem deve contar, se quiser. No entanto, você o perdoou – disse ela baixinho. – Por quê?

Ele se endireitou e deu de ombros, mas não afastou a mão dela.

– Tive que perdoar. – Lançou a ela um olhar direto e calmo. – Eu o odiei pelo tempo que consegui. Mas então percebi que amá-lo... fazia parte de mim, e uma das melhores partes. Não importava se ele não pudesse me amar, isso não tinha nada a ver com o sentimento. Mas, se eu não pudesse perdoá-lo, então não poderia amá-lo e essa parte de mim desapareceria. E descobri, por fim, que queria tudo de volta. – Sorriu levemente. – Então, veja, foi totalmente egoísta.

Ele apertou a mão dela naquele momento, levantou-se e puxou-a para que ficasse de pé.

– Venha, minha cara. Vamos acabar congelados se continuarmos sentados aqui.

Caminharam de volta em direção à casa, sem falar, mas juntos, de braços dados. Enquanto atravessavam os jardins, ele falou subitamente:

– Acho que você está certa. Viver com alguém que amamos sabendo que a pessoa só tolera a relação pela obrigação... não, eu também não faria isso. Se fosse apenas uma questão de conveniência e respeito dos dois lados, então sim; tal casamento é de honra. Desde que os dois lados sejam honestos... – Franziu os lábios brevemente ao olhar na direção dos aposentos dos empregados. – Não há necessidade de nenhum dos dois sentir vergonha.

Ela olhou para ele, afastando da frente dos olhos com a mão livre uma mecha de cabelos ruivos soprada pelo vento.

– Então, você aceita minha proposta? – A sensação de vazio em seu peito não parecia o alívio que ela esperara sentir.

– Não – disse ele abruptamente. – Posso ter perdoado Jamie Fraser pelo que fez no passado, mas ele nunca me perdoaria por me casar com você. – Sorriu para ela e deu um tapinha na mão pousada na curva de seu braço.

– Mas posso aliviá-la de seus pretendentes e de sua tia. – Ele olhou para a casa e viu as cortinas se mexerem atrás do vidro. – Você acha que tem alguém olhando?

– Pode apostar que sim.

– Ótimo.

Tirando o anel de safira que usava, lorde John se virou para ela e pegou sua mão. Tirou a luva dela e de modo cerimonioso escorregou o anel no seu dedo mínimo, o único em que o anel servia. Então ficou na ponta dos pés e beijou os lábios dela.

Sem dar tempo para que ela se recuperasse do susto, pousou a mão sobre a dela e virou-se mais uma vez em direção à casa, com a expressão tranquila.

– Venha, minha cara – disse. – Vamos anunciar nosso noivado.

JULGAMENTO POR FOGO

Eles foram deixados sozinhos o dia todo. A fogueira havia se apagado e não havia mais alimentos. Mas não importava, já que nenhum dos homens conseguiria comer e nenhum fogo teria esquentado o frio da alma de Roger.

Os índios voltaram no fim da tarde. Vários guerreiros, acompanhando um ancião vestido com uma camisa de renda e um manto de lã, o rosto pintado de vermelho e ocre – o *sachem*, que levava na mão um pequeno jarro de barro cheio de um líquido preto.

Alexandre havia vestido as roupas; ficou de pé quando o *sachem* se aproximou dele, mas nenhum deles falou nem se mexeu. O *sachem* começou a cantar com uma voz desafinada e velha e, enquanto cantava, enfiou um pé de coelho no jarro e pintou o rosto do padre de preto da testa ao queixo.

Os índios saíram e o padre se sentou no chão com os olhos fechados. Roger tentou falar com ele, oferecer água ou pelo menos mostrar que estava ao seu lado, mas Alexandre não teve reação e ficou parado como se fosse de pedra.

No fim do entardecer, finalmente ele falou.

– Não resta muito tempo – disse baixinho. – Pedi a você para rezar por mim. Não sabia pelo que queria que você rezasse: pela preservação da minha vida ou da minha alma. Agora, sei que nenhuma das duas coisas é possível.

Roger começou a falar, mas o padre ergueu a mão para detê-lo.

– Só há uma coisa que posso pedir. Reze por mim, irmão, para que eu morra bem. Reze para que eu morra em silêncio. – Olhou para Roger pela primeira vez, os olhos marejados, brilhando. – Não gostaria de envergonhá-la gritando.

Foi algum tempo depois de escurecer que os tambores começaram. Roger não os havia ouvido durante o tempo passado no vilarejo. Era impossível dizer quantos eram: o som parecia vir de todos os lados. Ele o sentia nos ossos e nas solas dos pés.

Os moicanos voltaram. Quando entraram, o padre se levantou rapidamente. Despiu-se e saiu, nu, sem olhar para trás.

Roger ficou sentado fitando a porta coberta com pele, rezando e ouvindo. Sabia o que um tambor podia fazer; ele mesmo já tinha feito – evocava surpresa e fúria com a batida em uma pele esticada, chamando os instintos profundos e escondidos de quem o ouvia. Mas saber o que estava acontecendo não tornava a coisa toda menos assustadora.

Não saberia dizer quanto tempo permaneceu ali ouvindo os tambores, ouvindo outros sons – vozes, passos e os barulhos de uma grande reunião –, tentando não ouvir a voz de Alexandre.

De repente, o batuque parou. Começou de novo, apenas alguns baques, e então parou de vez. Houve gritos e então uma cacofonia repentina de gritos. Roger se assustou e caminhou em direção à porta. O guarda ainda estava ali, no entanto, e espiou pela aba e fez gestos ameaçadores, com a mão em seu porrete.

Roger estacou, mas não conseguiu voltar à fogueira. Ficou parado no escuro, o suor escorrendo pelas costelas, ouvindo os sons vindos de fora.

Parecia que todos os demônios do inferno tinham sido soltos. O que, em nome de Deus, estava acontecendo lá fora? Uma luta horrorosa, obviamente. Mas contra quem e por quê?

Depois da primeira salva de gritos, a parte vocal havia diminuído, mas ainda se ouviam berros estridentes e ululações de todas as partes da clareira central. Havia baques também; gemidos e outros barulhos que indicavam combate violento. Algo bateu na parede da casa de sapê; a parede tremeu e uma tábuia de casca de madeira se rachou ao meio.

Roger olhou para a aba da porta; não, o guarda não estava ouvindo. Partiu para cima da tábuia e a quebrou com os dedos. Não foi bom; as fibras da madeira se enfiaram embaixo de suas unhas e

a tábua não cedeu. Desesperado, olhou pelo buraco que tinha feito, tentando ver o que acontecia do lado de fora.

Apenas uma faixa estreita da clareira central podia ser vista. Ele avistou a casa da frente, uma estreita faixa de terra e a luz tremulante de uma enorme fogueira. Sombras vermelhas e amarelas lutavam com as pretas, enchendo o ar de demônios furiosos.

Alguns dos demônios eram de verdade: duas figuras escuras apareciam e sumiam, presas em um abraço violento. Mais pessoas apareciam, correndo em direção à fogueira.

Então ele ficou tenso, pressionando o rosto contra a madeira. Entre os gritos incompreensíveis dos moicanos, podia jurar ter ouvido alguém gritar em *gaélico*.

Ouvira, sim.

– *Caisteal Dhuni!* – Soou o grito de alguém ali perto, seguido por um berro de arrepiar. Escoceses... homens brancos! Ele tinha que encontrá-los! Roger bateu os punhos na madeira rachada desesperadamente, tentando passar pela madeira à força. A voz em gaélico apareceu de novo.

– *Caisteal Dhuni!* – Não, espere... meu Deus. Era *outra voz*! E a primeira respondeu “*Do mi! Do mi!*” Para mim, para mim! Então uma nova onda de gritos moicanos cresceu e afogou as vozes – mulheres, eram mulheres gritando agora, as vozes ainda mais altas que as dos homens.

Roger se jogou de ombro contra a madeira; ela rachou e se abriu ainda mais, mas não cedeu. Tentou de novo, e uma terceira vez, sem sucesso. Não havia nada dentro da construção que pudesse ser usado como arma, nada. Em desespero, atacou a cama de um dos cubículos e a destruiu toda com as mãos e os dentes, rasgando-a até soltar parte da estrutura.

Pegou a madeira e puxou, balançou-a e puxou de novo até ela se soltar com um rangido, deixando-o ofegante e segurando um pedaço de madeira de 1,80 metro com uma ponta afiada. Encaixou essa ponta embaixo do braço e seguiu em direção à porta, mirando-a como uma lança na aba de pele.

Lançou-se no escuro e às chamas, ao ar frio e à fumaça, ao barulho que gelou seu sangue. Viu uma figura à sua frente e atacou.

O homem se esquivou e levantou o porrete. Roger não podia parar, não podia se virar, mas se abaixou, e o porrete bateu no chão a centímetros de sua cabeça.

Rolou para o lado e balançou a madeira sem cuidado. Ela acertou a cabeça do índio e o homem cambaleou e caiu em cima de Roger.

Uísque. O homem recendia a uísque. Sem parar para pensar, Roger se livrou do corpo que se remexia e ficou de pé, ainda com o porrete na mão.

Um grito soou às suas costas e ele se virou, batendo com toda a força enquanto se apoiava nos calcanhares. O choque do impacto reverberou por seus braços e pelo peito. O homem que ele havia acertado tentava pegar a madeira; ela foi afastada de seu alcance quando o homem caiu.

Levantou-se, estabilizou-se e caminhou em direção à fogueira. Era uma pira imensa. Labaredas formavam uma parede vermelha e escaldante, vívida contra a escuridão da noite. Por sobre as cabeças em movimento de quem observava, ele viu a figura escura no centro das chamas, braços abertos em um gesto de bênção, presos ao poste ao qual estava pendurado. Cabelos compridos esvoaçantes, mechas iluminadas pelas chamas, cercando a cabeça em uma auréola dourada, como a de Cristo em um missal. Então algo bateu na cabeça de Roger e ele desabou como uma pedra.

Não perdeu a consciência. Não conseguia enxergar nem se mexer, mas ainda conseguia ouvir. Havia vozes atrás dele. O grito ainda estava ali, porém mais fraco, quase um som de fundo, como o ronco do oceano.

Sentiu-se a subir no ar, e o estalo das chamas aumentou, combinado com o rugido em seus ouvidos... Cristo, eles o jogariam no fogo! Virou a cabeça com esforço e a luz ardeu sobre suas pálpebras fechadas, mas seu corpo teimoso não se movia.

O rugido diminuiu, mas, paradoxalmente, ele sentiu o ar quente soprar em seu rosto. Caiu no chão, meio quicando, e rolou, parando com o rosto no chão, os braços tortos. Sentiu a terra fria sob seus dedos.

Respirou. Mecanicamente, uma respiração por vez. Muito lentamente, a sensação de tontura começou a diminuir.

Havia barulho muito longe dali, mas ele não conseguia ouvir nada ali perto, exceto sua respiração alta. Muito devagar, abriu um dos olhos. A luz da fogueira reluzia nos postes e nas tábuas, um eco fraco da claridade de fora. A casa. Ele estava dentro dela de novo.

Sua respiração estava alta e diferente em seus ouvidos. Tentou prendê-la, mas não conseguiu. Então percebeu que *já* estava prendendo a respiração; quem respirava com dificuldade era outra pessoa.

E essa pessoa estava atrás dele. Com imenso esforço, apoiou-se nas mãos e se ergueu também com a ajuda dos joelhos, balançando, semicerrando os olhos devido à dor na cabeça.

– Jesus Cristo! – disse a si mesmo. Passou a mão com força pelo rosto e piscou, mas o homem ainda estava ali, a 2 metros dele.

Jamie Fraser. Deitado de lado de qualquer modo, um tartã vermelho enrolado no corpo. Metade de seu rosto estava escurecida pelo sangue, mas não havia como não o reconhecer.

Por um momento, Roger só olhou para ele, sem expressão. Durante meses, a maior parte de seu tempo acordado tinha sido dedicada a imaginar um encontro com aquele homem. Agora estava acontecendo, e parecia simplesmente impossível. Não havia espaço para nenhum sentimento que não fosse surpresa.

Passou a mão no rosto de novo, afastando a névoa do medo e da adrenalina. O que... *o que* Fraser estava fazendo ali?

Quando o pensamento e o sentimento se uniram de novo, seu primeiro sentimento reconhecível não foi fúria nem susto, mas uma explosão absurda de alívio e alegria.

– Não foi ela – murmurou, e as palavras soaram fracas e roucas em seus ouvidos, depois de tanto tempo sem falar inglês. – Ah, Deus, não foi ela!

Jamie Fraser só podia estar ali por um motivo: resgatá-lo. E, nesse caso, era porque Brianna havia feito com que ele fosse. Tivesse sido um mal-entendido ou a maldade a causa do seu sofrimento dos últimos meses, não tinha sido culpa dela.

– Não foi ela – repetiu. – Não foi ela. – Estremeceu, tanto pela náusea quanto pelo baque e pelo alívio.

Pensara que viveria vazio para sempre, mas, de repente, havia algo ali: algo pequeno, mas muito sólido. Algo que ele podia manter

no coração. *Brianna*. Ele a tinha de novo.

Ouviu-se mais uma série de berros estridentes vinda de fora; um ulular que não terminava, atingindo sua carne como mil pregos. Moveu-se e sentiu um novo arrepio, e todos os outros sentimentos diminuíram diante da percepção renovada.

Morrer sabendo que Brianna o amava era melhor do que morrer sem saber, mas ele não queria morrer. Lembrou-se do que tinha visto do lado de fora; sentiu um nó na garganta, mas tentou ignorá-lo.

Com a mão trêmula, começou a fazer o sinal da cruz, já pouco familiar.

– Em nome do Pai – sussurrou, e então parou. – Por favor, por favor, não permita que ele estivesse certo.

Arrastou-se com dificuldade até o corpo de Fraser, torcendo para que o homem ainda estivesse vivo. Estava. O sangue escorria do ferimento na têmpora de Fraser e, quando ele encostou os dedos no pescoço do homem, sentiu uma pulsação constante.

Havia água em uma das painelas embaixo da estrutura estragada da cama; felizmente, não tinha sido derramada. Ele mergulhou a ponta do tartã na água e o usou para limpar o rosto de Fraser. Depois de alguns minutos nisso, as pálpebras do homem começaram a tremer.

Fraser tossiu, teve ânsia de vômito, virou a cabeça para o lado e vomitou. Então abriu os olhos e, antes que Roger pudesse falar ou se mexer, ele apoiou um joelho no chão, a mão na *sgian dhu* em sua cintura.

Olhos azuis se arregalaram para ele, e Roger ergueu um braço para se defender. Então Fraser piscou, balançou a cabeça, gemeu e se sentou no chão de terra.

– Ah, é você – disse. Fechou os olhos e gemeu de novo. Em seguida, levantou a cabeça, os olhos azuis atentos, mas dessa vez tomados de susto, e não de fúria. – Claire! – exclamou. – Minha esposa, onde ela está?

Roger ficou boquiaberto.

– Claire? Você a trouxe *aqui*? Trouxe uma mulher para *isto*?

Fraser lhe lançou um olhar de extremo desgosto, mas não desperdiçou palavras. Levando a mão à faca presa à cintura, olhou

para a porta. A aba de pele estava abaixada; não dava para ver ninguém. O barulho do lado de fora havia cessado, mas o burburinho ainda era percebido. De vez em quando, alguém se destacava, gritando ou levantando a voz em exortação.

– Há um guarda – disse Roger.

Fraser olhou para ele e ficou de pé rápido como uma pantera. O sangue ainda escorria pela lateral do seu rosto, mas isso não pareceu incomodá-lo. Em silêncio, encostou-se na parede, arrastou-se até a beira da aba e a empurrou para o lado com a ponta da pequena faca.

Fraser fez uma careta ante o que viu, deixou a aba voltar ao lugar, virou e se sentou, guardando a faca na cintura.

– Há uma dúzia deles do lado de fora. Isso é água? – Estendeu a mão e Roger silenciosamente pegou água numa cuia e entregou a ele. Jamie bebeu bastante, espirrou água no rosto e despejou o resto na cabeça.

Fraser passou a mão sobre o rosto abatido e então abriu os olhos vermelhos e olhou para Roger.

– Wakefield, não é?

– Uso meu sobrenome agora. MacKenzie.

Fraser resmungou brevemente, sem achar graça.

– Fiquei sabendo. – Ele tinha uma boca grande e expressiva, como a de Bree. Os lábios se contraíram um pouco e então relaxaram. – Errei com você, MacKenzie, como sabe. Vim consertar as coisas, por mais que seja tarde, mas parece que não terei a oportunidade.

Fez um gesto breve em direção à porta.

– Por enquanto, você tem as minhas desculpas. O que quiser fazer comigo depois, eu aceitarei. Mas pediria a você para esperar até sairmos daqui em segurança.

Roger o encarou por um momento. A insatisfação pelos últimos meses de tormento e incerteza parecia algo tão distante quanto a ideia de segurança. Balançou a cabeça, concordando.

– Certo – disse.

Permaneceram em silêncio por um bom tempo. O fogo na cabana estava baixo, mas a madeira para alimentá-lo estava do

lado de fora; os guardas tomavam conta de tudo que pudesse ser usado como arma.

– O que aconteceu? – perguntou Roger por fim. Meneou a cabeça em direção à porta. – Lá fora?

Fraser respirou fundo e soltou o ar num suspiro. Pela primeira vez, Roger percebeu que ele mantinha o cotovelo do braço direito aninhado na palma da mão esquerda, e o braço, junto ao corpo.

– Não faço a menor ideia – disse ele.

– Eles queimaram o padre? Ele morreu? – Não poderia haver dúvidas a esse respeito depois do que ele tinha visto, mas, ainda assim, Roger quis perguntar.

– Ele era um padre? – Fraser ergueu as sobrancelhas ruivas com surpresa e voltou a abaixá-las. – Sim, ele morreu. E não só ele. – Um arrepio involuntário tomou conta do corpo grande do escocês.

Fraser não sabia o que eles pretendiam fazer quando os tambores começaram a soar e todo mundo se reuniu perto da grande fogueira. Todo mundo falava, mas, por saber muito pouco da língua moicana, ele não conseguiu entender o que estava acontecendo, e seu sobrinho, que falava a língua, não estava por perto.

Os brancos não tinham sido convidados, mas ninguém tentou afastá-los. E então ele e Claire ficaram no meio da multidão, curiosos, quando o *sachem* e o conselho saíram e o chefe começou a falar. Outro homem também tinha falado, com muita raiva.

– Então eles trouxeram o homem, totalmente nu, o amarraram a uma estaca e começaram a agredi-lo.

Fez uma pausa, os olhos sérios, e olhou para Roger.

– Posso dizer, rapaz, que já vi executores franceses manterem vivo um homem que queria morrer. Não foi pior do que aquilo... mas não foi melhor. – Fraser bebeu de novo, com vontade, e abaixou a cuia. – Tentei tirar Claire dali, pois eu não sabia se eles pretendiam nos atacar em seguida. – A multidão estava tão próxima deles, no entanto, que o movimento era impossível; não havia escolha a não ser continuar observando.

Roger sentiu a boca seca e pegou a cuia. Não queria perguntar, mas sentiu uma necessidade perversa de saber – por Alexandre ou por ele mesmo.

– Ele... gritou?

Fraser lhe lançou mais um olhar de surpresa e então a compreensão tomou sua face.

– Não – disse lentamente. – Ele morreu muito bem. Você conhecia o homem?

Roger assentiu, sem nada dizer. Era difícil acreditar que Alexandre tinha morrido, até mesmo ao ouvir aquilo. E *para onde* ele havia ido? Com certeza, ele não podia estar certo. *Não serei perdoado*. Com certeza, não. Nenhum Deus justo...

Roger balançou a cabeça com força, afastando o pensamento. Estava claro que Fraser não estava pensando na história dele, por mais terrível que fosse. Ficava olhando para a porta, com uma expressão de ansiedade. Estaria esperando resgate?

– Quantos homens trouxe com você?

Os olhos azuis brilharam surpresos.

– Meu sobrinho Ian.

– Só? – Roger tentou manter a incredulidade longe da voz, mas não conseguiu.

– Estava esperando o 78º Regimento da Guarda Negra? – perguntou Fraser com sarcasmo. Ficou de pé, remexendo-se, o braço unido ao corpo. – Eu trouxe uísque.

– Uísque? Isso teve algo a ver com a briga? – Ao se lembrar do fedor do homem que havia caído sobre ele, Roger meneou a cabeça em direção à parede da casa de sapê.

– Pode ser que sim.

Fraser foi até a parede com a tábua quebrada e espiou pela abertura para a clareira durante algum tempo, mas logo se voltou para a fogueira. As coisas estavam silenciosas do lado de fora.

O grande habitante das Terras Altas parecia mais do que indisposto. Seu rosto estava pálido e suado, com marcas escorridas de sangue seco. Roger silenciosamente serviu mais água, que foi aceita com o mesmo silêncio. Ele sabia muito bem qual era o problema de Fraser, e não eram os efeitos do ferimento.

– Quando a viu pela última...

– Quando a luta começou.

Sem conseguir permanecer sentado, Fraser pousou a cuia e se levantou de novo, caminhando dentro da casa como um urso

irritado. Parou e olhou para Roger.

– Tem como saber um pouco do que aconteceu aqui?

– Posso imaginar. – Ele contou a Fraser a história do padre, sentindo-se um pouco aliviado da preocupação enquanto fazia o relato. – Eles não a feririam – disse Roger, tentando acalmar a si mesmo e também Fraser. – Ela não teve nada a ver com isso.

Fraser resmungou com sarcasmo.

– Sim, ela teve. – De repente, ele bateu o punho no chão, num baque abafado de fúria. – Maldição!

– Ela está bem – repetiu Roger com teimosia. Não conseguia pensar o contrário, mas sabia o que Fraser também sabia muito bem: se Claire Fraser estivesse viva, sem ferimentos e livre, nada a teria impedido de procurar o marido. Quanto ao sobrinho desconhecido...

– Ouvi seu sobrinho... brigando. Ouvi quando ele chamou você. Parecia estar bem. – Ao dizer isso, sentiu que esse consolo era insuficiente. Fraser assentiu mesmo assim, com a cabeça apoiada nos joelhos.

– Ian é um bom rapaz – murmurou. – E tem amigos entre os moicanos. Deus permitirá que eles o protejam.

A curiosidade de Roger estava voltando, à medida que o susto da noite começava a diminuir.

– Sua esposa – disse ele. – O que ela fez? Como poderia estar envolvida nisso?

Fraser suspirou. Passou a mão sã no rosto e nos cabelos, esfregando até as mechas ruivas se arrepiarem e se despentearem.

– Eu não deveria ter dito isso – falou. – Não foi culpa dela nem um pouco. É só que... ela não vai ser morta, mas, meu Deus, se eles a machucarem...

– Não vão machucá-la – disse Roger com firmeza. – O que aconteceu?

Fraser deu de ombros e fechou os olhos. Jogou a cabeça para trás e descreveu a cena como se ainda a pudesse ver, gravada por dentro de suas pálpebras. Talvez pudesse.

– Não vi a garota no meio da multidão. Nem poderia descrever sua aparência. Só no fim eu a vi.

Claire permanecera ao lado dele, pálida e rígida em meio às pessoas gritando e empurrando. Quando os índios já tinham quase terminado o que faziam com o padre, eles o desamarraram do poste e prenderam suas mãos a uma tábua comprida, presa acima de sua cabeça, na qual o suspenderiam nas chamas.

Fraser olhou para ele, passando as costas da mão nos lábios.

– Já vi o coração de um homem ser arrancado de seu peito ainda batendo. Mas não tinha visto ninguém comer um coração antes. – Falou quase com timidez, como se pedisse desculpas pela situação. Chocado, ele tinha olhado para Claire. Foi então que viu a moça índia ao lado de Claire, com uma tábua de carregar bebês nos braços.

Com muita calma, a jovem entregou a tábua a Claire e então se virou e se meteu na multidão.

– Ela não olhou para a esquerda nem para a direita, só foi direto para a fogueira.

– O quê? – A garganta de Roger se fechou devido ao choque, a exclamação emergindo num gemido contido.

As labaredas envolveram a moça em instantes. Por ser mais alto do que as pessoas perto dele, Jamie tinha visto tudo com clareza.

– Suas roupas se incendiaram, e então, seus cabelos. Quando ela o alcançou, estava ardendo como uma tocha.

Ainda assim, ele tinha visto a silhueta escura de seus braços, erguidos para abraçar o corpo vazio do padre. Em poucos momentos, não era mais possível distinguir homem ou mulher; havia apenas uma figura negra em meio às labaredas.

– Foi então que tudo fugiu do controle.

Fraser encolheu um pouco os ombros largos e tocou o ferimento na têmpora.

– Só sei que uma mulher gritou, então outros berros se seguiram e, de repente, todo mundo estava fugindo ou lutando.

Ele próprio tentara fazer as duas coisas, protegendo Claire e sua carga enquanto tentava se afastar dos corpos em confronto. Mas havia pessoas demais. Sem conseguir escapar, ele havia empurrado Claire contra a parede de uma casa de sapê, pegara uma ripa de madeira com a qual os defenderia e gritara para Ian,

enquanto erguia o porrete improvisado para as todas pessoas descuidadas o suficiente para se aproximar.

– Então algum maldito pulou da fumaça e me acertou com seu porrete. – Ele deu de ombros, um ombro só. – Eu me virei para espantá-lo e vi três deles em cima de mim.

Algo o atingira na têmpora, e ele não viu mais nada até acordar dentro da cabana com Roger.

– Desde então, não vi Claire. Nem Ian.

O fogo havia se apagado e, dentro da cabana, o frio aumentava. Jamie abriu o broche, puxou o tartã ao redor dos ombros da melhor maneira que conseguiu com uma das mãos e se recostou na parede.

O braço direito provavelmente estava quebrado; ele havia sido atingido com um dos porretes de guerra logo abaixo do ombro, e o ponto atingido começara a doer loucamente de repente. Mas a dor não era tão intensa quanto a preocupação que sentia com Claire e o jovem Ian.

Estava muito tarde. Se Claire não tivesse se ferido na briga, provavelmente estava bem segura, disse a si mesmo. A anciã não permitiria que nada de mal fosse feito a ela. Mas quanto a Ian... ele sentiu um momento de orgulho pelo rapaz, apesar do medo. Ian era um ótimo guerreiro, e o crédito tinha de ser dado ao tio, que o ensinara.

Mas se ele tivesse sido derrubado... havia muitos selvagens, e com a briga tão acalorada...

Inquietou-se, tentando não pensar em ter que encarar a irmã com notícias ruins a respeito de seu filho mais novo. Cristo, ele preferiria que seu coração fosse arrancado e comido diante dos seus olhos; seria a mesma coisa.

Procurando distração – qualquer uma – para esquecer seus medos, ele se remexeu, observando o interior escuro da cabana. Não havia quase nada ali. Um jarro de água, uma cama quebrada, uma ou duas peles puídas servindo de proteção jogadas no chão de terra.

MacKenzie estava encolhido diante do fogo, protegendo-se do frio que só piorava. Os braços envolviam os joelhos, a cabeça estava abaixada. Estava meio virado e não percebeu que Jamie o observava.

Era difícil admitir, mas o rapaz era bonito. Pernas compridas e costas largas; ele lidaria bem com uma espada. Era tão alto quanto os MacKenzie de Leoch – e por que não?, pensou de repente. O rapaz era descendente de Dougal, ainda que fossem algumas gerações à frente.

Achou essa ideia perturbadora e estranhamente reconfortante. Ele havia matado homens quando necessário e, na maior parte do tempo, os fantasmas deles o deixavam dormir à noite sem grandes sustos. A morte de Dougal, no entanto, tinha sido revivida por ele mais de uma vez, e acordava suando com o som das últimas palavras silenciosas de Dougal ecoando em seus ouvidos; palavras ditas com sangue.

Não houvera a menor possibilidade de escolha; era matar ou ser morto, e ele passou perto das duas coisas. Mas Dougal tinha sido seu pai adotivo, e, para ser sincero, uma parte dele havia amado o homem.

Sim, confortava um pouco saber que uma pequena parte de Dougal havia restado. A outra parte dessa herança dos MacKenzie era um pouco mais problemática. Ele tinha visto os olhos do homem assim que acordou, verdes e atentos, e por um segundo sentiu o estômago se embrulhar, pensando em Geillis Duncan.

Ele queria sua filha ligada a uma cria de bruxa? Olhou para o rapaz discretamente. Talvez fosse bom o fato de o filho de Brianna não ter o sangue dele.

– Brianna – disse MacKenzie, erguendo a cabeça repentinamente. – Onde ela está?

Jamie se mexeu e uma dor forte como uma facada tomou seu braço e o deixou suando.

– Onde? – perguntou ele. – Em River Run, com sua tia. Está em segurança.

O coração batia em seus ouvidos. Cristo, será que o rapaz conseguia ler pensamentos? Ou tinha a Visão?

Os olhos verdes estavam firmes, intensos à luz baixa.

– Por que você trouxe Claire, e não Brianna? Por que ela não veio com vocês?

Jamie retribuiu o olhar frio do rapaz. Descobriria se ele sabia ler mentes ou não. Se não soubesse, a última coisa que pretendia contar a MacKenzie era a verdade; haveria tempo suficiente para isso quando – se – eles conseguissem sair dali em segurança.

– Eu deveria ter deixado Claire também, se acreditasse que poderia. Mas ela é muito teimosa. Exceto se a amarrasse pelas mãos e pelos pés, não poderia impedi-la de vir.

Algo brilhou nos olhos de MacKenzie: dúvida ou dor?

– Eu não pensaria em Brianna como o tipo de moça que dá muita atenção ao que seu pai diz – disse ele. Sua voz deixava transparecer algo. Sim, dor, e um pouco de ciúme.

Jamie relaxou levemente. Ele não lia mentes.

– Não? Bem, então talvez não a conheça tão bem assim – disse com simpatia, mas num tom sarcástico que faria alguns homens pularem em sua garganta.

MacKenzie não era esse tipo de homem. Ele se endireitou e suspirou.

– Eu a conheço bem – disse com a voz séria. – Ela é minha esposa.

Jamie se endireitou também e rilhou os dentes em um sibilo de dor.

– Não é mesmo.

As sobancelhas escuras de MacKenzie se franziram nesse momento.

– Fizemos *handfasting*, ela e eu. Ela não contou?

Não havia contado – mas ele não lhe dera muitas chances de contar. Furioso demais com a ideia de que ela fora para a cama com um homem, atacado por pensar que ela havia feito o próprio pai de bobo, orgulhoso como Lúcifer e sofrendo as dores do demônio por desejar que ela fosse perfeita e descobrir que ela era tão humana quanto ele.

– Quando? – perguntou Jamie.

– No início de setembro, em Wilmington. Quando eu... um pouco antes de eu deixá-la.

A confissão foi dada involuntariamente e, pelo véu escuro da própria culpa, Fraser viu um reflexo dela no rosto de MacKenzie. Ele também merecia essa culpa, pensou. Se o covarde não a tivesse deixado...

– Ela não me contou.

Viu a dor e a dúvida nos olhos de MacKenzie com muita clareza. O rapaz temia que Brianna não o quisesse – pois, se quisesse, teria vindo. Ele sabia muito bem que nenhum poder da Terra ou de baixo dela impediria Claire de estar ao lado *d dele* se ela acreditasse que ele corria perigo – e sentiu uma onda de medo ao pensar nisso, pois onde estava ela?

– Acho que ela pensou que você não consideraria o *handfasting* uma forma legal de casamento – disse MacKenzie em voz baixa.

– Ou talvez ela própria não o considerasse como algo legal – sugeriu Jamie com crueldade. Poderia aliviar a mente do rapaz contando uma parte da verdade – que Brianna não tinha ido porque estava grávida –, mas não se sentia muito benevolente.

Estava escurecendo depressa, mas, ainda assim, ele viu o rosto de MacKenzie corar e suas mãos apertarem a pele de veado.

– Mas eu considero – disse Roger.

Jamie fechou os olhos e não falou mais nada. As últimas brasas do fogo se apagaram lentamente, deixando-os na escuridão.

OFÍCIO DE PADRE

O cheiro de coisas queimadas impregnava o ar. Passamos pela pira e não consegui deixar de olhar, de soslaio, para o monte de fragmentos chamuscados, de pontas esbranquiçadas com cinzas. Esperava que fosse madeira. Fiquei com medo de olhar direito.

Tropecei no chão congelado e minha acompanhante me segurou pelo braço, me puxou sem dizer nada e me empurrou em direção à casa de sapê onde dois homens estavam de guarda, agasalhados para se protegerem de um vento gelado que tomava o lugar e soprava as cinzas.

Eu não tinha dormido nem comido, apesar de terem me oferecido alimentos. Meus dedos e meus pés estavam frios. Ouvi lamúrias vindas da casa de sapê mais afastada no vilarejo e, mais alto do que elas, o canto ritual de uma canção de morte. Eles cantavam para a moça ou por outra pessoa? Estremeci.

Os guardas olharam para mim e deram um passo para o lado. Ergui a aba de pele da porta e entrei.

Estava escuro; a fogueira ali dentro estava tão apagada quanto a de fora. A luz acinzentada que entrava pela saída de fumaça fornecia claridade suficiente para que eu visse um monte de peles e tecidos no chão. Um pedaço de tartã vermelho apareceu em meio à confusão e senti uma onda de alívio.

– Jamie!

O monte se mexeu e se levantou. Vi a cabeça de cabelos desgrenhados de Jamie, alerta, mas bem abatido. Ao lado dele, havia um homem moreno, de barba, estranhamente familiar. Então ele se posicionou onde a luz incidia e vi seus olhos verdes em meio aos pelos.

– Roger! – exclamei.

Sem nada dizer, ele deixou os cobertores e me abraçou. Apertou tanto que eu mal conseguia respirar.

Estava muito magro; eu conseguia sentir cada uma de suas costelas. Mas não estava esquelético; cheirava mal, mas os cheiros normais de poeira e suor acumulados, não o bafo levedado da inanição.

– Roger, você está bem? – Ele me soltou e eu o examinei de cima a baixo, procurando sinais de ferimentos.

– Sim – disse ele. A voz estava rouca, de sono e de emoção. – Bree? Ela está bem?

– Ela está bem – garanti a ele. – O que aconteceu com seu pé? – Ele não vestia nada além de uma camisa puída e um trapo manchado ao redor de um dos pés.

– Um corte. Nada. Onde ela está? – Ele segurou meu braço, ansioso.

– Em um lugar chamado River Run, com sua tia-avó. Jamie não lhe contou? Ela está...

Fui interrompida por Jamie segurando meu outro braço.

– Você está bem, Sassenach?

– Sim, claro que estou... meu Deus, o que aconteceu com você? – Desviei a atenção de Roger momentaneamente para olhar para Jamie. Não foram a contusão forte em sua têmpora nem o sangue seco de sua camisa que chamaram minha atenção, mas o modo pouco natural com que ele segurou meu braço.

– Pode ser que meu braço esteja quebrado – disse. – Dói demais. Pode cuidar dele?

Sem esperar resposta, ele se virou, se afastou e sentou-se jogando o peso do corpo perto da cama quebrada. Dei um tapinha nas costas de Roger e fui atrás dele, tentando entender. Jamie não admitiria estar sentindo dor na frente de Roger Wakefield nem mesmo se tivesse sofrido uma fratura exposta.

– O que está aprontando? – sussurrei ao me ajoelhar ao lado dele. Toquei seu braço rapidamente pela camisa; nenhuma fratura evidente. Rolei a manga para examinar melhor.

– Não contei a ele sobre Brianna – disse Jamie bem baixinho. – E acho melhor você não contar.

Fiquei olhando para ele.

- Não podemos fazer isso! Ele tem que saber.
- Fale baixo. Sim, talvez ele deva saber sobre o bebê, mas não sobre o outro, não sobre Bonnet.

Mordi o lábio, descendo a mão por seu bíceps. Ele tinha sofrido um dos piores hematomas que eu já tinha visto: um inchaço enorme azul-arroxeadado, mas eu tinha quase certeza de que o braço não estava quebrado.

Não sabia se concordava com sua sugestão.

Ele viu a dúvida em meu rosto e apertou minha mão.

- Ainda não; aqui, não. Vamos esperar, pelo menos até estarmos em segurança.

Pensei por um momento, enquanto rasgava a manga de sua camisa e a usava para improvisar uma tipoia. Saber que Brianna estava grávida já seria um choque. Talvez Jamie estivesse certo; não havia como saber como Roger reagiria às notícias sobre o estupro, e estávamos longe de ganhar a liberdade ainda. Melhor que ele estivesse com a mente clara. Por fim assenti, com relutância.

- Certo – disse em voz alta, e me levantei. – Não acho que esteja quebrado, mas a tipoia vai ajudar.

Deixei Jamie sentado no chão e fui até Roger, me sentindo como uma bola de pingue-pongue.

- Como está o pé? – Ajoelhei-me para desenrolar o trapo sujo, mas ele me deteve pondo uma mão em meu ombro, desesperado.

– Brianna. Sei que há algo errado. Ela está...

– Ela está grávida.

De todas as possibilidades que passavam pela mente dele, essa não era uma delas. Não é possível disfarçar tamanha surpresa. Ele piscou, como se eu tivesse acertado sua cabeça com um machado.

- Tem certeza?

– Ela deve estar de sete meses agora; dá para ver. – Jamie havia se levantado tão silenciosamente que nenhum de nós havia ouvido. Falava de modo frio, e parecia ainda mais frio, mas Roger não conseguia perceber sutilezas no momento.

A animação tomou seus olhos, e seu rosto ganhou vida.

- Grávida. Meu Deus, mas como?

Jamie pigarreou de modo sugestivo. Roger olhou para ele e então afastou o olhar.

– É que... nunca pensei...

– *Como?* Pois é, você não pensou, e é a minha filha quem paga sozinha o preço do seu prazer!

Roger olhou para a frente ao ouvir aquilo, arregalando os olhos para Jamie.

– Ela não está sozinha, de jeito nenhum! Eu disse que ela é minha esposa!

– Ela é? – perguntei assustada enquanto desenrolava o pano.

– Eles fizeram o *handfasting* – disse Jamie, muito contrariado. – Mas por que ela não contou sobre isso?

Pensei que podia responder a essa pergunta – de mais de uma maneira. Mas a segunda resposta não podia ser dada na frente de Roger.

Ela não tinha dito porque estava grávida e acreditava ser de Bonnet. Por pensar isso, deve ter achado que seria melhor não revelar ter feito o *handfasting*, para dar uma chance de Roger escapar... se quisesse.

– Provavelmente porque pensou que você não consideraria isso um casamento de verdade – falei. – Eu havia contado a ela sobre nosso casamento; a respeito do contrato e de como você insistiu para se casar comigo na igreja. Ela não quis contar nada a você porque pensou que não aprovaria. Queria deixá-lo feliz.

Jamie teve a decência de parecer envergonhado, mas Roger ignorou a discussão.

– Ela está bem? – perguntou, inclinando-se para a frente e pegando meu braço.

– Sim, está – garanti, esperando que ainda fosse verdade. – Ela queria vir conosco, mas é claro que não permitimos.

– Ela queria vir? – Seu rosto se iluminou, a alegria e o alívio bem claros, apesar dos pelos e da sujeira. – Então ela não... – Parou abruptamente e olhou para Jamie e para mim. – Quando encontrei... o Sr. Fraser na encosta da montanha, ele parecia estar pensando que ela... ela dissera...

– Um terrível mal-entendido – expliquei depressa. – Ela não havia contado sobre o *handfasting*, então, quando apareceu grávida,

nós... hum, pensamos... – Jamie estava matutando, olhando para Roger sem nenhum interesse, mas ficou alerta quando eu o cutuquei.

– Ah, sim – disse ele, um pouco a contragosto. – Um erro. Já pedi desculpas ao Sr. Wakefield e disse que farei o que puder para consertar isso. Mas temos outras coisas em que pensar agora. Você viu Ian, Sassenach?

– Não. – Percebi, pela primeira vez, que Ian não estava com eles, e senti medo dentro do peito. Jamie parecia sério.

– Onde passou a noite, Sassenach?

– Eu estava com... ah, Jesus!

Ignorei a pergunta dele por um momento, focada no pé de Roger. A carne estava inchada e vermelha em mais de metade do pé, com uma grave ulceração no canto de fora da sola. Apertei e senti as pequenas bolsas de pus embaixo da pele.

– O que aconteceu?

– Eu cortei o pé tentando fugir. Ele o amarraram e colocaram coisas em cima dele, mas tem infeccionado. Melhora, mas depois piora.

Ele deu de ombros; sua atenção não estava em seu pé, por mais assustadora que fosse sua aparência. Olhou para Jamie, decidido:

– Então Brianna não mandou vocês atrás de mim? Ela não pediu para vocês... se livrarem de mim?

– Não – disse Jamie, tomado pela surpresa. Sorriu brevemente, os traços tomados por um charme repentino. – Essa ideia foi minha.

Roger respirou fundo e fechou os olhos por um instante.

– Graças a Deus – disse, e voltou a abri-los. – Pensei que talvez ela tivesse... Nós tivemos uma briga horrorosa um pouco antes de eu deixá-la, e pensei que talvez fosse por isso que ela não havia contado sobre o *handfasting*, por ter decidido que não queria se casar comigo. – Havia suor em sua testa, devido à notícia ou por eu estar mexendo em seu pé. Ele sorriu com um pouco de dor. – Bater em mim até a morte ou me vender como escravo me pareceu um tanto extremo, até mesmo para uma mulher com o temperamento dela.

– Hummm. – Jamie corou. – Eu já pedi desculpas por isso.

– Eu sei.

Roger o fitou por um minuto. Respirou fundo e então se abaixou e afastou minha mão de seu pé com delicadeza. Endireitou-se e olhou Jamie nos olhos.

– Tenho algo para contar. Sobre por que que brigamos. Ela contou o que a trouxe aqui, para encontrar vocês?

– A notícia da morte? Sim, ela nos contou. Você acha que eu teria deixado Claire vir comigo se ela não tivesse contado?

– O quê? – Roger mostrou-se confuso.

– Não há como fazer as coisas dos dois jeitos. Se ela e eu morreremos na Cordilheira dos Frasers daqui a seis anos, não podemos ser mortos pelos iroqueses antes disso, não é?

Fiquei olhando para ele; essa conclusão me escapara. Era surpreendente: a imortalidade... por um tempo. Mas isso era pensar que...

– Isso é pensar que não se pode mudar o passado... que *nós* não podemos, quero dizer. Você acredita nisso? – Roger se inclinou um pouco para a frente, atento.

– Não faço a menor ideia. Você acredita?

– Sim – disse Roger depressa. – Acho que o passado não pode ser mudado. Foi por isso que fiz o que fiz.

– Fez o quê?

Ele passou a língua pelos lábios e continuou:

– Encontrei aquele anúncio da morte muito antes de Brianna. Mas pensei que seria inútil tentar mudar as coisas. Então... eu escondi dela. – Ele olhou para mim e para Jamie. – Então, agora vocês sabem, eu não queria que ela viesse; fiz tudo o que podia para mantê-la longe de vocês. Achei que seria perigoso demais. E... tive medo de perdê-la.

Para minha surpresa, Jamie estava olhando para Roger com aprovação.

– Você tentou mantê-la em segurança, então? Tentou protegê-la?

Roger assentiu, o alívio diminuindo a tensão de seus ombros, e perguntou:

– Então você compreende?

– Sim, compreendo. É a primeira coisa que ouço que faz com que eu tenha uma boa impressão de você, rapaz – respondeu Jamie.

Não era uma opinião que eu compartilhasse no momento.

– Você encontrou aquilo e não contou a ela?

Senti o sangue subindo para o meu rosto.

Roger viu meu olhar e desviou o seu.

– Não. Ela... hum... ela viu sozinha. Pensou... bem, ela disse que eu a havia traído e...

– E traiu! Você a traiu, e a nós! Dentre todas as... Roger, como pôde fazer uma coisa dessas? – reagi, irada.

– Ele fez o certo – disse Jamie. – Afinal...

Virei-me para ele com um olhar fulminante, interrompendo-o.

– *Não fez!* Ele escondeu dela de propósito, e tentou mantê-la longe... você não percebe? Se ele tivesse conseguido, você nunca a veria!

– Sim, eu sei. E o que aconteceu com ela não teria acontecido.

– Seus olhos eram de um azul profundo, e estavam firmes nos meus. – Não teria sido assim.

Engoli meu pesar e a raiva até achar que poderia falar de novo sem me engasgar.

– Acho que *ela* não teria escolhido isso – disse baixinho. – E, se tivesse sabido, poderia escolher.

Roger me interrompeu antes que Jamie pudesse retrucar:

– Você disse que o que aconteceu com ela não teria acontecido... está se referindo à gravidez? – Ele não esperou a resposta; já havia se recuperado totalmente do choque da notícia para começar a pensar, e rapidamente chegou às mesmas conclusões desagradáveis às quais Brianna chegara alguns meses antes. Virou a cabeça na minha direção, os olhos arregalados de choque.

– Ela está grávida de sete meses, você disse. Jesus! Ela não pode voltar!

– Não *agora* – falei, enfática. – Poderia assim que descobrimos. Tentei fazer com que ela voltasse para a Escócia, ou pelo menos para as Índias, onde há outra... abertura. Mas ela não concordou. Não queria ir sem descobrir o que havia acontecido com você.

– O que aconteceu comigo – disse ele, e olhou para Jamie.

Os ombros de Jamie ficaram tensos e ele contraiu a mandíbula.

– Sim – disse ele. – É minha culpa, e não há como remediar isso. Ela está presa aqui. E não posso fazer nada por ela... exceto levar você de volta.

E era por isso, percebi, que ele não quisera contar nada a Roger; por medo de que, quando ele percebesse que Brianna estava presa no passado, decidisse não voltar conosco. Segui-la para o passado era uma coisa; ficar lá para sempre com ela era algo totalmente diferente. Não tinha sido a culpa em relação a Bonnet que havia consumido Jamie durante a viagem, pensei, olhando para ele com carinho.

Roger o observou, totalmente sem palavras.

Antes que conseguisse falar, ouvimos um barulho de passos arrastados perto da porta da cabana. A aba foi erguida e vários moicanos entraram, um depois do outro.

Olhamos para eles, surpresos; havia cerca de quinze deles, homens, mulheres e crianças, todos vestidos para viajar, com calças e peles. Uma das mulheres mais velhas segurava um berço e, sem hesitação, aproximou-se de Roger e o colocou em seus braços, dizendo algo em moicano.

Ele franziu o cenho para ela, sem entender. Jamie, repentinamente alerta, inclinou-se para ela e disse algumas palavras. Ela lhe repetiu o que dissera, sem paciência, e então olhou para trás e fez um gesto para um jovem.

– Você é... sacerdote – disse ele a Roger. Apontou para o berço. – Água.

– Não sou sacerdote.

Roger tentou devolver o berço à mulher, mas ela se recusou a pegá-lo.

– *Favôô* – disse ela. – Batizá. – Fez um gesto a uma das mulheres mais jovens, que se aproximou segurando uma pequena cuia feita de osso cheia de água.

– Padre Alexandre... diz que você sacerdote, filho de sacerdote – disse o jovem.

Vi o rosto de Roger empalidecer por baixo da barba.

Jamie tinha dado um passo para o lado, murmurando para um homem que ele reconheceu na multidão. Então voltou para perto de nós.

– Isto foi o que sobrou das roupas do padre – disse suavemente. – O conselho mandou que eles partissem. Eles pretendem ir para a missão de Huron em Ste. Berthe, mas querem batizar a criança para o caso de ela morrer na viagem. – Olhou para Roger. – Eles acham que você é padre?

– É o que parece – Roger disse e olhou para a criança em seus braços.

Jamie hesitou, fitando os índios que esperavam, pacientemente, os rostos calmos. Eu só conseguia imaginar o que pensavam. Fogo e morte, exílio... o que mais? Havia marcas de pesar no rosto da mulher que trouxe o bebê; ela devia ser a avó dele, pensei.

– Em caso de necessidade – disse Jamie a Roger –, qualquer homem pode exercer o ofício de um padre.

Não imaginei que seria possível que Roger ficasse ainda mais pálido, mas ele ficou. Remexeu-se brevemente e a mulher, assustada, estendeu a mão para estabilizar o berço. Ele se equilibrou e meneou a cabeça para a jovem com a água, indicando-lhe que se aproximasse.

– *Parlez-vous français?* – perguntou, e as pessoas assentiram, algumas com certeza, outras com menos. – *C'est bien* – disse e, respirando fundo, ergueu o berço, mostrando a criança à congregação.

O bebê, de rosto redondo, com cachinhos castanhos e pele dourada, piscou sonolento ante a mudança de perspectiva.

– Ouçam as palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo – disse ele claramente em francês. – Obedecendo à palavra de Nosso Senhor Jesus, e certos de sua presença entre nós, batizamos aqueles que Ele chamou para serem seus.

Claro, pensei, observando. Ele *era* o filho de um sacerdote; já tinha visto, muitas vezes, o reverendo realizar o sacramento do batismo. Se não se lembrava de toda a cerimônia, parecia saber o principal.

Pedi que o bebê fosse passado de mão em mão entre as pessoas da congregação – como tinha sido combinado – seguindo e fazendo perguntas a cada pessoa ali presente em voz baixa.

– *Qui est votre Seigneur, votre Sauveur?* Quem é seu Senhor e Salvador? *Voulez-vous placer votre foi en Lui?* Tem fé Nele? Promete contar à criança a Boa-Nova do Evangelho e todos os mandamentos de Cristo e, com sua fé, fortalecer seus laços de família na casa de Deus?

Todos, à sua vez, assentiram em resposta.

– *Oui, certainement. Je le promets. Nous le ferons.* Sim, claro, prometemos.

Por fim, Roger se virou e entregou a criança a Jamie.

– Quem é seu Senhor e Salvador?

– Jesus Cristo – respondeu ele sem hesitação, e o bebê foi entregue a mim.

– Tem fé Nele?

Olhei para baixo para o rosto inocente e respondi por ele:

– Tenho.

Ele pegou o berço, entregou à avó e então, afundando um galho de junípero na cuia, aspergiu água na testa do bebê.

– Batizo você... – começou, e parou, com um olhar de pânico para mim, repentinamente.

– É menina – murmurei, e ele assentiu, erguendo o galho de junípero de novo.

– Batizo você, Alexandra, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, amém.

Depois que o pequeno grupo de cristãos partiu, não houve mais visitantes. Um guerreiro nos trouxe lenha para a fogueira, mas ignorou as perguntas de Jamie e saiu sem dizer nada.

– Você acha que eles nos matarão? – perguntou Roger de repente, depois de um período de silêncio. Sua boca se entortou na tentativa de sorrir. – *Me matarão*, é o que quero dizer. Vocês dois parecem estar seguros.

Ele não parecia preocupado. Olhando para as sombras e linhas profundas do seu rosto, pensei que ele estava simplesmente

exausto demais para ter medo.

– Eles não nos matarão – falei, e passei a mão pelas mechas dos cabelos.

Percebi que eu também estava exausta; não dormia há mais de 36 horas.

– Fiquei a noite passada na casa de Tewaktenyongh. O Conselho de Mães se reuniu lá.

Elas não tinham me contado nada; nunca contariam. Mas, ao fim das várias horas de cerimônia e discussão, a menina que falava inglês havia me dito tudo que queriam que eu soubesse antes de me mandarem a Jamie.

– Alguns dos jovens encontraram o esconderijo do uísque – falei. – Eles o trouxeram ao vilarejo ontem e começaram a beber. As mulheres acreditavam que eles não pretendiam fazer nada desonesto, que eles pensavam que a barganha já tinha sido feita. Mas então uma briga teve início entre eles, um pouco antes de acenderem a pira para... executar o padre. Uma briga começou e alguns dos homens correram para a multidão e... uma coisa levou a outra. – Passei a mão pelo rosto, tentando manter os pensamentos claros o bastante para falar. – Um homem foi morto na briga. – Olhei para Roger. – Eles acham que você o matou. Matou?

Ele balançou a cabeça, encolhendo os ombros de cansaço.

– Não sei. Eu... provavelmente. O que eles farão a respeito?

– Bem, elas demoraram muito para decidir, e ainda não foi determinado; mandaram a notícia ao conselho principal, mas o *sachem* ainda não decidiu. – Respirei fundo. – Não matarão você porque o uísque foi aceito e foi oferecido como pagamento da sua vida. Mas, como decidiram não nos matar em vingança, o que costumam fazer é adotar um inimigo na tribo em troca do homem morto.

Isso fez Roger sair de seu torpor.

– Me adotar? Eles querem me manter?

– Um de nós. Um de vocês. Não acho que eu seria uma boa substituta, já que não sou homem. – Tentei sorrir, mas não consegui. Todos os músculos do meu rosto estavam entorpecidos.

– Então eu devo ficar – disse Jamie baixinho.

Roger levantou a cabeça, assustado.

– Você mesmo disse: se o passado não pode ser mudado, então nada acontecerá comigo. Podem me deixar e, assim que eu puder, escaparei e irei para casa – disse Jamie.

Ele pousou a mão em meu braço antes que eu pudesse protestar.

– Você e Ian levarão MacKenzie de volta a Brianna. – Olhou para Roger, o rosto inexpressivo. – Afinal – disse –, ela só precisa de vocês dois.

Roger começou a argumentar, mas eu me intrometi.

– Que o Senhor me livre de escoceses teimosos! – falei. Arregalei os olhos para os dois. – Eles ainda não decidiram. Isso foi apenas o que o Conselho de Mães resolveu. Então não há motivos para brigar por isso até termos certeza. E, por falar em ter certeza – continuei, na esperança de distrair os dois –, onde está Ian?

Jamie olhou para mim.

– Não sei – disse ele, e vi que ele engoliu em seco. – Mas espero que esteja seguro na cama daquela moça.

Ninguém veio. A noite transcorreu em silêncio, mas nenhum de nós dormiu bem. Eu cochilava, devido à exaustão, mas acordava sempre que ouvia um barulho lá fora, e meus sonhos eram uma mistura maluca de sangue, fogo e água.

Era meio-dia quando ouvimos o som de vozes se aproximando. Meu coração saltou no peito quando reconheci uma delas, e Jamie se levantou antes de a aba da porta ser erguida.

– Ian? É você?

– Sim, tio. Sou eu.

Sua voz estava estranha: ofegante e incerta. Ele apareceu à luz da abertura para a saída da fumaça e eu me surpreendi, como se levasse um murro no estômago.

Os cabelos tinham sido raspados nas laterais do crânio; o que restava estava de pé numa crina grossa, e havia um rabo de cavalo comprido que descia pelas costas. Uma orelha tinha sido furada e ostentava um brinco de prata.

Seu rosto tinha sido tatuado. Duas linhas crescentes de pontos escuros e pequenos, a maioria ainda com pontinhas de sangue

seco, espalhadas pelas faces, encontrando-se na ponte do nariz.

– Eu... não posso ficar muito, tio – disse Ian. Parecia pálido sob as linhas de tatuagem, mas mantinha as costas eretas. – Eu disse que eles tinham que me deixar vir me despedir.

Os lábios de Jamie estavam pálidos.

– Jesus, Ian – murmurou ele.

– A cerimônia do nome é hoje à noite – disse Ian, tentando não olhar para nós. – Disseram que depois disso eu serei um índio e não devo falar nenhuma outra língua que não seja o *Kahnyen'kehaka*. Não posso falar inglês de novo, nem gaélico. – Sorriu com tristeza. – E sei que você não sabe muito da língua moicana.

– Ian, não pode fazer isso!

– Já fiz, tio Jamie – disse Ian com delicadeza e olhou para mim.

– Tia, pode dizer a minha mãe que eu não vou esquecê-la? Meu pai saberá, eu acho.

– Ah, Ian! – Abracei-o com força e ele me abraçou com gentileza.

– Vocês podem ir embora ao amanhecer – disse ele a Jamie. – Eles não impedirão.

Deixei que se fosse, e ele cruzou a cabana até onde Roger estava, surpreso. Ian estendeu a mão a ele.

– Sinto muito pelo que fizemos com você. Vai cuidar bem da minha prima e do bebê?

Roger pegou a mão dele e a apertou. Pigarreou e conseguiu falar:

– Vou. Prometo.

Então Ian se virou para Jamie.

– Não, Ian – disse ele. – Por Deus, não. Deixe que seja eu!

Ian sorriu, apesar de os olhos estarem marejados.

– Certa vez você me disse que minha vida não poderia ser desperdiçada. E não será. – Ele estendeu os braços. – Também nunca me esquecerei de você, tio Jamie.

Eles levaram Ian à beira do rio um pouco antes do pôr do sol. Ele tirou a roupa e entrou na água congelante, acompanhado por três mulheres, que o mergulharam, rindo e esfregando-o com punhados

de areia. Rollo corria de um lado para outro da barranca, latindo como louco, e então entrou no rio e participou do que claramente via como brincadeira, e quase afogou Ian fazendo isso.

Todas as pessoas que observavam da beira do rio acharam aquilo engraçado, menos os três brancos.

Assim que o sangue branco foi cerimonialmente esfregado do corpo de Ian, mais mulheres o secaram e o vestiram com roupas novas, e o levaram à casa do conselho para a cerimônia do nome.

Todo mundo se reuniu do lado de dentro; todo o vilarejo estava lá. Jamie, Roger e eu permanecemos em silêncio em um canto, observando enquanto o *sachem* cantava e falava sobre ele, os tambores retumbavam e o cachimbo era aceso e passado de mão em mão. A garota chamada Emily ficou perto dele, os olhos brilhando enquanto o admirava. Vi quando ele olhou para ela, e a luz que surgiu em seus olhos ajudou a diminuir um pouco a dor do meu coração.

Eles o chamaram de Irmão do Lobo. Seu irmão lobo estava sentado com a língua de fora aos pés de Ian, observando os procedimentos com interesse.

Ao final da cerimônia, o silêncio tomou a multidão e, naquele momento, Jamie saiu do canto. Todo mundo observou quando ele foi até Ian, e eu vi mais de um guerreiro ficar tenso, reprovando aquele momento.

Ele abriu o broche de seu tartã, desafivelou-o e deixou o tecido com marcas de sangue sobre o ombro do sobrinho.

– *Cuimhnich* – disse baixinho, e deu um passo para trás. *Lembre-se.*

Todos nós estávamos calados enquanto descíamos a trilha estreita que levava para fora do vilarejo, na manhã seguinte. Ian havia se despedido de nós com formalidade, ao lado de sua nova família. Não consegui ser tão fria e, ao ver minhas lágrimas, Ian mordeu o lábio para conter sua emoção.

Jamie o abraçou, beijou seus lábios e o deixou sem nada dizer.

Jamie realizou a tarefa de montar acampamento naquela noite com a eficiência de sempre, mas percebi que sua mente estava em

outro lugar. E não era à toa. A minha estava dividida entre a preocupação com Ian deixado para trás e Brianna, que encontraríamos adiante, com pouca atenção a dar às circunstâncias atuais.

Roger jogou uma carga de lenha ao lado da fogueira e se sentou ao meu lado.

– Tenho pensado – disse Roger, baixinho – sobre Brianna.

– É mesmo? Eu também. – Estava tão cansada que pensei que poderia me jogar nas chamas antes de esperar a água ferver.

– Você disse que há outra abertura, outro círculo – comentou ele. – Nas Índias? – Sim. – Pensei brevemente em contar a ele tudo sobre Geillie Duncan e a caverna em Abandawe, mas deixei essa ideia de lado. Não tinha energia para isso. Então afastei a névoa mental e entendi o que ele estava dizendo. – Aqui, você quer dizer? – indaguei. Olhei ao redor, como se esperasse ver um menir ameaçadoramente localizado às minhas costas.

– Não *aqui* – disse ele. – Em algum lugar entre aqui e a Cordilheira dos Frasers.

– Ah. – Tentei reunir meus pensamentos. – Sim, eu sei que há, mas... – Então percebi, e agarrei o braço dele. – Está dizendo que *sabe* onde é?

– Você sabia disso? – Ele olhou para mim, surpreso.

– Sim, eu... olhe... – Procurei em minha bolsa e tirei uma opala. Ele a pegou de minha mão antes que eu pudesse explicar.

– Veja! É o mesmo; esse mesmo símbolo está entalhado na pedra no círculo. Onde conseguiu isso?

– É uma longa história – falei. – Contarei depois. Mas por enquanto... você sabe onde fica o círculo? Já o viu?

Jamie, atraído por nossa ansiedade, veio ver o que estava acontecendo.

– Um círculo?

– Um círculo do tempo, uma abertura, uma... uma...

– Já estive lá – disse Roger, interrompendo minhas explicações gaguejadas. – Eu o encontrei por acidente quando tentava escapar.

– Poderia encontrá-lo de novo? Fica longe de River Run? – Minha mente fazia cálculos sem parar. Um pouco mais de sete meses. Se demorássemos seis semanas para voltar, Brianna estaria

de oito meses e meio. Poderíamos levá-la às montanhas a tempo? E se pudéssemos... qual seria o maior risco: atravessar a passagem do tempo prestes a dar à luz ou permanecer no passado para sempre?

Roger procurou na cintura da calça puída e tirou dali um barbante, sujo e cheio de nós.

– Aqui está – disse ele, segurando um nó duplo. – Foram oito dias depois do dia em que me pegaram. Oito dias depois da Cordilheira dos Frasers.

– E uma semana, pelo menos, de River Run à Cordilheira. – Respirei de novo, sem saber se sentia desapontamento ou alívio. – Nunca conseguiríamos.

– Mas o tempo está mudando – disse Jamie. Acenou na direção de um grande abeto azul, suas folhas molhadas e pingando. – Quando chegamos, aquela árvore estava coberta de gelo. – Olhou para mim. – A viagem deve ser mais fácil; pode ser que a façamos em menos tempo... ou não.

– Ou não. – Balancei a cabeça de modo relutante. – Você sabe tão bem quanto eu que a primavera significa lama. E lama é pior do que neve numa viagem. – Senti o coração começar a bater mais devagar, aceitando a situação. – Não, é tarde demais, arriscado demais. Ela terá que ficar.

Jamie olhava para Roger por cima do fogo.

– Ele não precisa – disse.

Roger olhou para Jamie, assustado.

– Eu... – começou, então contraiu a mandíbula e começou de novo: – Eu ficarei. Você acha que eu a deixaria? E meu filho?

Abri a boca e senti Jamie ficar tenso ao meu lado.

– Não – disse com firmeza. – Não. Temos que contar a ele. Brianna contará. É melhor que ele saiba agora. Se fizer diferença para ele, então é melhor que saiba antes de vê-la.

Jamie contraiu os lábios, mas assentiu.

– Sim – disse. – Conte, então.

– Contar o quê? – Os cabelos escuros de Roger estavam soltos, flutuando ao redor do seu rosto ao vento da noite. Ele parecia mais vivo agora do que desde que o encontramos, assustado e animado ao mesmo tempo. Comecei.

– Pode não ser seu filho – falei.

A expressão dele não mudou nem por um instante; então as palavras foram assimiladas. Ele me segurou pelos braços tão repentinamente que gritei de susto.

– Como assim? O que aconteceu?

Jamie se moveu como uma serpente pronta para o bote. Acertou um murro curto e certo embaixo do queixo de Roger, que soltou meu braço e caiu de costas no chão.

– Ela está dizendo que, quando você deixou minha filha sozinha, ela foi estuprada – disse com raiva. – Dois dias depois de você ter dormido com ela. Então talvez o filho seja seu, talvez não.

Ele arregalou os olhos para Roger.

– E então? Você pretende ficar do lado dela ou não?

Roger balançou a cabeça, tentando clarear a mente, e se levantou devagar.

– Estuprada. Quem? Onde?

– Em Wilmington. Um homem chamado Stephen Bonnet. Ele...

– *Bonnet*? – Ficou claro, pela expressão de Roger, que o nome lhe era familiar. Olhou desesperado de Jamie para mim e de volta para Jamie. – Brianna foi estuprada por Stephen Bonnet?

– Foi o que eu disse.

De repente, toda a ira que Jamie vinha controlando desde nossa saída do vilarejo foi extravasada. Agarrou Roger pelo pescoço e o jogou contra um tronco de árvore.

– E onde você estava quando isso aconteceu, seu covarde? Ela ficou brava com você, então você fugiu e a deixou! Se você achava que tinha que ir embora, por que não a deixou em segurança comigo primeiro?

Agarrei o braço de Jamie e puxei.

– Solte-o!

Ele soltou e se virou, respirando ofegante. Roger, abalado e quase tão furioso quanto Jamie, ajeitou suas roupas.

– Não fui embora porque brigamos! Fui embora para encontrar isto!

Enfiou a mão na calça larga e rasgou o tecido. Uma pedra verde brilhou na palma de sua mão.

– Arrisquei minha vida para conseguir isto, para mandá-la de volta em segurança pelas pedras! Sabe aonde eu fui para conseguir isto e de quem peguei? Stephen Bonnet! Por isso demorei tanto para chegar à Cordilheira dos Frasers; ele não estava onde eu pensei que estaria; tive que percorrer a costa atrás dele.

Jamie ficou paralisado, olhando para a pedra preciosa. Eu também.

– Naveguei com Stephen Bonnet saindo da Escócia. – Roger estava se acalmando. – Ele é um... um...

– Eu sei o que ele é – disse Jamie, saindo do seu transe. – Mas ele também pode ser o pai do filho da minha filha. – Lançou a Roger um olhar comprido e frio. – Então, estou lhe perguntando, MacKenzie: você pode voltar para ela e viver com ela sabendo que é possível que o filho que ela carrega seja de Bonnet? Pois se não puder fazer isso... diga agora, porque juro que se você voltar para ela e passar a tratá-la mal... mato você sem pensar duas vezes.

– Pelo amor de Deus! – gritei. – Dê-lhe um momento para pensar, Jamie! Você não vê que ele ainda nem teve chance de assimilar tudo?

Roger fechou a mão sobre a joia e a abriu de novo. Ouvi sua respiração, difícil, ofegante.

– Não sei – disse ele. – Não sei!

Jamie se abaixou, pegou a pedra onde Roger a havia deixado cair e a jogou entre os pés de Roger.

– Então vá! – disse. – Pegue essa maldita pedra e encontre o maldito círculo. Vá embora, porque minha filha não precisa de um covarde!

Ele ainda não havia tirado a sela dos cavalos; pegou as bolsas de sela e as jogou em cima do cavalo. Desamarrou o cavalo dele e o meu, e montou num movimento só.

– Vamos – disse para mim.

Olhei para Roger, sentindo-me impotente. Ele fitava Jamie, os olhos verdes com um brilho intenso como o fogo, claro como a esmeralda em sua mão.

– Vá – disse para mim sem desviar os olhos de Jamie. – Se eu puder... encontrarei vocês.

Minhas mãos e meus pés não pareciam meus; moviam-se tranquilos, sem meu comando. Caminhei até meu cavalo, encaixei o pé no estribo e subi.

Quando olhei para trás, até mesmo a luz da fogueira havia desaparecido. Não havia nada atrás de nós, só a escuridão.

TRÊS TERÇOS DE UM FANTASMA

River Run, abril de 1770

– Prenderam Stephen Bonnet.

Brianna jogou a caixa do jogo no chão. As peças de marfim se espalharam em todas as direções e rolaram para baixo do móvel. Sem nada dizer, ela ficou de pé olhando para lorde John, que pousou o copo de conhaque e se apressou a socorrê-la.

– Você está bem? Precisa se sentar? Eu peço desculpas. Não deveria...

– Sim, preciso. Não, não no sofá, porque nunca vou conseguir sair dele. – Ela não aceitou a mão que ele oferecia e caminhou lentamente em direção à cadeira simples de madeira perto da janela. Quando se sentou, lançou a ele um olhar firme.

– Onde? – perguntou. – Como?

Ele não se deu ao trabalho de perguntar se deveria buscar vinho ou uma bebida forte; ela não desfaleceria.

Puxou um banco para perto dela, mas mudou de ideia e foi até a porta da sala. Espiou o corredor escuro; conforme esperado, uma das criadas estava cochilando em um banquinho na curva da escada, disponível para o caso de eles quererem alguma coisa. A mulher levantou a cabeça ao ouvi-lo, as escleras visíveis no escuro.

– Vá dormir – disse ele. – Não pediremos mais nada esta noite.

A escrava concordou e saiu, relaxando os ombros, aliviada; ela deveria estar acordada desde a madrugada, e já era quase meia-noite. Ele estava desesperadamente cansado, depois da viagem longa saindo de Edenton, mas não eram notícias que pudessem esperar. Havia chegado no início da noite, mas aquela era a primeira oportunidade que tinha de dar uma desculpa para conversar a sós com Brianna.

Fechou as portas duplas e colocou o banco na frente, para evitar qualquer interrupção.

– Ele foi preso aqui, em Cross Creek – disse sem preâmbulos, sentando-se ao lado dela. – Como, não sei dizer. A acusação foi contrabando. Assim que eles descobriram a identidade dele, outras foram acrescentadas.

– Contrabandeando o quê?

– Chá e conhaque. Dessa vez, pelo menos. – Ele coçou a nuca, tentando aliviar a rigidez causada pelas horas na sela. – Soube disso em Edenton; evidentemente, o homem é conhecido. Sua fama vai de Charleston a Jamestown.

Fitou-a com atenção; ela estava pálida, mas não lívida.

– Ele foi condenado – disse ele baixinho. – Será enforcado na próxima semana, em Wilmington. Pensei que você gostaria de saber.

Ela respirou fundo e soltou o ar lentamente, mas não disse nada. Ele continuou a fitá-la com atenção: não queria olhar fixamente, mas estava surpreso com seu tamanho. Meu Deus, ela estava imensa! Nos dois meses desde o noivado deles, ela havia dobrado de tamanho, no mínimo.

Um lado do seu enorme abdômen cresceu repentinamente, assustando-o. Ele se questionava se deveria ter contado a ela; se o choque da notícia causasse um parto prematuro, ele não se perdoaria. Jamie também não.

Ela olhava para o nada, o cenho franzido em concentração. Ele já tinha visto éguas prenhes daquele modo: totalmente envolvidas em questões internas. Tinha sido um erro mandar a criada se recolher. Levantou-se, pretendendo buscar ajuda, mas o movimento a tirou do transe.

– Obrigada – disse ela.

O cenho continuava franzido, mas os olhos tinham perdido o olhar distante; estavam fixos nele com uma objetividade desconcertante... mais desconcertante por ser tão familiar.

– Quando ele será enforcado?

Ela se inclinou para a frente um pouco, a mão pressionando o lado do corpo. Ele viu mais um movimento na barriga em resposta aparente à pressão.

Ele se sentou, olhando para a barriga dela com intranquilidade.

– Na sexta-feira que vem.

– Ele está em Wilmington agora?

Levemente reconfortado pelo comportamento calmo dela, ele pegou o copo que havia deixado de lado. Tomou um gole e balançou a cabeça, sentindo o conforto do líquido quente se espalhar por seu peito.

– Não. Ele ainda está aqui; não houve necessidade de julgamento, pois já tinha sido condenado anteriormente.

– Então eles o levarão a Wilmington para a execução. Quando?

– Não faço ideia.

O olhar distante voltara; com forte apreensão, ele o reconheceu dessa vez: não era abstração materna, mas cálculo.

– Quero vê-lo.

Ele engoliu o resto da bebida.

– Não – disse com firmeza, pousando o copo. – Ainda que seu estado permitisse a viagem a Wilmington, o que certamente não permite – acrescentou, olhando de soslaio para a barriga enorme –, ver uma execução poderia ter um péssimo efeito em seu filho. Compreendo seus sentimentos totalmente, minha cara, mas....

– Não, você não compreende. Não sabe quais são meus sentimentos. – Ela falava sem raiva, mas com total convicção.

Ele a fitou por um momento, então se levantou e foi pegar o decantador.

Ela observou o líquido amarelo encher o copo e esperou que ele o pegasse antes de continuar.

– Não quero vê-lo morrer – disse.

– Graças a Deus – murmurou ele, e tomou um gole do conhaque.

– Quero falar com ele.

A bebida desceu por um caminho errado e ele engasgou, espirrando gotículas de conhaque sobre a camisa.

– Talvez você devesse se sentar – disse ela, semicerrando os olhos para ele. – Não parece muito bem.

– Não sei por quê.

Ele se sentou de qualquer modo e pegou um lenço para secar o rosto.

– Bem, sei o que você vai dizer – disse ela com firmeza –, então não se dê ao trabalho. Pode dar um jeito para que eu o encontre antes de eles o levarem para Wilmington? E antes que diga não, com certeza não, pergunte a si mesmo o que eu farei se você disser isso.

Depois de ter aberto a boca para dizer “Não, com certeza não”, lorde John a fechou e olhou para Brianna por um momento.

– Acho que você não pretende me ameaçar de novo, não é? – perguntou de modo afável. – Porque se pretender...

– Claro que não. – Ela corou levemente ao dizer isso.

– Bem, então tenho que confessar que não entendo muito bem o que você...

– Contarei a minha tia que Stephen Bonnet é o pai do meu filho. E também a Farquard Campbell. E a Gerald Forbes. E ao juiz Alderdyce. Então irei à sede da guarnição... deve ser onde ele está... e contarei ao sargento Murchison. Se ele não me deixar entrar, pedirei ao Sr. Campbell que me dê permissão. Tenho o direito de vê-lo.

Ele a encarou estreitando os olhos, mas viu que não era uma ameaça falsa. Ela estava ali, firme e imóvel como uma estátua de mármore, impossível de persuadir.

– Não se envergonharia de criar um escândalo monstruoso?

Era uma pergunta retórica, ele só queria ganhar tempo.

– Não – disse ela calmamente. – O que tenho a perder? – Ergueu uma sobrancelha num olhar levemente bem-humorado. – Acredito que você teria que romper nosso noivado. Mas, se o condado todo souber quem é o pai do bebê, acho que isso teria o mesmo efeito que o noivado, em termos de fazer com que os homens não queiram se casar comigo.

– Sua reputação... – começou ele, sabendo que era inútil.

– Já não é muito boa, para começo de conversa. Mas, pensando bem, por que seria pior para mim estar grávida por ter sido estuprada por um pirata do que por ter sido impudica, como meu pai disse de modo tão bonito? – Havia um leve toque de amargura em sua voz que o impediu de dizer mais alguma coisa. – De qualquer modo, a tia Jocasta não deve me expulsar só porque

criei um escândalo. Não vou morrer de fome, nem meu bebê. E não sei se me importo se a Sra. MacNeill me repreender ou não.

Ele pegou o copo e bebeu de novo, cuidadosamente dessa vez, olhando para ela para evitar outros choques. Estava curioso para saber o que havia acontecido entre ela e o pai, mas não era louco de perguntar. Então apenas pousou o copo e perguntou:

– Por quê?

– Por quê?

– Por que acha que precisa falar com Bonnet? Você diz que não sei quais são seus sentimentos, o que é inegavelmente verdadeiro. – Ele disse isso muito sério. – Mas, sejam quais forem, devem ser muito fortes para fazê-la tomar uma decisão tão drástica.

Um sorriso foi ganhando espaço lentamente até chegar aos olhos dela.

– Gosto muito do jeito que você fala – disse ela.

– Fico mais do que lisonjeado. No entanto, se quiser responder à minha pergunta....

Ela suspirou forte o bastante para fazer a chama da vela tremer. Ficou de pé, movendo-se com cuidado, e pegou a barra do vestido. Ficou evidente que ela havia costurado um bolso ali, porque tirou um pequeno pedaço de papel, dobrado e puído por já ter sido muito manuseado

– Leia isto – disse ela, entregando-lhe o papel. Depois se virou e caminhou até o fim da sala, onde suas tintas e a tela estavam em um canto, perto da lareira.

As letras escuras eram familiares. Ele vira a caligrafia de Jamie Fraser apenas uma vez antes, mas uma vez era suficiente; era um modo de escrever distinto.

Filha,

Não sei se voltarei a vê-la. Espero fervorosamente que sim e que tudo seja consertado entre nós, mas esse fato está nas mãos de Deus. Escrevo agora para o caso de Ele desejar outra coisa.

Você me perguntou certa vez se era certo matar por vingança pelo grande erro cometido contra você. Digo que você não deve matar. Pelo bem da sua alma, pelo bem da sua vida, você deve buscar a graça do perdão. A liberdade

é difícil de se conseguir, mas não é fruto do assassinato. Não tema que ele escape à vingança. Um homem como ele carrega consigo as sementes da própria destruição. Se não morrer pela minha mão, será pela mão de outra pessoa. Mas não deve ser a sua mão que o derrubará.

Guarde estas palavras, pelo amor que tenho por você.

Embaixo do texto da carta, ele havia escrito *Seu pai muito carinhoso e amoroso, James Fraser*. Mas riscara isso e escrevera simplesmente “Pa”.

– Eu não disse adeus a ele.

Lorde John olhou para a frente, assustado. Ela estava de costas para ele; olhava para a paisagem não terminada na tela como se fosse uma janela.

Ele atravessou o tapete e ficou ao seu lado. O fogo havia diminuído na lareira e a sala estava esfriando. Ela se virou para olhá-lo, passando as mãos nos braços para se esquentar.

– Quero ser livre – disse baixinho. – Se Roger voltar ou não. Aconteça o que acontecer.

O bebê estava inquieto; ele viu que chutava e se mexia por baixo dos braços cruzados dela, como um gato dentro de um saco. Ele respirou fundo, sentindo frio e apreensão.

– Tem certeza de que precisa ver Bonnet?

Ela lhe lançou mais um olhar demorado.

– Preciso encontrar um modo de perdoá-lo, meu Pa diz. Tenho tentado, desde que eles se foram, mas não consigo. Talvez, se encontrá-lo, consiga. Tenho que tentar.

– Certo. – Ele soltou o ar num longo suspiro, curvando os ombros.

Uma luz leve – alívio? – apareceu em seus olhos, e ele tentou sorrir de volta.

– Você vai fazer isso?

– Sim. Só Deus sabe como, mas vou.

Ele apagou todas as velas, menos uma, mantendo-a acesa para iluminar o caminho deles até a cama. Ofereceu-lhe o braço e ambos caminharam em silêncio pelo corredor vazio, o silêncio os

envolvendo em paz. Aos pés da escada, ele parou, permitindo que ela fosse na frente.

– Brianna.

Ela se virou na escada. Ele permanecia hesitante, sem saber como pedir o que de repente quis tanto. Estendeu a mão com delicadeza.

– Posso...?

Sem falar, ela pegou a mão dele e a pressionou contra a barriga. Estava quente e muito firme. Eles permaneceram parados por um momento, a mão dela sobre a dele. Então ele sentiu um empurrão forte contra sua mão, o que fez seu coração se acelerar.

– Meu Deus – disse, alegrando-se. – Ele é real.

Ela fitou seus olhos, divertindo-se.

– Sim – disse. – Eu sei.

Já estava bem escuro quando passaram pela sede da guarnição. Era uma pequena construção sem imponência, ainda mais reduzida em comparação com o galpão atrás do qual ficava, e Brianna olhou para lá com curiosidade.

– Ele está lá dentro? – Suas mãos estavam frias, apesar de as conservar embaixo da capa.

– Não.

Lorde John olhou ao redor enquanto se abaixava para prender os cavalos. Uma luz iluminava a janela, mas o pequeno pátio de terra estava vazio, a rua estreita em silêncio e deserta. Não havia casas nem lojas ali perto e os trabalhadores do galpão já tinham ido para casa havia muito, para jantar e dormir.

Ele estendeu as duas mãos para ajudá-la a descer; sair de uma carroça era mais fácil do que descer de uma carruagem, mas, ainda assim, não era tarefa fácil.

– Ele está numa sala abaixo do galpão – disse ele, a voz baixa.

– Dei dinheiro ao soldado de guarda para nos deixar entrar.

– Não *nós* – disse ela, a voz tão baixa quanto a dele, mas não menos firme. – Eu. Vou sozinha.

Ela o viu contrair os lábios por um momento e logo relaxou quando ele concordou.

– O soldado Hodgepile me garantiu que ele está preso com correntes, ou eu não concordaria com sua ideia. Mas desse modo...
– Deu de ombros, meio irritado, e segurou o braço dela para guiá-la pelo chão de pedras.

– Hodgepile?

– Soldado Arvin Hodgepile. Por quê? Vocês se conhecem?

Ela balançou a cabeça, segurando as saias com a mão livre.

– Não, já ouvi o nome, mas...

A porta da construção se abriu, iluminando o pátio.

– É você, meu senhor? – Um soldado espiou atento. Hodgepile era magro e de rosto fino, a postura rígida como uma marionete. Ele se sobressaltou ao vê-la.

– Oh! Não sabia...

– Não precisava saber. – A voz de lorde John estava calma. – Mostre-nos o caminho, por favor.

Com um olhar apreensivo para a barriga de Brianna, o soldado pegou uma lanterna e os levou a uma pequena porta lateral no galpão.

Hodgepile era pequeno e magro, mas se mantinha mais ereto do que o normal. *Ele anda como se tivesse algo enfiado no traseiro.* Sim, ela pensou, observando-o com interesse enquanto ele seguia na frente. Tinha que ser o homem que Ronnie Sinclair havia descrito para a mãe. Afinal, quantos Hodgepiles existiam? Talvez ela pudesse conversar com o soldado quando terminasse de falar com... seus pensamentos pararam abruptamente quando Hodgepile destrancou a porta do galpão.

A noite de abril estava fria e fresca, mas o ar do lado de dentro era denso e recendia a piche e terebintina. Brianna se sentiu sufocada. Quase conseguia perceber as minúsculas moléculas de resina flutuando no ar, grudando-se em sua pele. A sensação repentina de estar presa em um bloco rígido era tão forte que ela se moveu com pressa, quase arrastando lorde John consigo.

O galpão estava quase cheio, o espaço amplo tomado por formas grandes. Barris de piche deixavam a mistura grudenta e preta escorrer para as sombras mais distantes, enquanto prateleiras de madeira perto de portas duplas enormes na frente guardavam

pilhas e mais pilhas de barris: conhaque e rum, prontos para serem levados ao porto, para barcaças à espera, rio abaixo.

A sombra do soldado Hodgepile se estendia e diminuía enquanto ele passava entre as fileiras enormes de barris e caixas, os passos abafados pela camada densa de serragem no chão.

–... precisa tomar cuidado com o fogo... – Sua voz fina e alta alcançou os ouvidos de Brianna e ela viu sua sombra erguer a mão. – Tenha cuidado com o local onde colocará a lanterna, sim? Ainda que não haja perigo nenhum lá embaixo...

O galpão tinha sido construído sobre o rio para facilitar a carga: a parte da frente do chão era de madeira, e a metade de trás, de pedras. Brianna ouviu o eco dos passos mudar quando atravessaram o limite. Hodgepile parou perto do alçapão feito nas pedras.

– Não vai demorar, meu senhor?

– Só o necessário – respondeu lorde John sério.

Pegou a lanterna e esperou em silêncio enquanto Hodgepile levantava a tampa e a encostava. O coração de Brianna batia forte; ela conseguia sentir cada batida como um golpe no peito.

Um lance de escada de pedra descia pela escuridão. Hodgepile pegou seu molho de chaves e as contou sob a luz da lanterna, separando a chave certa antes de descer. Olhou para Brianna, em dúvida, e afinal fez um gesto para que eles o seguissem.

– Que bom que eles fizeram os degraus largos o bastante para os barris – disse ela a lorde John, segurando-se ao braço dele enquanto descia, um passo por vez.

Ela percebeu logo por que o soldado Hodgepile não se preocupava com o fogo ali embaixo: o ar era tão úmido que ela não se surpreenderia se visse cogumelos nascerem das paredes. Ouviu o som de água pingando em algum ponto, e a luz da lanterna iluminava a pedra molhada. Baratas corriam em pânico fugindo da luz e o cheiro ali era de bolor.

Ela pensou brevemente no cultivo de penicilina da mãe, menos brevemente na mãe, e sentiu um nó na garganta. Então chegaram e ela não conseguiu mais esquecer o que estava fazendo.

Hodgepile se esforçou com a chave e o pânico que ela vinha reprimindo o dia todo tomou conta dela. Não fazia ideia do que dizer,

do que fazer. O que estava fazendo ali?

Lorde John apertou o braço dela em incentivo. Ela inspirou fundo o ar úmido, abaixou a cabeça e entrou.

Ele estava sentado em um banco no lado mais distante da cela, os olhos fixos na porta. Era claro que esperava alguém – ouvira os passos do lado de fora –, mas não contava vê-la. Levantou-se sobressaltado e seus olhos brilharam verdes quando a luz os atingiu.

Ela ouviu um tilintar baixo; claro, tinham dito que ele estava acorrentado. Lembrar-se disso lhe deu um pouco de coragem. Pegou a lanterna de Hodgepile e fechou a porta.

Ela se recostou na parede de madeira, observando-o em silêncio. Ele parecia menor do que ela se lembrava. Talvez fosse apenas por ela estar muito maior agora.

– Sabe quem eu sou?

Era uma cela minúscula, de teto baixo, sem eco. Sua voz soou baixa, mas clara.

Ele inclinou a cabeça para o lado, pensando. Observou-a lentamente.

– Acho que você não me disse seu nome, querida.

– Não me chame assim!

A onda de raiva a tomou de surpresa e ela a conteve cerrando os punhos atrás de si. Se estava ali para praticar o perdão, não tinha sido um bom começo.

Ele deu de ombros, bem-humorado, calmo.

– Como quiser. Não, não sei quem você é. Conheço seu rosto... e algumas outras coisas... – seus dentes brilharam brevemente em meio à barba loura –, mas não sei seu nome. Acredito que queira me dizer.

– Você me reconhece?

Ele puxou o ar e o soltou pelos lábios contraídos, olhando-a com cuidado. Ele estava meio envelhecido, mas isso não diminuía sua confiança.

– Ah, sim, reconheço.

Parecia estar se divertindo, e ela sentiu vontade de se aproximar para dar um tapa em seu rosto, com força. No entanto, apenas respirou fundo. Foi um erro, porque sentiu o cheiro dele.

Sem esperar, o vômito veio, repentino e violento. Ela não havia enjoado antes, mas o fedor dele trazia tudo de volta. Mal teve tempo de se virar antes da bile e da comida meio digerida subirem, espalhando-se pelo chão úmido.

Encostou a testa na parede, ondas de frio e calor tomando seu corpo. Por fim, secou a boca e se virou.

Ele ainda estava sentado, observando-a. Ela havia deixado a lanterna no chão. Lançava um feixe amarelo para cima, mostrando o rosto dele em meio às sombras: parecia uma fera acorrentada em sua caverna – seus olhos verdes estavam alertas.

– Meu nome é Brianna Fraser.

Ele assentiu e repetiu.

– Brianna Fraser. Um belo nome, com certeza. – Sorriu brevemente com os lábios unidos. – E?

– Meus pais são James e Claire Fraser. Eles salvaram sua vida e você os roubou.

– Sim.

Ele disse isso sem demonstrar qualquer reação. Ela manteve o olhar fixo nele. Ele retribuiu.

Ela sentiu uma vontade forte de rir, tão inesperada quanto a náusea tinha sido. O que esperava? Remorso? Desculpas? De um homem que roubava as coisas porque queria?

– Se você voltou na esperança de reaver as joias, receio que tenha esperado muito – disse Bonnet com bom humor. – Vendi a primeira para comprar um navio e as outras duas foram roubadas de mim. Talvez você considere isso justo; eu chamo de pouco consolo.

Ela engoliu em seco, sentindo o gosto de bile.

– Roubadas. Quando?

Não se preocupe com o homem que a tem, Roger dissera. É possível que ele a tenha roubado de outra pessoa.

Bonnet se remexeu no banco de madeira e deu de ombros.

– Cerca de quatro meses atrás. Por quê?

– Por nada.

Então Roger havia conseguido, havia roubado as pedras que poderiam ter garantido uma passagem segura para os dois. Pouco consolo.

– Eu me lembro de que havia outra coisa também... uma aliança, certo? Mas você a recuperou. – Ele sorriu, mostrando os dentes dessa vez.

– Paguei por ela. – Sem pensar, levou a mão à barriga, que estava redonda e rígida como uma bola de basquete por baixo da capa.

Ele continuou olhando para o rosto dela, curioso.

– Ainda temos negócios a tratar, linda?

Ela respirou fundo – pela boca dessa vez.

– Me disseram que você será enforcado.

– Disseram a mesma coisa para mim.

Ele se remexeu de novo no banco duro de madeira. Esticou a cabeça para um lado, para soltar os músculos do pescoço, e olhou para ela de soslaio.

– Você não veio por pena, não é?

– Não – disse ela, encarando-o. – Para ser sincera, me sentirei bem melhor quando você morrer.

Ele olhou para ela por um momento e então começou a rir. Riu tanto que lágrimas marejaram seus olhos; ele as secou com cuidado, abaixando a cabeça para secar o rosto de novo contra o ombro, e então se endireitou, as marcas do riso ainda no rosto.

– O que você quer de mim, então?

Ela abriu a boca para responder, e de repente, a ligação entre eles se desfez. Ela não havia se movido, mas era como se tivesse dado um passo para atravessar um abismo intransponível. Agora, estava segura do outro lado, sozinha. Sozinha, felizmente. Ele não podia mais tocá-la.

– Nada – disse ela, a voz clara em seus ouvidos. – Não quero nada de você. Vim para lhe dar algo.

Abriu a capa e passou as mãos pela barriga. O pequeno habitante se alongou e remexeu, seu toque uma carícia de mão e ventre, íntimo e abstrato.

– Seu – disse ela.

Ele olhou para a barriga e então para ela.

– Putas já vieram empurrar suas crias para mim antes – disse ele, mas sem ódio, e ela pensou ter visto algo novo atrás dos olhos cautelosos.

– Você acha que sou uma puta? – Ela não se importava com o que ele pensava, mas duvidava de que ele pensasse isso. – Não tenho motivo para mentir. Já disse, não quero nada de você.

Ela fechou a capa e se cobriu. Endireitou-se, sentindo a dor nas costas diminuir com o movimento. Pronto. Já podia partir.

– Você vai morrer – disse ela e, apesar de não ter ido ali por pena, ficou surpresa ao perceber que era um pouco o que sentia. – Se for mais fácil para você morrer sabendo que algo seu sobrou na Terra, use essa informação. Mas não tenho mais nada a tratar com você.

Ela se virou para pegar a lanterna e se surpreendeu ao ver a porta se entreabrir. Não teve tempo de sentir raiva de lorde John por ter escutado, pois a porta se abriu totalmente.

– Bem, foi um ótimo discurso, senhora – disse o sargento Murchison. Ele abriu um sorriso grande e encostou o cabo do seu mosquete na barriga dela. – Mas não posso dizer que não tenho nada a tratar com a senhora.

Ela deu um passo rápido para trás e bateu com a lanterna na cabeça dele num reflexo de defesa. Ele se abaixou gritando e uma mão forte segurou o pulso dela antes que ela pudesse bater com a lanterna nele de novo.

– Cristo, essa foi por pouco! Você é rápida, moça, mas não tão rápida quanto o bom sargento. – Bonnet pegou a lanterna da mão dela e soltou seu braço.

– Você não está acorrentado – disse ela como uma tola, olhando para ele. Então se deu conta da situação e se virou, correndo para a porta.

Murchison estendeu o mosquete diante dela, bloqueando a passagem, mas ela viu o corredor escuro pela porta – e o corpo escuro caído de cara no chão mais à frente.

– Você o matou – sussurrou ela. Seus lábios estavam formigando devido ao choque, e um medo mais profundo do que a náusea tomou conta dela. – Ai, meu Deus, você o matou.

– Matou quem? – Bonnet ergueu a lanterna, espiando os cabelos amarelos da cor de manteiga manchados de sangue espalhados no chão. – Quem diabos é aquele?

– Um ninguém – respondeu Murchison. – Depressa, homem! Não temos tempo a perder. Já cuidei de Hodgepile e acendi os estopins.

– Espere! – Bonnet olhou para o sargento e para Brianna, franzindo o cenho.

– Já disse que não temos tempo. – O sargento levantou a arma para examiná-la. – Não se preocupe. Ninguém os encontrará.

Brianna sentiu o cheiro de pólvora na arma. O sargento virou o cabo da arma para seu ombro e se voltou para ela, mas o local era pequeno demais; com a barriga dela na frente, não sobrava espaço para erguer o cano comprido.

O sargento resmungou, irritado, virou a arma e a ergueu alto, para acertá-la com o cabo.

Quando se deu conta, Brianna segurava o cano da arma. Tudo parecia estar se movendo lentamente, Murchison e Bonnet congelados. Ela própria se sentiu afastada, como se estivesse de lado, observando.

Tirou o mosquete da mão de Murchison como se fosse uma vassoura, levantou a arma e a abaixou. A pancada reverberou por seus braços, por seu corpo, que tremeu todo como se alguém tivesse feito passar uma corrente elétrica por suas veias.

Viu com clareza o rosto do homem pendurado e boquiaberto à sua frente, os olhos deixando a surpresa e ganhando o horror, passando para a inconsciência tão lentamente que ela notou a mudança. Teve tempo de ver as cores vívidas de seu rosto. Um lábio carnudo preso por um dente amarelo, meio erguido em um rosnado. Flores pequenas de um vermelho brilhante desabrochando numa curva graciosa em sua têmpora, flores aquáticas japonesas se abrindo em um campo de azul.

Ela estava absolutamente calma, não passava de um canal para a antiga condição selvagem que os homens chamam de maternidade, por confundirem sua delicadeza com fraqueza. Olhou para as próprias mãos, os nós brancos e os tendões tensos, sentiu a onda de força subindo pelas pernas e pelas costas, pelos punhos, braços e ombros. Abaixou a arma de novo, lentamente – pareceu muito lento –, e, mesmo assim, o homem ainda caía, não havia chegado ao chão quando o cabo da arma bateu de novo.

Uma voz chamava seu nome. Ela a ouvia muito baixa.

– Pare, pelo amor de Deus! Mulher... Brianna... pare!

Sentiu mãos nos ombros, puxando, sacudindo. Livrou-se delas e se virou, a arma ainda na mão.

– Não me toque – disse ela, e ele deu um passo rápido para trás, os olhos tomados de surpresa e susto, talvez um pouco de medo. Medo dela? Por que alguém sentiria medo dela?, pensou. Ele estava falando; ela via sua boca se mexendo, mas não conseguia entender as palavras, era apenas barulho. A corrente em seu corpo desaparecia, deixando-a zozna.

E então o tempo se ajustou, voltou ao normal. Seus músculos tremeram, todas as fibras viraram gelatina. Encostou o cabo manchado da arma no chão para se equilibrar.

– O que você disse?

A impaciência tomou o rosto dele.

– Eu disse que não temos tempo a perder. Você não ouviu o homem dizer que os estopins foram acesos?

– Que estopins? Por quê?

Ela viu os olhos dele se voltarem para a porta atrás dela. Antes que ele conseguisse se mexer, ela deu um passo para trás na direção da porta, levantando o cano da arma. Ele se afastou dela por instinto, batendo a parte de trás das pernas no banco. Caiu para trás e chocou-se contra as correntes e as algemas vazias soldadas à parede.

O choque começava a tomar o corpo dela, mas a lembrança da corrente forte ainda queimava em sua espinha e a mantinha ereta.

– Você não pretende me matar, não é? – Ele tentou sorrir, mas não conseguiu; não pôde evitar o pânico que tomou seus olhos. Ela dissera que se sentiria melhor quando ele morresse.

A liberdade é difícil de se conseguir, mas não é fruto do assassinato. Ela tinha sua liberdade agora, e não a devolveria a ele.

– Não – disse ela, e segurou a arma com mais força, o cabo firme em seu ombro. – Mas juro por Deus que vou atirar em seus joelhos e deixarei você aqui se não me disser, neste minuto, que *diabos* está acontecendo!

Ele se reposicionou, os olhos claros nos dela, avaliando-a. Ela bloqueava a porta totalmente, seu corpo a preenchendo de lado a

lado. Ela viu a dúvida na postura dele, a posição de seus ombros enquanto pensava em afastá-la, e engatilhou a arma com um único *clique*.

Ele estava a 2 metros do cano da arma; longe demais para avançar e tirá-la dela. Um movimento, um puxão no gatilho. Ela não erraria, e ele sabia disso.

Ele curvou os ombros.

– O galpão aqui em cima está cheio de pólvora e estopins – disse, falando rápido e com clareza, ansioso por terminar. – Não sei quanto tempo vai levar, mas vai explodir com muita força. Pelo amor de Deus, deixe-me sair daqui!

– Por quê?

Suas mãos suavam, mas estavam firmes na arma. O bebê se mexia, um lembrete de que ela também não tinha tempo a perder. Mas arriscaria um minuto para saber. Tinha que saber, com o corpo de John Grey atrás dela, morto.

– Você matou um bom homem e quero saber o porquê!

Ele fez um gesto de frustração.

– O contrabando! – disse. – Éramos parceiros, o sargento e eu. Eu trazia contrabando barato para ele, que carimbava tudo com a marca da Coroa. Ele roubava coisas, eu vendia por um bom preço e dividia o dinheiro com ele.

– Continue falando.

Ele se remexia, impaciente.

– Um soldado, Hodgepile, ficou de olho, fazendo perguntas. Murchison não sabia se ele havia contado a alguém, mas não era boa ideia esperar para ver, não depois de eu ter sido preso. O sargento tirou o resto da bebida do galpão, substituiu por barris de terebintina e acendeu os estopins. Se tudo explodir, ninguém pode dizer que não era conhaque... não há evidência de roubo. É isso, só isso. Agora, deixe-me sair!

– Certo. – Ela baixou o mosquete alguns centímetros, mas não o desengatilhou. – E ele? – perguntou meneando a cabeça na direção do sargento caído, que começava a resmungar.

Ele olhou para ela sem expressão.

– O que tem ele?

– Não vai levá-lo com você?

– Não. – Deu um passo para o lado, tentando passar por ela. – Pelo amor de Deus, mulher, deixe-me ir e saia! Há uma tonelada de piche e terebintina aqui em cima. Isto vai explodir como uma bomba!

– Mas ele ainda está vivo. Não podemos deixá-lo aqui.

Bonnet lançou-lhe um olhar de irritação e então cruzou a sala em dois passos, abaixou-se, tirou a faca do cinto do sargento e a passou pela garganta gorda dele, acima da camisa. Um jato de sangue ensopou a camisa de Bonnet e atingiu a parede.

– Pronto – disse ele, endireitando-se. – Ele não está vivo. Deixe-o.

Soltou a faca, empurrou Brianna para o lado e correu pelo corredor. Ela ouviu os passos dele se afastando depressa.

Tremendo toda pelo choque da ação e da reação, ficou parada por um segundo, olhando para o corpo de John Grey. Pesarosa, sentiu a barriga ficar dura. Não havia dor, mas todas as fibras se contraíam. Sua barriga estava inchada como se ela tivesse engolido uma bola de basquete. Ficou sem fôlego, incapaz de se mexer.

Não, ela pensou com clareza, com o bebê dentro de si. Não estou em trabalho de parto, não estou, de jeito nenhum. Não terei o bebê agora. Agente firme. Não tenho tempo agora.

Deu dois passos pelo corredor escuro e parou. Não, ela tinha que conferir pelo menos, ter certeza. Virou-se e se ajoelhou ao lado do corpo de John Grey. Ele parecera morto quando ela o viu pela primeira vez deitado ali, e ainda parecia; não tinha se mexido desde que ela vira seu corpo.

Inclinou-se para a frente, mas não conseguiu estender o braço à frente da barriga. Então segurou o braço dele e o puxou, tentando virá-lo. Um homem pequeno, de ossos frágeis, mas pesado, mesmo assim. Seu corpo virou e rolou na direção dela, a cabeça solta, e ela sentiu o coração pesar no peito ao ver os olhos semicerrados e a boca entreaberta. Mas levou a mão ao pescoço dele, procurando desesperadamente pela pulsação.

Onde diabos estava? Ela já tinha visto a mãe fazer aquilo em emergências; mais fácil de encontrar do que no pulso, segundo ela. Mas não encontrou. Há quanto tempo aquilo tinha acontecido, quanto tempo até os estopins estourarem?

Passou a borda da capa pelo rosto suado, tentando pensar. Olhou para trás, avaliando a distância até a escada. Jesus, poderia arriscar, mesmo sozinha? Pensar em subir para o galpão no meio da explosão... Lançou um olhar para cima, então se abaixou para continuar o que fazia e tentou de novo, puxando a cabeça dele para trás. Ali! Ela estava vendo a maldita veia sob a pele dele – é onde a pulsação deveria estar, não?

Por um momento, não teve certeza de a sentir; talvez fosse apenas a batida do seu próprio coração nas pontas dos dedos. Mas não, era... uma pulsação diferente, fraca e arrítmica. Ele podia estar quase morto, mas não ainda.

– Quase – murmurou –, mas não morto.

Estava assustada demais para se sentir aliviada; ela teria que tirá-lo dali. Ficou de pé e se abaixou para segurar seus braços, para arrastá-lo. Mas então parou, lembrando-se do que tinha visto um pouco antes.

Virou-se e retornou à cela. Desviando o olhar do monte vermelho no chão, pegou a lanterna e a levou de volta ao corredor. Ergueu-a, lançando luz no teto baixo. Sim, ela tinha razão! As pedras se curvavam do chão em pilares, formando arcos ao longo dos dois lados dos corredores. Alcovas e celas. Acima dos pilares estendiam-se vigas resistentes feitas de pinheiro, com 20 centímetros de espessura. Por cima delas, placas densas, e, acima das placas, a camada de pedras que formava o piso do galpão.

Explodir como uma bomba, dissera Bonnet... mas ele estava certo? Terebintina era inflamável, assim como piche; sim, eles provavelmente explodiriam se estivessem sob pressão, mas não como uma bomba. Estopins. Estopins, no plural. Estopins compridos, claro, e provavelmente com pequenos recipientes de pólvora. Seria o único explosivo de verdade que Murchison teria; não havia altos explosivos nessa época.

Então a pólvora explodiria em vários pontos e inflamaria os barris próximos. Mas os barris queimariam devagar; ela já tinha visto Sinclair fazendo barris como aqueles: as ripas tinham 1,5 centímetro de espessura, eram impermeáveis. Lembrou-se do cheiro enquanto eles atravessavam o galpão; sim, Murchison provavelmente teria

aberto alguns barris e deixado a terebintina vazar, para ajudar a espalhar o fogo.

Assim, os barris pegariam fogo, mas não explodiriam – ou, se explodissem, não seria de uma vez. Sua respiração se acalmou um pouco, ela fez cálculos. Não uma bomba, uma série de explosões pequenas, talvez.

Pronto. Respirou fundo – o mais fundo que conseguiu, com Osbert. Passou as mãos pela barriga, sentindo o coração acelerado começar a se acalmar.

Ainda que alguns dos barris explodissem, a força da explosão seria para cima, pelas paredes finas e pelo teto. Pouca força seria direcionada para baixo. E o que fosse... ela esticou a mão e empurrou uma viga, para ter certeza de sua força.

Sentou-se de repente no chão, com as saias amontoadas ao redor do corpo.

– Acho que vai ficar tudo bem – sussurrou, sem saber se falava com John, com o bebê ou consigo mesma.

Permaneceu ali por um momento, tremendo de alívio, e então se ajoelhou desajeitada de novo e começou a aplicar os primeiros socorros com os dedos.

Esforçava-se para rasgar uma faixa da barra de sua anágua quando ouviu os passos. Rápidos, quase correndo. Ela se virou para a escada, mas não... os passos vinham do outro lado, de trás dela.

Virou-se para lá e viu Stephen Bonnet no escuro.

– Corra! – gritou ele. – Pelo amor de Deus, por que você ainda não se foi?

– Porque aqui é seguro – disse ela. Havia deixado o mosquete no chão ao lado do corpo de Grey; abaixou-se, pegou-o e o apoiou no ombro. – Vá embora.

Ele olhou para ela, a boca entreaberta.

– Seguro? Mulher, você é maluca! Não ouviu...?

– Ouvi, mas você está enganado. Não vamos explodir. E, ainda que explodisse, seria seguro aqui embaixo.

– Não é! Pelo amor de Jesus! Ainda que não exploda aqui, o que acontecerá quando o fogo passar pelo piso?

– Não tem como, são pedras. – Ela ergueu o queixo, sem desviar os olhos dele..

– Aqui no fundo, sim. Lá na frente, perto do rio, é madeira, como o cais. Vai se incendiar, e então, ruir. E o que acontece aqui no fundo? A fumaça vai entrar e sufocar você com esse teto baixo!

Ela sentiu uma onda de náusea tomar conta do corpo.

– É aberto? A parte de baixo não é vedada? O outro lado do corredor é aberto? – perguntou sabendo bem que era, já que ele tinha corrido para lá, em direção ao rio, não para a escada.

– Sim! Venha! – Avançou e segurou o braço dela, mas se afastou de novo quando o cano da arma foi apontado para ele.

– Não vou sem ele. – Ela passou a língua pelos lábios secos, meneando a cabeça para o chão.

– É um homem morto!

– Não é! Carregue-o!

Uma grande mistura de emoções passou pelo rosto de Bonnet; fúria e surpresa eram as mais visíveis.

– Carregue-o! – repetiu ela. Ele ficou parado, encarando-a. Então, muito lentamente, se agachou e, pegando o corpo de John Grey pelos braços, apoiou o ombro na barriga dele e o ergueu.

– Vamos, então – disse ele e, sem olhar para ela, partiu no escuro. Ela hesitou por um momento, então pegou a lanterna e o seguiu.

Depois de 15 metros, ela sentiu o cheiro de fumaça. O corredor de pedras não era reto; tinha interrupções e dobrava em alguns pontos, envolvendo todas as partes do porão. Mas, durante todo o tempo, ele se inclinava para baixo, na direção da barranca do rio. Conforme foram descendo, o cheiro de fumaça se intensificou e uma camada da névoa malcheirosa os envolveu, visível à luz da lanterna.

Brianna prendeu a respiração, tentando não respirar. Bonnet se movia depressa, apesar do peso de lorde John. Ela não conseguia acompanhar, carregando a arma e a lanterna, mas não largou nenhum dos dois. Sua barriga endureceu de novo, mais um momento sem fôlego.

– *Ainda não*, eu disse! – sussurrou, rilhando os dentes.

Teve que parar por um minuto; Bonnet havia desaparecido na fumaça à frente. Mas, evidentemente, ele havia notado a ausência da luz da lanterna... ela o ouviu gritar mais adiante, em um ponto mais alto.

– Mulher! Brianna!

– Estou indo! – gritou ela, e correu o máximo que pôde, sem se preocupar com mais nada. A fumaça engrossava, e ela conseguiu ouvir um estalo fraco em algum ponto longe dali. Em cima? À frente?

Respirava pesadamente, apesar da fumaça. Inspirou fundo e sentiu o cheiro de água. Umidade e lama, folhas mortas e ar fresco cortando a névoa esfumaçada como uma faca.

Um brilho leve surgiu em meio à fumaça e aumentou conforme eles avançavam, reduzindo a necessidade da luz da lanterna dela. Então um quadrado escuro se destacou adiante. Bonnet se virou e pegou o braço dela, arrastando-a para o ar.

E sob o cais, ela percebeu; a água escura aparecia à frente deles e a claridade dançava nela. Reflexo; a claridade vinha de cima, assim como os estalos das chamas. Bonnet não parou nem soltou o braço dela; puxou-a para um lado, para dentro da grama alta e para a lama da barranca. Soltou-a após alguns passos, mas ela o seguiu, puxando o ar, escorregando, tropeçando na barra das saias.

Finalmente, ele parou, à sombra das árvores. Inclinou-se para a frente e deixou o corpo de Grey escorregar para o chão. Permaneceu abaixado por um momento, ofegante, tentando recuperar o fôlego.

Brianna percebeu que conseguia ver os dois homens com clareza, assim como cada flor nos galhos das árvores. Voltou-se, olhou para trás e viu o galpão iluminado como uma lanterna, chamas aparecendo por entre as rachaduras das paredes de madeira. As enormes portas duplas tinham sido deixadas entreabertas; enquanto ela observava, uma rajada de ar quente abriu uma delas e pequenas chamas passaram a se espalhar pela doca.

Ela sentiu a mão no ombro e se virou. Viu o rosto de Bonnet.

– Tenho um navio à espera – disse ele. – Um pouco mais acima. Vai comigo?

Ela balançou a cabeça negando. Ainda estava com a arma, mas não precisava dela. Ele não era uma ameaça.

Mas ele não se foi, ficou ali, olhando para ela, franzindo o cenho. Seu rosto estava macilento, escurecido, pois a luz era fraca. Uma superfície do rio estava em chamas agora, labaredas faiscando na água escura enquanto um rastro de terebintina se estendia sobre ela.

– É verdade? – perguntou ele subitamente. Não pediu permissão, mas pousou as mãos na barriga dela, que se enrijeceu ao toque, com mais um daqueles puxões que não doíam, e um ar de surpresa tomou seu rosto.

Ela se afastou do toque dele, cobrindo-se com a capa, e assentiu, sem conseguir falar.

Ele segurou o queixo dela e olhou seu rosto – avaliando sua sinceridade, talvez? Então a soltou e enfiou um dedo na boca, procurando alguma coisa dentro dela.

Segurou a mão de Brianna e colocou algo molhado e duro ali.

– Para o sustento dele, então – disse e sorriu para ela. – Cuide dele, querida!

Então se foi, subindo a barranca a passos largos, envolto como um demônio pela luz piscante. A terebintina que vazava na água havia se incendiado e labaredas vermelhas subiam, pilares flutuantes de fogo que iluminavam a barranca do rio.

Ela ergueu o mosquete, o dedo no gatilho. Ele estava a menos de 20 metros, um alvo perfeito. *Não pela sua mão.* Ela abaixou a arma e deixou que ele se fosse.

O galpão estava tomado pelo fogo; o calor dele esquentava seu rosto e afastava os cabelos do rosto.

“Tenho um navio um pouco mais acima”, dissera ele. Ela estreitou os olhos. O fogo havia quase coberto o rio, uma labareda flutuante que ia de barranca a barranca em um jardim de fogo com chamas crescentes. Nada poderia passar por aquela parede de fogo.

Ela ainda segurava o objeto que ele havia lhe dado. Abriu a mão e olhou para o diamante negro molhado que brilhava ali, o fogo

se refletindo vermelho em suas facetas.

PARTE XII

Je t'aime



PERDÃO

River Run, maio de 1770

– Essa é a mulher mais teimosa que já conheci! – Brianna entrou no quarto depressa e se sentou na poltrona ao lado da cama, irritada.

Lorde John Grey abriu um olho vermelho logo abaixo do turbante de bandagens.

– Sua tia?

– Quem mais?

– Você tem um espelho em seu quarto, não tem?

Ele fez um bico e, depois de um momento de relutância, ela também.

– É o maldito testamento dela. Já *disse* que não quero River Run, não posso ter escravos, mas ela não quer alterá-lo! Ela só sorri como se eu fosse uma menininha de 6 anos fazendo birra e diz que, quando isso acontecer, vou ficar feliz. Feliz! – Brianna resmungou e se ajeitou numa posição mais confortável. – O que vou fazer?

– Nada.

– Nada? – Ela mostrou seu descontentamento. – Como posso não fazer nada?

– Para começo de conversa, eu ficaria muito surpreso se sua tia não fosse imortal, pois vários tipos de escoceses parecem ser. No entanto... – balançou a mão, rejeitando a ideia –, se não for, e se ela persistir com suas ilusões de que você seria uma boa administradora de River Run...

– O que faz você pensar que eu não seria? – perguntou ela, com o orgulho ferido.

– Não é possível controlar uma terra deste tamanho sem escravos, e você os recusa por motivos de consciência, até onde entendo. Embora nunca tenha visto uma quacre menos convincente.

– Ele semicerrou o olho aberto, indicando o baldaquino imenso de musselina listrada de roxo dentro do qual ela estava. – Voltando ao assunto, ou a um deles, se você se vir com muitos escravos, podem ser feitos arranjos para libertá-los.

– Não na Carolina do Norte. A Assembleia...

– Não, não na Carolina do Norte – concordou ele com paciência. – Se for o caso, e você se vir de posse de escravos, pode simplesmente vendê-los para mim.

– Mas isso...

– E eu os levarei à Virgínia, onde a escravidão é controlada com menos rigor. Quando eles estiverem livres, você devolverá meu dinheiro. A essa altura, você estará totalmente destituída de posses e sem a propriedade, o que parece ser seu maior desejo, menor apenas do que a vontade de se impedir qualquer possibilidade de felicidade pessoal cuidando para que não se casar com o homem que ama.

Ela dobrou um pedaço de musselina entre os dedos, franzindo o cenho para a grande safira que brilhava em sua mão.

– Prometi que primeiro ouviria o que ele tem a dizer. – Lançou um olhar a lorde John. – Mas ainda acho que se trata de chantagem emocional.

– Muito mais eficiente do que qualquer outro tipo – disse ele. – Vale tudo para ter controle sobre um Fraser.

Ela ignorou isso.

– E eu só disse que ouviria. Ainda acho que, quando ele souber de tudo, não... não vai conseguir. – Levou a mão à enorme barriga. – Você não conseguiria, certo? Amar, amar de verdade, quero dizer, um filho que não é seu?

Ele se ajeitou no travesseiro, fazendo uma leve careta.

– Pela mãe da criança? Acho que conseguiria. – Olhou para ela, sorrindo. – Na verdade, eu tinha a impressão de que andava fazendo isso há algum tempo.

Ela permaneceu inexpressiva por um momento, mas logo corou, do pescoço ao colo. Ficava bonita corada.

– Está falando de mim? Sim, sim, mas, quero dizer... não sou criança, e você não está tendo que me assumir. – Encarou-o com os

olhos azuis, contradizendo o rosto corado. – E eu estava esperando que não fosse só pelo meu pai.

Ele ficou em silêncio por um momento, então esticou o braço e apertou a mão dela.

– Não, não foi – disse. Soltou a mão dela e voltou a se deitar, gemendo.

– Está se sentindo pior? – perguntou ela ansiosa. – Quer alguma coisa? Um chá? Um curativo?

– Não, é só uma dor de cabeça forte – disse ele. – A luz faz minha cabeça latejar. – Fechou os olhos de novo. – Diga – falou ele sem abrir os olhos –, por que você parece tão convencida de que um homem não poderia amar uma criança a menos que fosse fruto dele? Na verdade, minha cara, não tive a intenção de me referir a você quando disse que estava fazendo isso. Meu filho, ou melhor, meu enteado, é, na verdade, filho da irmã falecida da minha esposa. Por um trágico acidente, os pais dele morreram com apenas um dia de diferença, e minha esposa Isobel e seus pais o criaram desde bebê. Casei-me com Isobel quando Willie tinha 6 anos, mais ou menos. Então, veja, não há sangue entre nós... e, ainda assim, alguém poderia questionar meu amor por ele ou dizer que ele não é meu filho? Eu repreenderia essa pessoa na mesma hora.

– Compreendo – disse ela passado um momento. – Não sabia disso.

Ele abriu um olho; ela ainda girava o anel, pensativa.

– Acho... – começou ela, e olhou para ele. – Acho que não estou tão preocupada com Roger e com o bebê. Para ser sincera...

– Deus permita que não esteja – murmurou ele.

– Para ser sincera – continuou ela, arregalando os olhos para ele –, acho que estou preocupada a respeito de como seria entre nós... entre mim e Roger. – Hesitou e então falou mais: – Não sabia que Jamie Fraser era meu pai. Durante a vida toda. Depois da Revolta, meus pais se separaram; um pensou que o outro estava morto. Então minha mãe se casou de novo. Eu achava que Frank Randall era meu pai. Só descobri que não era depois que ele morreu.

– Ah. – Ele olhou para ela com interesse crescente. – E esse Randall era cruel com você?

– Não! Ele era... maravilhoso. – Sua voz ficou um pouco embargada e ela pigarreou, envergonhada. – Não. Ele foi o melhor pai que eu poderia ter. É só que pensei que meus pais tinham um bom casamento. Eles se gostavam, eles se respeitavam, eles... bem, pensei que tudo estivesse bem.

Lorde John coçou a região em cima de seus curativos. O médico havia raspado sua cabeça e isso, além de afetar sua vaidade, coçava demais.

– Não consigo ver a dificuldade, aplicada a sua situação de hoje.

Ela suspirou.

– Então meu pai morreu e... descobrimos que Jamie Fraser ainda estava vivo. Minha mãe foi encontrá-lo e depois eu cheguei. E foi... diferente. Eu via como eles se olhavam. Nunca vi minha mãe olhando para Frank Randall daquele jeito... nem ele para ela.

– Ah, sim. – Ele estava desolado. Já tinha visto aquele olhar uma ou duas vezes; na primeira, sentira uma vontade desesperada de enfiar uma faca no coração de Claire Randall.

– Você tem ideia de como isso é raro? – perguntou ele, baixinho. – Esse tipo peculiar de paixão mútua? – A paixão unilateral era bem comum.

– Sim.

Ela havia se virado, o braço comprido estendido no encosto da poltrona, e olhava pelas portas francesas para além dos canteiros de flores da primavera no solo.

– A questão é que... eu acho que tive isso – disse ainda mais baixo. – Por um tempo. Bem pouco. – Virou a cabeça e o fitou com olhos que permitiram que ele visse através dela. – Se perdi, está perdido. Consigo conviver com isso... ou sem isso. Mas não viverei com uma imitação disso. Não toleraria.

– Parece que eu estava certa. – Brianna colocou a bandeja no colo dele e se jogou na poltrona, fazendo as articulações estalarem.

– Não seja misteriosa com um homem doente – disse ele, pegando um pedaço de torrada. – O que quer dizer?

– Drusus acabou de passar pela cozinha contando que viu dois cavaleiros descendo os campos dos Campbells. Disse ter certeza de que um deles era meu pai, que era um homem grande de cabelos ruivos. Deus sabe que não há muitos como ele.

– Não mesmo. – Ele sorriu brevemente, observando-a. – Então, dois cavaleiros?

– Devem ser meu Pa e minha mãe. Então eles não encontraram o Roger. Ou encontraram e ele... não quis voltar. – Torceu a safira grande no dedo. – Que bom que eu tenho outro plano, não?

Lorde John piscou e se apressou a engolir a torrada que estava mastigando.

– Se com essa metáfora extraordinária você está dizendo que pretende se casar comigo, eu garanto...

– Não. – Ela sorriu para ele um pouco desanimada. – Estou brincando.

– Ah, bom. – Ele tomou um gole de chá, fechando os olhos para aproveitar o vapor fragrante. – Dois cavaleiros. Seu primo não foi com eles?

– Foi – disse ela lentamente. – Deus, espero que nada tenha acontecido com Ian.

– Pode ser que muitas coisas tenham acontecido na viagem, coisas que obrigaram seu primo e sua mãe a viajarem mais atrás de seu pai e do Sr. MacKenzie. Ou seu primo e MacKenzie atrás de seus pais. – Ele fez um gesto com a mão indicando inúmeras possibilidades.

– Acho que você tem razão. – Ela ainda parecia ansiosa, mas lorde John imaginava que ela tinha razão. Possibilidades reconfortantes são ótimas a curto prazo, mas as probabilidades mais frias tinham mais chance de vencer a longo prazo, e quem estava acompanhando Jamie Fraser chegaria logo, com as respostas a todas essas perguntas.

Ele afastou o café da manhã que não havia terminado de comer e se recostou nos travesseiros.

– Diga... até onde vai seu remorso por quase ter me matado?

Ela corou e pareceu desconfortável.

– Como assim?

– Se eu pedir a você para fazer algo que você não deseja, seu senso de culpa e obrigação a levará a fazê-lo, de qualquer modo?

– Ah, mais chantagem. O que é? – perguntou ela.

– Perdoe seu pai. Não importa o que tenha acontecido.

A gravidez havia deixado sua pele mais delicada; suas emoções estavam à flor da sua pele macia. Um simples toque já deixaria marcas.

Ele esticou o braço e pousou a mão com delicadeza em seu rosto.

– Por você e também por ele – disse.

– Já perdoei. – Seus cílios cobriram os olhos quando ela olhou para baixo, as mãos ainda no colo, o fogo azul de sua safira brilhando no dedo.

O som de cascos no chão de cascalho foi ouvido pelas portas francesas abertas.

– Então acho melhor você descer e contar isso a ele, minha cara.

Ela contraiu os lábios e assentiu. Sem nada dizer, levantou-se e saiu pela porta, desaparecendo como uma nuvem de tempestade no horizonte.

– Quando soubemos que havia dois cavaleiros vindo e um deles era Jamie, tememos que algo tivesse acontecido a seu sobrinho, ou a MacKenzie. Não nos ocorreu pensar que algo poderia ter acontecido a você.

– Sou imortal – disse ela fitando-o nos olhos. – Você não sabia?

– A pressão de seus polegares saiu das pálpebras dele, que piscou, ainda sentindo seu toque.

– Você tem uma das pupilas levemente aumentada, mas pouco. Segure meus dedos e aperte o mais forte que conseguir. – Ela esticou os dedos indicadores e ele obedeceu, irritado por sentir sua fraqueza.

– Vocês encontraram MacKenzie? – Ele ficou ainda mais irritado por não conseguir controlar sua curiosidade.

Ela o encarou rapidamente e voltou a olhar suas mãos.

– Sim. Ele virá. Um pouco depois.

– Virá? – Ela percebeu o tom de sua pergunta e hesitou, então olhou diretamente para ele.

– Quanto você sabe?

– Tudo – disse ele, e sentiu uma satisfação momentânea ao vê-la surpresa. Então ela franziu um dos lados da boca.

– Tudo?

– O suficiente – corrigiu com sarcasmo. – O suficiente para perguntar se o retorno do Sr. MacKenzie é fato ou desejo, de sua parte.

– Chame de fé. – Sem se preocupar em pedir antes, ela soltou os cordões do pijama dele e o abriu, expondo seu peito. Enrolando uma folha de papel pergaminho e enfiando-a em um tubo, ela encostou uma ponta dele no peito de lorde John e encostou a orelha do outro lado.

– Minha nossa!

– Silêncio, não consigo ouvir – disse ela, fazendo um gesto com a mão para que ele se calasse.

Passou a mover o tubo por partes diferentes do peito dele, parando de vez em quando para dar tapinhas ou tocar o fígado.

– Você já evacuou hoje? – perguntou ela, examinando sua barriga.

– Eu me recuso a dizer – disse ele, voltando a fechar o pijama com dignidade.

Ela parecia mais ultrajante do que o normal. A mulher devia ter pelo menos 40 anos, mas não havia nenhum indício de sua idade além das linhas de expressão ao redor dos olhos e de alguns fios grisalhos em sua farta cabeleira.

Estava mais magra do que antes, mas era difícil dizer, pois ela se vestia como uma bárbara, com blusa e calça de couro. Estava claro que havia passado um tempo ao sol e exposta ao tempo; seu rosto e as mãos tinham um delicado toque marrom, que deixava seus olhos grandes e dourados ainda mais chamativos quando se focavam em alguém, como era o caso naquele momento.

– Brianna disse que o Dr. Fentiman realizou uma trepanação em seu crânio.

Ele se remexeu desconfortavelmente embaixo dos lençóis.

– Fiquei sabendo que aconteceu. Mas não estava consciente.

Ela esboçou um sorriso.

– Tudo bem. Posso olhar? Só por curiosidade – continuou, com uma delicadeza incomum. – Não é necessidade médica. É que nunca vi uma trepanação.

Ele fechou os olhos, desistindo.

– Além do estado do meu intestino, não tenho segredos para você, madame.

Inclinou a cabeça, indicando a localização do furo em sua cabeça. E sentiu os dedos frios escorregarem por baixo do curativo, erguendo a gaze e deixando o ar passar e aliviar sua cabeça quente.

– Brianna está com o pai dela? – perguntou ele, os olhos ainda fechados.

– Sim. – Sua voz estava mais suave. – Ela me disse... disse a nós... um pouco do que você fez por ela. Obrigada.

Os dedos se afastaram e ele abriu os olhos.

– Foi um prazer poder ajudá-la. Com a cabeça furada e tudo.

Ela sorriu.

– Jamie virá vê-lo já, já. Ele... está conversando com Brianna no jardim.

Ele sentiu uma pontada de ansiedade.

– Eles... estão se entendendo?

– Veja você mesmo.

Ela passou um braço por trás dele e, com uma força muito grande para uma mulher com ossos tão pequenos, endireitou o corpo dele. Além da balaustrada, ele viu duas pessoas no fim do jardim, as cabeças encostadas uma na outra. Enquanto observava, eles se abraçaram e então se afastaram, rindo da estranheza causada pela forma de Brianna.

– Acho que chegamos aqui a tempo – murmurou Claire, olhando para a filha com olhar atento. – Não vai demorar muito.

– Confesso que fiquei feliz com sua chegada – disse ele, permitindo que ela o aconchegasse nos travesseiros e ajeitasse a roupa de cama. – Mal sobrevivi à experiência de ser enfermeiro de sua filha; acredito que atuar como parteira acabaria comigo.

– Ah, quase me esqueci. – Claire enfiou a mão em um saco de couro feio que levava ao redor do pescoço. – Brianna me pediu para

devolver isso a você, pois não vai mais precisar.

Ele estendeu a mão e uma pedrinha azul brilhante caiu na palma.

– Fui abandonado, meu Deus! – exclamou e sorriu.

ÚLTIMA CHANCE

– É como o beisebol – garanti a ela. – Longos períodos de tédio pontuados por momentos curtos de atividade intensa.

Ela riu e, de repente, parou, com uma careta.

– Hum. Intensa, sei. Ufa! – Abriu um sorriso meio torto. – Pelo menos, nos jogos de beisebol você bebe cerveja e come cachorro-quente nas partes chatas.

Jamie, atentando para a única parte dessa conversa que fazia sentido, inclinou-se para a frente.

– Tem um jarro pequeno de cerveja na despensa – disse, espiando Brianna com ansiedade. – Quer que eu pegue?

– Não – falei. – A menos que você queira um pouco; álcool não faria bem para o bebê.

– Ah. Mas e o cachorro-quente? – Ele ficou de pé e flexionou as mãos, obviamente se preparando para sair à caça de um.

– É um tipo de salsicha no pão – expliquei, esfregando o lábio superior numa tentativa de não rir. Olhei para Brianna. – Acho que ela não quer um. – Pequenas gotas de suor tinham aparecido repentinamente em sua testa e ela estava pálida ao redor dos olhos.

– Ai, droga – disse ela.

Interpretando esse comentário pela aparência dela, Jamie logo pressionou o pano úmido no rosto e no pescoço dela.

– Coloque a cabeça entre os joelhos, moça.

Ela olhou para ele com ar feroz.

– Não consigo colocar... a cabeça... *perto* dos joelhos! – disse, rilhando os dentes. Então o espasmo passou e ela respirou fundo, a cor voltando ao seu rosto.

Jamie olhou para ela e para mim, franzindo o cenho com preocupação. Deu um passo hesitante em direção à porta.

– Então acho melhor eu ir, se você...
– Não me deixe!
– Mas isso é... quero dizer, você tem sua mãe e...
– Não me deixe! – repetiu ela. Agitada, inclinou-se e pegou o braço dele, sacudindo-o para enfatizar. – Não pode me deixar! Você disse que eu não morreria. – Ela olhava fixamente para o rosto dele. – Se você está dizendo, vai ficar tudo bem. Não vou morrer. – Falava com tanta intensidade que senti uma onda repentina de medo me apertar por dentro, forte como a dor do parto.

Ela era grande, forte e saudável. Não deveria ter problemas no parto. Mas eu também era grande e saudável – e, 25 anos antes, tinha perdido um natimorto aos seis meses e quase morri junto. Eu poderia protegê-la dos desconfortos do parto, mas não haveria como fazer isso no caso de uma hemorragia repentina; o melhor que eu podia fazer em tais circunstâncias seria tentar salvar seu filho por meio de uma cesárea. Mas evitava olhar para a caixa na qual a lâmina esterilizada estava, só por garantia.

– Você não vai morrer, Bree – falei do modo mais tranquilo que consegui e pousei a mão no seu ombro, mas ela deve ter sentido o medo sob minha fachada profissional. Seu rosto se contorceu e ela pegou minha mão com força. Fechou os olhos e respirou pelo nariz, mas não gritou.

Abriu os olhos e me encarou, as pupilas dilatadas de tal modo que parecia olhar através de mim, para um futuro que só ela conseguia vislumbrar.

– Se eu morrer... – disse, passando a mão na barriga inchada. Mexia a boca, mas o que ela pretendia dizer não conseguia ser dito.

Levantou-se com esforço e apoiou o peso do corpo em Jamie, o rosto escondido no ombro dele, repetindo:

– Pa, não me deixe.

– Não deixarei você, *a leannan*. Não tenha medo, ficarei com você. – Ele a abraçou, olhando para mim por cima da cabeça dela, sem saber o que fazer.

– Caminhe com ela – falei para Jamie ao vê-la inquieta. – Como um cavalo com cólica – acrescentei quando ele pareceu não entender.

Isso a fez rir. Com o ar de alguém que se aproxima de uma bomba armada, ele passou a mão pela cintura dela e a levou lentamente pelo quarto. Devido ao tamanho dos dois, o som era bem parecido com o de um cavalo sendo conduzido.

– Tudo bem? – Ouvi quando ele perguntou com ansiedade, na primeira volta.

– Direi quando não estiver tudo bem – disse ela.

Estava quente para meados de maio; abri bem as janelas, e os cheiros de flox e aquilégia entraram, misturados com o ar fresco e úmido do rio.

A casa estava tomada por um ar de expectativa: ansiedade, com um toque de medo. Jocasta andava de um lado para outro na varanda lá embaixo, nervosa demais para ficar parada. Betty espiava de minuto em minuto para perguntar se precisávamos de alguma coisa. Phaedre veio da dispensa com um jarro de leite, só para garantir. Brianna, focada em manter os olhos fechados, apenas balançou a cabeça para recusar; eu beberiquei um copo, mentalmente conferindo os preparos.

A verdade é que não havia muita coisa que se precisasse fazer para um parto normal, e não havia muito que se *pudesse* fazer se não fosse. A cama estava coberta com cobertores velhos e listrados para proteger o colchão; havia uma pilha de panos limpos à mão e uma lata de água quente, renovada a cada meia hora, mais ou menos, pela copeira. Água fria para bebericar e para molhar a testa, um pequeno vidro de óleo para massagear, meu kit de sutura por perto, para garantir – fora isso, tudo dependia de Brianna.

Depois de caminhar por quase uma hora, ela parou no meio do quarto, segurando o braço de Jamie e respirando pelo nariz como um cavalo ao fim de uma longa corrida.

– Quero me deitar – disse.

Phaedre e eu tiramos o seu vestido e a colocamos na cama com a camisola. Pousei as mãos na protuberância enorme de sua barriga, encantada com a impossibilidade do que já tinha acontecido e do que aconteceria em breve.

A rigidez da contração passou e consegui sentir as curvas do bebê por sobre a cobertura fina e de textura parecida com borracha da pele e dos músculos. Era grande, percebi, mas parecia estar

deitado corretamente, com a cabeça para baixo e totalmente encaixado.

Normalmente, os bebês prestes a nascer ficam muito quietos, intimidados pela comoção ao seu redor. Esse estava se mexendo; senti um movimento leve e distinto contra minha mão ao perceber um cotovelo se destacar.

– Papai! – Brianna esticou o braço sem olhar, debatendo-se quando uma contração tomou conta do seu corpo inesperadamente. Jamie se lançou para ela e segurou sua mão, apertando com força.

– Estou aqui, *a bheanachd*, estou aqui.

Ela respirou com força, o rosto vermelho, e então relaxou, engolindo em seco.

– Quanto tempo? – perguntou. Ela estava de frente para mim, mas não me olhava: não estava olhando para nada.

– Não sei. Não muito, acho. – As contrações estavam acontecendo com cinco minutos de intervalo, mas eu sabia que elas poderiam continuar assim por muito tempo ou se acelerar de repente; não havia como saber.

Uma brisa suave entrava pela janela, mas ela suave. Sequei seu rosto e o pescoço de novo e esfreguei seus ombros.

– Você está indo muito bem, amor – sussurrei. – Muito bem. – Olhei para Jamie e sorri. – Você também.

Ele tentou retribuir o sorriso; também estava suando, o rosto pálido, não vermelho.

– Converse comigo, Pa – disse ela.

– Hein? – Ele olhou para mim, assustado. – O que devo dizer?

– Não importa – respondi. – Conte histórias para ela; qualquer coisa para distraí-la.

– Ah... Ahn... você deve ter ouvido esta... Habetrot, a fiandeira.

Brianna resmungou em resposta. Jamie parecia apreensivo, mas começou mesmo assim:

– Bem. Acontece que em uma antiga fazenda que ficava perto do rio vivia uma jovem chamada Maisie. Tinha cabelos ruivos e olhos azuis e era a moça mais linda de todo o vale. Mas ela não tinha marido, porque... – Parou, assustado. Arregalei os olhos para ele.

Ele tossiu e continuou, claramente sem saber o que mais fazer.

– Ah... porque naquela época os homens eram práticos e, em vez de procurar moças lindas para serem suas noivas, procuravam moças que sabiam cozinhar e tecer, que pudessem se tornar donas de casa exemplares. Mas Maisie...

Brianna emitia um som sobre-humano. Jamie rilhou os dentes por um momento, mas continuou, segurando as duas mãos dela com força.

– Mas Maisie amava a luz nos campos e as aves nos vales...

A luz desapareceu gradualmente da sala e o odor das flores quentes ao sol foi substituído pelo cheiro de mato dos salgueiros perto do rio e pelo cheiro fraco de lenha da cozinha.

A camisola de Brianna estava encharcada, presa a sua pele. Pressionei os polegares em suas costas, logo acima do quadril, e ela pressionou o corpo contra mim, tentando aliviar a dor. Jamie permanecia sentado de cabeça baixa, segurando as mãos dela, ainda falando baixo, contando história de sereias e caçadores de focas, de gaitistas e elfos, dos grandes gigantes da gruta de Fingal, e do cavalo negro do Demônio que atravessa o ar mais depressa que o pensamento entre um homem e uma criada.

As dores vinham a intervalos muito curtos. Fiz um gesto para Phaedre, que saiu correndo e voltou com um círio aceso, para iluminar as velas nos candeeiros.

A luz era suave no quarto e a temperatura estava amena: nas paredes, era possível ver sombras. A voz de Jamie ficara rouca; Brianna já estava perto.

De repente, ela se soltou dele e se sentou segurando os joelhos, o rosto muito vermelho devido ao esforço, empurrando.

– Agora – falei. Ajeitei os travesseiros rapidamente embaixo dela, fiz com que se recostasse na cabeceira e chamei Phaedre para segurar a vela para mim.

Untei os dedos, enfiei a mão embaixo da camisola dela e toquei a carne que não tocava desde que ela era um bebê. Esfreguei lentamente, delicadamente, falando com ela, sabendo que não fazia muita diferença o que eu dissesse.

Senti a pressão, a mudança repentina em meus dedos. Um relaxamento, e então de novo. Um jato inesperado de líquido amniótico espirrou na cama e pingou no chão, enchendo o quarto

com o cheiro de rios fecundos. Esfreguei mais, rezando para que não viesse depressa demais, para não rasgá-la.

O círculo de carne se abriu de repente e meus dedos tocaram algo molhado e duro. Relaxamento, e ele foi para trás, para longe, deixando as pontas dos meus dedos formigando com a sensação de ter tocado alguém totalmente novo. Mais uma vez a grande pressão, o empuxo, e de novo o retorno lento. Puxei para cima a barra da camisola, e com o empuxo seguinte, o círculo se esticou de forma inacreditável e uma cabeça parecida com uma gárgula chinesa apareceu, junto com um esguicho de líquido amniótico e sangue.

Vi-me frente a frente com uma cabeça branca cerosa e parecida com um punho, que fazia uma careta de fúria para mim.

– O que é? Um menino? – A pergunta de Jamie em voz rouca me tirou da surpresa que eu sentia.

– Espero que sim – disse, limpando com o polegar o muco do nariz e da boca. – É a coisa mais feia que já vi; que Deus ajude se for menina.

Brianna emitia um som que podia ter começado como risada e se virou com muito esforço, gritando. Mal tive tempo de enfiar os dedos e virar os ombros largos um pouco para ajudar. Ouvi um *pop* alto e uma forma longa e úmida escorregou no cobertor, remexendo-se como uma truta na terra.

Peguei uma toalha de linho limpa e o envolvi – era ele, o saco escrotal aparecia redondo e roxo entre as coxas gordas –, e conferi seus sinais de Apgar: respiração, cor, atividade... tudo bem. Ele emitia sons finos e irritadiços, explosões curtas de gritos, não exatamente um choro, e dava soquinhos no ar.

Deitei-o na cama, a mão em cima dele, enquanto eu examinava Brianna. As coxas dela estavam manchadas de sangue, mas não havia sinal de hemorragia. O cordão ainda estava pulsando, uma serpente grossa e molhada de ligação entre eles.

Ela estava ofegante, deitada de costas nos travesseiros amassados, os cabelos grudados às têmporas, um sorriso enorme de alívio e triunfo no rosto. Pousei a mão na barriga dela, repentinamente flácida. Lá no fundo, senti a placenta se soltar quando seu corpo soltou o último elo físico com o filho.

– Mais uma vez, linda – falei baixinho para ela. A última contração fez sua barriga tremer, e a placenta escorregou. Cortei o cordão e coloquei o bebê nos braços dela.

– Ele é lindo – sussurrei.

Deixei-o com ela e concentrei minha atenção em assuntos imediatos, massageando a barriga dela com firmeza com minhas mãos, para incentivar o útero a se contrair e a parar de sangrar. Ouvi a animação se espalhar pela casa quando Phaedre desceu a escada para espalhar a notícia. Olhei para a frente uma vez e vi Brianna reluzente, ainda sorrindo de orelha a orelha. Jamie estava atrás dela, também sorrindo, as faces molhadas de lágrimas. Ele lhe disse algo em gaélico e, ao afastar os cabelos dela de seu pescoço, inclinou-se e a beijou com cuidado, atrás da orelha.

– Ele está com fome? – A voz de Brianna saiu profunda e falha, e ela tentou pigarrear. – Devo alimentá-lo?

– Experimente e veja. Às vezes eles ficam sonolentos logo depois, mas às vezes querem mamar.

Ela mexeu na gola da camisola e soltou o cordão, expondo um seio cheio. O bebê emitiu resmungos quando ela o virou sem jeito para ela, cujos olhos se abriram de surpresa quando ele agarrou seu mamilo com uma ferocidade repentina.

– Forte, não? – falei, e percebi que estava chorando quando senti o gosto de sal das lágrimas descendo até meu sorriso.

Algum tempo depois, mãe e filho limpos e confortáveis, comida e bebida trazidas para Brianna e uma última verificação para ver se tudo estava bem, caminhei para as sombras da galeria acima. Eu me sentia agradavelmente desligada da realidade, como se estivesse caminhando uns 30 centímetros acima do chão.

Jamie havia descido para contar a John; estava esperando por mim aos pés da escada. Ele me recebeu de braços abertos sem nada dizer e me beijou; quando me soltou, vi as marcas vermelhas das unhas de Brianna nas mãos dele, ainda não totalmente desaparecidas.

– Você foi muito bem – sussurrou para mim. Então a alegria de seus olhos se tornou um sorriso enorme. – Vovó!

– Ele é moreno ou louro? – perguntou Jamie de repente, apoiando-se num cotovelo ao meu lado na cama. – Conte os dedinhos dele, mas nem pensei em olhar.

– Não dá para saber ainda – respondi sonolenta. Eu havia contado os dedos dos pés e pensado nisso. – Ele está meio roxo-avermelhado e ainda coberto pelo verniz caseoso, a camada branca, pelo corpo todo. Provavelmente teremos que esperar um ou dois dias até a pele dele ganhar a cor natural. Tem um pouco de cabelos pretos, mas é do tipo que cai depois do nascimento. – Espreguicei-me, aproveitando a dor agradável nas pernas e nas costas; o trabalho de parto era difícil, até mesmo para a parteira. – Não provaria nada, ainda que ele fosse claro; já que Brianna também é, ele também pode ser.

– Sim... mas, se fosse moreno, saberíamos com certeza.

– Talvez não. Seu pai era moreno, o meu também. Ele poderia ter genes recessivos e nascer moreno mesmo se...

– Ele poderia ter *o quê?*

Tentei, sem sucesso, pensar se Gregor Mendel já tinha começado a mexer com suas ervilhas, mas desisti, sonolenta demais para me concentrar. De qualquer modo, Jamie evidentemente não havia ouvido falar dele.

– Ele poderia ser de qualquer cor, e não saberíamos com certeza – expliquei. Bocejei. – Não saberemos até que cresça um pouco e comece a se parecer com... alguém. E mesmo assim... – Parei de falar. Será que importava tanto quem era seu pai, se ele não teria nenhum?

Jamie rolou na minha direção e me envolveu em um abraço por trás. Dormimos nus, e os pelos do seu corpo raspavam em minha pele. Ele me beijou delicadamente na nuca e suspirou, a respiração quente e formigante em meu ouvido.

Eu estava quase dormindo, feliz demais para me entregar totalmente aos sonhos. Em algum lugar próximo dali, ouvi um grasnado abafado e o murmúrio de vozes.

– Sim, bem – a voz de Jamie me despertou, alguns momentos depois. Ele soava insolente. – Se não conheço o pai dele, pelo menos tenho certeza de quem é o avô.

Estiquei a mão e dei um tapinha em sua perna.

– Também tenho, vovô. Agora, durma. “O amanhã trará suas preocupações.”

Ele rosnou, mas seus braços relaxaram ao redor do meu corpo, a mão envolvendo meu seio, e, em momentos, estava dormindo.

Fiquei de olhos abertos, observando as estrelas pela janela escancarada. Por que eu havia dito aquilo? Era a frase preferida de Frank, uma que ele sempre usava para acalmar Brianna ou a mim quando nos preocupávamos com as coisas. *O amanhã trará suas preocupações.*

O ar no quarto estava vivo: uma brisa suave soprava as cortinas e o frio tocou meu rosto.

– Você sabe? – sussurrei, sem emitir som. – Sabe que ela teve um filho?

Não houve resposta, mas a paz tomou conta de mim gradualmente no silêncio da noite e finalmente me entreguei aos sonhos.

RETORNO À CORDILHEIRA DOS FRASERS

Jocasta odiou se afastar do seu parente mais novo, mas o plantio da primavera já estava muito atrasado, e a casa, muito abandonada; precisávamos voltar para a Cordilheira sem demora, e Brianna não quis saber de ficar para trás. O que foi bom, já que teríamos que usar dinamite para separar Jamie do neto.

Lorde John estava bem o suficiente para viajar; ele nos acompanhou até a Great Buffalo Trail Road, onde beijou Brianna e o bebê, abraçou Jamie e a mim – fiquei chocada! – antes de seguir para o norte em direção à Virgínia para encontrar Willie.

– Vou confiar que você vai cuidar deles – disse para mim baixinho, meneando a cabeça em direção à carroça, onde duas cabeças brilhantes estavam unidas observando o bebê no colo de Brianna.

– Pode confiar – falei, e apertei a mão dele. – Confio que você também se cuidará. – Ele levou minha mão aos lábios brevemente, sorriu para mim e partiu sem olhar para trás.

Uma semana depois, chegamos à casa tomada pelo mato, na Cordilheira, onde os morangos silvestres abundavam, verde, branco e vermelho juntos, constância e coragem, doçura e amargor misturados nas sombras das árvores.

A cabana estava suja e abandonada, os galpões, cheios de folhas mortas. O jardim era uma mistura de caules velhos e secos e plantas sem cuidado, e o pasto estava vazio como uma concha. A estrutura da casa nova estava preta e esquelética. O lugar parecia inabitável, uma ruína.

Eu nunca me senti tão feliz voltando para casa.

Nome, escrevi, e parei. Como saber?, pensei. Seu sobrenome era uma dúvida; seu prenome nem sequer tinha sido decidido.

Eu o chamava de “querido” e “amor”. Lizzie o chamava de “caro rapaz”, Jamie se referia a ele com formalidade, em gaélico, como “neto” ou “*a Ruaidh*”, O Vermelho – já que a penugem preta de recém-nascido e a pele clara tinham dado lugar a um tom vermelho que deixava claro ao observador mais distraído quem era o avô dele – fosse lá quem fosse o pai.

Brianna não tinha necessidade de chamá-lo de nada; ela o mantinha sempre perto dela e cuidava dele com uma entrega tão extremada que não se explicava com palavras. Ela não lhe daria um nome formal, disse. Ainda não.

– Quando? – perguntara Lizzie, mas Brianna não respondera. Eu sabia quando: quando Roger chegasse.

– E, se ele não vier – dissera Jamie em particular a mim –, acho que o pobrezinho vai morrer sem nome. Cristo, essa moça é teimosa!

– Ela confia em Roger – falei com calma. – Você podia tentar fazer a mesma coisa.

Ele me lançou um olhar penetrante.

– Existe uma diferença entre confiança e esperança, Sassenach, e você sabe disso tão bem quanto eu.

– Bem, tenha um pouco de esperança, está bem? – rebati e dei as costas para ele, balançando a pena com vigor. O pequeno Ponto de Interrogação estava com uma assadura no bumbum que não deixou que ele – nem ninguém na casa – dormisse. Eu estava cansada e irritada, sem paciência para aguentar qualquer demonstração de falta de fé.

Jamie circundou a mesa e se sentou à minha frente, apoiando o queixo nos braços dobrados, assim fui forçada a olhar para ele.

– Eu teria – disse ele, um tanto bem-humorado –, se conseguisse decidir se é melhor esperar que ele venha ou que não venha.

Sorri e estendi o braço para passar a pena pelo nariz dele como sinal de que o perdoava, e depois voltei a trabalhar. Ele enrugou o nariz e espirrou, e logo se endireitou, olhando para o papel.

– O que está fazendo, Sassenach?

– Escrevendo a certidão de nascimento de nosso pequeno Gizmo, o que posso, pelo menos.

– Gizmo? – perguntou ele, desconfiado. – Isso é nome de santo?

– Acho que não, mas nunca se sabe, já que vemos pessoas chamadas Pantaleão ou Onofre. Ou Ferreolo.

– Ferreolo? Não sabia desse. – Ele se recostou com as mãos sobre o joelho.

– Um dos meus preferidos – disse-lhe, tomando o cuidado de preencher a data do nascimento e a hora... ainda que fosse uma estimativa, coitadinho. Havia exatamente duas informações inequívocas em sua certidão – a data e o nome da médica que havia feito o parto. – Ferreolo – continuei, divertida. – É o santo padroeiro das galinhas doentes. Mártir cristão. Era um tribuno romano e um cristão em segredo. Depois de ser descoberto, foi acorrentado na prisão para esperar o julgamento... acho que as celas deveriam estar cheias. Parece que era muito esperto: escapou das correntes e fugiu pelo esgoto. No entanto, foi recapturado, arrastado de volta e decapitado.

Jamie não esboçou reação.

– O que isso tem a ver com galinhas?

– Não tenho a menor ideia. Pergunte ao Vaticano – disse a ele.

– Hummm. Bem, eu sempre gostei muito do Santo Guignole. – Vi o brilho em seus olhos, mas não resisti.

– E ele é o santo padroeiro de...?

– Ele invocou contra a impotência. – O brilho se intensificou. – Vi uma estátua dele em Brest, certa vez; disseram que estava ali há mil anos. Era uma estátua milagrosa, tinha um pau como um cano de arma e...

– Um *o quê*?

– Bom, o tamanho não era a parte milagrosa – disse ele, acenando para que eu me calasse. – Ou nem tanto. O pessoal da cidade diz que por mil anos as pessoas arrancaram pedacinhos dele para guardar como peças sagradas, mas o pau continua grande como sempre. – Sorriu para mim. – Dizem que um homem com um pouco de São Guignole no bolso consegue passar uma noite e um dia sem se cansar.

– Acho que não com a mesma mulher – redargui de modo seco.
– Mas nos leva a tentar descobrir o que ele fez para merecer a santidade, não?

Ele riu.

– Qualquer homem que tenha tido uma oração atendida pode dizer isso, Sassenach. – Virou-se no banquinho e focou no que via pela porta aberta: Brianna e Lizzie estavam sentadas na grama, saias rodadas ao redor do corpo, observando o bebê, nu sobre um xale velho, de bruços, com o bumbum vermelho como o de um babuíno.

Brianna Ellen, escrevi com letra caprichada... e parei.

– Brianna Ellen Randall, o que acha? – perguntei. – Ou Fraser? Ou os dois?

Ele não se virou, mas seus ombros se ergueram levemente.

– Isso tem importância?

– Pode ser que sim. – Soprei a página, observando as letras pretas brilhantes perderem o brilho enquanto a tinta secava. – Se Roger voltar, e independentemente de ele ficar ou não, se quiser reconhecer o pequeno Anônimo, acho que o nome dele será MacKenzie. Se não quiser, então imagino que o bebê ficará com o nome da mãe.

Ele ficou em silêncio por um momento, observando as duas moças. Elas tinham lavado os cabelos no riacho naquela manhã; Lizzie penteava a juba de Brianna, e as mechas compridas brilhavam como seda vermelha ao sol do verão.

– Ela diz ser Fraser – disse ele com delicadeza. – Ou dizia.

Abaixei a pena e estiquei a mão sobre a mesa para pousá-la em seu braço.

– Ela perdoou você – falei. – Você sabe que perdoou.

Ele moveu os ombros; não deu de ombros exatamente, mas fez uma tentativa de diminuir a pressão que sentia por dentro.

– Por enquanto – disse. – Mas e se o homem não voltar?

Hesitei. Ele estava certo; Brianna havia perdoado seu primeiro erro. Ainda assim, se Roger não aparecesse logo, ela poderia culpar Jamie por isso, não sem motivo, fui forçada a admitir.

– Use os dois – disse Jamie de repente. – Deixe que ela escolha. – Acho que ele não se referiu a sobrenomes.

- Ele virá – falei com firmeza – e tudo ficará bem.
- Peguei a pena e acrescentei, não muito baixo:
- Espero.

Ele se abaixou para beber, a água jorrando por cima da pedra verde-escura. Era um dia quente; primavera agora, não outono, mas o musgo ainda apresentava um tom verde-esmeralda no chão.

A lembrança de uma lâmina era algo distante: sua barba estava densa e os cabelos passavam dos ombros. Havia se banhado em um riacho na noite anterior e fez o melhor que pôde para lavar seu corpo e suas roupas, mas não tinha ilusões acerca de sua aparência. Tampouco se importava, disse a si mesmo. Sua aparência não importava.

Voltou-se, mancando, para onde havia deixado seu cavalo. O pé doía, mas isso também não tinha importância.

Atravessou lentamente a clareira onde havia encontrado Jamie Fraser pela primeira vez. As folhas estavam novas e verdes e, a distância, ouviu o grasnado dos corvos. Nada se movia entre as árvores além da vegetação selvagem. Respirou fundo e sentiu uma pontada de lembrança, um vestígio do passado, afiado como vidro.

Virou o cavalo em direção ao topo da Cordilheira e se apressou, batendo o pé são com delicadeza. Faltava pouco. Ele não fazia ideia de como poderia ser a recepção, mas não importava.

Nada mais importava agora além do fato de estar ali.

SANGUE DO MEU SANGUE

Algum coelho enxerido havia cavado buracos por baixo das estacas da minha horta de novo. Um coelho voraz era capaz de comer um repolho até a raiz, e, pelo que vi, ele havia trazido alguns amigos. Suspirei e me agachei para consertar o estrago, enfiando as pedras e a terra de volta no buraco. A perda de lan era um inconveniente constante; em momentos como esse, eu sentia falta até do cachorro horrórico que ele tinha.

Eu havia trazido uma grande coleção de mudas e sementes de River Run e a maioria sobreviveu à viagem. Estávamos em meados de junho, ainda havia tempo para plantar mais cenouras. A pequena plantação de batatas estava bem, assim como a de amendoim; os coelhos não chegavam perto delas e também não ligavam para as ervas aromáticas, só para a erva-doce, que comiam sem parar.

Eu queria repolho, para fazer chucrute; quando viesse o inverno, precisaríamos de alimentos com sabor e também com vitamina C. Tinha sementes em quantidade suficiente e poderia preparar um plantio decente antes de o frio chegar, se conseguisse afastar os malditos coelhos. Tamborilei os dedos na alça do cesto, pensando. Os índios espalhavam mechas de cabelos ao redor dos limites dos campos, mas era mais proteção contra veados do que contra coelhos.

Jamie era o melhor repelente, concluí. Nayawenne havia me dito que o cheiro da urina de um carnívoro mantinha os coelhos afastados – e um homem que comia carne era quase tão bom quanto um leão da montanha, sem falar que era mais obediente. Sim, seria assim. Ele havia matado um veado apenas dois dias antes; ainda estava pendurado. Mas eu deveria preparar um jarro de cerveja de abeto para acompanhar o assado...

Enquanto caminhava em direção à horta para ver se havia maracujá para dar sabor, vi, pela visão periférica, um movimento no fim da clareira. Pensando ser Jamie, voltei-me para me aproximar e lhe dar a nova atribuição, mas parei ao ver quem realmente era.

Ele estava pior do que na última vez que eu o vira, que já fazia um tempo. Não usava chapéu, os cabelos e a barba reluziam e suas roupas estavam puídas. Estava descalço, com um dos pés envolvido em muitos panos imundos, e mancava bastante.

Ele me viu logo e parou enquanto eu me aproximava.

– Que bom que é você – disse ele. – Fiquei imaginando quem encontraria primeiro. – Sua voz soava baixa e rouca, e me perguntei se ele havia falado com uma alma viva desde que nós o deixamos nas montanhas.

– Seu pé, Roger...

– Não importa. – Segurou meu braço. – Eles estão bem? O bebê? E Brianna?

– Estão bem. Todo mundo está dentro de casa. – Ele virou a cabeça em direção à casa, e eu acrescentei: – Você tem um filho.

Olhou para mim, os olhos verdes arregalados e sobressaltados.

– Ele é meu? *Eu* tenho um filho?

– Acho que sim – disse. – Você está aqui, não está? – O olhar de surpresa, e de esperança, percebi, desapareceu lentamente. Fitou-me nos olhos e pareceu analisar como eu me sentia, pois sorriu, não com facilidade, apenas um leve erguer do canto da boca, mas sorriu.

– Estou aqui – disse, e se virou em direção à cabana e à porta aberta.

Jamie estava sentado à mesa, com as mangas da camisa enroladas, ao lado de Brianna, franzindo o cenho para os desenhos de casas para os quais ela apontava com a pena. Os dois estavam cobertos de tinta, sempre entusiasmados quando conversavam sobre arquitetura. O bebê roncava tranquilamente no berço perto deles; Brianna o balançava distraidamente com um pé. Lizzie tecia perto da janela, murmurando baixinho enquanto a roda girava.

– Uma cena muito doméstica – disse Roger, parando na entrada. – Não parece certo perturbá-los.

– Você tem escolha? – perguntei.

– Sim, tenho – respondeu. – Mas já a fiz. – Caminhou com firmeza até a porta aberta e entrou.

Jamie reagiu instantaneamente àquela sombra desconhecida à porta: empurrou Brianna para fora do banco e avançou em direção à pistola na parede. Apontou a arma para o peito de Roger antes de perceber o quê, ou quem, estava vendo e a abaixou com uma leve exclamação, contrariado.

– Ah, é você – disse.

O bebê, que havia acordado com o barulho do banco virando, estava gritando a plenos pulmões. Brianna o pegou do berço e o levou ao peito, observando de olhos arregalados a aparição na porta.

Eu havia me esquecido de que ela não tivera a chance de vê-lo havia muito mais tempo do que eu; ele mudara substancialmente, deixando de ser o jovem professor de História que a deixara em Wilmington, quase um ano antes.

Roger deu um passo em direção a ela; instintivamente, ela deu um passo para trás. Ele ficou parado, olhando para a criança. Ela se sentou no banco, mexendo no corpete, inclinando-se de modo protetor sobre o bebê. Puxou um xale sobre o ombro e ofereceu o peito a ele, escondido, e ele parou de gritar.

Vi Roger olhar para o bebê e para Jamie. Jamie estava ao lado de Brianna, paralisado, de um modo que me assustava – ereto e imóvel como uma dinamite com o pavio aceso.

Brianna moveu a cabeça de cabelos ruivos, olhando de um para outro, e vi o que ela viu: o eco da pose perigosa de Jamie em Roger. Foi inesperado e chocante; eu nunca tinha visto nenhuma semelhança entre eles – mas, naquele momento, era como se fossem dia e noite, imagens de fogo e escuridão, um espelhando o outro.

MacKenzie, pensei de repente. Feras vikings, de sangue quente e grandes. E vi o terceiro sinal daquela herança forte aparecer nos olhos de Brianna, a única coisa viva em seu rosto.

Eu deveria dizer algo, fazer alguma coisa, para quebrar aquela paralisia. Mas minha boca estava seca, e não havia nada que eu pudesse fazer.

Roger estendeu a mão para Jamie, com a palma para cima, e não havia súplica naquele gesto.

– Acho que você não gosta, assim como eu também não – disse com voz rouca –, mas você é meu parente mais próximo. Vim fazer um juramento pelo sangue que compartilhamos.

Não soube dizer se Jamie hesitou ou não; o tempo parecia ter parado, o ar na sala se cristalizou ao nosso redor. Então vi Jamie pegar o punhal e passar a lâmina pelo pulso magro e bronzeado do rapaz, que expeliu um sangue muito vermelho.

Para minha surpresa, Roger não olhou para Brianna nem segurou a mão dela. Apenas passou o polegar pelo sangue e se aproximou dela, olhando para o bebê. Ela se retraiu por instinto, mas Jamie pousou a mão em seu ombro.

Ela parou quando foi tocada, uma promessa de controle e proteção, mas segurou com mais força o bebê, aninhado em seu peito. Roger se ajoelhou diante dela e, estendendo o braço, puxou o xale para o lado e fez uma cruz vermelha e grossa na testa do bebê.

– Você é sangue do meu sangue – disse baixinho – e ossos dos meus ossos. Recebo você como meu filho diante de todos os homens, de hoje em diante. – Olhou para Jamie, desafiador. Passado um momento, Jamie assentiu brevemente e deu um passo para trás, tirando a mão do ombro de Brianna.

Roger olhou para Brianna.

– Como ele se chama?

– Ainda não tem nome. – Ela olhou para ele, confusa. Estava claro que o homem que havia voltado não era o mesmo que a havia deixado.

Os olhos de Roger permaneceram fixos nos dela quando ele se levantou. O sangue ainda escorria do seu pulso. Chocada, percebi que ela estava tão mudada para ele quanto ele para ela.

– Ele é meu filho – disse Roger baixinho meneando a cabeça para o bebê. – Você é minha esposa?

Os lábios de Brianna ficaram pálidos.

– Não sei.

– Este homem diz que vocês fizeram *handfasting*. – Jamie deu um passo mais para perto dela, observando Roger. – É verdade?

– Nós... nós fizemos.

– Ainda estamos unidos. – Roger respirou fundo e percebi, de repente, que ele estava prestes a cair, talvez por fome, exaustão, ou pelo choque de ter sido cortado.

Segurei seu braço, fiz com que ele se sentasse, mandei Lizzie buscar leite na despensa e peguei minha caixa de medicamentos para cuidar do pulso dele.

Essa atitude normal pareceu diminuir um pouco a tensão. Pretendendo ajudar dessa maneira, abri uma garrafa de conhaque de River Run, servi um copo para Jamie e coloquei uma boa dose no leite de Roger. Jamie olhou para mim com atenção, mas se sentou no banco, que já tinha sido erguido, e bebericou.

– Muito bem, então – disse ele, pondo ordem na reunião. – Se vocês fizeram o *handfasting*, Brianna, então você e esse homem são casados, ele é seu marido.

Brianna corou vivamente e olhou para Roger, não para Jamie.

– Você disse que o *handfasting* durava um ano e um dia.

– E você disse que não queria nada temporário.

Ela se retraiu ao ouvir isso, mas contraiu os lábios e se manteve firme.

– Eu não queria. Mas não sabia o que aconteceria. – Ela olhou para mim e para Jamie, e então para Roger de novo. – Eles contaram... que o bebê não é seu?

Roger ergueu as sobrancelhas.

– Ah, mas ele é meu, hum? – Ergueu a mão para ilustrar.

O rosto de Brianna perdera a palidez. A cor tinha voltado.

– Você sabe o que quero dizer.

Ele olhou fixamente para ela.

– Sei o que quer dizer – disse. – E sinto muito por isso.

– Não foi culpa sua.

– Foi, sim. Eu deveria ter ficado com você, cuidado de você.

Brianna franziu o cenho.

– Eu mandei você ir, e era o que queria. – Ela mexeu os ombros, impaciente. – Mas não importa mais. – Segurou o bebê com mais força e se ajeitou. – Só quero saber uma coisa – disse, a voz tremendo um pouco. – Quero saber por que você voltou.

Ele pousou o copo na mesa.

– Você não queria que eu voltasse?

– Não importa o que eu queria. O que quero é saber. Você voltou porque quis ou... porque achou que deveria?

Ele olhou para ela por muito tempo e depois para as mãos, ainda segurando o copo.

– Talvez pelas duas coisas. Talvez por nenhuma. Não sei – disse baixinho. – A verdade é que não sei.

– Você foi ao círculo de pedras? – perguntou ela. Ele assentiu, sem olhar para ela. Enfiou a mão no bolso e colocou a opala grande sobre a mesa.

– Fui até lá. Por isso demorei a vir; demorei muito até encontrá-lo.

Ela ficou em silêncio por um tempo e então assentiu.

– Você não voltou. Mas pode. Talvez devesse. – Encarou-o, com o mesmo olhar de seu pai. – Não quero viver com você se voltou por obrigação. – Então olhou para mim, os olhos cheios de dor. – Já vi um casamento por obrigação, e já vi um por amor. Se eu não tivesse... – Parou e engoliu em seco, então continuou, olhando para Roger: – Se não tivesse visto os dois, poderia ficar com você por obrigação. Mas eu vi os dois e não aceitarei a obrigação.

Senti que alguém havia me dado um soco no peito. Ela se referia aos *meus* casamentos. Olhei para Jamie e vi que ele olhava para mim com a mesma expressão de choque que eu sabia estar em meu rosto. Ele tossiu para romper o silêncio e pigarreou, virando-se para Roger.

– Quando vocês fizeram o *handfasting*?

– Dia 2 de setembro – respondeu ele depressa.

– E agora estamos em meados de junho. – Jamie olhou de um para outro, franzindo o cenho. – Bem, *mo nighean*, se você está ligada a este homem, então está, não há dúvida. – Voltou-se e lançou um olhar firme a Roger. – Então você vai morar aqui, como marido dela. E, no dia 3 de setembro, ela vai decidir se vai se casar, com padre e tudo, ou se você vai embora para não mais perturbá-la. Você tem esse tempo para decidir por que está aqui e convencê-la disso.

Roger e Brianna começaram a falar para protestar, mas ele os interrompeu, pegando o punhal que havia deixado sobre a mesa.

Abaixou a lâmina com cuidado até que ela tocasse o peito de Roger sobre a roupa.

– Você vai viver aqui como marido dela, eu disse. Mas, se tocá-la sem que ela queira, arranco seu coração e o jogo aos porcos. Está entendendo?

Roger olhou para a lâmina por um bom tempo, sem uma expressão clara por baixo da barba densa, e então levantou a cabeça para fitar Jamie.

– Acha que eu perturbaria uma mulher que não me quisesse?

Uma pergunta bem estranha, já que Jamie o havia surrado pensando exatamente isso. Roger colocou a mão sobre a de Jamie e enfiou o punhal na mesa num só movimento. Afastou o banquinho abruptamente, levantou-se, virou-se e saiu.

No mesmo instante, Jamie se levantou, pegou o punhal da mesa e foi atrás dele.

Brianna olhou para mim sem saber o que fazer.

– O que você acha que ele...

Foi interrompida por um baque e um grunhido alto quando um corpo pesado bateu na parede do lado de fora.

– Trate-a mal e vou arrancar suas bolas pela garganta – disse Jamie em gaélico.

Olhei para Brianna e vi que seu domínio do gaélico era suficiente para entender o que fora dito. Ela abriu a boca, mas não disse nada.

Ouvimos do lado de fora o som de passos, que acabaram num baque ainda mais alto do que o outro, como o de uma cabeça se chocando com a madeira.

Roger não tinha o ar ameaçador de Jamie, mas disse de modo muito convincente:

– Encoste em mim de novo, seu desgraçado, e enfiarei sua cabeça no seu traseiro, de onde ela saiu!

Fez-se um momento de silêncio e então ouvimos passos. Um momento depois, Jamie emitiu um som grave em gaélico e também se afastou.

Os olhos de Brianna estavam arregalados quando ela me olhou.

– Muita testosterona – disse eu, dando de ombros.

– Pode fazer algo em relação a isso? – perguntou ela. Esboçou um sorriso, mas eu não soube dizer se ela ria ou se desesperava.

Passei a mão pelos cabelos, pensando.

– Bem – falei por fim –, eles só fazem duas coisas com ela, e uma delas é tentar matar um ao outro.

Brianna coçou o nariz.

– A-hã – disse ela. – E a outra... – Nossos olhos se encontraram em perfeita compreensão.

– Cuido do seu pai, mas o Roger é problema seu.

A vida na montanha passou a ser um pouco tensa, com Brianna e Roger se comportando, respectivamente, como uma lebre e um furão enjaulados, e Jamie olhando Roger com reprovação gaélica à mesa do jantar, Lizzie fazendo de tudo para se desculpar com todos e o bebê decidindo que era a hora de ter ataques noturnos de cólica, aos quais reagia berrando.

Provavelmente foi a cólica que impeliu Jamie a um ritmo frenético na casa nova. Fergus e alguns moradores tinham feito plantios para nós, assim, apesar de não termos milho extra para vender naquele ano, pelo menos podíamos comer. Sem a obrigação de cuidar de terras vastas, Jamie passava todos os momentos livres na Cordilheira martelando e serrando.

Roger estava fazendo o melhor que podia para ajudar com as outras tarefas, apesar de o pé machucado atrapalhar muito. Ele havia recusado muitas das minhas tentativas de tratá-lo, mas eu me recusava a adiar aquilo. Alguns dias depois de sua chegada, fiz os preparativos e avisei que pretendia cuidar de seu pé logo.

Na hora certa, fiz com que ele se deitasse e tirasse os trapos que envolviam seu pé. Senti o cheiro adocicado da forte infecção, mas agradei a Deus por não ver as manchas vermelhas de inflamação nem as pretas de gangrena. Apesar disso, estava bem feio.

– Você está com abscessos crônicos no tecido – disse, apertando com firmeza.

Sentia as bolsas fofas de pus. Quando apertei mais, as feridas meio curadas se abriram e um líquido cinza-amarelado escorreu por

baixo da pele, e ele agarrou a estrutura da cama, mas não emitiu nenhum som.

– Você teve sorte – falei, ainda movimentando seu pé de um lado para outro, flexionando as pequenas articulações dos metacarpos. – Você abre os abscessos e os drena em parte quando anda. Eles voltam a se formar, claro, mas o movimento impediu que a infecção fosse muito fundo, por isso seu pé continua flexível.

– Ah, que bom – disse ele.

– Bree, preciso da sua ajuda – disse eu, virando casualmente para o lado mais distante da sala, onde estavam as duas moças, alternando-se nos cuidados com o bebê e o tear.

– Posso ajudar, deixe-me ver – disse Lizzie e se levantou, disposta a ajudar. Cheia de remorso por ter ajudado a causar o sofrimento de Roger, ela vinha tentando compensar o erro de todas as maneiras possíveis e sempre levava comida para ele, oferecia-se para costurar as roupas dele e o deixava maluco com suas expressões de arrependimento.

Sorri para ela.

– Sim, você pode ajudar. Pegue o bebê para que Brianna possa vir aqui. – Por que não o leva lá fora para tomar um pouco de ar?

Com um olhar de dúvida, Lizzie fez o que mandei, pegando o pequeno Gizmo nos braços e sussurrando palavras para ele. Brianna se colocou ao meu lado, sem olhar para o rosto de Roger.

– Vou abrir isto e drenar da melhor maneira que conseguir – falei, indicando o corte com bordas pretas. – Depois, terei que desbridar o tecido morto, desinfetar e esperar que o melhor aconteça.

– E o que quer dizer exatamente “desbridar”? – perguntou Roger. Soltei seu pé e seu corpo relaxou um pouco.

– Limpar uma ferida com a remoção cirúrgica ou não do tecido morto ou do osso – falei. Toquei seu pé. – Por sorte, acho que o osso não foi afetado, apesar de poder ter havido danos à cartilagem entre os metacarpos. Não se preocupe – disse, dando um tapinha em sua perna. – O desbridamento não vai doer.

– Não vai?

– Não. A drenagem e a desinfecção é que doerão. – Olhei para Brianna. – Segure as mãos dele, por favor.

Ela hesitou um segundo e então foi até a ponta do sofá e estendeu as mãos para ele. Ele as segurou, olhando-a. Era a primeira vez que eles se tocavam em quase um ano.

– Agente firme. Esta é a parte ruim.

Não olhei para a frente. Trabalhei depressa, abrindo as feridas meio cicatrizadas com um bisturi, pressionando o máximo de pus e tecido morto que consegui. Senti a tensão na perna dele, nos músculos, e o leve arquear de seu corpo quando a dor aumentou, mas ele não disse nada.

– Quer algo para morder, Roger? – perguntei, pegando a garrafa de álcool diluído em água para enxaguar. – Agora vai arder um pouco.

Ele não respondeu. Brianna, sim.

– Ele está bem. Pode continuar.

Ele emitiu um som abafado quando comecei a lavar os ferimentos e rolou para o lado, com a perna tremendo. Segurei seu pé e terminei o trabalho o mais rápido possível. Quando soltei e fechei o frasco, olhei para a frente. Ela estava sentada na cama, abraçando Roger na altura dos ombros. O rosto dele estava escondido no colo dela, os braços ao redor da cintura. O rosto dela estava pálido, mas ela abriu um sorriso contido.

– Acabou?

– A parte ruim, sim. Só tenho que fazer mais umas coisas. – Eu havia feito a preparação dois dias antes; nessa época do ano, não havia dificuldade. Fui até o espaço de fumar. Lá estava a carcaça do veado pendurada à sombra, tomada por nuvens de fumaça fragrante de noqueira. Mas meu objetivo era encontrar uma carne menos preservada.

Ótimo, ela havia ficado exposta por tempo suficiente. Peguei o pequeno pires de onde estava, perto da porta, e o levei para dentro da casa.

– Credo! – Brianna enrugou o nariz quando entrei. – O que é isso? Tem cheiro de carne podre.

– É isso mesmo. Os restos de um coelho morto, para ser exata, retirados da beira do jardim e reservados para as visitas.

Ela ainda segurava as mãos dele. Sorri e voltei ao meu lugar, peguei o pé ferido e meu fórceps comprido.

– Mãe! O que está *fazendo*?

– Não vai doer – falei. Apertei um pouco o pé, abrindo uma das incisões cirúrgicas. Peguei do pires um dos pedacinhos brancos do coelho e o inseri depressa na abertura.

Os olhos de Roger estavam fechados, a testa coberta de suor.

– O quê? – perguntou, erguendo a cabeça e espiando sobre o ombro num esforço para ver. – O que está fazendo?

– Colocando vermes nas feridas – disse, concentrada em meu trabalho. – Aprendi com uma velha índia que conheci.

Dois gemidos de choque e nojo foram ouvidos, mas continuei segurando o pé dele e trabalhando.

– Funciona – disse, franzindo o cenho levemente enquanto abria outra incisão e enfiava três das larvas brancas que se remexiam ali. – Muito melhor do que os meios comuns de desbridamento; para realizá-los, eu teria que abrir seu pé muito mais e raspar o máximo de tecido morto que conseguisse alcançar, o que não somente doeria muito, como provavelmente o deixaria aleijado. Nossas amiguinhas aqui, no entanto, comem tecido morto; elas conseguem alcançar lugares que eu não conseguiria e fazer o trabalho completo.

– Nossas amiguinhas, as larvas – murmurou Brianna. – Credo, mamãe!

– E o que, exatamente, as impedirá de comer a minha perna inteira? – perguntou Roger, numa tentativa malsucedida de distanciamento. – Elas... hum.. se espalham, não?

– Ah, não – garanti divertida. – Larvas são formas embrionárias; elas não se reproduzem. Também não comem tecido vivo, só o que já está morto e nojento. Se houver o suficiente para elas entrarem no estágio de pupa, se transformarão em mosquinhas e voarão para longe. Caso contrário, quando a comida acabar, elas rastejarão para fora do seu pé à procura de mais tecido morto.

Os rostos dos dois estavam meio esverdeados no momento. Terminei o trabalho, envolvi o pé em bandagens finas e dei um tapinha na perna de Roger.

– Pronto – disse. – Não se preocupe, já vi isso antes. Um índio me disse que elas fazem um pouco de cócegas, mas não machucam.

Peguei o pires e o levei para lavar. Na porta, vi Jamie, vindo da casa nova, com Ruaidh nos braços.

– Veja a vovó – disse ele ao bebê, tirando o polegar da boca de Ruaidh e secando a saliva dele com a ponta do seu kilt. – Ela não é linda?

– Gleh – disse Ruaidh, concentrando o olhar levemente vesgo no botão da camisa do avô, que começou a levar à boca.

– Não deixe que ele engula isso – disse eu na ponta dos pés, beijando Jamie primeiro e depois o bebê. – Onde está Lizzie?

– Encontrei a mocinha sentada em um tronco de árvore, triste. Então peguei o menino e disse que ela podia ficar sozinha.

– Ela estava chorando? O que houve?

Jamie ficou sério.

– Ela deve estar sentindo saudade de Ian. – Deixando isso e seu pesar de lado, segurou meu braço e me virou em direção ao caminho que subia a Cordilheira.

– Venha comigo, Sassenach, venha ver o que fiz hoje. Fiz o chão do seu consultório. Só precisamos agora de um teto temporário, e vai servir para dormirmos. – Olhou para a cabana. – Estava pensando que MacKenzie poderia ficar lá... por enquanto.

– Boa ideia. – Mesmo com o pequeno cômodo anexado à cabana que ele havia construído para Brianna e Lizzie, o espaço era muito apertado. E, se Roger passasse muitos dias na cama, não ficaria no meio da cabana.

– Como eles estão? – perguntou ele sem emoção.

– Quem? Brianna e Roger?

– Quem mais? – perguntou, sem se afetar. – Está tudo bem entre eles?

– Ah, acho que sim. Eles estão se acostumando um com o outro de novo.

– Estão?

– Sim – disse eu olhando para a cabana. – Ele acabou de vomitar no colo dela.

CARA OU COROA

Roger rolou para o lado e se sentou. Não havia vidro nas janelas ainda – não era preciso, enquanto o verão perdurasse –, e o consultório ficava na parte da frente da casa nova, virado para a ladeira. Se ele virasse a cabeça para o lado, conseguia observar Brianna a maior parte do caminho até a cabana, antes de as nogueiras a esconderem de vista.

Um último movimento e ela desapareceu. Viera sem o bebê hoje; ele não sabia se isso era progresso ou retrocesso. Eles tinham podido conversar sem as interrupções incessantes de fraldas a trocar, gritos, alimentação e baba; era um luxo raro.

Ela não ficou tanto quanto o usual, e ele sentia a presença do bebê puxando-a dali, como se ela fosse presa a ele por um elástico. Ele não se ressentia da criança, disse a si mesmo com seriedade. Era só que... bem, só que ele se ressentia da criança. Não significava que ele não *gostava* dela.

Ele ainda não tinha comido, não quisera desperdiçar nem um minuto do tempo raro que tinham juntos, sozinhos. Descobriu o cesto que ela havia trazido e sentiu o cheiro forte e delicioso do ensopado de esquilo e pão de sal com manteiga fresca. Torta de maçã também.

O pé ainda latejava, e precisava se esforçar muito para não pensar nas larvas, mas, apesar disso, seu apetite havia voltado com vigor. Comeu lentamente, saboreando a comida e o silencioso escurecer que aparecia atrás da encosta das montanhas lá embaixo.

Fraser sabia o que queria quando escolheu o lugar para essa casa. Tomava a descida toda, com uma vista que ia até o rio distante, mais à frente, com vales cobertos por névoa a distância e

picos escuros que tocavam o céu apinhado de estrelas. Era um dos locais mais solitários, maravilhosos e românticos que ele já tinha visto.

E Brianna ficava lá embaixo, cuidando de um pequeno parasita careca, enquanto ele estava ali – sozinho e com mais alguns parasitas.

Deixou o cesto no chão, pulou até o jarro no canto e voltou para sua cama solitária na nova maca para cirurgias. Por que diabos ele lhe havia dito, quando ela perguntara, que não sabia por que tinha voltado?

Bem, porque naquele momento ele não sabia. Vagara pela maldita mata durante meses, com fome e tomado pela solidão e pela dor. Não a via fazia quase um ano – um ano em que ele fora ao inferno e voltara. Sentara-se no abismo acima daquele maldito círculo de pedras por três dias, sem comida nem fogo, pensando em tudo, tentando decidir. E no fim simplesmente se levantara e começara a andar, sabendo que era a única opção possível.

Obrigação? Amor? Como diabos era possível ter amor *sem* obrigação?

Virou-se para o lado, dando as costas para a gloriosa noite de aromas e ventos aquecidos pelo sol. O problema de ter a saúde restabelecida era que algumas partes dele estavam ficando saudáveis demais para seu gosto, uma vez que a chance de serem exercitadas era quase nula.

Ele não podia nem sequer sugerir algo assim a Brianna. Primeiro, ela pensaria que ele só tinha voltado por *isso*, e, segundo, o maldito Escocês Gigante não estava brincando quando falara dos porcos.

Ele sabia agora. Voltara porque não conseguiria viver do outro lado. Não interessava se era culpa por tê-los abandonado – ou por saber que morreria sem ela... por um deles ou os dois, não importava. Ele sabia que estava abrindo mão de tudo e nada disso interessava; ele tinha que estar ali, pronto.

Deitou-se de costas, olhando para a palidez das tábuas de pinheiro no teto do abrigo. Batidas e arranhões anunciavam a visita noturna de esquilos da noqueira próxima, que a consideravam um atalho conveniente.

Como dizer isso a ela? Ela acreditaria? Nossa, ela estava tão arredia que mal permitia que ele a tocasse. Um resvalar de lábios, um toque de mãos, e ela escapava. Menos no dia em que ela o abraçara enquanto Claire torturava seu pé. Naquele dia, ela havia ficado ao lado dele de verdade, agarrando-se com toda a força. Ele conseguiu sentir os braços dela ao redor do seu corpo, e se lembrar disso causava um aperto de satisfação na boca do estômago.

Pensando nisso, começou a matutar. Sim, o procedimento médico tinha doído muito, mas não era nada que não pudesse ter sido tolerado com um ranger de dentes, e Claire, com sua experiência em campos de batalha, certamente saberia disso.

Teria ela feito de propósito? Será que tinha dado a Bree uma chance de tocá-lo sem se sentir pressionada ou obrigada? Teria dado a ele uma chance de se lembrar de como a atração entre eles era forte? Rolou de novo, deitando-se de bruços dessa vez, e apoiou o queixo nos braços dobrados, olhando para a escuridão do lado de fora.

Ela poderia fazer a mesma coisa com o outro pé, se tudo aquilo se repetisse.

Claire o visitava uma ou duas vezes por dia, mas ele esperou até o fim da semana, quando ela foi retirar os curativos e as larvas teriam feito o trabalho sujo e já teriam – se Deus permitisse – sumido dali.

– Ah, que ótimo – disse ela, apertando o pé dele com a felicidade de uma cirurgiaã. – Está granulando lindamente, quase não há inflamação.

– Ótimo – disse ele. – Elas sumiram?

– As larvas? Ah, sim – disse ela. – Elas somem em poucos dias. Fizeram um bom trabalho, não? – Passou o polegar com delicadeza pela lateral do pé, e isso causou cócegas.

– Se está dizendo, acredito. Posso caminhar normalmente, então? – Ele flexionou o pé. Doía um pouco, mas nada comparado a antes.

– Sim. Não use sapatos durante alguns dias. E, pelo amor de Deus, não pise em nada pontiagudo.

Ela começou a guardar suas coisas, murmurando. Parecia feliz, mas cansada; estava com olheiras.

– O bebê ainda grita à noite? – perguntou ele.

– Sim, coitadinho. Você consegue ouvir daqui?

– Não, mas você parece cansada.

– Não me surpreende. Ninguém dorme bem há uma semana, principalmente a coitada da Bree, já que é ela quem o alimenta. – Ela bocejou brevemente e balançou a cabeça, piscando. – Jamie colocou o piso no quarto dos fundos; quer se mudar para cá assim que estiver pronto, para dar mais espaço a Bree e ao bebê, e, não por acaso, dar-nos um pouco de paz e sossego.

– Boa ideia. Ahn... por falar em Bree...

– Hum?

Não era preciso enrolar. Melhor dizer de uma vez:

– Olhe... estou tentando tudo o que posso. Eu a amo e quero mostrar isso a ela, mas ela se afasta. Ela vem e conversamos, e é ótimo, mas, quando eu a abraço ou beijo, ela foge de repente, correndo. Tem alguma coisa errada, algo que eu deveria fazer?

Ela lhe lançou um daqueles olhares desconcertantes, direta como um falcão.

– Você foi o primeiro dela, não foi? O primeiro homem com quem ela dormiu, é o que quero dizer.

Ele sentiu o rosto corar.

– Eu... é... sim.

– Bem. Até agora, a experiência toda dela do que podemos chamar de prazeres do sexo consiste em ser deflorada, e não me importa se você foi delicado, porque costuma doer de qualquer jeito: ser estuprada dois dias depois e então dar à luz. Você acha que isso ajuda para fazer com que ela se derreta em seus braços, ansiosa para dar a você seus direitos de casamento?

Você pediu, ele pensou, e levou. Bem na testa. Sentiu as faces arderem como se estivesse com febre.

– Nunca pensei nisso – murmurou, olhando para a parede.

– Bem, claro que não – disse ela, dividida entre o incômodo e a descontração. – Você é um homem. É por isso que estou lhe dizendo.

Ele respirou fundo e, relutante, virou-se para ela.

– E o que está me dizendo?
– Que ela está com medo – disse ela. Inclinou a cabeça para o lado, observando-o. – Ainda que não tenha medo de você.
– Não tem?
– Não – disse ela com firmeza. – Ela pode ter se convencido de que tem que saber por que você voltou, mas não é isso... um batalhão de cegos veria. É que ela tem medo de não conseguir... hummm. – Ergueu uma sobrancelha para ele, sugerindo todo tipo de indelicadezas.
– Compreendo – disse ele, respirando fundo. – E o que sugere que eu faça?
Ela pegou o cesto e o colocou no braço.
– Não sei – disse, olhando sério para ele de novo. – Mas acho que precisa tomar cuidado.

Ele havia acabado de se recuperar daquela consulta perturbadora quando outro visitante apareceu à porta: Jamie Fraser, trazendo presentes.

– Trouxe uma lâmina para você – disse ele olhando para Roger.
– E um pouco de água quente.

Claire havia aparado a barba de Roger com as tesouras cirúrgicas, mas ele se sentiu trêmulo demais depois daquele momento para tentar se barbear com o que era chamado de “corta-garganta” por um bom motivo.

– Obrigado.

Fraser havia trazido um pequeno espelho e sabão de barbear também. Muito atencioso. Ele talvez quisesse que Fraser fosse embora em vez de ficar encostado no batente da porta, olhando para ele de maneira crítica, mas, naquelas circunstâncias, Roger não podia pedir isso.

Mesmo com o observador indesejado, foi um alívio se livrar da barba; ela coçava muito e ele não via o próprio rosto havia meses.

– O trabalho está indo bem? – Tentou conversar um pouco, erguendo a lâmina entre um movimento e outro. – Ouvi você martelar nos fundos hoje cedo.

– Ah, sim. – Os olhos de Fraser acompanhavam todos os movimentos dele com interesse; avaliando, ele pensou. – Fiz o piso e um pouco do teto. Claire e eu vamos dormir aqui hoje à noite, acho.

– Ah. – Roger esticou o pescoço, virando o rosto. – Claire me disse que posso andar de novo; por favor, me dê tarefas para fazer.

Jamie assentiu com os braços cruzados.

– Você é bom com ferramentas?

– Nunca construí muita coisa – admitiu Roger. Uma gaiola feita na escola não contava, pensou.

– Não creio que você se daria bem com um arado ou uma porca preta. – Os olhos de Fraser brilhavam com bom humor.

Roger ergueu o queixo, tirando o resto de barba do pescoço. Ele havia pensado nisso nos últimos dias. Não havia grande necessidade das habilidades de um historiador ou cantor de folk em uma fazenda do século XVIII.

– Não – disse sério, abaixando a lâmina. – Também não sei ordenhar uma vaca, construir chaminé, cortar lenha, cavalgar, atirar em ursos, limpar carne de veado ou enfiar uma espada em alguém.

– Não? – Mais descontração.

Roger jogou água no rosto, secou-a com uma toalha e se voltou para Fraser.

– Não. Só tenho força. Ajuda?

– Ah, sim. Não poderia esperar mais nada, não é? – Fraser esboçou um sorriso. – Mas sabe diferenciar os dois lados de uma pá?

– Isso eu sei.

– Então pronto. – Fraser se desencostou da porta. – A horta de Claire precisa ser escavada, tem cevada para ser plantada e há um monte de esterco esperando no estábulo. Depois disso, vou mostrar a você como ordenhar uma vaca.

– Obrigado. – Roger limpou a lâmina, guardou-a na bolsa e entregou tudo.

– Claire e eu vamos à casa de Fergus à noite – disse Fraser casualmente. – Vamos levar a mocinha para ajudar Marsali um pouco.

– É? Bem... divirtam-se.

– Ah, espero que sim. – Fraser parou na porta. – Brianna quer ficar; o bebê está mais calmo e ela não quer perturbá-lo com a caminhada.

Roger olhou para o outro homem com atenção. Dava para entender qualquer coisa – ou nada – naqueles olhos azuis puxados.

– É mesmo? Então eles ficarão sozinhos? Vou ficar de olho neles.

Uma sobrancelha ruiva se ergueu levemente.

– Tenho certeza que sim. – A mão de Fraser se ergueu e abriu sobre a bacia vazia. Ouviu-se uma batida metálica e uma faísca vermelha brilhou contra o peltre. – Lembre-se do que eu disse, MacKenzie. Minha filha não precisa de um covarde.

Antes que ele pudesse responder, a sobrancelha se abaixou, e Fraser lançou a ele um olhar sério.

– Você me custou um rapaz que amo, e não tenho vontade de gostar de você por isso. – Olhou para o pé de Roger e depois para a frente. – Mas talvez eu tenha custado a você mais do que isso. Vou considerar a situação empatada, ou não, com a sua palavra.

Surpreso, Roger assentiu com a cabeça e disse:

– Fechado.

Fraser assentiu e foi embora tão depressa quanto havia chegado, deixando Roger voltado para a porta vazia.

Ele levantou a trava e empurrou delicadamente a porta da cabana. Estava trancada. Sua ideia de acordar a Bela Adormecida com um beijo foi por água abaixo. Ergueu a mão para bater, mas parou. Heroína errada. A Bela Adormecida não tinha um duende irascível na cama com ela, pronto para gritar sem parar por qualquer incômodo.

Contornou a pequena cabana, conferindo as janelas, e nomes como Atchim e Zangado atravessaram sua mente. Como eles chamariam esse? Barulhento? Fedido?

A casa era muito bem organizada, com peles untadas pregadas diante das janelas. Ele poderia soltar uma delas, mas a última coisa que queria era assustar Brianna.

Lentamente, circundou a casa mais uma vez. O sensato a se fazer era voltar ao consultório e esperar até amanhecer. Ele poderia falar com ela no dia seguinte. Melhor do que acordá-la de um sono profundo, melhor do que acordar o bebê.

Sim, estava claro que era o mais certo a fazer. Claire ficaria com o pesti... com o bebê, se ele pedisse. Eles poderiam conversar com calma, sem medo de serem interrompidos, poderiam caminhar na mata, ajeitar as coisas entre eles. Isso. Era isso.

Dez minutos depois, havia dado a volta na casa mais duas vezes e estava de pé na grama dos fundos, olhando para o brilho fraco que vinha da janela.

– O que você acha que é? – perguntou a si mesmo. – Uma maldita mariposa?

O ranger das tábuas o impediu de responder. Olhou para a casa a tempo de ver uma figura de roupa branca, como um fantasma, descer o caminho em direção ao banheiro.

– Brianna?

A figura se virou com um gritinho de susto.

– Sou eu – disse ele, e viu a mancha escura da mão dela pressionada contra o branco do vestido, sobre o coração.

– O que deu em você, me espiando desse jeito? – perguntou ela, furiosa.

– Quero falar com você.

Ela não respondeu, mas se virou e desceu pelo caminho.

– Eu disse que quero falar com você – repetiu mais alto, seguindo-a.

– *Eu* quero ir ao banheiro. Vá embora. – Ela fechou a porta do banheiro com uma batida firme.

Ele voltou um pouco pelo caminho e esperou que ela reaparecesse. O passo dela diminuiu quando o viu, mas não havia como dar a volta por ele sem pisar na grama alta e molhada.

– Você não deveria estar andando com o pé machucado – disse ela.

– O pé está bem.

– Acho que você deveria ir para a cama.

– Tudo bem – disse ele, e se moveu pelo centro do caminho à frente dela. – Onde?

- Onde? – Ela parou, mas não fingiu não entender.
- Lá em cima? – Ele indicou a cordilheira. – Ou aqui?
- Eu... ahn.

Tome cuidado, a mãe dela dissera, e *minha filha não precisa de um covarde*, dissera seu pai. Ele poderia lançar uma moeda para decidir, mas, por enquanto, estava seguindo o conselho de Jamie Fraser, e que se danassem as broncas.

– Você disse que já viu um casamento por obrigação e um por amor. E você acha que um anula o outro? Olhe... passei três dias naquele círculo maldito, pensando. E, por Deus, como pensei. Pensei em ficar e pensei em ir. E fiquei.

– Até agora. Você não sabe do que está abrindo mão se ficar para sempre.

– Eu sei! E, mesmo que não soubesse, sei muito bem do que abriria mão se fosse. – Apoiou a mão no ombro dela, sentindo o leve tecido da camisola. Ela estava muito quente. – Eu não poderia ir e viver se tivesse deixado para trás um filho que pode ser meu, que é meu. – Passou a falar mais baixo: – E não poderia ir e viver sem você.

Ela hesitou, afastando-se, tentando escapar das mãos dele.

– Meu pai... meus pais...

– Olhe, não sou nenhum dos seus malditos pais! Dê crédito a meus próprios pecados, pelo menos!

– Você não cometeu pecado nenhum – disse ela, a voz parecendo embargada.

– Não, nem você.

Ela o encarou e ele viu um brilho nos olhos puxados e escuros.

– Se eu não tivesse... – começou.

– E se eu não tivesse... – interrompeu ele. – Esqueça, sim? Não importa o que você fez. Nem o que eu fiz. Eu disse que não sou seus pais, e estou falando sério. Mas eles existem, os dois, e você os conhece bem... bem melhor do que eu. Frank Randall não amou você como se fosse dele? Aceitou você como a filha de coração, *sabendo* que você era sangue de outro homem, a quem ele tinha bons motivos para odiar?

Pousou a mão no outro ombro dela e a sacudiu levemente.

– Aquele ruivo maldito não ama sua mãe mais do que tudo? E ama você o bastante para sacrificar até esse amor para salvá-la?

Ela emitiu um som baixo e engasgado e ele sentiu uma pontada no peito, mas não a soltou.

– Se você acredita neles – disse ele, a voz um pouco mais alta do que um sussurro –, então, pelo amor de Deus, você deve acreditar em mim. Porque sou um homem como eles, e, por tudo que é mais sagrado para mim, eu amo você.

Lentamente, ela levantou a cabeça, e sua respiração estava quente no rosto dele.

– Temos tempo – disse ele delicadamente, e soube de repente por que tinha sido tão importante falar com ela naquele momento, ali no escuro. Ele pegou a mão dela e a pôs sobre seu peito. – Está sentindo isso? Sente meu coração bater?

– Sim – sussurrou ela, e lentamente levou as mãos unidas ao peito dela, pressionando a mão dele contra o tecido branco.

– Esta é a nossa hora – disse ele. – Até que pare, para um de nós ou para os dois, é a nossa hora. *Agora*. Vai desperdiçá-la, Brianna, porque está com medo?

– Não – disse ela, e sua voz soou grave, mas clara. – Não vou.

Um choro fino e repentino veio da casa e ele sentiu a umidade quente contra a palma de sua mão.

– Preciso ir – disse ela, afastando-se. Deu dois passos e então se virou. – Entre – disse, e correu pelo caminho à frente dele, rápida e pálida como o fantasma de um veado.

Quando ele chegou à porta, ela já tinha pegado o bebê do berço. Estivera na cama: o cobertor estava afastado e ele viu a marca do corpo dela no colchão de penas. Atenta a seus passos, ela passou por ele e se deitou.

– Eu costumo amamentá-lo na cama à noite. Ele permanece mais tempo dormindo quando está do meu lado.

Roger murmurou assentindo e puxou a cadeira de amamentação para a frente da lareira. Estava muito quente ali dentro e o ar estava tomado pelo cheiro de comida, fraldas usadas... e Brianna. O cheiro dela estava levemente diferente, ultimamente:

cheiro de mato misturado a um odor mais leve e adocicado que ele acreditava ser leite.

Ela mantinha a cabeça baixa, os cabelos ruivos e soltos caindo sobre os ombros em uma cascata de brilho e sombras. A parte da frente do vestido estava aberta até a cintura e a curva de um seio aparecia toda: apenas o mamilo estava escurecido pela cabeça do bebê. Ouviu um leve sugar.

Como se sentisse os olhos dele nela, Brianna olhou para a frente.

– Desculpe – disse ele baixinho, para não perturbar o bebê. – Não posso fingir que não estou olhando.

Ele não sabia se ela estava corada; o fogo lançava um brilho vermelho no rosto dela e também nos seios. Ela baixou o olhar, como se estivesse envergonhada.

– Vá em frente – disse ela. – Não tem nada que valha a pena olhar, mesmo.

Sem nada dizer, ele ficou de pé e começou a se despir.

– O que está fazendo? – A voz dela saiu baixa, mas chocada.

– Não é justo eu ficar aqui olhando você, certo? Vale menos ainda olhar o meu corpo, acredito, mas... – Parou, franzindo o cenho para um nó nos cordões de sua calça. – Mas, pelo menos, você vai ter a sensação de que não está sendo observada.

– Ah.

Ele não olhou para a frente, mas teve a impressão de que ela sorria. Ele havia tirado a camisa; a sensação do fogo em suas costas era boa. Sentindo-se intimidado, ficou de pé e desceu a calça até a metade do caminho, mas parou.

– É um *strip-tease*? – Brianna tremeu os lábios enquanto tentava não rir alto, acalentando o bebê.

– Não consegui decidir se deveria virar de costas ou não. – Ele parou. – Você tem preferência?

– Vire de costas – disse ela baixinho. – Por enquanto.

Ele se virou e tirou a calça sem cair no fogo.

– Fique assim um minuto – disse ela. – Gosto de olhar para você.

Ele se endireitou e ficou parado, os olhos fixos no fogo. O calor passou por ele, desconfortavelmente quente, e ele deu um passo

para trás, lembrando-se claramente do padre Alexandre. Cristo, e por que pensaria nisso agora?

– Você tem marcas nas costas, Roger – disse Brianna, a voz mais suave do que nunca. – Quem machucou você?

– Os índios. Não importa. Não agora. – Ele não havia prendido nem cortado os cabelos, que caíam sobre seus ombros, fazendo cócegas na pele nua das costas. Consequia imaginar o olhar dela, os olhos indo mais para baixo, passando por suas costas e pelas nádegas, coxas e tornozelos.

– Vou me virar agora. Tudo bem?

– Não ficarei chocada – disse ela. – Já vi fotos.

Ela usava o mesmo truque do pai, de não deixar transparecer suas emoções no rosto quando queria. Ele não conseguiu distinguir nada em sua boca larga e macia nem nos olhos puxados como os de um gato. Estaria chocada, assustada, se divertindo? Por que estaria assim? Ela já tinha tocado tudo o que olhava naquele momento; havia acariciado e tocado seu corpo com tamanha intimidade que ele perdera o controle em suas mãos, entregara-se a ela sem reservas – e ela a ele.

Mas isso tinha acontecido muito tempo antes, na liberdade e no frenesi da escuridão e do calor. Agora ele estava diante dela, nu à luz pela primeira vez, e ela ficou ali observando-o, com um bebê nos braços. Qual deles tinha mudado mais desde a noite do casamento?

Ela o observou com atenção, a cabeça inclinada, e então sorriu, olhando para cima para encontrar os olhos dele. Sentou-se, passando o bebê com cuidado para o outro seio e deixando a camisola aberta, um dos seios à mostra.

Ele não aguentava mais; o fogo queimava os pelos do seu traseiro. Foi para o lado da lareira e se sentou de novo, observando Brianna.

– Como é? – perguntou, tanto devido à necessidade de quebrar o silêncio antes que ele ficasse pesado demais quanto por curiosidade.

– É bom – respondeu ela baixinho, a cabeça abaixada olhando para a criança. – É um puxão. E formiga. Quando ele começa a se alimentar, algo acontece e sinto uma conexão, como se tudo em mim estivesse sendo passado para ele.

– Não é... você não se sente esgotada? Imagino que você tenha a impressão de que sua essência está sendo tirada, de certo modo.

– Ah, não, não é assim. Veja. – Ela colocou um dedo na boca do bebê e o desencaixou com um *pop* baixo. Abaixou o corpinho por um instante e Roger viu o mamilo subir rígido, com leite escorrendo numa corrente fina de incrível força. Antes que a criança começasse a gritar, ela o colocou de volta na posição, mas Roger já tinha sentido o jato de gotículas, quente e repentinamente frio contra a pele do seu peito.

– Meu Deus – disse, meio chocado. – Não sabia que era assim! Parece um esguicho!

– Nem eu. – Ela sorriu de novo, segurando a cabeça do bebê. Então o sorriso desapareceu. – Há muitas coisas que eu não conseguia nem imaginar antes de acontecerem comigo.

– Bree. – Ele se inclinou para a frente, esquecendo sua nudez, precisando tocá-la. – Bree, sei que você está com medo. Eu também. Não quero que você tenha medo de mim... mas, Bree, eu quero muito você.

Ele apoiava a mão no joelho dela. Depois de um momento, a mão livre dela pousou sobre a dele, leve como um passarinho.

– Quero você também – sussurrou. Permaneceram assim pelo que pareceu uma eternidade; ele não tinha ideia do que fazer em seguida, só de que não deveria ir depressa demais para não assustá-la. *Tome cuidado.*

O leve sugar havia parado e o bebê estava relaxado na curva do braço dela.

– Ele dormiu – sussurrou ela. Movendo-se com cuidado, como se carregasse um vidro de nitroglicerina, ela se apoiou na beira da cama e ficou de pé.

Ela poderia ter pensado em colocar o bebê em seu berço, mas Roger ergueu as mãos instintivamente. Ela hesitou por um segundo e então se inclinou para colocar a criança nos braços dele. Seus seios estavam pesados e cheios à sombra da camisola aberta, e ele sentiu o cheiro almiscarado do seu corpo quando ela se aproximou.

O bebê era surpreendentemente pesado para seu tamanho. E incrivelmente quente também; mais quente até do que o corpo da

mãe.

Roger segurou o corpinho com cuidado, acalentando-o; o bumbum pequeno e com curvas cabia na palma da sua mão. Ele não era careca, afinal. Havia uma penugem louro-avermelhada por toda a cabeça. Orelhas pequenas, quase transparentes; a que ele conseguiu ver estava vermelha e amassada por ter ficado pressionada contra o braço da mãe.

– Não dá para saber só olhando. – A voz de Brianna o tirou de seus pensamentos. – Já tentei. – Ela estava de pé do outro lado do quarto, com uma gaveta da cômoda aberta. Ele pensou ter visto arrependimento no rosto dela, mas as sombras estavam fortes demais para ter certeza.

– Eu não estava procurando isso. – Abaixou o bebê com cuidado em seu colo. – É só que... esta é a primeira vez que estou olhando direito para o meu filho. – As palavras pareciam peculiares, duras em sua língua. Mas ela relaxou um pouco.

– Bom, ele está aí. – Ele percebeu na voz dela um tom de orgulho que tocou seu coração e então olhou com mais atenção. Os punhos estavam cerrados como conchas; pegou um deles e delicadamente o acariciou com o polegar. Lentamente, como um polvo se movendo, a mão se abriu o suficiente para ele inserir a ponta do dedo indicador. O punho se fechou de novo em reflexo, assustando-o pela força demonstrada.

Ele ouviu o rítmico *uish* do outro lado da sala e percebeu que ela estava escovando os cabelos. Ele gostaria de observar, mas estava fascinado demais para desviar o olhar do bebê.

O corpo tinha pés parecidos com patas de sapo: largos nos dedos, finos nos calcanhares. Roger tocou um com a ponta do dedo e sorriu quando os dedinhos se separaram. Pelo menos, não eram unidos por membranas.

Meu filho, pensou, e não sabia ao certo o que sentia ao pensar isso. Levaria tempo para se acostumar.

*Mas se acostumar*ia, pensou em seguida. Não só filho de Brianna, para ser amado por causa dela, mas seu sangue também. Esse pensamento foi ainda mais estranho. Tentou afastá-lo da mente, mas ele sempre voltava. Aquela união no escuro, aquela

mistura de dor e alegria... será que ele havia dado início a isso, no meio daquilo?

Não pretendera... mas torcia para que tivesse sido assim.

A criança estava vestida com uma peça comprida feita com um tecido fino e branco; ele levantou o tecido, olhando para a fralda e para a forma oval do umbigo logo acima. Tomado pela curiosidade, que o bebê não questionou, enganchou um dedo na borda do tecido e o puxou para baixo.

– Eu disse que estava tudo aí. – Brianna estava de pé ao lado dele.

– Bem, está aqui – disse Roger em tom dubio. – Mas não é meio... pequeno?

Ela riu.

– Vai crescer – disse ela. – Ele ainda não precisa dele para muitas coisas.

Seu próprio pênis, flácido entre as coxas, inchou um pouco com essa ideia.

– Posso pegá-lo? – Ela esticou os braços, mas ele balançou a cabeça e continuou a segurar o bebê.

– Ainda não. – Ele cheirava a leite e a algo pútrido, adocicado. Outra coisa, seu cheiro inconfundível, diferente de tudo que Roger já tinha sentido.

– Colônia de bebê, é o que minha mãe diz. – Brianna se sentou na cama com um sorriso fraco. – Ela diz que é um mecanismo natural de proteção, uma das coisas que os bebês usam para impedir que seus pais os matem.

– Matar? Mas ele é um rapazinho tão bonzinho – protestou Roger.

Ela ergueu uma sobrancelha.

– Você não passou o último mês com ele. É a primeira noite, em três semanas, que ele não está tendo cólica. Se não fosse meu, eu o teria jogado ladeira abaixo.

Se não fosse meu. Essa certeza era a recompensa de uma mãe, ele pensou. Ela sempre saberia, sempre soubera. Por um breve momento, ele a invejou.

O bebê se remexeu e emitiu um som leve contra o pescoço dele. Antes que ele pudesse se mexer, ela se levantou e pegou o

bebê, dando-lhe tapinhas nas costas. Ouviu-se um leve arroto e então ele relaxou de novo.

Brianna o colocou de bruços no berço, com cuidado, como se fosse uma banana de dinamite. Ele viu o contorno do seu corpo sob o tecido, destacado pelo fogo atrás dela. Quando ela se virou, ele estava pronto.

– Você poderia ter voltado assim que soube. Teria dado tempo.
– Fixou seus olhos nos dela, não permitindo que ela desviasse o olhar. – Então é a minha vez de perguntar, certo? O que fez você esperar por mim? Amor ou obrigação?

– Os dois – disse ela, os olhos quase negros. – Nenhum... só não consegui ir sem você.

Ele respirou fundo, sentindo a última dúvida que restava dentro dele derreter e sumir.

– Então você sabe.

– Sim.

Ela moveu os ombros e a camisola leve desceu, deixando-a tão nua quanto ele. Era vermelho, meu Deus. Mais do que vermelho, era dourado e âmbar, marfim e cinabre, e ele a desejava de um modo que ia além da carne.

– Você disse que me ama, por tudo o que considera sagrado – sussurrou ela. – O que é sagrado para você, Roger?

Ele ficou de pé e esticou os braços para ela com cuidado. Abraçou-a contra seu coração e se lembrou do porão fedido do *Gloriana* e de uma mulher magra e maltrapilha que cheirava a leite e lixo. De fogo, tambores e sangue, e de uma órfã batizada com o nome do pai que havia se sacrificado por medo do poder do amor.

– Você – disse ele junto aos cabelos dela. – Ele. Nós. Não há mais nada, certo?

ALEGRIA NO LAR

Agosto de 1770

A manhã estava tranquila. O bebê havia dormido a noite toda e, por esse feito, recebeu muitos elogios. Duas galinhas tinham botado ovos no galinheiro em vez de espalhá-los pela paisagem, por isso não precisei me arrastar pelos arbustos à procura do café da manhã antes de prepará-lo.

A massa do pão, que havia crescido e formado um monte perfeitamente arredondado na tigela, foi moldada em pãezinhos por Lizzie e – com o novo forno holandês ajudando – , depois de assada, exalou uma fragrância delicada que encheu a casa. Geleia e patê de peru foram esquentados na grelha, acrescentando aromas aos odores mais suaves da manhã, de grama úmida e flores de verão, que entravam pela janela aberta.

Todas essas coisas ajudaram, mas a atmosfera geral de bem-estar devia mais à noite do que aos acontecimentos da manhã. A noite tinha sido perfeitamente banhada pelo luar. Jamie havia apagado a vela e trancado a porta, mas parou, os braços apoiados no batente, olhando para o vale.

– O que foi? – perguntei.

– Nada – disse ele baixinho. – Venha ver.

Tudo parecia estar flutuando, sem profundidade, devido à luz fraca. Ao longe, as folhas pareciam congeladas, suspensas no ar. O vento soprava na minha direção e ouvi o ruído da água caindo.

O ar da noite estava tomado pelo cheiro de grama e água, de pinheiro e de abeto, soprando do topo das montanhas. Estremeci dentro da camisola e me aproximei dele para me esquentar. Sua camisa de dormir era aberta nos lados quase até a cintura. Enfiei a mão pela abertura mais próxima e apertei uma nádega redonda e

quente. Seus músculos ficaram tensos ao meu toque e então se flexionaram quando ele se virou.

Ele não se afastou, apenas deu um passo para trás para tirar a camisa. Ficou de pé na porta, nu, e estendeu a mão para mim.

A luz prateada da lua entalhava seu corpo. Eu via todos os detalhes dele, dos dedos compridos dos pés aos cabelos esvoaçantes, detalhes nítidos como os arbustos de amora na beira do campo. Mas, assim como eles, ele não podia ser dimensionado; talvez pudesse, era como se estivesse ao alcance da mão ou a 2 quilômetros de mim.

Dei de ombros e fiz a camisola escorregar pelo meu corpo, deixei a peça perto da porta e peguei sua mão. Sem nada dizer, andamos pela grama, as pernas molhadas e a pele fria, e pela floresta, ligados ao calor um do outro, e chegamos juntos ao ar vazio além da cordilheira.

Havíamos acordado no escuro quando a lua se foi, cheios de folhas, galhos, picadas de insetos e duros devido ao frio. Não trocamos nenhuma palavra, mas rimos e cambaleamos, tropeçando em galhos e pedras, ajudamos um ao outro a passar pela mata sem lua e chegamos à cama para uma hora de sono antes do amanhecer.

Inclinei-me sobre o ombro dele e coloquei uma tigela de mingau de aveia à sua frente, parando para tirar uma folha de carvalho dos seus cabelos. Eu a coloquei sobre a mesa ao lado da tigela.

Ele virou a cabeça, um sorriso escondido nos olhos, pegou minha mão e a beijou com carinho. Soltou-a e se concentrou no mingau. Toquei sua nuca e vi um sorriso surgir em seu rosto.

Olhei para a frente, sorrindo também, e vi Brianna observando. Ela esboçava um sorriso e os olhos estavam calmos de compreensão. Então vi quando ela fitou Roger, que dava uma colherada no mingau de modo distraído olhando para ela.

Essa imagem de alegria no ar foi interrompida pelos berros de Clarence anunciando que alguém chegava. Sinto falta de Rollo, pensei, que ia até a porta para ver, mas, pelo menos, Clarence não pula nas visitas, não as derruba no chão nem corre atrás delas.

O visitante era Duncan Innes, que chegara com um convite.

– Sua tia pergunta se você pode ir à reunião no monte Hélicon no outono. Disse que você deu a sua palavra há dois anos.

Jamie empurrou o prato de ovos para Duncan.

– Não tinha pensado nisso – disse ele, franzindo o cenho. – Tenho muitas coisas a fazer, e preciso fazer um teto neste lugar antes que a neve chegue. – Meneou a cabeça para cima, indicando as tábuas e galhos que temporariamente nos protegiam das mudanças do tempo.

– Um padre está vindo de Baltimore – disse Duncan, evitando olhar para Roger e Brianna. – A Srta. Jo acha que vocês podem estar pensando em batizar o bebê.

– Ah. – Jamie se recostou, contraindo os lábios e pensando. – Sim, é uma ideia. Então talvez vamos, Duncan.

– Que bom; sua tia ficará feliz. – Parecia haver algo preso na garganta de Duncan; ele estava ficando vermelho enquanto eu o observava. Jamie estreitou os olhos para ele e empurrou um jarro de sidra em sua direção.

– Está engasgado, homem?

– Ah... não. – Todos haviam parado de comer, observando fascinados as mudanças na pele de Duncan. Ele já estava meio roxo quando conseguiu colocar para fora as palavras seguintes: – Eu... ahn... quero pedir sua permissão, *an fhearr Mac Dubh*, para o matrimônio entre a Srta. Jocasta Cameron e... e...

– E quem? – perguntou Jamie, esboçando um sorriso. – O governador da colônia?

– E eu! – Duncan pegou o copo de sidra e afundou o rosto nele com o alívio de um homem que está se afogando e vê um barco salva-vidas chegando.

Jamie começou a rir, o que não pareceu diminuir a vergonha de Duncan.

– Minha permissão? Você não acha que minha tia já tem idade suficiente, Duncan? Ou mesmo você?

Duncan passou a respirar um pouco mais tranquilo, mas o tom arroxeado de sua pele ainda não havia se suavizado.

– Pensei que seria adequado – disse ele. – Uma vez que você é o parente mais próximo dela. – Engoliu em seco e se endireitou

um pouco. – E... não parecia certo, *Mac Dubh*, que eu pegasse o que pode ser seu.

Jamie sorriu e balançou a cabeça.

– Não tenho direito a nenhuma propriedade da minha tia, Duncan... e não a aceitei quando ela ofereceu. Vocês se casarão na reunião? Diga a ela que iremos e dançaremos no casamento.

JEREMIAH

Outubro de 1770

Roger seguiu com Claire e Fergus, a cavalo, perto da carroça. Jamie, sem querer que Brianna conduzisse um veículo dentro do qual estava seu neto, insistiu em conduzir, com Lizzie e Marsali sob a cobertura da carroça e Brianna no assento ao seu lado.

Da sela, Roger ouvia partes da conversa que acontecia desde sua chegada.

– John, com certeza – dizia Brianna, franzindo o cenho para o filho, que se remexia com energia por baixo do xale. – Mas não sei se deveria ser seu primeiro nome. E se for... será melhor Ian? É “John” em gaélico, e eu gostaria de dar esse nome a ele, mas seria confuso demais com o tio Ian e o nosso Ian também.

– Como nenhum deles mora aqui, acho que não seria um grande problema – disse Marsali. Ela olhou por cima das costas do pai. – Você não disse que queria usar um dos nomes do Pa também?

– Sim, mas qual? – Brianna se virou para falar com Marsali. – Não James, isso *sim* seria confuso. E eu acho que não gosto muito de Malcolm. Ele já vai ter o sobrenome MacKenzie, claro, então talvez... – Ela olhou nos olhos de Roger e sorriu para ele.

– E Jeremiah?

– John Jeremiah Alexander Fraser MacKenzie? – Marsali franziu o cenho, dizendo os nomes para experimentá-los.

– Eu gosto de Jeremiah – disse Claire. – Antigo Testamento. É um dos seus nomes, não é, Roger?

Sorriu para ele e se aproximou da carroça, inclinando-se para falar com Brianna.

– Além disso, se Jeremiah parecer formal demais, você pode chamá-lo de Jemmy – disse. – Ou você acha muito parecido com Jamie?

Roger sentiu um arrepio descer por suas costas ao se lembrar de repente de outra criança cuja mãe chamava de Jemmy – uma criança cujo pai tinha cabelos claros, com olhos tão verdes quanto os de Roger.

Esperou até Brianna se virar para procurar uma fralda limpa na bolsa, entregando o bebê a Lizzie. Ele bateu o pé na anca do cavalo, fazendo com que este se aproximasse da égua de Claire.

– Você se lembra de uma coisa? – perguntou ele em voz baixa. – Quando você foi me chamar em Inverness, com Brianna, já tinha pesquisado minha genealogia.

– E? – Claire ergueu uma sobrancelha para ele.

– Já faz um tempo, e você provavelmente não tenha notado, de qualquer modo... – Ele hesitou, mas tinha que saber, se pudesse. – Você indicou o lugar na minha árvore de família onde a substituição foi feita: onde o filho de Geillie Duncan foi adotado no lugar de outra criança que havia morrido e recebeu o nome da outra.

– William Buccleigh Mackenzie – disse ela, e sorriu para a cara de surpresa dele. – Pesquisei aquela genealogia com atenção – comentou. – Acho que eu seria capaz de dizer todos os nomes dela.

Ele respirou fundo, a intranquilidade pesando em sua nuca.

– Poderia? O que quero saber é se você sabe o nome da esposa do trocado, minha bisavó de seis gerações atrás. O nome dela não constava da minha árvore de família; só William Buccleigh.

Cílios macios cobriram os olhos dourados enquanto ela pensava, com os lábios contraídos.

– Sim – disse finalmente e olhou para ele. – Morag. O nome dela era Morag Gunn. Por quê?

Ele só balançou a cabeça, abalado demais para responder. Olhou para Brianna; o bebê estava seminu no colo dela e a fralda suja tinha sido colocada a seu lado no assento, amassada, e lembrava a pele úmida, lisa e avermelhada do menininho chamado Jemmy.

– E o nome do filho deles era Jeremiah – disse por fim, tão baixinho que Claire teve que se inclinar para ouvir.

– Sim.

Ela o fitou curiosa e então virou a cabeça para olhar para a estrada, que se dividia à frente, desaparecendo entre os pinheiros escuros.

– Perguntei a Geillie – disse Claire de repente. – Perguntei o porquê. Por que podemos fazer isso?

– E ela respondeu? – Roger olhava para uma mosca em seu braço, sem dar muita atenção.

– Ela disse: “Para mudar as coisas.” – Claire sorriu, a boca torta. – Não sei se isso é resposta ou não.

A REUNIÃO

Já fazia quase trinta anos desde a última reunião que eu tinha visto: a reunião em Leoch, com o juramento do clã MacKenzie. Colum MacKenzie estava morto agora, e seu irmão Dougal, e todos os clãs com eles. Leoch estava em ruínas, e não havia mais reuniões dos clãs na Escócia.

Mas, ainda assim, ali estavam os xadrezes e as gaitas, e o restante dos habitantes das Terras Altas, tomados de orgulho, entre as novas montanhas que eles diziam ser suas. MacNeills e Campbells, Buchanans e Lindseys, MacLeods e MacDonalds; famílias, escravos e servos, contratados e donos de terras.

Procurei em meio à confusão de dezenas de acampamentos para ver se conseguia encontrar Jamie, e vi uma figura alta e familiar, andando tranquilamente por entre as pessoas. Fiquei de pé e acenei, chamando:

– Myers! Sr. Myers!

John Quincy Myers me viu e, sorrindo, subiu o monte até nosso acampamento.

– Sra. Claire! – exclamou, tirando o chapéu e se inclinando sobre a minha mão com a cordialidade de sempre. – Estou muito feliz em vê-la.

– O sentimento é recíproco – disse a ele, sorrindo. – Não esperava vê-lo aqui.

– Ah, eu costumo participar das reuniões... – disse ele, endireitando-se e sorrindo para mim – quando consigo chegar a tempo. É um bom lugar para vender peles ou qualquer coisa de que eu precise me livrar. Por falar nisso... – Começou a mexer de modo lento e metódico no conteúdo de sua bolsa de pele de gamo.

– Tem ido ao norte, Sr. Myers?

– Ah, sim, tenho, Sra. Claire. Até metade do rio Moicano, até o lugar que eles chamam de Castelo Superior.

– Moicano? – Meu coração começou a bater mais depressa.

– Hum. – Ele tirou algo da bolsa, semicerrou os olhos, voltou a guardar e continuou procurando. – Imagine minha surpresa, Sra. Claire, quando parei em um vilarejo moicano ao sul e vi um rosto familiar.

– Ian! Viu Ian? Ele está bem? – Fiquei tão feliz que o segurei pelo braço.

– Ah, sim – disse ele. – Um rapaz bonito, mas devo dizer que me surpreendeu vê-lo se portar como um índio, com o rosto escuro a ponto de eu pensar que era mesmo um índio, se não tivesse me chamado.

Por fim encontrou o que procurava e me entregou um pequeno pacote enrolado em couro fino e preso com uma faixa de couro de gamo – com uma pena de pica-pau enfiada no nó.

– Ele me deu isso para que eu entregasse à senhora e a seu marido. – Sorriu gentilmente. – Deixarei que leiam logo; eu os encontrarei mais tarde, Sra. Claire. – Fez uma reverência formal e se afastou acenando para conhecidos enquanto passava.

Eu não leria a carta sem esperar Jamie; felizmente, ele apareceu poucos minutos depois. A carta fora escrita no que parecia ser uma folha desgastada de um livro, sua tinta de um tom marrom-claro do fruto do carvalho, mas legível. *Ian salutat avunculus Jacobus* era o início do bilhete, e Jamie sorriu.

Ave! Depois de ter exaurido todo o meu conhecimento do idioma latino, volto para o inglês comum, de que me lembro muito mais. Estou bem, tio, e feliz – quero que acredite. Eu me casei de acordo com os costumes dos moicanos e moro na casa de minha esposa. Você se lembra de Emily, que sabe entalhar. Rollo é pai de muitos filhotes; o vilarejo está lotado de pequenas réplicas do lobo. Não posso dizer que tenho o mesmo poder de procriação –, mas espero que você escreva para a minha mãe com o desejo de que ela não tenha ainda um número suficiente de netos para deixar de se alegrar com a chegada de novos. O nascimento será na primavera; enviarei notícias

do resultado assim que puder. Enquanto isso, faça o favor de mandar lembranças minhas a todos em Lallybroch, em River Run e na Cordilheira dos Frasers. Eu me lembro de todos com muito carinho e sempre me lembrarei enquanto viver. Meu amor à tia Claire, à prima Brianna, e, principalmente, a você. Seu sobrinho carinhoso, Ian Murray. Vale, avunculus.

Jamie piscou uma ou duas vezes e, dobrando o papel puído com cuidado, guardou-o em seu saco de couro.

– É *avuncule*, seu idiota – disse de modo carinhoso. – Um cumprimento leva o vocativo.

Olhando para os acampamentos apinhados naquela noite, eu diria que toda família escocesa entre a Filadélfia e Charleston estava ali – e, ainda assim, mais pessoas chegaram quando amanheceu, e não paravam de chegar.

Era o segundo dia, e Lizzie, Brianna e eu comparávamos os bebês com duas das filhas de Campbell quando Jamie passou entre as mulheres e as crianças, com um sorriso largo no rosto.

– Srta. Lizzie – disse. – Tenho uma surpresa para você. Fergus!

Fergus, também sorrindo, saiu de trás de uma carroça conduzindo um homem magro com os cabelos claros despenteados pelo vento.

– Pa! – gritou Lizzie, e se jogou nos braços dele.

Jamie levou as mãos aos ouvidos, com cara de espanto.

– Acho que nunca a ouvi fazer tanto barulho assim antes – disse. Sorriu para mim e me deu dois pedaços de papel; originalmente parte de um documento, eles tinham sido cuidadosamente rasgados de modo que a borda incerta de um se encaixasse com a do outro.

– Esse é o contrato do Sr. Wemyss – explicou. – Guarde-o por enquanto, Sassenach; vamos queimá-lo na fogueira à noite.

Então voltou a se enfiar na multidão, atraído por uma comoção e um grito de *Mac Dubh!* do outro lado da clareira.

No terceiro dia da reunião, eu já tinha ouvido tantas notícias, fofocas e conversas de modo geral que meus ouvidos ecoavam o som do gaélico. Os que não conversavam cantavam. Roger estava à vontade, andando por ali e ouvindo todos. Estava rouco de cantar; passara a maior parte do tempo acordado na noite anterior, dedilhando um violão emprestado e cantando para uma multidão de pessoas encantadas que ouviam, enquanto Brianna permanecia aos pés dele, parecendo orgulhosa.

– Ele é bom? – perguntou Jamie, semicerrando os olhos para fitar seu suposto genro.

– Mais do que bom – garanti.

Ele ergueu uma sobancelha, deu de ombros e se inclinou para a frente para pegar o bebê do meu colo.

– Sim, bem, vou acreditar no que você diz. Acho que o pequeno Ruaidh e eu vamos procurar um jogo de dados.

– Vai apostar com um bebê?

– Claro – disse ele, sorrindo para mim. – Nunca se é jovem demais para aprender um negócio honesto, para o caso de ele não poder ganhar dinheiro com música como o pai.

– Quando fizer purê, cuide para ferver as raízes com o legume. Depois guarde o caldo da panela e ofereça-o às crianças; tome um pouco também... faz bem para seu leite.

Maisri Buchanan pressionava o filho menor contra o peito e assentiu com seriedade, guardando meu conselho. Eu não podia convencer a maioria dos novos imigrantes a comer vegetais frescos nem a dá-los a suas famílias, mas de vez em quando encontrava a oportunidade de introduzir um pouco de vitamina C na dieta usual deles – que, em grande parte, consistia em aveia e veado.

Tentei fazer Jamie comer um prato de tomates fatiados em público, na esperança de que assim ele conseguisse diminuir um pouco dos medos dos novos imigrantes. Sem sucesso: a maioria deles o via com certa superstição, e passei a entender que ele poderia sobreviver naturalmente comendo coisas que matariam uma pessoa comum na hora.

Dispensei Maisri e recebi o paciente seguinte em meu consultório improvisado: uma mulher com duas meninas pequenas cheias de eczemas que eu, a princípio, pensei se tratar de deficiência nutricional, mas que, felizmente, acabou sendo apenas resultado de uma hera venenosa.

Percebi uma comoção entre as pessoas; fiz uma pausa nos atendimentos e me virei para ver quem tinha chegado. A luz do sol reluzia no metal perto da beira da clareira e Jamie não foi o único a levar a mão à arma ou à faca embainhada.

Eles apareceram ao sol com passos de marcha, apesar de os tambores estarem abafados, sem nada além de um suave *tap-tap* para acompanhá-los. Mosquetes apontados para cima, espadas largas balançando como rabos de escorpião, saíam do pequeno bosque em pequenos grupos vermelhos, de dois em dois, kilts verdes na altura dos joelhos.

Quatro, e seis, e oito, e dez... eu contava silenciosamente, como todo mundo. Quarenta homens vieram, olhando adiante por baixo das boinas de pele de urso, sem se voltarem para a direita ou para a esquerda, sem barulho além do bater dos pés e o toque do tambor.

Do outro lado da clareira, vi MacNeill de Barra se levantar de seu assento e se endireitar; houve uma leve comoção ao redor dele: alguns passos que seus homens deram para se colocarem ao seu lado. Não precisei olhar ao redor para sentir a mesma coisa acontecendo atrás de mim; percebi a movimentação de pequenos grupos na base da montanha, cada um deles com um olho nos intrusos e outro no líder, em busca de orientação.

Procurei Brianna e me surpreendi, ou me assustei, ao vê-la atrás de mim, o bebê em seus braços, olhando com atenção sobre meu ombro.

– Quem são eles? – perguntou em voz baixa, e ouvi o eco da pergunta percorrendo a reunião como ondas no mar.

– Um regimento das Terras Altas – falei.

– Estou vendo – disse ela. – Amigos ou inimigos?

Era essa a pergunta: eles estavam ali como escoceses ou como soldados? Mas eu não tinha uma resposta, nem ninguém, a julgar pela movimentação e os murmúrios entre as pessoas. Às

vezes, as tropas vinham para dispersar grupos arruaceiros, claro. Mas certamente não uma reunião pacífica como aquela, que não tinha propósitos políticos, certo?

Porém houvera época em que a simples presença de um grande número de escoceses em um lugar era uma declaração política, e a maioria dos presentes se lembrava dessa época. O burburinho ficou mais alto, e o gaélico era falado com veemência, espalhando-se pela montanha como o vento antes de uma tempestade.

Havia quarenta soldados subindo a estrada com armas e espadas. Havia duzentos escoceses ali, a maioria armados, muitos com escravos e servos. Mas também com esposas e filhos.

Pensei nos dias após a Batalha de Culloden e, sem olhar ao redor, disse a Brianna:

– Se alguma coisa acontecer, qualquer coisa mesmo, leve o bebê para as rochas.

Roger apareceu subitamente à minha frente, olhando para os soldados. Não olhou para Jamie, mas se moveu silenciosamente para que ficassem lado a lado, um muro à nossa frente. Em toda a clareira, a mesma coisa estava acontecendo: as mulheres não se moviam nem um centímetro, mas seus homens se colocavam à frente delas. Quem entrasse na clareira pensaria que as mulheres tinham se tornado invisíveis, deixando uma falange implacável de homens olhando para o campo.

Então dois homens saíram do abrigo das árvores: um oficial a cavalo e seu ajudante ao lado, balançando a bandeira do regimento. Avançando, passaram pela coluna de soldados até a beira da multidão. Vi o ajudante se inclinar no cavalo para fazer uma pergunta e a cabeça do oficial virar em nossa direção em resposta.

O oficial gritou uma ordem e os soldados descansaram, apoiando os mosquetes na terra, as pernas com o tecido xadrez entreabertas. O oficial virou o cavalo para a multidão, passando lentamente entre as pessoas, que abriam caminho relutantes à frente dele.

Estava vindo na nossa direção; vi os olhos dele fixos em Jamie, tão proeminente com sua estatura e seus cabelos vermelhos como as folhas do bordo.

O homem parou à nossa frente e tirou o chapéu de pena. Apeou, deu dois passos em direção a Jamie e fez uma reverência, rigidamente correto. Era um homem baixo mas firme, talvez tivesse 30 anos, com olhos escuros que brilhavam tanto quanto a placa em seu pescoço. Mais perto, vi o que não tinha percebido antes: o pedaço menor de metal preso ao ombro do seu casaco vermelho – um broche dourado e embaçado.

– Meu nome é Airchie Hayes – falou ele com sotaque escocês. Seus olhos estavam fixos no rosto de Jamie, intensos, esperançosos. – Disseram que você conhece meu pai.

E O CÍRCULO SE FECHA

– Tenho algo a lhe dizer – falou Roger. Ele havia esperado algum tempo para pegar Jamie Fraser sozinho. Fraser estava muito ocupado; todo mundo queria falar um pouco com ele. Mas, naquele momento, estava sozinho, sentado em um tronco caído no qual recebia as pessoas. Olhou para Roger, as sobrancelhas erguidas, mas meneou a cabeça indicando um lugar onde ele podia se sentar no tronco.

Roger se sentou. Estava com o bebê. Brianna e Lizzie estavam preparando o jantar e Claire havia ido visitar os Camerons de Isle Fleur, cuja fogueira ficava ali perto. O ar da noite estava carregado com o cheiro de fumaça, e não de turfa, mas, sob muitos aspectos, era como se estivesse na Escócia, pensou.

Os olhos de Jamie brilharam ao ver a cabecinha de Jemmy coberta com a penugem cor de cobre que brilhava à luz da fogueira. Estendeu os braços e, com leve hesitação, Roger passou o bebê, que dormia, para ele.

– *Balach Boidheach* – murmurou Jamie enquanto o bebê se remexia em seu colo. – Pronto, está tudo bem. – Olhou para Roger. – Você disse que tinha algo a me dizer.

Roger assentiu.

– Tenho, mas não sobre mim. Podemos dizer que é uma mensagem a ser passada para outra pessoa.

Jamie ergueu uma sobrancelha, sem entender, em um gesto tão parecido com o de Brianna que Roger se surpreendeu. Para disfarçar, tossiu.

– Eu... ahn... quando Brianna foi às pedras em Craigh na Dun, fui forçado a esperar algumas semanas até poder ir atrás dela.

– Mesmo? – Jamie parecia atento, como sempre ficava quando alguém falava algo sobre os círculos de pedras.

– Fui a Inverness – continuou Roger, olhando para seu sogro. – Fiquei na casa onde meu pai havia vivido e passei parte do tempo lendo papéis; ele gostava de guardar cartas e coisas antigas sem valor.

Jamie assentiu, evidentemente tentando entender aonde Roger pretendia chegar, mas educado demais para interrompê-lo.

– Encontrei uma carta. – Roger respirou fundo, sentindo o coração bater forte no peito. – Eu a guardei na lembrança, pensando que, se encontrasse Claire, contaria a ela sobre a carta. Mas então, quando a encontrei – ele deu de ombros –, já não tinha mais certeza se deveria contar a ela ou não... ou a Brianna.

– E está me perguntando se deveria contar a elas? – Fraser ergueu as sobrancelhas grossas e ruivas, mostrando sua confusão.

– Talvez sim. Mas, pensando bem, me ocorreu que a carta talvez tivesse mais a ver com você do que com elas. – Agora que a oportunidade tinha aparecido, Roger sentiu um pouco de pena de Fraser. – Sabia que meu pai foi sacerdote? A carta era para ele. Acredito que tenha sido escrita como confissão, de certo modo, mas imagino que a morte lhe tenha tirado essa importância.

Roger respirou fundo e fechou os olhos, vendo as letras pretas espalhadas pela página, com aquela caligrafia cuidadosa e angular. Ele a lera mais de cem vezes; conhecia cada palavra.

Caro Reg (era o que estava escrito):

Tenho um problema em meu coração. Quero dizer, além de Claire (diz ele com ironia). O médico diz que pode demorar anos, se eu tiver cuidado, e espero que esteja certo, mas existe a possibilidade de não ser assim. As freiras na escola de Bree costumavam assustar as crianças falando sobre os pecadores que morrem sem se confessar e sem perdão; estou me danando (desculpe a expressão) para o que vem depois – se é que vem alguma coisa. Mas repito... sempre existe a possibilidade, não é?

Não é algo que eu possa dizer para o padre da minha paróquia, por motivos óbvios. Duvido que ele visse pecado

nisso, ainda que não escapasse para telefonar discretamente para que um psiquiatra me ajude!

Mas você é padre, Reg, e católico – e, mais importante, você é meu amigo. Não precisa responder a esta carta; não acredito que uma resposta seja possível. Mas você pode ouvir. É um dos seus maiores dons, ouvir. Já lhe disse isso antes?

Estou adiando, e não sei por quê. Melhor colocar tudo para fora.

Você se lembra do favor que lhe pedi há alguns anos – a respeito dos túmulos em St. Kilda? Por ser um amigo gentil, você nunca perguntou, mas está na hora de eu explicar o porquê.

Só Deus sabe por que Black Jack Randall foi deixado em um monte escocês, e não levado para Sussex para ser enterrado lá. Talvez ninguém tenha se importado o bastante para levá-lo para casa. Triste pensar isso, espero que não tenha sido assim.

Mas ele está lá. Se Bree um dia se interessar por sua história – pela minha história –, ela vai procurar e vai encontrá-lo lá; a localização do túmulo dele é mencionada nos documentos da família. É por isso que lhe pedi para colocar a outra pedra próxima. Ela vai se destacar – todas as outras pedras naquele lugar estão ruindo com o tempo.

Claire vai levá-la à Escócia um dia, tenho certeza disso. Se ela for a St. Kilda, vai ver... ninguém vai àquele cemitério nem tem tempo para ficar observando as pedras. Se ela se perguntar, se ela se der ao trabalho de olhar mais a fundo, se ela perguntar a Claire, bem, é só o que estou preparado para dizer. Fiz o gesto. Deixarei ao acaso o que acontecerá quando eu me for.

Você sabe todas as bobagens que Claire falava quando voltou. Fiz tudo o que pude para tirar essas coisas da cabeça dela, mas ela não permitia. Nossa! Como ela é teimosa!

Você não vai acreditar nisso, mas, quando fui visitá-lo pela última vez, aluguei um carro e fui até aquele monte

maldito – a Craigh na Dun. contei a você sobre as bruxas dançando no círculo, um pouco antes de Claire desaparecer. Com aquela imagem na mente, de pé ali com a pouca luz entre aquelas pedras, quase acreditei nela. Toquei uma. Nada aconteceu, claro.

E, ainda assim, procurei o homem, Fraser. E talvez eu o tenha encontrado. Pelo menos, encontrei um homem com esse nome, e o que consegui levantar de seus contatos combinava com o que Claire me contou a respeito dele. Não sei se ela dizia a verdade ou se havia misturado ilusões com experiência real... bem, houve um homem, tenho certeza disso!

Você não vai acreditar, mas fiquei ali com a mão naquela pedra maldita, e não queria nada além de que ela se abrisse e me colocasse cara a cara com James Fraser. Quem quer que ele fosse, onde quer que estivesse, tudo o que eu queria na vida era vê-lo – e matá-lo.

Nunca o vi – não sei se ele existiu! –, mas, ainda assim, odeio esse homem como nunca odiei ninguém. Se o que Claire disse e o que descobri for verdade, então, eu a tirei dele e a mantive ao meu lado durante esses anos com uma mentira. Talvez tenha mentido apenas por omissão, mas foi uma mentira, de qualquer modo. Acho que poderia chamar isso de vingança.

Os padres e poetas dizem que a vingança é uma faca de dois gumes; e o outro gume disso é que eu nunca saberei: se eu tivesse lhe dado a chance, ela teria ficado comigo? Ou, se eu contasse a ela que Jamie sobrevivera à Batalha de Culloden, ela teria partido para a Escócia num piscar de olhos?

Não consigo pensar que Claire deixaria sua filha. Espero que ela também não me deixasse... mas... se eu tivesse alguma certeza disso, juro que teria contado a ela, mas não contei, e essa é a verdade.

Quanto a Fraser: devo amaldiçoá-lo por ter roubado minha esposa ou abençoá-lo por ter me dado minha filha? Penso nessas coisas e então paro, assustado por dar um

momento de crédito a uma ideia tão maluca. Mas ainda assim... tenho uma sensação muito estranha em relação a Jamie Fraser, quase uma lembrança, como se eu já o tivesse visto em algum lugar. Porém isso provavelmente é fruto do meu ciúme e da minha imaginação... sei bem o suficiente como o maldito é: vejo o rosto dele em minha filha todos os dias!

O lado estranho disso é o senso de obrigação. Não apenas com Bree, apesar de achar que ela tem direito de saber... mais tarde. Eu contei que sei quem é o maldito? O engraçado é que ficou comigo. Quase consigo senti-lo, às vezes, olhando por cima do meu ombro, do outro lado da sala.

Não tinha pensado nisso antes – você acha que vou encontrá-lo numa situação corriqueira qualquer? Engraçado pensar isso. Deveríamos nos encontrar como amigos, com os pecados da carne atrás de nós? Ou devemos acabar trancados para sempre em um inferno celta, com as mãos na garganta um do outro?

Tratei Claire mal – ou bem, dependendo de como se vê a situação. Não entrarei nos detalhes sórdidos; direi apenas que me arrependo.

Então é isso, Reg. Ódio, ciúme, mentira, roubo, traição, tudo. Não há muito para equilibrar tudo isso, além do amor. Eu a amo – amo as duas. Minhas mulheres. Talvez não seja o tipo certo de amor, ou talvez não seja suficiente. Mas é o que tenho.

Mas não morrerei impune – e confio em você para que me dê absolvição condicional. Criei Brianna como católica; você acha que existe a chance de ela rezar por mim?

– Então vinha assinado “Frank”, claro – disse Roger.

– Claro – repetiu Jamie suavemente. Permaneceu calado por um tempo, o rosto indecifrável.

Roger não precisava decifrar o rosto dele; sabia muito bem quais eram os pensamentos que passavam pela mente do outro. Os mesmos pensamentos com os quais ele havia lutado durante aquelas semanas entre a noite de Beltane e a do solstício de verão,

durante a busca por Brianna do outro lado do oceano, durante seu cativeiro – e, finalmente, no círculo de rododendros, ouvindo a canção das rochas erguidas.

Se Frank Randall tivesse escolhido esconder o que descobriu, se nunca tivesse colocado aquela pedra em St. Kilda, Claire teria descoberto a verdade mesmo assim? Talvez sim, talvez não. Mas foi a visão daquele túmulo que fez com que ela contasse à filha a história de Jamie Fraser e também colocou Roger no caminho da descoberta que havia levado todos eles a esse lugar, a essa época.

Tinha sido a pedra que havia, de uma vez, mandado Claire de volta aos braços do seu amor escocês – e possivelmente para sua morte nesses braços. Que havia levado a filha de Frank Randall de volta ao seu outro pai e, ao mesmo tempo, a condenara a viver em uma época que não era a sua; que havia resultado no nascimento de um menino ruivo que poderia não ter nascido – a continuação do sangue de Jamie Fraser. Juros da dívida?, Roger se perguntou.

E também havia os pensamentos particulares de Roger, de outro garoto que poderia não ter existido, não fosse aquela dica críptica da pedra, deixada por Frank Randall para se redimir. Morag e William MacKenzie não estavam na reunião; Roger não sabia se deveria se sentir desapontado ou aliviado.

Jamie Fraser se mexeu finalmente, apesar de manter os olhos fixos no fogo.

– Inglês – disse ele, e soou como uma invocação. Os pelos se arrepiaram na nuca de Roger; acreditava ter visto algo se mover nas chamas.

Jamie abriu as mãos grandes, acolhendo seu neto. Seu olhar estava distante, as chamas lançavam faíscas na direção de seus cabelos e das sobrancelhas.

– Inglês – repetiu ele, falando para o que via além das chamas. – Poderia torcer para nos encontrarmos um dia. E poderia torcer para não nos encontrarmos.

Roger esperou, as mãos nos joelhos. Os olhos de Fraser estavam escuros, o rosto, oculto pelo brilho do fogo. Finalmente algo como um arrepio pareceu tomar seu corpo grande; ele balançou a cabeça como se quisesse afastá-lo e pareceu perceber, pela primeira vez, que Roger continuava ali.

– Devo dizer a ela? – perguntou Roger. – A Claire?
Os olhos de Jamie se estreitaram.
– Contou a Brianna?
– Ainda não, mas contarei. – Devolveu o olhar fixo, encarando-o.
– Ela é minha esposa.
– Por enquanto.
– Para sempre... se ela quiser.
Fraser olhou na direção da fogueira dos Camerons. A figura esguia de Claire estava visível, escura contra a luz.
– Eu prometi honestidade a ela – disse ele baixinho por fim. – Sim, conte a ela.

No quarto dia, as encostas da montanha estavam tomadas por novas pessoas. Um pouco antes do entardecer, os homens começaram a trazer lenha e a empilhá-la na área queimada ao pé da montanha. Cada família tinha sua fogueira, mas ali estava a grande fogueira, ao redor da qual todo mundo se reunia todas as noites para ver quem havia chegado durante o dia.

Conforme a escuridão se fazia, as fogueiras apareciam na encosta, pontuadas aqui e ali entre as saliências e os bolsões de areia. Por um momento, tive uma visão do brasão do clã dos MacKenzie – uma “montanha incendiada” – e percebi, de repente, o que era. Não um vulcão, como pensava. Não, era a imagem de uma reunião como aquela, as fogueiras das famílias ardendo no escuro, um sinal a todos de que o clã estava presente... e unido. E, pela primeira vez, compreendi o lema que acompanhava a imagem: *Luceo non uro; Eu brilho, não queimo*.

Em pouco tempo, a encosta da montanha estava tomada por fogueiras. Aqui e ali havia chamas menores, em movimento, conforme o líder de cada família ou propriedade enfiava uma ripa no fogo e descia o monte com ela para aumentar a pira localizada na base. Do nosso ponto alto na encosta da montanha, os homens pareciam pequenos e escuros contra a enorme fogueira.

Uma dúzia de famílias havia se apresentado antes de Jamie terminar sua conversa com Gerald Forbes e se levantar. Ele me entregou o bebê, que dormia profundamente, apesar de toda a

confusão ao seu redor, e se inclinou para incendiar uma ripa da nossa fogueira. Os gritos vieram de longe, fracos, mas audíveis no ar de outono.

– Os MacNeils de Barra estão aqui!

– Os Lachlans de Glen Linnhe estão aqui!

E, depois de um tempo, a voz de Jamie, alta e forte no escuro:

– Os Frasers da Cordilheira estão aqui! – Ouvimos uma breve salva de palmas de quem estava perto de nós: gritos e uivos dos arrendatários que vieram conosco, assim como havia acontecido com os acompanhantes de outros líderes de famílias.

Sentei-me em silêncio, aproveitando a sensação do corpo pesado em meus braços. Ele dormia totalmente entregue, totalmente confiante, a boquinha cor-de-rosa entreaberta, a respiração quente e úmida na curva do meu peito.

Jamie voltou cheirando a fumaça e uísque, e se sentou no tronco atrás de mim. Apoiou as mãos em meus ombros e eu me encostei nele, aproveitando a sensação da sua presença. Do outro lado da fogueira, Brianna e Roger conversavam sérios próximos um do outro. Os rostos dos dois brilhavam à luz da fogueira, um refletindo o outro.

– Você não acha que eles vão mudar o nome dele de novo, não é? – perguntou Jamie, franzindo o cenho.

– Acho que não – respondi. – Há outras coisas que os sacerdotes fazem além de batizados, sabia?

– É mesmo?

– Já passamos de 3 de setembro – falei, inclinando a cabeça para trás para olhar para ele. – Você disse que ela teria que escolher até essa data.

– Disse mesmo. – A lua minguante pairava baixa no céu, lançando uma luz fraca sobre o seu rosto. Ele se inclinou para a frente e beijou minha testa.

Então se abaixou e pegou a minha mão livre.

– E você, também vai escolher? – perguntou baixinho. Abriu a mão e vi o brilho de ouro. – Você a quer de volta?

Parei, olhando em seu rosto, procurando dúvidas. Não vi nenhuma, mas algo além: uma espera, uma grande curiosidade a respeito do que eu poderia dizer.

– Faz muito tempo – falei baixinho.

– E há muito tempo – disse ele. – Sou um homem ciumento, mas não vingativo. Eu tiraria você dele, minha Sassenach, mas não o tiraria de você.

Fez uma pausa, o fogo refletido na aliança em sua mão.

– Foi a sua vida, certo? – E perguntou de novo: – Você a quer de volta?

Levantei a mão em resposta e ele escorregou a aliança dourada em meu dedo, o metal quente por causa do seu corpo.

De F. para C. com amor. Sempre.

– O que você disse? – perguntei. Ele havia murmurado algo em gaélico, baixo demais para eu conseguir ouvir.

– Eu disse “vá em paz” – respondeu. – Mas não estava falando com você, Sassenach.

Do outro lado da fogueira, algo vermelho brilhou. Virei-me a tempo de ver Roger levantar a mão de Brianna e levá-la aos lábios; o rubi de Jamie brilhava no dedo dela, refletindo a luz da lua e do fogo.

– Pelo visto, ela escolheu – disse Jamie com delicadeza.

Brianna sorriu, os olhos no rosto de Roger, e se inclinou para beijá-lo. Então se levantou batendo a areia das saias e se abaixou para pegar uma ripa da fogueira. Virou-se e a entregou a ele, falando alto o suficiente para ouvirmos de onde estávamos.

– Desça – ordenou – e diga a eles que os MacKenzies estão aqui.

SOBRE A AUTORA



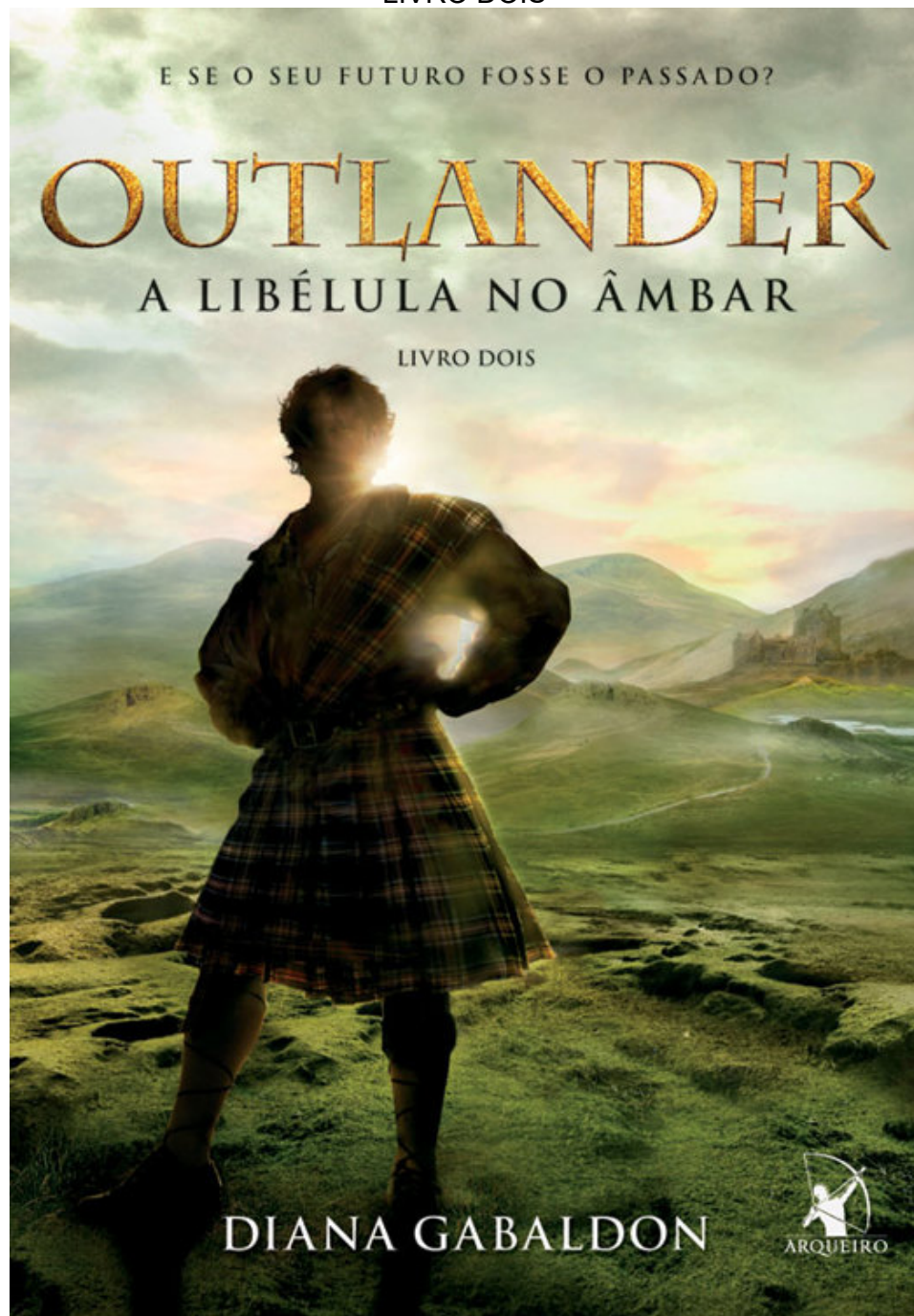
DIANA GABALDON cresceu no Arizona, EUA, e é de ascendência mexicano-americana e inglesa. Tem formação em Zoologia, Biologia Marinha e Ecologia. Foi professora universitária durante mais de doze anos antes de se dedicar à escrita em tempo integral. Sua série Outlander se transformou em um enorme sucesso mundial e foi adaptada para a TV em 2014. Atualmente Diana mora em Scottsdale, no Arizona.

CONHEÇA OS OUTROS TÍTULOS DA SÉRIE OUTLANDER

A viajante do tempo
LIVRO UM



A libélula no âmbar
LIVRO DOIS



E SE O SEU FUTURO FOSSE O PASSADO?

OUTLANDER

A LIBÉLULA NO ÂMBAR

LIVRO DOIS

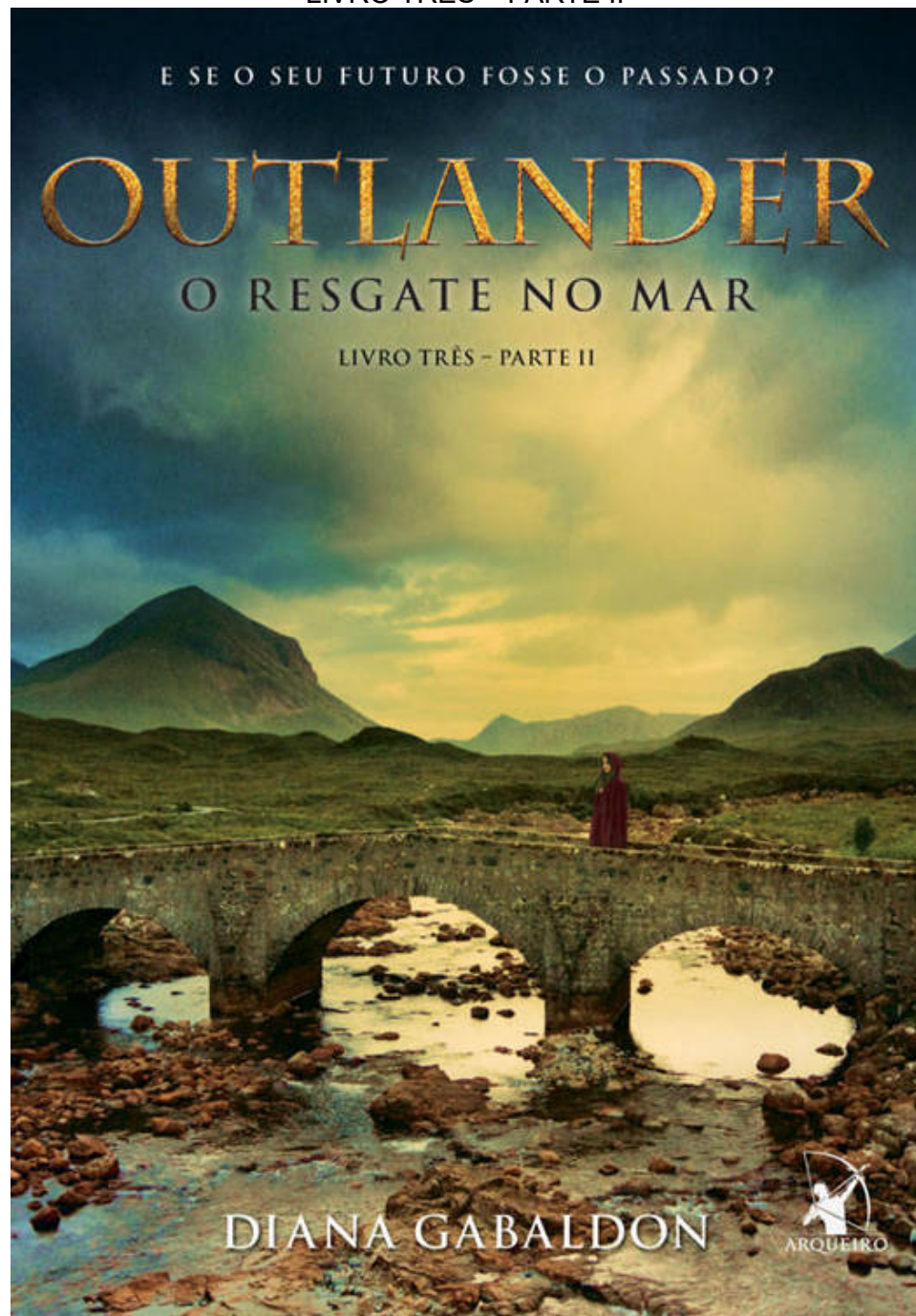
DIANA GABALDON



O resgate no mar
LIVRO TRÊS – PARTE I



O resgate no mar
LIVRO TRÊS – PARTE II



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, Inverno do mundo e Eternidade por um fio, de Ken Follett

Não conte a ninguém; Desaparecido para sempre; Confie em mim; Cilada, Fique comigo e Seis anos depois, de Harlan Coben

A cabana e A travessia, de William P. Young

A farsa; A vingança e A traição, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno; O símbolo perdido; O Código Da Vinci; Anjos e demônios; Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown

Uma longa jornada; O melhor de mim; O guardião; Uma curva na estrada; O casamento; À primeira vista e O resgate, de Nicholas Sparks

Julieta, de Anne Fortier

As regras da sedução, de Madeline Hunter

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do Universo; A vida, o Universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes!; Praticamente inofensiva; Agência de Investigações Holísticas Dirk Gently e O salmão da dúvida, de Douglas Adams

O nome do vento e O temor do sábio, de Patrick Rothfuss

A passagem e Os Doze, de Justin Cronin

A revolta de Atlas e A nascente, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos

PARTE VIII

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

PARTE IX

40

41

PARTE X

42

43

44

45

46

47

48

49

50

PARTE XI

51

52

53

54

55

56

57

[58](#)

[59](#)

[60](#)

[61](#)

[62](#)

[PARTE XII](#)

[63](#)

[64](#)

[65](#)

[66](#)

[67](#)

[68](#)

[69](#)

[70](#)

[71](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça outros títulos da série Outlander](#)

[Conheça outros títulos da Editora Arqueiro](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)